Edição e tradução
Celso Martins Azar Filho
e Rafael Viegas

Montaigne Epistolar

Correspondência completa de Michel de Montaigne

EDITORA UFRJ

UFRJ Universidade Federal do Rio de Janeiro

Reitor Roberto de Andrade Medronho

Vice-reitora Cássia Curan Turci

Coordenadora do Fórum de Ciência e Cultura Christine Ruta

Editora Universidade Federal do Rio de Janeiro

Diretor Marcelo Jacques de Moraes

Diretora adjunta Fernanda Ribeiro

Conselho editorial Marcelo Jacques de Moraes (presidente)
Cristiane Henriques Costa
David Man Wai Zee
Débora Foguel
João Camillo Barros de Oliveira Penna
Maria Elvira Díaz-Benítez
Tania Cristina Rivera

Edição e tradução
Celso Martins Azar Filho e Rafael Viegas

Montaigne Epistolar

Correspondência completa de Michel de Montaigne

EDITORA UFRJ

© 2025 Celso Martins Azar Filho e Rafael Viegas

Ficha catalográfica elaborada por Maria Luiza Cavalcanti Jardim (CRB7-1878)

M761 Montaigne, Michel de, 1533-1592.
Montaigne epistolar [recurso eletrônico] : correspondência completa de Michel de Montaigne / edição e tradução, Celso Martins Azar Filho, Rafael Viegas.– Rio de Janeiro : Ed. UFRJ, 2025.
1 recurso eletrônico (720 p.) ; digital.

Tradução das cartas em francês.
Inclui bibliografia.
ISBN: 978-85-7108-532-9

1. Montaigne, Michel de, 1533-1592 - Correspondência. 2. Ensaios franceses. I. Azar Filho, Celso Martins. II. Viegas, Rafael Marcelo. III. Título.

CDD: 844.3

Coordenação editorial
Thiago de Morais Lins
Sonja Cavalcanti

Preparação de originais
Thereza Vianna

Revisão
Sonja Cavalcanti

Capa
Vanesa Mattos

Projeto gráfico e diagramação
Leonardo Arroniz

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FÓRUM DE CIÊNCIA E CULTURA

EDITORA UFRJ
Rua Lauro Müller, 5
Rio de Janeiro, RJ – CEP 22290-160
www.editora.ufrj.br

LIVRARIA EDITORA UFRJ
Av. Pasteur, 250 – Palácio Universitário
Rio de Janeiro, RJ – CEP 22290-902
vendas@editora.ufrj.br

Sumário

Agradecimentos 11

Guia de referência 13

Carta 1 (1563-08-18) 31
A *Monsieur* de Montaigne, por ocasião da morte de La Boétie

Carta 2 (1567-12-nn) 67
Ao conselheiro Jean de Belot

Carta 3 (1568-06-18) 75
Dedicatória da *Theologie naturelle* ao senhor de Montaigne

Carta 4 (1570-11-24) 83
Aviso ao Leitor, das obras de La Boétie

Carta 5 (1570-nn-nn) 91
Ao Senhor de Lansac

Carta 6 (1570-04-30) 101
Ao Senhor de Mesmes

Carta 7 (1570-04-30) 111
Ao Marechal de L'Hospital

Carta 8 (1570-09-10) 123
À Senhora de Montaigne

Carta 9 (1570-09-01) 133
Ao Senhor de Foix

Carta 10 (1571-10-18) 147
Charles IX, outorga da Ordem de Saint Michel a Montaigne

Carta 11 (após 1576) 155
A Madame de Grammont (*Ensaios* I, 29)

Carta 12 (provavelmente 1579) 167
A Madame d'Estissac (*Ensaios* II, 8)

Carta 13 (entre março 1579 e março 1580) 181
A Madame Duras (*Ensaios* II, 37)

Carta 14 (1580-03-01) 201
Prefácio ao leitor dos *Ensaios*

Carta 15 (1581-03-12) 209
Carta aos conservadores de Roma

Carta 16 (1581-11-25) 215
De Henri III a Montaigne (felicitação sobre
o cargo de prefeito de Bordeaux)

Carta 17 (1582-04-28) 223
Aos conselheiros de Bordeaux sobre o Hospital Saint-James

Carta 18 (1582-10-30) 241
Ao Marechal Matignon [1]

Carta 19 (1582-11-01) 247
De Antoine Loisel a Montaigne

Carta 20 (1583-05-21) 253
Aos jurados de Bordeaux [1]

Carta 21 (1583-08-15) 259
Ordonnance do prefeito (Montaigne) e dos jurados de Bordeaux

Carta 22 (1583-08-31) 269
Remontrance do prefeito e dos jurados de Bordeaux ao rei Henri III

Carta 23 (1583-11-25) 285
De Duplessis-Mornay a Montaigne [1]

Carta 24 (1583-12-01) 295
De Duplessis-Mornay a Montaigne [2]

Carta 25 (1583-12-09) 299
De Duplessis-Mornay a Montaigne [3]

Carta 26 (1583-12-10) 307
Remontrance do prefeito e jurados de Bordeaux a Henri, rei de Navarra [1]

Carta 27 (1583-12-14) 317
Ao Marechal Matignon [2]

Carta 28 (1583-12-18) 325
De Duplessis-Mornay a Montaigne [4]

Carta 29 (1583-12-31) 331
De Duplessis-Mornay a Montaigne [5]

Carta 30 (1584-01-21) 337
Ao Marechal Matignon [3]

Carta 31 (1584-01-25) 345
De Duplessis-Mornay a Montaigne [6]

Carta 32 (1584-02-04) 353
De Henri III ao prefeito e aos jurados de Bordeaux

Carta 33 (1584-03-05) 365
Do prefeito e jurados de Bordeaux a Henri III

Carta 34 (1584-04-23) 373
A *Monsieur* Dupuy

Carta 35 (1584-07-12) 383
Ao Marechal Matignon [4]

Carta 36 (1584-08-19) 391
Ao Marechal Matignon [5]

Carta 37 (1584-12-10) 399
Aos jurados de Bordeaux [2]

Carta 38 (1585-01-18) 405
Ao Marechal Matignon [6]

Carta 39 (1585-01-26) 415
Ao Marechal Matignon [7]

Carta 40 (1585-02-02) 425
Ao Marechal Matignon [8]

Carta 41 (1585-02-08) 435
Aos jurados de Bordeaux [3]

Carta 42 (1585-02-09) 441
Ao Marechal Matignon [9]

Carta 43 (1585-02-12) 453
Ao Marechal Matignon [10]

Carta 44 (1585-02-13) 463
Ao Marechal Matignon [11]

Carta 45 (1585-02-nn) 471
Ao Marechal Matignon [12]

Carta 46 (1585-04-03) 479
De Henri de Navarra ao prefeito e aos jurados de Bordeaux [1]

Carta 47 (1585-04-30) 485
Montaigne e jurados de Bordeaux a Henri III

Carta 48 (1585-04-22) 491
De Henri de Navarra ao prefeito e aos jurados de Bordeaux [2]

Carta 49 (1585-05-22) 497
Ao Marechal Matignon [13]

Carta 50 (1585-05-27) 511
Ao Marechal Matignon [14]

Carta 51 (1585-05-30) 519
Do Visconde de Turenne a Montaigne

Carta 52 (1585-06-13) 527
Do Marechal Matignon a Montaigne

Carta 53 (1585-07-30) 533
Aos jurados de Bordeaux [4]

Carta 54 (1585-07-31) 541
Aos jurados de Bordeaux [5]

Carta 55 (1587-06-12) 549
Ao Marechal Matignon [15]

Carta 56 (1588-02-16) 557
Ao Marechal Matignon [16]

Carta 57 (1588-04-15) 569
De Lipsius a Montaigne [1]

Carta 58 (verão de 1588) 577
A Antoine Loisel

Carta 59 (1588-08-30) 583
De Lipsius a Montaigne [2]

Carta 60 (1589-09-17) 591
De Lipsius a Montaigne [3]

Carta 61 (verão de 1588) 599
A *Mademoiselle* de Paumier

Carta 62 (1590-01-18) 605
A Henri IV (a Henri de Navarra) [1]

Carta 63 (10 março ou maio de 1590) 619
Bilhete de Montaigne em anexo a um título ao portador (anônimo)

Carta 64 (1590-09-02) 625
A Henri IV (a Henri de Navarra) [2]

Apêndice 1 633

Apêndice 2 683

Referências 695

Index 713

Agradecimentos

Seria impossível dar conta desta edição, sobretudo diante dos acontecimentos dos últimos anos no Brasil e no mundo, sem o apoio de inúmeras pessoas, que não conseguiríamos citar aqui nominalmente.

Queremos assim, em primeiro lugar, agradecer aos profissionais que compõem o quadro dos grupos de pesquisa e instituições que apoiaram materialmente esse trabalho por diversos meios: os colegas do Laboratório de Estudos Renascentistas (LERen), do Institut d'Histoire des Représentations et des Idées dans les Modernités (IHRIM-UMR 5317) e do LabEx Constitution de la modernité – Raison, Politique, Religion (COMOD), estendendo os agradecimentos às principais instituições às quais estes se encontram vinculados: respectivamente, o Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal Fluminense (PFI-UFF), a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a École Normale Supérieure de Lyon e a Universidade de Lyon.

Por toda a farta documentação editada e posta à disposição do público – hoje tão importante para o estudo da obra de Montaigne –, não poderíamos deixar de agradecer também, e muito, aos diretores do projeto MONLoe (https://montaigne.univ-tours.fr/), Marie-Luce Demonet e Alain Legros – e notadamente a este último, cujo trabalho sobre as cartas montaignianas foi essencial para o que realizamos (como cada leitor nosso poderá constatar).

Além dos colegas e das instituições citadas acima, Rafael Viegas gostaria também de, pessoalmente, agradecer o apoio permanente e irrestrito de Andrea Bieri, Cristina de Pádula, Marcelo Cattan, Jairo Gama, Adriano Aguiar, André

Rios, Luiz César de Sá, os Bieri (Sarah, Guido e Ricardo) e, *last but not least*, os Hasky-Pinheiro (Laila, Leo, Flavia e Marcus). E, *in memoriam*, também ao trabalho lento, contínuo e multidisciplinar com Adaildo "Mestre" Moreira (1970-2023) – este que nada tinha a ver com Montaigne, mas tudo a ver com implacável rigor, arguta inteligência, refinado bom gosto e extrema generosidade. Durante o período, o apoio de uma bolsa PNPD-Capes junto ao PFI-UFF foi fundamental para a realização do trabalho.

Um agradecimento todo especial ao diretor da Editora UFRJ, Marcelo Jacques de Moraes, e à sua equipe, pela infinita paciência e pela confiança depositada em nós: apesar da falta de recursos pela qual passaram as instituições de ensino e pesquisa públicas brasileiras nos últimos anos, tivemos nessa casa e nesses servidores o apoio decisivo para o bom termo deste trabalho.

Por fim, embora não tenhamos conseguido aqui cumprir nossa intenção inicial de editar e traduzir, não só as cartas endereçadas a Montaigne e as que o contam como remetente, mas também todas aquelas que o mencionam até os primeiros anos do século XVII, a edição que inclui estas últimas deve ser finalizada, esperamos, em breve. E gostaríamos de convidar nossos leitores a aperfeiçoá-la conosco, alertando-nos sobre os erros que muito provavelmente cometemos nesta primeira edição.

Rio de Janeiro, abril de 2023
Celso Azar
Rafael Viegas

Guia de referência

O trabalho de transcrição diplomática (o mais próximo possível da grafia e da pontuação originais) estabelecido aqui pressupõe o uso direto de fontes e fac-símiles dos textos antigos. Como se sabe, porém, no caso dos textos impressos, as políticas editoriais do Renascimento não eram tão obcecadas pela uniformidade quanto às nossas. Por conta disso, não é incomum a existência de *emissões* diferentes de uma mesma edição, uma mesma fornada editorial podendo sofrer flutuações de diversas ordens no decorrer de sua impressão, o que leva a que um exemplar conservado em uma dada biblioteca possa ser diferente do exemplar de uma mesma edição conservado em outra. Assim, além das edições em si, sempre indicamos os *exemplares* consultados, fazendo referência tanto às bibliotecas que os conservam atualmente quanto às cotas de localização nos respectivos acervos.

CARTAS

A edição de referência para os textos manuscritos de Montaigne é a de Alain Legros (*Montaigne manuscrit*. Paris: Classiques Garnier, 2010). Utilizamos – corrigidas aqui e ali, quando julgamos necessário – as transcrições diplomáticas das cartas dessa edição e do website MONLoe (MONtaigne à L'Œuvre) mantido por Legros e colaboradores junto à Universidade de Tours, projeto que reproduz diversos fac-símiles dos originais. Uma outra edição francesa, incompleta e com grafia moderna, suplementada pelas *Efemérides de Beuther* da família Montaigne, foi feita por Claude Pinganaud (Paris: Aerlea, 2004). Uma tradução para o italiano,

bilíngue, erudita, com uma importante introdução, mas que não se beneficiou da *recensio* feita por Legros das cartas manuscritas, foi editada por Alberto Frigo (Milano: Le Monnier, 2010).[1]

No caso das cartas impressas nos *Ensaios*, que não possuem originais manuscritos, nossa referência foi sempre a edição de 1580, colacionada com as edições posteriores (com a escansão [A], [B] e [C]). Não se trata de uma escolha arbitrária: consideramos que o protocolo dialógico fundamental da forma epistolar (teorizada, desde os antigos, como conversação "presencial" a distância[2]), os propósitos específicos de cada dedicatória, os dispositivos de permuta social alcançados com as homenagens aos destinatários, bem como a poética composicional de todas as cartas presentes nos *Ensaios*, foram estabelecidos em definitivo já na primeira edição. Desse modo, as correções e adições posteriores, embora às vezes interfiram no sentido dos textos publicados em 1580, não mudam substancialmente seu objetivo retórico inicial.[3]

Algumas edições de *Obras completas* de Montaigne, como a de Armaingaud, e diversos trabalhos pioneiros no século XIX, como os de Jean-François Payen, trazem *editiones principes* de algumas cartas e, nesse caso, foram consideradas no nosso aparato crítico.

ENSAIOS

Edições históricas

Na história seminal dos *Ensaios*, temos cinco edições principais que estabelecem o que a crítica especializada considera como o texto propriamente montaignista: a primeira edição, de 1580 (impressa em Bordeaux por Simon Millanges), em dois livros; as edições menores de 1582 (Millanges) e de 1587 (em Paris, por Jean Richer), que trazem pequenas revisões ao texto de 1580; a "segunda" grande edição de 1588 (na verdade, a "quarta"), impressa em Paris por Abel L'Angelier, a primeira completa com os três livros; e a edição póstuma de 1595 (novamente L'Angelier), publicada pela "filha adotiva" (no sentido afetivo) de Montaigne,

Mademoiselle de Gournay (denominada, por isso, edição De Gournay 1595).[4] Durante muito tempo, acreditou-se que a edição De Gournay foi preparada com as correções e notas de Montaigne, transcritas por Pierre de Brach. No entanto, no início do século XIX, o poeta e agrônomo Nicolas François de Neufchâteau redescobriu o volume pessoal de Montaigne da edição L'Angelier 1588. Foi o exemplar que Montaigne usou para corrigir e fazer significativas adições ao texto dos três livros, preparando a "terceira" (ou "quinta"[5]) edição, que só sairia postumamente aos cuidados de De Gournay. Esse misto de impresso e manuscrito autógrafo, o chamado Exemplar de Bordeaux, está conservado na Biblioteca Municipal de Bordeaux, donde o nome. Entretanto, como várias correções e acréscimos do Exemplar de Bordeaux (que estariam não apenas entre as manchas de texto e nas margens das folhas impressas, mas em fólios suplementares totalmente manuscritos) foram perdidos, e a edição De Gournay 1595 traz muitas diferenças em relação ao texto autógrafo que restou nas margens do volume pessoal de Montaigne, a maioria das edições críticas modernas baseia-se, na verdade, no entrecruzamento entre o texto do Exemplar de Bordeaux e o da edição De Gournay 1595.

Além desse substrato textual geral, levamos em conta aqui todas as edições posteriores a 1595 até a edição de 1635, data da última reedição De Gournay – que viria a falecer dez anos depois, em 1645.[6] Com a morte de De Gournay (último eco da voz narrativa montaignista), entendemos todas as edições depois de 1635, até o advento das modernas edições críticas do século XIX,[7] como inócuas para os fins do nosso aparato crítico. No entanto, consideramos edições mais tardias, como a de Pierre Coste (1724), na medida em que elas foram pontualmente importantes, seja pela evolução da recepção dos *Ensaios* seja pela inclusão de documentos complementares.

Edições modernas

Embora exista uma boa dúzia de excelentes edições críticas dos *Ensaios*, cada qual com suas virtudes e deficiências, não existe ainda, por diversas razões, uma que seja considerada definitiva. Por comodidade diante do contexto brasileiro, e salvo indicação em contrário, a edição francesa moderna utilizada aqui é a

estabelecida por Pierre Villey, *Essais de Michel de Montaigne* (Paris: PUF, 1924), revista por V.L. Saulnier (PUF, 1965) e reimpressa na coleção *Quadrige* (PUF, 2004). O trabalho de Villey, com muitas imprecisões na grafia e na pontuação, é baseado no Exemplar de Bordeaux. O conjunto é demarcado pelas letras [A], [B] e [C], que permitem distinguir os diferentes estágios das três grandes edições dos *Ensaios* (somadas às duas edições menores, de 1582 e 1587): [A] para a edição de 1580; [B] para a edição de 1588 e para as correções de 1582 e 1587; [C] para o material, manuscrito e impresso, posterior a 1588 (que compreende o Exemplar de Bordeaux e a Edição de Gournay, de 1595). Outras edições utilizadas em nossa antologia estão repertoriadas nas referências e indicadas nas notas de rodapé.

Para os *Ensaios* em português, há apenas duas traduções completas. Nossa referência principal é a tradução em três volumes de Rosemary Costhek Abílio (São Paulo: Martins Fontes, 2002), versão literal do texto estabelecido por Villey-Saulnier (1965), com todas as notas, a biografia resumida, alguns apêndices, e tradução das frases latinas citadas por Montaigne.[8] A muito difundida versão dos *Ensaios* por Sergio Milliet (publicada originalmente pela Editora Globo em 1961 e, desde 1972, reimpressa pela Editora Abril na coleção Os Pensadores, com nova edição revista pela Editora 34 em 2016), dita em "conformidade com o texto da edição da Pléiade",[9] não traz os estratos [A], [B] e [C] das edições críticas modernas; também não traz as citações originais em latim, mas apenas as traduções; e, embora seja bastante elegante (ou talvez por isso mesmo), não deixa evidente para o leitor brasileiro o estilo mais cru do francês médio de Montaigne, sobretudo no que diz respeito à sexualidade.[10]

Além das traduções modernas completas,[11] temos em português uma seleta dos três livros, traduzida por Rosa Freire de Aguiar (seleção de Michael Screech, texto francês De Gournay 1595, a partir da edição organizada por Jean Balsamo para a coleção Pléiade, da Gallimard, em 2007), publicada pela Penguin & Cia das Letras, 2010. Outra seleta, traduzida por Rui Bertrand Romão, foi lançada em Portugal, pela editora Relógio D'Água (2016). Dois volumes traduzidos por Júlia da Rosa Simões, lançados pela L&PM Editores em 2017, trazem apenas o Livro I dos *Ensaios* (texto De Gournay 1595, via Pléiade/Gallimard, 2007). Note-se também um ensaio em separata ("Da vaidade"), traduzido por Ivone Benedetti

(sem referências à edição quinhentista utilizada, mas provavelmente baseada em Villey) e publicado pela Martins Fontes em 1998. Foi-nos sempre muito útil o cotejamento das dificuldades encontradas nos *Ensaios* com as soluções propostas por essas tradutoras e tradutores.

Para os *Ensaios* em outras línguas, em edições antigas e modernas, indicamos, quando for o caso, o material nas notas do texto e remetemos às referências.

Diário de viagem

O original autógrafo do *Journal de voyage*, descoberto em 1770 pelo abade Joseph Prunis, encontra-se hoje perdido. Tomamos como referência a *editio princeps* publicada por Querlon em 1774, cotejada com os *Extraits de voyage* – cópia manuscrita incompleta do autógrafo original feita por outro eclesiástico, Guillaume-Vivien Leydet, em 1771 (conservada na Biblioteca Nacional da França, em Paris). Para uma edição moderna, nossa referência é o texto estabelecido por François Rigolot (*Journal de voyage de Michel de Montaigne*, Paris: PUF, 1992), bem como a versão do *Journal de voyage* das *Oeuvres complètes* de Thibaudet e Rat (Pléiade, Gallimard). Foi útil também o cotejamento com a antiga edição italiana de Alessandro d'Ancona (1895).

Esta edição reúne, de modo bilíngue, e em sequência cronológica, toda a correspondência escrita por Montaigne e endereçada a ele. Figuram aqui sessenta e três missivas, cobrindo um arco de vinte e sete anos (de 1563 a 1590). Consideramos indistintamente, nessa sequência, as cartas enviadas ou recebidas por Montaigne a título pessoal e as cartas de trabalho, administrativas. Tanto as que foram efetivamente publicadas com Montaigne ainda em vida quanto as que permaneceram em manuscrito, em arquivos (muitas delas redescobertas apenas recentemente). Incluímos também, nos apêndices, alguns documentos e dossiês complementares.[12]

A sequência cronológica foi estabelecida preferencialmente a partir dos cabeçalhos e dos paratextos, mas, uma vez que nem sempre as datas estão claramente descritas nestes, também através dos elementos diegéticos dos textos. Embora a opção pela cronologia na apresentação do material dificulte, talvez, uma visão

mais clara das similaridades internas do *corpus* (como seria o caso se editássemos o conjunto das "cartas políticas", o conjunto das "cartas laudatórias", os breves "relatórios de trabalho" etc.), boa parte desta antologia tem muito mais sentido se acompanhada sob uma ordem temporal linear. No período que vai de 1581 a 1590 (Montaigne foi prefeito de Bordeaux entre 1581 e 1585), por exemplo, quase toda a correspondência coligida aqui tem caráter político ou administrativo, e está em sinergia direta com diversos acontecimentos da sua época – que, por esse motivo, se explicam mutuamente. Seja como for, como o conjunto não é tão vasto a ponto de se perder de vista essas especificidades, consideramos a opção cronológica a mais adequada aqui.

Em quase todos os casos, lidamos com informações fragmentárias: cartas públicas que são, em sua maioria, seções de outras obras; cartas privadas, muitas vezes elípticas ou cifradas; às vezes, mesmo, cópias manuscritas de segunda mão, tardias (dois séculos depois da morte de Montaigne). Todas as cartas, sobretudo as privadas, foram escritas, como seria de se esperar, sem detalhar ou deixar claro, em si mesmas, o contexto para o qual foram escritas – contexto que é preciso reconstituir. Por conta disso, oferecemos, antes de cada carta, uma pequena introdução recapitulativa, tentando facilitar ao máximo o entendimento do contexto – ao que se somam, claro, em rodapé, diversas notas explicativas. No caso particular das cartas impressas (que constam nas obras de La Boétie, por exemplo), nós as consideramos como obras em si mesmas: o aparato crítico as entendeu como tal, mesmo dentro do contexto maior em que estão inseridas, isolando-as, na medida do possível, do restante do texto original onde aparecem ou ao qual se referem.[13]

O CORPUS GERAL

Podemos dividir o *corpus* de cartas montaignistas em dois grandes grupos: as cartas públicas (que circularam impressas, todas elas com Montaigne ainda vivo) e as cartas privadas (que nunca foram publicadas e permaneceram, manuscritas, em acervos privados e/ou arquivos).

No material que coligimos, o formato de carta pública (impressa) aparece em introduções a livros ou seções de livros (como no prefácio à tradução feita por Montaigne da *Teologia natural* de Raymond Sebond, em 1568, ou no prefácio à coletânea das *Obras* póstumas de La Boétie, que Montaigne mandou editar em 1570). Elas são públicas, mas, paradoxalmente, de caráter pessoal: endereçamento individual ou coletivo (a Jean de Foix, ao "leitor", ao pai, à esposa, etc.), às vezes com estilo laudatório. Tais cartas nunca foram publicadas isoladamente, de modo autônomo (em uma antologia epistolar, por exemplo) – coisa que seria perfeitamente possível na produção editorial do século XVI, pela qual circulavam, em formato impresso de *ephemera* ou em coletâneas, cartas (originalmente manuscritas e privadas) dos mais variados temas.[14]

Essas primeiras cartas impressas já se constituem como textos claramente autorais, visando ao público seu contemporâneo, mas também sua posteridade: começando em 1563, as primeiras cartas públicas (impressas) de Montaigne escritas até a publicação dos *Ensaios* (1580, em que também há cartas), são, ao menos para nós, suas primeiras *obras*, nas quais sua voz narrativa surge em primeira pessoa, pela primeira vez, diante de seus contemporâneos.

Já as cartas manuscritas (autógrafas ou ideógrafas) de Montaigne têm caráter diverso: são funcionais, de trabalho, e não foram, em princípio, pensadas para o olhar público. Em sua maioria, testemunham a atividade de Montaigne enquanto administrador, quando prefeito de Bordeaux, e enquanto um requisitado articulador político, sobretudo no que dizia respeito à região da Guyenne e a seu "vizinho" Henrique de Bourbon, rei de Navarra (futuro Henrique IV de França). Escritas em um estilo muito diferente das cartas impressas, as cartas privadas são, quase sempre, material de ocasião, com finalidades práticas: às vezes extensas, mas em sua maioria breves, concisas, sem recurso à erudição humanista, sem citações ou floreios desnecessários (embora atentando aos códigos de *courtoisie* e *civilité* inerentes a esse tipo de texto, e, claro, com o devido respeito às hierarquias).

Além de permitirem, para a grande maioria do público moderno, a leitura de um Montaigne diferente, fora da circunscrição ensaística ou filosófica, as cartas manuscritas têm um componente suplementar: embora quase sempre ideógrafas (ditadas a um secretário, apenas a assinatura sendo de seu próprio punho),

algumas são de fato autógrafas (escritas diretamente por ele mesmo) – conservando, nesse caso, a grafia cursiva da mão de Montaigne. Juntamente com as correções manuscritas adicionadas ao Exemplar de Bordeaux;[15] um ou outro *ex-libris* (a assinatura como marca de posse) grafado nos frontispícios dos volumes que sobraram de seu acervo pessoal, recuperados aqui e ali (vários deles hoje na Biblioteca Municipal de Bordeaux);[16] com as observações autógrafas marginais em diversos desses mesmos volumes; com as notas inseridas nas *Efemérides de Beuther*,[17] as cartas privadas, sobretudo as autógrafas, são os testemunhos diretos da "pessoa física" de Montaigne, parte das *relíquias* que ajudam na resiliência canônica de sua *persona* e no fascínio fantasmagórico que ela exerce ainda hoje sobre quem se debruça sobre sua obra.

A recepção das cartas totalmente manuscritas, entretanto, é tardia e, à exceção de um ou outro caso, ela começa realmente na primeira metade do século XIX, com as primeiras *editiones principes*. Ela coincide com a atividade detetivesca de alguns colecionadores dedicados, como Jean-François Payen – a quem devemos um número importante de documentos montaignistas de primeira mão (ou ao menos de seus fac-símiles).[18] A ação de alguns falsários – como Denis Vrain-Lucas (1818-1882), responsável por cerca de duzentas cartas apócrifas atribuídas a Montaigne, uma delas considerada legítima até algumas décadas atrás[19] – alimentaram o *frisson* dessas descobertas.

Do ponto de vista da ação social, administrativa e política, a sequência cronológica permite ao leitor avaliar os afazeres de Montaigne no decorrer de quase toda a sua carreira: seus interlocutores, o vaivém de sua agenda, sua importância concreta no teatro de operações políticas da França dos últimos Valois e do primeiro dos Bourbons. Com esses registros, o retrato romântico de Montaigne como livre-pensador solitário em sua torre bibliográfica (se é que isso ainda faz algum sentido), cai, definitivamente, por terra.

De fato, o que vemos emergir das cartas manuscritas é um nobre togado desempenhando um papel muito mais importante nos negócios de Estado de sua época do que os *Ensaios* poderiam fazer supor.[20] E, como resultado, as cartas mostram não só algo acerca do caráter próprio do discurso filosófico ensaístico (se encarados como uma forma de "biografia montaignista" bastante particular),

como também iluminam e confirmam alguns de seus aspectos. Elas se mostram importantes, por exemplo, para se entender a atividade concreta de Montaigne em relação à sua filosofia moral e à política de sua época: muita coisa dita nas cartas, os *Ensaios* não enunciam diretamente.[21]

Em boa parte dos anos de revisão (1580 a 1588) preparatórios à segunda grande edição dos *Ensaios* (1588), reescrevendo profundamente os Livros I e II e gestando o Livro III, Montaigne está, como nos dizem as cartas, frequentemente em viagem, agindo ativa e diretamente no tabuleiro central da política francesa e no cenário de operações das Guerras de Religião, o mais importante conflito militar da França de sua época. Aqui e ali, vemos os traços da paulatina ascensão de Montaigne à condição de nobre através das sombras dos projetos políticos que se decantam nesses anos decisivos, tanto para a aristocracia francesa (católica ou protestante) quanto para as ambições de poder dos últimos reis Valois e o primeiro dos Bourbons.[22]

Contra a visão utilitarista de um certo "carreirismo" (em que manteria contato apenas com homens "*bien en court*", e calando sobre a *Saint-Barthélemy*, o Massacre do dia de São Bartolomeu, acontecimento capital das Guerras de Religião), nas cartas vemos um Montaigne politicamente mais complexo, circulando em uma rede de contatos muito ampla. É notável que, ao menos no contexto das cartas "íntimas" (públicas e impressas) que chegaram até nós, seus destinatários sejam todos de inclinação moderada, e, às vezes, por isso mesmo, perseguidos.[23] Nesse contexto, temos Paul de Foix, acusado de simpatia pela causa huguenote, que foi mais tarde embaixador na Inglaterra e em Roma; Lansac, o mais importante interlocutor político de Montaigne nas cartas impressas, que escondeu fugitivos em sua casa na Saint-Barthélemy;[24] Henri de Mesmes, responsável pela paz de Saint-Germain-en-Laye, o tratado estabelecido entre católicos e protestantes que pôs fim à Terceira Guerra de Religião; Michel de L'Hospital, que, após ocupar por um tempo o ponto mais alto do Estado francês (se excetuarmos a família real), caiu em desgraça.

Notável também a sua energia na defesa, enquanto prefeito, dos direitos da comunidade bordelesa (como no caso da transferência de um processo para o foro de Toulouse, em 1583; ou no imbróglio a respeito de sua reeleição a prefeito, em 1585); na denúncia de falta de zelo ou má administração (como no caso

do orfanato de Saint-James, em 1582); ou na defesa do livre-comércio, feita por ele e pelos parlamentares de Bordeaux a Henrique de Navarra em 1583. Esses exemplos mostram que, em oposição à ideia de que inexiste a noção de "serviço público" na França do século XVI,[25] há uma preocupação real de Montaigne e outros legisladores na defesa de certos direitos gerais, públicos, entendidos ao menos no âmbito da regulamentação das leis e privilégios das cidades, nos quais os parlamentos (instituições jurídicas no sistema do Antigo Regime francês) eram fiadoras e mantenedoras. Enquanto parte efetiva desse universo administrativo e político, Montaigne não mostra, nas cartas administrativas, posições puramente teoréticas ou céticas, mas sim bastante práticas e concretas, em relação ao mundo real que o circunda.

A sequência cronológica das cartas deixa clara também outra divisão latente no *corpus*: um *antes* e um *depois* de 1580 (ano da primeira edição dos *Ensaios*). Cerca de dois terços das cartas nessa edição foram escritos nos últimos dez anos de vida de Montaigne – sendo que, nos últimos dois anos (entre 1590 e 1592), nenhuma outra correspondência de suas mãos foi conservada.[26] Por outro lado, com exceção da carta de dezembro de 1567, escrita a Jean de Belot (e da qual temos apenas uma cópia manuscrita tardia, de segunda mão), todas as cartas de 1563 a 1580 são públicas (logo, impressas); todas as demais, de 1581 a 1590, descontadas as que foram reimpressas com as sucessivas reedições dos *Ensaios*, são privadas (manuscritas).

Embora não possamos, claro, afirmar que Montaigne não escreveu *nenhuma* outra carta *privada* entre 1563 e 1580 (o fato de não termos nenhum outro exemplar nesse formato seria, provavelmente, contingencial), é evidente, pela mera observação do que chegou até nós, que *toda* a sua produção de cartas *públicas* (impressas e de ampla circulação, fora do estrito foro privado) *cessou* com a publicação dos *Ensaios*: o *Prefácio ao leitor*, incluído em nossa antologia, datado na obra como de 1 de março de 1580, seria assim a última das cartas públicas de Montaigne (se descontadas as reedições posteriores dos *Ensaios*, que trazem as mesmas cartas da edição de 1580, com pequenas correções e não textos novos).[27]

Diante do cenário epistolar apresentado em nossa edição, podemos observar outro aspecto interessante – e que, se lido na perspectiva do Montaigne "pintor de

si mesmo" avalizado pelos *Ensaios*, aparece como verdadeiro paradoxo: a intimidade familiar de Montaigne (cartas destinadas à sua esposa, a seu pai, a seus amigos, e das quais não temos nenhum manuscrito original) está toda concentrada nas formas impressas *públicas*: a única carta sobrevivente dirigida a Françoise de la Chassaigne, sua mulher, por exemplo, sob a forma clássica da *consolatio*, foi escrita logo após a morte do primeiro filho do casal, no fim de agosto de 1570, sendo publicada em meio às obras póstumas de Etienne de La Boétie em 1571 (financiadas pelo próprio Montaigne). Pode ser apenas uma coincidência contingencial, claro, mas o "Montaigne epistolar" efetivamente manuscrito que chegou até nós é majoritariamente o Montaigne *d'affaires*, público (no sentido administrativo de "homem público"), e não o "pintor de si" – quer dizer, o homem da ourivesaria íntima dos *Ensaios*, que manipularia e conquistaria, no interior do texto, sua própria subjetividade. É essa condição inequívoca que garante certo ar contraditório: as cartas públicas (impressas) são muito mais *íntimas*, no sentido montaignista que damos ao autor que escreveu os *Ensaios*; enquanto as cartas privadas, que não circularam publicamente, que trazem um Montaigne "real", "objetivo", "pragmático", são os documentos menos montaignistas que chegaram até nós.

A divisão entre cartas públicas e privadas é, pois, uma cisão importante não apenas no que diz respeitos ao *corpus* epistolar em si, mas também naquilo que reflete, possivelmente, o significado dos *Ensaios* na, por assim dizer, *persona* autoral de Montaigne, e a relação estabelecida com seu público leitor: pensados a partir dessa divisão entre cartas públicas e privadas, os *Ensaios* prolongariam, na verdade, o universo das cartas íntimas mas *públicas*, não das cartas *privadas*. Isso coloca tanto a questão óbvia do que seria, também neles, nos *Ensaios*, efetivamente público ou privado (e a óbvia inter-relação dessas instâncias nos textos), quanto a natureza epistolar e dialógica da forma *ensaio* especificamente desenvolvida por Montaigne em seu livro.

Por conta disso, a instrumentalização contraditória da intimidade privada por meio da publicação epistolar merece ser analisada mais detidamente pelos estudiosos. Ela é um dos elementos que sobressaem logo de início, no processo mesmo de *recensio* das cartas. Mas sendo nosso objetivo aqui apenas a reunião e a tradução do material, deixemos as análises para os especialistas.

CARTAS MANUSCRITAS

O destinatário mais recorrente das cartas manuscritas é Jacques de Goyon II, senhor de Matignon, elevado a Marechal por Henrique III em 1579, lugar-tenente geral do rei (algo como uma espécie de governador) da Guyenne (região histórica cuja capital era Bordeaux) a partir de 1584, logo, superior hierárquico de Montaigne, e que o sucedeu na prefeitura da cidade em 1585. O conjunto de cartas a Matignon, embora constitua o grupo mais numeroso de manuscritos epistolares que chegou até nós, representa provavelmente apenas uma parcela dessa correspondência política. Em todo caso, sob o nome de Matignon, chegaram até nós dezesseis cartas. Em segundo lugar, com cinco missivas, vêm a Jurade (Conselho Municipal) bordelense, a estrutura administrativa que assessorava e limitava os poderes do prefeito. Três cartas a Henrique de Navarra (duas delas com este já entronizado como Henrique IV, rei da França) e uma ao rei Henrique III. Excetuando-se algumas dedicatórias inseridas em exemplares dos *Ensaios*, e um pequeno bilhete com uma notificação de cunho contábil, quase toda a correspondência privada manuscrita é relativa à sua atividade política enquanto prefeito de Bordeaux.

Donde, talvez, a razão, embora esteja longe de ser uma razão categórica, para a sobrevivência desse material (de circulação restrita, mas oficial, recolhida em arquivos administrativos[28]), em detrimento das possíveis cartas mais íntimas. Hoje, podemos apenas especular se as cartas íntimas manuscritas, dirigidas a pessoas físicas, sem fins institucionais e com temas mais reservados, também não existiram – mas cartas desse tipo, *de* e *para* Montaigne, não temos quase nenhum exemplar manuscrito, assim como não se conhecem nem mesmo os originais das cartas publicadas nas obras de La Boétie, por exemplo, ou o original da famosa carta ao pai de 1568 (publicada como prefácio à tradução da *Teologia natural*, de Sebond).

CARTAS IMPRESSAS

A distinção ciceroniana entre *litterae publicae* e *litterae privatae* é importante para o funcionamento das públicas (quer dizer, as cartas que foram impressas em

vida) de Montaigne. Alguns elementos que são parte dos modelos clássicos do gênero, como em Cícero (modelos retomados e reafirmados nos tratados sobre a *ars dictaminis* de Erasmo e Lipsius), são, de certa forma, preservados. As cartas que encontramos no interior de algumas obras (como em alguns trechos dos *Ensaios* ou nas obras de La Boétie) têm, em geral, um teor deliberativo, na forma de epístolas dedicatórias aos capítulos (ora em prefácios, ora em posfácios). Elas são atravessadas pelas regras do gênero epistolar e invocam alguns dos protocolos clássicos (dialógicos) do gênero: uma conversa entre amigos por intermédio da escrita, a carta materializando a presença do ausente que fala distante no tempo e no espaço, e assim por diante. [29]

Assim, invocando situações domésticas e do conhecimento apenas dos dialogantes (tornadas públicas, mas muitas vezes incompreensíveis para os leitores comuns), a retórica das cartas impressas, em geral, se instala no âmbito do que seria uma comunicação concreta entre as partes: seja na forma prefacial seja na posfacial, embora tenham por fim a justificação de um ou outro ensaio, nunca se trata de uma justificativa sob forma de argumentação filosófica ou de tratado técnico – o que é outra prerrogativa dos modelos clássicos.[30]

No caso dos *Ensaios*, em particular, elas atuam frequentemente, aqui e ali, no sentido de justificação da obra como um todo, servindo diversas vezes como dispositivo de legitimação de seu processo poético ou de sua forma confessional: anunciam algo (novo) e reclamam, nas negociações subliminares com os diversos destinatários, sua aprovação. O epistolar que extraímos dos *Ensaios*, portanto, aponta para uma concepção retórico-poética que reverbera muito na poética dos *Ensaios* como um todo e serve, em nosso entendimento, para reforçar o caráter dialógico da obra: donde a relativa facilidade de inserção do gênero epistolar no interior de um ensaio, gerando uma forma compósita que causa pouco ou nenhum estranhamento no tecido diegético do ensaio onde aparece.

Digno de nota também é que há poucas "cartas" citadas nas cartas coligidas aqui. Além da carta-prefácio endereçada à sua esposa (que introduz e mimetiza a "Carta de Plutarco" traduzida por La Boétie na edição das *Obras* deste último), apenas um trecho das "Considerações sobre Cícero" (*Ensaios* I, 40), faz referência metapoética ao trabalho com a *ars dictaminis*.[31] Assim, ainda que a retórica geral

obedeça aos protocolos do gênero epistolar, a poética das cartas desta coletânea não busca, nesse gênero, sua própria referencialidade e economia citacional (tão importante na escrita dos *Ensaios*).

O TEXTO E A TRADUÇÃO

A escrita de Montaigne é, apesar do estilo pessoal adotado nos *Ensaios*, um produto de sua época. É o mesmo caso nas cartas, tanto nas impressas quanto nas manuscritas. O francês médio[32] é diferente do francês clássico: "instável" tanto no que diz respeito à pontuação quanto à sintaxe, à morfologia, aos empréstimos e neologismos, logo, diferente do francês que ordinariamente conhecemos, tanto na cadência quanto no modo de expressão do pensamento. Embora obedeça a certos critérios de composição e de retórica, o texto em geral soa, aos nossos ouvidos acostumados com o francês moderno, muito mais cru e menos elegante que os textos cortesãos do século XVII, com os quais se inicia o francês clássico.

No universo das cartas de Montaigne, a maior dificuldade é, em diversos momentos, a necessidade de paráfrase – coisa que nossa tradução, visando inicialmente a um público universitário, pretendeu diminuir ao máximo. Por conta disso, priorizamos antes a fidelidade ao léxico e o respeito ao *lemma* comum às línguas neolatinas que a reformulação do sentido no nosso português contemporâneo: no impedimento óbvio de fazer uma tradução do francês médio para um português do século XVI, tentamos aproximar nossa versão o máximo possível do original, propondo ressalvas e soluções mais palatáveis nas notas (fazendo as devidas observações nos trechos mais difíceis ou nos que possam gerar dubiedade). Assim, escolhemos sempre o sentido mais literal e o menos interpretativo possível, o que talvez torne a tradução, às vezes, dura demais para nossos ouvidos contemporâneos. Optamos por esse expediente também a fim de preservar a utilidade da tradução a quem queira compará-la diretamente com o original, tornando-a compreensível para quem não é especialista.

O texto original francês (francês médio) das cartas que transcrevemos aqui foi baseado nos fac-símiles dos impressos e manuscritos. A transcrição dos originais

tem caráter diplomático, respeitando a grafia das edições da época (no caso dos impressos) e dos autógrafos e alógrafos – mesmo no caso das cópias manuscritas que datam de séculos depois da morte de Montaigne.Os topônimos, por sua vez, são designados preferencialmente pelos seus nomes e localização modernos. Na grande maioria das vezes (excetuando-se os nomes dos países, como França, Itália), mantivemos a grafia francesa original (por exemplo, "Bordeaux", e não "Bordéus"). Para os prenomes em francês, optamos por manter a grafia original (Henri III, em vez de Henrique III; a exceção é Henri de Navarra, em vez de Henri de Navarre). Os títulos nobiliárquicos, algumas denominações administrativas e burocráticas, nomes de procedimentos jurídicos, etc. (como *monsieur*, *syndic*, *jurade*, *remontrance*, *arrest*), uma vez que não há, muitas vezes, equivalentes em português moderno, mantivemos na forma original – e, nas notas de rodapé e nos textos introdutórios, explicamos seu sentido.

Nossa tradução foi um *tour de force*, em diversos sentidos e níveis, uma vez que nós não somos nem tradutores profissionais nem exatamente estudiosos exclusivos da obra de Montaigne. Foi também fruto do momento pandêmico, entre 2020 (quando começamos o trabalho) e 2022: inteiramente feito a distância, sem que seus editores se encontrassem (a não ser por canais virtuais de comunicação), sem os recursos da pesquisa *in loco* nas grandes bibliotecas francesas e sem a consulta direta dos manuscritos originais. Como pano de fundo, nós nos somamos aos projetos que, sobretudo nos últimos quinze anos, se interessaram pela textualidade de Montaigne que aparece fora dos *Ensaios*. É o caso das pesquisas que exumaram os livros que constituíam sua biblioteca, a partir de *ex-libris* e anotações marginais aos exemplares; das inscrições nas traves da biblioteca de Montaigne; e tudo aquilo que poderíamos denominar de "Montaigne manuscrito" – expressão que faz referência à obra seminal de Alain Legros e à continuidade de seu projeto sobre essa mesma tópica junto à Universidade de Tours.[33] Neste último caso, o recenseamento, o uso de fac-símiles e as transcrições diplomáticas dos originais (a partir dos fac-símiles) apresentados aqui seriam impossíveis sem o trabalho pioneiro de Legros, que utilizamos de modo direto e do qual somos devedores.

NOTAS

1 Agradecemos a gentileza de Alberto Frigo em nos disponibilizar um arquivo digital de sua edição, atualmente esgotada.

2 Para algumas considerações sobre a forma epistolar, ver nossa introdução.

3 O livro III dos *Ensaios*, publicado a partir de 1588, não traz nenhuma carta-dedicatória, e são poucas as correções inseridas nos textos das cartas publicadas anteriormente nos livros I e II após 1580.

4 Uma edição publicada em Lyon por Gabriel Lagrange em 1593 é, na verdade, uma reedição de L'Angelier 1588.

5 Ou "sexta", se considerarmos a de Lagrange 1593 como uma edição válida.

6 Para o detalhamento das edições até 1635, ver a introdução editorial ao *Prefácio ao leitor* (carta 13 da nossa antologia). E, sobretudo, SAYCE, Richard; MASKELL, David. *A descriptive bibliography of Montaigne's Essais*, 1580-1700. London: The Bibliographical Society & The Modern Humanities Research Association, 1983.

7 A primeira edição baseada no Exemplar de Bordeaux, preparada pelo filósofo e enciclopedista Jacques-André Naigeon, mas com muitos erros e imprecisões, foi impressa em Paris, pelos irmãos Didot, em 1802.

8 Por conta de a tradução de Costhek Abílio, a melhor em língua portuguesa até aqui, utilizar como base o texto de Villey-Saulnier 1965, optamos por usá-lo também como texto de referência.

9 À época da tradução de Milliet (1961), a "Pléiade" era ainda a edição Gallimard dos *Ensaios* preparada por Albert Thibaudet, em 1934 (reedição em 1950). A edição Pléiade das *Œuvres complètes* de Montaigne (Thibaudet com a colaboração de Maurice Rat) só seria lançada em 1962. Milliet parece fazer muitos empréstimos à edição "bilíngue" em quatro volumes do General Gaspar Edmond Michaud (Paris: Didot, 1907-1909), referendada por ele no seu breve comentário editorial, e que reproduz a edição Gournay 1595 acompanhada do texto modernizado para o francês.

10 Um trecho de Sobre versos de Virgílio (*Ensaios* III, 5), que traz uma citação licenciosa em latim, é bastante emblemático dessa atitude: "[…] i'ay mis en doubte, si ie n'auois pas raison de m'en prendre à Nature plustost. Certes elle ma traitté illégitimement et inciuilement. *Si non longa satis, si non bene mentula crassa* [Se meu membro não é bastante longo, se não tem uma boa grossura], Priapea LXXX, 1, na tradução de Costhek Abílio) […]" é vertida por Michaud como "[…] j'ai commencé par craindre que ce ne fût plutôt à la nature que je dusse m'en prendre, parce qu'elle m'a traité avec partialité et d'une façon peu

courtoise; '*elle m'a insuffisamment pourvu*' […]"; e por Milliet, que parece seguir Michaud, como "[…] a princípio pensei que devesse acusar a natureza, pois deve ter-me tratado com parcialidade e de maneira pouco amável: '*Foi comigo avarenta*'[…]".

11 Assinalamos, também (agosto de 2022), um projeto de tradução integral dos três livros por Hugo Barros, sob o formato de *crowdfounding*, pela editora portuguesa E-Primatur – mas ainda sem garantias do custeio final. Será a primeira edição completa dos *Ensaios* em Portugal.

12 A ideia inicial deste projeto era o de editar e traduzir *todo* o material epistolar relativo a Montaigne – quer dizer, além das cartas de Montaigne e das cartas a ele endereçadas, também as cartas que o citam direta e indiretamente, e de outras cartas e documentos que, por diversas razões, esclarecem o contexto das cartas editadas aqui. Entretanto, o projeto, ao crescer e se tornar muito mais complexo que o previsto, teve de ser cindido em duas partes. O que apresentamos nesta edição, no entanto, é totalmente suficiente em si mesmo e não depende do material que não incluímos aqui. Este último, em que Montaigne aparece apenas citado em cartas de personagens de sua época (como Mademoiselle de Gournay, Lipsius, Henri III, Henri de Navarra entre outros), será objeto de um segundo volume, que incluirá, além desse material epistolar, também as sentenças judiciais assinadas por Montaigne na época em que atuava no Parlamento de Bordeaux (1562-1570), os documentos relativos à sua família, entre outros – volume no qual trabalhamos neste momento.

13 Se as variações entre as edições e emissões podem ser importantes para a colação e a análise (material e crítica) global dos *Ensaios*, nosso interesse pontual diante das variações do texto do *Prefácio ao leitor* dos *Ensaios*, por exemplo, é entendido no horizonte de um conjunto próprio de colações, feitas de modo exclusivo. Assim, é o próprio *Prefácio ao leitor* que observamos através do tempo das edições que nos interessam (entre 1580 e 1635), e não necessariamente as diferentes versões dos *Ensaios* em que ele se encontra. Para caracterizar formalmente essa metodologia do trabalho em nosso aparato crítico, nós a chamamos de *edótica axial* – "axial" aqui no sentido médico-anatômico do termo.

14 O próprio Montaigne afirma, na edição de 1588, que era um consumidor desse tipo de publicação, sobretudo cartas de autores italianos. Ver o apêndice II.

15 O exemplar pessoal de Montaigne da segunda edição dos *Ensaios* (1588), em que figuram diversas correções e anotações marginais, preparatórias para a terceira edição. O volume é parte do acervo da Biblioteca Municipal de Bordeaux.

16 Para o inventário com os fac-símiles, ver Pistilli; Sgattoni (2014).

17 Cf. Legros (2010).

18 Parte deles reunidos no *Recueil de documents rassemblés sur Montaigne*, conservado na BnF.

19 Cf. Charavay (1870).

20 Frame (2003, p. 1273).

21 Por exemplo, sua relação com católicos e protestantes, bem como seu papel de mediador no longo e complexo conflito entre todos os Henriques (Henrique III, Henrique de Navarra e Henrique de Guise).

22 Hoffmann (1998).

23 Cooper (2006, p. 311).

24 Jouanna (2007, p. 182).

25 Zeller (1948, p. 23).

26 "Most of them concern public affairs and date from Montaigne's mayoralty (1581-85)" (Frame, 2003, p. 1273).

27 Embora apareça no início da obra, é de comum acordo entre os especialistas que o *Prefácio ao leitor* seria a última carta escrita dentre as que figuram nos *Ensaios* de 1580.

28 O espólio Matignon está no arquivo do príncipe de Mônaco.

29 Cf. Cicero, *Ad familiares*, II, 4, 1; Seneca, *Cartas a Lucílio*, 75. A ideia de "presença" da forma epistolar é potencializada pelo Pseudo-Demétrio de Falerum de modo substantivado, como um "presente" [*dōron*] de alguém a outrem (*De elocutione*, 224).

30 Ainda segundo o Pseudo-Demétrio de Falerum, o estilo epistolar é "fraternal", e a pior carta é aquela que toma a forma de um tratado ou de uma exposição, pois a comunicação epistolar deve ser feita de forma simples, evitando-se digressões de ordem filosófica (cf. *De elocutione*, 230-231).

31 Material traduzido no apêndice II.

32 O francês médio é o como se designa tradicionalmente o estado da língua francesa no século XVI, época em que viveu Montaigne (1533-1592).

33 Legros (2010). Legros anima o projeto MONLoe (Montaigne à L'oeuvre), no website de mesmo nome, em parceria com o portal Bibliothèques Virtuelles Humanistes, da Universidade de Tours.

Carta 1

A *Monsieur* de Montaigne, por ocasião da morte de La Boétie

Fontes

Não se conhece nenhuma versão manuscrita. Publicada como apêndice às *Obras* de La Boétie (1571).

Editio princeps

LA || MESNAGERIE || DE XENOPHON. || Les Regles de mariage, DE PLVTARQVE. || Lettre de consolation, || de Plutarque à sa femme. || Le tout traduict de Grec en François par feu M. ESTIENNE DE LA BOETIE || Conseiller du Roy em as court de Parlment || à Bordeaux. Ensemble quelques Vers Latins & François, de son inuention. || Item, vn Discours sur la mort dudit Seigneur || De la Boëtie, par M. de Montaigne. || A PARIS. || De l'Imprimerie de Federic Morel, rue || S. Ian de Beauuais, au Franc Meurier. || M. D. LXXI. || AVEC PRIVILEGE. || (ff. 121r-131r)

Exemplar

BnF Z Payen 511 (frontispício com assinatura de Montaigne)

Edições

BONNEFON, Paul. *Œuvres complètes d'Estienne de la Boétie*. Bordeaux; Paris: Gounouilhou; Rouam, 1892.

Contexto

Resumo, em formato epistolar, dos últimos dias de Lá Boétie, falecido em 18 de agosto de 1563, tendo por destinatário seu pai, Pierre de Montaigne. Como não possuímos o suposto original manuscrito, é impossível saber se se trata, de fato, de uma carta remanejada posteriormente para servir de apêndice às *Obras* póstumas de Etienne de la Boétie – publicadas às expensas do próprio Montaigne (filho) em 1571 junto ao impressor-livreiro Federic Morel (com o "*achévé d'imprimer*" datado de 24 de novembro de 1570). Apesar disso, mesmo no formato impresso, e se aceitarmos o momento imediatamente posterior à morte de La Boétie como base conjectural do texto, trata-se da mais antiga carta autenticamente atribuída a Montaigne. Por conta disso, mesmo tendo consciência da fragilidade dessa atribuição, datamos o material de 18 de agosto de 1563 e não de 24 de novembro de 1570.[1]

Do ponto de vista da forma, o apêndice foi explicitamente publicado como fragmento, pois o início elíptico sugere material que não teria sido aproveitado na versão final. Aceitando-se a hipótese da reescritura de uma carta original, o intuito seria maximizar sua força retórico-filosófica (Pérouse, 1982) – o que, de fato, não ajuda a discussão sobre a datação (Desan, 2014, p. 136). Esse modelo fragmentário talvez indique já um primeiro passo no desenvolvimento de uma escrita "material" ensaística: como no caso do *Journal de voyage* – que também não tem começo, ou que já se inicia "a caminho" – o relato verídico precisa não apenas dizer, mas encarnar os fatos "graficamente", ou seja, além de permanecer algo diarístico, jornalístico e memorialístico, sempre a ser modificado em busca da verdade em sua adequação concreta às possibilidades de comunicação, deve figurar por isso mesmo também um testemunho falho, lacunar e fragmentário, pois sempre a ser aditado, segundo a concepção de construção artesanal da lógica e da logística textuais embutida no próprio espírito do ensaio e dos *Ensaios* como obra.

Embora o título ("Extraict d'une lettre …") e o endereçamento particular (ao Senhor de Montaigne, pai) indiquem a forma epistolar, o frontispício da obra e o cabeçalho de todas as páginas *verso* do texto impresso denominam o material não como *carta* e sim como "Discours sur la mort du Sieur […]". *Carta* ou *discurso* – nesse caso, um discurso testemunhal e de veneração, que se ampara na retórica epidítica que atravessa o texto – o tema dessa carta-apêndice é crucial. A morte de Étienne de La Boétie, de quem Montaigne era "*inthime frere et immotable amy*" (cf. Testament d'Estienne de la Boetie. *In: Recueil de pièces originales* (III), Bib. Meriadeck, Bordeaux, Ms 0738 (3), folio 78), é considerada uma das razões principais da existência dos *Ensaios* (iniciados quase dez anos depois, quando seu autor contava já por volta de 39 anos de idade). Não só porque, como lemos no "Testamento", em uma frase [C] do ensaio "Da amizade" e dessa carta, Montaigne herdou de La Boétie a importante biblioteca que lhe servirá, doravante, de estímulo intelectual e manancial teórico, mas também porque os *Ensaios* teriam começado como um remédio para essa perda inesperada e irreparável, e como um modo de celebrar a memória do amigo morto (cf. "Da amizade", *Ensaios* I, 28, VS 183-184; CA I 273-275; II, 8 VS 385). Lembre-se do texto do memorial a La Boétie na biblioteca do castelo de Montaigne, hoje perdido (Frame, 1965, p. 80). Contudo, ambições profissionais e editoriais (Desan, 2014, p. 132-133), bem como relações familiares, também envolviam os dois amigos – e esse é o ponto principal na defesa de uma data posterior para esse texto, pois seria o cruzamento daquelas ambições com essas relações em um projeto político pessoal e coletivo ("meus parentes e amigos", como está dito no *Au Lecteur*) a motivação básica para a pena do ensaísta nessas cartas: em cada obra de seu amigo e parente editada, uma carta para um grande personagem da época. Não por acaso a questão do renome e do serviço público são tão importantes nos relatos montaignianos sobre La Boétie. Não percamos, porém, o solo conceitual de todos esses atos, também discursivos, em torno da pessoa do amigo perdido: por exemplo, a amizade resiste à tirania constituindo no pensamento montaigniano talvez a relação política mais importante; e o ensaio ele mesmo se torna um discurso performativo precisamente porque se estrutura entre desdobramento e unidade da consciência, dividindo com a carta algo, tanto de seu dialogismo, quanto de seu caráter personalíssimo.

[121r]

EXTRAIT D'VNE LETTRE que Monſieur le Conſeiller de Montaigne eſcrit à Mõſeigneur de Montaigne ſon pere, concernant quelques particularitez qu'il remarqua en la maladie & mort de feu Monſieur de la Boetie.

Qvant à ſes dernières paroles, ſans doubte ſi homme en doit rendre bon conte, c'eſt moy, tant par ce que du lõg de ſa maladie il parloit auſſi volontiers à moy qu'à nul autre: que auſſi pource que pour la ſinguliere & fraternelle amitié que nous nous eſtions entreportez, i'auois treſcertaine connaiſſance des intentions, iugements & volontez qu'il auoit eu durant ſa vie, autant ſans doute qu'homme peut auoir d'vn autre: & par ce que ie les ſçauois eſtre hautes, vertueuſes, pleines de treſcertaine reſolution, & quãd tout eſt dit, admirables: ie preuoyois bien, que ſi la maladie luy laiſſoit le moyen de ſe pouuoir exprimer, qu'il ne luy eſchapperoit rien [121v] *en vne telle neceſſité, qui ne ſuſt grãd, & plein de bon exemple: Ainſi ie m'en prenois le plus garde que ie pouuois. Il eſt vray, Mõſeigneur, cõme i'ai la memoire fort courte, & debauchée encore par le trouble que mon eſprit auoit à ſouffrir d'vne ſi lourde perte, & ſi importante, qu'il eſt impoſſible que ie n'aye oublié beaucoup de choſes que ie voudrais eſtre ſceuës. Mais celles deſquelles il m'eſt ſouuenu, ie les vous mãderay le plus uau vray qu'il me ſera poſſible. Car pour le repreſenter ainſi fierement arreſté en ſa braue démarche, pour vous faire voir ce courage inuincible dãs vn corps atterré & aſſommé par les furieux efforts de la mort & de la douleur, ie confeſſe qu'il y faudroit vn beaucoup meilleur ſtile que le mien. Par-ce qu'encores que durant ſa vie, quand il parlait de choſes graues & importantes, il en parloit de telle ſorte, qu'il eſtoit mal-aiſé de les ſi bien eſcrire: ſi eſt-ce qu'à ce coup il ſembloit que ſon eſprit & ſa langue ſ'efforçaſſent à l'enuy, cõme pour luy faire leur*

Extrato[6] de uma carta que o *Monsieur Conseiller*[7] de Montaigne escreveu ao *Monseigneur* de Montaigne, seu pai, sobre algumas particularidades que ele notou na doença e morte do falecido *Monsieur* de la Boétie.

Quanto às suas últimas palavras, se um homem deve dar conta disso bem, sem dúvida sou eu, tanto porque, durante toda a sua doença, ele falou mais espontaneamente comigo do que com qualquer outro, como também porque, dada a singular e fraternal amizade que nos dedicávamos, eu tinha um conhecimento muito certo das intenções, juízos e vontades que ele teve durante sua vida – sem dúvida, ao menos tanto quanto um homem pode ter de outro. E porque eu as sabia elevadas, virtuosas, plenas de uma resolução muito segura e, quando tudo é dito, admiráveis, previ bem que, se a doença o deixasse com os meios de poder se exprimir, não lhe escaparia nada em uma tal necessidade que não fosse grandioso e pleno de bom exemplo: assim, cuidei de ficar o mais atento que podia. É verdade, *Monseigneur*, como tenho uma memória muito curta, e ainda desregrada pela perturbação que tomava meu espírito ao sofrer uma perda tão pesada e tão importante, que é impossível não ter esquecido muitas coisas as quais eu gostaria que fossem sabidas. Mas daquelas de que me lembro, eu vos participarei o mais de acordo com a verdade quanto me for possível. Porque para representá-lo tão orgulhosamente retido em seu bravo curso, para vos fazer ver essa coragem invencível em um corpo arruinado e afligido pelos esforços furiosos da morte e da dor,[8] confesso que seria preciso um estilo muito melhor do que o meu.[9] Pois que já mesmo durante sua vida, quando ele falava de coisas graves e importantes, falava delas de tal maneira que era difícil escrevê-las tão bem, não obstante, naquele momento parecia que sua mente e sua língua se esforçavam ao máximo,

dernier ſeruice. Car ſans doute ie ne le vis iamais plein ny de tant & de ſi belles imaginations, ny de tant d'eloquence, comme il a eſté le long de ceſte maladie. Au reſte, Monſeigneur, ſi vous trouuez que i'aye voulu mettre en compte ſes propos plus legers & ordinaires, ie l'ay fait à eſcient. Car eſtants dits en ce temps là, & au plus fort d'vne ſi grande beſongne, c'eſt vn ſingulier teſmoignage d'vne ame pleine de repos, de tranquilité & d'aſſeurance.

[122r] *Comme ie reuenois du Palais, le lundy neufième d'Aouſt. 1563. Ie l'enuoyay conuier à diſner chez moy: il me manda qu'il me mercioit, qu'il ſe trouuoit vn peu mal, & que ie lui ferois plaiſir ſi ie voulois eſtre vne heure auec luy, auāt qu'il partiſt pour aller en Medor.*[2] *Ie l'allay trouuer bien taſt après diſner: il eſtoit couché veſtu, & monſtroit deſià ie ne ſçay quel changement en ſon viſage. Il me diſt que c'eſtoit vn flux de ventre auec des tranchees, qu'il auoit pris le iour auant iouant en pourpoint ſoubs vne robbe de foye auec Monſieur d'Eſcars, & que le froid luy auoit ſouuent fait ſentir ſemblables accidents. Ie trouuay bon qu'il continuaſt l'entrepriſe qu'il auoit pieça faicte de ſ'en aller: mais qu'il n'allaſt pour ce ſoir que iuſques à Germignā, qui n'eſt qu'à deux lieuës de la ville. Cela faiſois-ie pour le lieu où il eſtoit logé tout auoiſiné de maiſons infectes de peſte, de laquelle il auoit quelque apprehenſion, comme reuenant de Perigort & d'Agenois, où il auoit laiiſé tout empeſté: & puis pour ſemblable maladie que la ſienne ie m'eſtois autre-fois treſbien trouué de monter à cheual. Ainſi il ſ'en partit, & Madamoiſelle de la Boëtie ſa femme, & Monſieur de Bouillhonnas ſon oncle, auec luy.*

Le lendemain de bien bon matin, voicy venir vn de ſes gents à moy de la part de Madamoiſelle de la Boëtie, qui me mādoit qu'il ſ'eſtoit fort mal trouué la nuict, d'vne forte diſſenterie. Elle enuoyoit querir vn medecin & vn apotiquaire, & me prioit d'y aller: comme ie fis l'apres diſnée.

[122v] *A mon arriuée, il ſembla qu'il fuſt tout eſiouy de me voir: & cōme ie voulois prēdre cōgé de luy pour m'en reuenir, & luy promiſſe de le renoir le lendemain: il me pria auec plus d'affection & d'inſtance, qu'il n'auoit iamais fait d'autre choſe, que ie fuſſe le plus que ie pourrois auec luy. Cela me toucha aucunement. Ce neantmoins ie m'en allois quand Madamoiſelle de la Boëtie, qui preſentoit deſià ie ne ſçay quel mal-heur, me pria les larmes à l'œil, que ie ne bougeaſſe pour ce ſoir.*

como que para lhe prestar seu último serviço. Porque sem dúvida eu nunca o vi pleno de tantas e tão belas imaginações, nem com tanta eloquência, como esteve ao longo dessa doença. De resto, *Monseigneur*, se achais que eu quis levar em conta seus ditos mais leves e ordinários, eu o fiz de propósito. Porque tendo sido ditos naquele momento, e no auge de tão importante provação, constituem um testemunho singular de uma alma plena de repouso, tranquilidade e confiança.

Ao voltar do palácio,[10] na segunda-feira, 9 de agosto de 1563, mandei convidá-lo para jantar comigo. Ele respondeu que me agradecia, que se sentia um pouco mal e que eu o agradaria se quisesse ficar com ele por uma hora, antes que ele partisse para o Médoc.[11] Fui encontrá-lo logo após o jantar. Ele estava deitado vestido, e já mostrando não sei que mudança em sua fisionomia. Ele me disse que era uma diarreia com cólicas, que ele havia pegado no dia anterior, jogando de gibão sob um robe de seda, com o M. d'Escars;[12] e que o frio muitas vezes o tinha feito experimentar tais acidentes. Eu achei bom que ele continuasse o negócio pelo qual tinha desde, há muito, arranjado em fazer, mas que ele não fosse por essa noite senão até Gernignan,[13] que fica a apenas duas léguas da cidade. Isso lhe dizia eu, por conta do lugar em que ele estava alojado, muito próximo de casas infectadas pela peste, em relação à qual tinha certa apreensão, pois voltava do Périgord[14] e do Agenois,[15] onde deixara tudo empestado;[16] além disso, com uma doença semelhante à sua, eu me sentia bem o bastante para montar a cavalo. Então ele partiu – e *Mademoiselle*[17] de La Boétie, sua esposa,[18] como M. de Bouillhonnas,[19] seu tio, com ele.

Na manhã seguinte bem cedo, chega aqui um dos de sua gente me procurando da parte de *Mademoiselle* de La Boétie, que mandava me dizer que ele havia passado a noite muito mal com uma forte disenteria. Ela pedia para buscar um médico e um farmacêutico e para ir até lá, como eu fiz depois do desjejum.

Quando cheguei, ele aparentou estar muito feliz em me ver; e como eu queria me despedir dele para voltar, e prometesse vê-lo novamente no dia seguinte, ele me pediu com mais ardor e insistência do que jamais havia feito antes, para que eu estivesse com ele o máximo que pudesse. Aquilo não me preocupou muito.[20] Não obstante, quando saí, *Mademoiselle* de La Boétie, a qual já pressentia não sei que infortúnio, pediu-me com lágrimas nos olhos que ficasse aquela noite.

Ainſi elle m'arreſta, dequoy il ſe reſiouit auecques moy. Le lendemain ie m'en reuins, & le Ieudy le fus retrouuer. Son mal alloit en empirant: ſon flux de ſang & ſes tranchees qui l'affoibliſſoient encores plus, croiſſoient d'heure à autre.

Le vendredy ie le laiſſay encores: & le ſamedy, ie le fus reuoir deſia fort abbatu. Il me dit lors que ſa maladie eſioit vn peu contagieuſe, & outre cela, qu'elle eſtoit mal plaiſante, & melancholique: qu'il cognoiſſoit tresbien mon naturel, & me prioit de n'eſtre auec luy que par boutées, mais le plus ſouuent que ie pourrois. Ie ne l'abandonnay plus. Iuſques au Dimenche il ne m'auoit tenu nul propos de ce qu'il iugeoit de ſon eſtre, & ne parlions que de particulieres occurrences de ſa maladie, & de ce que les anciens medecins en auoiẽt dit. D'affaires publiques, bien peu: car ie l'en trouuay tout degouſté dés le premier iour. Mais le Dimenche, il eut vne grand' foibleſſe: Et comme il fut reuenu à ſoy, il dit, qu'il luy auoit ſemblé eſtre en vne cõfuſion de toutes choſes, & n'auoir [123r] *rien veu qu'vne eſpeſſe nuë, & brouillart obſcur, dans lequel tout eſtoit peſle-meſle, & ſans ordre. Toutesfois qu'il n'auoit eu nul deſplaiſir à tout ceſt accident. La mort n'a rien de pire que cela, luy dis-ie lors, mon frere: Mais n'a rien de ſi mauuais, me reſpondit-il.*

Depuis lors, par ce que dés le commencement de ſon mal, il n'auoit pris nul ſommeil, & que nonobſtãt tous les remedes, il alloit touſiours en empirant: de ſorte qu'on y auoit deſia employé certains bruuages, deſquelz on ne ſe ſert qu'aux dernieres extremitez. Il commença à deſeſperer entierement de ſa gueriſon, ce qu'il me communiqua. Ce meſme iour, par ce qu'il fut trouué bon, ie luy dis, qu'il me ſieroit mal, pour l'extreme amitié que ie luy portois, ſi ie ne me ſouciois que comme en ſa ſanté on auoit veu toutes ſes actiõs pleines de prudence & de bon conſeil, autant qu'à homme du monde, qu'il les continuaſt encore en ſa maladie: & que ſi Dieu vouloit qu'il empiraſt, ie ſerois treſmarry qu'à faute d'aduiſement il euſt laiſſé nul de ſes affaires domeſtiques découſu, tant pour le dõmage que ſes parents y pourroient ſouffrir, que pour l'intereſt de ſa reputation. Ce qu'il print de moy de treſbon viſage. Et apres ſ'eſtre reſolu des difficultez qui le tenoient ſuſpens en cela: Il me pria d'appeller ſon oncle & ſa femme ſeuls, pour leur faire entendre ce qu'il auoit deliberé quant à ſon teſtament. Ie luy dis qu'il les eſtonneroit. Non, non, me dit-il, Ie les conſoleray, & leur donneray beaucoup meilleure eſperance

Assim ela me deteve, com o que ele se regozijou comigo. No dia seguinte, voltei para casa; e na quinta, fui reencontrá-lo. Sua dor estava piorando: sua hemorragia e suas cólicas, enfraquecendo-o ainda mais, cresciam de hora em hora.

Na sexta-feira, eu o deixei de novo; e no sábado, fui revê-lo já muito abatido. Ele me disse, então, que a doença era um pouco contagiosa e, além disso, muito desagradável, e melancólica; que ele conhecia muito bem meu natural, e me pediu para estar com ele apenas por intervalos, mas o mais frequentemente que eu pudesse. Não mais o deixei. Até domingo, ele não me tinha contado nada a propósito do que entendia de seu estado,[21] e só conversamos sobre ocorrências específicas de sua doença, e do que os médicos antigos haviam comentado. Dos afazeres públicos, bem pouco; porque eu o encontrei bastante maldisposto desde o primeiro dia. Todavia, no domingo, ele teve uma grande fraqueza; e, quando voltou a si, disse que lhe tinha parecido estar em uma confusão de todas as coisas e que não viu nada além de uma nuvem espessa e uma névoa escura na qual tudo estava embrulhado e sem ordem: no entanto, ele não sentira nenhum desprazer durante todo esse incidente: "A morte não tem nada pior que isso, meu irmão", eu então lhe disse. "Mas não tem nada de tão ruim", me respondeu ele.

Então, porque desde o início de sua doença, ele não havia dormido nada, e que, apesar de todos os remédios, estava sempre piorando – de modo que já se haviam empregado certas poções, que não se utilizam senão nos últimos extremos – ele começou a desesperar inteiramente de sua cura, e me comunicou. No mesmo dia, porque ele estava melhor, eu lhe disse que me ficaria mal, pela extrema amizade que tinha por ele, se eu não me importasse que, como em sua saúde se viram todas as suas ações plenas de prudência e bom juízo, enquanto homem do mundo,[22] ele [não] as continuasse agora em sua doença; e que, se Deus quisesse que ele piorasse, eu lamentaria muito que, por falta de advertência, ele tivesse deixado algum de seus assuntos domésticos desassistido, tanto pelo prejuízo que seus parentes[23] poderiam sofrer quanto pelo interesse de sua reputação: o que ele recebeu de mim com muito boa disposição; e, depois de ter resolvido as dificuldades que o tinham em suspenso nisso, ele me pediu que chamasse apenas seu tio e sua esposa, para que ouvissem o que havia deliberado quanto ao seu testamento. Eu lhe disse que ele os assustaria. "Não, não", me disse ele, "eu os consolarei e darei a eles uma

[123v] *de ma ſanté, que ie ne l'ay moy meſme. Et puis il me demanda, ſi les foibleſſes qu'il auoit euës, ne nous auoient pas vn peu eſtonnez. Cela n'eſt rien, luy fis-ie, mon frere: ce ſont accidents ordinaires à telles maladies. Vrayement non, ce n'eſt rien, mon frere, me reſpondit-il, quand bien il en aduiendroit ce que vous en craindriez le plus. A vous ne ſeroit-ce que heur, luy replicquay-ie: mais le dommage ſeroit à moy qui perdrois la compaignie d'vn ſi grand, ſi ſage, & ſi certain amy, & tel que ie ſerois aſſeuré de n'en trouuer iamais de ſemblable. Il pourroit bien eſtre, mon frere, adiouſta-il: & vous aſſeure que ce qui me fait auoir quelque ſoing que i'ay de ma gueriſon, & n'aller ſi courāt au paſſage que i'ay deſia franchy à demy: c'eſt la conſideration de voſtre perte, & de ce pauure homme, & de ceſte pauure femme (parlant de ſon oncle & de ſa femme) que i'ayme tous deux vnicquement: & qui porteront bien impatiemment (i'en ſuis aſſeuré) la perte qu'ils ſeront en moy, qui de vray eſt bien grande pour vous & pour eux. I'ay auſſi reſpect au deſplaiſir que auront beaucoup de gens de bien qui m'ont aymé & eſtimé pendant ma vie, deſquelz certes, ie le confeſſe, ſi c'eſtoit à moy à faire, ie ferois content de ne perdre encores la conuerſation. Et ſi ie m'en vais, mõ frere, ie vous prie, vous qui les cognoiſſez, de leur rendre teſmoignage de la bonne volõté que ie leur ay portee iuſques à ce dernier terme de ma vie. Et puis, mon frere, parauenture n'eſtois-ie point né ſi inutil, que ie n'euſſe moyen de* [124r] *faire ſeruice à la choſe publicque. Mais quoy qu'il en ſoit, ie ſuis preſt à partir quand il plaira à Dieu, eſtāt tout aſſeuré que ie iouïray de l'aiſe que vous me predites. Et quant à vous, mon amy, ie vous cognois ſi ſage, que, quelque intereſt que vous y ayez, ſi vous conformerez vous volontiers & patiemment à tout ce qu'il plaira à ſa ſaincte Maieſté d'ordonner de moy: & vous ſupplie vous prendre garde que le deuil de ma perte ne pouſſe ce bon homme & ceſte bõne femme hors des gonds de la raiſon. Il me demanda lors comme ils ſ'y comportaiẽt deſia. Ie luy dis que aſſez bien pour l'importance de la choſe. Ouy (ſuyuit-il) à ceſte heure, qu'ils ont encore vn peu d'eſperance. Mais ſi ie la leur ay vne fois toute oſtee, mon frere,vous ſerez bien empeſché à les contenir. Suiuant ce reſpect, tant qu'il veſcut depuis, il leur cacha touſiours l'opinion certaine qu'il auoit de ſa mort, & me prioit bien fort d'en vſer de meſmes. Quand il les voyoit aupres de luy, il contrefaiſoit la chere plus gaye & les paiſſoit de belles eſperances.*

esperança muito maior com relação à minha saúde do que tenho eu mesmo". E então ele me perguntou se as fraquezas que ele havia tido não nos assustaram um pouco. "Não é nada, meu irmão", eu disse a ele, "são acidentes comuns a tais doenças". "Realmente não, não é nada, meu irmão", me respondeu ele, "mesmo se acontecesse o que mais temeis". "Para vós não seria senão felicidade", eu lhe repliquei; "mas o prejuízo seria para mim que perderia a companhia de um amigo tão grande, tão sábio e tão leal, e tal que eu teria a certeza de jamais encontrar um semelhante".[24] "Poderia bem ser, meu irmão", ele acrescentou, "e vos asseguro que o que me faz ter alguma preocupação com a minha recuperação, e não ir tão correndo pela passagem que já pela metade cruzei, é a consideração de vossa perda, e desse pobre homem e dessa pobre mulher (falando de seu tio e sua esposa) a quem eu amo acima de tudo e que suportarão com muita impaciência (tenho certeza) a minha perda, que verdadeiramente é bem grande, tanto para vós, como para eles. Também respeito o desprazer que terão muitas pessoas de bem por me terem amado e estimado durante a minha vida, das quais certamente, confesso, se dependesse de mim, ficaria contente em não perder ainda a sociedade;[25] e se eu for, meu irmão, eu vos peço, vós que os conheceis, de lhes prestar testemunho da boa vontade que lhes mostrei até este último termo de minha vida. E, pois, meu irmão, por acaso nasci tão inútil que não tivesse meio de prestar serviço à coisa pública?[26] Mas seja como for, estou pronto para partir quando agradar a Deus, estando completamente seguro de que gozarei do contentamento que você prevê. E quanto a vós, meu amigo, sei que sois tão sábio que, seja qual for o prejuízo que aí tenhais, vos conformareis de boa-vontade e pacientemente a tudo o que agradar a sua santa Majestade dispor de mim, e vos rogo ficar atento para que o luto pela minha perda não empurre esse bom homem e essa boa mulher fora dos gonzos da razão". Ele me perguntou então como eles estavam se comportando. Eu disse a ele que bastante bem, dada a importância da coisa: "Sim", continuou ele, "por enquanto ainda têm um pouco de esperança. Mas uma vez que eu a tenha tirado de todo, meu irmão, vos será bem difícil contê-los". Seguindo essa consideração, enquanto viveu depois, sempre escondeu deles a opinião que tinha de sua morte certa e me pediu com muita instância para que fizesse o mesmo. Quando os via perto, simulava a mais alegre disposição e os alimentava com belas esperanças.

Sur ce point ie le laiſſay pour les aller appeler. Ils compoſerent leur viſage le mieux qu'ils peurent pour vn temps. Et apres nous eſtre aſſis autour de ſon lict, nous quatre ſeuls, il dit ainſi d'vn viſage poſé, & comme tout eſiouy.Mon Oncle, ma Femme, ie vous aſſeure ſur ma foy, que nulle nouuelle attainte de ma maladie ou opiniõ mauuaiſe que i'aye de ma gueriſon, ne m'a mis en fantaiſie de vous faire appeler, pour vous dire ce que i'entreprens: car ie me porte, Dieu-mercy, treſbien, & plein de bonne eſperance: mais ayant de longue main apprins, tant par longue experiẽce, que par longue eſiude, le peu d'aſſeurance qu'il y a à l'inſtabilité & inconſtance des choſes humaines, & meſmes en noſtre vie, que nous tenons ſi chere, qui n'eſt toutesfois que fumee & choſe de neant: & conſiderant auſſi que puiſque ie ſuis malade, ie me ſuis d'autãt approché du danger de la mort, i'ay deliberé de mettre quelque ordre à mes affaires domeſticques, apres en auoir eu voſtre aduis premierement. Et puis addreſſant ſon propos à ſon oncle, Mon bon oncle, dit-il, ſi i'auois à vous rẽdre à ceſte heure compte des grãdes obligatiõs que ie vous ay, ie n'aurois en piece fait: il me ſuffit que iuſques à preſent, où que i'aye eſté & à quiconques i'en aye parlé, i'aye touſiours dit, que tout ce que vn treſſage, treſbon & treſliberal pere pouuoit faire pour ſon fils, tout cela auez-vous fait pour moy, ſoit pour le ſoing qu'il a fallu à m'inſtruire aux bonnes lettres, ſoit lors qu'il vous a pleu me poulſer aux eſtats: de ſorte que tout le cours de ma vie a eſté plein de grãds & recommendables offices d'amitiez voſtres enuers moy: ſomme, quoy que i'aye, ie le tiens de vous, ie l'aduouë de vous, ie vous en ſuis redeuable, vous eſtes mon vray pere: ainſi comme fils de famille ie n'ay nulle puiſſãce de diſpoſer de rien, ſ'il ne vous plaiſt de m'en donner congé. Lors il ſe teuſt, & attendit que les ſouſpirs & les ſanglots euſſent donné loiſir à ſon oncle de luy reſpondre, qu'il trou [125r] *ueroit touſiours treſbon tout ce qu'il luy plairoit. Lors ayant à le faire ſon heritier, il le ſupplia de prendre de luy le bien qui eſioit ſien.*

Et puis, deſiournant ſa parole à ſa femme: Ma ſemblance, dit-il, (ainſi l'appelait-il ſouuent, pour quelque ancienne alliance qui eſioit entre eux) ayant eſté ioint à vous du ſainct neud de mariage, qui eſt l'vn des plus reſpectables & inuiolables que Dieu nous ait ordonné ça bas, pour l'entretien de la ſocieté humaine, Ie vous ay aymee, cherie & eſtimee autant qu'il m'a eſté poſſible, &

Nesse ponto, eu o deixei para ir chamá-los. Eles compuseram suas feições o melhor que puderam por um tempo. E depois de nos ter feito sentar em torno de sua cama, nós quatro estando sós, ele disse, com uma face composta e como que todo satisfeito: "Meu tio, minha esposa, garanto-lhes, com a minha palavra, que nenhuma nova de minha doença ou má opinião que eu tenha de minha cura, não me fez imaginar vos fazer chamar para vos dizer o que eu empreendo; pois estou muito bem, graças a Deus, e cheio de boas esperanças; mas tendo há muito aprendido, tanto por longa experiência, quanto por longo estudo, o pouco de segurança que existe na instabilidade e inconstância das coisas humanas, e mesmo em nossa vida que temos por tão cara, e que não é, porém, senão fumaça e coisa de nada; e considerando também que, como estou doente, aproximei-me assim do perigo da morte, deliberei colocar alguma ordem nos meus afazeres domésticos, depois de ter primeiramente vossa opinião a respeito". E então, dirigindo sua atenção ao seu tio: "Meu bom tio", disse ele, "se eu tivesse que lhe dar conta das grandes obrigações que vos devo a essa hora, eu não teria feito outra coisa: bastou para mim até o presente, onde quer que eu tivesse estado e a quem quer que eu tenha falado, sempre disse que tudo o que um pai muito sábio, muito bom e muito liberal poderia fazer por seu filho, tudo isso vós haveis feito por mim, seja pelo cuidado necessário em me instruir nas boas letras, seja quando foi de seu agrado me empurrar para as funções públicas: de maneira que todo o curso da minha vida foi repleto dos vossos grandes e louváveis préstimos de amizade em relação a mim: em suma, tudo o que tenho, tenho de vós, reconheço como vosso, eu vos sou devedor, vós sois meu verdadeiro pai; assim, como filho de família, não tenho poder para dispor de nada, se não fazeis o favor de me dar permissão". Então ele se calou e esperou que os suspiros e soluços permitissem ao seu tio lhe responder que ele sempre acharia muito bom tudo o que lhe agradasse. Então tendo que fazê-lo seu herdeiro, ele lhe pede para tomar dele os bens que eram seus.

E então, voltando sua palavra à sua mulher: "Minha semelhança",[27] disse ele (assim ele a chamava com frequência, devido a alguma antiga combinação que havia entre eles), "tendo sido unido a vós pelo santo nó do casamento, que é um dos mais respeitáveis e invioláveis que Deus ordenou aqui embaixo, para a manutenção da sociedade humana, eu vos amei, prezei e estimei tanto quanto me

ſuis tout aſſeuré que vous m'auez rendu reciproque affection, que ie ne ſçaurois aſſez recognoiſtre. Ie vous prie de prendre de la part de mes biens ce que ie vous donne, & vous en contenter, encores que ie ſçache bien que c'eſt bien peu au pris de voz merites.

Et puis tournant ſon propos à moy: Mon frere, dit-il, que i'ayme ſi cherement, & que i'auois choiſy parmy tant d'hommes, pour renouueller auec vous ceſte vertueuſe & ſincere amitié, de laquelle l'vſage eſt par les vices dés ſi long temps eſloigné d'entre nous, qu'il n'en reſte que quelques vieilles traces en la memoire de l'antiquité: Ie vous ſupplie pour ſignal de mon affection enuers vous, vouloir eſtre ſucceſſeur de ma Bibliothecque & de mes liures, que ie vous donne: preſent bien petit, mais qui part de bon cueur: & qui vous eſt conuenable pour l'affection que vous auez aux lettres. Ce vous ſera μνημόσυνον tui ſodalis.

Et puis, parlant à tous trois generalement, loüa [125v] *Dieu, de quoy en vne ſi extreme neceſſité, il ſe trouuoit accompagné de toutes les plus cheres perſonnes qu'il euſt en ce monde. Et qu'il lui ſembloit treſbeau à voir, vne aſſemblee de quatre ſi accordants & ſi vnis d'amitié, faiſant, diſoit-il, eſtat, que nous nous entraymions vnanimement les vns pour l'amour des autres: & nous ayant recommandé les vns aux autres, Il ſuyuit ainſi.*

Ayant mis ordre à mes biens, encores me faut il penſer à ma cõſcience. Ie ſuis Chreſtien, ie ſuis Catholique: tel ay veſcu, tel ſuis ie deliberé de clorre ma vie. Qu'on me face venir vn preſtre, car ie ne veux faillir à ce dernier deuoir d'vn Chreſtien.

Sur ce poinct il finit ſon propos, lequel il auoit continué auec telle aſſeurance de viſage, telle force de parolle & de voix, que la où ie l'auois trouué, lors que i'entray en ſa chambre, foible, trainãt lentement les mots, les vns apres les autres, & ayant le pouls abbatu comme de fiéure lente, & tirant à la mort, le viſage palle & tout meurtry, il ſembloit lors qu'il vint, comme par miracle, de reprendre quelque nouuelle vigueur: le taint plus vermeil, & le pouls plus fort, de ſorte que ie luy fis taſter le mien, pour les comparer enſemble. Sur l'heure i'eus le cueur li ſerré, que ie ne ſceus rien luy reſpondre. Mais deux ou trois heures apres, tant pour luy cõtinuer ceſte grandeur de courage, que auſſi parce que ie ſouhaittois pour la ialouſie que i'ay euë toute ma vie de ſa gloire & de ſon hõneur, qu'il y euſt

foi possível, e tenho certeza de que vós me haveis dedicado afeição recíproca, pela qual eu não saberia ser reconhecido o bastante. Peço-vos tomar a parte dos meus bens que vos dou, e vos contentar, ainda que eu bem saiba que é bem pouco em comparação aos vossos méritos".

E então, voltando sua atenção para mim: "Meu irmão", disse ele, "a quem eu amo tanto e a quem eu havia escolhido, dentre tantos homens, para renovar convosco essa amizade virtuosa e sincera, cujo uso foi pelos vícios desde há tanto tempo apartado de nós a ponto de não restar senão alguns velhos traços na memória da antiguidade, peço-vos como sinal de minha afeição por vós, aceitar ser herdeiro de minha biblioteca e de meus livros, os quais vos dou: um presente bem pequeno, mas que é dado de bom coração, e que vos cabe pela afeição que tendes às Letras. Isso vos será μνημόσυνον *tui sodalis*.[28]

E, pois, falando a todos três juntos, louva a Deus, porque em tão extrema necessidade ele se encontrava acompanhado por todas as pessoas mais queridas que tinha neste mundo; e que lhe parecia muito belo ver uma assembleia de quatro tão acordes e tão unidos pela amizade, fazendo ver, disse ele, que nos entreamávamos unanimemente uns pelo amor dos outros. E, tendo-nos recomendado uns aos outros, ele seguiu assim:

"Tendo colocado meus bens em ordem, ainda tenho que pensar em minha consciência. Sou cristão, sou católico: tal como vivi, do mesmo modo deliberei fechar minha vida. Que me tragam um padre; pois não quero falhar nesse último dever de um cristão".[29]

Nesse ponto, ele terminou seu discurso, que seguira com tanta segurança no semblante, tanta força de fala e voz que, de onde eu o havia encontrado, quando entrei em seu quarto – fraco, arrastando lentamente suas palavras umas após as outras, e com o pulso abatido como de febre crônica, e aparentando a morte, a face pálida e toda ferida – ele parecia agora que vinha, como por milagre, a recuperar algum novo vigor: a tez mais corada e o pulso mais forte, de modo que eu o fiz sentir o meu para compará-los. Naquele momento eu estava com o coração tão apertado que nada soube lhe responder. Mas duas ou três horas depois, tanto para que ele continuasse com essa grandeza de coragem, e também porque desejava, pelo zelo[30] que tive toda a minha vida por sua glória e honra, que houvesse

plus de teſmoings de tant & ſi [126r] *belles preuues de magnanimité, y ayant plus grãde compagnie en ſa chambre: ie luy dis, que i'auois, rougy de honte de quoy le courage m'auoit failly à ouïr ce, que luy qui eſtoit engagé dans ce mal auoit eu courage de me dire. Que iuſques lors i'auois penſé que Dieu ne nous donnaſt guieres li grand auantage ſur les accidents humains, & croyois mal-ayſeement ce que quelques-fois i'en liſois parmy les hiſtoires: mais qu'en ayant ſenti vne telle preuue, ie louois Dieu de quoy ce auoit eſté en vne perſonne de qui ie fuſſe tant aymé, & que i'aymaſſe ſi chèrement: & que cela me ſeruiroit d'exemple, pour iouër ce meſme rolle à mon tour.*

Il m'interrompit pour me prier d'en vſer ainſi, & de mõſtrer par effect que les diſcours que nous auions tenus enſemble pendãt noſtre ſanté, nous ne les portions pas ſeulement en la bouche, mais engrauez bien auant au cueur & en l'ame, pour les mettre en execution aux premieres occaſions qui ſ'offriroiẽt, adiouſtant que c'eſloit la vraye prattique de noz eſtudes, & de la philoſophie. Et me prenant par la main: Mon frere, mon amy, me dit-il, ie t'aſſeure que i'ay fait aſſez de choſes, ce me-ſemble, en ma vie, auec autant de peine & difficulté que ie fais ceſte-cy. Et quand tout eſt dit, il y a fort long temps que i'y eſtois preparé, & que i'en ſçauois ma leçõ toute par cueur. Mais n'eſt-ce pas aſſez veſcu iuſques à l'aage auquel ie ſuis? I'eſtois preſt à entrer à mon trente-troiſiéme an. Dieu m'a fait ceſte grâce, que tout ce que i'ay paſſé, iuſ [126v] *ques à ceſte heure de ma vie, a eſté plein de ſanté & de bon-heur: pour l'inconſtãce des choſes humaines, cela ne pouuoit gueres plus durer. Il eſtoit meshuy temps de ſe mettre aux affaires, & de voir mille choſes mal-plaiſantes, cõme l'incommodité de la vieilleſſe, de laquelle ie ſuis quitte par ce moyen. Et puis il eſt vray-ſemblable que i'ay veſcu iuſqu'à ceſte heure auec plus de ſimplicité & moins de malice, que ie n'euſſe parauenture fait, ſi Dieu m'euſt laiſſé viure iuſqu'à ce, que le ſoing de m'enrichir, & accommoder mes affaires, me fuſt entré dans la teſte. Quant à moy, ie ſuis certain que ie m'en vays trouuer Dieu, & le ſeiour des bien heureux. Or parce que ie monſtrois meſmes au viſage l'impatience que i'auois à l'ouyr: Comment, mon frere, me dit-il, me voulez vous faire peur? ſi ie l'auois, à qui ſeroit-ce de me l'oſter qu'à vous? Sur le ſoir, par ce que le notaire ſuruint, qu'on auoit mandé pour receuoir ſon teſtament, ie le luy fis mettre par eſcrit, & puis ie luy feus dire ſ'il ne le vouloit pas ſigner: non pas*

mais testemunhas de tantas e tão belas provas de grandeza de alma, tendo mais companhia em seu quarto, digo a ele que corei de vergonha de ver que a coragem quase me faltava em ouvir o que ele, que estava envolvido nesse mal, teve coragem de me dizer; e que até então eu pensava que Deus não nos dava tão grande vantagem sobre os acidentes humanos[31] e acreditava com dificuldade no que às vezes lia acerca disso em meio às histórias; mas, tendo experimentado uma tal prova, louvei a Deus por ter sido com uma pessoa de quem eu era tão amado e a quem amava tanto, e que isso me serviria de exemplo para desempenhar esse mesmo papel por minha vez.

Ele me interrompeu para me pedir para assim fazer e para mostrar efetivamente que os discursos que mantivemos juntos durante a nossa saúde não os trazíamos somente na boca, mas bem antes gravados no coração e na alma, para colocá-los em execução nas primeiras ocasiões que se oferecessem, acrescentando que essa era a verdadeira prática de nossos estudos e da filosofia.[32] E, me segurando pela mão: "Meu irmão, meu amigo", ele me diz: "Garanto-lhe que fiz muitas coisas, parece-me, na minha vida, com tanta dor e dificuldade quanto faço essa. E quando tudo foi dito, já faz muito tempo que eu estava preparado para isso e conhecia minha lição de cor. Mas não é bastante ter vivido até a idade em que estou? Eu estava pronto para entrar no meu trigésimo-terceiro ano. Deus me deu essa graça, que tudo que passei, até esta hora da minha vida, foi pleno de saúde e felicidade; pela inconstância das coisas humanas, isso não podia durar muito mais. Era a hora de se meter em dificuldades e ver mil coisas desagradáveis, como a incomodidade da velhice da qual me escapei por esse meio. E depois, é provável que eu tenha vivido até esta hora com mais simplicidade e menos malícia do que não teria talvez feito, se Deus tivesse me deixado viver até que os cuidados de me enriquecer e arrumar meus negócios me entrasse na cabeça. Quanto a mim, estou certo de que irei encontrar Deus e o pouso dos abençoados". Então, porque eu mostrasse até na face minha impaciência em escutá-lo: "Como, meu irmão, quereis me assustar? Se eu tivesse medo, a quem caberia tirá-lo de mim senão vós"? À noite, porque veio o notário que fora chamado para receber seu testamento,[33] eu o fiz pôr por escrito, e então fui lhe perguntar se ele não queria assinar: "Assinar não", ele disse, "eu quero fazê-lo

ſigner, dit-il, ie le veux faire moy-meſme. Mais ie voudrois mon frere, qu'on me donnaſt vn peu de loiſir, car ie me trouue extremement trauaillé, & ſi affoibly que ie n'en puis quaſi plus. Ie me mis à changer de propos, mais il ſe reprit ſoudain, & me dit, qu'il ne failloit pas grand loyſir à mourir, & me pria de ſçauoir ſi le notaire auoit la main biẽ legere, car il n'arreſteroit gueres à dicter. I'appelay le notaire: & ſur le chãp il dicta ſi viſte ſon teſtament, qu'on eſtoit bien empeſché à le ſuyure. Et ayant acheué [127r] *il me pria de luy lire: & parlãt à moy, voylà, dit-il, le ſoing d'vne belle choſe que noz richeſſes: Sunt haec quae hominibus vocãtur bona. Apres que le teſtament euſt eſté ſigné, comme ſa chambre eſtoit pleine de gents, il me demanda ſ'il luy feroit mal de parler. Ie luy dis que non, mais que ce fuſt tout doucement.*

Lors il fit appeller Madamoyſelle de Saint-quentin ſa niepce, & parla ainſi à elle: Ma niepce, m'amie, il m'a ſemblé depuis que ie t'ay cogneuë auoir veu reluire en toy des traits de treſbonne nature: mais ces derniers offices que tu fais auec ſi bonne affection, & telle diligence, à ma preſente neceſſité, me promettẽt beaucoup de toy: & vrayemẽt ie t'en ſuis obligé & t'en mercie treſaffectueuſement. Au reſte, pour ma deſcharge, ie t'aduertis d'eſtre premierement deuote enuers Dieu. Car c'eſt ſans doute la principale partie de noſtre deuoir, & ſans laquelle nulle autre action ne peut eſtre ny bonne ny belle: & celle la y eſtant bien à bon eſcient, elle traine apres ſoy par neceſſité toutes autres actions de vertu. Apres Dieu, il te faut aymer & honnorer ton pere & ta mere, meſmes ta mere ma ſœur, que i'eſtime des meilleures & plus ſages femmes du monde: & te prie de prendre d'elle l'exemple de ta vie. Ne te laiſſe point emporter aux plaiſirs: fuis comme peſte ces folles priuautez que tu vois les femmes auoir quelquefois auec les hommes: Car encores que ſur le cõmencement elles n'ayent rien de mauuais, toutesfois petit à petit elles corrompent l'eſprit, & le [127v] *cõduiſent à oyſiueté, & de là, dans le vilain bourbier du vice. Crois moy: la plus ſeure garde de la chaſteté à vne fille, c'eſt la ſeuerité. Ie te prie, & veux qu'il te ſouuienne de moy, pour auoir ſouuẽt deuant les yeux l'amitié que ie t'ay portée: non pas pour te plaindre & pour te douloir de ma perte, & cela deffens-ie à tous mes amys, tant que ie puis, attendu qu'il ſembleroit qu'ils fuſſent enuieux du bien, duquel, mercy à ma mort, ie me verray bien toſt iouiſſant: & t'aſſeure ma fille, que ſi Dieu me donnoit à ceſte*

eu mesmo. Mas eu gostaria, meu irmão, que se me desse licença um pouco; porque me sinto extremamente fatigado e tão enfraquecido, que quase não posso mais". Comecei a mudar de assunto; mas ele se recuperou de repente e me disse que não levaria muito tempo para morrer e me pediu que soubesse se a mão do notário era bem ligeira, porque ele quase não pararia de ditar. Chamei o notário e imediatamente ele dita seu testamento tão rápido que foi bem difícil segui-lo. E, tendo terminado, ele me pediu que o lesse para ele, me dizendo: "Aí está", disse ele, "o cuidado de uma bela coisa, nossas riquezas. *Sunt haec quae hominibus vocantur bona*".[34] Depois que o testamento foi assinado, como seu quarto estava cheio de gente, ele me perguntou se faria mal em falar. Eu lhe disse que não, mas que fosse muito gentilmente.

Então, fez chamar a *Mademoiselle* de Saint-Quentin,[35] sua sobrinha, e falou com ela assim: "Minha sobrinha, minha amiga, desde que te conheci me pareceu ter visto reluzir em ti traços de muito boa natureza; mas esses últimos serviços que tu realizaste com tão boa afeição, e tanta diligência, em minha presente necessidade, prometem-me muito de ti, e te sou verdadeiramente reconhecido e te agradeço muito afetuosamente. De resto, para meu desencargo, eu te advirto a ser primeiramente devota a Deus: pois é sem dúvida a parte principal de nosso dever, e sem a qual nenhuma outra ação pode ser nem boa nem bela: e essa sendo bem ciosamente realizada, arrasta atrás de si necessariamente todas as outras ações virtuosas. Depois de Deus, deves amar e honrar teu pai e tua mãe, especialmente tua mãe, minha irmã, a quem considero das melhores e mais sábias mulheres do mundo, e peço que tu tires dela o exemplo de tua vida. Não te deixes levar pelos prazeres; foge como da peste daquelas intimidades tolas que vês as mulheres terem, por vezes, com os homens, pois embora no princípio não tenham nada de mal, todavia, pouco a pouco, corrompem o espírito, levam à ociosidade e daí para o vil pântano do vício. Creia-me, a salvaguarda mais segura da castidade para uma moça é a severidade. Peço-te, e quero que te lembres de mim para ter amiúde diante dos olhos a amizade que te dediquei: não para te queixares e lamentar de minha perda, e isso proíbo a todos os meus amigos, enquanto puder, pois pareceria que fossem invejosos do bem, do qual, graças à minha morte, logo me verei gozar: e asseguro-te, minha filha, que se Deus me permitisse agora escolher, ou

heure à choiſir, ou de retourner à viure encores, ou d'acheuer le voyage que i'ay commencé, ie ferois bien empeſché au chois. Adieu ma niepce, m'amye.

Il fit apres appeller Madamoiſelle d'Arſat[3] ſa belle fille, & luy dit: Ma fille, vous n'auez pas grād beſoing de mes aduertiſſements, ayant vne telle mere, que i'ay trouuee ſi ſage, ſi bien conforme à mes conditiōs & volontez, ne m'ayant iamais fait nulle faute. Vous ſerez treſbien inſtruite d'vne telle maiſtreſſe d'eſchole. Et ne trouuez point eſtrange ſi moy, qui ne vous attouche d'aucune parenté, me ſoucie, & me meſle de vous. Car eſtant fille d'vne perſonne qui m'eſt ſi proche, il eſt impoſſible, que tout ce qui vous concerne ne me touche auſſi. Et pourtant ay-ie touſiours eu tout le ſoing des affaires de monſieur d'Arſat[4] voſtre frere, comme des miennes propres. Et parauanture ne vous nuira-il pas à voſtre auancement d'auoir eſté ma belle fille. Vous auez de la richeſſe & de la beauté aſſez: vous eſtes Damoiſelle de [128r] *bon lieu. Il ne vous reſte que d'y adiouſter les biens de l'eſprit: ce que ie vous prie vouloir faire. Ie ne vous deſſens pas le vice qui eſt tant deteſtable aux femmes: car ie ne veux pas penſer ſeulement, qu'il vous puiſſe tomber en l'entendement: voire ie crois que le nom meſme vous en eſt horrible. Adieu ma belle fille.*

Toute la chambre eſtoit pleine de cris & de larmes, qui n'interrompoient toutesfois nullement le train de ſes diſcours, qui furent longuets. Mais apres tout cela il commanda qu'on fiſt ſortir tout le monde, ſauf ſa garniſon: Ainſi nomma il les filles qui le ſeruoient. Et puis, appellant mon frere de Beau-regard: Monſieur de Beau-regard, luy dit-il, Ie vous mercie bien fort de la peine que vous prenez pour moy: vous voulez bien que ie vous deſcouure quelque choſe que i'ay ſur le cœur à vous dire. Dequoy, quand mon frere luy eut donné aſſeurance, il ſuyuit ainſi: Ie vous iure que de tous ceux qui ſe ſont mis à la reformation de l'Egliſe, ie n'ay iamais penſé qu'il y en ait eu vn ſeul qui fiy ſoit mis auec meilleur zèle, plus entière, ſincere & ſimple affection que vous. Et crois certainement que les ſeuls vices de noz prelats, qui ont ſans doute beſoing d'vne grande correction, & quelques imperfections que le cours du temps a apporté en noſtre Egliſe, vous ont incité à cela: ie ne vous en veux pour ceſte heure demouuoir: car auſſi ne prie-ie pas volontiers perſonne de faire, quoy que ce ſoit, contre ſa conſcience. Mais ie vous veux bien aduertir, qu'ayant reſpecſt [128v] *à la bonne reputation qu'a acquis la maiſon de laquelle vous eſtes, par vne continuelle concorde: maiſon que i'ay autant chere que maiſon*

retornar a viver ainda, ou completar a viagem que comecei, bem difícil me seria a escolha. Adeus, minha sobrinha, minha amiga".

Fez depois chamar a *Mademoiselle* d'Arsac,[36] sua enteada, e lhe diz: "Minha filha, vós tendes pouca necessidade das minhas advertências, tendo uma tal mãe, que acho tão sábia, tão bem conformada às minhas condições e vontades, nunca me tendo cometido nenhuma falta. Vós sereis muito bem instruída por uma tal professora. E não acheis estranho que eu, que não vos sou aparentado, me preocupe convosco e me intrometa. Pois, sendo filha de alguém que me é tão próximo, é impossível que tudo o que vos diz respeito não me toque também. E por isso sempre tive todo o cuidado com negócios do *Monsieur* d'Arsac, vosso irmão,[37] como se fossem os meus. E talvez não faça mal à vossa ascensão[38] ter sido minha enteada. Vós tendes riqueza e beleza suficientes: vós sois uma donzela de bom berço.[39] Não vos resta senão aí ajuntar os bens do espírito, o que vos peço que queira fazer.[40] Não vos proíbo o vício que é tão detestável para as mulheres, pois não quero nem mesmo pensar que este vos possa passar pela cabeça: na verdade, creio que até o nome vos seja detestável. Adeus, minha enteada".

Toda a sala estava cheia de gritos e lágrimas, que, no entanto, de modo nenhum interrompiam o transcorrer de seus discursos, que foram um pouco longos. Mas depois de tudo isso, ele ordenou que se fizesse sair todo mundo, exceto sua guarnição, como ele chamava as moças que o serviam. E então, chamando meu irmão De Beauregard;[41] "*Monsieur* de Beauregard", disse-lhe, "agradeço muito mesmo pelo cuidado que tendes por mim: mas quereis que eu vos revele algo que tenho em meu coração para vos dizer?". Quando meu irmão assentiu, ele continuou assim: "Juro-vos que, de todos os que empreenderam a reforma da Igreja, nunca pensei que houvesse um só que a tivesse empreendido com mais zelo, mais total, sincera e simples afeição que vós. E certamente acredito que somente os vícios dos nossos prelados, que sem dúvida precisam de uma grande correção, e algumas imperfeições que o decorrer do tempo trouxe à nossa Igreja, vos incitaram a tanto: não quero agora vos demover, porque também não peço de bom grado a ninguém fazer o que quer que seja contra a sua consciência. Mas quero muito vos advertir que tenho respeito pela boa reputação adquirida por meio de uma contínua concórdia a casa da qual sois membro: uma casa que me é tão

du mõde: Mon Dieu, quelle caſe, de laquelle il n'eſt iamais ſorty ade que d'homme de bien ! ayant reſpect à la volonté de voſtre pere, ce bon pere à qui vous deuez tant, de voſtre oncle, à voz freres, vous fuyez ces extremitez: ne ſoyez point ſi aſpre & ſi violent: accommodez vous à eux. Ne faictes point de bande & de corps à part; ioignez vous enſemble. Vous voyez combien de ruines ces diſſentiõs ont apporté en ce royaume, & vous reſpons, qu'elles en apporteront de bien plus grãdes. Et, comme vous eſtes ſage & bon, gardez de mettre ces inconueniens parmy voſtre famille, de peur de luy faire perdre la gloire & le bon-heur duquel elle a iouy iuſques à ceſte heure. Prenez en bonne part, Monſieur de Beau-regard, ce que ie vous en dis, & pour vn certain teſmoignage de l'amitié que ie vous porte. Car pour ceſt effect me ſuis-ie reſerué iuſques à ceſte heure à vous le dire: & à l'auenture vous le diſant en l'eſtat auquel vous me voyez, vous donnerez plus de poix & d'authorité à mes paroles. Mon frère le remercia bien fort.

Le Lundi matin il eſtoit ſi mal, qu'il auoit quitté toute eſperance de vie. De ſorte que deſlors qu'il me vit, il m'appella tout piteuſement, & me dit: Mon frère, n'auez vous pas de compaſſion de tant de tourments que ie ſouffre? Ne voyez vous pas meshuy que tout le ſecours que vous me faites [129r] *ne ſert que d'allongement à ma peine? Bien toſt apres il ſ'eſuanouit: de ſorte qu'on le cuida abandonner pour treſpaſſé: en fin, on le réueilla à force de vinaigre & de vin. Mais il ne veit de ſort long temps apres: & nous oyant crier autour de luy, il nous dit: Mon Dieu, qui me tourmente tant? Pourquoy m'oſte l'on de ce grand & plaiſant repos auquel ie ſuis? Laiſſez moy, ie vous prie. Et puis m'oyant, il me dit, Et vous auſſi, mon frere, vous ne voulez donc pas que ie gueriſſe. O quel ayſe vous me faites perdre! En fin ſ'eſtant encores plus remis, il demanda vn peu de vin. Et puis ſ'en eſtant bien trouué, me dit que c'eſtoit la meilleure liqueur du mõde. Non eſt dea, fis-ie pour le mettre en propos, c'eſt l'eau: Ceſt mon, repliqua-il, ὕδωρ ἄριστν.*[5] *Il auoit deſia toutes les extremitez, iuſques au viſage, glacées de froit, auec vne ſueur mortelle qui luy couloit tout le long du corps: Et n'y pouuoit on quaſi plus trouuer nulle recognoiſſance de pouls. Ce matin il ſe confeſſa à ſon preſtre: mais parce que le preſtre n'auoit apporté tout ce qu'il luy failloit, il ne luy peut dire la Meſſe. Mais le Mardy matin, monſieur de la Boëtie le demanda, pour l'ayder, dit -il, à faire ſon dernier office chreſtien. Ainli, il ouit la Meſle, & feit ſes Paſques.*

querida como nenhuma outra do mundo: meu Deus, que estirpe, da qual jamais partiu outro ato senão de homens de bem! Tendo respeito pela vontade de vosso pai, esse bom pai a quem tanto deveis, de vosso tio, de vossos irmãos, vós fugireis dos extremos: não sejais jamais demasiado áspero e violento: assemelhei-vos a eles. Não formeis jamais um grupo e um corpo à parte:[42] mantende-vos unidos. Vedes quantas ruínas essas dissensões trouxeram a este reino; e vos digo que elas trarão ruínas ainda muito maiores.[43] E como vós sois sábio e bom, guardai-vos de trazer esses inconvenientes para o seio de vossa família, pelo medo de a fazer perder a glória e a felicidade da qual desfrutou até este momento. Recebei de bom grado, *Monsieur* de Beauregard, isso que vos digo, e como um testemunho seguro da amizade que vos dedico. Pois por isso me contive até agora para vos dizer; e talvez em vos dizendo no estado em que me vedes, dareis mais peso e autoridade às minhas palavras". Meu irmão agradeceu-lhe imensamente.

Na segunda-feira de manhã, ele estava tão mal que tinha perdido toda a esperança de viver. De maneira que, assim que me viu, chamou-me bem lastimosamente, e me disse: "Meu irmão, não tendes compaixão de tantos tormentos que sofro? Não vedes que agora todo o socorro que me dais não serve senão para prolongar minha dor?" Pouco depois desmaiou, de modo que se o teve por morto: finalmente o despertaram à força de vinagre e vinho. Mas ele não pode ver durante muito tempo, e nos escutando gritar à sua volta, disse-nos: "Meu Deus, quem me atormenta tanto? Por que sou tirado deste grande e agradável repouso em que estou? Deixem-me, peço-vos". E então me ouvindo, disse: "E vós também, meu irmão, não queres então que eu sare? Oh, que bem-estar me fazeis perder!" Enfim, tendo se recuperado ainda mais, pediu um pouco de vinho. E então, tendo se achado melhor, disse-me que era o melhor líquido do mundo. "Não é não", eu disse para fazê-lo falar, "é a água". – "Sim, com certeza", ele replicou, ὕδωρ ἄριστον.[44] Ele já tinha todas as extremidades até a face geladas de frio, com um suor mortal que lhe corria por todo o corpo: e quase não se podia mais achar seu pulso. Naquela manhã ele se confessou ao seu padre, mas como o padre não tinha trazido tudo o que precisava, ele não lhe pôde dizer a missa. Mas na terça-feira de manhã, o M. de La Boétie pediu-lhe para o ajudar, disse ele, a cumprir o seu último dever cristão. Assim, ele ouviu a missa e comungou.

Et comme le preſtre prenoit congé de luy, il luy dit. Mon pere ſpirituel, ie vous ſupplie humblement, & vous & ceux qui ſont ſoubs voſtre charge, priez Dieu pour moy, ſoit qu'il ſoit ordõné par les treſſacrez threſors des deſſeins de Dieu que ie finiſſe à ceſte heure mes iours, qu'il ayt pitié de mõ [129v] *ame, & me pardonne mes pechez, qui ſont infinis: comme il n'eſt pas poſſible que ſi vile & ſi baſſe creature que moy aye peu executer les commandements d'vn ſi haut & ſi puiſſant maiſtre: ou ſ'il luy ſemble que ie face encores beſoin pardeça, & qu'il veuille me reſeruer à quelque autre heure, ſuppliez le qu'il finiſſe biẽ toſt en moy les angoiſſes que ie ſouffre, & qu'il me face la grace de guyder dorenauant mes pas à la ſuyte de ſa volonté, & de me rendre meilleur que ie n'ay eſté. Sur ce point il ſ'arreſta vn peu pour prendre aleine: & voyãt que le preſtre ſ'en alloit, il le rappella, & luy dit, Encores veux ie dire cecy en voſtre preſence: Ie proteſte, que comme i'ay eſté baptizé, ay veſcu, ainſi veux-ie mourir ſoubs la foy & religion que Moyſe planta premièrement en Ægypte: que les Peres receurent depuis en Iudee, & qui de main en main par ſucceſſion de temps a eſté apportee en France. Il ſembla à le voir qu'il euſt parlé encores plus long temps, ſ'il euſt peu: mais il finit, priant ſon oncle & moy de prier Dieu pour luy. Car ce ſont, dit-il, les meilleurs offices que les Chreſtiens puiſſent faire les vns pour les autres. Il ſ'eſtoit en parlant deſcouuert vne eſpaule, & pria ſon oncle la recouurir, encores qu'il euſt vn vallet plus près de luy. Et puis, me regardant: Ingenui eſt, dit-il, cui multum debeas, et plurimũ velle debere. Monſieur de Belot le vint voir après midy: & il luy dit, luy preſentant ſa main: Mõſieur mon bon amy, i'eſtois icy à meſme pour payer ma debte, mais i'ay trouué vn bon crediteur qui me l'a remiſe. Vn peu après* [130r] *cõme il ſe réueilloit en ſurſaut: Bien, bien, qu'elle vienne quãd elle voudra, ie l'attends, gaillard & de pié coy. Mots qu'il rediſt deux ou trois fois en ſa maladie. Et puis, cõme on luy entreouuroit la bouche par force, pour le faire aualler: An viuere tãti eſt? dit-il, tournant ſon propos à Monſieur de Belot. Sur le ſoir il commença bien à bon eſcient à tirer aux traicts de la mort: & comme ie ſouppois, il me fit appeller, n'ayant plus que l'image & que l'ombre d'vn homme, & comme il diſoit de ſoy-meſme: Non homo, ſed ſpecies hominis: Et me dit, à toutes peines, Mon frère, mon amy, pleuſt à Dieu que ie viſſe les effects des imaginations que ie viẽs d'auoir. Apres auoir attendu quelque temps, qu'il ne parloit plus, & qu'il tiroit*

E, como o sacerdote se despedia dele, disse-lhe: "Meu pai espiritual, rogo-vos humildemente, e vós e aqueles todos os que estão sob vossa responsabilidade, orem a Deus por mim para que ele se disponha pelos muito sagrados tesouros dos desígnios de Deus a fazer que eu termine meus dias agora, que ele tenha piedade de minha alma e me perdoe meus pecados, que são infinitos, pois não é possível que criatura tão vil e baixa como eu pudesse ter executado os mandamentos de um mestre tão elevado e poderoso: ou se lhe parece que eu seja ainda necessário por aqui, e que ele queira me reservar para alguma outra hora, implorai a ele que acabe logo em mim as angústias que sofro, e que me conceda a graça de doravante guiar meus passos para seguir sua vontade e de me tornar melhor do que já fui". Nesse ponto, ele parou um pouco para respirar e, vendo que o padre se ia, ele o chamou de volta e disse: "Ainda quero dizer isso na vossa presença: eu declaro que como fui batizado e tenho vivido, assim quero morrer sob a lei e a religião que Moisés plantou primeiramente no Egito, que os Pais receberam depois na Judeia e que de mão em mão, pela sucessão de tempo, foi trazida para a França". Pareceu, em o vendo, que teria podido falar ainda mais tempo: mas terminou, pedindo ao seu tio e a mim para rezarmos a Deus por ele. "Pois estes são, disse ele, os melhores serviços que os cristãos podem prestar uns aos outros". Ele tinha, enquanto falava, descoberto um ombro e pediu ao seu tio para recobri-lo, embora tivesse um valete mais próximo dele. E então, olhando para mim, ele disse: "*Ingenui est, cui multum debeas, ei plurimum velle debere*".[45] O M. de Belot[46] veio vê-lo à tarde, e ele lhe disse, estendendo-lhe a mão: "*Monsieur*, meu bom amigo, eu estava aqui para pagar a minha dívida, mas encontrei um bom credor que me a perdoou". Um pouco mais tarde, como ele acordara em sobressalto: "Bem, bem, que ela venha quando quiser, eu a espero galhardo e de pé firme"; palavras que ele repetiu duas ou três vezes em sua doença. E então, como se lhe entreabriam a boca à força para fazê-lo engolir: "*An vivere tanti est?*",[47] ele disse, dirigindo-se ao M. de Belot. À noite, ele começa realmente a aparentar bem os traços da morte; e quando eu ceava, ele mandou me chamar, já não sendo mais senão a imagem e a sombra de um homem, e como ele próprio disse de si mesmo: "*Non homo, sed species hominis*".[48] Ele me diz, com muita dificuldade: "Meu irmão, meu amigo, agradou a Deus que eu visse os efeitos[49] das imaginações que acabo de ter". Depois de ter esperado algum tempo,

des ſouſpirs tranchants pour ſ'en efforcer, car deſlors la langue commençoit fort à luy denier ſon office. Quelles ſont elles, mon frère? luy dis-ie. Grandes, grandes, me reſpondit-il. Il ne fut iamais, ſuyuis-ie, que ie n'euſſe ceſt honneur que de communiquer à toutes celles qui vous venoient à l'entendemẽt, voulez vous pas que l'en iouiſſe encore? C'eſt mon dea, reſpondit-il: mais mon frère, ie ne puis: elles ſont admirables, infinies, & indicibles. Nous en demeuraſmes là: car il n'en pouuoit plus. De ſorte qu'vn peu au parauant il auoit voulu parler à ſa femme, & luy auoit dit d'vn viſage le plus gay qu'il le pouuoit contrefaire, qu'il auoit à luy dire vn conte. Et ſembla qu'il ſ'efforçaſt pour parler: mais la force luy defaillant, il demanda vn peu de vin pour la luy rendre. Ce fut pour-neant; car il [130v] *euanouit ſoudain, & fut long temps ſans veoir. Eſtant deſia bien voiſin de ſa mort, & oyant les pleurs de Madamoiſelle de la Boëtie, il l'appella, & luy dit ainſy: Ma ſemblance, vous vous tourmentez auant le tẽps: voulez vous pas auoir pitié de moy? Prenez courage. Certes ie porte plus la moitié de peine, pour le mal que ie vous voy ſouffrir, que pour le mien: & auec raiſon: par ce que les maux que nous ſentons en nous, ce n'eſt pas nous proprement qui les ſentons, mais certains ſens que Dieu a mis en nous: mais ce que nous ſentons pour les autres, c'eſt par certain iugement & par diſcours de raiſon que nous le ſentons. Mais ie m'en vois. Cela diſoit il, par ce que le cueur luy failloit. Or, ayant eu peur d'auoir eſtonné ſa ſemme, il ſe reprint & diſt, Ie m'en vois dormir, bon ſoir, ma Femme, allez vous en. voilà le dernier congé qu'il print d'elle. Apres qu'elle fut partie, Mon frère, me dit-il, tenez vous au près de moy, ſ'il vous plaiſt. Et puis, ou ſentant les poinctes de la mort plus preſſantes & poignantes, ou bien la force de quelque medicamẽt chaud qu'on luy auoit fait aualler, il print vne voix plus eſclatante & plus forte, & donnoit des tours dans ſon lict auec tout plein de violence: de ſorte que toute la compaignie commença à auoir quelque eſperance, par ce que iuſques lors la ſeule foibleſſe nous l'auoit fait perdre. Lors entre autres choſes il ſe print à me prier & reprier auecques vne extreme affection, de luy donner vne place: de ſorte que i'eus peur que ſon iugement fuſt esbranſlé.* [131r] *Meſmes que luy ayant bien doucemẽt remonſtré, qu'il ſe laiſſoit emporter au mal, & que ces mots n'eſtoient pas d'homme bien raſſis, il ne ſe rendit point au premier coup, & redoubla encores plus fort: Mon frère, mon frère, me refuſez-vous doncques*

visto que ele já não falava mais, esforçando-se para tanto com suspiros cortantes, pois a partir daí a língua começava realmente a negar-lhe o seu ofício: "Como são elas, meu irmão?", digo a ele. "Grandes, grandes", respondeu-me. "Nunca aconteceu", eu segui, "que eu não tivesse a honra de participar de todas aquelas que vos vieram ao entendimento, não quereis que eu ainda desfrute desse privilégio?". "Certamente é o que quero", respondeu ele, "mas, irmão, eu não consigo: elas são admiráveis, infinitas e inefáveis". Ficamos assim, pois ele não aguentava mais. De tal modo que, um pouco antes, ele quis falar com sua mulher, e lhe havia dito com a cara mais alegre que podia fingir, que tinha uma história para lhe contar. E parecia que ele se esforçava para falar: mas a força lhe faltando, pediu um pouco de vinho para a recobrar. E foi em vão, pois ele desmaiou de repente, e ficou muito tempo desacordado. Estando já bem perto da sua morte, ao ouvir o choro da *Mademoiselle* de La Boétie, chamou-a e disse-lhe assim: "Minha semelhança, vós vos atormentais antes do tempo: não tendes pena de mim? Tende coragem. É certo que mais da metade da dor que suporto é pelo mal que vos vejo sofrer do que pelo meu, e com razão, porque os males que sentimos em nós, não somos propriamente nós que os sentimos, mas por certos sentidos que Deus colocou em nós: mas o que sentimos pelos outros, é por julgamento seguro e pelo raciocínio que o sentimos.[50] Mas vou-me embora". Dizia isto porque o seu coração lhe falhava. Então, tendo medo de ter assustado sua esposa, recobrou-se e disse: "Eu me vou dormir, boa noite, minha esposa, ide-vos". Essa foi a última vez que ele se despediu dela. Depois que ela se foi, "Irmão", ele me disse, "por favor, ficai ao meu lado". E então sentindo ou as pontadas da morte mais urgentes e pungentes ou bem a força de algum remédio quente que lhe tinham feito engolir, ele tomou uma voz mais sonora e mais forte, e se revirava em sua cama com muita violência, de modo que toda a companhia começa a ter alguma esperança, porque até então somente sua fraqueza nos havia feito perdê-la. Foi quando, entre outras coisas, ele se pôs a me pedir de novo e de novo com extrema afeição para lhe dar um lugar: de modo que tive medo de que o seu julgamento estivesse abalado.[51] pesar de lhe ter muito gentilmente advertido que ele se deixava levar pelo mal, e que essas palavras não eram de um homem bem sensato, ele não se rendeu de início, e repetiu ainda mais forte: "Meu irmão, meu irmão, vós me recusais um

vne place? Iuſques à ce qu'il me contraignit de le conuaincre par raiſon, & de luy dire, que puis qu'il reſpiroit & parloit, & qu'il auoit corps, il auoit par conſequent ſon lieu. Voire, voire, me reſpondit-il lors, i'en ay, mais ce n'eſt pas celuy qu'il me faut: & puis quand tout eſt dit, ie n'ay plus d'eſtre. Dieu vous en donnera vn meilleur bien toſt, luy fis-ie. Y fuſſe-ie deſia, mon frere, me reſpondit-il, il y a trois iours que i'ahanne pour partir. Eſtant ſur ces deſtreſſes, il m'appella ſouuent pour ſ'informer ſeulement ſi i'eſtois pres de luy. En fin il ſe miſt vn peu à repoſer, qui nous confirma encores plus en noſtre bonne eſperance. De manière que ſortant de ſa chambre, ie m'en reſiouïs auecques Madamoiſelle de la Boëtie. Mais vne heure apres, ou enuiron, me nommant vne fois ou deux, & puis tirant à ſoy vn grand ſouſpir il rendit l'ame, ſur les trois heures du Mercredy matin dixhuitieſme d'Aouſt, l'an mil cinq cens ſoixante trois, apres auoir veſcu 32. ans, 9. mois, & 17. iours.

lugar?"[52] Até que ele me obrigou a convencê-lo pela razão e a dizer-lhe que, como ele respirava e falava, e tinha um corpo, ele tinha por consequência o seu lugar. "Certamente, certamente", então me respondeu ele, "eu tenho um lugar, mas não é aquele que preciso; e, pois, quando tudo está dito, não tenho mais ser". "Deus vos dará um em breve", disse-lhe eu. "Estivesse eu lá já, meu irmão", ele me respondeu, "há três dias que anseio por partir". Estando nessas aflições, ele me chamou com frequência apenas para saber se eu estava perto dele. Enfim, ele se pôs a repousar um pouco, o que nos confirmou ainda mais nossa boa expectativa. De maneira que saindo de seu quarto, regozijei-me com *Mademoiselle* de La Boétie. Mas uma hora mais ou menos depois, nomeando-me uma ou duas vezes, e depois suspirando profundamente, entregou a alma às três horas da manhã de quarta-feira, 18 de agosto, no ano de mil quinhentos e sessenta e três, depois de ter vivido trinta e dois anos, nove meses e dezessete dias…

NOTAS

1 Note-se que nessa data o pai de Montaigne (destinatário da carta) já faleceu.

2 Médoc.

3 *Mademoiselle* d'Arsac, e não d'Arsat.

4 *Monsieur* d'Arsac, e não d'Arsat.

5 Grafado com erro no original. Forma correta: ὕδωρ ἄριστον.

6 Sobre o estatuto fragmentário do texto, ver as notas introdutórias a essa carta.

7 Montaigne (como, em primeiro lugar, La Boétie) era então conselheiro no Parlamento de Bordeaux; e naquela época, *monsieur* de Montaigne. Embora primogênito, Michel de Montaigne só herdaria o título de *Monseigneur* ou *Seigneur* de Montaigne após a morte do pai, Pierre, em 1568.

8 La Boétie morreu de disenteria, e o relato montaigniano mostrará (embora com cores leves, se levarmos em conta o quadro de um homem que falece aos 32 anos evacuando sangue em meio a cólicas terríveis) também a vacuidade de toda tentativa de aproximação filosófica desse acontecimento.

9 De diversas formas, como veremos, as cartas montaignianas impressas (ou seja, públicas) subvertem seu gênero: o estilo montaigniano é transgressor e híbrido, transbordando naturalmente de quaisquer enquadramentos literários – ensaio, aforisma, carta, por exemplo, são aspectos performáticos de uma percepção da linguagem e de uma prática da língua na qual todos os discursos constituem, e devem constituir, gestos de realização e transmissão simultâneos e interdependentes. E não nos enganemos com relação ao aparente despojamento do discurso montaigniano aqui: outros já mostraram como essa carta é cuidadosamente elaborada – tanto seguindo, quanto subvertendo, modelos tradicionais (cf. por exemplo: Trinquet (1969); Blum (1988) – e como está intimamente ligada aos *Ensaios*, principalmente na sua primeira Edição Pérouse (1982).

10 Parlamento de Bordeaux.

11 Região francesa situada ao norte de Bordeaux, hoje no departamento da Gironde, na região da Nouvelle-Aquitaine.

12 François de Peyrusse d'Escars, grande senescal da Guyenne, ou seja, lugar-tenente geral do rei nessa província.

13 Hoje situada no departamento de Drôme, na região de Auvergne-Rhône-Alpes. La Boétie hospeda-se na casa de Richard de Lestonnac, cunhado de Montaigne.

14 Antigo condado que correspondia aproximadamente ao atual departamento da Dordogne, na região da Nouvelle-Aquitaine.

15 Toda a região em torno da cidade de Agen, hoje situada no departamento de Lot-et-Garonne, na região da Nouvelle-Aquitaine.

16 No sentido de ter deixado para trás os lugares onde havia peste.

17 No original "*Madamoiselle*" e não "Madame" – como seria o esperado nos pronomes de tratamento de hoje. Isso porque La Boétie não é "*chevalier*" (cf. nota no início da carta 7). Dessa mesma forma, por exemplo, era tratada a esposa de Montaigne (cf. carta 8), quando seu marido era ainda *écuyer*, antes de se tornar *chevalier de l'ordre de Saint Michel* em 1571. Sobre esse quadro social, ver Zeller (1987, p. 18). Nos *Ensaios* (I, 54, VS 311), Montaigne nota como, de forma semelhante ao que acontecia com o título "*Sire*", que se referia tanto ao rei como ao vulgo, "(*Ma*)*dame*" aplica-se tanto às mulheres nobres como às prostitutas, unindo os dois extremos da hierarquia social feminina de então (Legros, 2010, p. 713).

18 Em 1554, La Boétie esposa Marguerite de Carles, viúva do *chevalier* Jean d'Arsac, *Seigneur* d'Arsac, du Castera, de Lilhan e de Loyrac, irmã de Pierre, presidente de uma das Câmaras do Parlamento de Bordeaux (como fora seu pai), de François, prefeito da mesma cidade em 1560-1561, e de Lancelot de Carles, bispo de Reiz; mãe de Gaston e Jacquette d'Arsac, que se casará com Thomas Eyquem de Montaigne, *seigneur* de Beauregard. Cf. Cocula (1996).

19 Estienne de La Boétie. O tio de La Boétie era cura de Bouillhonnas e formou-se bacharel em direito.

20 No original, "*Cela me toucha aucunement*". O advérbio francês médio *aucunement* pode ser entendido aqui tanto por "pouco" quanto por "nenhum"; optamos pelo primeiro sentido, pois, pelo contexto, parece que Montaigne ainda não estaria muito preocupado com os sintomas de La Boétie.

21 No original, "*de ce qu'il iugeoit de son estre*". Literalmente, "do que ele julgava de seu ser". Pelo contexto, traduzimos a frase por referência ao que La Boétie entendia de seu estado de saúde.

22 No original, "*autant qu'à homme du monde*". O sentido parece ser: homem com experiência, ligado aos afazeres públicos.

23 Sobre as "ramificações familiares" e profissionais da amizade de Montaigne com La Boétie, ver, por exemplo, Desan (2014, p. 133); Hoffmann (2015), Boutcher (2017, p. 251 e seq.).

24 Diversos críticos já assinalaram o paralelismo Sócrates-Alcibíades / La Boétie-Montaigne nas cartas montaignianas, por exemplo: Starobinski (1993, p. 50) e nos *Ensaios*, por exemplo: Nakam (1991, p. 136-143).

25 É digno de nota, para que se compreenda como gêneros como o ensaio, o diálogo e o epistolar se adequam ao contexto de gestação da República das Letras renascentista, que o termo *conversation* tenha como sentido primeiro no francês médio "vida, maneira de viver, conduta", daí "estar, habitar" e então "sociedade, frequentação, comércio, relações" (Huguet, 2010, v. II, p. 526-528).

26 Se é certo que a noção contemporânea de serviço público permanece estranha aos franceses da Renascença (Zeller, 1987, p. 23), temos já presente a ideia de servir ao estado. No entanto, longe de representar alguma abstração política ou administrativa, esse se apresenta basicamente como um conluio de famílias proprietárias dos cargos públicos para as quais tal serviço significa em última instância cuidar de um bem que lhes pertence ao fomentar a prosperidade pública; e de um modo que a nossos olhos torna difícil distinguir público e privado. Mas a expressão é bem conhecida então e seu sentido já se encontra em debate. O ensaio "Do útil e do honesto" (III, 1) é útil para se compreender a concepção de Montaigne em relação à sua atividade política: veja-se, por exemplo, a passagem da qual constam duas das três vezes em que ele utiliza a expressão "*service public*" nos *Ensaios* (VS 795-796). Digno de nota, segundo D'Ancona, "*opinione pubblica*" é um neologismo em italiano, que aparece pela primeira vez em um texto de Montaigne (*Journal de voyage*, ed. D'Ancona, 1889, p. 421, nota 2).

27 No original: "*Ma semblance*". Millet (2021, p. 290) chama atenção para referências bíblicas aqui que fazem parte da liturgia católica do casamento no momento da bênção nupcial – mas tendemos a entender que seja apenas uma brincadeira de casal.

28 No original μνημόσυνον [mnemósynon]. Em tradução livre: "Isso vos será uma lembrança do teu companheiro". Segundo Frame (2003, p. 1281, nota 10), uma adaptação de Catulo.

29 Essa confirmação do catolicismo de La Boétie e, por extensão, de Montaigne, excluiria implicitamente do cristianismo – uma vez que os protestantes só aceitam o batismo e a eucaristia – todos os que não praticariam os sacramentos clássicos. Nesse caso, estaria Thomas de Beauregard, o irmão protestante de Montaigne, um dos presentes na cena.

30 No original, *ialousie*. O termo do francês médio também possui, tal como seu correspondente no francês moderno, o sentido de "ciúme" (ou inveja). Optamos por "zelo" (i.e., a conexão muito forte em relação a algo) apenas por conta do contexto, embora não descartemos por completo essa segunda hipótese – o que mudaria consideravelmente o sentido da frase.

31 Note-se como o termo "*accident(s)*" se repete ao longo da carta, deslocando o léxico em torno da morte de La Boètie em direção à representação da inconstância e precariedade da nossa existência. Nesse caso, parece se referir ao que seriam os acidentes próprios à condição humana – a ignorância e a fragilidade diante da morte, por exemplo – e não uma natureza fixa. Não obstante, ergue-se aí, diante da fortuna, a figura heroica do autor

do *Contra um*. Esse caráter ou essa virtude que não apenas se mostra pela boa ou má fortuna, mas que depende desta a ponto de com esta se confundir – como em geral querem as éticas aristocráticas – aparece em muitos outros pontos das cartas e da obra montaigniana, marcando um traço característico da filosofia moral renascentista. Sobre o tema, ver aqui, por exemplo, as cartas 7, notas 8 e 21; 9, nota 6; 12, nota 39; 62, nota 8.

32 No original, "*c'estoit la vraye prattique de noz estudes, & de la philosophie*". O termo do francês médio, que traduziríamos por "prática", na verdade não possui ainda o sentido abstrato que comumente lhe emprestamos, referindo-se muito mais à prática pontual de determinado ofício. Desse modo, tem uma nuance que permite traduzi-lo como *objeto* ou *finalidade* de uma ação; ou, no caso, *estudo* – o que equivale a dizer que a filosofia ela mesma tem por alvo a consideração e a realização da implicação entre o pensamento e a vida, sendo algo que só existe se e quando praticado. Assim, a noção aristotélica de virtude como algo que só existe na prática (bastante presente nas cartas montaignianas sobre La Boétie), estender-se-ia aqui à filosofia ela mesma. Cf. carta 6, nota 9.

33 Cf. *Le Chroniqueur du Périgord et du Limousin* (Revue historique, artistique et religieuse). De Siorac, Armand (ed.), 1854, p. 25-26.

34 "São essas [as coisas] chamadas boas pelos homens".

35 Anne Le Bigot, filha da irmã de La Boétie, Anne, com Jean Le Bigot, *seigneur* de Saint-Quentin. Como se trata de sua sobrinha, uma mulher mais jovem, esta é tratada como "*tu*".

36 No original "*d'Arsat*". Jacquette d'Arsac, filha de Marguerite de Carle (esposa de La Boétie) et Jean d'Arsac (primeiro marido de Marguerite, falecido em 1552). Casar-se-á em alguns anos com Thomas Eyquem de Beauregard (que será nomeado a seguir na carta), irmão de Montaigne, que se tornará assim *seigneur* de Beauregard, d'Arsac, de Lilhan, de Castera e de Loyrac.

37 No original "*d'Arsat*". Gaston d'Arsac.

38 No original "*avancement*". No sentido de ascensão social.

39 No original, "*de bon lieu*".

40 Distinção aristotélica entre bens interiores e exteriores que também aparece na carta 7 (ao Marechal de L'Hospital).

41 Thomas, irmão de Montaigne e seu vizinho próximo, convertido ao protestantismo. Os Montaigne, embora com origens e crenças diversas, sempre permaneceram unidos (Frame, 1956, p. 28, 35-36). É notável que, na descrição da cena, La Boétie peça que todos saiam antes de se dirigir ao irmão de seu amigo.

42 Pérouse (1982, p. 111) chama a atenção para a concordância desse trecho com relação às razões da obediência montaigniana à Igreja e às leis do Estado constantemente expressa nos *Ensaios* (por exemplo: I, 27): assim como aqui o indivíduo não pode ir contra a família, a

razão privada não pode servir de base única para a modificação de instituições públicas. E a par dessa oposição entre o individual e coletivo, mostra-se aqui também uma disjunção entre o âmbito do raciocínio e aquele das noções religiosas que permeia ambos os textos.

43 Essa proposta irenista "visionária" é talvez um indício de que a carta, ou ao menos parte dela, foi composta bem depois dos acontecimentos nela descritos – isto é, mais próximo do momento da impressão da *Obras* de La Boétie, no final de 1570 – servindo mais claramente aos projetos políticos de Montaigne.

44 Ἄριστον μὲν ὕδωρ, ὁ δὲ | χ'ρυσὸς αἰθόμενον πῦρ (O melhor é a água, de um lado; de outro, o ouro…) (Píndaro, *Ode Olímpica* I, 1). As palavras de abertura da ode, em honra a Hierão de Siracusa, tornaram-se proverbiais (Gerber, 1982, p. 3-10). Ver Romero (2015).

45 "Nobre é querer dever mais àquele a quem muito deves" (Cícero, *Epist. fam.* II, 6).

46 Jean de Belot, amigo comum de La Boétie e Montaigne. Cf. carta 2.

47 "Será possível que viver seja tão importante?" ou "viver vale tudo isso?". Máxima citada também em *Ensaios* III, 13, 1085, mas cuja fonte não foi ainda estabelecida.

48 "Não um homem, mas a imagem de um homem". Se entendida filosoficamente, a frase remeteria à escolástica: o conceito de *species hominis* aparece, por exemplo, em Tomás de Aquino (*Suma teológica*, parte I, questão 85, artigo 1), em que se discute a possibilidade da ideia ou imagem do homem ser abstraída da matéria.

49 No original, "*effets*".

50 Essa distinção entre sensação e razão, em meio a qual se instala a afecção ou sentimento como percepção investida pelo julgamento, revela um princípio de definição da consciência moral de matiz helenístico, relacionando-se com a questão da *species hominis*, além de se referir à diferença aristotélica entre alma vegetativa e intelectiva (frequentemente traduzida na tradição latina pela distinção entre *animus* e *anima*).

51 A descrição da morte de La Boétie tem um paralelo com a narrativa de quase-morte de Montaigne ao cair de seu cavalo, relatada no "*De l'exercitation*" (II, 6, 374-375): embora, segundo o texto, La Boétie ele mesmo não acreditasse que as dores diminuíssem com o abalo do choque ou doença que traz a morte, essa teria sido justamente a experiência pessoal de Montaigne quando de sua queda (cf. Demonet, 2002, p. 109). Poderíamos concluir, nesse caso, que as manifestações exteriores de alguém duramente atingido em seu corpo por algum acidente ou doença não representam mais sua consciência, sua percepção, ou a realidade interna à pessoa a respeito de seu sofrimento (Millet, 2022, p. 294); em última análise, isso demonstraria tanto a íntima conexão da alma, da consciência, ou do "*moi*", com o corpo, como sua independência através e após a morte (Blum, 1988, p. 939-943).

52 Passagem obscura, frequentemente comentada pela crítica. Millet (2022, p. 290 e seq.) sugere que seu sentido esteja intimamente ligado à afirmação do catolicismo de La Boétie.

Não obstante, o projeto editorial montaigniano da obra de La Boétie tem possivelmente relação com a demanda aqui enunciada, não apenas por tornar conhecida a virtude de seu amigo, mas por conservá-la e transmiti-la (e veja-se, por exemplo, a carta 5, na qual a tradução de Plutarco representa – por sua "*façon*" – uma continuidade com a pessoa que a produziu; ou a carta 6, em que o nome do amigo falecido é enobrecido e honrado "pelo lugar que recebe").

Carta 2 (dezembro de 1567)

Ao conselheiro Jean de Belot

Fontes

O original foi perdido. Conservado em uma cópia manuscrita do século XVIII, BnF, ms. Français 22373, p. 154-155.

Fac-símile

https://montaigne.univ-tours.fr/lettre-jean-de-belot-decembre-1567

Edições

Dreano, Mathurin. *La religion de Montaigne*. Paris: Nizet, 1937, p. 91.
LEGROS, Alain. *Montaigne manuscrit*. Paris: Classiques Garnier, p. 726-727.

Contexto

O fragmento faz parte de um grande códice de material bordelês (*Registre du Conseil de Parlement de Bourdeaux commençant le 12e Novembre Mil cinq cens soixante sept* inseridos nos *Registres secrets du Parlement de Bordeaux*, III, 1567-1568). Uma cópia desse códice, datada de 1720, foi conservada em Bordeaux (Bibliothèque Mériadeck, ms 369), mas nela faltam os registros referentes ao período que vai de 29 de agosto de 1566 a 13 de novembro de 1568 – no qual figuraria, talvez,

o original ou sua transcrição direta. Diante disso, a cópia setecentista da BnF é o único testemunho do texto atribuído a Montaigne. O material foi descoberto por Mathurin Dreano no início do século XX: inicialmente, este pensou ter em mãos um resumo da carta original, mas um dado textual (o termo jurídico "*teneur*", usado no caso de uma cópia certificada diante de um original) mostra que se trata, antes, da transcrição de parte de uma carta.

Originário da região de Agen, Jean de Belot foi *conseiller* no Parlamento de Bordeaux tornando-se após *Maître des requêtes de l'hôtel du roi*, quando deixa Bordeaux por Paris e passa a transitar no mundo das artes, dos escritores e poetas[1] Vimos na primeira carta que Belot é destinatário de um dos discursos finais de La Boétie; e este lhe dedicara também, como fizera a Montaigne, alguns de seus poemas latinos: três amigos alinhados ao partido católico, sofrendo em condições semelhantes as terríveis perdas que enfrenta a França por conta do embate entre as tropas lealistas e protestantes nas Guerras de Religião – situação que leva o autor do *Discurso da servidão voluntária* a pretender fugir para a América com seus dois companheiros. Como acontece em geral com a correspondência montaigniana, a evolução dos conflitos religiosos constitui o pano de fundo do extrato dessa carta que Montaigne escreve de seu castelo a Belot para que este avise a seus pares do Parlamento de Bordeaux da movimentação vizinha de tropas protestantes: o ensaísta já toma assim sobre si o encargo de informar o poder real, dada a localização "privilegiada" de seu castelo (*Ensaios* II, 6, 373), como continuará a fazer no futuro de forma oficial, sob a égide do marechal de Matignon. Montaigne gravitará então entre o rei católico, o rei protestante e a alta nobreza local, servindo de informante e agindo ambiguamente como negociador e agente duplo (Desan, 2014, p. 241).

TEXTO ORIGINAL DA CARTA 2[2]

[p. 154] *[...]Ce fait, apres lecture faite de Certaine missive* [p. 155] *Escrite a M^r^ Jehan de Belot conseiller par Maistre Michel de Montaigne aussi con^er^ escrivant du lieu de Montaigne contenant ſes motz dont la teneur ſ'ensuit d'autant que depuis cinq ou ſix jours* [3] *il est paſsé au dessus de Castillon une troupe de gens a cheual, jusques a uingt cinq de la part de Ceulx dorleans qui ont rallumé et racouragé en passant les Reliques qui estoient demeurées par deça de leurs trouppes de façon quil se dresse des parties pour ſ'esleuer et prendre armes ſoubz couuerture d'aler trouuer Monsieur le Prince de Nauarre quils disent descendre vers Montauban toutesfois jl*[4] *ne ſache que nul ſoit encores a cheual ny bougé Ceulx qui ont des villes voisines en Garde feront bien, sans ſ'esmouuoir ou effrayer dauoir leoills a leurs portes.*

[...]

TRADUÇÃO DA CARTA 2

[...] Isso feito, após a leitura de uma certa missiva [p. 155] escrita a M. Jean de Belot,[5] conselheiro, por *Maître* Michel de Montaigne, também conselheiro,[6] escrevendo da localidade de Montaigne, contendo suas palavras, cujo teor[7] se segue: Visto que, há cinco ou seis dias, passou, acima de Castillon,[8] uma tropa de pessoas[9] a cavalo, vinte e cinco da parte de Orléans,[10] que reacendeu e reencorajou o restante das tropas[11] que tinha permanecido aqui embaixo,[12] de modo que se armam partidos para subelevar-se e pegar em armas, sob pretexto de ir encontrar o *Monsieur le Prince de Navarra*,[13] que eles dizem descer em direção a Montauban.[14] Entretanto ele[15] não sabe se alguém já está a cavalo ou se moveu.[16] Aqueles que estão de guarda nas cidades vizinhas farão bem, sem emoção ou temor, de manter os olhos em suas portas.[17]

NOTAS

1 Por exemplo, cultivando relações de amizade (compartilhadas por La Boétie) com Baïf e Ronsard que também lhe dedicaram alguns de seus poemas. Cf. Ronsard (1857, t. IV, p. 53 e 121) ; Baïf (1883, t. II, p. 33, 71 e 435).

2 Transcrição diplomática da cópia manuscrita do século XVIII, por Legros.

3 Embora o fac-símile o registre claramente, falta o termo "*jours*" nas transcrições (diplomática e regularizada) de Legros. O termo só aparece em sua versão modernizada do texto – mas dado como sendo uma recriação do editor e não como um testemunho textual.

4 O original indica uma hesitação do copista do século XVIII entre um potencial *je* que foi imediatamente corrigido em *jl*: sem qualquer rasura, simplesmente aproveitando o "j" já escrito e alongando graficamente o que seria o "e" cursivo da sequência para transformá-lo em "l". É a interpretação dada por Legros e é a lição que seguimos: não "*je ne sache*…", e sim "*il ne sache*…". No entanto, Legros vai ainda mais longe, considerando a partir daí a rasura como uma transcrição literal, pelo copista do século XVIII, do que estava erroneamente grafado no original autógrafo – o que já se torna mais difícil de aceitar.

5 Amigo de Montaigne e de La Boétie, a Jean de Belot foram dedicados três dos poemas latinos editados nas *Obras* de La Boétie impressas pelo ensaísta em 1571.

6 Quer dizer, conselheiro do rei.

7 No original "*teneur*". Como dissemos acima, trata-se de um termo jurídico e refere-se à transcrição exata (e ademais, no caso, corrigida) de um dado texto, o que depõe em favor da autenticidade do trecho citado.

8 Atual Castillon-la-Bataille, cerca de 8 km a sudoeste do castelo de Montaigne. Castillon foi um centro importante de propagação do protestantismo francês.

9 O texto original não fala especificamente em "oficiais", mas, dado o contexto, não parece se tratar de uma tropa formada apenas por soldados (que combatiam a pé) ou outras patentes menores.

10 "*Daqueles de Orléans*": trata-se do príncipe de Condé – que quis fazer dessa cidade sua capital – e o partido protestante.

11 No original, *reliques*. Trata-se do "restante" das tropas que sobraram do exército de Duras, vencido por Montluc em 1562 no vilarejo de Vergt (cerca de 70 km a nordeste do castelo de Montaigne).

12 Quer dizer, ao sul de Castillon.

13 O "príncipe de Navarra" aqui é o futuro Henri IV, que só se tornaria "rei de Navarra" em 9 de junho 1572.

14 Montauban, capital do departamento de Tarn-et-Garonne na região da Occitanie, situada a 50 km ao norte de Toulouse.

15 Seja como for, esse "ele" parece referir-se ao próprio Henrique de Navarra, que não teria ainda, no momento da carta, a informação a respeito das tropas desorientadas do que sobrou do exército de Duras.

16 No mesmo sentido da nota anterior, esse "ninguém ainda" seriam as tropas huguenotes de apoio a Henrique de Navarra.

17 Por "portas" aqui entendam-se as portas das cidades (então guarnecidas por muralhas e portões) e não das casas individuais dos habitantes.

Carta 3 (18 de junho de 1568)

Dedicatória da *Theologie naturelle* ao senhor de Montaigne

Fontes

Não se conhece nenhuma versão manuscrita. Trata-se da dedicatória escrita por Montaigne a seu pai, datada do dia de seu falecimento (18 de junho de 1568), e que abre sua tradução da *Theologia naturalis* de Raimond Sebond, publicada concomitantemente por Michel Sonnius, Gilles Gourbin e Guillaume Chaudiere em 1569. Privilégio datado de 27 de outubro de 1568, cólofon de 30 de dezembro do mesmo ano. Segunda edição em 1581 (sem modificações no texto).

Editio princeps

LA || THEOLOGIE || NATVRELLE DE RAY- || MOND SEBON DOCTEVR EXCEL- || lent entre les modernes, en laquelle par l'ordre de || Nature, est demonstrée la verité de la Foy || Chrestienne & Catholique, traduicte || nouuellement de Latin en || François. || [brazão editorial] || A PARIS, || Chez Gilles Gourbin demeurant deuant le || college de Cambray ruë S. Iean de Latran || à l'enſeigne de l'Eſperance. || 1569. || AVEC PRIVILEGE DV ROY. || (fol. a2r)

Exemplar

Bibliothèque Municipale de Lyon (Mériadeck) 302952

Edições

MONTAIGNE, Michel de. *Œuvres complètes*. Albert Thibaudet & Maurice Rat (ed.). Paris: Gallimard, 1962. (Bibliothèque de la Pléiade)

MONTAIGNE, Michel de. *Lettres. Suivi des notes de Montaigne sur les Éphémérides de Beuther*. Mis em français moderne par Claude Pinganaud. Paris: Arléa, 2004, p. 9-10.

Contexto

Montaigne não pôde estar presente ao leito de morte de seu pai, pois estava em Paris, cuidando da publicação de sua tradução da *Theologia naturalis* de R. Sebond, cuja realização fora justamente pedida a ele (Frame, 1965, p. 13-14, 113; *Ensaios* II, 12, 440). A coincidência de datação dessa carta-dedicatória com o dia de falecimento de seu destinatário, presumivelmente é mero acidente – pois, por exemplo, o missivista deseja ao pai, segundo a fórmula que usa por vezes nas cartas, "uma vida muito longa e feliz" –, mas o fato do ensaísta ter mantido a carta como foi escrita, manifesta talvez a intenção de homenagear o "melhor pai que já houve" (*Ensaios* II, 12, 440; I, 28, 185). Montaigne não foi o primeiro a verter a *Theologia naturalis* de Sebond (13??-1436) para o francês: uma tradução anônima foi publicada em Lyon por Claude Daulphin em 1519; outra, incompleta, de Jan ou Jean Martin, com a epístola dedicatória datada de 20 de julho de 1550, fora impressa em Paris por Vascosan em 1551 (BSB) (segunda edição revista, em 1565); segundo Desan (2014, p. 286, nota), Montaigne parece não ter conhecido a primeira, mas é menos certo que ele tivesse ignorado a segunda.

[fol. a2r]

A MONSEIGNEVR, MONSEIGNEVR DE MONTAIGNE.

MONSEIGNEVR, ſuyuant la charge que vous me donnaſtes l'année paſſée chez vous à Montaigne, i'ai taillé & dreſſé de ma main à Raymõd Sebon, ce grand Theologien & Philosophe Eſpagnol, vn accouſtrement à la Françoiſe, & l'ay deueſstu, autant qu'il a eſté en moy, de ce port farrouche, & maintien Barbareſque que vous luy vîtes premierement: de maniere qu'à mon opinion, il a meshuy aſſez de façon & d'entre-gentm pour ſe preſenter en toute bonne compagnie. Il pourra bien eſtre, que les perſonnes delicates & curieuſes y remarqueront quelque traict, & ply de Gaſcongne: mais ce leur ſera d'autant plus de honte, d'auoir par leur nonchalance laiſſé prendre ſur eulx ceſt auantage, à vn homme de tout point nouueau & apprenty en telle bſesongne. Or mõſeigneur, c'eſt raiſon que ſous voſtre nom il ſe pouſſe en credit, & mette en lumiere, puis que il vous doit tout ce que il a d'amendement & de reformation. Toutefois ie voy bien que s'il vous plaiſt de conter auec luy, ce ſera vous qui luy deurez beaucoup de reste: car en change de ſes excellens & treſ-religieux diſcours, de ſes hautaines conceptions & comme diuines, il ſe trouuera que vous n'y aurez apporté de voſtre part, que des mots & du langage: marchandiſe ſi vulgaire & ſi vile, que qui plus en a, n'en vaut, à l'auanture, que moins.

Monſeigneur, ie ſupplie Dieu, qu'il vous doint treſlongue & tresheureuſe vie.

De Paris, ce l8. Iuin. 1568.
Vostre treshumble & treſobeiſſant fils,
Michel de Montaigne.

TRADUÇÃO DA CARTA 3

Monseigneur, seguindo a incumbência que me destes no ano passado em vossa casa, em Montaigne, cortei um traje ao estilo francês e vesti com minhas mãos a Raymond Sebond,[1] este grande teólogo e filósofo espanhol,[2] e o despojei, tanto quanto pude, daquele porte estranho e daquele aspecto barbaresco[3] em que vós primeiramente o vistes, de modo que, na minha opinião, ele tem doravante bastante jeito e elegância para se apresentar em qualquer boa companhia. Poderá bem acontecer que as pessoas delicadas e meticulosas aí reparem alguns traços e jeito da Gasconha,[4] mas lhes será ainda mais vergonhoso terem permitido, pela sua indiferença,[5] que um homem tão novo e aprendiz nesse afazer tomasse tal vantagem sobre elas. Ora, *Monseigneur*, é justo que sob vosso nome ele ganhe crédito e venha à luz, já que ele vos deve tudo o que tem de melhoramento e reparo.[6] No entanto, vejo bem que, se vos agradar contar com ele, sereis vós quem de resto lhe devereis muito, pois, em troca dos seus excelentes e muito religiosos discursos, das suas elevadas e como que divinas concepções, descobrir-se-á que vós não tereis trazido de vossa parte senão palavras e linguagem, mercadoria tão vulgar e tão vil que, quem tiver mais, talvez valha menos.[7]

Monseigneur, suplico a Deus que vos dê uma vida muito longa e muito feliz.

De Paris, [em] 18 de junho de 1568.
Vosso muito humilde e muito obediente filho,
Michel de Montaigne

NOTAS

1 Sobre as circunstâncias da tradução montaigniana da *Theologia naturalis, sive liber creaturarum* (1436) – posta no Index em 1559, a proibição incidindo apenas sobre o prólogo em 1564 – deve-se consultar o início da *Apologia de Raymond Sebond* (*Ensaios* II, 12); sobre as publicações (1569 e 1581) desta tradução, seu contexto e problema de datação, tanto da sua redação, como da publicação, cf. Desan (2014, p. 285-297); Blum (1990); Sebond (2022).

2 Ramon Sibiuda foi um médico, teólogo e filósofo catalão de grande influência na Europa desde o final do século XV.

3 Latim bárbaro – "[...] Espagnol baragouiné en terminaisons Latines, [...]" (*Ensaios* II, 12, 439): é um humanista quem fala. Sobre o "barbarismo" em latim, a partir do lugar-comum instituído por Erasmo, ver Gray (1991, p. 5-6). Todavia, já foi levantada a hipótese de que esse "espanhol em terminações latinas" se referisse, na verdade, a uma edição da *Teologia natural* em espanhol ou catalão, por nós ainda desconhecida, e não em latim: mas além do fato de que Montaigne pudesse apenas estar se referindo à língua natal de Ramon Sibiuda para dizer que seu latim assemelhava-se sobremaneira ao espanhol (e temos nos *Ensaios* outras duas ocorrências da mesma ideia de línguas assemelhando-se a outras por conta de suas terminações: II, 12, 546; I, 31, 213), seria muito mais coerente com os preconceitos letrados da época a qualificação da sua escrita como "barbaresca" referindo-se ao seu latim escolástico.

4 Referência à região de Montaigne, e seu idioma: o gascão, cuja definição divide os linguistas que o consideram como uma variedade da língua occitana ou como uma língua específica pertencente a esse tronco linguístico. Note-se como o missivista não se desculpa de nenhum modo por sua linguagem – que ela sim, poderia ser considerada mais estranha que o latim de Sebond –, mas ao contrário afronta os leitores com uma atitude que poderia ser comparada ao regionalismo confesso e orgulhoso, inclusive no âmbito filosófico, de diversos grandes humanistas (cf. carta 9, nota 8; carta 42, nota 7). Não devemos perder de vista, porém, as dimensões do "gasconismo" montaigniano: trata-se antes de preconizar certa atitude e modo de se portar do que de simplesmente empregar palavras ou torneados gascões (Monferrant, 2009, p. 416 e seq.; Dotoli, 2006; Lafont, 1968); o que significará de modo geral colocar em primeiro lugar, não a língua ou a expressão literária (como Montaigne vai lembrar no final dessa carta), mas a boa concepção filosófica e o viver melhor que essa possibilita – e o paradoxo desse modo de pensar é justamente reconduzir a um refinamento discursivo pela busca de uma linguagem mais natural e enérgica, capaz de animar seus conceitos para manifestar "au vif" (cf. cartas 6, 9, 12 e 14) seu desdobramento circunstancial, aplicação prática e evolução ao fio da escrita.

5 Carta 7, nota 2.

6 O termo "*réforme*" não aparece senão no século XVII, mas o sentido de "*réformation*", que em primeiro lugar se refere a reformas no sentido material de reparos (cf. Huguet, 2010), já se encontra impregnado desde antes do século XVI por sentidos religiosos e ético-políticos – por exemplo, a *réformation de la noblesse*, isto é, a caça de falsos nobres regularmente empreendida pela Coroa (Zeller, 1987, p. 12) –, sentidos que entretanto serão cada vez mais realçados pela moldura ideológica do conflito cristão francês, contexto da tradução montaigniana que essa carta anuncia. Deve-se marcar ainda que a posição de Montaigne com relação a Sebond foi objeto de reprovação da parte dos *consultores* que examinaram os *Ensaios* em Roma (Boutcher, 2017, v. 1, p. 256; p. 288, nota 97).

7 Motivo central no vasto painel da *Apologia de Raymond Sebond* e nos *Ensaios* como um todo: a pouca importância do dito em relação ao feito – tema filosófico decisivo também nas controvérsias teológicas da época; todavia, no caso dessa carta, a comparação se lança entre a criação de concepções filosóficas ou teológicas de fato relevantes e sua mera tradução em outra língua. Há quem veja aí também um sinal das mudanças que a tradução montaigniana deliberadamente trouxe à estrutura conceitual do original (Boutcher, 2017, v. 1, p. 256; 258): exemplo do esforço paradoxal de aprimoramento interativo da linguagem e da conduta (descrito na nota 4 acima), aqui o aparente desprezo pela linguagem possui também um toque de ironia com relação às concepções "divinas" de Sebond, indicando o tom humano tomado por seu tradutor.

Carta 4 (24 de novembro de 1570)

Aviso ao Leitor, das obras de La Boétie

Fontes

Não se conhece nenhuma versão manuscrita. Trata-se da advertência ao leitor publicada na primeira edição póstuma das *Obras* de Etienne La Boétie, edição custeada por Montaigne junto ao impressor-livreiro Federic Morel (cólofon datado de 24 de novembro de 1570).

Editio princeps

LA || MESNAGERIE || DE XENOPHON. || Les Regles de mariage, DE PLVTARQVE. || Lettre de consolation, || de Plutarque à sa femme. || Le tout traduict de Grec en François par feu M. ESTIENNE DE LA BOETIE || Conseiller du Roy em as court de Parlment || à Bordeaux. Ensemble quelques Vers Latins & François, de son inuention. || Item, vn Discours sur la mort dudit Seigneur || De la Boëtie, par M. de Montaigne. || A PARIS. || De l'Imprimerie de Federic Morel, rue || S. Ian de Beauuais, au Franc Meurier. || M. D. LXXI. || AVEC PRIVILEGE. || (fol. Aiij^{v})

Exemplar

BnF Z Payen 511 (frontispício com assinatura de Montaigne)

Edições

BONNEFON, Paul. *Œuvres complètes d'Estienne de la Boétie*. Bordeaux; Paris: Gounouilhou; Rouam, 1892.

Contexto

Este "Aviso ao leitor" às obras de La Boétie editadas por Montaigne e às cartas-dedicatória que as acompanham testemunham a constituição pública da obra de La Boétie em seu entrelaçamento com a construção simultânea da obra e carreira montaignianas. Assim, é bastante reveladora a escolha montaigniana pela incompletude dessa publicação, resumidas então à poesia e à tradução, em sua ligação com o problema da inclusão de algo da explosiva prosa de La Boétie no capítulo central do primeiro livro dos *Ensaios* (esse painel de grotescos em torno do amigo falecido: I, 28, 183): problemas editoriais e políticos se combinarão para mantê-lo vazio a partir da edição póstuma de Marie de Gournay (1595), por indicação do próprio Montaigne no Exemplar de Bordeaux (Huchon, 2020, p. 111-116; Cocula, 2018, p. 194-197; Boutcher, 2017, v. 1, p. 251-265; Jouanna, 2017, p. 183-192; Desan, 2001, p. 37-68, 2014, cap. III e p. 210 e seq.; Simonin, 2004, p. 433-442; Legros, 2022). Cf. cartas 9 e 11.

[fol. Aiijv]

ADVERTISSEMENT AV LECTEVR,
PAR M. DE MONTAIGNE

LECTEVR, tu me dois tout ce dont tu iouïs de feu M. Eſtienne de la Boëtie: car ie t'aduiſe que quant à luy, il n'y a riẽ icy qu'il euſt iamais eſperé de te faire voir, voire ny qu'il eſtimait digne de porter ſon nom en public. Mais moy qui ne ſuis pas ſi hault à la main, n'ayãt trouué autre choſe dans ſa Librairie, qu'il me laiſſa par ſon Teſtamẽt, encore n'ay-ie pas voulu qu'il ſe perdiſt. Et de ce peu de iugemẽt que i'ay, i'eſpere que tu trouueras, que les plus habiles hommes de noitre ſiecle font bien ſouuent feſte de moindre choſe que cela: i'entens de ceux qui l'ont prattiqué plus ieune, car noſtre accointãce ne print commencement qu'enuiron ſix ans auant ſa mort, qu'il auoit faict force autres vers Latins & François, comme ſous le nom de Gironde, & en ay ouy reciter des riches lopins. Meſme celuy qui a eſcrit les Antiquitez de Bourges en allegue, que ie recognoy: mais ie ne ſçay que tout cela eſt deuenu, non plus que ces Poëmes Grecs. Et à la verité, à meſure que chaque ſaillie luy venoit à la teſte, il ſ'en dechargeoit ſur le premier papier qui luy tomboit en main, ſans autre ſoing de le cõſerver. Aſſeure toy que i'y ay faict ce que i'ay peu, & que, depuis ſept ans que nous l'auons perdu, ie n'ay peu recouurer que ce que tu en vois: ſauſ vn Diſcours de la ſervitude volontaire, & quelques memoires de noz troubles ſur l'Edict de Ianuier, 1562. Mais quãt à ces deux dernieres pieces, ie leur trouue la façon trop delicate & mignarde pour les abandõner au großier & peſant air d'vne ſi mal plaiſante ſaiſon. A Dieu. De Paris ce dixieme d'Aouſt, 1570.

Advertência ao leitor
de M.[1] de Montaigne

LEITOR, tu me deves tudo o que desfrutas do falecido M. Estienne de la Boétie: porque eu te advirto que, quanto a ele, não há nada aqui que ele tivesse jamais esperado te fazer ver, nem mesmo que ele considerasse digno de portar seu nome em público.[2] Mas eu, que não sou tão altivo,[3] não tendo achado mais nada em sua biblioteca (que ele me deixou por seu testamento), ainda assim não quis que isso se perdesse. E, mesmo com esse pouco de julgamento[4] que tenho, creio que tu acharás que os homens mais hábeis de nosso século fazem muito frequentemente festa por coisa menor que isso: ouvi daqueles que o conheceram mais jovem, pois nossa convivência não teve início senão por volta de seis anos[5] antes de sua morte, que ele fez muitos outros versos latinos e franceses (por exemplo, sob o nome de Gironde[6]), e destes ouvi recitarem-se belos trechos.[7] Até aquele que escreveu as *Antiguidades de Bourges*[8] cita alguns que reconheço: mas não sei o que teria sucedido disso tudo, não mais do que esses poemas gregos. Pois, na verdade, à medida que cada rompante[9] lhe vinha à cabeça, ele o descarregava no primeiro pedaço de papel que lhe caia em mãos, sem outro cuidado de o conservar. Assegura-te que fiz o que pude, e que, passados sete anos que o perdemos, não pude recuperar senão isto que tu vês aqui, salvo um *Discurso da servidão voluntária*, e algumas *Memórias de nossos tumultos por causa do Édito de janeiro de 1562*. Mas quanto a essas duas últimas peças, acho seu estilo demasiado delicado e gentil para abandoná-las ao ar grosseiro e pesado de uma época tão desagradável.[10] Adeus. De Paris, em 10 de agosto de 1570.

NOTAS

1 Abreviação de "*Monsieur*", no original.

2 Isto é, de ser publicado em seu nome.

3 No original, "*fi hault à la main*", poderia ser traduzido também por "orgulhoso".

4 Termo importante na filosofia moral ou psicologia montaigniana utilizado aqui na forma mais geral de "capacidade de avaliação" (cf. carta 1, notas 50 e 51).

5 Na primeira edição dos *Ensaios*, o ensaio "Da amizade" (I, 29, 193) trazia a informação de "*quatre ou cinq années*", mas "*ou cinq*" foi cortado no Exemplar de Bordeaux, restando então a conta de quatro anos para a duração da relação entre os dois amigos.

6 No original, "*sous le nom de Gironde*". A Gironde é a região onde ficava Bordeaux. Difícil dizer se, nesse caso, seria um pseudônimo usado por La Boétie ou o tema desses poemas.

7 No original "*riches lopins*".

8 Provavelmente Jean Chaumeau que, em sua *Histoire de Berry* (Lyon, 1566), cita versos de La Boétie: (Jouanna, 2017, p. 184, nota 2; Frame, 2003, p. 1395, nota 27).

9 No original, "*saillie*". O sentido é o de que algo sai ou jorra.

10 O juízo de Montaigne revelou-se prudente: a paz de Saint-Germain fora assinada exatamente na antevéspera da data desse texto, mas logo após o *Discurso da servidão voluntária* seria utilizado como arma no conflito que cada vez mais se agravará entre católicos e protestantes (Boutcher, 2017, v. 1, p. 254). Com relação às *Memórias*, estas foram reencontradas por P. Bonnefon ("Une œuvre inconnue de La Boétie: les 'Mémoires sur l'Édit de janvier 1562'", 1917), mas a contradição com a posição libertária do *Discurso*, além de outros detalhes, tem suscitado muitas controvérsias desde então sobre sua autoria e interpretação (cf. Nakam, 1985, p. 62-66; Jouanna, 2017, p. 185-186; Desan, 2014, p. 142-150).

Carta 5 (1570)

Ao Senhor de Lansac

Fontes

Não se conhece nenhuma versão manuscrita. Trata-se da carta-dedicatória (p. 2r-3r) que precede *La mesnagerie de Xenophon*, traduzida do grego por Etienne de La Boétie e publicada na primeira edição póstuma das suas *Obras* (edição custeada Montaigne) pelo impressor-livreiro Federic Morel (com o cólofon datado de 24 de novembro de 1570).

Editio princeps

LA || MESNAGERIE || DE XENOPHON. || Les Regles de mariage, DE PLVTARQVE. || Lettre de consolation, || de Plutarque à sa femme. || Le tout traduict de Grec en François par feu M. ESTIENNE DE LA BOETIE || Conseiller du Roy em as court de Parlment || à Bordeaux. Ensemble quelques Vers Latins & François, de son inuention. || Item, vn Discours sur la mort dudit Seigneur || De la Boëtie, par M. de Montaigne. || A PARIS. || De l'Imprimerie de Federic Morel, rue || S. Ian de Beauuais, au Franc Meurier. || M. D. LXXI. || AVEC PRIVILEGE. || (p. 2r-3r)

Exemplar

BnF Z Payen 511 (frontispício com assinatura de Montaigne)

Edições

BONNEFON, Paul. *Œuvres complètes d'Estienne de la Boétie*. Bordeaux; Paris: Gounouilhou; Rouam, 1892.

MONTAIGNE, Michel de. *Œuvres complètes*. Albert Thibaudet & Maurice Rat (ed.). Paris: Gallimard, 1962, p. 1361-1362. (Bibliothèque de la Pléiade)

MONTAIGNE, Michel de. *Lettres. Suivi des notes de Montaigne sur les Éphémérides de Beuther*. Mis em français moderne par Claude Pinganaud. Paris: Arléa, 2004, p. 35-37.

MONTAIGNE, Michel de. *The Complete Works. Essays, Travel Journal, Letters*. Translated by Donald M. Frame with an Introduction by Stuart Hampshire. New York & Toronto: Alfred A. Knopf, 2003, p. 1295-1296.

Contexto

Esta carta figura no início do primeiro volume das obras de La Boétie, seguida do "Avertissement au lecteur" no qual Montaigne apresenta a edição. Lansac pode ser considerado o destinatário mais importante dentre aqueles altos personagens do Estado aos quais as obras de La Boétie são dedicadas (Desan, 2014, p. 216): militar e diplomata, frequentemente então empregado na intermediação das relações exteriores francesas – tendo sido, por exemplo, embaixador em Roma e no concílio de Trento –, assim como mediador nos negócios interiores – o que o fez presente amiúde em Bordeaux (de onde foi prefeito antes de Montaigne: *Ensaios* III, 10, 1005), permitindo-lhe conhecer e interagir pessoalmente em projetos políticos comuns com este e La Boétie, cuja posição ideológica e política era similar a sua (e a missiva marca a estima de Lansac pelo finado autor da obra que lhe era dedicada). Além de visar o cultivo das relações clientelares que ligam essas famílias desde gerações, a carta parece buscar em seu destinatário o modelo do tipo de diplomacia e de embaixador que agradam ao ensaísta, o qual provavelmente gostaria de ocupar função semelhante no estado francês: e essa aspiração pessoal em direção ao serviço público parece dominar as cartas-dedicatória que encabeçam a edição montaigniana das obras de La Boétie

(Legros, 2006; Desan, 2014, p. 211-219). O perfil, porém, das personalidades e carreiras não se destaca apenas pelas qualidades que corresponderiam a um pragmatismo carreirista por parte de Montaigne, sendo os traços comuns aos dedicatários principalmente uma posição política conciliadora (naquele momento bastante perigosa: Lansac, por exemplo, escondeu fugitivos em sua casa durante a Saint-Barthélemy) e seu refinamento cultural – o que faz supor uma aspiração literária por parte do missivista pelo menos tão importante quanto seus projetos políticos (Jouanna, 2017, p. 182-189), pois a estes ligada (como acontece amiúde no Renascimento): a tradução de Raymond Sebond vem à luz em 1569, em 1570 abandona sua carreira de parlamentar e, em 1571, publica sua edição das obras de La Boétie, empenhando-se a seguir na redação dos *Ensaios*.

[2r-3v]

A MONSIEVR, MONSIEVR
DE LANSAC CHEVALIER DE
l'ordre du Roy, Conſeilleir de ſon Conſeil privé,
Surintendant de ſes finances, & Capitaine de cent Gentils-hommes de sa Maiſon.

Monſieur, ie vous enuoye la Meſnagerie de Xenophon miſe en Frãçois par feu Monſieur de la Boëtie: preſent qui m'a ſemblé vous eſtre propre, tant pour eſtre party premieremẽt, comme vous ſçauez, de la main d'vn Gentilhõme de merque, treſgrand homme de guerre & de paix, que pour auoir prins ſa ſeconde façon de ce perſonnage que ie ſçay auoir eſté aymé & eſtimé de vous pendant ſa vie. Cela vous ſeruira touſiours d'eſguillon à con[2v]*tinuer enuers ſon nom & ſa memoire voſtre bonne opinion & volonté. Et hardiement, Monſieur, ne craignez pas de les accroiſtre de quelque choſe: car ne l'ayant gouſté que par les teſmoignages publics qu'il auoit dõné de ſoy, c'eſt à moy à vous reſpondre, qu'il auoit tant de degrez de ſuffiſance au dela, que vous eſtes biẽ loing de l'auoir cogneu tout entier. Il m'a faict ceſt honneur viuant, que ie mets au cõpte de la meilleure fortune des miennes, de dreſſer auec moy vne couſture d'amitié ſi eſtroicte & ſi ioincte, qu'il n'y a eu biais, mouuement ny reſſort en ſon ame, que ie n'aye peu conſiderer et iuger, au moins ſi m a veuë n'a quelquefois tiré court. Or ſans mentir, il eſtoit, à tout prẽdre, ſi pres du miracle, que pour, me iettant hors des barrieres de la vray'-ſemblance, ne me faire meſcroire du tout, il eſt force, parlant de luy, que ie me reſerre & reſtraigne au deſſoubs de ce que i'en ſçais. Et pour ce coup, Monſieur, ie me contenteray ſeulement de vous ſupplier, pour l'honneur & reuerence que vous deuez à la verité, de teſmoigner & croire, que noſtre Guyenne n'a eu garde de veoir rien pareil à luy* [3r] *parmy*

TRADUÇÃO DA CARTA 5

A Monsieur
Monsieur de Lansac[1]
Cavaleiro da ordem do rei, conselheiro em seu conselho privado
Superintendente de suas finanças e capitão de cem fidalgos de sua casa

Monsieur, envio-vos o *Econômico* de Xenofonte,[2] traduzido em francês pelo falecido *monsieur* de La Boétie: presente que me pareceu vos ser apropriado, tanto por ter primeiramente partido, como sabeis, da mão de um fidalgo de marca,[3] eminente homem de guerra e de paz, quanto por ter tomado sua segunda forma desse personagem,[4] que sei ter sido amado e estimado por vós durante sua vida. Isso sempre vos servirá como estímulo para continuar com relação a seu nome e sua memória vossa boa opinião e boa vontade. E, *monsieur*, não temais ousadamente lhes acrescentar algo; porque, vós não o tendo provado senão pelos testemunhos públicos que ele deu de si, cabe a mim vos assegurar que ele tinha tantos graus de capacidade além dessas, que estais bem longe de o terdes conhecido inteiramente. Ele me deu essa honra, vivo, que ponho na conta das minhas melhores fortunas, de estabelecer comigo uma ligação[5] de amizade tão estreita e tão unida, que não houve viés, movimento ou recurso em sua alma que eu não tenha podido considerar e julgar, ao menos se minha vista não me faltou alguma vez. Ora, sem mentir, ele estava, tudo considerado, tão perto do milagre, que sou forçado – para não me fazer completamente desacreditado por me lançar além dos limites da verossimilhança falando dele – que eu me contenha e restrinja aquém do que sei. E ao fazê-lo, *Monsieur*, eu me contentarei somente de vos rogar, pela honra e reverência que deveis à verdade, de testemunhar e crer que nossa Guyenne[6] não se deu conta de nada ter visto comparável a ele entre os homens

les hommes de ſa robbe. Soubs l'eſperance donc que vous luy rendrez cela qui luy eſt treſiuſtement deu, & pour le refreſchir en voſtre memoire, ie vous dõne ce liure: qui tout d'vn train auſſi vous reſpondra, de ma part, que ſans l'expreſſe deffenſe que m'en fait mon inſuffiſance, ie vous preſenterois autant volontiers quelque choſe du mien, en recognoiſſance des obligations que ie vous doy, & de l'ancienne faueur & amitié que vous auez portée à ceux de noſtre maiſon. Mais Mõnſieur, à faute de meilleure monnoye, ie vous offre en payement vne treſaſſeuree volonté de vous faire humble ſeruice.

Mõſieur ie ſupplie Dieu qu'il vous maintienne en ſa garde.

Voſtre obeïſſant ſeruiteur
Michel de Montaigne.

de seu ofício.[7] Na esperança então que vós lhe concedereis o que lhe é muito justamente devido, e para o refrescar em vossa memória, oferto-vos este livro; o qual, ao mesmo tempo, também vos diz, de minha parte, que, sem a proibição expressa que minha incapacidade me faz, de bom grado vos apresentaria algo de meu, em reconhecimento das obrigações que vos devo, e do antigo favor e amizade que dedicastes àqueles de nossa casa. Mas, *Monsieur*, na falta de melhor moeda, ofereço-lhe em pagamento uma vontade muito firme de vos prestar humildemente serviço.

Monsieur, suplico a Deus que ele vos mantenha em sua guarda.

Vosso obediente servidor,
Michel de Montaigne

NOTAS

1 Louis de Lusignan de Saint-Gelais, *seigneur* de Lansac et de Pressy, *baron* de La Mothe Saint Eraye, foi nomeado em maio de 1568 conselheiro de estado por Charles IX, ou mais provavelmente pela rainha-mãe Catarina de Médicis, de quem era cavaleiro de honra e favorito, além de agente de confiança (Bonnefon, 1892, p. 338, nota 63). Interessante notar que, mesmo sendo um católico inflexível e próximo aos chefes da Liga, a postura moderada de Lansac – alinhada ao programa político de cunho pacificador inaugurado por Charles IX e mantido por Henri III (renovando a diplomacia francesa e permitindo ao rei assegurar um maior sigilo e controle sobre suas relações internacionais com decisões e ações mais *ad hoc*) – valeu-lhe acusações de conluio com os huguenotes (Desan, 2014, p. 217, 324, 447).

2 Discípulo de Sócrates, foi militar (como lembra Montaigne logo abaixo) e autor de diversos livros versando sobre os mais diferentes temas, da filosofia socrática à crônica de seu tempo, passando por tratados práticos como este, o qual versa sobre a condução dos negócios domésticos em geral. Sobre a tradução de La Boétie, ver O'Brien (2004).

3 Referindo-se a Xenofonte.

4 Nesse caso, a segunda forma seria a tradução de La Boétie. Note-se a continuidade da obra com a pessoa que a produziu – no caso, seu tradutor –, *partis-pris* característico da literatura da época que pode ser observado no conjunto dessas cartas-dedicatória; cf. também carta 1, nota 52. Que se note também como a obra é percebida como algo que se transforma no tempo, possuindo uma vida própria, embora sempre em conexão com as redes de autores-leitores que a recebem e/ou transmitem.

5 No original, "*cousture*".

6 A Guyenne era uma das maiores províncias da França, situada em seu Sudoeste e tendo Bordeaux por capital. Seu nome data do século XIII, vindo a substituir a antiga denominação "Aquitaine" (Aquitânia), e seus limites flutuaram ao longo da história. Geralmente associada à Gasconha, ambas partilhavam o mesmo governo até a Revolução Francesa. A correspondência de Montaigne testemunha seu "nacionalismo regionalista" com relação à Guyenne, região cujo destino situou no centro geográfico dos conflitos religiosos da época (como os *Ensaios* amiúde nos lembram).

7 No original "*parmy les hommes de sa robbe*", refere-se a um grupo, partido ou ofício, e no caso, aos *robins* – como Montaigne e La Boétie – ou seja, à "nobreza de robe", togada ("robe longue"), pertencente às carreiras jurídicas ou da administração do Estado (e geralmente graças a estas tendo ascendido à condição nobiliárquica).

Carta 6 (30 de abril de 1570)

Ao Senhor de Mesmes

Fontes

Não se conhece nenhuma versão manuscrita. Trata-se da carta-dedicatória que aparece antes das *Regles de mariage*, de Plutarco, traduzidas por Etienne de La Boétie e publicadas na primeira edição das suas *Obras* (edição custeada por Montaigne) pelo impressor-livreiro Federic Morel (com o "*achévé d'imprimer*" datado de 24 de novembro de 1570).

Editio princeps

LA || MESNAGERIE || DE XENOPHON. || Les Regles de mariage, DE PLVTARQVE. || Lettre de consolation, || de Plutarque à sa femme. || Le tout traduict de Grec en François par feu M. ESTIENNE DE LA BOETIE || Conseiller du Roy em as court de Parlment || à Bordeaux. Ensemble quelques Vers Latins & François, de son inuention. || Item, vn Discours sur la mort dudit Seigneur || De la Boëtie, par M. de Montaigne. || A PARIS. || De l'Imprimerie de Federic Morel, rue || S. Ian de Beauuais, au Franc Meurier. || M. D. LXXI. || AVEC PRIVILEGE. || (pp. 71r-72v)

Exemplar

BnF Z Payen 511 (frontispício com assinatura de Montaigne)

Edições

BONNEFON, Paul. *Œuvres complètes d'Estienne de la Boétie*. Bordeaux; Paris: Gounouilhou; Rouam, 1892.

Contexto

Além de ter sido um jurista, embaixador e negociador renomado, cujos serviços foram de grande valia à coroa francesa, Henri de Mesmes fez parte do grupo extremamente restrito que tinha sob sua responsabilidade as finanças reais (Desan, 2014, p. 219). Na ocasião em que essa carta lhe é endereçada, este participa das negociações que reultarão no tratado de paz de Saint-Germain-en-Laye, terminando a terceira guerra de religião na França. Pertencia à geração de Montaigne, a quem conheceu pessoalmente e com o qual entreteve relações profissionais estreitas durante um curto período, logo após a morte de La Boétie – que foi então provavelmente tema de conversa entre os dois homens, uma vez que Mesmes possuia algumas de suas obras e chegou mesmo a esboçar uma refutação do *Discurso da servidão voluntária* em notas ao seu manuscrito do texto (Henri de Mesmes, 1993) – o mais confiável que temos hoje desta obra (Boutcher, 2017, v. 1, p. 252; Alquinst, 2004). Mantidas as distâncias, sua carreira possuiu diversos pontos em comum com a montaigniana: além do desempenho da magistratura, era um moderado e, em geral, um conciliador; e tendo recebido também uma educação humanista, foi igualmente crítico da proverbial ignorância da nobreza francesa da época. Contrariando o desprezo das letras que marcava sua classe como uma espécie de preconceito identitário, mostrou-se protetor e amigo do saber e dos eruditos (com diversos conhecimentos entre estes em comum com o ensaísta), e foi ele mesmo autor memorialista. Por exemplo, Henri Estienne dedicou, em 1562, sua tradução latina das *Hipotiposes pirrônicas*, de Sexto Empírico, a Mesmes, o qual também colaborou ativamente com Lambin em seu trabalho sobre Cícero (que lhe foi igualmente dedicado em 1564, exaltando seu apoio, não financeiro, mas através do empréstimo dos livros de sua riquíssima biblioteca). Como se percebe com relação a outras de suas cartas-dedicatória às obras de seu

finado amigo, também esse destinatário poderia bem ter servido de modelo às aspirações de Montaigne – tanto por sua formação e conduta pessoal, como por suas funções no estado francês –, sendo esta missiva, como outras dentre este grupo de cartas-dedicatória, concluída por uma oferta de serviço que não é apenas formal.

[71r]

A MONSIEVR MONSIEVR DE MESMES, SEIGNEVR DE ROISſy & de Mal-aſſize, Conſeiller du Roy en ſon priué Conſeil.

MONSIEVR, c'eſt vne des plus notables folies que les hommes facent, d'employer la force de leur entendement à ruiner & chocquer les opinions commvnes & receues, qui nous portent de la ſatisfaction & du contentement. Car là où tout ce qui eſt ſoubs le ciel, employe les moyens & les outils que nature luy a mis en main (comme de vray c'en eſt l'vſage) pour l'agencement & commodité de ſon eſtre: ceulx icy pour ſembler d'vn eſprit plus gaillard, & plus eſueillé, qui ne reçoit & qui ne loge rien que mille fois touché & balancé au plus ſubtil de la raiſon, vont eſbranlant leurs ames d'vne aßiette paiſible [71v] *& repoſee, pour apres vne longue queſte la remplir en ſomme de doute, d'inquietude, & de fieure. Ce n'eſt pas ſans raiſon que l'enfance & la ſimplicité ont eſté tant recommandees par la verité meſmes. De ma part, i'ayme mieulx eſtre plus à mon aiſe, & moins habile: plus content, & moins entẽdu. Voila pourquoy Mõſieur, quoy que des fines gens ſe mocquẽt du ſoing que nous auons de ce qui ſe paſſera icy apres nous, comme noſtre ame logee ailleurs, n'ayant plus à ſe reſentir des choſes de ça bas: i'eſtime toutefois que ce ſoit vne grande conſolation à la foibleſſe & brieueté de ceſte vie, de croire qu'elle ſe puiſſe fermir & alõger par la reputation & par la renommee: & embraſſe treſ-volõtiers vne ſi plaiſante & fauorable opinion engendree originellement en nous, ſans m'enquerir curieuſemẽt ny commẽt ny pourquoy. De maniere que ayant aymé, plus que toute autre choſe feu Monſieur de la Boetie, le plus grand homme à mon aduis, de noſtre ſiecle, ie penſerois lourdement faillir à mon deuoir, ſi à mon eſcient ie laiſſois eſuanouir & perdre vn ſi riche nom que le ſien, & vne memoire ſi digne de recommandation, & ſi ie*

[71r]

A Monsieur, Monsieur de Mesmes[1] *Seigneur* de Roissy
e de Mal-Assize, Conselheiro do rei em seu conselho privado.

Monsieur, é uma das loucuras mais notáveis que os homens fazem, empregar a força de seu entendimento para arruinar e chocar as opiniões comuns e aceitas que nos trazem satisfação e contentamento. Pois, lá onde tudo o que está sob o céu emprega os meios e os instrumentos que a natureza lhes colocou em mãos (como, de fato, é o uso) para a boa disposição e conveniência do seu ser, esses aqui, para parecer ter um espírito mais galhardo e alerta, que não recebe e não acolhe nada senão mil vezes tocado e pesado pelo raciocínio mais sutil,[2] vão abalando suas almas de uma posição tranquila e sossegada, para, após uma longa busca, preenchê-la, enfim, com dúvida, inquietude e febre.[3] Não é sem razão que a infância e a simplicidade foram tão recomendadas pela verdade mesma.[4] Da minha parte, prefiro ser mais a meu gosto, e menos hábil; mais contente, e menos entendido. Aí está porque, *Monsieur*, apesar das pessoas finas caçoarem do cuidado que temos com o que se passará aqui depois de nós – pois nossa alma, residindo alhures, não tem mais que se ressentir das coisas daqui de baixo –, estimo, porém, que seja uma grande consolação para a fragilidade e brevidade desta vida, acreditar que ela pode se firmar e alongar pela reputação e renome;[5] e abraço de muito bom grado uma opinião tão agradável e digna de ser favorecida, engendrada originalmente em nós,[6] sem me interrogar meticulosamente, nem como, nem por quê. De tal maneira que, tendo amado, mais do que tudo, o falecido *Monsieur* de La Boétie – o maior homem do nosso século, a meu ver –, eu pensaria falhar enormemente ao meu dever, se, sabendo disso, eu deixasse desaparecer e se perder um nome tão rico como o dele, e uma memória tão digna de recomendação; e se,

ne m'eſſayois par ces parties la, de le reſuſciter & remettre en vie. Ie crois qu'il le ſent aucunemẽt, & que ces miens of [72r] *fices le touchent & reſiouiſſent. De vray il ſe loge encores chez moy ſi entier & ſi vif, que ie ne le puis croire ny ſi lourdement enterré, ny ſi entierement eſloigné de noſtre commerce. Or, Monſieur, parce que chaque nouuelle cognoißãce que ie donne de luy & de ſon nom, c'eſt autãt de multiplication de ce ſien ſecond viure, & d'aduantage que ſon nom ſ'enoblit & ſ'honnore du lieu qui le reçoit, c'eſt à moy à faire non ſeulemẽt de l'eſpandre le plus qu'il me ſera poßible, mais encore de le donner en garde à perſonnes d'hõneur & de vertu: parmy leſquelles vous tenez tel ranc que pour vous dõner occaſion de recueillir ce nouuel hoſte, & de luy faire bonne chere, i'ay eſté d'aduis de vous preſenter ce petit ouurage, non pour le ſervice que vous en puißiez tirer, ſçachant bien que, à pratiquer Plutarque & ſes compaignons, vous n'auez que faire de truchement: mais il eſt poßible que Madame de Roißy y voyant l'ordre de ſon meſnage & de voſtre bon accord repreſenté au vif, ſera treſaiſe de ſentir la bonté de ſon inclination naturelle auoir non ſeulement attaint, mais ſurmonté, ce que les plus ſages Philoſophes ont peu imaginer du deuoir & des loix du Mariage. Et en toute façon, ce me ſera touſiours hõneur de pouuoir faire choſe qui reuienne à plai*[72v]*ſir à vous ou aux voſtres, pour l'obligation que i'ay de vous faire ſervice.*

Monſieur ie ſupplie Dieu, qu'il vous doint treſheureuſe & longue vie. De Montaigne, ce 30. Auril 1570.

Voſtre humble Serviteur,

Michel de Montaigne.

por esses motivos, eu não tentasse ressuscitá-lo e trazê-lo de volta à vida.[7] Acredito que ele o sente de alguma forma, e que esses meus serviços o tocam e regozijam.[8] Na verdade, ele se hospeda ainda em minha casa tão inteiro e tão vivo,[9] que não o posso acreditar, nem tão pesadamente enterrado, nem tão inteiramente apartado de nossa sociedade.[10] Ora, *Monsieur*, porque cada novo conhecimento que dou dele e de seu nome é também uma multiplicação desse seu segundo viver, e quanto mais seu nome se enobrece e se honra pelo lugar[11] que recebe, cabe a mim, não só o difundir o mais que me for possível, mas também o dar em guarda a pessoas de honra e virtude, entre as quais vós tendes tal posição, que, para vos dar uma oportunidade de acolher esse novo hóspede, e de recebê-lo bem, achei melhor vos apresentar esta pequena obra, não pelo serviço que pudésseis dela obter, sabendo bem que, para praticar Plutarco[12] e seus companheiros, vós não precisais de intérprete; mas é possível que *Madame* de Roissy,[13] vendo aí a ordem de sua casa e de vosso bom acordo representado vivamente,[14] ficará muito contente ao perceber ter a bondade de sua inclinação natural não apenas alcançado, mas superado o que os mais sábios filósofos puderam imaginar sobre o dever e as leis do casamento.[15] E, de qualquer forma, sempre me será uma honra poder fazer algo que resulte em prazer para vós ou aos vossos, pela obrigação que tenho de vos servir.

Monsieur, eu suplico a Deus para que vos conceda uma vida muito feliz e longa. De Montaigne, em 30 de abril de 1570.

Vosso humilde servidor,

Michel de Montaigne

NOTAS

1 Henri de Mesmes, conselheiro de Estado, chanceler do reino de Navarra, *Seigneur* de Roissy (= Boissy) e de Malassize, desempenhou um papel administrativo e político relevante sob Henri II, Charles IX e Henri III.

2 No original, "*touché & balancé au plus subtil de la raison*".

3 No estudo das relações entre costumes, natureza e razão, encontramos um dos motivos mais importantes da filosofia moral montaigniana e que serve de linha filosófica básica para o desenvolvimento desta carta. Nessa acusação da dúvida – nesse caso descabida, ainda se filosofar fosse duvidar (*Ensaios* II, 3, 350) – surpreendemos um dos aspectos da complexa convivência de naturalismos e ceticismos na filosofia montaigniana.

4 Referência aos Evangelhos (provavelmente Paulo) ou à própria figura do Cristo. Nesta carta se esboça o confronto entre fé e ciência tão importante na "Apologia de Raimond Sebond".

5 Note-se aqui explícito o objetivo prático montaigniano com suas cartas-dedicatória às obras de seu finado amigo endereçadas a grandes personagens da época – objetivo que toca também aos seus projetos pessoais, os quais se estendem à sua família e amigos, e aos *Ensaios* eles mesmos. Tais objetivos estão, em si, em contradição com o espírito de simplicidade e resignação cristãos manifestado acima, assim como a recomendação primeira de *sequere naturam* entra em choque com o esmero retórico na redação da carta (Magnien, 2019, p. 39): paradoxos bastante produtivos certamente, mas que não devem passar despercebidos.

6 Embora a recusa ou, pelo menos, a falta da sustentação de ideias inatas à razão humana constitua para muitos intérpretes uma das noções centrais da filosofia ensaística, lemos aqui sua aparente afirmação, mesmo se provavelmente apenas com o intuito de estabelecer com o interlocutor um solo comum de verdades tradicionalmente admitidas (cuja aceitação vimos recomendada, pelo menos em parte, no início da missiva). Cf. *Ensaios* II, 16 ("Da glória") e 17 ("Da presunção").

7 O uso do verbo "*essayer*" aqui aponta para o fato de que a morte do amigo e a tentativa de conservar sua memória constituem algumas das motivações maiores de Montaigne para escrever os *Ensaios*.

8 Assim como com relação a sua crença religiosa, vivas controvérsias acerca da posição de Montaigne sobre a imortalidade da alma sempre foram correntes entre seus leitores. Aqui a impressão é de afirmação da sobrevivência de algo após a morte, mas lembremos: 1. a carta desde o início explicita sua anuência às crenças comuns (embora aparentemente

apenas *ad hoc*); 2. Montaigne pode estar falando de alguma presença imanente exercendo efeitos sobre coisas e pessoas e mantendo assim algum poder ativo, pois "[…] a natureza nos faz ver que muitas coisas mortas mantêm ainda relações ocultas com a vida" (*Ensaios* I, 3, 21); 3. o próprio Aristóteles na *Ética a Nicômaco* (I, 10, 1100a19 e seq.) considera (de um ponto de vista absolutamente exterior a qualquer visão religiosa) a questão de se o bem e o mal neste mundo ainda podem afetar a felicidade de um homem mesmo depois de sua morte.

9 A biblioteca de La Boétie foi herdada por Montaigne. Cf. carta 1.

10 No original, "*commerce*", literalmente, *comércio*, mas o sentido é mais amplo e remete à noção de *commerce* tão importante nos *Ensaios* (cf. Boutcher, 2017, v. 1, p. 91 e seq.; Desan, 1992): todo o parágrafo mostra como pessoas, sociedades e obras reconstituem então continuamente umas às outras em uma teia complexa de inter-relações tramada em diversos níveis interdependentes de performance e materialidade. Por exemplo, o termo *cognoissance*, empregado com o sentido de conhecimento entre pessoas, poderia ser traduzido por reconhecimento e se relaciona com a ideia do "lugar" honroso recebido por La Boétie – e por ele mesmo reclamado, e mais ainda se nos lembrarmos da primeira carta, em que já é principalmente do renome do amigo que se trata. Esse comércio ou comunicação que se mantém, para além do tempo de vida de cada um, entre os nomes e as pessoas, as palavras e ações, é evidentemente também um aspecto importante do que foi afirmado anteriormente, nessa e em outras cartas, acerca de tocar ainda ao amigo falecido algo daquilo que Montaigne faz a respeito de seu nome.

11 Cf. carta 1, quando La Boétie, moribundo, pede a Montaigne "um lugar".

12 Note-se o verbo "*practiquer*": não se trata apenas de ler ou estudar, mas de praticar – algo de decisivo, não só para as concepções filosóficas renascentistas, mas para a maneira como os textos são então em geral concebidos como formas de agenciamento, a ponto de dependerem da percepção de relações implícitas e explícitas entre grupos e pessoas para adquirirem seu significado integral: tais redes lhes são como que constituintes, pois participantes da construção de seus sentidos. "Montaigne has modelled the *Essais* closely on Plutarch's works, especially the *Opuscules* (as – it is implicitly understood – translated by Amyot). Amyot's Plutarch was the primary model of discourse for the *rhétorique des citations* that, thanks to the erudite class of parliamentary magistrates, prevailed in French oratory and oratorical literature between 1570 and 1630" (Boutcher, 2017, v. 1, p. 95). Assim Plutarco é um filósofo preocupado com a prática vital, mas Montaigne faz do texto, não só em sua superfície, mas em sua constituição, o cenário dessa prática (cf. carta 1, nota 32). Para ler os *Ensaios*, devemos ter isso sempre em conta – ou desde a advertência sobre sua destinação aos leitores amigos e familiares que os abrem (carta 14).

13 Jeanne Hennequin, filha de Oudart Hennequin, *seigneur* de Boinville (cf. Magnien-Simonin, 2002).

14 Os *Ensaios* também são um autorretrato tirado "*au vif*" (cf. *Ensaios* II, 8, VS 386 e novamente o *Prefácio ao leitor* – carta 14 da nossa antologia), mas a tradução moderna "ao natural" (isto é, tirado de um modelo vivo) preclude significativas nuances expressivas vizinhas aí também presentes (cf. Hoffman, 2000; Boutcher, 2017, v. 1, p. 105): basta notar que "ao natural" seria insuficiente para traduzir a passagem em questão no que se refere à excelência da representação de Plutarco do casamento – a qual, segundo Montaigne, será vivamente sentida pela esposa do destinatário, por conta de sua experiência pessoal de um matrimônio ainda mais excelente. Assim, além da noção de retratar segundo um modelo vivo, temos aí sublinhado o vigor ou a vivacidade da representação; e, mais importante, reúnem-se esses dois sentidos na ideia de dar vida ao que se representa (cf. Rees, 2009, p. 97 e seq.; cf. cartas: 14, nota 16; 9, nota 5; 12, nota 29).

15 Ponto fundamental da filosofia moral montaigniana, surge aqui o problema da definição da virtude entre esforço e inclinação natural, ou entre as atitudes de Catão, Sócrates e do próprio Montaigne, tal como esse apresenta a si próprio no ensaio "Da crueldade" (II, 11). Note-se aqui a questão relacionada da ampliação retórica dos méritos tanto de La Boétie, como dos destinatários das cartas-dedicatória, em sua relação com o ensaio montaigniano: a *laudatio* ou o encômio constituem nessas missivas um enquadramento retórico cuidadosamente elaborado apesar de seu louvor da natureza – a exemplo de como os *Ensaios* não são obviamente produto da mera *nonchalance* de um amador, embora nosso autor pareça por vezes querer nos fazer crer nisso (cf. Magnien, 2019; Fumaroli, 2015; carta 7, nota 9; carta 14).

Carta 7 (30 de abril de 1570)

Ao Marechal de L'Hospital

Fontes

Não se conhece nenhuma versão manuscrita. Trata-se da carta-dedicatória (p. 100r-101v), datada de 30 de abril de 1570, que aparece antes dos *Poemata* latinos de Etienne de la Boétie, antologia publicada na primeira edição das suas *Obras* (edição custeada por Montaigne) pelo impressor-livreiro Federic Morel (com o "*achévé d'imprimer*" datado de 24 de novembro de 1570).

Editio princeps

LA || MESNAGERIE || DE XENOPHON. || Les Regles de mariage, DE PLVTARQVE. || Lettre de consolation, || de Plutarque à sa femme. || Le tout traduict de Grec en François par feu M. ESTIENNE DE LA BOETIE || Conseiller du Roy em as court de Parlment || à Bordeaux. Ensemble quelques Vers Latins & François, de son inuention. || Item, vn Discours sur la mort dudit Seigneur || De la Boëtie, par M. de Montaigne. || A PARIS. || De l'Imprimerie de Federic Morel, rue || S. Ian de Beauuais, au Franc Meurier. || M. D. LXXI. || AVEC PRIVILEGE. || (ff. 100r-101v)

Exemplar

BnF Z Payen 511 (frontispício com assinatura de Montaigne)

Edições

BONNEFON, Paul. *Œuvres complètes d'Estienne de la Boétie*. Bordeaux; Paris: Gounouilhou; Rouam, 1892.

Contexto

Carta-dedicatória endereçada ao ex-chanceler Michel de L'Hospital (1507-1573), jurista, escritor e poeta neolatino, além de protetor das artes e figura de proa do partido que ficou conhecido posteriormente como o dos "politiques", ou seja, daqueles que buscavam a conciliação nas Guerras de Religião (cf. Claussen, 2021; Demonet, 2006; Wanegffelen, 2002). Montaigne teve ocasião de conhecê-lo pessoalmente, e é logo em seguida a sua queda do poder – e precisamente por suas tentativas de pacificação na direção da tolerância religiosa –, após longo período praticamente regendo a França ao lado de Catarina de Médicis, que esta carta testemunha aprovação da sua capacidade e qualidades singulares. O ensaísta possuia algumas de suas obras (cf. catálogo da librarie, Villey) e fará nos *Ensaios* (II, 17, 661) o elogio da virtude e da poesia de L'Hospital – nada mais natural, portanto, que lhe dedicar a poesia latina de La Boétie.

[100r]

A MONSEIGNEUR MONSIEUR DE L'HOSPITAL CHANCELLIER DE FRANCE

Monseignevr, i'ay opinion que vous aultres à qui la fortune & la raiſon ont mis en main le gouuernement des affaires du monde, ne cherchez rien plus curieuſement que par où vous puißiez arriuer à la cognoißance des hommes de vos charges: car à peine est-il nulle communauté ſi chétiue, qui n'aye en ſoy des hommes aſſez pour fournir commodément à chascun de ses offices, pourueu que le departement & le triage ſ'en peuſt iustement faire. Et ce poinct la gaigné, il ne reſteroit rien pour arriuer à la parfaicte compoſition d'vn eſtat. Or, à meſure que cela eſt le plus ſouhaitable, il est außi plus difficile,veu que ny voz yeulx ne ſe peuuent eſtendre ſi loing, que de trier & choiſir parmy vne si grande multitude & ſi eſpandue, ny ne peuuent entrer iuſques au fond des cœurs pour y veoir les intentions & la conſcience, pieces principales à conſiderer: de maniere qu'il n'a eſté nulle chose publique ſi bien eſtablie, en laquelle nous ne remerquions ſouvent la faulte de ce despartement & de ce chois. Et en celles [100v] *où l'ignorance & la malice, le fard, les faueurs, les brigues & la violence commandent, ſi quelque election se voit faicte meritoirement & par ordre, nous le deuons ſans doute à la fortune, qui, par l'inconſtance de ſon branſle divers, ſ'est pour ce coup rencontree au train de la raiſon. Monsieur ceſte conſideration m'a souuent cõſolé ſçachant M. Eſtiẽne de la Boëtie l'vn des plus propres & neceſſaires hommes aux premieres charges de la France, auoir tout du long de ſa vie crouppy, meſpriſé és cendres de ſon fouyer domeſtique, au grand intereſt de noſtre bien commun: car, quant au ſien particulier, ie vous aduise Monſieur, qu'il eſtoit ſi abondamment garny des biens & des threſors qui deffient la*

A *Monseigneur Monsieur* de L'Hospital, *Chancellier* de França

Monseigneur, sou de opinião que vós outros, a quem a fortuna e a razão colocaram nas mãos o governo dos afazeres do mundo, não buscais nada mais cuidadosamente do que por onde possais chegar ao conhecimento dos homens que empregais: pois dificilmente existe uma comunidade tão infeliz, que não tenha em si homens suficientes para prover comodamente a cada um de seus ofícios, previsto que a distribuição e a triagem possam ser feitos justamente; e, garantido esse ponto, não restaria nada para chegar à perfeita composição de um Estado.[2] Ora, na medida em que isso é o mais desejável, é também o mais difícil, visto que, nem nossos olhos podem se estender tão longe até triar e escolher em meio a uma tão grande multidão e tão esparsa, nem podem entrar até o fundo dos corações para ver aí as intenções e a consciência, partes principais a considerar: de maneira que não houve nenhuma coisa pública[3] tão bem estabelecida, na qual não notássemos frequentemente como defeituosa essa distribuição e escolha. E naquelas [100v] em que a ignorância e a malícia, a dissimulação,[4] os favores, as disputas e a violência[5] comandam, se alguma seleção se vê feita pelo mérito e pela ordem, nós o devemos sem dúvida à fortuna, que, pela inconstância de seu balouçar diverso, nessa ocasião se encontrou com o movimento da razão.[6] *Monsieur*, essa consideração tem-me muitas vezes consolado, sabendo que M. Estienne de La Boétie, um dos homens mais apropriados e necessários aos mais importantes cargos da França, ter estado imobilizado[7] ao longo de toda a sua vida, desprezado nas cinzas do seu átrio doméstico, com grande prejuízo de nosso bem comum; pois, quanto ao seu particular, eu vos asseguro, *Monsieur*, que ele era tão abundantemente provido

fortune, que iamais homme n'a veſcu plus ſatisfaict ny plus content. Ie sçay bien qu'il eſtoit eſleué aux dignitez de ſon quartier, qu'on estime des grandes: & ſçay d'aduantage, que iamais homme n'y apporta plus de ſuffiſance, & que en l'aage de trente deux ans qu'il mourut, il auoit acquis plus de vraye reputation en ce reng la, que nul autre auant luy. Mais tant y a que ce n'eſt pas raiſon de laiſſer en l'eſtat de ſoldat vn digne capitaine, ny d'employer, aux charges moyennes ceux qui feroient bien encores les premieres. A la verité, ſes forces feurent mal meſnagees, & trop eſpargnees. De façon que, au de la de ſa charge, il luy reſtoit beaucoup de grandes parties oiſiues & inutiles: deſquelles la choſe publique euſt peu tirer du ſervice, & luy de la gloire. Or Monſieur, puis qu'il a eſté ſi non-chalāt de ſe pouſſer ſoy-meſme en lumiere, comme de malheur la vertu & l'ambition ne logent gueres enſemble: & qu'il a eſté d'vn ſiecle ſi groſſier ou ſi plein d'enuie, qu'il n'y a peu nullemēt eſtre aydé [101r] *par le teſmoignage d'autruy, ie ſouhaite merueilleuſemēt que au moins aprez luy ſa memoire à qui ſeule meſhuy ie dois les offices de noſtre amitié, reçoiue le loyer de ſa valeur, & qu'elle ſe loge en la recommandation des perſonnes d'honeur & de vertu. A ceſte cauſe m'a il pris enuie de le mettre au iour, & de vous le preſenter, Monſieur, par ce peu de Vers Latins qui nous reſtent de luy. Tout au rebours du Maçon qui met le plus beau de ſon baſtiment vers la rue, & du Marchād qui fait monſtre & parement du plus riche eſchantillon de ſa marchandiſe, ce qui eſtoit en luy le plus recommendable, le vray ſuc & moelle de ſa valeur l'ont ſuiuy, & ne nous en eſt demeuré que l'eſcorce & les feuilles. Qui pourroit faire voir les reiglez branſles de ſon ame, ſa pieté, ſa vertu, ſa Iustice, la viuacité de ſon eſprit, le poix & la ſanté de ſon iugemēt, la haulteur de ſes cōceptiōs ſi loing eſleuees au deſſus du vulgaire, ſon ſçauoir, les graces compaignes ordinaires de ſes actions, la tendre amour qu'il portoit à ſa miſerable patrie, & ſa haine capitale et Iuree contre tout vice, mais principalement contre ceſte vilaine traficque qui ſe couue*[1] *ſous l'honorable tiltre de Iustice, engendreroit certainement à toutes gents de bien vne ſinguliere affection enuers luy meſlee d'vn merueilleux regret de ſa part. Mais Monsieur il ſ'en faut tāt que ie puiſſe cela, que du fruict meſmes de ſes eſtudes il n'auoit encores iamais penſé d'en laiſſer nul teſmoignage à la poſterité: & ne nous en eſt*

dos bens e riquezas que desafiam a fortuna, que jamais homem algum viveu mais satisfeito, nem mais contente. Sei bem que ele foi elevado às dignidades de sua região, e dentre aquelas que se estimam mais altas; e sei, ainda, que jamais homem aí se portou com mais competência, e que quando morreu aos trinta e dois anos, havia adquirido mais verdadeira reputação naquela sua posição que nenhum outro antes dele. Mas aí bem se vê que não há razão para deixar na condição de soldado um merecido capitão, nem de empregar nas funções medianas aqueles que também desempenhariam bem as primeiras. A verdade é que as suas forças foram mal aproveitadas e demasiado poupadas, de modo que, para além do seu cargo, restavam-lhe muitas grandes qualidades ociosas e inutilizadas, das quais a coisa pública teria podido tirar proveito, e ele, glória.[8] Ora, *Monsieur*, pois que ele foi tão negligente[9] de se lançar a si mesmo na luz — pois, por infelicidade, a virtude e a ambição quase nunca residem juntas — e que foi de um século tão grosseiro ou tão cheio de inveja, que não pôde de nenhuma forma ser auxiliado pelo [101r] testemunho de outrem, desejo muito que, pelo menos depois dele, sua memória, à qual unicamente agora devo os serviços de nossa amizade, receba a recompensa de seu valor, e que resida na estima das pessoas de honra e virtude. Por essa razão, tive vontade de o pôr a lume,[10] e de vos apresentá-lo, *Monsieur*, por esses poucos versos latinos que nos restam dele.[11] Bem ao contrário do arquiteto, que coloca o mais belo do seu edifício voltado para a rua, e do comerciante, que exibe e enfeita a amostra mais rica da sua mercadoria, aquilo que nele era o mais recomendável, o verdadeiro sumo e medula[12] do seu valor seguiram-no, e não nos restou senão a casca e as folhas. Quem pudesse fazer ver os movimentos regrados de sua alma, sua piedade, sua virtude, sua justiça, a vivacidade de seu espírito, a gravidade e a saúde do seu julgamento,[13] a altura de suas concepções, elevadas tão além do vulgar, o seu saber, as graças[14] companheiras constantes de suas ações, o amor terno que dedicava a sua miserável pátria,[15] o seu ódio capital e jurado contra todo o vício, mas sobretudo contra esse tráfego vil que se cobre sob o honorável título de Justiça, suscitaria certamente em todas as pessoas de bem uma singular afeição por ele, mesclada de um extremo pesar pela sua partida.[16] Mas, *Monsieur*, falta muito para que eu o pudesse fazer, pois do fruto mesmo de seus estudos ele nunca pensou em deixar quaisquer testemunhos para a posteridade; e

demeuré, que ce que par maniere de paſſetemps il eſcrivoit quelquesfois. Quoy que ce ſoit, ie vous ſupplie, Monſieur, le receuoir de bon viſage: &, conmme noſtre iugement argumente maintefois d'vne chose legere vne bien grande, & que les [101v] *ieux meſmes des grands perſonnages rapportent aux cler-voyants quelque merque hõnorable du lieu d'ou ils partent, monter, par ce ſien ouurage à la cognoiſſance de luy meſme, & en aymer & embraſſer par conſequent le nom & la memoire. En quoy Monſieur vous ne ferez que rendre la pareille à l'opinion treſreſoluë qu'il auoit de voſtre vertu: & ſi accomplirez ce qu'il a infiniemẽt ſouhaité pendant ſa vie. Car il n'eſtoit homme du monde en la cognoiſſance & amitié duquel il ſe fuſt plus volontiers veu logé que en la voſtre. Mais ſi quelqu'vn ſe ſcãdaliſe dequoy ſi hardimẽt i'uſe des choses d'autruy, ie l'aduise qu'il ne fut iamais rien plus exactemẽt dict ne eſcript aux eſcholes des Philosophes du droict & des deuoirs de la ſaincte amitié, que ce que ce perſonnage & moy en auons prattiqué enſemble. Au reſte, Monſieur, ce legier preſent, pour meſnager d'vne pierre deux coups, ſervira außi, ſ'il vous plaiſt, à vous teſmoigner l'honneur & reuerence que ie porte à voſtre ſuffiſance, & qualitez ſingulieres qui ſont en vous. Car quant aux eſtrangeres & fortuites, ce n'eſt pas de mon gouſt de les mettre en ligne de compte. Monſieur, ie ſupplie Dieu qu'il vous doint tresheureuſe & longue vie.*

De Montaigne ce 30. Auvril, 1570.

Voſtre humble & obeiſſant ſerviteur
Michel de Montaigne.

só nos restou aquilo que, a modo de passatempo, ele por vezes escrevia. Seja como for, rogo-vos, *Monsieur*, que o recebei de bom grado e (como o nosso julgamento muitas vezes afirma de uma coisa pequena uma bem grande, e que os [101v] divertimentos mesmos dos grandes personagens revelam aos clarividentes alguma marca honorável do lugar de onde partem) que vos elevai, por essa sua obra, ao próprio conhecimento dele, e amai e abraçai, por conseguinte, o seu nome e a sua memória.[17] No que, *Monsieur*, vós não fareis senão retribuir o favor da opinião muito resoluta que ele tinha de vossa virtude — e assim realizareis o que ele desejou infinitamente durante a sua vida. Pois não havia homem no mundo em cujo conhecimento e amizade ele se tivesse mais voluntariamente abrigado do que na vossa. Mas se alguém se escandalizar de que eu tão ousadamente me utilize das coisas de outro, advirto-o que jamais algo foi mais exatamente dito ou escrito, nas escolas dos filósofos, sobre o direito e os deveres da santa amizade, do que aquilo que esse personagem e eu praticamos juntos.[18] De resto, *Monsieur*, este pequeno presente, para matar dois coelhos com uma só cajadada,[19] servirá também, se for de vosso agrado, para vos testemunhar a honra e a reverência que tenho por vossa capacidade e as qualidades singulares que são vossas.[20] Pois, quanto às exteriores e fortuitas,[21] não é de meu agrado tê-las em conta. Monsieur, suplico a Deus para que ele vos conceda uma vida muito feliz e longa.

De Montaigne, em 30 abril de 1570.

Vosso humilde e obediente servidor,
Michel de Montaigne.

NOTAS

1 "Couue", no original, em vez de "*couure*".

2 De Platão a More e Campanella, a adequação dos homens aos cargos e ofícios é um dos elementos e problemas centrais da construção das sociedades ideais renascentistas.

3 Estado.

4 No original, "*fard*". Aqui tem o sentido de "fingir", "maquiar".

5 A esta lista de "pecados" sociais se contrapõe uma lista de virtudes, atribuídas a La Boétie (ver abaixo).

6 Cf. o título do capítulo 34 do Livro I dos *Ensaios*: "La Fortune se rencontre souvent au train de la raison."

7 No original, "*crouppy*", que também tem o sentido de "ficar de cócoras", "inerte" ou "inativo".

8 A mesma noção de qualidades deixadas ociosas, pois não solicitadas pela fortuna, e do valor desperdiçado de La Boétie como servidor público, encontramos em outras cartas (cf. carta 9, nota 6) e nos *Ensaios* (por exemplo: *Ensaios* I, 28, VS p. 194). É de se notar o ar estoico e cortesão dessas missivas em suas celebrações do serviço público (tal como este era então percebido), pretendendo constituir uma afirmação da qualidade dos atores e dos vínculos que compõem a rede de obrigações políticas em que se projetam as aspirações montaignianas. Mas há quem veja aqui também uma crítica direta à administração do Estado e a L'Hospital que, quando estava em suas funções, não reconheceu a capacidade de La Boétie (veja-se o final da carta algo inopinado, referindo-se a qualidades "*estrangieres et fortuites*"). Seja como for, a noção de "glória" é um tema central da filosofia dos *Ensaios* tendo sido objeto de um vasto número de estudos (por exemplo, Araújo, 2009), mas cuja conceituação bastante singular deve ser contrastada com sua feição mais tradicional na prática epistolar montaigniana (Magnien, 2019, p. 39, nota 37).

9 No original, "*non-chalant*". Os tradutores franceses contemporâneos a Montaigne, como Jacques Colin (*Les quatre livres du courtisan*, 1537) e Gabriel Chappuys (*Le parfait courtisan*, 1580), utilizam *nonchalance* para traduzir a "*sprezzatura*" de Castiglione (cf. D'Angelo, 2014). Os termos do campo lexical a que pertence o verbo "*nonchaloir*" (literalmente "não esquentar") são por vezes elevados nos *Ensaios* à categoria de virtude moral: uma negligência altiva que pode ser, não um descuido, mas uma despreocupação geral que adorna uma elegância fácil, tranquila e natural – a qualidade distintiva do verdadeiro cortesão, em Castiglione –, ou ainda uma indiferença principalmente com relação à opinião alheia. Note-se, de todo modo, que não se trata de uma atitude sempre avaliada positivamente

por si mesma (cf. carta 3): o mero descuido não se confunde com a esmero daquele que chegou ao ápice da arte (ou da virtude) tornando-a natural (cf. carta 11, nota 17).

10 No original, "*mettre au iour*". O sentido é o de "publicar o texto". Entretanto, deixamos a tradução o mais literal possível, pois o texto lida com a ideia de um La Boétie como alguém obscuro que a edição das obras trouxe à luz.

11 Segundo um trecho dos *Ensaios* (*Ensaios* II, 17, VS p. 661), Montaigne admirava L'Hospital como poeta e deve ter lhe parecido natural endereçar a ele os versos de La Boétie. No entanto, a passagem dos *Ensaios* valoriza sobretudo as virtudes fora do comum de L'Hospital: assim, segundo o argumento da carta, os poemas deveriam ser lidos tendo como pano de fundo essa comunicação entre pessoas virtuosas, única garantia de seu correto e integral entendimento.

12 O mesmo termo "*moelle*" é usado na carta 13.

13 Ver a lista de "pecados" sociais, acima. A expressão "*santé de son iugement*" constitui um critério a um tempo ético e estético, característico da filosofia ensaística, e que se estrutura como união dos aspectos sensíveis e intelectivos no processo de cognição.

14 A terminologia cortesã secularizou a discussão sobre da *gratia* latina, e aqui o texto parece usar o termo "graça" tanto no sentido moderno, social, quanto no sentido de ter sido tocado por algo de sobrenatural e divino.

15 No original, "*miserable patrie*". Vemos aqui uma referência à região de origem da família de La Boétie, mas talvez a expressão se refira também ao estado geral da França durante as Guerras de Religião.

16 No original, "*part*". Literalmente, "parte", mas optamos por "partida" pelo contexto.

17 Os procedimentos de indução e analogia são submetidos nos *Ensaios* a uma análise crítica que separa os improcedentes – em que o particular é indevidamente extrapolado em uma universalização inconsistente – dos corretos, como no caso aqui da obra que revela o homem. Mas qual a medida para se julgar de sua correção? A "saúde do julgamento" referida acima (cf. nota 7; carta 4, nota 4).

18 Veja-se o ensaio sobre a amizade, *Ensaios* I, 28. Reencontramos aqui a hipérbole laudatória característica do discurso epidítico: a prática de uma virtude genuína superando tudo que os antigos filósofos puderam escrever ou imaginar sobre o tema (cf. carta 6, nota 15). Note-se também como o "utilizar-se das coisas de outro" denuncia a imbricação do louvor de La Boétie com a construção da carreira montaigniana, pela qual o autor parece se desculpar aqui, mas que continua a se revelar a seguir na expressão "*ménager d'une pierre deux coups*".

19 No original, "*ménager d'une pierre deux coups*". Literalmente, "atingir dois alvos com uma só pedra".

20 No original, "*qui sont en vous*", isto é, que estão ou são em vós.

21 Provavelmente, as dignidades que não são próprias à pessoa (*estrangieres*) e por isso sujeitas à flutuação da fortuna (*fortuites*): diferentes, portanto, daqueles bens que anteriormente nessa carta foram atribuídos a La Boétie, e precisamente aquelas dignidades das quais L'Hospital acaba de ser privado – o que tornaria essa carta surpreendente, se acreditássemos, como outros, que a única finalidade de Montaigne era sua ascensão social pessoal (Jouanna, 2017, p. 186-189; Magnien, 2019, p. 29-30). Essa distinção entre bens que concernem à natureza da pessoa em si mesma e aqueles meramente exteriores é um *topos* central para a retórica epidítica (Magnien, 2019, p. 33) e proveniente da tradicional classificação tripartite dos bens em exteriores, do corpo e da alma que encontramos na *Política* (VII, 1, 1323a21 e seq.) de Aristóteles.

Carta 8 (10 de setembro de 1570)

À Senhora de Montaigne

Fontes

Não se conhece nenhuma versão manuscrita. Trata-se da carta-dedicatória que aparece antes da *Lettre de Consolation à sa femme*, de Plutarco, traduzida do grego por Etienne de la Boétie e publicada na primeira edição das suas *Obras* (edição custeada Montaigne) pelo impressor-livreiro Federic Morel (com o "*achévé d'imprimer*" datado de 24 de novembro de 1570).

Editio princeps

LA || MESNAGERIE || DE XENOPHON. || Les Regles de mariage, DE PLVTARQVE. || Lettre de consolation, || de Plutarque à sa femme. || Le tout traduict de Grec en François par feu M. ESTIENNE DE LA BOETIE || Conseiller du Roy em as court de Parlment || à Bordeaux. Ensemble quelques Vers Latins & François, de son inuention. || Item, vn Discours sur la mort dudit Seigneur || De la Boëtie, par M. de Montaigne. || A PARIS. || De l'Imprimerie de Federic Morel, rue || S. Ian de Beauuais, au Franc Meurier. || M. D. LXXI. || AVEC PRIVILEGE. || (pp. 89r-89v)

Exemplar

BnF Z Payen 511 (frontispício com assinatura de Montaigne)

Edições

BONNEFON, Paul. *Œuvres complètes d'Estienne de la Boétie*. Bordeaux: Gounouilhou; Paris: Rouam, 1892.

Contexto

Única carta que chegou até nós da correspondência entre Montaigne e sua esposa: foi escrita como consolação, logo após a morte do primeiro filho do casal, no fim de agosto de 1570: em seguida ao nascimento de Léonor em 1571, Montaigne ainda iria perder mais 4 filhas (cf. Cole, 2000), todas com bem pouco tempo de vida (entre 3 meses e alguns dias, registrados nas *Éphémérides*), até 1583 (*Ensaios*, I, 14, 61; II, 8, 389). Não é surpresa a utilização nesse caso de Plutarco, uma das influências mais poderosas que sofreu o ensaista na elaboração de seu pensamento (cf. carta 6, nota 12): como é frequente nos *Ensaios*, aqui o moralista francês faz suas as palavras do moralista grego, no caso para consolar sua mulher da morte de um filho longamente esperado, mas cedo perdido (coincidentemente quando da preparação de sua edição de La Boétie). De sua mulher, porém, não sabemos muito: Françoise de La Chassaigne – filha de Joseph de La Chassaigne, *soudan* (dignidade específica da municipalidade de Bordeaux) de Pressac, *seigneur* de Javerlhac, conselheiro no Parlamento de Bordeaux de 1543 a 1568 (quando se torna seu quinto presidente) – e de Marguerite de Douhet – neta do finado segundo presidente do Parlamento, Geoffroy de La Chassaigne, seigneur de Pressac. Foi, portanto, um casamento bastante interessante do ponto de vista da carreira de Montaigne naquele momento, mas não a primeira aliança, nem a última, entre os Eyquem e os La Chassaigne, que partilhavam desde há muito ambições políticas e nobiliárquicas (Desan, 2014, p. 56-58; Simonin, 2001). Do pouco que os biógrafos registram do matrimônio e da vida de Françoise (praticamente ausente dos *Ensaios*), dois gestos parecem merecer realce: embora cerca de doze anos mais jovem que Montaigne, não contrairá segundas núpcias; e após a morte de seu esposo enviará à Marie de Gournay os originais dos *Ensaios* para garantir sua publicação em seu último estado.

[f. 89r]
A MADAMOISELLE
De Montaigne, ma Femme.

MA Femme vous entendez bien que ce n'eſt pas le tour d'vn galand hõme, aux reigles de ce temps icy, de vous courtiſer & careſſer encore. Car ils diſent qu'vn habil homme peut bien prendre femme: mais que de l'eſpouſer c'eſt à faire à un ſot. Laiſſons les dire: ie me tiens de ma part à la ſimple façon du vieil aage, außi en porte-ie tantoſt le poil. Et de vray la nouuelleté couſte ſi cher iuſqu'à ceſte heure à ce pauure eſtat (& ſi je ne ſçay ſi nous en ſommes à la derniere enchere) qu'en tout & partout i'en quitte le party. Vivons ma femme, vous & moy, à la vielle Françoiſe. Or vous peult ſouuenir comme feu Monſieur de la Boetie ce mien cher frere, & compaignon inuiolable, me donna mourãt ſes papiers & ſes liures, qui m'ont eſté depuis le plus favory meuble des miẽs. Ie ne veulx pas chichement en vſer moy ſeul, ny ne merite qu'ils ne [89v] *ſeruent qu'à moy. A ceſte cauſe il m'a pris enuie d'en faire part à mes amis. Et par ce que ie n'en ay, ce croy-ie, nul plus priué que vous, je vous enuoye la Lettre conſolatoire de Plutarque à ſa femme, traduite par luy en François: bien marry dequoy la fortune vous a rendu ce preſent ſi propre, & que n'ayant enfant qu'vne fille longuement attendue, au bout de quatre ans de noſtre mariage, il a falu que vous l'ayez perdue dans le deuxieſme an de ſa vie. Mais ie laiſſe à Plutarque la charge de vous conſoler, & de vous advertir de voſtre devoir en cela, vous priant le croire pour l'amour de moy: Car il vous deſcouurira mes intentions, & ce qui ſe peut alleguer en cela beaucoup mieux que je ne ferois moy-meſmes. Sur ce, ma femme, je me recommande bien fort*

TRADUÇÃO DA CARTA 8

À Mademoiselle[1]
de Montaigne, minha Mulher.

Minha Mulher, vós compreendeis bem que não é a conduta de um homem galante, pelas regras deste tempo, ainda vos cortejar e tratar com afeição. Pois dizem que um homem hábil pode bem ter uma mulher, mas que se casar com ela seria agir como um tolo. Deixemo-los dizer: de minha parte, mantenho-me fiel à moda simples da época antiga, tal como já a trago no cabelo.[2] E em verdade a novidade custa tão caro, neste momento, a este pobre estado (e nem sei se já chegamos à última provação) que em tudo e por tudo abandono seu partido. Vivamos, minha mulher, vós e eu, à antiga moda francesa.[3] Ora, vós vos podeis lembrar como o falecido *Monsieur* de La Boétie, esse meu caro irmão, e companheiro inviolável,[4] me deu ao morrer seus papéis e seus livros, que me têm sido desde então a peça mais querida de meu mobiliário. Não quero mesquinhamente o usar sozinho, nem mereço que eles não [89v] sirvam senão a mim. Por isso, tive vontade de compartilhá-lo com meus amigos. E porque não tenho, assim creio, nenhum mais íntimo que vós,[5] envio-vos a Carta de consolação de Plutarco à sua mulher, traduzida por ele em francês: bem contrariado que a fortuna vos tenha tornado este presente tão apropriado, e que não tendo filhos senão uma menina longamente aguardada, ao cabo de quatro anos do nosso casamento, tivésseis que a perder no segundo ano de sua vida. Mas deixo a Plutarco o encargo de vos consolar, e de vos advertir de vosso dever nisso, rogando-vos acreditar nele, por amor de mim: pois ele vos revelará minhas intenções, e aquilo que se pode alegar nisso muito melhor do que não faria eu mesmo. Sobre isso, minha mulher, eu me

à voſtre bonne grace, & prie Dieu qu'il vous maintienne en ſa garde. De Paris ce 10. Septembre, 1570.

Voſtre bon mary Michel
De-Montaigne.

recomendo muito fortemente à vossa boa graça, e rezo a Deus para que ele vos mantenha em sua guarda. De Paris, em 10 de setembro de 1570.

Vosso bom marido,
Michel de Montaigne.[6]

NOTAS

1 No original, a denominação "Madamoiselle" ("senhorita" e não "senhora") qualificava a dama cujo marido não possuía o grau de "cavalheiro" – o que Montaigne será somente em 1571 (cf. carta 1, nota 13).

2 No original, "*aussi en porte-ie tantost le poil*". Frame: "*as indeed my hair is beginning to show*". Frigo: "*e oramai anche i miei capelli lo dimostrano*". O sentido parece ser que os cabelos já demonstravam a idade de Montaigne.

3 Sabemos como essa ideia da esposa como companheira está de acordo com os ideais nobiliários da época (Desan, 2014, p. 207). Mas Montaigne deles se separa quando mostra confiança na capacidade intelectual de sua mulher, estimulada aqui a ler Plutarco (a exemplo da atitude similar de La Boétie com sua enteada, *mademoiselle* de Saint-Quentin: carta 1, nota 40). Além disso, a carta contraria também os costumes da época, como nota o próprio missivista, nessa expressa afeição pela esposa (muito embora essa afeição ela mesma possua um caráter bastante ambíguo no fio da escrita montaigniana; cf. Jouanna, 2017, p. 45-49).

4 No original "*inuiolable*". Em "Da Inconstância de nossas ações", Montaigne fala de "castidade inviolável": "tout beau & hõneste que vous eſtes, quand vous arez failli voſtre pointe, n'en concluez pas incõtinẽt vne chaſteté inuiolable en votre maiſtreſſe [por mais belo e honesto que sejais, quando falhardes em vossa investida, não deduzi imediatamente uma castidade inviolável em vossa senhora]" (*Ensaios* II, 1, VS 334), que é o que parece estar em jogo aqui. É consistente, portanto, diante do contexto da carta (o da erótica do casamento), que o termo seja entendido do ponto de vista da sexualidade.

5 Aqui, a amizade por uma mulher (negada em *Ensaios* I, 28, VS 185-187) é possível ao menos no casamento. Já em outra passagem dos *Ensaios*, apenas por aproximação: "*Ung bon mariage, s'il en est, refuse la compaignie et conditions de l'amour. Il tache à representer celles de l'amitié* [Um bom casamento, se é que existe, recusa a companhia e as condições do amor. Ele se esforça em representar as da amizade]" (*Ensaios* III, 5, VS 851). Mas também nesse caso é necessário marcar que a adesão de Montaigne aos costumes é parcial, pois, ao negar a amizade feminina (em concordância com o ideal cavalheiresco de então), não chega a colocar o problema na natureza feminina, porém nos costumes: no ensaio "Da amizade" (*Ensaios* I, 28, VS 185-187) é a "capacidade comum" das mulheres que as impediria; e aí se abre mesmo a possibilidade de uma amizade de corpo e alma à qual, se "esse sexo ainda não chegou por nenhum exemplo", nada impede, porém, que não pudesse chegar. As mulheres ocupam um lugar de destaque na obra montaigniana (Desan, 2014, p. 162, nota 98; *Montaigne studies*, v. VIII, 1996), e nem o conhecimento, nem a virtude

(cf. *Ensaios* I, 1) lhes são aí negados (embora claro que isso não seja suficiente para perdoar os preconceitos que ainda amiúde, infelizmente, em geral partilhamos com o ensaísta). Dentre a abundante literatura recente sobre o tema, veja-se McKinley (2016, p. 582-599).

6 De todas as cartas de Montaigne talvez essa seja aquela que alcançou maior difusão junto ao público, tanto o letrado como o leigo: especialistas em questões de gênero e em retórica, biógrafos, historiadores, escritores, etc., frequentemente a retomaram e avaliaram de forma bastante diversa, descobrindo nela uma referência importante para suas obras (cf. por exemplo, Jacques de Feytaud "Céline et le petit Montaigne", *Bulletin de la société des amis de Montaigne*, nº 12, 1974, p. 5-28; Jean Vignes, "La lettre de consolation de Plutarque à sa Femme traduite par La Boétie et ses prolongements chez Montaigne, Céline et Michaël Fœssel", *Exercices de rhétorique*, 9 (2017)). Parece interessante marcar ainda que essa seria a única carta escrita por Montaigne a realmente se aproximar do ideal estilístico da retórica epistolográfica, segundo sua forma canônica renascentista (cf. La Charite, 2018, p. 225). O que não significa que o ensaísta seja negligente com o apuro retórico geral de suas cartas publicadas (cf. Frigo, 2010, p. 29 e seq.; Magnien, 2019; Fumaroli, 2015, p. 349 e seq.), mas que possui a mão suficientemente nisso treinada para ir além do mero emprego das formas estabelecidas.

Carta 9 (1 de setembro de 1570)

Ao Senhor de Foix

Fontes

Não se conhece nenhuma versão manuscrita. Trata-se da carta-dedicatória dos *Vers françois de feu Estienne de la Boétie*, publicados postumamente, às expensas de Montaigne, pelo impressor-livreiro Federic Morel (com o "*achévé d'imprimer*" datado de 24 de novembro de 1570).

Editio princeps

Vers François de feu || ESTIENNE DE LA BOETIE || Conseiller du Roy em sa || Cour de Parlement, || à Bordeaux. || [brasão] || A PARIS. || Par Federic Morel Imprimeur du Roy. || M. D. LXXI. || AVEC PRIVILEGE. || (ff. 2r-4v)

Exemplar

BnF Z Payen 511 (2)

Edição

BONNEFON, Paul. *Œuvres complètes d'Estienne de la Boétie*. Bordeaux; Paris: Gounouilhou; Rouam, 1892.

Contexto

Paul de Foix, *comte* de Carmaing, membro do conselho privado de Henri III (e antes, conselheiro também de Charles IX), amigo e protetor de Montaigne (e, como este, ligado ao partido católico de feição legalista e tolerante), e que se acredita ter sido seu colega na famosa faculdade de direito de Toulouse. Paul de Foix foi autoridade eclesiática de importância para a governança francesa (tendo sido arcebispo de Toulouse) e diplomata de primeira linha, ocupando o cargo de embaixador na Inglaterra, em Veneza e em Roma (onde Montaigne o visitou pelo menos duas vezes (Frame, 1965, p. 44). Possui assim um perfil semelhante aos outros destinatários das cartas-dedicatória às obras de La Boétie; e como estes foi um conciliador, e por isso acusado de excessiva benevolência em relação aos protestantes (Desan, 2014, p. 223, 364 e seq.; Frame, 2003, p. 1297, nota 32). Outra semelhança: trata-se de um homem conhecido por sua erudição e espírito, bem como por sua dedicação ao serviço público. Note-se que a obra à qual esta carta serve de prefácio (a mais longa dentre aquelas que abrem cada um dos escritos de La Boétie reunidos e editados por seu amigo) foi publicada separadamente em um pequeno volume. Embora pudesse parecer pouco por sua extensão (considerando-se ainda que se tratam de versos de juventude, como nos adverte Montaigne), o projeto político importa aqui: poemas em francês, coloridos pelo falar natal dessas três famílias, sendo entregues à guarda de um membro de um dos mais tradicionais clãs da Gasconha, e de quem o missivista espera o costumeiro apoio. Pois, se a razão apresentada pelo editor nesta carta para o atraso da publicação foi sua má recepção nos meios literários da metrópole, é preciso levar em conta a grande influência do protestantismo na região, que contribui para reforçar a ainda muito presente fragmentação feudal das nações que compõem o país – e que, aliás, faz que a fidelidade montaigniana se dirija muito mais à coroa, como força de unificação conduzindo à paz e à ordem civil (Frame, 1965, p. 6) do que ao que então se percebia como a nação francesa. Que se registre uma controvérsia com relação à datação e lugar de envio desta carta por registrar um intervalo muito curto de viagem entre o castelo e Paris, fazendo crer que esta carta tenha partido de Paris e não do castelo de Montaigne (cf. nota 7 abaixo).

A carta-dedicatória a Madame de Grammont (*Ensaios* I, 29 – carta 11 da nossa antologia) faz referência a esta edição dos *Vers françois* de La Boétie e à dedicatória a P. de Foix; e veja-se ainda o seu elogio nos *Ensaios*: III, 9, VS 957.

[2r]

A MONSIEUR MONSIEUR DE FOIX, CONSEILLER DV ROY en ſon Conseil priué, & Ambaſſadeur de sa Maiesté pres la Seigneurie de Veniſe.

MONSIEVR, eſtant à meſme de vous recommander, & à la poſterité la memoire de feu Eſtienne de la Boëtie, tãt pour ſon extreme valeur, que pour la ſinguliere affection qu'il me portoit, il m'eſt tombé en fantaſie, cõbien c'eſtoit une indiſcretion de grande conſequence & digne de la coërtion de nos loix, d'aller, comme il ſe faict ordinairement, deſrobant à la vertu la gloire, ſa fidelle compaigne, pour en eſtrener, sans chois & sans iugement, le premier venu, ſelon nos intereſts particuliers: Veu que les deux reſnes principales qui nous guident & tiennent en office, ſont la Peine & la Recompense, qui ne nous touchent propremẽt, & comme hommes que par l'honneur & la honte, d'autant que celles icy donnent droittement à l'ame, & ne ſe gouſtent que par les ſentiments interieurs & plus noſtres: là où les beſtes meſmes se voyent aucunement ca[2v]*pables de toute autre recompenſe, & peine corporelle. En oultre, il eſt bon à veoir que la couſtume de louer la vertu meſme de ceulx qui ne ſont plus, ne viſe pas à eulx, ains qu'elle faict eſtat d'aiguillonner par ce moien les viuants à les imiter: comme les derniers chaſtiements ſont employez par la Iustice plus pour l'exemple, que pour l'intereſt de ceulx qui les ſouffrent. Or le louer & le meſlouer ſ'entrereſpondents de ſi pareille conſequence, il eſt mal-aisé à ſauuer, que nos loix defendent offenſer la reputation d'autruy, & ce neantmoins permettent de l'annoblir ſans merite. Ceſte pernicieuſe licence de ietter ainſi à nostre poſte, au vent les louanges d'vn chaſcun a eſté autrefois diuersement retreinte ailleurs. voire, à l'aduenture aida elle iadis à mettre la poëſie en la male-grace des Sages. Quoy qu'il en ſoit, au moins ne ſe ſçauroit on couurir, que le vice du mentir n'y*

TEXTO ORIGINAL DA CARTA 9

A Monsieur, *Monsieur* de Foix, conselheiro do rei em seu Conselho privado, e embaixador de Sua Majestade junto à Senhoria de Veneza.

Monsieur, estando para vos recomendar, e à posteridade, a memória do falecido Estienne de La Boétie, tanto por seu extremo valor, quanto pela singular afeição que ele me dedicava, fiquei a imaginar[1] o quanto seria uma indiscrição de grande consequência, e digna da coerção de nossas leis, de seguir, como se faz ordinariamente, despojando da virtude a glória, sua fiel companheira, para ofertá-la, sem escolha e sem julgamento, a qualquer um, segundo nossos interesses particulares. Visto que as duas principais rédeas que nos guiam e nos mantêm em nosso dever são o castigo e a recompensa – que não nos tocam propriamente, como homens, senão pela honra e a vergonha, tanto mais que essas vão diretamente à alma, e não se saboreiam senão pelos sentimentos interiores e mais nossos (aí onde os animais eles mesmos se veem de algum modo capazes de toda outra recompensa e castigo corporal).[2] Além disso, é bom notar que o costume de louvar a virtude, mesmo daqueles que não existem mais, não visa a eles, antes considera importante estimular por esse meio os vivos a imitá-los: como as punições extremas são empregadas pela justiça mais pelo exemplo do que pelo prejuízo daqueles que as sofrem. Ora, o louvar e o maldizer se correspondendo[3] de modo tão semelhante,[4] é difícil justificar que nossas leis proíbam ofender a reputação de alguém, e apesar disso permitam enobrecê-lo sem mérito. Essa licença perniciosa de lançar assim, segundo nossa conveniência, louvores de qualquer um ao vento, foi antigamente, alhures, restringida de diversas formas; e talvez mesmo tenha ela levado outrora a fazer a poesia cair em desgraça entre os sábios. Seja como for, ao menos não se saberia acobertar que o vício do mentir não pareça

apparoiſſe touſiours, treſmeſſeant à vn homme bien né, quelque viſage qu'on luy donne. Quant à ce perſonnage de qui ie vous parle, Monſieur, il m'enuoye bien loing de ces termes, car le danger n'eſt pas que ie luy en preſte quelqu'vne, mais que ie luy en oſte: & ſon malheur porte, que comme il m'a fourny, autant qu'homme puiſſe, de treſiustes & treſapparẽtes occaſions de louange, i'ay bien auſſi peu de moien & de ſuffiſance pour la luy rendre: ie dy moy à qui ſeul il ſ'eſt communiqué iuſques au vif, & qui ſeul puis reſpondre d'vn million de graces, de perfections & de vertus qui moiſirent oiſifues au giron d'vne ſi belle ame, mercy à l'ingratitude de ſa fortune. Car [3r] *la nature des choſes aiant ie ne ſçay comment permis, que la verité pour belle & acceptable qu'elle ſoit d'elle meſme, ſi ne l'ambraſſons nous qu'infuſe & inſinuee en noſtre creance par les outils de la perſuaſion, ie me treuue ſi fort deſgarny & de credit pour authoriſer mon ſimple teſmoignage, & d'eloquence pour l'enrichir & le faire valoir, qu'à peu a il tenu que ie n'aye quitté là tout ce ſoing, ne me reſtant pas ſeulement du ſien par ou dignement ie puiſſe preſenter au monde au moins ſon eſprit & ſon ſçauoir. De vray, Monſieur, aiant eſté ſurpris de ſa deſtinee en la fleur de ſon aage, & dans le train d'vne treſheureuſe & tres vigoreuſe ſanté, il n'auoit pensé à rien moins qu'à mettre au iour des ouurages qui deuſſent teſmoigner à la poſterité quel il eſtoit en cela. Et à l'aduenture eſtoit il aſſez braue, quand il y'euſt penſé, pour n'en eſtre pas fort curieux. Mais en fin i'ay prins party qu'il ſeroit bien plus excuſable à luy, d'auoir enſeuely auec ſoy tant de rares faueurs du ciel, qu'il ne ſeroit à moy d'enſeuelir encores la cognoiſſance qu'il m'en auoit donnee. Et pourtant aiant curieuſement recueuilly tout ce que i'ay trouué d'entier parmy ſes brouillars & papiers eſpars çà & là, le iouët du vent & de ſes eſtudes, il m'a ſemblé bon, quoy que ce fuſt, de le diſtribuer & de le departir en autant de pieces que i'ay peu, pour de là prendre occaſion de recommander ſa memoire à d'autant plus de gents, choiſiſſant les plus apparentes & dignes perſonnes de ma cognoiſſance, & deſquelles le teſmoignage luy puiſſe eſtre le plus honnorable. Comme vous,* [3v] *Monſieur, qui de vous meſmes pouuez auoir eu quelque cognoiſſance de luy pendant ſa vie, mais certes bien legiere pour en discourir la grandeur de ſon entiere valeur. La poſterité le croira ſi bon luy ſemble, mais ie luy iure ſur tout ce que i'ay de conſcience, l'auoir ſçeu & veu tel, tout conſideré, qu'à peine par*

sempre muito indecente a um homem bem-nascido, qualquer que seja a face que se lhe dê. Quanto a esse personagem de quem vos falo, *Monsieur*, ele me remete para muito longe desses termos; pois o perigo não é que eu lhe atribua algo a mais, mas que eu lhe retire; e seu infortúnio é que, com muito justas e evidentes ocasiões de louvor (que ele me proporcionou, tanto quanto pode um homem), eu tenha apenas poucos meios e capacidade para prestá-lo. Falo por mim, a quem unicamente ele se comunicou até ao natural,[5] e que unicamente posso responder por um milhão de graças, perfeições e virtudes que mofaram ociosas no seio de uma alma tão bela, graças à ingratidão de sua fortuna.[6] Pois, a natureza das coisas tendo, não sei como, permitido que a verdade (por bela e aceitável que seja por si mesma) não a abracemos senão infusa e insinuada em nossa crença pelos instrumentos da persuasão, me sinto tão desguarnecido, tanto de crédito para autorizar meu simples testemunho, quanto de eloquência para o enriquecer e fazê-lo valer, que por pouco não deixei para lá todo esse cuidado, não me restando suficiente dele para que eu pudesse dignamente apresentar ao mundo o mínimo de seu espírito e saber. Pois realmente, *Monsieur*, tendo sido surpreendido por seu destino na flor da idade, e no dispor de uma muito feliz e vigorosa saúde, em nada ele pensara menos do que trazer à luz obras que devessem testemunhar à posteridade quem ele era por meio delas. Talvez fosse ele suficientemente elegante,[7] ainda que tivesse pensado a respeito, para não se preocupar muito com isso. Mas enfim eu tomei o partido de que seria bem mais desculpável para ele ter enterrado consigo tantos raros favores do céu do que não seria a mim enterrar também o conhecimento que destes ele me havia dado. E por isso, tendo cuidadosamente recolhido tudo o que encontrei íntegro entre seus esboços e papéis esparsos aqui e ali, brinquedo do vento e de seus estudos, pareceu-me bom, fosse como fosse, de o distribuir e repartir em tantas peças quantas pude, para daí ter ocasião de recomendar sua memória a tanto mais gente, escolhendo as pessoas mais notáveis e dignas de meu conhecimento e das quais o testemunho lhe pudesse ser o mais honroso – como vós, senhor, que por vós mesmos podeis ter tido algum conhecimento dele durante sua vida, mas certamente muito ligeiro para expor a grandeza de seu inteiro valor. A posteridade o crerá, se lhe parecer bom; mas juro, por tudo de que tenho consciência, tê-lo sabido e visto tal que, tudo considerado,

ſouhait & imagination pouuois-ie monter au de là, tant ſ'en fault que ie luy donne beaucoup de compaignons. Ie vous ſupplie treſhumblement, Monſieur, non ſeulement prendre la generale protection de ſon nom, mais encores de ces dix ou douze Vers françois, qui ſe iettent, comme par neceſſité à l'abry de voſtre faueur. Car ie ne vous celeray pas que la publication n'en ayt eſté differee apres le reſte de ſes œuures, ſoubs couleur de ce, que par de là on ne les trouuoit pas aſſez limez pour eſtre mis en lumiere. Vous verrez, Monſieur, ce qui en eſt: & par ce qu'il ſemble que ce iugement regarde l'intereſt de tout ce quartier icy, d'où ils penſent qu'il ne puiſſe rien partir en vulgaire qui ne ſente le ſauuage & la barbarie: C'eſt proprement voſtre charge, qui au reng de la premiere maiſon de Guyenne receu de vos anceſtres auez adiouſté du voſtre le premier reng encore en toute façon de ſuffiſance, maintenir non ſeulement par voſtre exemple, mais auſſi par l'authorité de voſtre teſmoignage, qu'il n'en va pas touſiours ainsi. Et ores que le faire ſoit plus naturel aux Gaſcons, que le dire, ſi eſt-ce qu'ils ſ'arment quelquefois autant de la langue que du bras, & de l'eſprit que du cœur. De ma part, Monſieur, ce n'eſt [4r] *pas mon gibbier de iuger de telles choſes, mais i'ay ouy dire à perſonnes qui ſ'entendẽt en ſçavoir, que ces vers ſont non ſeulement dignes de ſe preſenter en place marchãde: mais d'aduantage, qui s'arreſtera à la beauté & richeſſe des invẽtiõs, qu'ils ſont pour le ſubiect autant charnus, pleins & moëlleux, qu'il ſ'en ſoit encores veu en noſtre langue. Naturellement chaſque ouurier ſe ſent plus roide en certaine partie de ſon art, & les plus heureux ſont ceulx qui ſe ſont empoignez à la plus noble: car toutes pieces egallement neceſſaires au baſtiment d'vn corps ne ſont pas pourtant egallement priſables. La mignardiſe du langage, la doulceur & la polliſſure reluiſent à l'aduenture plus en quelques autres, mais en gentilleſſe d'imaginations, en nombre de ſaillies, pointes & traicts, ie ne penſe point que nuls aultres leur paſſent deuant. Et ſi fauldroit il encore venir en cõpoſition de ce, que ce n'eſtoit ny ſon occupation, ny ſon eſtude, & qu'à peine au bout de chaſque an mettoit il vne fois la main à la plume, teſmoing ce peu qu'il nous en reſte de toute ſa vie. Car vous voyez, Monſieur, vert & ſec, tout ce qui m'en eſt venu entre mains, ſans chois & ſans triage: en maniere qu'il y en a de ceulx meſmes de ſon enfance. Somme, il ſemble qu'il ne s'en meſlaſt que pour dire qu'il eſtoit capable de tout faire; car, au reſte,*

mesmo por desejo e imaginação, dificilmente eu poderia ir além, e tanto mais falta para que eu lhe dê nisso muitas companhias.[8] Rogo-lhe muito humildemente, *Monsieur*, não apenas tomar a proteção geral de seu nome, mas ainda desses dez ou doze versos franceses, que se lançam, como por necessidade, ao abrigo de vosso favor. Pois não vos ocultarei que a publicação não tenha sido diferida para após o restante de suas obras, sob pretexto de que, por lá,[9] não se os achava polidos o suficiente para serem trazidos à luz. Vereis, *Monsieur*, de que se trata: e, porque parece que esse julgamento diz respeito ao prejuízo de toda essa região aqui, de onde eles pensam que nada possa provir em língua vulgar que não cheire à selvageria e barbárie, é propriamente vosso encargo – quem, à posição da primeira casa da Guyenne,[10] recebida de vossos ancestrais, juntou de vosso também a primeira posição em toda forma de capacidade – manter não apenas por vosso exemplo, mas também pela autoridade de vosso testemunho, que nem sempre assim acontece. E mesmo se o fazer seja mais natural aos Gascões que o dizer, todavia estes por vezes se armam tanto com a língua quanto com o braço, e com o espírito como com o coração.[11] De minha parte, senhor, não é de minha competência julgar tais coisas, mas ouvi de pessoas que conhecem o assunto que esses versos são não apenas dignos de se apresentar no mercado; mais que isso, para quem se detiver na beleza e riqueza das invenções, eles são, para a matéria, tão carnudos, plenos e suculentos, quanto já se tenha visto em nossa língua. Naturalmente, todo artesão se sente mais forte em certa parte de sua arte, e os mais felizes são aqueles que se aplicaram à mais nobre, pois todas as partes igualmente necessárias à construção de um corpo não são igualmente prezáveis. A graça da linguagem, a doçura e o polimento reluzem mais, talvez, em alguns outros; mas na gentileza das imaginações, em número de arrebatamentos, agudezas e rasgos, não penso de modo nenhum que quaisquer outros lhes passem à frente: e seria preciso ainda levar em conta que esse não era seu ofício, nem seu cuidado, e que, quando muito, uma vez durante o ano ele empunhava a pena, testemunha esse pouco que nos resta de toda a sua vida. Pois vedes, *Monsieur*, por inteiro, tudo o que me chegou às mãos, sem seleção e sem triagem; de maneira que há aí mesmo versos de sua infância.[12] Em suma, parece que ele disso não se ocupou, senão para dizer que era capaz de fazer de tudo; pois, de resto,

mille & mille fois, voire en ſes propos ordinaires, auons nous veu partir de luy choſes plus dignes d'eſtre ſçeuës, plus dignes d'eſtre admirees.

Voila, Monſieur, ce que la raiſon & l'affection iointes enſemble par vn rare rencontre me com[4v]*mandent vous dire de ce grand homme de bien: & ſi la priuaulté que i'ay priſe de m'en addreſſer à vous, & de vous en entretenir ſi longuement, vous offenſe, il vous ſouuiendra, ſ'il vous plaiſt, que le principal effect de la grandeur & de l'eminence, c'eſt de vous ietter en butte à l'importunité & embeſongnement des affaires d'autruy. Sur ce, apres*

vous auoir preſenté ma treshumble affection
à voſtre ſeruice, ie ſupplie Dieu vous
donner, Monſieur, treſheureuſe &
longue vie. De Montaigne
ce premier de Septembre,
mil cinq cents ſoi-
xante & dix.

Votre obeiſſant ſeruiteur
Michel de Montaigne.

mil e mil vezes, mesmo em seus temas ordinários, vimos dele partir coisas mais dignas de serem sabidas, mais dignas de serem admiradas.

Aí está, *Monsieur*, o que a razão e a afeição, unidas por um raro encontro, [4v] ordenam-me vos dizer desse grande homem de bem; e se o privilégio que tomei de me dirigir a vós, e de vos reter tão longamente, vos ofender, vós vos lembrareis, por favor, que o principal efeito da grandeza e eminência é de vos expor como alvo à importunidade e ao embaraço dos negócios de outrem. Dito isso, e depois

de vos ter apresentado meu muito humilde zelo
ao seu serviço, suplico a Deus que vos
conceda, *Monsieur*, muito feliz
e longa vida. De Montaigne,[13]
neste primeiro de setembro,
mil quinhentos
e setenta.

Vosso obediente servidor,
Michel de Montaigne.

NOTAS

1 No original, "*il m'est tombé en fantasie*". Literalmente, "caiu na minha fantasia", isto é: "por acaso imaginei". O termo *fantasie* liga-se ao léxico clássico do elemento intermediador entre a sensibilidade e o intelecto: ver, por exemplo, Lyons (2005); Fattori e Bianchi (1988); Guerrier (2018).

2 Frame: "[...] whereas even the animals are seen to be somewhat susceptible to all other, corporal kinds of reward and punishment". Frigo: "[...] dove invece le bestie non sono capaci di altra ricompensa e pena che di quelle corporali". Todo este trecho é difícil, mas parece dizer que, diferentemente dos animais, os homens estão excluídos de sentir "castigo e recompensa" de um modo puramente corporal (no outro sentido, excluir os animais de todo outro castigo senão corporal poderia ir contra a imagem geral dos animais nos *Ensaios*, e notadamente contra o longo discurso acerca destes na "Apologia de Raymond Sebond": II, 12, 452 e seq.).

3 No original, "*s'entrerespondents*". Literalmente, "se entrerrespondendo".

4 No original, "*de si pareille consequence*". Literalmente, "de consequência tão similar [entre si]". A ideia parece ser a de que existe uma relação dinâmica entre "*louer* [louvar]" e "*meslouer* [lit. deslouvar]".

5 No original, "*au vif*". Literalmente, "ao vivo". A respeito do uso da expressão, veja-se a carta 6, nota 14.

6 Encontramos aqui o mesmo louvor hiperbólico das virtudes de La Boétie presente nas outras cartas-dedicatória montaignianas de suas obras, aliado à lamentação de seu desperdício por terem sido deixadas ociosas, pois não solicitadas pela fortuna (veja-se, por exemplo, aquela a Michel de L'Hospital, carta 7). Importante marcar tal ponto de vista também por remeter a certa cor caracteristicamente renascentista do conceito de virtude: sua relação constitutiva com a fortuna – algo que se costuma associar especificamente com a obra de Maquiavel, mas que representa uma transição marcante em boa parte da literatura filosófica da época com relação às suas definições medievais.

7 No original, "*brave*" pode ter aqui diversos sentidos vizinhos, tal como "elevado" ou "excelente".

8 No original, "*tant s'en fault que ie luy donne beaucoup de compaignons*". A ideia é que não há coisa comparável a colocar ao lado.

9 Ou seja, na metrópole ou na Corte: há aqui uma certa percepção de separação política e cultural entre as regiões francesas da época (Frame, 1965, p. 6; carta 42, nota 7). Tal como na carta a Pierre Eyquem (carta 3) sobre a tradução de Raymond Sebond, essa missiva

deixa perceber certa atmosfera de animosidade entre a Gasconha (ou a *Guyenne*) e o norte da França, no caso principalmente com relação à língua e à expressão literária (e essa talvez seja a razão pela qual os versos franceses de La Boétie foram publicados à parte, provavelmente por uma questão editorial e/ou comercial) (Jouanna, 2017, 183-184).

10 Carta 5, nota 6.

11 Além da valorização da prática, do ideal de união do discurso com os atos, característicos da literatura filosófica renascentista, e da busca de reunião da sensação com a intelecção cara aos *Ensaios*, temos talvez aqui também o proverbial orgulho gascão a respeito de sua decantada capacidade, tanto guerreira, como literária.

12 O volume in-8°, contando com apenas 19 páginas, editado à parte do conjunto das obras de La Boétie reunidas por Montaigne (notem-se as exceções mencionadas no "Aviso ao leitor" do *Discurso sobre a servidão voluntária* e o *Memorial sobre o édito de janeiro de* 1562, carta 14 da nossa antologia), continha essa carta a Paul de Foix, outra carta à Marguerite de Carle, esposa de La Boétie, e duas obras de sua autoria dedicadas à mesma mulher: uma tradução do Canto XXII do *Orlando Furioso* de Ariosto ("Des plaintes de Bradamant"), e vinte e cinco sonetos (cf. carta 4). Mas não esqueçamos (embora Montaigne pareça tê-los esquecido aqui) dos outros 29 sonetos dedicados à Madame de Grammont (carta 11) nos *Ensaios* (I, 29, 196), e que ocupariam o centro do primeiro livro (no lugar do *Contra Um*), mas foram finalmente daí retirados por razões que a crítica especializada continua a debater. Cf. cartas 4 e 11.

13 Como Montaigne está louvando a Gasconha, por isso, ao que parece, lá coloca seu endereço como remetente – embora muito provavelmente estivesse em Paris (Bonnefon, 1892, p. 365; Magnien, 2019, p. 28-29).

Carta 10 (18 de outubro de 1571)

Charles IX, outorga da Ordem de Saint Michel a Montaigne

Fontes

O autógrafo original foi perdido. O único registro é a cópia manuscrita de Joseph Prunis (por volta de 1770). Cf. "Correspondance Prunis-Leydet". BnF Dep. manuscrits, Provinces françaises, Perigord 106, fol. 23r.https://archivesetmanuscrits.bnf.fr/ark:/12148/cc975860

Edições

PAYEN, Jean-François. *Nouveaux documents inédits ou peu connus sur Montaigne*. Paris: Jannet, 1850, p. 46-48.

PRUNIS, Joseph. "Preface de Joseph Prunis a son projet d'édition (1772)". In: MONTAIGNE, Michel de. *Journal de voyage*. François Rigolot (ed.). Paris: PUF, 1992, p. 304, n. 17.

Contexto

Trata-se da carta de Charles IX anunciando a Montaigne sua nomeação como cavaleiro da Ordem de Saint-Michel (logo, cavaleiro da Ordem do Rei). O material foi descoberto pelo historiador e abade Joseph Prunis em uma visita ao castelo de

Montaigne em 1770, juntamente com o códice manuscrito do *Journal de voyage*.[1] O original se perdeu. Inicialmente incumbido por Charles-Joseph de Ségur, então proprietário do castelo de Montaigne, de preparar a edição do *Journal*, Prunis transcreveu de próprio punho parte do material que encontrou na visita ao castelo. Uma vez editado, esse material comporia o prefácio ao seu volume. Com sua destituição da função de editor (o *Journal* foi finalmente impresso sob a curadoria de Meunier de Querlon, em 1774), esse prefácio manuscrito permaneceu entre os papéis de Prunis e foi publicado apenas recentemente.[2] Payen publicou uma versão da carta em 1850 (sem o restante do prefácio). O que editamos aqui é a transcrição manuscrita, via fac-símile, do próprio Prunis.

A Ordem de Saint-Michel havia sido criada por Louis XI, em 1469, para substituir a Ordem da Estrela (criada por Jean II, em 1351); ela será, por sua vez, substituída pela Ordem do Espírito-Santo, criada por Henri III em 1579.[3] Montaigne assinalou a outorga nas *Efemérides de Beuther*.[4] Como a anotação nas *Efemérides* foi feita sobre o dia 28 de outubro (e não sobre o dia 18 do mesmo mês), é possível que ou Prunis se equivocou na sua transcrição ou que Montaigne tenha se considerado de posse da honraria apenas quando da cerimônia de entrega do *collier* [colar] da Ordem.[5] Seja como for, por meio dessa distinção, Montaigne viu sancionado seu ingresso na mais alta nobreza do reino, sendo finalmente introduzido em sua elite política – sete meses depois da sua "aposentadoria" das funções de magistrado (e da vida pública em geral).

As vagas alegações acerca do mérito para a atribuição da Ordem de Saint-Michel a Montaigne alimentam o debate em torno das razões da concessão daquela que então era a mais elevada condecoração do reino a alguém que não pertencia à antiga nobreza de senhores de guerra.[6] Digno de nota é que esse contexto de entronização política de Montaigne na grande corte, que começa com a Ordem de Saint-Michel, prosseguirá com o título de *Gentilhome de la Chambre du Roi* (1576), dado por Henri III, e com o mesmo título, concedido "sem minha ciência e em sua ausência" por Henri de Navarra (30 de novembro de 1577).[7]

5. On ne ſera peut-être pas faché de retrouver ici cette lettre que nous allons transcrire.

m. de montaigne, pour vos vertus et mérites je vous ai choisi et élu au nombre des chevaliers de mon ordre, afin d'être associé avec eux; pour laquelle élection vous notifier, et vous bailler le collier dud. ordre, j'en écris présentement à mon cousin le marquis de Trans auprès duquel vous vous rendrez afin de recevoir de lui le collier dud. ordre qu'il vous baillera de ma part, et ce pour augmenter de plus en plus l'affection et bonne volonté que je vous porte, et vous donner occasion de perseverer en la devotion que vous avez de me faire ſervice. priant dieu, m. de Montaigne &C

écrit à Blois, le 18 octobre 1571. [rubrica][8]

5. *Não ficaremos incomodados talvez de encontrar aqui esta carta que transcrevemos.*

M. de Montaigne, pelas vossas virtudes e méritos escolhi-vos e elegi-vos para contar entre os cavaleiros da minha ordem, a fim de que vos associeis a eles; para vos notificar dessa eleição e vos dar o colar da referida ordem, escrevo presentemente ao meu primo o *marquis* de Trans[9] a quem ireis para receber dele o colar da referida ordem que ele vos dará de minha parte, e isso para aumentar cada vez mais a afeição e a boa vontade que vos dedico e para vos dar ensejo de perseverar na devoção que tendes de me servir.

Rezando a Deus, M. de Montaigne, etc.

Escrito em Blois, 18 de outubro de 1571.[10]

NOTAS

1 Não se tratava de uma visita doméstica, propriamente, mas de uma missão de trabalho: Prunis (1742-1816), enquanto eclesiástico e historiador, trabalhava, juntamente com Leydet e Lespine, e com apoio de Henri Bertin (controlador geral das finanças de Louis XVI), no levantamento e na coleta de fontes historiográficas da região da Dordogne. Cf. Bosredon (1890). À época, Prunis tinha sido nomeado abade na Abadia de Notre-Dame de Chancelade, na Dordogne. Ver Sadouillet-Perrin (1982).

2 F. Rigolot em um apêndice ("Préface de Joseph Prunis a son projet d'édition, 1772") à sua edição do *Journal de voyage* (1992), p. 301-306.

3 A relativa inflação das concessões, somada ao desejo de cada rei ter sua própria Ordem de Cavaleiros, impõe a dinâmica de extinção e criação desses títulos no Antigo Regime. O lugar-tenente geral do rei na Guyenne a partir de 1581, marechal de Matignon – o destinatário do qual se conservou o maior número de cartas da mão de Montaigne – será um dos primeiros a receber a *Ordre du Saint-Esprit*, e no mesmo ano em que esta foi criada. Cf. Cooper (2001).

4 [28 de outubro de 1571] "Lan 1571 ſuiuant le comãdemãt du roy & la dépéche que ſa maieſté m'en auoet faicte ie fu faict cheualier de lordre ſ michel pour les meins de Gaston de Foix marquis de Trans &c" Trad.: No ano de 1571, seguindo o comando do rei e o despacho que Sua Majestade me fez, eu fui feito cavaleiro da ordem de São Miguel pelas mãos de Gaston de Foix, *marquis* de Trans, etc.

5 De fato, há certa dubiedade aqui. Por um lado, não haveria nenhuma razão para Montaigne não anotar a titulação nas *Efemérides* de sua família, se fosse o caso, na data de 18 de outubro (como se vê no original, a página 305, relativa a esse dia, está vazia) – em vez de anotá-la, como foi feito, no dia 28 de outubro. Por outro lado, é possível que a outorga fosse selada apenas com a entrega do "*collier* (colar)" da Ordem de Saint-Michel – o que só ocorreria alguns dias depois: nesse caso, o dia 28 de outubro poderia ser a data da entrega do *collier* e não a data da outorga oficial (dada pela carta), opção que se harmonizaria melhor com o texto das *Efemérides de Beuther*.

6 "La lettre royale [...] donne peu de précisions sur les raisons de cette distinction exceptionnelle, jamais accordée à un simple parlementaire ou à um magistrat municipal. Elle ne fait mention que des 'mérites et vertus' du récipiendaire, et offre le témoignage de la bienveillance du roi" (Balsamo, 2006, p. 229). Ver também Jouanna (2017, p. 152-157).

7 Visto por esse prisma, o caráter extraordinário da outorga de 1571 deve ser considerado no contexto dos conflitos religiosos e assim da imperativa construção e conservação de

alianças que o momento exige, pois devem ser levadas em conta aqui tanto a situação geográfica vantajosa do castelo de Montaigne como sua posição pessoal em meio a algumas das mais importantes redes políticas de parentesco e patronagem da França renascentista.

8 A rubrica no manuscrito não é uma tentativa de reprodução da assinatura que certamente aparecia no documento original, mas aparentemente a rubrica do próprio Prunis e que aparece diversas vezes no pé de página das páginas do prefácio. Ela nada tem a ver com a assinatura de Carlos IX. Isso parece ser significativo, pois, se estivesse diante do documento oficial original, Prunis talvez fizesse referência, como valor extra do documento, à assinatura real. Como ele não o faz, Payen (1850, p. 47) considera que o documento usado na transcrição era apenas uma cópia da carta oficial.

9 O *marquis* de Trans, Germain Gaston de Foix (primo de Henri IV), membro do conselho privado do rei, "*patron*" de Montaigne que lhe entregou, a mando de Charles IX, o colar da ordem de Saint-Michel em outubro de 1571, porque foi ator decisivo no processo dessa condecoração. As famílias eram bastante próximas e essa ligação será mencionada na dedicatória do ensaio "De *l'institution des enfants*" à nora de Gaston de Foix, Charlotte-Diane de Foix, que então se encontrava grávida. Importante marcar que o marquês de Trans fora um líder católico radical, "*ligueur*" de primeira hora, mas se moderando com o passar do tempo, provavelmente por razões políticas que explicam também seu interesse por Montaigne (que a seguir desempenhará por vezes o papel de mediador entre os partidos em conflito).

10 Em uma lista, em formato de apêndice, de suas *Pièces fugitives*, Charles de Baschi, marquês d'Aubais, traça o roteiro da movimentação dos reis franceses desde Louis VII. Segundo ele, entre setembro e novembro de 1571, Charles IX passou a maior parte do tempo em Blois e seus arredores: "14 Agosto: Paris | 5 Setembro: Blois | 29-31 Outubro: Chateau de Vaujours | 5 Novembro: Blois | 30 Novembro: Dutetal" (Baschi, 1759, p. 111). A paginação da obra não é sequencial, varia de seção em seção. Cf. Payen (1850, p. 47).

Carta 11 (após 1576)

A Madame de Gramont (*Ensaios* I, 29)

Fontes

Não se conhece nenhuma versão manuscrita do texto original. Trata-se da epístola introdutória aos *Vingt et neuf sonnets d'Estienne de La Boétie* (*Ensaios* I, 29) que figuraram, de fato, nas primeiras edições dos *Ensaios* (1580, e, com pequenas correções, em 1582, 1587 e 1588) – sempre no mesmo capítulo e com a mesma dedicatória (esta sem maiores correções). Contudo, os poemas foram excluídos por rasura manuscrita no Exemplar de Bordeaux (após 1588, portanto), e efetivamente suprimidos das edições posteriores: assim, a partir da edição de Gournay 1595, embora o ensaio tenha conservado o mesmo nome, passou a ser constituído apenas da carta a Madame de Gramont. Foi somente na edição Coste (1727) que os sonetos reapareceram no corpo do capítulo – mas as edições modernas, em geral, os suprimem.

Editio princeps

ESSAJS || DE MESSIRE || MICHEL SEIGNEVR || DE MONTAIGNE, || CHEVALIER DE L'ORDRE || du Roy, & Gentil-homme ordi-|| naire de ſa Chambre. || LJVRE PREMIER || & ſecond. || [ornamento] || A BOVRDEAVS. || Par S. Millanges Imprimeur ordinaire du Roy. || M. D. LXXX. || [-] || AVEC PRIVILEGE DV ROY. ||[1]

Edições

Exemplares consultados: BnF, Z Payen 1 (via Gallica), BM Bordeaux (Mériadeck) S 4754 Rés.coffre (1) (via BVH) e S 4754 Rés.coffre (2) (via BVH).

Contexto

Diane d'Andouins (1554-1621), ou d'Andoins, da nobreza gascã de Hagetmau, casou-se em 21 de novembro de 1568 com Philibert de Gramont (1552-1580), conde de Gramont, senescal do Béarn, governador de Bayonne, *gentilhomme ordinaire de la chambre du roi* e amigo de Montaigne. Tal como indicado nas *Efemérides de Beuther*, foi morto no sítio de La Fère em agosto de 1580, no curso da Sétima Guerra de Religião. Condessa de Guiche e de Gramont, conhecida como "a bela Corisande" (Frame, p. 235; outras fontes), Diane d'Andouins conhecera Montaigne nos anos 1570 (Desan, 2014, p. 433-434). Viúva, foi amante do rei Henrique de Navarra (futuro Henrique IV de França) entre 1582 e 1591. Durante esse período foi atuante no jogo político (como se vê pela carta 37, por exemplo), e principalmente na aproximação entre os dois Henriques contra a Liga.

À exceção de alguns versos publicados ainda em vida,[2] a produção poética de Etienne de La Boétie (1530-1563) é quase toda póstuma e, reunida e controlada por Montaigne, passou à posteridade em três conjuntos: (A) os *Poemata* (em latim); (B) os *Vers françois* (dedicados à sua mulher, Marguerite de Carle[3]); e os (C) *Vingt et neuf sonnets*. Os *Poemata* foram reunidos e impressos nas *Obras completas* financiadas por Montaigne e editadas por Morel em 1571; os *Vers françois* em uma edição exclusiva, novamente às expensas de Montaigne (e mais uma vez impressos por Morel, 1571). Dez anos depois, vieram a público os *Vingt et neuf sonnets*: "obra de juventude" e sem destinatário definido e também sobre o tema do amor, que foram publicados no capítulo 29 do Livro I dos *Ensaios* (Millanges, 1580). Nesse intervalo, porém, alguns poemas foram impressos esporadicamente.[4]

Em todas as versões dos *Ensaios*, incluindo-se a edição de Gournay 1595, o final do ensaio "Da amizade" serve como introdução aos *Vingt et neuf sonnets*. Ali, justifica-se a troca do *Discurso da servidão voluntária*, "obra séria" de La Boétie, por

outra obra sua, "mais alegre e divertida" e escrita "na mesma idade" (isto é, aos dezoito anos), os *Vingt et neuf sonnets*. O *Discurso* de La Boétie apareceria no projeto original do "Da amizade" como um ensaio em si, em apêndice (omissão indicada tipograficamente em "Da amizade", desde a edição Millanges, 1580, por uma linha de asteriscos); ao substituí-lo, porém, os *Vingt et neuf sonnets* foram editados, entre 1580 e 1588, não como apêndice ao "Da amizade", mas como um capítulo à parte; e finalmente suprimidos dos *Ensaios* a partir de 1595 (por indicação expressa no Exemplar de Bordeaux). Importa notar que, nas edições Millanges 1580 e 1582, embora os sumários indiquem os *Vingt et neuf sonnets* como o capítulo de número "29", o corpo do texto o intitula como "28": essa disparidade, por demais evidente para ser ignorada em todas as emissões das duas edições Millanges, talvez indique que o ensaio "Da amizade", capítulo 28 (em que seria impresso, o *Discurso da servidão voluntária*), e o "ensaio" (entre aspas porque não é ensaio) *Vingt et neuf sonnets*, também capítulo 28, formassem efetivamente um só texto.[5] Por outro lado, é justamente em um trecho do último parágrafo do "Da amizade", que constava nas edições até 1588 mas suprimido à mão por Montaigne no Exemplar de Bordeaux, que se lê que o material chegou em suas mãos através de Cyprien de Poiferré (1535-1594), senhor de Varène e secretário do rei de Navarra em Saint-Sever, sua cidade natal.[6] Sabe-se que Poiferré (citado em duas cartas de Montaigne a Matignon[7]) era amigo de Diane d'Andouins, o que, de certa forma, torna direta (ao menos até a edição de 1588) a conexão entre a publicação dos poemas e a epístola-dedicatória (cf. cartas 4 e 9).

[S2r, p. 275]

Ving neuf ſonnetz d'Estienne de la Boëtie a Madame de Grammont conteſſe de Guiſen.

Madame ie ne vous offre rien du mien, ou par ce qu'il eſt des-ia voſtre, ou pour ce que ie n'y ttouue[8] *rien digne de vous. Mais i'ay voulu que ces vers en quelque lieu qu'ils* [p. 276] *ſe vissẽt, portaſſent voſtre nom en teſte, pour l'honneur que ce leur ſera d'auoir pour guide céte grãde Coriſande d'Andoins. Ce preſent m'a ſemblé vous eſtre propre, d'autant qu'il eſt peu de dames en France, qui iugent mieus & ſe ſeruent plus a propos que vous de la poëſie: & puis qu'il n'en eſt point qui la puiſſent rendre viue & animée, comme vous faites par ces beaus & riches accords dequoy parmi vn million d'autres beautés nature vous a eſtrenée, Madame, ces vers meritent que vous les cheriſſez: car vous ſerez de mon aduis, qu'il n'en est point ſorty de Gaſcoigne qui euſſẽt plus d'inuention & de gentilleſſe, & qui teſmoignent eſtre ſortis d'vne plus riche main. Et n'ẽtrez pas en ialouſie, dequoy vous n'auez que le reſte de ce que pieça i'en ay faict imprimer ſous le nom de monſieur de Foix voſtre bon parent: car* [p. 277] *certes ceus cy ont ie ne ſçay quoy de plus vif & de plus bouillant: comme il les fit en ſa plus verte ieuneſſe, & eſchaufé d'vne belle & noble ardeur que ie vous diray, Madame, vn jour à l'oreille. Les autres furent faictz deſpuis comme il eſtoit a la pourſuite de ſõ mariage, en faueur de sa fame, & sentent des-ia ie ne ſçay quelle froideur maritale. Et moy ie ſuis de ceux qui tiennent que la poëſie ne rid point ailleurs: comme elle faict en vn ſubiect folatre & deſ-reglé.*

[**EB**] [fol. 74v] *Ces uers ſe uoient ailleurs.*[9]

Vinte e nove sonetos de Estienne de la Boetie para Madame de Grammont, condessa de Guissen.

Madame, não vos ofereço nada de meu,[10] ou porque já é vosso, ou porque não encontro aí nada digno de vós. Mas quis que estes versos, em qualquer lugar que se vissem, levassem vosso nome em cima,[11] pela honra que será ter por guia esta grande Corisande de Andoins.[12] Esse presente me pareceu vos ser digno, uma vez que tão poucas damas em França se julgam melhores e se servem mais a propósito que vós da poesia[13]; e desde que não há quem possa torná-la viva e animada como fazeis através desses belos e ricos acordes[14] com que, entre um milhão de outras belezas, a natureza vos presenteou, Madame, estes versos merecem que os estimeis. Pois sereis da minha opinião que não tenha surgido da Gasconha[15] quem tivesse mais invenção[16] e fidalguia[17], e que testemunhasse terem saído de uma mão mais rica. E não fiqueis com ciúme pelo fato de terdes apenas o resto do que, há algum tempo, fiz imprimir sob o nome de *Monsieur* de Foix,[18] vosso bom parente:[19] estes, certamente, têm um não sei quê de mais vivo e de mais fervilhante, pois ele os fez em sua mais verde juventude, aquecidos de um belo e nobre ardor – que um dia vos direi, senhora, ao ouvido. Os outros foram feitos depois, quando ele estava nos preparativos de seu casamento, em favor de sua mulher, e já exalam não sei que frieza marital.[20] E eu sou daqueles que sustentam que a poesia não ri alhures como ela o faz em um tema brincalhão e desregrado.[21]

[**EB**] *Esses versos se veem* alhures.[22]

NOTAS

1 Na edição Millanges de 1580, embora coerentemente numerado no sumário, o capítulo 29 foi designado no corpo do texto (p. 275) como "CHAP. VINTHUITISESME". Esta designação continuou na edição Millanges de 1582 (no corpo do texto consta "CHAP. XXVIII"). Corrigido a partir da edição de Richer (1587).

2 Por exemplo, o panegírico *De morte Julii Caesaris Scaligeri* – homenagem póstuma a um amigo de La Boétie, o humanista italiano Julius Caesar Scaliger (1484-1558). O poema apareceu em 1561 como abertura aos *Poetices Libri Septem*, de Scaliger, publicado por seu filho, o também humanista Joseph Scaliger, e foi republicado (com variações) entre os *Poemata* latinos das *Obras completas* editadas por Montaigne.

3 Filha de Pierre de Carle, à época presidente do Parlement de Bordeaux, Marguerite e La Boétie casaram-se por volta de 1544.

4 Por exemplo, o poema "De Boetiano ad Vidum Brassacum" que saiu na coletânea póstuma de Scaliger, *Poemata*, em 1574. Para uma edição crítica dos poemas, ver Bardyn e Six (2018).

5 Nesse caso, com o sumário enumerando corretamente o número de capítulos, mas com o corpo do texto reunindo-os. É, aliás, apenas na edição Richer 1587 que o capítulo 29 do Livro I corresponde *de fato* aos *Vingt et neuf sonnets*. Ver Desan (1995).

6 "Or en eſchange de cet ouurage ſerieux i'en ſubſtitueray vn autre produit en céte mesme ſaiſon de ſon aage plus gaillard et plus enioüé, ce ſont vint & neuf ſonnets que le ſieur de Poiferré homme d'affaires & d'entendement, qui le connoiſſoit longtemps auant moy a retrouué par fortune ches luy parmy quelques autres papiers, & me les viẽt d'enuoier, dequoy ie luy ſuis treſ-obligé, & ſouhaiterois que d'autres qui detiennent pluſieurs lopins de ſes eſcris par cy par la en fiſſent de meſmes. [Ora, em lugar dessa obra séria, eu a substituirei por uma outra, produzida na mesma época de sua idade, mais alegre e mais divertida: são vinte e nove sonetos que o Sieur de Poiferré, homem de negócios e de inteligência, que o conhecia bem antes de mim, encontrou ao acaso em sua casa, entre outros papéis, e acabou de me enviar – pelo que lhe sou muito agradecido. E gostaria que outros, que detêm, aqui e ali, outros trechos de seus escritos, fizessem o mesmo]". Pelo texto, compreende-se o porquê de os sonetos não entrarem nas obras de La Boétie editadas por Montaigne em 1571. Para Poiferré e a relação com Diane d'Andouins e os *Vinte e nove sonetos*, ver Balsamo (2004a e 2004b); Desan (2014, p. 478). Esse "aqui e ali" dos escritos esparsos de La Boétie bate com o "não sei quê" do conteúdo das obras. O fato de os sonetos não estarem nas obras de 1571 acaba se tornando moeda de negociação intelectual para Montaigne.

7 Carta 31 (9 fev.1585) e carta 33 (13 fev.1585) em nossa antologia.

8 Erro no original, repetido em todos os exemplares Millanges de 1580 repertoriados: "ttouue" em lugar de "trouue"

9 [**1595**]: Ces vingt neuf ſonnetz d'Eſtiẽne de la Boëtie qui eſtoient mis en ce lieu ont eſté deſpuis imprimez auec ſes œuures. ||

10 A frase tem algo de irônico, pois, desde a primeira edição em 1580, o capítulo 29 dos *Ensaios* não continha proprimanete um texto de Montaigne, mas apenas os sonetos de La Boétie.

11 Isto é, no cabeçalho, à maneira de epígrafe.

12 Amante das narrativas cavaleirescas do século XVI – em particular do *Amadis de Gaula* (1508, em treze livros) de Garci Rodriguez de Montalvo, publicado em francês na tradução de Nicolas Herberay des Essarts (primeiro livro em 1540) –, Diane d'Andouins incorporou a seu nome, como apelido, uma personagem do romance, Corisande. Trata-se de um passo curioso, pois, por volta de 1580, esse tipo de narrativa já é algo fora de moda, considerada nos círculos letrados "*entre la censure et une tendresse condescendante* (entre a censura e uma terna condescendência)" (Simonin, 2004b, p. 189). Além disso, na mesma edição de 1580 do *Ensaios*, dois capítulos antes (ao final do ensaio 26 do Livro I, "Da educação dos filhos"), Montaigne já havia tratado, de modo pejorativo, desses textos de cavalaria (medievais e tardios): "[A] O *primeiro gosto que tive pelos livros veio-me do prazer das fábulas da* Metamorfose, *de Ovídio. Pois, por volta dos sete ou oito anos, eu me furtava a qualquer outro prazer para lê-las; porque essa era a minha língua maternal, e porque era o livro mais fácil que conhecia, e o mais adequado à fragilidade de minha idade, por causa do assunto. Pois dos Lancelotes do Lago,* [B] *dos Amadis,* [A] *dos Huons de Bordeaux e de toda a miscelânea de livros com que a infância se distrai eu não sabia nem sequer o nome nem conhecia ainda o assunto, tão estrita era minha disciplina*" (CA, I, 262). Nota-se, pela escansão editorial, que o acréscimo "*dos Amadis*" foi publicado na edição de 1588.

13 Costhek Abílio: "[...] porque há na França poucas senhoras que melhor julguem a poesia e se sirvam dela mais a propósito do que vós". Simões: "pois há poucas damas na França que julguem melhor e que se sirvam mais a propósito da poesia do que a senhora".

14 No original, "*accords*". Pelo contexto, parece referir-se antes ao sentido musical que ao pactual do termo.

15 A cidade natal de La Boétie, Sarlat (atual Sarlat-la-Canéda, no departamento da Dordogne), ficava na Gasconha francesa do Antigo Regime. Diane d'Andouins também era gascã, nascida no castelo de Hagetmau: destruído provavelmente no século XVIII, a municipalidade fica atualmente na jurisdição do departamento de Landes, na Nouvelle Aquitaine.

16 Simões traduz *inuention* por "*originalidade*", Costhek Abílio por "*criatividade*". Uma tradução possível seria "*engenho*", mas nesta edição, como via de regra, sempre optamos em português pelo termo mais literal. No campo das construções narrativas do século

XVI, a *inventio* [*heuresis*, em grego], como uma das partes da elaboração do discurso na Retórica – juntamente com a *dispositio* (*taxis*, a ordenação adequada) e a *elocutio* (*lexis*, o manejo do estilo e das figuras de retórica) –, cuida, antes, do levantamento de ideias e argumentos que serão desenvolvidos pelo texto. Nesse sentido, *inventio* (na acepção de Cícero, "*busca das coisas verdadeiras ou verossímeis que tornem plausível o tema*", De Inventione, I, 7 [9]) não quer dizer exatamente "invenção" (o que, no português atual, carrega o sentido de "originalidade" ou "criatividade" como produção de algo *ex-nihilo*), e sim "*a busca que empreende o orador de todos os argumentos e de outros meios de persuasão relativos ao tema do seu discurso*" (Reboul, 2004, p. 43). Assim, a *inventio* tem igualmente o sentido de "inventário" (tal como usamos correntemente o termo em português), pois, tanto no levantamento preliminar quanto no desenvolvimento concreto do texto (no exórdio, na narração, na divisão, na confirmação, na refutação e na conclusão, que formam as partes do discurso segundo a *Retórica a Herênio*, I, 4), também estão os aspectos paradigmáticos necessários aos procedimentos de composição, e nisso se compreende o ato de selecionar e seguir os melhores modelos (do passado) a serem imitados. Logo, o termo se insinua para nós como falso cognato, pois a *inventio* não é necessariamente uma dimensão "criativa" ou "original" tal como entendemos hoje: ela também contém o aspecto conservador de olhar para esses modelos do passado a fim de se encontrar o melhor meio de chegar ao ponto desejado.

17 Costhek Abílio traduz "*gentillesse*" por "*graça*"; Simões, por "*nobreza*", o que parece mais indicado aqui. Embora "graça" possa ser, em sentido figurado, uma tradução possível (nesse caso, remetendo às virtudes cortesãs dos aristocratas do Renascimento, logo, considerando-se "graça" o *resultado* daquilo que Castiglione estabeleceu como *sprezzatura*, a dissimulação ou ocultamento da dificuldade de uma ação), optamos pelo uso de "fidalguia". Nesse caso, "*gentillesse*", termo herdado do francês antigo, sempre se refere àquilo que é próprio ao *gentilhomme* (ao "fidalgo" ou, na sua forma arcaica em português, ao "gentil-homem"). Para o caso de "graça", no sentido empregado por Castiglione ("*gratia*", que encontramos, por exemplo, no capítulo 26 do Livro I de O *cortesão*), os tradutores franceses contemporâneos a Montaigne, tanto Jacques Colin (*Les quatre livres du courtisan*, 1537) como Gabriel Chappuys (*Le parfait courtisan*, 1580), utilizam "*grace*" (isto é, o resultado final da técnica da *sprezzatura*); e, para "*sprezzatura*", traduzem o termo por "*nonchalance*". Com essa opção, indica-se mais claramente que o conjunto formado por "*inuention*" (que implica, em grande parte, no respeito aos modelos antigos ou paradigmáticos) e "*gentillesse*" ("nobreza") constituem um "anel conservador" entre o poético e o social, virtudes atribuídas a La Boétie no final do capítulo "Da amizade" (Ensaios I, 28): "*Porque descobri que posteriormente essa obra* [o Discurso da servidão voluntária] *foi publicada, e com mau fim, pelos que procuram perturbar e mudar o estado de nosso governo, sem se preocuparem se irão melhorá-lo, obra que misturaram com outros escritos da mesma farinha deles, desisti de colocá-la aqui. E, para que a memória do autor não seja prejudicada junto dos que não puderam*

conhecer de perto suas opiniões e suas ações, aviso-os de que esse assunto foi tratado por ele em sua infância, somente como forma de exercício, como assunto comum e repisado em mil trechos dos livros. Não tenho a menor dúvida de que ele acreditava no que escrevia, porque era bastante consciencioso para não mentir nem sequer por brincadeira. E *sei ademais que, se tivesse de escolher, ele gostaria mais de ter nascido em Veneza do que em Sarlac; e com razão. Mas tinha soberanamente gravada na alma uma outra máxima, a de obedecer e submeter-se muito escrupulosamente às leis sob as quais nascera. Nunca houve um cidadão melhor, nem mais afeiçoado à tranquilidade de seu país, nem mais inimigo das agitações e novidades de seu tempo. De muito melhor grado ele empregaria seu talento em extingui-las do que em fornecer-lhes com que incitá-las ainda mais. Tinha o espírito moldado pelo padrão de outros séculos que não este.*" (CA, I, 290). Para a questão da graça e da *sprezzatura*, ver Ricci (2003) e carta 7, nota 9.

18 Nesse caso, Paul de Foix-Carmaing (1528-1584), membro do conselho privado do rei, amigo e protetor de Montaigne. Os *Vers françois de feu Estienne de la Boétie*, publicados postumamente às expensas de Montaigne em novembro de 1570, trazem uma epístola-dedicatória dirigida a ele (cf. carta 9 da nossa antologia). Em 1570, a energia retórica da *captatio benevolentia* empregada nessa dedicatória a Foix nos *Vers françois* é toda voltada à salvaguarda da obra de La Boétie. Caráter, portanto, muito diverso do que se encontra aqui, pois o acento do texto está antes na correlação pedagógica de Madame de Grammont com as narrativas de sua época – dentre as quais os versos de La Boétie, que, enquadrados pela *cornice* dos *Ensaios*, aparecem tratados como um exemplo que já não necessita de justificação especial.

19 Diane d'Andouins e Paul de Foix-Carmaing eram bisnetos de Jeanne de Foix-Carmaing e Jean d'Andouins (*grand chambellan*, isto é, responsável pelos aposentos privados do rei de Navarra). Aparentemente, essa frase é mais uma ironia, pois o "resto" que são os *Vinte nove sonetos* formam, na verdade, com os *Vers françois* (editados em 1570) um todo, tal como formam um todo a reunião, pela árvore genealógica, os destinatários dos poemas de La Boétie.

20 Costhek Abílio: "*e já exalam uma certa frieza marital*"; Simões: "*e já exalam não sei que frieza marital*". Nesse caso, o enunciado "não sei quê" aparece duas vezes no texto, na oposição entre os versos da juventude solteira ("*um não sei quê de mais vivo e de mais fervilhante*") e o "*um não sei que frieza marital*" (quer dizer, o da fase da maturidade, já sob o matrimônio). Essa imprecisão do "não sei quê" é valiosa para a (de)codificação do sentido geral da dedicatória, pois é nessa falta de determinação absoluta entre os opostos, ainda que eles estejam em oposição clara e distinta, que a carta instaura seu quadro irônico de referências: Amadis, a cortesã amante, etc.

21 Costhek Abílio: "Quanto a mim, sou dos que consideram que a poesia não ri alhures como faz em um tema brincalhão e desregrado". Simões: "E eu sou daqueles que afirmam que a poesia não é tão agradável alhures quanto o é em um tema brincalhão e desregrado".

Frame: "And I am one of those who hold that poetry is never so blithe as in a wanton and irregular subject"; Garavini: "Ed io sono di quelli che ritengono che la poesia non sorrida mai tanto come in un soggetto festevole e spensierato". O sentido parece ser: "eu sou partidário da ideia de que a poesia é muito mais divertida quando não trata de tema muito sério" (ou talvez mesmo, por extensão, "mais divertida quando não é tomada muito a sério)". Isso sintetiza a diferença de tom entre os *Versos franceses* e os *Vinte nove sonetos*, mas deixa ressoar uma irônica crítica à "fria" instituição do casamento. O modelo retórico da comédia se coaduna com o tema dos versos? Também importante notar que na epístola-dedicatória, La Boétie é "apenas" poeta – humanista e conservador, de respeito aos clássicos (*inventio*) e também às leis (fidalgo), retrato diverso do "revolucionário" autor do *Contr'un*.

22 A este acréscimo autógrafo do Exemplar de Bordeaux (ao final do fól. 74v), segue-se a supressão de todos os vinte e nove sonetos – indicada, de cima a baixo, por rasuras diagonais (a partir do canto superior esquerdo) sobre a mancha de texto de cada um dos fólios (75r-81v) que compunham o restante desse capítulo na edição de 1588. Assim, a partir da edição de Gournay de 1595, o capítulo 29 passou a conter apenas a carta-dedicatória a Gramont. Essa ressalva manuscrita deixa crer que talvez Montaigne pensasse em uma edição separada com os poemas. Entretanto, nenhuma outra publicação conhecida do século XVI traz esses sonetos de La Boétie, dos quais também não se conhecem quaisquer manuscritos.

Carta 12 (provavelmente 1579)

A Madame d'Estissac (*Ensaios* II, 8)

Fontes

Não se conhece nenhuma versão manuscrita do texto integral original. Publicada em 1 de março de 1580, trata-se da epístola introdutória ao ensaio "De l'affection des pères" (*Ensaios* II, 8).

Editio princeps

* ESSAJS || DE MESSIRE || MICHEL SEIGNEVR || DE MONTAIGNE, || CHEVALIER DE L'ORDRE || du Roy, & Gentil-homme ordi-|| naire de ſa Chambre. || LJVRE PREMJER || & ſecond. || [ornamento] || A BOVRDEAVS. || Par S. Millanges Imprimeur ordinaire du Roy. || M. D. LXXX. || [-] || AVEC PRIVILEGE DV ROY. ||[1]

Contexto

Louise de La Béraudière, Madame d'Estissac, viúva de Louis de Madaillan d'Estissac (~1502-1565), governador de La Rochelle, Aunis e Saintonge, e também *lieutenant-général* do Poitou. Casaram-se em 1562 e tiveram dois filhos, Claude e Charles d'Estissac. É a segunda viúva a quem Montaigne dedica uma carta-prefácio no interior dos *Ensaios* (cf. Madame de Grammont, *Ensaios* I, 29; carta 11).

Charles d'Estissac, ainda jovem, fez parte da comitiva da viagem à Itália entre 1580 e 1582 – narrada no *Journal de voyage* de Montaigne.[2]

Charles d'Estissac morreu em um duelo, em março de 1586, mas tanto a edição de 1588 dos *Ensaios* quanto o Exemplar de Bordaux, embora tragam algumas correções à versão da carta traduzida aqui (publicada em 1580), não fazem nenhuma menção ao fato. Roger Trinquet mostrou que não se deve confundir Louise d'Estissac com sua homônima contemporânea e prima distante, Louise de La Béraudière de Rouhet. Conhecida na corte como "a bela Rouhet", esta última seria integrante do "*escadron volant* (esquadrão volante)" – nome romântico dado a algumas damas de Catherine de Médicis, que supostamente atuariam como espiãs a seu serviço. Celebrada por Brantôme e amante de Antoine de Bourbon (pai de Henrique de Bourbon, futuro Henrique IV) com quem teve um filho bastardo, Charles III de Bourbon (mais tarde arcebispo de Rouen), casou-se com Robert de Combault em 1580.[3]

[p. 66, f. EEe 1v]
A Madame d'Eſtiſſac.

Madame ſi l'eſtrangeté ne me ſauue, & la nouueleté, qui ont accouſtumé de dõner pris aus choſes, ie ne ſors iamais à mõ honneur de céte ſote entreprinſe: mais elle eſt si fãtaſtique, & a vn viſage ſi eſloigné de l'vsage commun que cela luy pourra donner paſſage. C'eſt vne humeur melancolique, & vne humeur par consequent treſennemie de ma complexiõ naturelle, produicte par le chagrein de la ſolitude, en laquelle il y a quelques années que ie m'eſtoy ietté, qui m'a mis premieremẽt en teſte céte reſuerie de me meſler d'eſcrire. Et [p. 67] *puis me trouuant entierement deſgarny*[4] *et vuyde de toute autre matiere ie me ſuis preſẽté moy meſmes à moy pour argumẽt & pour ſubiect. C'eſt vn deſſein farouche et monſtreus.*[5] *Il n'y a rien auſſi en céte beſoingne digne d'eſtre remerqué que cete bizarrerie: car a vn ſubject ſi vain et ſi vile le meilleur ouurier du monde n'eusſt ſceu donner forme & façon qui merite*[6] *qu'õ en face conte. Or madame, ayãt à m'y pourtraire au vif i'en euſſe oublié vn traict d'inportãce, ſi ie n'y euſſe repreſenté l'hõneur & reuerence ſinguliere que i'ay touſiours porté a vos merites & a vos vertus.*[7] *Et l'ay voulu dire notamment a la teſte de ce chapitre: d'autant que, parmy vos autres grãdes qualitez celles de l'amitié que vous avez monſtrée a vos enfans,*[8] *tient l'vn des premiers rengs. Qui ſçaura l'aage auquel Monſieur d'Eſtiſſac, vous laiſſa vefue,*[9] *les grands et hõnorables partis, qui vous ont eſté offertz autãt qu'a dame de France de voſtre cõdition, la cõſtance et fermeté dequoy vous auez ſouſtenu tãt d'anneés et au trauers de tant deſpineuses difficultez, la* [p. 68] *charge & cõduite de leurs affaires, qui vous ont agitée par tous les coins de France, & vous tiennẽt encores aſſiegée, l'heureus acheminement que vous y auez donné par voſtre seule prudence ou bonne fortune: il dira aiſément auec moy*

A *Madame* d'Estissac[16]

Madame, se não me salva a estranheza, e a novidade, que costumam dar preço às coisas, jamais sairei com honra desta tola empreitada.[17] Mas esta é tão fantástica, e tem uma face tão distante do uso comum,[18] que isso poderá lhe dar passagem.[19] É um humor melancólico, um humor por conseguinte muito inimigo de minha compleição natural, produzido pelo amargor da solidão,[20] na qual há alguns anos me lancei, que primeiramente me pôs na cabeça esse desvairio de me pôr a escrever.[21] E depois me encontrando inteiramente desguarnecido[22] e esvaziado de toda outra matéria, apresentei-me a mim mesmo como argumento e tema.[23] É um desenho rude[24] e monstruoso.[25] Também não há nada digno de ser notado nesta tarefa além dessa bizarrice:[26] pois, para um tema tão vão e tão vil, o melhor artesão do mundo não soube dar forma e trabalho[27] que mereça que se leve em conta.[28] Ora, tendo de me retratar ao vivo,[29] senhora, eu teria esquecido aí um traço importante se não tivesse representado a honra e a reverência singular[30] que sempre prestei a vossos méritos e a vossas virtudes.[31] E quis dizê-lo notadamente[32] na cabeça deste capítulo,[33] uma vez que, entre vossas outras grandes qualidades, a da amizade que mostrastes a vossos filhos ocupa um dos primeiros lugares. Quem souber a idade[34] em que vos deixou viúva o *Monsieur* d'Estissac;[35] os grandes e honoráveis partidos[36] que vos foram ofertados enquanto dama de França de vossa condição; a constância e a firmeza que sustentastes por tantos anos e através de tantas espinhosas dificuldades; a carga e a conduta de seus negócios,[37] que vos agitaram por todos os cantos da França, e vos têm ainda sitiado;[38] o feliz encaminhamento que destes a eles apenas por vossa prudência ou boa fortuna:[39] facilmente dirá, comigo, que não temos, em nosso

que nous n'auons nul exemple[10] d'affection maternelle en noſtre tẽps plus expres que le voſtre. Ie louë Dieu, Madame, qu'elle eſt ſi biẽ emploiée:[11] car les bonnes eſperances que donne de ſoy Monsieur d'Eſtiſſac aſſurent[12] aſſés que quãd il ſera en aage vous en retirerez l'obeïſſance[13] & reconnoiſſance d'vn tresbon fils. Mais d'autant qu'a cauſe de ſon enfance, il n'a peu remerquer les extremes offices qu'il a receu de vous en ſi grand nombre, ie veus ſi ces eſcrits viennent vn iour à luy tomber entre mains,[14] lors que ie n'auray plus ny bouche ni parole qui le puiſſe dire, qu'il reçoiue de moy ce teſmoignage en toute verité, qui luy ſera encore plus vifuemẽt teſmoigné par les bõs effaits, dequoy ſi Dieu plaict il ſe reſſentira, qu'il n'eſt gentil'homme en France qui doiue plus a ſa mere qu'il fait: & qu'il ne peut dõner à l'ad-[p. 69] *uenir plus certaine preuue de ſa valeur & de ſa vertu[15] qu'en vous reconnoiſſant pour telle.*

tempo, nenhum[40] exemplo de afeição materna mais expresso que o vosso. Louvo a Deus, *Madame*, que ela[41] seja tão bem empregada: pois as boas esperanças que dá de si *Monsieur* d'Estissac[42] asseguram, suficientemente, que, quando ele estiver na idade, obtereis[43] dele a obediência e o reconhecimento de um muito bom filho. Mas, por conta de sua infância,[44] ele não pode notar os extremos serviços[45] que recebeu de vós em tão grande número; quero, se estes escritos vierem um dia a lhe cair entre as mãos, quando eu não tiver mais nem boca nem palavra que o possa dizer,[46] que ele receba de mim esse testemunho em toda verdade, que lhe será ainda mais vivamente testemunhado pelo bons efeitos,[47] que, se aprouver a Deus, ele pressentirá:[48] pois não há fidalgo na França que deva mais à sua mãe do que ele [o deve].[49] E que ele não possa dar no futuro prova mais certa de seu valor e sua virtude[50] senão nelas vos reconhecendo por tal.[51]

NOTAS

1 Usamos aqui o exemplar fac-símile da BnF, cota Z Payen 1 (via Gallica). Outros exemplares em Fac-símile: BM Bordeaux (Mériadeck) S 4754 Rés.coffre (1) (via BVH) e S 4754 Rés. coffre (2) (via BVH).

2 "Dernier rejeton d'une très ancienne et illustre famille de l'Agénois, petit-neveu du Geoffroi d'Estissac, évêque de Maillezais, qui protégea Rabelais, Charles d'Estissac emportait, cousues dans la doublure de son pourpoint, des lettres du roi Henri III et de la reine-mère Catherine de Médicis, qui le recommandaient au duc de Ferrare comme devant 's'arrêter quelque temps en Italie, et se livrer cependant aux plus vertueux et honnêtes exercices qui s'y font chaque jour' et d'autres missives, ce semble, du même roi et de la même reine, priant le pape Grégoire XIII de lui réserver bon accueil. Charles, arrivé à Rome, fréquenta sans doute les écoles, suivit probablement Montaigne à Lorette et à Lucques, et fut encore, selon toute vraisemblance, de ceux qui lui tinrent compagnie, jusqu'à la première poste, lorsqu'il partit pour rentrer en France." (Rat, 1955, p. VI).

3 Cf. Trinquet (1956).

4 [EB]: Et puis me trouuant entierement deſ~~garny~~ *pourvueu* || = [1595]

5 [EB]: [...] & pour ſubiect. C'eſt ^ *le ſeul liure au monde de ſon eſpece, d'vn* deſſein farouche & ~~monſtrueux~~ *extravagant*. || [1595]: & pour subiect. C'eſt le ſeul liure au mõde de ſon eſpece, & d'vn deſſein farouche & extravagant. ||

6 [EB]: donner ~~forme &~~ façon qui merite [...] || = [1595]

7 [EB]: representé l'honneur ~~& reuerẽce ſinguliere~~ que i'ay touſiours rẽdu à vos merites ~~& à vos vertuz~~. || = [1595]

8 [EB]: Et l'ay voulu dire ~~notamment~~ *ſignammant* a la teſte de ce chapitre, d'autant que, parmy vos autres ~~grandes~~ *bones* qualitez celles de l'amitié que vous avez monſtrée a vos enfans [...] || = [1595]

9 [EB]: Monsieur d'Eſtiſſac, *uostre mari*, vo laissa veufue; || = [1595]

10 [1588]: [...] nous n'auons point d'exẽple [...] || = [1595]

11 [EB]: [...] qu'elle ~~eſt~~ *aye ſi* biẽ emploiée [...] || = [1595]

12 [EB]: Monsieur d'Eſtiſſac, *uostre ſils*, aſſeurent [...] || = [1595]

13 [EB]: vous en ~~re~~tirerez l'obeiſſance... || = [1595]

14 [1588]: à luy tomber en main [...] || = [1595]

15 [EB]: [...] de ſa ~~valeur~~ *bonté*, & de sa vertu [...] || = [1595]

16 Ver o contexto que serve de introdução para esta carta.

17 Para preservar o estilo hipérbato do texto original, preferimos manter o verbo "salvar" no singular, regendo "estranheza", e o substantivo "novidade" fora da sua regência. Entretanto, ficaria mais simples dizer, como traduz Aguiar: "*Senhora, se a estranheza e a novidade, que costumam dar valor às coisas, não me salvarem, jamais sairei honrado desta tola empreitada*". A "*sote entreprinse*" (tola empreitada), neste caso, refere-se, provavelmente, à escrita dos *Ensaios* como um todo e não somente ao capítulo que se segue à carta.

18 "Estranheza", "novidade", "fantástico" fazem eco, no texto, a um regime retórico pautado pela singularidade corporal (resultante do "humor melancólico", "inimigo da compleição natural" do narrador) e que ajuda a definir, algumas linhas abaixo, o resultado formal "rude e monstruoso" da fabricação dos *Ensaios*. Logo, embora talvez demasiadamente literal, optamos traduzir "*visage si esloigné de l'vsage commun*" por "face tão distante do uso comum", em vez de "ar tão distante" (Abilio) ou "aspecto tão distante" (Aguiar) – mantendo-se assim a ideia de que se trata de uma ambiguidade entre o corpo do narrador e seu texto.

19 O sentido parece ser o de "franquear um lugar positivo à obra".

20 No original "*chagrin de la solitude*". Preferimos traduzir por "amargor da solidão" pois "tristeza" (adotado tanto por Abilio quanto por Ferreira), embora possa soar como uma tradução mais natural em português, dá um caráter excessivamente passivo à operação de recolhimento e solidão – o que não é propriamente o caso, *chagrin* devendo ser matizado à luz do trecho seguinte, no qual o narrador diz ter-se colocado *voluntariamente* nessa condição.

21 No original, "*me mesler d'escrire*" (literalmente, "me misturar a escrever", e que poderíamos entender, mais especulativamente, como "me fundir ao escrito") tem um sentido que reforça a simbiose narrador-texto que está em jogo na construção retórica da carta: aquilo que foi escrito (os *Ensaios*) é *produto* da solidão e das forças corporais e humorais fora da "compleição natural" do narrador, o que explicaria seu estado singular (monstruoso). Por outro lado, escrevê-los sob estas condições promove um *efeito* sobre o próprio narrador, que é o apresentar-se "tendo a si mesmo por argumento e sujeito", como o texto dirá um pouco mais à frente.

22 No EB, em vez de "*desgarny* (desguarnecido)", o texto traz "*despourveu* (desprovido)".

23 No original "*pour argument & pour subiect*". Embora fazendo a opção por "argumento e tema", é quase irresistível traduzir essa expressão como "por argumento e por *sujeito*" – o que deixaria muito mais explícita a complexidade irônica que parece existir no texto francês, realizando concretamente a simbiose entre texto e narrador/autor. No mesmo

sentido, o modelo reflexivo patente no trecho anterior da frase ("*ie me suis presẽté moy mesmes à moy*" (lit., eu me apresentei eu mesmo a mim) também é uma espécie de pleonasmo irônico, uma vez que a apresentação "de si mesmo para si" (apoteose do *privado*) terá ampla circulação *pública* (a partir da edição de 1580).

24 O termo francês médio "*farouche*" designa, quando aplicado a um animal, aquele que ainda não foi domesticado, ou o que é intratável, indomável, etc. – e, por extensão, que suscita medo e desconforto por conta dessas qualidades. Embora "bizarro" (Aguiar) seja uma tradução possível, *bizarrerie* aparece como um sintagma explícito mais abaixo no texto e usar o mesmo lema aqui pode causar confusão. "Desordenado" (Abílio) é uma boa opção, sobretudo para não confundir com o lema "*estrangeté*" (estranheza), já empregado no início da carta. Decidimos, entretanto, traduzir "*farouche*" como "rude". A razão é que a carta apresenta o trabalho (quer dizer, os *Ensaios*) como resultado do recolhimento, como fruto de uma retirada da vida social cortesã, logo, produto de uma certa *rusticidade*. Trata-se de um tema (o *mépris de la cour* (desprezo da corte) em voga na segunda metade do século XVI, por influência do renascimento das narrativas pastorais no cenário europeu: algumas vezes como reação muitas vezes satírica ao *Corteggiano* de Castiglione (1529), mas sobretudo por influência direta da obra de Antonio de Guevara, *Menosprecio de corte y alabanza de aldea*, de 1539. Este último foi traduzido em francês por Antoine Alaigre em 1542 (*Du mespris de la court et de la louange de la vie rustique*) e uma série de títulos marca a presença dessa tópica em toda uma geração de escritores contemporânea à produção dos *Ensaios*: *Les plaisirs de la vie rustique* (1574), de Monsieur de Pibrac; *Les plaisirs de la vie rustique et solitaire* (1583), de Claude e Pierre Binet; *La columbière ou maison rustique* (1583), de Philibert Hegemon; *Les plaisirs du gentilhomme champestre* (1583), de Nicolas Rapin; *Le plaisir des champs* (1583), de Claude Gauchet; *Plaisirs et félicités de la vie rustique* (1584), de Germain Forget, entre outros. Para o contexto, ver Smith (1966). Nesse sentido, "*farouche*" deveria guardar, em português, a ideia de rusticidade que é inerente a essa operação de afastamento cortesão – donde a escolha de "rude" para traduzir algo de seu aspecto indomável, rústico e fora das regras cortesãs.

25 Este trecho foi reescrito no EB: "C'*est le seul livre au monde de son espece, d'vn dessein farouche et extravagant* (lit.: É o único livro no mundo de sua espécie, de um desenho rude e extravagante)". Note-se, portanto, a passagem do sentido geral de "texto" de desenho "rude", "indomável" (em 1580) a "livro" de desenho "rude", "indomável" (no EB), o que reflete mais propriamente a conquista de um lugar particular para os *Ensaios* no cenário de sua recepção intelectual: de "*essay* (experimento)", inicial tateante, à "obra", dotada de forma própria, única e singular. Nesse caso, o uso de "espécie" para designar o lugar do livro (como se fosse um animal único) dá o tom "naturalista" aristotélico da localização da obra: ela é *monstruosa* (quer dizer, fora da sequência normativa dos seres da sua espécie) mas *positivamente monstruosa*, uma conquista do narrador para além dos gêneros narrativos disponíveis em sua época (carta, sermão, etc.).

26 No original, "*bizarrerie*". Trata-se de uma forma emprestada do italiano *bizarro*, que inicialmente designava um estado passional ("colérico") e, por volta do início do século XVI, absorvera o sentido de "extravagante". No século XVI, as variações das formas autóctones *bigarrer* ("separar em duas partes", "dividir") e *bigarré* ("dividido") foram assimiladas a *bizarre*, passando a coexistir com o sentido tardio italianizado, de "extravagante" ou "singular". Nessa evolução, os textos franceses veiculam as formas *bigearre* (1544, para substantivo) ou *bigarre* (1544, para o adjetivo); *bizerre* aparece um pouco depois (1555); e finalmente, bizarre (1572) (cf. *Trésor de la langue française*, → Bizarre). Na carta, o termo é usado como substantivo, mas, sobretudo se visto à luz da inteporlação do Exemplar de Bordeaux (designando neste caso um *produto*, o "livro"), também pode ser visto enquanto uma categoria estética, como um "grotesco" – quer dizer, como uma das formas ornamentais em voga no final do século XVI –, logo, dando à *bizarrerie* um sentido algo maneirista, o que é bastante moderno para o termo. Cf. Nakam (1995); Losada Goya (2016).

27 No original: "*forme & façon*". No francês médio, *façon* significa ordinariamente "trabalho", sobretudo "trabalho manual", mas também "fantasia", "capricho", "maneira de agir", etc. (cf. DCM → Façon) e, diante de objetos produzidos artesanalmente, também pode significar "forma". Na edição de 1580, o texto traz "*forme & façon*" conjuntamente, mas *forme* foi suprimido no Exemplar de Bordeaux – ficando apenas "*façon*" (Abílio e Ferreira traduzindo, nesse caso, *façon* por "forma"). Entretanto, optamos por "trabalho", pois, em 1580, os termos não pareciam ser redundantes e sim complementares: assim, indicar não apenas a "forma final" (produto) de uma atividade manual, mas também o seu processo – nesse caso, o esforço de trabalhar "um tema tão vil" seria, de antemão, visto como demasiado e inútil ao artesão.

28 No original: "*face* (grafia alternativa do verbo "*faire*") *en conte*". Nesse caso, o sentido completaria o da primeira metade da frase: diante da dificuldade da tarefa, o artesão sequer começaria o trabalho. Sendo assim, poderíamos parafrasear todo o trecho como: "pois para um tema tão inútil e tão ruim, o melhor artesão do mundo sequer se daria ao trabalho de levá-lo adiante".

29 No original, "*au vif*". Literalmente, "ao vivo". Para o uso do termo, cf. carta 6, nota 14.

30 No EB, "e reverência singular" foi suprimido do texto.

31 No EB, "e a vossas virtudes" foi suprimido do texto.

32 No EB: "*notamment*" (notadamente) foi substituído por "*signamment*" (insigniamente)".

33 No original: "*a la teste de ce chapitre*" (lit. "na cabeça deste capítulo"). Poderíamos traduzir por "começo", "início" (Ferreira), "topo" (Abílio), mas, mesmo sacrificando o estilo em português, optamos por "cabeça" – porque a lógica corporal da carta é forte demais para não assinalar a importância desse termo no texto.

34 O *Monsieur* d'Estissac era um sexagenário viúvo (de Anne de Lude) e pai de duas filhas mais velhas (as condessas de Quelus e de Lauzun) quando, em 1562, casou-se com Louise de La Béraudière – que, na época, contava pouco mais de vinte anos. As longas disputas judiciais com as filhas do primeiro casamento pela herança dos Estissac duraram mais de quarenta anos e a carta, provavelmente, talvez faça menção a isso, com "tantos anos e através de tantas espinhosas dificuldades".

35 No EB: "Monsieur d'Estissac, *vostre mari*, vous laissa veufve [o Senhor d'Estissac, *vosso marido*, vos deixou viúva]".

36 No sentido de propostas de casamento.

37 Aqui, o texto original muda o pronome oblíquo da segunda do plural ("*vos*") para a terceira do plural ("*leurs*"). Refere-se, provavelmente, aos cuidados da *Madame* d'Estissac com a causa dos filhos, quer dizer, com os problemas da herança deles em relação às filhas do primeiro casamento do Senhor d'Estissac. Aqui é onde a carta parece mais ambígua, ao menos aos olhos de hoje, pois para o texto fazer sentido para além da destinatária da missiva, a média dos leitores precisaria saber quem é a personagem descrita no texto (*Madame* d'Estissac) e todas as dificuldades descritas. Por outro lado, parece também evidente que o enunciado da missiva, de teor encomiástico, apresenta ao público uma campeã moral que vale a pena conhecer ou ao menos saber da existência. Não deixa também de ser um *pendant* irônico às loas feitas pelos contemporâneos (como Brantôme) às virtudes cortesãs da prima homônima, Louise de La Béraudière de Rouhet.

38 No original, "*assiegée*". "*Assieger*" é um termo militar: "sitiar" uma cidade, castelo, praça-forte, etc. Figurativamente, "atormentar", "causar dificuldades". Assim, embora "assoberbada" (Abílio) ou "preocupada" (Aguiar) sejam traduções perfeitamente possíveis, entendemos ser melhor guardar o sentido militar mais ordinário do termo, pois ele imprime à *Madame* d'Estissac um sentido de bravura diante das intempéries e que parece estar efetivamente no texto francês.

39 "*Fortune*" (fortuna) no sentido de "sorte". É importante manter o termo em português, pois o girar da "roda da Fortuna" é uma tópica usada na moralidade renascentista. Entretanto, uma tradução possível seria "tanto por sua prudência quanto por sua boa estrela" – nesse caso, mostrando que *Madame* d'Estissac, além de seus próprios méritos morais, tem sobre si também o olhar cuidadoso da Providência.

40 Na edição de 1588, lê-se: "*n'auons point d'exemple*" (não temos exemplo). A forma pronominal "*nul*", indistinta, foi substituída pelo peremptório "*point*" – que no francês médio, como no francês clássico, expressa um valor negativo absoluto.

41 No caso, "ela" refere-se à afeição materna.

42 No EB: "Monsieur d'Estissac *vostre fils*, asseurent assez..." (*Monsieur* d'Estissac, *vosso filho*, asseguram, suficientemente...).

43 No EB: "vous en tirerez l'obeïssance", em vez de "vous en retirerez l'obeïssance".

44 Quer dizer, por ser ainda muito jovem.

45 No original, "*offices*": "tarefas", "funções", sempre ligado à ideia de trabalho. Nesse sentido, o termo é mais ativo que passivo: o texto acentua as *tarefas realizadas* por ela, e não exatamente os *serviços recebidos* por ele. Assim, a frase seria mais justamente compreendida como: "as muitas tarefas que, em tão grande número, realizastes pelo jovem *Monsieur* d'Estissac".

46 No sentido de dizer diretamente a ele.

47 Isto é, "será testemunhado pelos bons resultados" dos esforços feitos, em prol dos filhos, por *Madame* d'Estissac.

48 "*Ressentir*", no francês médio, não é reflexivo. Seu uso aqui tem o sentido de "testemunhar indiretamente", de "sentir o efeito" de algo do qual não se é testemunha direta.

49 No original, "*doiue plus a sa mere qu'il fait*". O verbo "*faire*" (fazer) é empregado aqui na forma supletiva, na qual é usado para substituir um nome, um adjetivo, um verbo, um predicado ou uma proposição.

50 No EB, "*de sa bonté, & de sa vertu*" (de sua bondade e de sua virtude).

51 No original, "*qu'en vous reconnoissant pour telle*". O pronome oblíquo "*en*" deixa claro que, sendo "valor e virtude" categorias éticas que serão vistas futuramente no filho, elas têm sua fonte em *Madame* d'Estissac.

Carta 13

A Madame Duras (*Ensaios* II, 37)

Fontes

Não se conhece nenhuma versão manuscrita do texto integral original. É a epístola que fecha o ensaio D*e la ressemblance des enfans aux pères* (E*nsaios* II, 37) – o último ensaio da primeira edição de 1580, os E*nsaios* publicados apenas com dois livros.

Ao contrário do que normalmente se faz nas edições de Montaigne, o texto e a transcrição diplomática aqui foram baseados não na edição de 1595, mas na *editio princeps* de 1580: os acréscimos e modificações do aparato crítico foram transcritos seguindo-se a ortografia dos textos das edições de 1582 a 1595 e do Exemplar de Bordeaux (EB) – neste último caso, a grafia autógrafa de Montaigne está representada em itálico. Há diversas pequenas divergências entre as cinco edições principais, sobretudo na pontuação (sempre flutuante nos impressos da época, demarcando antes pausas de respiração que de sentido e de sintaxe), na grafia e nas contrações e ligaduras.

Algumas importantes, outras não. Por conta disso, o aparato crítico traz apenas as mudanças consideradas significativas do ponto de vista semântico.

Editio princeps

ESSAJS || DE MESSIRE || MICHEL SEIGNEVR || DE MONTAIGNE, || CHEVALIER DE L'ORDRE || du Roy, & Gentil-homme ordi-|| naire de ſa

Chambre. || LJVRE PREMJER || & ſecond. || [ornamento] || A BOVRDEAVS. || Par S. Millanges Imprimeur ordinaire du Roy. || M. D. LXXX. || [-] || AVEC PRIVILEGE DV ROY. ||

Fac-símile

BnF, Z Payen 1 (via base Gallica, BnF)[1]

Contexto

A epístola a Madame de Duras (final do capítulo 28 do Livro II) é o último texto dos *Ensaios* na configuração original da primeira edição (Millanges, 1580). Diferentemente das outras epístolas, que abrem um ensaio ou marcam seções particulares deles, trata-se aqui de uma *clôture*, uma finalização, que, de alguma forma, serve como uma espécie de balanço da obra. O fato de a edição original começar ("Prefácio ao leitor") e terminar ("A Madame Duras") com formas epistolares reforça, em nosso entender, o caráter altamente dialógico que define a primeira versão dos *Ensaios*.

Marguerite d'Aure de Gramont (1549-1586), esposa (desde 1572) de Jean de Durfort (?-1587), visconde de Duras.[2] De família protestante, Marguerite era irmã do conde de Guiche, Philibert de Gramont (protestante, morto no cerco de Fère e que teve o cadáver escoltado por Montaigne[3]) logo, cunhada de Diane d'Andouins, destinatária da dedicatória de Montaigne aos *Vinte sonetos* de La Boétie (*Ensaios* I, 29).[4] Seu pai, Antoine d'Aure de Gramont, morto em 1576, foi governador de Navarra e sua mãe Hélène de Clermont de Traves, "a Bela de Traves", frequentava a corte de Francisco I. Duras foi dama de companhia de Marguerite de Valois, a Rainha Margot, nos dezoito meses que esta passou em trânsito entre 1582 e 1583, em Paris e semiexilada por seu irmão, Henrique III, longe de seu marido, Henrique de Navarra.

Os Duras, os Gramont (famílias a quem foram dedicadas essas epístolas no interior dos *Ensaios*) formavam importantes ramos aristocráticos protestantes, com os quais Montaigne mantinha conexões de primeira ordem. Não é à toa que,

embora os *Ensaios* não tenham sido dedicados a ninguém (o "Prefácio ao leitor" é em aberto), apareçam, entre esses capítulos, dedicatórias a algumas das figuras dessa aristocracia gascã da qual Montaigne era devedor e favorecido.

O autógrafo de Montaigne, nos acréscimos do Exemplar de Bordeaux, está mais perto da edição de 1580 que das posteriores. No EB, Montaigne também prefere "*ceus*" (como editado por Millanges, 1580) em lugar de "*ceux*" (como aparece em todas as edições posteriores).

[p. 643, fol. SSss3v]
A Madame de Duras

Madame vous me trouuates ſur ce pas dernierement que vous me vintes voir. Par ce qu'il pourra étre que ces inepties ſe verront quelque fois entre vos mains:[5] *ie veus auſſi qu'elles portẽt teſmoignage que l'autheur ſe ſent bien fort honoré de la faueur que vous leur feres. Vous y reconnoiſtres ce meſme port & ce meſme air que vous auez veu en ſa conuerſation. Quand i'eusse peu prendre quelque autre façon que la mienne ordinaire & quelque autre forme plus honorable & meilleure, ie ne l'euſſe pas fait. Car ie ne veux tirer de ces eſcritz autre effait, ſinon qu'ils me representẽt a vótre memoire au naturel.*[6] *Ces meſmes cõditions & facultes que vous auez pratiquées & recuillies, Madame, auec beaucoup plus d'hõneur & de courtoiſie, qu'elles ne meritẽt, ie les veux loger (mais ſãs alteration & changement) en vn corps solide, qui puiſſe durer quelques années ou quelques iours apres moy, ou vous les retrouuerés, quãd il vous plaira vous en refre*[p. 644]*chir la memoire ſãs prẽdre autremẽt la peine de vo en ſouuenir: auſſi ne le valẽt elles pas. Ie desire que vous continues en moy la faueur de voſtre amitié par ces meſmes qualitez par le moyen deſquelles elle a eſté produite. Ie ne cherche aucunement qu'on m'aime et eſtime mieux mort que viuant.*

[**1588**] [p. 342r] *L'humeur de Tibere eſt ridicule, & commune pourtant. Il auoit, dict Tacitus, plus de soin d'eſtendre ſa renõmée à l'aduenir, qu'il n'auoit de ſe rendre eſtimable & agreable aux hommes de son temps.*[7] [**EB**] */ Si i'estois de ceus a qui le monde peut deuoir louange a l'aduenir i'en ie l'en quitteroy la moitie & qu'il me la paiat d'advance. Qu'elle ſe hastat et amoncelat toute autour de moi plus eſpendue eſpesse qu'alongee plus pleine que durable. Et qu'elle ſ'euanouit hardiment quand et ma conoiſſance et ce dous ſon ne touchera plus mes oreilles.*[8]

Madame, encontrastes-me neste passo[26] quando viestes me ver da última vez. Como pode ser que essas inépcias[27] se vejam em algum momento entre vossas mãos,[28] quero também que carreguem o testemunho de que o autor se sente muito honrado do favor que fareis a elas. Reconhecereis aí esse mesmo porte e esse mesmo ar que vistes em sua conversação.[29] Ainda que eu pudesse ter tomado outra maneira que não a minha ordinária, e alguma outra forma mais honorável e melhor, não o teria feito. Pois não quero tirar destes escritos outro efeito senão que eles me representem ao natural em vossa memória.[30] Essas mesmas condições e faculdades que praticastes e acolhestes,[31] *Madame*, com muito mais honra e cortesia, pois elas não merecem, quero alojá-las (mas sem alteração e mudança) em um corpo sólido, que possa durar alguns anos, ou alguns dias depois de mim, onde os encontrareis quando aprouver vos refrescar a memória sem vos dar ao trabalho de recordá-las: elas também não o valem. Desejo que continueis em mim[32] o favor de vossa amizade, por essas mesmas qualidades por meio das quais ela foi produzida.[33] Não procuro de maneira alguma que me amem e estimem mais morto que vivo.[34]

[**1588**] O humor[35] de Tibério é ridículo e, entretanto, comum. Ele tinha, diz Tácito,[36] mais cuidado em estender seu renome ao futuro do que tinha em se tornar estimável e agradável aos homens de seu tempo.[37] [**EB**] / *Se eu fosse daqueles a quem o mundo pode dever louvor, eu renunciaria a ele, se ele me pagasse adiantado*.[38] Que *ele* [o louvor] *se apressasse e se amontoasse ao meu redor, mais espesso que longo, mais pleno que durável*. E *que ele se esvaísse audaciosamente ao mesmo tempo que a minha consciência, e* [assim] *esse doce som não tocará mais minhas orelhas*.[39]

Ce ſeroit vne ſote humeur d'aler a céte heure, que ie ſuis preſt d'abandonner le commerce des hommes, me produire a eux par vne nouuelle recommandation. Ie ne fay nulle recepte des biens que ie n'ay peu employer a l'vsage de ma vie. Quel que ie ſoye ie le veux eſtre ailleurs qu'en papier. Mon art & mon induſtrie ont eſté employez a me faire valoir moy meſme. Mes eſtudes a m'aprandre à faire, non pas a eſcrire. I'ay mis tous mes effortz a former ma vie. Voila mon meſtier et mon ouurage. Ie ſuis moins faiſeur de liures que de nulle autre beſoigne. I'ay deſiré de la ſuffiſance pour m'agẽcer & meliorer, non pour me parer & honorer: pour le feruice de mes cõmoditez [p.645] *preſentes & eſſentielles non pour en faire magaſin & reſerue a mes heritiers.*[9]

[EB] [p. 342r] */ Qui a de la ualeur, ſi le face parostre en ſes meurs, en ses propos ordineres a traiter lamour ou des querelles, au ieu, au lict, à la table, a la conduite de ses affaires et a economie de ſa maison. Ceus que ie voi faire des bons livres ſous des mechantes chausses eussent premierement faict leurs chausses ſils m'en eussent creu. Demandes a un Spartiate ſ'il aime mieus estre bon phyſicien Rhetoricien que bon ſoldat non pas moi que bon cuiſinier, ſi ie n'auois qui m'en ſervit.*[10]

Mon Dieu, Madame, que ie hairois vne telle recommandation d'eſtre habile homme par eſcrit, & auoir eſté vn homme de neant & un ſot ailleurs.[11] *I'aime mieux encore eſtre vn ſot & icy & la, que d'auoir ſi mal choiſi ou emploier ma valeur. Auſſi il s'en faut tant que i'attende a me faire quelque nouuel honneur par ces ſottiſes, q̃ ie feray beaucoup ſi ie n'y en pers point de ce peu, que i'en auois aquis. Car outre ce que céte peinture morte & muete derrobera a mon eſtre naturel, elle ne ſe raporte pas en mõ meilleur eſtat, mais beaucoup deſcheu de ma premiere vigueur & allegreſſe, tirant ſur le fleſtry & le rance. Ie ſuis ſur le fond du vaiſſeau, qui ſent tantoſt le bas et la lye.*[12] *Au demeurant, Madame, ie n'euſſe pas oſé remuer ſi hardiment les myſteres de la medecine, attendu le credit que vous & tant d'autres luy donnez, ſi ie n'y euſſe eſté acheminé par ſes autheurs meſme. Ie croy qu'ils n'en ont que deux anciens* [p. 646] *Latins Pline & Celſus. Si vous les voyes quelque iour, vous trouuerez qu'ils parlẽt bien plus rudement a leur art, que ie ne fay. Ie ne fay que la pincer, ils l'eſgorgẽt. Pline se moque entre autres choſes, dequoy quand ils ſont au bout de leur latin,*[13] *ils ont inuenté céte belle deffaite de renuoyer les malades qu'ils ont agitez & tormentez*

Seria de um humor[40] idiota ir nesta hora, em que estou prestes a abandonar o comércio dos homens[41] produzir-me diante deles por uma nova recomendação.[42] Não faço receita[43] dos bens que não pude empregar no uso da minha vida. O que quer que eu seja, eu quero sê-lo em outro lugar que no papel. Minha arte e minha indústria foram empregadas a me fazer valer a mim mesmo. Meus estudos me ensinaram a agir, não a escrever. Coloquei todos os meus esforços para formar minha vida. Eis meu ofício e minha obra. Sou menos fazedor de livros do que de qualquer outra coisa. Desejei ter suficiência para me arranjar e melhorar, não para ornar e honrar:[44] para o serviço das minhas comodidades presentes e essenciais, não para fazer caixa[45] e reserva para meus herdeiros.

[**EB**] [p. 342r] / *Quem tem valor, que o faça aparecer em seus costumes, em suas conversas ordinárias a tratar do amor ou das querelas, no jogo, no leito, à mesa, na conduta de seus negócios e na economia de sua casa. Aqueles que vejo fazer bons livros dentro de calças rotas tivessem primeiramente feito suas calças — se tivessem acreditado em mim. Perguntai a um espartano se prefere ser bom médico retórico a bom soldado; não eu,* [prefiriria] *antes um bom cozinheiro, se não tivesse quem me servisse.*[46]

Meu Deus, *Madame*, como detestaria uma tal recomendação de ser homem hábil por escrito e ter sido um homem nulo e um tolo alhures.[47] Prefiro ainda ser um tolo aqui e ali do que ter escolhido tão mal onde empregar meu valor. Assim, tanto faz que eu espere me fazer alguma nova honraria por essa tolices, pois já farei muito se não perder este pouco que adquiri.[48] Pois seja lá o que esta pintura morta e muda roubará de meu ser natural, ela não se mostra em meu melhor estado, mas muito mais decaído de meu primeiro vigor e alegria, voltada para o fenecido e o rançoso.[49] Estou no fundo da vasilha, que cheira tanto a traseiro quanto à borra.[50] Além do mais, *Madame*, não teria ousado remexer tão audaciosamente nos mistérios da medicina, diante do crédito que vós, e tantos outros, dais a ela,[51] se não tivesse sido guiado por seus próprios autores.[52] Creio que há, sobre isso, sobretudo dois antigos latinos, Plínio[53] e Celso.[54] Se os virdes algum dia, considerareis que eles falam bem mais duramente sobre sua arte[55] do que eu o faço. Eu não faço senão a beliscar, eles a degolam. Plínio zomba,[56] entre outras coisas, que, quando estão no limite do seu latim,[57] inventam essa bela tirada de enviar os doentes, que agitaram e atormentaram por nada com

pour neant de leurs drogues & regimes: les vns au ſecours des vœuz & miracles: les autres aux eaux chaudes. (Ne vous courrouſſés pas, Madame, il ne parle pas de celles de deça, qui ſont ſouz la protection de voſtre maiſon, & qui ſont toutes Gramontoiſes: les montaignes ou elles ſont aſſiſes ne ſonent & ne retentiſſent rien que Gramont[14]). Noz medecins ſont encore plus hardis: car ils ont vne tierce ſorte de deffaite pour nous chaſſer d'aupres d'eus, & ſe deſcharger des reproches, que nous leur pouuons faire du peu d'amendement que nous trouuons a nos maux, qu'ilz ont eu ſi long temps en leur gouuernement, qu'il ne leur reſte plus [p. 647] *nulle inuention a nous amuſer:[15] c'eſt de nous enuoier cercher la bonté de l'air de quelque autre contrée. Madame en voila assez. vous me dõnés bien congé de reprẽdre le fil de mon propos, duquel ie m'eſtoy deſtourné pour vous entretenir.*

Ce fut, ce me ſemble, Perycles, lequel eſtãt enquis, comme il ſe portoit, vous le pouuez, fit-il, iuger, par la, en monſtrant des breuetz qu'il auoit atachez au col & au bras. Il vouloit inferer, qu'il eſtoit bien malade, puis qu'il en eſtoit venu iuſques la d'auoir recours a choſes si vaines, & de s'eſtre laissé equipper en céte facon. Ie ne dy pas que ie ne puiſſe me laiſſer emporter vn iour a céte opinion ridicule[16] de remettre ma vie & ma ſanté a la mercy & gouuernement des medecins: ie pourray tumber en céte reſuerie: ie ne me puis reſpondre de ma fermeté future: mais lors auſſi ſi quelqu'vn s'enquiert à moy, comment ie me porte, ie luy pourray dire comme Pericles,[17] Vous le pouuez iuger par la, montrant ma main chargée de ſix drag [p. 648]*mes d'opiate.[18] Ce ſera un bien euident ſigne d'vne maladie violente & qui ara troublé l'aſſiete de mõ entendement & de ma raiſon. I'aray mon iugement merueilleuſement diſloqué. Si l'impatience & la fraieur gaignent cela ſur moy, on en pourra conclurre vne bien aſpre & forte fieure en mon ame. I'ay pris la peine de plaider céte cauſe, que i'entens aſſez mal, pour appuyer vn peu a conforter céte propenſion naturelle contre les drogues & pratique de noſtre medecine, qui s'eſt deriuée en moy par mes anceſtres:[19] afin que ce ne fust pas ſeulement vne inclination ſtupide & temeraire, & qu'elle eut vn peu plus de forme: & auſſi que ceux qui me voyent ſi ferme cõtre les enhortemens & menaces, qu'on me fait, quand mes maladies me preſſent, ne penſent pas que ce ſoit ſimple opiniatreté: ou qu'il y ait quelqu'vn ſi fácheus qui iugé encore que ce ſoit quelque eſguillon de gloire: qui ſeroit vn desir bien aſſené de vouloir tirer hõneur d'vne*

suas drogas e dietas, uns para o socorro dos votos e milagres, outros para as águas quentes.[58] (Não vos enfureceis, senhora, ele não fala das daqui, que estão sob a proteção de vossa casa e que são todas devotas aos Gramontesas: as montanhas[59] onde elas repousam não ressoam nem retêm nada de Gramont[60]). Nosso médicos[61] são ainda mais audazes: pois eles têm um terceiro tipo de tirada para nos mandar para longe deles e se livrarem das críticas que podemos lhes fazer da pouca melhora que encontramos para nossos males – que mantiveram por tanto tempo sob seu controle –, quando não lhes resta mais nenhuma invenção para nos distrair: é nos mandar procurar o bom ar de alguma outra paragem. *Madame*, eis o bastante: dareis licença de retomar o fio de meu assunto, do qual me desviei para vos entreter.

Foi, parece-me, Péricles, tendo sido indagado como passava, [quem disse]: "Podeis julgar por isto" – mostrando os amuletos[62] que tinha prendido ao pescoço e no braço.[63] Queria deixar entender que estava bastante doente, uma vez que tinha chegado ao ponto de recorrer a coisas tão vãs, e se deixar equipar[64] daquela maneira. Não digo que eu não possa me deixar levar a esta opinião rídicula de pôr minha vida e minha saúde à mercê e ao domínio dos médicos: poderei cair nesse devaneio, não posso responder por minha firmeza futura. Mas então, nesse caso, se alguém perguntar a mim como eu passo, poderei dizer-lhe como Péricles: "Podeis julgar por isto", mostrando minha mão carregada de seis dracmas de opiato.[65] Isso será um signo muito evidente de uma doença violenta que terá perturbado a justeza de meu entendimento e de minha razão:[66] terei meu juízo espantosamente deslocado.[67] Se a impaciência[68] e o pânico[69] impusessem isso sobre mim, poderia deduzir-se uma febre muito apre e forte em minha alma. Dei-me ao trabalho de discorrer[70] sobre essa causa, que conheço muito mal, para ajudar a reforçar[71] um pouco essa propensão natural contra as drogas e a prática de nossa medicina, que chegou até mim por meus ancestrais,[72] a fim de que não fosse apenas uma inclinação estúpida e temerária e que tivesse um pouco mais de forma.[73] E também a fim de que os que me veem tão firme contra as exortações e ameaças que me fazem quando minhas doenças me atacam não pensem que seja simples teimosia, ou que haja aí alguém tão maldoso que julgue ainda que isso sirva de algum aguilhão de glória: pois seria um desejo bem pertinente[74]

[p. 649] *action qui m'eſt commune auec mon iardrinier & mon muletier. Certes ie n'ay point le cœur ſi enflé, ne ſi venteus, qu'vn plaiſir ſolide, charnu & moëleus comme la ſanté ie l'alaſſe eſchanger pour vn plaisir imaginaire, ſpirituel & aërée. La gloire, voire celle des quatre filz Aymon, eſt trop cher achetée a vn homme de mō humeur, ſi elle luy couſte trois bons accés de colique. La ſanté de par Dieu. Au demeurant ceux, qui ayment noſtre medecine, peuuent auoir auſſi leurs consideratiōs bōnes, grandes, & fortes. Ie ne hay point les fantaſies contraires a la mienne.*[20] *Il s'en faut tant que ie m'effarouche de voir de la diſcordance de mes iugemens a ceus d'autruy, & que ie me rende incompatible a la societé des hommes, pour eſtre d'autre ſens que le mien, qu'au rebours, comme c'eſt la plus generale forme que nature ait ſuivy que la varieté,*[21] **[EB]** [p. 343v] */ et plus qui n'est pas <.....>* [22] *aus eſprits qu'aus cors: d'autant qu'ils ſont de ſubstance plus ſoupple; et ſuſceptible de plus de formes <.....>: ie*[23]

ie trouue bien plus nouueau & plus rare de voir conuenir nos humeurs & nos fantaiſies. Et a l'aduanture ne fut iamais au monde deus opinions entierement & exactement[24] *pareilles non plus que deux viſages. Leur plus propre qualité c'eſt la diuersité & la diſcordance.*[25]

querer obter honra em uma ação[75] que tenho em comum com meu jardineiro e meu muleteiro. Certamente, não tenho o coração tão inflado nem tão ventoso,[76] para que um prazer sólido, carnudo e medular,[77] como a saúde, eu fosse trocá-lo por um prazer imaginário, espiritual e aéreo. A glória, até a dos quatro filhos de Aymon,[78] é comprada cara demais a um homem de meu humor, se ela lhe custa três bons acessos de cólica. A saúde, por Deus.[79] Além do mais, os que amam nossa medicina podem ter também suas considerações boas, grandes e fortes: não odeio as fantasias contrárias às minhas. Não importa que eu me assuste[80] ao ver a discordância de meus julgamentos daqueles de outrem, e que eu me torne incompatível à sociedade dos homens por ser de outro sentido que o meu:[81] pois, ao contrário, como a forma mais geral que a natureza tenha seguido é a variedade, [**EB**] *e mais nos espíritos do que nos corpos, na medida em que aqueles são de substância mais leve e suscetível de mais formas*,[82]

acho bem mais novo e mais raro[83] ver convergir nossos humores e nossas fantasias.[84] E talvez nunca tenha havido no mundo duas opiniões inteira e exatamente iguais, não mais que dois rostos.[85] Sua qualidade mais própria é a diversidade e a discordância.[86]

NOTAS

1 Outros exemplares: BM Bordeaux (Mériadeck) S 4754 Rés.coffre (1) (via BVH) e S 4754 Rés.coffre (2) (via BVH).

2 Inicialmente protestante, Durfort abjurou o protestantismo depois do Massacre de São Bartolomeu.

3 *Ensaios* III, 4.

4 Cf. carta 11 da nossa antologia.

5 [**EB**]: Par ce qu'il pourra eſtre que ces inepties ſe ~~verront~~ *rencontreront* quelque fois entre vos mains. || = [**1595**]

6 [**EB**]: […] l'euſſe pas faict: car ie ne veux tirer de ces eſcritz, ~~autre effait~~, ſinõ qu'ils me representent à voſtre mémoire, au naturel. || = [**1595**]

7 [**EB**]: L'humeur de Tibere eſt ridicule, & commune pourtant, *qui* ~~il~~ auoit, ~~dict Tacitus~~, plus de soin d'eſtendre sa renõmée à l'aduenir, qu'il n'auoit de ſe rendre eſtimable & agreable aux hommes de son temps. || = [**1595**] ||

8 [**1595**]: Si i'eſtoy de ceux, à qui le mõde peut deuoir loüange, ie l'en quitteroy pour la moitié, & qu'il me la payaſt d'aduance: Qu'elle ſe haſtat & ammoncelaſt tout autour de moy, plus eſpeſſe qu'alongée, plus pleine que durable. Et qu'elle s'euanouiſt hardiment, quand & ma cognoiſſance, & quand ce doux ſon ne touchera plus mes oreilles. ||

9 [**EB**]: I'ay deſiré de la ſuffiſance ~~& de la valeur~~, pour le ſeruice de mes commoditez preſentes & eſſentielles, non pour en faire magaſin, & reſerue a mes heritiers. || = [**1595**]

10 [**1595**]: Qui a de la valeur, ſi le face cognoistre en ſes meurs, en ſes propos ordinaires: à traicter l'amour, ou des querelles, au ieu, au lict, à la table, à la cõduicte de ſes affaires, à ſõ œconomie. Ceux que ie voy faire des bons liures sous des meſchantes chauſſes, euſſent premierement faict leurs chauſſes, s'ils m'en euſſent creu. Demãdez à vn Spartiate, s'il aime mieux eſtre bon rhetoricien que bon ſoldat: non pas moy, que bõ cuiſinier, ſi ie n'auoy qui m'en ſervist. ||

11 [**EB**]: […] par eſcrit, & ~~auoir eſté~~ *estre* vn hõme de neant, & vn ſot, ailleurs. || = [**1595**]

12 [**EB**]: Ie ſuis ſur le fond du vaiſſeau, qui ſent tãtoſt ~~au~~ *le* bas & ~~à~~ la lye. || = [**1595**]

13 [**EB**]: […] dequoy quand ils ſont au bout de leur ~~latin~~ *corde*, […] || = [**1595**]

14 [**1582**]: (Ne vo courrouſſés pas, Madame, il ne parle pas de celles de deça, qui ſont ſous la protection de voſtre maiſon, & qui ſont toutes Gramontoiſes). ||

15 [EB]: ~~Nos medecins ſont encore plus hardis: car~~ ~~i~~Ils ont vne tierce ~~ſorte de~~ deffaite pour nous chaſſer d'aupres d'eux, & ſe deſcharger des reproches, que nous leur pouuõs faire du peu d'amendement, ~~que nous trouuons~~ à noz maux, qu'ils ont eu ſi long temps en ~~leur~~ gouuernement, qu'il ne leur reſte plus nulle inuention a nous amuſer: || = [1595]

16 [EB]: Ie ne dy pas que ie ne puiſſe ~~me laiſſer~~ *estre* emporter~~é~~ vn iour à cette opinion ridicule, […] || = [1595]

17 [EB]: […] ~~ie luy~~ *ie luy* pourray dire comme Pericles. || = [1595] || No Exemplar de Bordeaux, Montaigne rasurou os termos "ie luy", mas em seguida apagou a rasura e reafirmou o uso dos mesmos termos.

18 [1582]: […] Vous le pouuez iuger par la, en luy montrãt ma main chargée de ſix dragmes d'opiate. || [EB]: […] vous le pouuez iuger par là, ~~en luy~~ montrant ma main chargée de ſix dragmes d'opiate: […] || = [1595]

19 [EB]: […] ce ſera vn bien euident ſigne d'vne maladie violente, ~~& qui ara troublé l'aſſiete de mon entendemẽt & de ma raiſon~~. l'aray mon iugement merueilleuſement ~~diſloqué~~ *desmanché*: ſi l'impatience & la frayeur gaignent cela ſur moy, on en pourra conclurre vne bien aſpre ~~& forte~~ fiéure en mon ame. I'ay pris la peine de plaider cette cauſe, que i'entens aſſez mal, pour appuyer vn peu & conforter ~~cette~~ *la* propenſion naturelle contre les drogues & pratique de noſtre medecine, qui s'eſt deriuée en moy par mes anceſtres, […] || = [1595]

20 [EB]: ~~Au demeurant~~ ceux, qui ayment noſtre medecine, peuuent auoir auſſi leurs conſideratiõs bõnes, grãdes, & fortes: ie ne hay point les fantaſies contraires, ~~à la~~ *aus* miennes. || = [1595]

21 [EB]: […] & que ie me rende incompatible à la societé des hõmes, pour eſtre d'autre ſens *et parti* que le mien~~,~~: qu'au rebours, comme c'eſt la plus generale ~~forme~~ *façon* que nature ~~ait~~ aye ſuiuy que la varieté. || = [1595]

22 O material entre chevrons, escrito e rasurado por Montaigne, está ilegível no Exemplar de Bordeaux. Os pontos sublineares indicam seu número presumível de letras.

23 [1595]: […] qu'au rebours, (cõme c'eſt la plus generale façon que nature aye ſuivy, que la varieté, & plus aux eſprits, qu'aux corps: d'autant qu'ils ſont de ſubstance plus souple & ſuſcetible de formes) ie […] || Diferentemente do Exemplar de Bordeaux, a edição Gournay 1595 coloca todo o trecho de "cõme" a "formes" entre parênteses.

24 [1582]: <Et exactement>: suprimido.

25 [EB]: de voir conuenir nos humeurs & nos ~~fantaiſies~~ *desseins*. Et ~~à l'aduanture~~ ne fut ~~il~~ iamais au monde deux opinions ~~entiermẽt~~ pareilles non plus que ~~viſages~~ *deux poils ou deus grains*. Leur plus ~~propre~~ *univerſelle* qualité, c'est la diversité ~~& la diſcordance~~. || = [1595]

26 No original, *sur ce pas*. Assim como Balsamo (*pas* = "passage"), Céard ensina que a expressão equivale a "*sur ce passage* (*des* Essais) [sobre esta passagem dos *Ensaios*]" – lição aceita por D'Aguiar, que também a traduz por "passagem". Conjugada, porém, com a frase seguinte, "da última vez que viestes me ver", poderia tratar-se também de um estado de saúde ou de espírito do narrador, observado presencialmente por *Madame* Duras. Assim, preferimos a tradução mais literal possível em português, "neste passo", entendendo a expressão não apenas como o momento da inserção da carta na discussão do capítulo (o que faz sentido, uma vez que se trata, no texto original de 1580, de uma discussão sobre a medicina e esse é o tema geral da carta), mas também do resultado do ânimo do narrador após finalizar a escrita do ensaio II, 37 (ou, talvez, dos *Ensaios* como um todo). Ou, ainda mais literalmente, levando-se em conta a concepção presencial do dialogismo epistolar clássico, o trecho estaria rememorando o estado de ânimo de Montaigne após um eventual encontro com *Madame* Duras: "*encontrastes-me assim, com o mesmo ânimo descrito aqui, da última vez que me vistes*".

27 Os *Ensaios*, provavelmente.

28 No EB, lê-se: "Como pode ser que essas inépcias se encontrem em algum momento entre vossas mãos".

29 Reconhecereis no livro o mesmo porte e o mesmo ar que vistes no autor.

30 O projeto de "pintura de si", no *Prefácio ao autor* dos *Ensaios*, era voltado para o presente (sentido epidítico) mas aqui, na carta a Duras, foi reorientado para a posteridade (sentido deliberativo). Essa reorientação é demarcada na medida em que o "leitor" indiferenciado do *Prefácio ao autor* agora se torna "Madame Duras", uma mulher com nome próprio.

31 O texto refere-se às condições e faculdades do autor.

32 "Em mim", quer dizer, "no texto".

33 O sentido parece ser: que meu texto (réplica do meu corpo) receba de Duras o mesmo favor que esta concedeu a seu autor.

34 Essa inversão do valor épico da morte, da glória e da memória ou fama póstuma é um importante tributo cético, operando entre a humildade e a desconfiança da vida eterna.

35 Embora "*humeur*" até possa ser entendido aqui, pelo contexto, como "atitude" (Costhek Abílio; D'Aguiar), o termo é caro demais à psicofisiologia da Antiguidade greco-romana e do Renascimento europeu para não ser traduzido literalmente. Por isso, adotamos "humor" e não formas sinônimas, como "temperamento" ou "compleição".

36 [**EB**]: suprimiu "diz Tácito".

37 *Quippe illi non perinde curæ gratia præsentium, quam in posteros ambitio* [Pois sua preocupação não era gozar das graças do presente, mas da posteridade]. (Tácito, *Annales*, VI, 46).

Essa subtópica aparece no ensaio sobre a inutilidade das exéquias pomposas, no início do livro I dos *Ensaios*: assim, a edição de 1588 faz o final da edição de 1580 retornar ao início. Trata-se, portanto, de um índice de que Montaigne está não apenas corrigindo ou acrescentando algo ao seu texto, mas manipulando o livro inteiro (que se torna, com essa operação, um objeto intertextual e não apenas uma sequência linear de conteúdos), fazendo o tempo dizer algo no funcionamento interno da narrativa.

38 [**1595**]: Se eu fosse daqueles a quem o mundo pode dever louvor, eu renunciaria a ele *pela metade*, se ele me pagasse adiantado. ||
Costhek Abílio: "Se eu fosse desses a quem o mundo pode dever homenagens, considerá-lo-ia quite com a metade, mas que ele me pagasse de antemão". || D'Aguiar: "Se eu fosse destes para quem o mundo deve render homenagens, me consideraria quite com a metade, mas que ele me pagasse de antemão" || Céard lê mais ou menos da mesma forma: "je l'en tiendrais quitte s'il me donnait la moitié (de cette louange) tout de suite (en payant d'avance)."
O original "*ie le quitteroy*" deixa margem a dúvidas, pois seu sentido mais usual, no francês médio, seria o de "quitar uma dívida". Mas ele também significa "renunciar a algo", sentido de *quitter* também em francês moderno (p. ex., em *quitter mon boulot* [sair do meu trabalho, pedir demissão]). A fórmula que escolhemos, embora heterodoxa, nos pareceu mais afim ao que o texto parece querer dizer: é preferível viver o agora do que apostar, incertamente, no futuro – e, que se for para sair dele, melhor que seja recebendo algo.

39 Costhek Abílio: "e que se desvanecessem [as homenagens] juntamente com minha consciência e quando seu doce som não tocasse mais meus ouvidos" || D'Aguiar: "E que desvanecessem [as homenagens] corajosamente ao mesmo tempo que minha consciência e quando seu doce som não mais atingisse meus ouvidos" ||
Tentamos manter a frase o mais próximo possível do original. O sentido parece ser: o louvor é para ser gozado no presente, e, depois da minha morte, sua doce música não terá mais nenhum efeito em mim.

40 O termo repete o "*humeur*" atribuído a Tibério.

41 Dois abandonos do convívio humano podem ser considerados no contexto: primeiro o *latebras* avoengo, recolhimento intelectual e pastoral do mundo social nos livros da sua biblioteca no castelo ancestral; aqui, a morte, abandono da vida.

42 No sentido de mérito, de imposição de um lugar especial.

43 Ganho, vantagem, no sentido econômico do termo.

44 Quer dizer, ornar e fazer honrarias a si próprio.

45 No original, *magasin* [loja, entreposto comercial] tem um valor irônico, pois, como se sabe, os primeiros Montaigne eram, quando ainda portavam o sobrenome Eyquem,

comerciantes em Bordeaux. Nesse sentido, *faire magasin* parece querer dizer "fazer dinheiro com o comércio", ou, como diríamos hoje, "acumular capital"; então, visamos, com "fazer caixa", deixar essa interpretação de modo mais incisivo.

46 Uma outra leitura possível seria, talvez: "entre bom retórico ou soldado, eu preferiria antes ser cozinheiro, se não tivesse quem me servisse". Nesse parágrafo manuscrito do Exemplar de Bordeaux, Montaigne escrevera *physicien* [médico] e o rasurou em lugar de *rhetoricien*.

47 [**EB**]: [...] par eſcrit, & ~~auoir eſté~~ *estre* vn hõme de neant, & vn ſot, ailleurs. [...] por escrito e ~~ter sido~~ *ser* um homem nulo e um tolo alhures ||
Até L'Angelier 1588, o argumento seguia a lógica temporal antitética estabelecida a partir da referência a Tibério (viver para o futuro e não para o presente): aqui, a crítica do texto a essa antítese, que até então se estabelecia entre presente e futuro, passara a vigorar, incorporando os feitos de Montaigne, também entre o presente e o passado. O Exemplar de Bordeaux modifica, entretanto, essa antítese, reunindo os planos temporais no presente narrativo.

48 Céard interpreta assim o trecho: "loin d'espérer me faire honneur par ces sottises (les *Essais*), je ferai beaucoup en ne perdant pas le peu que j'ai acquis." || Costhek Abílio: "Por isso, estou tão longe de procurar obter novas honras com estas tolices que já farei muito se com elas não perder as poucas que havia adquirido." || D'Aguiar: "Assim, longe de querer procurar uma nova honra com essas tolices, terei feito muito se não perder um pouco desse pouco que adquiri." ||

49 O sentido parece ser: aquele que é retratado no texto, embora seja o mesmo autor, não é o jovem de outrora. Outra leitura, mais especulativa, seria a de se querer mostrar à *Madame* Duras (e por extensão aos leitores dos *Ensaios*) o texto em seu próprio processo, indicando, metacriticamente, que ele não foi feito de uma vez só, apesar de publicado como um conjunto. O projeto dos *Ensaios* começado cerca de dez anos antes, com o narrador relativamente jovem, agora é fruto de outra idade, e é essa idade que assina o texto.

50 Balsamo: *bas* = "rance" || Costhek Abílio: "Estou no fundo do tonel, que em breve tem gosto de fim e de borra". || D'Aguiar: "Estou no fundo do barril, que cheira a fim e a borra." ||
Embora, talvez, nossa tradução peque nesse trecho por deselegância, o original *bas*, entendido como um substantivo, é caro demais às análises feitas nos últimos setenta anos a respeito do estilo "cômico" (via Bakthin e seu estudo sobre Rabelais) para não apontarmos aqui o significado (anatômico) que nos parece o mais evidente. É também uma das razões para acentuarmos o *comique et privé* como efetivamente *cômico e privado*, mais acima.

51 Crítica à Duras e aos contemporâneos.

52 Respaldo da *auctoritas*.

53 Plinio, o Velho.

54 Aulus Cornelius Celsus (c. 25 a.C– c. 50 d.C), enciclopedista romano mais conhecido por seu *De medicina*.

55 No sentido antigo do termo: técnica, ofício, profissão.

56 Duas seções: *História natural*, XXVI, 8, 18 (sobre os procedimentos médicos asclepíadas) e também XXIX, 2-8 (comentário às *magicae vanitatem*).

57 Referindo-se aqui aos médicos, quando já esgotaram todos os expedientes empregados para ludibriar sua clientela.

58 Cf. Plinio, *História natural*, XXIX, 5, 10. A referência aqui parece ser mais ao tratamento doméstico (com compressas de água quente) que propriamente a ida a estações termais. Veja-se também que as águas *termais* não são exatamente *hidrominerais*: estas têm, na época, uma função angular no tratamento dos cálculos renais, ao qual Montaigne – que possuía esse tipo de doença –, recorrerá durante a peregrinação descrita no *Diário de viagem*.

59 No original: *montaignes*.

60 Ironia tanto na ressalva de que a crítica não atingiria a casa dos Gramont, quanto ao fato de que as "*montaignes* [montanhas]" de onde brotam as águas termais estarem também a salvo...

61 Quer dizer, nossos médicos atuais.

62 No original, "*brevets*". Segundo Nicot, o termo traduz algo equivalente ao *amuletum* latino, filactério usado junto ao corpo contra diversos tipos de malefício.

63 Cf. Plutarco, *Vida de Péricles*, 72.

64 No original: *equipper*, ornar, usar apetrechos. Embora nossa tradução seja, talvez, literal demais, preferimos manter um outro sentido que "equipar" em português denota nesse caso (o de usar uma armadura), pois reforça também o declínio do corpo "militar" do general Péricles, ao final de sua vida.

65 Opiato é uma composição farmacêutica à base de ópio – logo, de caráter sonífero e analgésico. A quantidade "seis dracmas" não é um valor retórico ou aleatório qualquer, parece ser uma medida comum para medicamentos. Ela é usada, por exemplo, no capítulo XVI da *Apologie pour Hérodote*, de Henri Estienne (1567): "[...] *comme quand au lieu de six drachmes de la drogue moins laxative, et deux de celle qui l'est davantage, ils mettent tout à rebours* [como quando, em vez de seis dracmas da droga menos laxante e duas da mais laxante, eles (os médicos) colocam tudo ao contrário]" (cf. Ristelhuber (ed.), 1879, v. 1, p. 301).

66 A oposição aqui não é, como no caso de Péricles, apenas com o *corpo*, ou mais propriamente com a decadência corporal (regida pela aceitação irônica e resignada da velhice) e sim com o *intelecto*, cujo sinal de declínio seria a doença mental, a falta de discernimento,

etc. A oposição retratada estaria, em última análise, na diferença entre o militar e o intelectual.

67 Quer dizer, fora de seu lugar ordinário, que é o de ser equilibrado e sensato.

68 No original, *impatience*. O sentido mais específico aqui é o da incapacidade de suportar um mal (nesse caso, uma doença).

69 No original, *fraieur* [var. *frayeur*]. O substantivo "*panique*" em francês é tardio (séc. XVIII) em relação ao adjetivo – este, embora não seja utilizado com muita frequência no século XVI, aparece como onomástico em Rabelais (*terreur Panice*, quer dizer, terror produzido pelo deus Pã). Em português, no entanto, "pânico" traduz melhor o francês médio *frayeur*, como o medo repentino que se apossa de um sujeito e que provoca tomadas errôneas de decisão.

70 No original, *plaider*.

71 No original: *conforter*. O sentido não é o mesmo de "confortar" em português (que nesse caso, tem um valor quase exclusivamente ético), mas antes o de dar força, apoiar, sustentar.

72 Herdada de meus ancestrais.

73 A tópica do valor da escrita pelo tempo de vida e pela experiência se une à tópica da ancestralidade do comportamento.

74 No original, *assené*. O termo aqui significa talvez ter sorte em relação a algo. O contexto é obviamente irônico.

75 Quer dizer, obter honra de um tipo de comportamento.

76 No original: *venteus* [var. *venteux*]. Literalmente, "ventoso". Aqui o sentido é o de uma variação do termo "inflado" (que aparece logo antes, na mesma frase), mas poderia ser lido de forma figurada, como "caprichoso". No entanto, é importante perceber que todo o raciocínio utiliza a imagem do ar/vento (em oposição ao sólido, carnudo) para reforçar o caráter pouco consistente desse tipo de glória.

77 No original, "*moëleus*" [var. *moelleux*]. O adjetivo traduz o baixo latim "*medullōsus*", originado do latim "*mĕdulla*", isto é, a parte carnuda e macia dentro do osso.

78 Referência a uma canção de gesta do ciclo carolíngio, a *Chanson de Renaud de Montauban*, também conhecida como *Chanson des quatre fils Aymon*. As mais antigas versões manuscritas que chegaram até nós datam do século XIII.

79 Uma possível interpretação para esse passo (em concordância com o sentido geral da carta, que é o de desprezo pelas honrarias): para quem sofre de pedras nos rins, a glória é algo que custa muito esforço e tempo – o melhor é ter saúde.

80 No original, *Il s'en faut tant que ie m'effarouche*. Costhek Abilio: "Estou tão longe de exasperar-me [...]" || D'Aguiar: "Estou muito longe de me assustar ao ver [...]" ||

81 [EB]: de outro sentido e outro *partido* que o meu ||

82 Quer dizer, os espíritos são mais aptos a tomar formas diversas, por serem leves, que os corpos.

83 [EB]: acho bem ~~mais novo e~~ mais raro ||

84 [EB]: de ver convergir nossos humores e nossos ~~fantasias~~ desígnios.

85 [EB]: E ~~talvez~~ não houve jamais no mundo duas opiniões ~~inteiramente~~ iguais, não mais que dois pelos ou dois grãos. ||

86 [EB]: Sua mais ~~própria~~ universal qualidade é a diversidade ~~e a discordância~~.

Carta 14 (1 de março de 1580)

"Prefácio ao leitor"

Fontes

Não se conhece nenhuma versão manuscrita do texto integral original. Datada de 1 de março de 1580, trata-se da carta-prefácio à primeira edição dos *Ensaios*, em dois livros, publicada pelo editor bordelês Simon Millanges em 1580.

Editio princeps

ESSAJS || DE MESSIRE || MICHEL SEIGNEVR || DE MONTAIGNE, || CHEVALIER DE L'ORDRE || du Roy, & Gentil-homme ordi-|| naire de ſa Chambre. || LJVRE PREMJER || & ſecond. || [ornamento] || A BOVRDEAVS. || Par S. Millanges Imprimeur ordinaire du Roy. || M. D. LXXX. || [-] || AVEC PRIVILEGE DV ROY. ||

Fac-símile

BnF, Z Payen 1 (via Gallica).[1]

Edições[2]

Como as edições Millanges (1582) e Richer (1587) não trazem nenhuma modificação semântica ao texto, no aparato crítico foram usadas, além de Millanges

1580, as edições L'Angelier 1588, o Exemplar de Bordeaux (EB), Gournay-L'Angelier (1595), o Exemplar de Antuérpia (EA, o exemplar pessoal de M^lle^ de Gournay da sua edição L'Angelier (1595)) e Gournay-L'Angelier 1598.

Contexto

Abrindo os *Ensaios*, o "Ao leitor" está a meio caminho entre o estilo espistolográfico e o ensaístico – o qual se inicia precisamente a partir dessa transição, como uma espécie particular de diálogo filosófico. Retocado ao longo do tempo com um cuidado que vale como sinal de sua importância para o ensaísta, temos aqui efetivamente o início de uma introdução a alguns dos temas centrais da filosofia ensaística, conjunto de ideias cujo desenvolvimento ainda se estenderá pelos ensaios seguintes. Mas nesse prefácio, que é também uma advertência, somos conduzidos a considerar em primeiro lugar a distância e a continuidade entre a pessoa e a sua pintura; pois tal consideração, implicando leitor e autor, encontra no livro, *ab ovo*, um duplo de *medium* e espelho imbricados. Montaigne não dedica os *Ensaios* a nenhum nobre, como é o costume na época (como ele o fez, a seu modo, com as obras de La Boétie: carta 4); não obstante, pode-se ver aqui uma carta-dedicatória ao próprio leitor, convidado assim a perceber e assumir o humor e a atitude adequadas ao ensaio. Ora, nesse texto, certamente acorde com as regras da retórica (Simonin, 1989), a crítica já leu, tanto sinceridade, quanto manipulação. Nós, entretanto, devemos dar ouvidos ao tom bem particular da voz que começa a soar: uma impostação bem especial da voz do autor/leitor renascentista, dirigindo-se aos seus parentes e amigos, mas, mais exatamente, dirigindo-se às suas redes de patronagem-vassalagem, e já falando como chefe de escola. Por isso, também se pode ler aí uma carta ao(s) rei(s) (Desan, 2014, p. 344): em consonância com o pensamento político que será desenvolvido ao longo da obra, começa a se retratar aqui também a imagem do diplomata ou do embaixador ideal, lugar que Montaigne sonharia ocupar para além da escrita (Desan, 2014, p. 274). Note-se, porém, como esse é um aspecto de uma tomada de posição mais ampla: de um ponto de vista, tanto literário, como filosófico, o discurso ensaístico lida com a questão da relação entre arte e natureza desde seu

interior. Levando em conta a disposição espacial[3] dos capítulos no primeiro livro dos *Ensaios* – em que os ensaios "Dos canibais", "Da amizade" e "Da moderação"[4] envolvem o centro vazio de La Boétie –, Montaigne está aqui, em seu limiar, por um lado, tocando na epifania americana que permeia a obra e seu estilo e/ou método; e, por outro lado, pondo adiante e em conexão com esta conceitos fundamentais à obra, como em um abre-alas, apontando de saída para uma certa sabedoria natural como fundo de sua filosofia moral prática. Mas, sobretudo, usando como frontispício do livro a si mesmo e a La Boétie feitos canibais – uma utopia do meramente humano tomado como heroico e transformador em suas múltiplas possibilidades de gozo.

Au lecteur.

C'EST icy un liure de bonne foy, lecteur. Jl t'auertit des l'ãtrée que ie ne m'y ſuis propoſé nulle fin[5] que domeſtique & priuée: ie n'y ay eu nulle conſideration de ton ſervice, ny de ma gloire: mes forces ne ſont pas capables d'vn tel deſſein. Ie l'ay voué a la commodité particuliere de mes parens & amis: a ce que m'ayans perdu (ce qu'ils ont a faire biẽ tost) ilz y puiſſent retrouuer aucuns traitz[6] de mes conditions & humeurs, & que par ce moien ils nourriſſent plus entiere & plus vifve la cognoiſſance qu'ils ont eu de moy. Si c'euſt eſté pour rechercher la faueur du mõde ie me fuſſe paré de beautés emprũtées, ou me fuſſe tendu & bandé en ma meilleure démarche.[7] Ie veus qu'on m'y voye en ma façon ſimple, naturelle & ordinaire, ſans eſtude & artifice: car c'eſt moy que ie peins.[8] Mes defauts s'y liront au vif, mes imperfections & ma forme naifue autant que la reverance publique me l'a permis.[9] Que ſi i'euſſe eſté parmy ces nations[10] qu'on dict viure encore ſous la douce liberté des premiéres lois de nature, ie t'aſſeure que je m'y fuſſe tres-volontiers peint tout entier & tout nud. Ainſi, lecteur, je ſuis moy-meſmes la matiere de mon liure: ce n'eſt pas raison que tu emploies ton loiſir en vn ſubject ſi friuole & ſi vain. A Dieu donq. de Montaigne ce premier de Mars. 1580.[11]

(*)[12]

Ao leitor[13]

Está aqui um livro de boa-fé,[14] leitor. Ele[15] te adverte desde o início que não me propus nenhum fim senão o doméstico e privado. Não tive aí nenhuma consideração de teu serviço, nem de minha glória: minhas forças não são capazes de tal desígnio. Eu o devotei à comodidade particular de meus parentes e amigos: uma vez me tendo perdido (o que terão de fazer em breve), eles possam reencontrar alguns traços das minhas condições e humores, e por esse meio nutram mais inteiro e mais vivo o conhecimento que tiveram de mim. Se tivesse sido para buscar o favor do mundo, eu teria me paramentado de belezas emprestadas, ou me teria esticado e aprumado em minha melhor marcha.[16] Quero me vejam aqui em minha maneira simples, natural e ordinária, sem estudo e sem artifício:[17] pois é a mim que eu pinto.[18] Meus defeitos aí se lerão ao vivo,[19] minhas imperfeições e minha forma ingênua, tanto quanto a reverência pública mo permite.[20] Pois se eu estivesse entre essas nações das quais se diz viver ainda sob a doce liberdade das primeiras leis da natureza,[21] eu te asseguro que de muito bom grado me teria pintado por inteiro e inteiramente nu.[22] Assim, leitor, sou eu mesmo a matéria de meu livro: não há razão para que tu empregues teu lazer em um tema tão frívolo e tão vão. A Deus, então.[23] De Montaigne, neste primeiro de março de 1580.[24]

NOTAS

1 Outro exemplar: BM Bordeaux (Mériadeck) S 4754 Rés.coffre (1) (via BVH) e S 4754 Rés. coffre (2) (via BVH). Cf. também a foto da página do *Au lecteur* no Exemplar de Bordeaux no sítio da *Montaigne Studies*: https://artflsrv03.uchicago.edu/philologic4/montessais-villey/navigate/1/3/. Acesso em: 8 jul. 2023.

2 Ver carta 12, nota 2.

3 Se o discurso em si mesmo é pictórico, também a distribuição das suas partes, dos capítulos no primeiro livro, o é: uma simetria assimilada por seu autor a um painel de grotescos em torno da obra de La Boétie no início do "Da amizade" (I, 29).

4 Nesse ensaio (I, 30), cuja relação temática e espacial com os outros ensaios centrais e o prefácio é evidente, examina-se a questão do critério do natural ou do prazer quando aplicados a si mesmos, relativizando e mantendo em suspenso os critérios intelectualistas.

5 [**1588**]: ie ne m'y ſuis propoſé aucune fin || = [**1595**]

6 [**EA**]: […] ~~aucuns~~ *quelques* traicts ||

7 [**EB**]: Si c'euſt eſté pour rechercher la faueur du mõde: ie me fuſſe ~~paré de beautez emprũtées, ou me fuſſe tendu & bãdé en ma meilleure démarche.~~ *mieux paré et me preſanterois en une marche estudiée*. || [**1595**] Si c'euſt eſté pour rechercher la faueur du monde, ie me fuſſe paré de beautez empruntees. || [**EA**]: Si c'euſt eſté pour rechercher la faueur du monde, ie me fuſſe paré ~~de beautez empruntees. mieux paré et me preſanterois en une <…> démarche estudiée~~ *mieux paré, & me preſenterois en une démarche estudieé*.

8 [**EB**]: Ie veus qu'õ m'y voie en ma façõ ſimple, naturelle & ordinaire, sans ~~eſtude~~ *contantion* & artifice: car c'est moy que ie peins. || [**1595**]: Ie veux qu'on m'y voye en ma façon ſimple, naturelle & ordinaire, sans eſtude & artifice: car c'est moy que ie peins. || [**EA**]: Ie veux qu'on m'y voye en ma façon ſimple, naturelle & ordinaire, sans ~~eſtude~~ *contention* & artifice: car c'est moy que ie peins. || = [**1598**]

9 [**EB**]: Mes defauts s'y liront au vif, ~~mes imperfections~~ & ma forme naifue autant que la reverance publique me l'a permis. || [**1595**]: Mes defauts s'y liront au vif, mes imperfections & ma forme naifue autant que la reverance publique me l'a permis. || [**EA**]: Mes defauts s'y liront au vif, ~~mes imperfections~~ & ma forme naïfue, autant que la reverance publique me l'a permis. || = [**1598**]|

10 [**EB**]: Que ſi i'euſſe eſté ~~parmy~~ *entre* ces nations […] || [**1595**]: Que ſi i'euſſe eſté parmy ces nations […] || = [**EA**] || = [**1598**]

11 [EB]: A Dieu donq, de Montaigne, ce ~~12. Iuin. 1588.~~ *premier de Mars mille cinq cens quattre vins*. || [1595]: A Dieu donq. De Montaigne, ce 12. De Iun. 1580. || [EA]: A Dieu donq, de Montaigne, ce ~~12. Iuin. 1580.~~ *premier de Mars mil cinq cens quatre vingtz* || [1598]: A Dieu donq. De Montaigne, ce premier de Mars, mil cinq cens quatre vintgs. ||

12 [EA]: Cette preface recorrigée de la derniera main de l'autheur, ayant este esgareé en la premiere impreſſion depuis ſa mort, a naguere esté retrouueé. | [Acrescentado mais abaixo] Ce que deſſus ſ'impremera au bas du fueillez de cette preface, en carrateres diuers à ladicte preface || [1598]: Cette preface corrigee de la derniere main de l'Autheur, ayant eſté eſgaree en la premiere impreſſion depuis ſa mort, a n'aguere eſté retrouuee. ||
Há uma imprecisão nesse primeiro acréscimo manuscrito, em formato de rodapé, no Exemplar de Antuérpia e retomado na edição Gournay-L'Angelier (1598): o texto diz que o "Prefácio" não consta da "premiere impression" póstuma, mas ele foi publicado na edição de Gournay (ou mais precisamente, em Gournay-L'Angelier, 1595) – embora tenha sido, de fato, suprimido na edição paralela de Gournay-Sonnius, 1595. Essa mesma nota editorial, com diagramação muito similar, reaparece em diversas reedições (cf. Apêndice IV).

13 Essa forma de se dirigir ao leitor é um lugar relativamente comum em outros autores da época. Aqui, porém, seu estatuto como paratexto de caráter epistolar é evidente (cf. Boutcher, v. I, p. 216).

14 Notemos aqui o que já foi chamado de "retórica da honestidade" nos *Ensaios*: estamos no início de uma *captatio benevolentiae sui generis* em que a *nonchalance* / *sprezzatura* combina-se com o antigo ideal ético-estético do "natural". Sinceridade na descrição de si e assim na expressão de seus pensamentos: esses dois movimentos combinam-se no discurso ensaístico cruzando arte e natureza.

15 Notar as modulações do *je*/*il* do autor/livro. Aqui, "ele" é o "livro de boa-fé" que se dirige ao leitor, advertindo-o.

16 [EB]: Se tivesse sido para buscar o favor do mundo, eu teria me ~~paramentado de belezas emprestadas, ou me teria estendido e aprumado em minha melhor marcha~~ *paramentado melhor e me apresentaria em uma marcha estudada*.

17 [EB]: [...] natural e ordinária, sem ~~estudo~~ *contenção* e artifício. || [1595]: [...] natural e ordinária, sem estudo e artifício. || [1598]: [...] natural e ordinária, sem contenção e artifício ||

18 Embora a fórmula empregada aqui, adotada por todas as traduções para o português, seja de fato a mais elegante, seria também possível, mesmo sobrecarregando demais na cacofonia, acentuar o duplo valor direto da ação: "Sou *eu* que *eu* pinto", o que reforça o modo sincrônico entre escrita e existência – e não apenas um modelo reflexivo, nesse caso, a escrita *a posteriori* do pensamento. Essa prática do discurso como caminho para bem pensar corre paralela à relação estreita entre retórica e filosofia em uma educação aristocrática para a qual natural e artificial, ser e parecer, devem se identificar. O que, se por um lado,

comporá o padrão moral do "*honnête-homme*" e dos intrincados códigos e cerimoniais da sociedade cortesã dos séculos seguintes; por outro, constitui um exercício da forma como modo e meio de experimentação filosófica: ensaio. Aqui, semelhante à *èpoche* cética ou ao *elenchos* socrático, o método visa simultaneamente purificação e apuro: a purga de todos os erros evacua até a si própria, transformando como sua obra-prima o artifício no natural. Assim, a formação é antes de tudo a correção da malformação que resulta da falta de gosto e da crueldade, brutalidade e barbárie, pecados mesquinhos embora infelizmente frequentes precisamente naquela classe que se definia por sua aversão – pois o nobre (e essa referência não deve ser definida aí por um conteúdo ideológico apenas classista) deve ser refinado, generoso e gentil por excelência, e sua educação deve simplesmente deixar que sua natureza excelente se manifeste. O que só é possível se reconhecermos – como se fez de tantas maneiras, em diversas áreas da cultura renascentista – que a arte é a natureza e vice-versa. Nesse sentido, a nudez é a seguir reivindicada, porque revela não a pobreza, mas a vária riqueza das grandes almas, europeias ou ameríndias.

19 No original, "*au vif*": a respeito do uso dessa expressão, veja-se a carta 6, nota 14.

20 Em função de seu projeto filosófico de examinar e pintar a si mesmo, Montaigne é levado a quebrar as regras então bem estabelecidas do gênero autobiográfico que identificavam *vita* e elogio (Simonin, 1989, p. 68).

21 Muito ao contrário de um paraíso perdido em que poderemos reencontrar um dia nossa verdadeira natureza, agora decaída pelo pecado, trata-se de afirmar aqui a historicidade das leis – mesmo as "naturais" – em função de sua íntima relação com a cultura de uma sociedade (cf. Azar Filho, 2013). Disponível em: http://ceredi.labos.univ-rouen.fr/public/?les-cannibales-et-la-loi-naturelle.html. Acesso em: 8 jul. 2023.

22 No original, "*tout entier & tout nud*", literalmente "todo inteiro e todo nu".

23 No francês médio, a fórmula "*a Dieu*" equivale à expressão de despedida "adeus" (ainda que, nesse caso, a preferência por "*adieu*" nos documentos da época seja evidente). Embora quase todas as traduções ou edições modernas optem por "adeus" ("adeus" em D'Aguiar; "*Adieu*" em Céard e Tournon; "*Addio*" em Garavini; "*Farewell*" em Screech e Frame; e igualmente em Florio, 1603), é difícil decidir se se trata de um "adeus ao leitor", um "a Deus" de boa sorte e/ou dedicatória para o livro, ou ambas as coisas. Por conta dessa última intepretação, preferimos manter a grafia separada (como Milliet, Costhek Abílio e Simões).

24 O primeiro de março é uma data que se repete sob a pluma de Montaigne: nascido no último dia de fevereiro, seria o primeiro dia de sua vida (Legros, 2010, p. 78-79; Simonin, 1989, p. 70) – e daí a data da inscrição celebrando a *retraite* na *librarie* e do início dos *Ensaios* (o *Au lecteur* reteve o dia e o mês com diferentes anos correspondendo às edições).

Carta 15 (11 de março de 1581)

Carta aos conservadores de Roma

Fontes

Archivio Storico Capitolino (Roma). Cota: cred. IV, t. 64, f. 179r (texto) et f. 180v (destinatário).

Fac-símile

https://montaigne.univ-tours.fr/lettre-conservateurs-rome-mars-1581

Editio princeps

Legros. Alain. *Montaigne manuscrit*. Paris: Classiques Garnier, 2010, "Lettres et missives de Monsieur de Montaigne", n° 1, p. 665.

Contexto

A carta de 11 de março de 1581[1] ajuda a esclarecer um episódio da vida de Montaigne: o pedido de cidadania feito por ele, nesse ano, ao Senado romano.[2] A carta tem, portanto, relação direta com um capítulo dos *Ensaios* ("Da vaidade", livro III, 9), onde aparece transcrita (em latim) a bula que concedeu a Montaigne esse título, e com outros documentos em torno do mesmo processo, editados no Apêndice I.

Os *Conservatori di Roma* (também chamados de *Conservatori della Camera Capitolina*, ou *Conservatores Camerae Almae Urbis* ou ainda *Conservatori del Popolo Romano*) eram os três magistrados que, juntamente com o *Priore di Caporioni* (ou *Caput Regione Populi*) constituíram, do século XIII até 1870, o chamado *Magistrato Romano*, quer dizer, o poder laico e executivo da cidade papal. *Caporioni* era o nome genérico dado aos administradores-chefe (*capo*) de cada uma das regiões (*rioni*) em que Roma estava dividida, e o *Priore* funcionava como uma espécie de prefeitura geral de todas as regiões. Já os *conservatori* zelavam pelos *Statuta Almae Urbis*, o conjunto das leis municipais romanas. Embora não apareçam nominalmente listados na carta do dia 11 de março, através da bula transcrita em "Da vaidade" sabemos que os três magistrados "conservadores" de Roma eram Orazio Girolamo Massimi di Parione, Marzio Ceci de Monti, Alessandro Muti di Ripa – o que corresponde, de fato, aos registros administrativos da cidade.[3] O pedido de cidadania era totalmente civil, feito diretamente ao Senado pelos magistrados *conservatori*, mas fora da esfera de ação dos *caporioni* (uma vez que o pedido nada tinha a ver com a administração direta da cidade). O que não quer dizer que, embora tenha havido um pedido formal feito às autoridades civis, a outorga não tenha sido influenciada pelo meio eclesiástico. Para isso, remetemos à discussão do contexto no Apêndice I.

Retoricamente, a carta de 11 de março tem um caráter judiciário, pedindo ao Senado romano que lhe conceda a honraria – logo, direcionando a lógica do texto para o futuro. Entretanto, no *Journal de voyage* (ed. Querlon) e nos *Extraits de voyage* (ms. Leydet), ambos traduzidos no Apêndice I, Montaigne diz que os documentos da outorga foram emitidos em 13 de março de 1581 ("*m'en fut despeschè lettres 3. id. mart.* 1581")[4] e que chegaram em suas mãos no dia 5 de abril do mesmo ano ("*qui me furent rendues le 5 d'avril très autantiques*"), o que corresponde, de fato, à data da Bula (13 de março). A retórica judiciária do texto é, pois, algo incongruente com a data do endereçamento: nesse caso, o momento diegético da carta (dia 11 de março, com data de recepção no dia 13) é praticamente o *mesmo* momento da outorga da cidadania (que ocorreu, oficialmente, no dia 13). Além disso, o paratexto do remetente deixa entender que, no dia 11 de março, Montaigne estaria em seus domínios ("Di *casa il di* XI *di marzo* 1581" – "*casa*" aqui significando,

provavelmente, o castelo de Montaigne) – quando, na verdade, de acordo com o *Journal de voyage* (cf. Apêndice I), ele estava em Roma desde o dia 30 de novembro de 1580. Logo, a carta de 11 de março de 1581 parece ser apenas um documento *pro forma*, de cunho burocrático, no contexto do pedido de outorga.[5]

TEXTO ORIGINAL DA CARTA 15[6]

[f. 179]
Ill^mi Sig^ri

Desiderando da V. S. Ill^me et da cotesto inclito Popolo essere agZ | gregato nel numero delli altri loro | Cittadinj, vengo a supZ | plicarle che si degnino conumerare me, et miej figliolj | fra loro Cittadinj con concedermi li soliti priuileggi che | tutto ripportero per gratia singulare, offerendomi | a VV. SS. Ill^me et a cotesto inclito Popolo espore la | propria uita in loro seruitio Di casa il di XI | di marzo 1581

Di VV SS. Ill^me

Seruitore
Michele di montaigna cauallier
de lordine del re christianissimo
& gentillomo ordinario de la ſu
camera[7]

[f. 180]
Michael Montaigna
13. Martii 1581

Alli Ill^mi: ss^ri: miei oss^imi: li
ss^ri: Conseruatori di Roma

Ilustríssimos senhores,

desejando, através de Vossas Senhorias Ilustríssimas e pelo grande Povo, ser recebido no número dos outros cidadãos, venho vos suplicar que consintais em me contar, e aos meus filhos, entre vossos concidadãos, outorgando-me os privilégios costumeiros, o que eu considerarei como uma graça particular, oferecendo a Vossas Senhorias Ilustríssimas e a esse grande Povo, minha própria vida a seu serviço. De minha casa,[8] 11 de março de 1581.

De Vossas Senhorias ilustríssimas

Servidor,
Michel de Montaigne, cavaleiro
da Ordem do Rei Cristianíssimo
e fidalgo ordinário de sua
Câmara[9]

Michel de Montaigne
13 de março de 1581

A meus ilustríssimos e reverendíssimos
senhores conservadores de Roma

NOTAS

1 A datação de corpo de texto é do dia 11 de março. A data 13 de março seria a de assinatura ou, mais provavelmente, segundo Boutcher e Legros, o registro de recepção do documento pelos Conservadores. Cf. Boutcher (2016, p. 295).

2 Os nobres provincianos – que, pela natureza mesma de sua condição, não podiam ser assimilados ao estatuto de burgueses *de uma cidade* (como foram os Eyquem, ancestrais diretos de Montaigne, em relação a Bordeaux) – eram "cidadãos" apenas de suas próprias terras.

3 Ver De Dominicis (2009, p. 44).

4 3. *id. mart.* 1581, ou seja, 13 de março de 1581. Dependendo do mês, "*idus*" (abreviado como "*id.*" no texto) pode significar dia 13 (em janeiro, fevereiro, abril, junho, agosto, setembro, novembro e dezembro) ou dia 15 (em março, maio, julho e outubro). Entretanto, o numeral "3" preposto ao termo modifica seu valor (no caso, devendo ser lido como "*tertio Idus Martii*"); sendo assim, trata-se do terceiro dia anterior ao valor absoluto de 15 de março, contado de frente para trás: quer dizer, 13. Como se vê, Montaigne usa dois sistemas de datação: o latino, quando cita a Bula (é como o documento data a si próprio); o francês, quando fala de seu recebimento.

5 Talvez o pedido tenha sido, até então, feito de modo oral ou informal, sem propriamente um documento enviado ao Senado com o propósito explícito de conseguir a cidadania. Em dado momento, uma vez concedido o privilégio, um documento formal poderia ter sido requisitado a Montaigne, *a posteriori*, pelos magistrados. Seja como for, essa súplica é meramente formal, e se "*Montaigne ne s'étend pas sur les raisons qui pouvaient lui permettre d'espérer que sa requête soit favorablement considérée, c'est certainement parce qu'il avait déjà reçu des assurances non pas de l'oligarchie municipale mais de la curie romaine*" (Desan, 2014, p. 370).

6 Transcrição diplomática, por Alain Legros.

7 No manuscrito, apenas o parágrafo de remetente, contendo "*Servitore* [...] *camera*", foi escrito pela mão de Montaigne.

8 Em princípio, do castelo de Montaigne. Mas, segundo o *Journal de voyage*, em 11 de março de 1581 Montaigne estaria em Roma.

9 Todo o parágrafo de remetente, contendo "Servidor [...] Câmara", é do punho do próprio Montaigne.

Carta 16 (25 ou 26 de novembro de 1581)

Henri III a Montaigne (felicitação sobre o cargo de prefeito de Bordeaux)

Fontes

Arquivos da Prefeitura de Bordeaux. Segundo Champollion-Figeac, o texto, descoberto nos arquivos da prefeitura, foi tornado público por Iwan Reyher. A *editio princeps* diz "25 de novembro", mas todas as outras edições datam a carta de 26 de novembro. O texto em francês aqui segue a transcrição de Champolion-Figeac.

Editio princeps

BUCHON, Jean Alexandre. *Choix de chroniques et mémoires sur l'histoire de France*. Paris: Auguste Desrez, 1838, p. XXV.

Edições

CHAMPOLLION-FIGEAC, Jacques-Joseph. *Documents historiques inédits*. v. 2. Paris: Didot, 1843, nº LVII p. 483-484.

PAYEN, Jean-François. *Documents inédits ou peu connus sur Montaigne*. v. 1. Paris: Techener, 1847, p. 27-28.

GRÜN, Alphonse. *La vie publique de Montaigne*. Paris: Amyot, 1855, p. 209-210.

Contexto

Trata-se da carta, datada de 25 (ou 26) de novembro 1581, em que o rei francês Henrique III felicita Montaigne a respeito de sua eleição como prefeito de Bordeaux. De acordo com Jean-François Payen, o original teria sido entregue aos arquivos de Bordeaux pelo próprio Montaigne[1] Redescoberto por Jean Buchon, o texto foi publicado por ele, em transcrição moderna, em 1838.[2] O texto francês segue a transcrição de Payen.

Desde junho de 1580, Montaigne estava em trânsito, viajando através da França, Suíça, Alemanha e Itália. Quando a eleição aconteceu, em 1 de agosto de 1581, ele estacionara (pela segunda vez) em Lucca, e, a se crer no *Journal de voyage*, não parecia nem um pouco preocupado com a vida social ou política bordelesa. A escolha do prefeito era decidida por seis membros da *jurade* (dois nobres, dois togados e dois burgueses) de Bordeaux e, em 1581, Armand de Gontaut-Biron,[3] candidato à reeleição, não tinha a preferência nem de Henrique III nem de Henrique, rei de Navarra (futuro Henrique IV). Embora não estivesse pleiteando formalmente o cargo (ou, ao que tudo indica, sequer soubesse que era candidato), Montaigne tinha boas relações com ambos os Henriques, e o apoio ao seu nome para substituir Biron ganhou valor estratégico na conjuntura administrativa e na manutenção do diálogo político entre católicos e protestantes, com a relativa calma após o fim da sétima Guerra de Religião.[4] Assim, a carta de Henrique III era de felicitações, mas também o prevenia que se tratava de uma decisão à qual ele não poderia declinar.

Montaigne, de fato, parecia não ter pressa em retornar da Itália.[5] Pelo texto do *Journal de voyage*, ele havia recebido a notícia de sua nova posição dois meses e meio antes da carta de Henrique III, em 7 de setembro de 1581 – prevenido por meio de uma carta (perdida) de *Monsieur* de Tausin, escrita em 2 de agosto 1581 (no dia seguinte à eleição). O recebimento da carta foi anotado na seção italiana do *Journal*, quando Montaigne estava na estação hidromineral "Della Villa", próxima de Lucca,[6] depois de sua primeira temporada em Roma.[7] Um mês depois, 7 de outubro, já novamente em Roma, recebe outra correspondência (também perdida), dessa vez da parte da própria *jurade* de Bordeaux, pedindo para assumir

seu posto.[8] Por conta desses comunicados, abreviou sua segunda temporada em Roma e, em 15 de outubro, partiu em direção a Bordeaux, chegando ao castelo de Montaigne no dia 30 de novembro de 1581[9] – data anotada também nas E*femérides* de Beuther.[10] Assumiu o cargo de prefeito de Bordeaux imediatamente e, em 1583, foi reeleito para um segundo mandato (até o final de 1585).

Monsieur de Montaigne, pour ce que i'ay en estime grande vostre fidellité et zellée devotion a mon service ce m'a esté plaizir d'entendre que vous ayez esté esleu maior de ma ville de Bourdeaulx, ayant eu très-agréable de confirmé ladicte eslection et d'autant plus vollontiers qu'elle a esté faicte sans brigues et en vostre lointaine absence. A 1'occasion de quoy mon intention est, et vous ordonné et enjoindre bien expressément que sans délay ne excuze reveniés au plus tost que la présente vous sera rendue, faire le deu et service de la charge où vous auez esté sy légitimement appellé, et vous ferés chose qui me sera très agréable, et le contraire me desplairroit grandement. Priant Dieu, monsieur de Montaigne, qu'il vous aye en sa saincte garde.

Escript à Paris, le xxvi^e^ jour de novembre mil v^c^ cens quatre-vingtz-ung.
HENRY.

De NEUFVILLE.

[Em cima]

A monsieur de Montaigne, chevalier de mon ordre, gentilhomme ordinaire de ma chambre, estant de présent à Rome.

Monsieur de Montaigne, porque tenho em grande estima a vossa fidelidade e zelosa dedicação ao meu serviço, foi para mim um prazer saber que fostes eleito prefeito de minha cidade de Bordeaux, tendo-me sido muito agradável e por mim aprovada a referida eleição; e tanto mais de bom grado porque foi sem disputa e em vossa distante ausência.[11] Nessa circunstância, minha determinação é: vos ordeno e imponho muito expressamente que, sem demora ou desculpa, regresseis o mais cedo possível, assim que a presente vos tiver sido entregue, para fazer o que é devido e prestar o serviço do cargo para o qual vós fostes tão legitimamente chamado. Assim, fareis algo que me será muito agradável, enquanto o contrário me desgostaria imensamente. Rezo a Deus, *Monsieur* de Montaigne, que ele vos tenha em sua santa guarda.

Escrito em Paris em 26 de novembro de mil quinhentos e oitenta e um.
HENRY.

de NEUFVILLE.

[Em cima]

A *Monsieur* de Montaigne, *chevalier* da minha ordem,[12] *gentilhomme ordinaire* da minha câmara, estando presentemente em Roma.[13]

NOTAS

1 Cf. Payen (1847, *Documents inédits* I, p. 27).

2 Segundo Buchon, sua transcrição da carta foi feita "de modo literal" – embora não seja, evidentemente, uma transposição diplomática do texto original.

3 Armand de Gontaut, *seigneur* de Biron, Marechal de France desde 1577 e *lieutenant* (isto é, chefe das tropas reais) da Guyenne, foi prefeito de Bordeaux entre 1577 e 1581. Católico, tinha uma longa experiência com o sul da França (enviado como observador dos tratados de paz na Guyenne, em 1561, e na Provença, em 1563). Embora tenha sido colocado no posto por influência de Henry de Navarra, divergências na condução da política local levaram-no a sofrer a oposição dos protestantes: foi, portanto, contra a vontade de ambos os reis que Biron tentou sua reeleição. Cf. carta 48, nota 6, e carta 51, introdução.

4 "L'élection de Montaigne à la mairie de Bordeaux [...] a probablement été décidée lors de la signature de la paix du Fleix, au château de Germain-Gaston de Foix-Gurson, marquis de Trans, le 26 novembre 1580. Cet accord mit fin à la septième guerre civile; outre les clauses précisant les libertés de culte accordées aux protestants, il stipulait le renvoi du turbulent maréchal Armand de Gontaut-Biron, qui cumulait les charges de maire de Bordeaux et de lieutenant général pour la Guyenne. Henri III décida de dissocier ces deux fonctions: celle de lieutenant général échut [...] à Jacques de Goyon, maréchal de Matignon, et celle de maire à Montaigne. Le nom de ce dernier, sans doute vigoureusement soutenu par le marquis de Trans, appuyé par Catherine de Médicis et agréé par Henri, roi de Navarre et gouverneur de Guyenne, fut proposé aux jurats bordelais qui l'élurent le 1er août 1581, alors qu'il était encore en Italie" (Jouanna, 2017, p. 237). Ver também, por exemplo: Desan (2014, p. 395 e seq.); Bonnefon (1898, v. II, p. 50 e seq.); Grün (1855, p. 281, nota 1).

5 Ao comentar a eleição, nos *Ensaios*, Montaigne sublinha a ressalva real como decisiva para aceitar o cargo: "Messieurs de Bordeaux m'eslurent maire de leur ville, estant éloigné de la France & encore plus éloigné d'une telle pensemẽt. Ie m'en excusay: mais on m'aprint que i'auois tort: le commandement du Roy aussi s'y interposant" (Os senhores de Bordeaux me elegeram prefeito de sua cidade, estando eu distante da França e ainda mais distante de um tal pensamento. Eu me escusei: mas me disseram que eu estava errado, a ordem do rei aí se interpunha) (*Essais* III, 10. L'Angelier, 1588 [Exemplar de Bordeaux], p. 444).

6 Bagni di Lucca, cerca de 30 km a nordeste de Lucca.

7 A anotação está na parte do *Journal* escrita em italiano: "Al Giovedì 7 Settembre la mattina fui un'ora al bagno grande. Quella istessa mattina mi diedero nelle mani per la via di Roma lettere del signor du Tausin scritte a Bordea al 2 d'Agosto, per le quali m'avvisa,

ch'il giorno innanzi, d'un publico consentimento io era suto creato Governatore di quella città: e mi confortava d'accettare questo carico per l'amor di quella Patria" (Quinta-feira de manhã, 7 de setembro, estive durante uma hora no grande banho [isto é, nas piscinas termais]. Na mesma manhã, trouxeram-me, via Roma, cartas de Monsieur Tausin escritas de Bordeaux em 2 de agosto, pelas quais me avisam que, no dia anterior, de consentimento público, eu fui nomeado [*creato*] prefeito [*governatore*] daquela cidade; e me exortavam a aceitar este cargo [*carico*] pelo amor daquela pátria) (*Journal de voyage*: Rigolot, 1992, p. 202; Schneikert; Vendrame, 2012, p. 180-181; Desan, 2014, p. 980-981). Note-se a estrutura em terceira pessoa dos qualificativos ("daquela cidade", "daquela pátria").

8 "Il dì ch'io giunsi a Roma ricevetti le lettere delli Giurati di Bourdeaux, i quali mi scrivevano molto cortesemente della elezione ch'avevano fatta di me per Governatore della lor Città: e mi pregavano molto d'andarli a trovare." (O dia em que cheguei a Roma, recebi a carta dos Jurados de Bordeaux, que me escreviam muito cortesmente sobre a eleição que haviam feito a mim como governador da sua cidade; e me rogavam muito a ir encontrá-los) (*Journal de voyage*: Rigolot, 1992, p. 211; Schneikert; Vendrame, 2012, p. 204-205; Desan, 2014, p. 1042-1043). || Cópia Leydet (fol. 67r): "io giunti a Roma ricevetti le lettere delli giurati di bourdeaus i quali mi scrivevano molto cortesemente della ellettione quavevano fatta di me per governatore della lor citta et mi pregavano molto dandarli a trovare". (O dia [em que cheguei] a Roma, recebi a carta dos jurados de bordeaux, que me escreviam muito cortesmente sobre a eleição que haviam feito a mim como governador da sua cidade; e me rogavam muito a ir encontrá-los).

9 "Montaigne, sept lieues: d'où j'estois parti le 22 de juin 1580, pour aller à La Fere. Par einsin avoit duré mon voyage 17 mois 8 jours" (Montaigne, sete léguas. De onde parti em 22 de junho de 1580 para ir a La Fère. Desde modo, minha viagem durou 17 meses e 8 dias) (*Journal de voyage*: Rigolot, 1992, p. 232).

10 "1581 i'arriuai en ma maiſon de retour de ~~rome~~ un voiage que i'auoi faict en ale=maigne et en italie au qual i'auois este deſpuis le 22 de juin 1579 iusques au ce iour au quel iour i'etoi l'annee pracendãte arriue à rome" (1581 cheguei em minha casa, de retorno de uma viagem que fiz à Alemanha e à Itália, na qual estive [isto é, na viagem] desde 22 de junho de 1579 até este dia, no mesmo dia em que, no ano passado, eu cheguei a Roma) (*Ephemeris historica*, p. 349). Como o livro de efeméride já marcava no cabeçalho o dia, 30 de novembro, Montaigne não o escreve por extenso. Note-se uma incongruência aqui, pois, segundo o *Journal de voyage*, Montaigne partiu de seu castelo no dia 22 de junho de 1580 (e não de 1579); e também a circularidade do 30 de novembro ser a mesma data da chegada em Roma (1580) e, um ano depois (1581), em casa. (Beuther, nota 25, cf. Montaigne, *Oeuvres complètes*, 1962, p. 1409).

11 O "sem disputa" não seria totalmente verdadeiro, dado o contexto da tentativa de reeleição de Biron. Mas, se somado ao "em vossa distante ausência", tudo parece indicar que

é pela vontade do rei, independentemente das querelas ou da vontade das partes, que a escolha foi feita. Porém, se o processo de eleição foi no geral tranquilo, já não será absolutamente o caso, quando de sua reeleição.

12 A Ordem de Saint-Michel (cf. carta 10).

13 A carta foi escrita com Montaigne já no caminho de volta (em 25 de novembro, segundo o *Journal de voyage*, ele estava em Limoges), e recebida, ao que tudo indica, após sua chegada ao castelo. Entretanto, pelo fato de Henrique III achar que ele ainda estivesse na Itália e pelo tom do texto, parece evidente que se tratava de um ponto final do rei, a essa altura (quase quatro meses depois da eleição) provavelmente inquieto sobre a questão do aceite de Montaigne ao cargo.

Carta 17 (13 de março e 28 de abril de 1582)

Aos conselheiros de Bordeaux sobre o Hospital Saint-James

Fontes

Original (13 de março de 1582) perdido.

Cópia manuscrita (28 de abril de 1582) nos Archives Départementales de la Gironde, Série H, cote 2361, Jésuites, Collège de la Madeleine (folhas soltas)

Fac-símile

https://montaigne.univ-tours.fr/lettre-conseillers-parlement-bordeaux-28-avril-1582

Edição

Gaullieur, Ernest. *Histoire du Collège de Guyenne*, Paris, 1874: "Jugement rendu par Michel de Montaigne et les jurats de Bordeaux avec un règlement pour les enfants exposés", pièce justificative n° 14, pp. 565-568.

Contexto

O material aqui trata do caso de maus-tratos às crianças no hospital-priorado de Saint-James (Saint-Jacques) no início de 1582[1] – por essa época, sob os cuidados do Collège de la Madeleine (instituição jesuítica fundada alguns anos antes, em

1574), em Bordeaux.[2] Estabelecido o inquérito e as investigações, uma peça jurídica, elaborada por Montaigne (à epoca, prefeito da cidade) e por alguns membros da *jurade* (Dupérier, de Lurbe, Treilhe, Cursol, Turmet e Fort, redigida pelo escrivão Destivals), foi enviada ao *Parlement* de Bordeaux em 13 de março de 1582 – documento que fazia a síntese das acareações e dos procedimentos necessários a adotar no caso.[3] A análise produziu uma sentença, formulada pela mesma equipe, regulamentando o serviço prestado pelo hospital Saint-James e enquadrando o Collège de Guyenne, como herdeiro do hospital, na melhoria do acolhimento às crianças.

Assim, por sua forma e conteúdo, o texto a seguir não é propriamente uma carta, mas um documento jurídico (o que explica também o cuidado em evitar lacunas e circunlóquios, em um texto que acumula informações, de forma detalhada e repetitiva, em frases quase sobrepostas) para servir ao mesmo tempo como ata e autos do processo em questão. Expondo a situação no hospital Saint James, o documento percorre as diferentes fases do processo: instrução, veredito, execução das penas cabíveis contra os responsáveis e regulamentação da guarda das crianças, além das condições para a supervisão da aplicação do regulamento estabelecido. Enviado para sua ratificação pelo *Parlament*, foi transmitido, na sequência do mesmo processo legal, ao administrador do Collège (ao qual se subordinava o priorado).

O documento original de 13 de março de 1582, juntamente com a sentença final, encontra-se hoje perdido. Ainda em 1582, porém, com fins administrativos, foram feitas duas cópias da carta: uma para o *Parlement*, com grafia de Desaigues (também escrivão do *Parlement* de Bordeaux);[4] outra para o *syndic* do Collège de la Madeleine, o jesuíta Martin Rouelle, comunicando o processo (cópia também perdida). A cópia assinada por Desaigues contém uma seção suplementar que a identifica, demarcada com o termo "*coppie*" após a assinatura de Destivals, e é datada de 28 de abril de 1582. No caso da carta ao Collège de la Madeleine, sabemos da sua existência apenas porque o *syndic* enviou uma resposta ao comunicado, assinalada como suplemento ao final da cópia do *Parlement* (dessa vez registrada por Seigneuret, não por Desaigues) em 3 de maio de 1582. É a cópia manuscrita do *Parlement*, com o acréscimo final de Seigneuret, atualmente nos Arquivos da Gironda, que editamos aqui.

{Desaigues, escrivão do *Parlement* de Bordeaux}

En jurade en la maison comune de la ville et citte de bourdls[5] *le*
treziesme jour de mars mil cinq cens quatre vingtz deux y estans
Nous michel seigneur de montaigne cheuallier de lordre du roy gentilhome
ordinaire de sa chambre maire pierre duperier conseilhier du roy et
contrerrolleur en sa contablie de ladicte ville gabriel de lurbe aduocat
en la court francois treilhe bourgeois et marchant guilhaume
de cursol conseilhier du roy et tresorier general de france au bureau
estably par sa mageste en ladicte ville jehan turmet bourgeois et
mathurin fort esleu en le lection de guienne juratz et
gouuerneurs dicelle deliberant sur les grandes et infinies
plainctes a nous faictes des abuz commis et qui se commectent
jornellement en ceste ville a faulte que les enfans exposes
et sans adueu ne sont receuz nourris et alimentes par le
prieur du prieure sainct jacmes de ladite ville comme il a este faict
de tout temps suiuant lantienne institution et fondation dudict
prieure Nous pour y pourueoir Auons mande nouel le febre
hospitallier de lhospital dudict prieure sainct jacmes lequel
apres serment par luy faict de dire verite Auons
interrogue qui auoict la charge de la norriture desdicts enfans exposes audict prieure
A respondeu que par contract receu par themer notaire royal
il estoict tenu et oblige enuers les recteurs et regens du
colliege de la madallene de ladicte ville de recepuoir nourrir et
allimenter tous lesdicts enfans exposes pour le pris et

{Desaigues, escrivão da cidade}

Na jurada[6] na prefeitura[7] da cidade[8] de Bordeaux,
no décimo terceiro dia de março de mil quinhentos e oitenta e dois, aí estando
nós, Michel, *seigneur* de Montaigne, *chevalier de l'ordre du roi, gentilhomme ordinaire de sa chambre*, prefeito,[9] Pierre Dupérier, conselheiro do rei e
controlador da contabilidade da cidade citada, Gabriel de Lurbe,[10] advogado
na corte,[11] François Treilhe, burguês e comerciante, Guillaume
de Cursol,[12] conselheiro do rei e tesoureiro geral da França no escritório
estabelecido por Sua Majestade na cidade citada, Jean Turmet, burguês,[13] e
Mathurin Fort, eleito na eleição da Guyenne,[14] jurados e
administradores desta, deliberando sobre as veementes e infinitas
reclamações que nos são feitas sobre os abusos cometidos e que se cometem
diariamente nesta cidade pela omissão junto às crianças abandonadas
e sem reconhecimento,[15] que não são recebidas, educadas e alimentadas pelo
prior do priorado de Saint-James da referida cidade, como sempre foi feito,
seguindo a antiga instituição e fundação do referido
priorado. Nós, para prover a isso, convocamos Noël Le Fèbre,
administrador[16] do hospital do referido priorado de Saint-James, ao qual,
depois de juramento prestado por ele de dizer a verdade,
perguntamos quem era o responsável pela educação das citadas crianças abandonadas no referido priorado.

Ele respondeu que, por contrato recebido por Themer, notário real,
ele era constrito e obrigado, frente ao reitor e regentes do
Collège de la Madeleine da referida cidade, a receber, educar e
alimentar todas as citadas crianças abandonadas pelo preço e

somme de quarante escuz sol chascun an
Interrogue sil a deuers luy ledict contract A respondeu
que non et que m[aistre] martin saindic solliciteur et entremeteur
dudict colliege lauoict.
Interrogue conbien denfans exposes il a maintenant
en norrice
A dict quil ne sen scauroict bonnement souuenir mais
quil a le regestre et liure dans lequel il les
a faict escripre nom par nom quil representera
Sur quoy nous auons ordonne que ledict nouel le febre
representera ledict liure et regestre dans le premier
jour de jurade a peyne de cinquante escuz
Et aduenant le seziesme jour dudict moys par deuant
nous maire et juratz susdicts nayant ledict le febre

[fol. 1v]
tenu compte obeyr a nostre susdicte ordonnance lauons
derechef mande et apres luy auoir remonstre quil nauoict
encores represente ledict libre et regestre suiuant son
offre vollontaire et nostredicte ordonnance sur icelle et
que a faulte de ce faire procederions contre luy par
declaration de peynes A quoy ledict lefebre hospitallier auroict
respondeu qui nauoict peu recouurer ledict liure des
mains dudict m[aistre] martin toutesfoys quil feroict
dilligences de ce faire dans le premier jour de
jurade prochain et nous le representer ce qui luy
auroict este enjoinct faire a peyne de prison Et
aduenant le vingtiesme dudict moys de mars de
relleuee ledict lefebre hospitallier a compareu en la
chambre du conseil de ladicte maison comune lequel suiuant
son offre et nosdictes ordonnances auroict represente
vng certain regestre en papier blanc auquel plusieurs

soma de quarenta escudos-sol[17] por ano.
Interrogado se tinha consigo o referido contrato, respondeu
que não e que o tinha *maître* Martin, síndico[18] advogado e intermediário
do referido colégio.
Interrogado quantas crianças abandonadas tinha agora
como educandas,
disse que não conseguia se lembrar bem, mas
que tinha o registro e o livro em que os
mandou escrever nome por nome, que ele apresentará.
Em que ordenamos que o dito Noël Le Fèbre
apresentasse o citado livro e registro no primeiro
dia da jurada,[19] sob a pena de cinquenta escudos.[20]
E chegando o décimo sexto dia do referido mês, estando,
prefeito e jurados acima mencionados, presentes e não tendo o dito Le Fèbre

dado conta de obedecer a nossa acima mencionada ordenação, nós
o convocamos novamente e, depois de admoestá-lo porque ele não havia
ainda apresentado o citado livro e o registro segundo sua
oferta voluntária e nossa referida ordem sobre essa,
advertimos que, na falta de fazê-lo, procederíamos à determinação
de sanções contra ele. No que o dito Le Fèbre, administrador do hospital,
respondeu que não havia podido recuperar o dito livro de
mãos do dito *maître* Martin, porém que seria
diligente em fazê-lo no primeiro dia de
jurada próximo e no-lo apresentar, o que lhe foi
comandado fazer sob pena de prisão. E
chegando o vigésimo dia do referido mês de março
à tarde,[21] o citado Le Fèbre, administrador do hospital, compareceu na
câmara do conselho da referida prefeitura, o qual, seguindo
sua oferta e nossas citadas ordens, apresentou
um certo registro em papel branco, do qual várias

feuilhetz auroient este tout frechement couppes et vne
partie des aultres rattures et ez aultres tout recentement
escript et adjouste apres laquelle exhibition auons
faict sortir ledict hospitallier Et apres Auoir sur ce
delibere lauons faict reentrer Auquel auons
remonstre que ledict regestre estoict confuz et
sans aucun ordre et que despuis le premier jour
de mars mil cinq cens quatre vingtz quil sestoict
charge faire nourrir et allimenter lesdicts enfans expose[s]
dont y a plus de deux ans il ne se treuue en sondict
regestre que douze enfens en nature et
plusieurs aultres rattures Et sur le marge
escript ce mot mort et encores ceulx qui
restoient comme viuans estoient ces des
nourrices qui nauoient aucun nom ny les ruhes
et habitations designees qui monstroit notoirement
vng soubzon que telz enfans ne feussent exposes ains
supposes et dailheurs quil aparoissoict par sondict

[fol. 2r]
regestre quil ne donnoict que douze frans bord[elois]
aulx norrices pour la norriture de chascun enfant
par an qui ne souffizoict pas pour six mois et
partant que cestoict aparante occasion ausdictes norrices
de ne faire grand compte de la norriture desdicts
enfans et les laisser mourir de faim dont ledict
le febre hospitallier ne pouuoict estre que bien
aise attandeu quil auoict compose a certain pris
et que sil y auoict peu denfens exposes il
ne les pouuoict faire nourrir pour sy peu dargent
et sil en y auoit grand nombre il le pouuoit encores
moings veu quil nestoict croyable quil y employast

folhas haviam sido há bem pouco cortadas e uma
parte das outras rasuradas, e em outras se havia muito recentemente
escrito e acrescentado, após cuja exibição
fizemos sair o referido administrador. E depois de ter sobre isso
deliberado, nós o fizemos retornar. Ao qual
reprovamos, pois o referido registro estava confuso e
sem qualquer ordem e desde o primeiro dia
de março de mil quinhentos e oitenta, quando foi
encarregado de fazer educar e alimentar as referidas crianças abandonadas,
portanto há mais de dois anos, não se acha em seu dito
registro senão doze crianças reais e
muitas outras riscadas. E na margem
escrita a palavra "morto", e ainda aqueles que
permaneciam como vivos estavam esses com
cuidadoras[22] que não tinham nenhum nome, nem as ruas
e habitações designadas, o que evidentemente levantava
a suspeita de que essas crianças não fossem abandonadas, antes
inventadas, e além disso aparecia em seu dito

registro que ele não dava senão doze francos bordeleses
às cuidadoras pelo sustento[23] de cada criança
por ano, o que não era suficiente para seis meses, e
portanto, que foi provavelmente uma oportunidade para as referidas cuidadoras
não fazerem grande conta do sustento das referidas
crianças e os deixar morrer de fome, com o que o dito
Le Fèbre, administrador do hospital, só poderia estar bem
à vontade, já que ele havia estabelecido o preço determinado,
e que, se lá houvesse poucas crianças abandonadas, ele
não poderia alimentá-las com tão pouco dinheiro,
e se houvesse um grande número, ele ainda poderia
menos, visto que não era crível que ele usasse

du sien qui estoict vng pouure homme charge de
plusieurs enfens A quoy ledict hospitallier auroict
respondeu quil sen estoict plainct plusieurs foys
ausdicts recteur et regent qui estoict cause quil
luy auoict commande se retirer ailheurs et quilz
treuueroient personnaige qui lentreprendroict
pour moings
Ce faict auons faict sortir ledict le febre
hospitallier Nous heue sur ce deliberation et
veu certain proces verbal faict sur la pretendue
reunyon dudict prieure audict colliege par lequel
il appert que la despence de la norriture
desdicts enfans exposes a toute antiennette
par connue extimation montoict deux cens cinquante liures
et que despuis toutes choses ont acreu de
prix de la moytie et que par les charges ordinaires
estans sur ledict prieure est expressement porte
que les enfens masles des lors quilz auront

[fol. 2v]
cinq ans seront receuz dans ledict colliege et
institues aulx lectres ou quelque aultre mestier pour
gaigner leur vye scellon leur vacquation a laquelle
chascun deux de son naturel sera propre Auons
Ordonne et ordonnons que suiuant lantienne
institution et fondation dudict prieure et ce qui a este
tousjours despuis obserue tous les enfans exposes
et sans adueu seront receuz norris et allimentes
aus despens du reuenu dudict prieure dont lesdicts
recteur et regens seront tenuz nous aduertir pour
faire regestre desdicts enfens qui demeurera deuers
nous et en ladicte maison comune et ce faict seront

do seu dinheiro, pois era um homem pobre encarregado de
muitas crianças. Ao que o dito administrador
respondeu que havia reclamado várias vezes
ao dito reitor e regente, o que foi causa para que
ele lhe ordenasse de se ir embora, dizendo que eles
encontrariam alguém que o faria
por menos.
Feito isso, fizemos sair o citado Le Fèbre,
administrador do hospital. Nós, tendo deliberado sobre isso e
visto certas atas[24] feitas sobre a
reunião solicitada pelo referido priorado ao referido colégio (nos quais
aparece que o gasto com o sustento das
referidas crianças abandonadas, desde outrora,
por estimativa conhecida, montava a duzentos e cinquenta libras
e que desde então todas as coisas tiveram um aumento de
metade do preço, e que entre os encargos comuns
do referido priorado seja expressamente determinado
que as crianças do sexo masculino, assim que tiverem

cinco anos, serão recebidos no referido colégio e
instruídos nas letras ou algum outro ofício para
ganhar sua vida segundo sua ocupação[25] e à qual
cada um deles por seu natural será apropriado[26]), temos
ordenado e ordenamos[27] que, seguindo a antiga
instituição e fundação do referido priorado e que foi sempre
desde então observada, todas as crianças abandonadas
e sem identidade serão acolhidas, educadas e alimentadas
às custas do rendimento do referido priorado, do que os referidos
reitor e regentes deverão notificar-nos para se
fazer um registro das referidas crianças que permanecerá
conosco na referida prefeitura, e isso feito, serão

liures a nourrices cogneues et receantes en la presente
ville ausquelles sera bailhe pour leur norriture
honneste sallaire affin quelles puissent auoir plus de
moien de les eleuer jusques a ce que lesdicts enfans
ayent actaint leage pour excercer les artz et
mestiers pour gaigner leurs vyes Et sy cependant
il aduient quelquun desdicts enfans exposes vienne
a deceder la nourrice qui laura soubz sa garde
et norriture sera tenu lapporter pardeuant nous
en ladicte maison comune pour estre visite
sil est mort de maladie naturelle auquel
cas sera permis de le faire inhumer et sy au contraire
il est mort par accident sera informe par nous et
procede extraordinairement contre les coupables sellon
lexigence du cas Et que la court sera treshumblement
suppliee voulloir homolloguer leur present reglement garde et
obserue de point en point scellon sa forme et tenur Ainsy signes
montaigne de lurbe treilhe de cursol turmet et fort et destivals greffier

[fol. 3r]
Coppie A Nosseigneurs du parlement supplie humblement
les maire et juratz de bourd come ils ayent faict
le reglement cy attache pour la norriture education
et entretenement des enfans exposes dont le saindic
des recteur et regentz du college de la madallenne
subroge au lieu du preur de sainct jacmes de
ceste ville de bourd est charge il vous plaise
authoriser icelluy reglement et ordonner quil sera garde
scellon sa forme et tenur sy feres bien ·
Soict monstre au procureur general du roy faict
a bourd en parlement le vingt huitiesme apuril mil
cinq cens quatre vingtz deux·

confiados a cuidadoras reconhecidas e residentes na presente
cidade às quais será dado para seu sustento um salário
honesto a fim que essas possam ter mais
meios para sustentá-las até que as referidas crianças
tenham atingido a idade de exercer as artes e
ofícios para ganhar suas vidas. E se, no entanto,
acontecer que uma dessas referidas crianças abandonadas venha
a morrer, a cuidadora que a tiver sob sua guarda
e sustento será obrigada a trazê-la diante de nós
na referida prefeitura para a ser examinada:
se morreu de morte natural, caso em que
será permitido a inumar, ou se ao contrário
morreu por acidente, será inquerido por nós e
instaurado processo extraordinário contra os culpados, segundo
a exigência do caso. E que a corte será muito humildemente
rogada a querer homologar este seu presente regulamento, guardado e
observado ponto a ponto segundo sua forma e teor. Assim assinam:
Montaigne, de Lurbe, Treilhe, de Cursol, Turmet e Fort; e Destivals, escrivão.

Cópia. Aos nossos *seigneurs* do Parlamento rogam humildemente
o prefeito e os jurados de Bordeaux, tendo feito
o regulamento em anexo para alimentação, educação
e cuidado das crianças abandonadas, das quais é encarregado
o síndico do reitor e regentes do Collège de la Madeleine,
sub-rogado em lugar do prior de Saint-James
desta cidade de Bordeaux, que vos disponham
a autorizar este regulamento e ordenar que seja mantido
de acordo com sua forma e teor, como convém.
Que seja apresentado ao procurador-geral do rei. Feito
a Bordeaux, no Parlamento, no dia 28 de abril de mil
quinhentos e oitenta e dois.

Requerons la presente auec ledict reglement estre
comuniques au saindic des recteur et regens du colliege
de la madallenne de ceste ville pour ce faict
dire ce quil apartiendra signe desaigues

{Seigneuret, em nome do Parlamento}

Signiffié le contenu susescript a pere
martin rouelle sindic susdict qui a faict
Response quil verra que ayt faict
A bourd[eaux] le tiers de may 1582
Seigneuret

Requeremos que a presente, com o referido regulamento, seja
comunicada ao síndico do reitor e regente do Collège
de la Madeleine desta cidade; isso feito,
dizer o que se deverá fazer. Assinado: Desaigues.[28]

{Seigneuret, em nome do Parlamento}

Assinalado[29] o conteúdo acima escrito ao padre
Martin Rouelle, síndico supracitado, o qual
respondeu que cuidará para que seja feito.[30]
Em Bordeaux, em 3 de maio de 1582.
Seigneuret

NOTAS

1 O hospital-priorado original datava do início do século XII, obra dos duques de Aquitânia para acolher peregrinos no caminho para Santiago de Compostela. Reconstruído em 1208 (após o cerco de Bordeaux em 1206, pelas tropas de Afonso VIII de Castilha), passou para o domínio jesuíta em 1574. Foi fechado em 1589 e reaberto em 1604. Com a expulsão dos jesuítas em 1764, a igreja foi vendida a particulares em 1773. Cf. Drapeau (2015, p. 173-1).

2 O Collège de la Madeleine (o mesmo prédio onde é hoje o Lycée Montaigne, de Bordeaux) foi criado pelos jesuítas e, desde sua fundação em 1574, era rival do Collège de Guyenne (onde estudou Montaigne). Cf. Julia (1984).

3 No documento, o principal acareado foi o administrador do hospital, Noel Le Febre.

4 A primeira transcrição moderna (apenas da carta de 13 de março) foi publicada por Ernest Gaullier, na sua *Histoire du Collège de Guyenne* (1874).

5 O nome de Bordeaux aparece abreviado (como "*bourd*" e variações) em toda a carta.

6 Local em que se reúne o corpo dos jurados, membros do conselho municipal de Bordeaux que atuam na administração da cidade junto ao prefeito (Cocula, 2007a) e que são os signatários dessa carta juntamente com Montaigne.

7 A casa comunal (*maison comune*): o equivalente da prefeitura – sede da administração comunal que constitui o poder mais próximo dos habitantes (*hôtel de ville*, *mairie*).

8 No original "*la ville et cité de Bordeaux*" porque *cité*, tal como *quartier* e *banlieue*, são divisões administrativas das cidades (*villes*) francesas (Oliveira, 2009).

9 Carta 16.

10 Nomeado advogado no Parlamento de Bordeaux em 1562, torna-se juiz ordinário e a seguir *Procureur-syndic* de Bordeaux em 1581-1582, além de ser importante cronista dos costumes e personagens da região bordelesa (e que se refere a Montaigne elogiosamente em seus escritos). Cf. Desan (2014, p. 66, 412, nota 47); Lurbe (1594; 1612).

11 Literalmente, "*en la court*". Refere-se à "corte" formada pelos juristas do Parlamento de Bordeaux.

12 Jurado de Bordeaux a quem se refere também a carta 21.

13 No sentido de representante da classe burguesa, dos comerciantes, da cidade de Bordeaux.

14 Carta 5, nota 6.

15 No sentido de não terem paternidade reconhecida.

16 No original, "*hospitallier*". Traduzimos o termo por "administrador do hospital" em todas as ocorrências.

17 Os "*écus sol*" ("*l'écu d'or au soleil*") são os escudos de ouro: criados por Louis XI (1461 a 1483), sua denominação continuará a designar diversas cunhagens realizadas por reis posteriores.

18 No original, "*saindic*", no sentido de "administrador" ou "gestor".

19 Quer dizer, no próximo dia de expediente da jurada.

20 Sob a pena de uma multa de cinquenta escudos.

21 No original "*de relevée*" (no despertar), isto é, depois da sesta.

22 No original, "*nourrices*".

23 No original, "*norriture*". Além do que diz respeito à sua educação, o termo designa o que é em geral necessário à subsistência de cada criança, no sentido de sua "criação".

24 No original "*proces verbal*". Trata-se, provavelmente, nesse caso, do registro escrito da inquirição.

25 No original, "*vacquation*". Aparentemente, os garotos recebiam uma formação técnica específica no priorado.

26 Interessante como a profissão a ser escolhida não corresponde apenas à condição (*vacation*) de cada um, mas ainda à sua própria natureza (*naturel propre*). Note-se ainda que, de acordo com essa passagem, serão educadas as crianças do sexo masculino, embora mais adiante aparentemente se trate de educar nas artes e ofícios a todas as crianças.

27 No original, "*Auons Ordonne et ordonnons*". Fórmula jurídica usual, pleonástica, firmando a autoridade.

28 Trata-se apenas do redator do texto – no caso, o escrivão do *Parlement* de Bordeaux.

29 No original, "*signifié*". Nesse caso, "atestado" de que o documento foi transmitido ao destinatário e que recebeu uma resposta. O trecho suplementar, assinado por Seigneuret, é, portanto, um acréscimo manuscrito posterior.

30 Embora ao final do documento leiamos que o administrador do colégio velará pelo cumprimento do regulamento estabelecido, Gaullieur nota desprezo na anotação feita nas costas da cópia do documento por ele descoberto, na qual se lê: "pretenso regulamento do prefeito e dos jurados" (*Histoire du collège de Guyenne*, p. 357, nota 4). Não por acaso: como nota o mesmo autor (p. 356), em 1574, o rei "[...] havia expressamente proibido ao prefeito e aos jurados de Bordeaux de se imiscuir no que quer que fosse dos negócios do Collège de la Madeleine, declarando que a Companhia de Jesus não estava submetida à jurisdição e autoridade municipal". O que mostra o poder dos jesuítas, assim como a

coragem do prefeito e seus jurados, além de uma possível tentativa aqui, por parte desses, para diminuir a ingerência daqueles nos negócios da cidade (Desan, 2014, p. 525-526). Assim, pode ter havido certo caráter político nesse processo: os jesuítas, em função de sua posição ultracatólica, fomentavam a revolta na região (e terminarão daí expulsos por Henri III em 1589, logo antes de seu assassinato). Note-se que, de todo modo, Montaigne respeita a erudição, capacidade de organização e devoção dos membros da Companhia de Jesus (Legros, 2003; Jouanna, 2017, p. 227), ainda que não pareça ter sido essa sua congregação religiosa preferida em Bordeaux (Desan, 2014, p. 527; Simonin, 1997).

Carta 18 (30 de outubro de 1582)

Ao Marechal Matignon [1]

Fontes

O autógrafo original está conservado nos Archives du Palais Princier, de Mônaco. Cota: J 129, f° 381 r° (texte) et f° 382 v° (adresse). Existe uma cópia do século XVIII conservada nos mesmos Archives (cota: J87, fol. 186). Excetuando-se o endereçamento, todo o texto da carta tem a letra cursiva de Montaigne.

Fac-símile

https://montaigne.univ-tours.fr/lettre-matignon-30-octobre-1582/

Editio princeps

LABANDE, L.-H. "Correspondance de Montaigne avec le Marechal de Matignon (1582-1588)" in *Revue du Seizième siècle*, Tome 4, Fasc. 1/2 (1916), p. 1-15. Reprint in LABANDE, L.-H. *Correspondance de Montaigne avec le Marechal de Matignon* (1582-1588). Paris: Edouard Champion, 1916.

Edições

MONTAIGNE, Michel de. *Œuvres complètes*. Albert Thibaudet & Maurice Rat (ed.). Paris: Gallimard, 1962, p. 1372-1373. [Bibliothèque de la Pléiade]

Legros. Alain. *Montaigne manuscrit*. Paris: Classiques Garnier, 2010, "Lettres et missives de Monsieur de Montaigne", n° 2, p. 667-669.

Referências

COOPER, Richard. La correspondance politique de Montaigne. In: DESAN, Philippe (ed.). *Montaigne politique*. Paris: Honoré Champion, 2006, p. 305-328.

COOPER, Richard. Montaigne dans l'entourage du maréchal de Matignon. In: *Montaigne Studies*, 13 (2001), p. 99-140.

Contexto

Primo de Henrique de Navarra (futuro Henrique IV), Jacques II de Goyon, *seigneur* de Matignon (1525?-1597), *maréchal de France* a partir de 1579 e *lieutenant* da Guyenne durante a prefeitura de Montaigne em Bordeaux, é o destinatário da maior parte de sua correspondência (dezesseis cartas lhe são endereçadas). Convém notar a proximidade das datas (outubro/novembro de 1581) em que o prefeito de Bordeaux e o marechal entram no desempenho de suas novas funções, pois o início de ambas as administrações faz parte da execução dos planos da Coroa francesa para uma renovação política da região. Cf., por exemplo: Labande, 1916; Trinquet, 1975; Cooper, 2001. Parte da correspondência de Matignon, reunida e copiada no século XVIII, incluindo as cartas escritas por Montaigne, está conservada nos *Archives du Palais Princier*, em Mônaco.

TEXTO ORIGINAL DA CARTA 18[1]

[Folha 381r]

Monſeignur deſpuis cele que | ie vous eſcriui il y a trois ou quatre | iour par la quelle ie vous manɔai | ẽtre autres choſes que ie n'auois | receu nulle lettre de vous panɔant | mõ abſance ny aucũ comãdemãt de | me rãɔre ici il n'est rien ſuruenu | de nouueau Ie uiens tout asture de | uoir le general des corɔeliers de gõſague | qui arriua hier & ſi la fieure qu'il ha | & pour la quelle il a este auiourɔ'hui | ſeignè & ſeconde ne l'empe'che il m'a dict | qu'il partira demein pour ſuiure ſon | chemin uers Eſpaigne Il auoit des | lettres ɔu roy pour uous mais ie croi | que ce n'e'toit que pour ſa recomãɔatiõ | Ie lui ai offert pour ſa cõmodite | ce peu de pouuoir que i'ai ẽ cete uille | M^r de gourgues m'aïãt auerti qu'il | uous eſcriuoit i'ai faict ce mot pour | vous baiſer treſhũblemãt les meins & prieãt ɔieu |

Mõſeignur vous ɔoner lõgue & hureuſe
vie De bourɔeaus ce 30 octob 1582

Vo'tre ſeruitur[2]
treſheũble mõtaigne[3]

[Folha 381v]
A Monseigneur

Monseigneur de Matignon
mareschal de France.

Monseigneur, desde aquela que vos escrevi há três ou quatro dias[4] – na qual disse, entre outras coisas, que não havia recebido nenhuma carta vossa durante minha ausência, nem qualquer comando para voltar aqui[5] – nada surgiu de novo. Acabo de ver o *général des Cordeliers de Gonzague*[6] que chegou ontem, e se a febre que ele tem e pela qual foi tratado e cuidado hoje não o impedir, ele me disse que partirá amanhã para seguir seu caminho em direção à Espanha. Ele tinha cartas do rei para vós, mas creio que eram apenas para sua recomendação. Ofereci a ele, para sua comodidade, este pouco de poder que tenho nesta cidade.[7] O *Monsieur* de Gourgues[8] tendo-me advertido que ele vos escrevia, fiz estas linhas para vos beijar muito humildemente as mãos, rezando a Deus,

Monseigneur, para que vos dê vida longa e feliz.
De Bordeaux, neste 30 de outubro de 1582,

Vosso muito humilde servidor
Montaigne

A Monseigneur

Monseigneur de Matignon
maréchal de France

NOTAS

1 Transcrição diplomática do autógrafo, por Legros.

2 "Le logo de la Principauté de Monaco intégré à l'image numérique oblitère en partie la souscription de cette lettre, mais j'avais pu en faire auparavant la transcription sur l'original" (LEGROS. Lettres de Montaigne. Édition selon trois modes. 1/3 Texte diplomatique, 2010).

3 A forma de abreviação autógrafa "mõtaigne" aparece também como assinatura na carta de Montaigne aos *jurats* de Bordeaux (21 de maio de 1583).

4 Essa carta encontra-se hoje perdida.

5 Por "*ausência*" e "*aqui*", portanto, devemos entender "ausência de *Bordeaux*" e "aqui *em Bordeaux*", respectivamente. Montaigne era o prefeito de Bordeaux desde setembro de 1581 (eleito pela *jurade*, conselho formado por seis cidadãos, entre nobres, juristas e burgueses), sendo reeleito em 1583. É provável que, em sua rotina administrativa, passasse períodos relativamente longos em sua propriedade (a cerca de 60 km de Bordeaux), indo à cidade apenas quando necessário.

6 François de Gonzague (famosa linhagem nobre italiana), então superior geral dos franciscanos (de 1579 a 1587), e que será seu historiador, bispo de Cefalù depois de Mântua e a seguir núncio do papa na França (Legros, 2010, p. 668-669; Frame, 2003, p. 1302, nota 39).

7 Apesar do sabor encomiástico e circunstancial da retórica de Montaigne no texto, a expressão "*pouco poder*" – posta em uma carta endereçada ao *lieutenant* de Henrique III na Guyenne (isto é, ao seu superior imediato enquanto prefeito de Bordeaux) – talvez tivesse uma sonoridade levemente irônica: uma queixa de quem sente realmente seu poder de ação limitado em vista da situação naquele momento em Bordeaux (Legros, 2010, p. 669).

8 Trata-se de Ogier de Gourgues, *seigneur* de Montlezun, *vicomte* de Juillace, *baron* de Vayres, secretário-geral das finanças da Guyenne, *maître d'hôtel ordinaire* de Henri III. "[…] *bras droit de Matignon, son informateur privilégié à Bordeaux. Il travaille en étroite collaboration avec Montaigne*" (Legros, 2010, p. 669; ver também Cooper, 2001, p. 103, 105; Frame, 2003, p. 1302, nota 40; cf. cartas 23, 33, 46 e 47). O "*maître d'hôtel*" é o intendente responsável pelos serviços domésticos e pela administração de um castelo ou hotel (no sentido dos hotéis aristocráticos do século XVI).

Carta 19 (1 de novembro de 1582)

De Antoine Loisel a Montaigne

Fonte

[Loisel, Antoine] LA GUYENNE || DE M. ANT. L'OISEL, || QVI SONT || HVICT REMONSTRANCES || faictes en la Chambre de Iustice || de Guyenne sur le ſubject des Edicts || de Pacification. || Plus une autre REMONSTRANCE ſur la Redu-|| ction de la ville & Reſtabliſſement du || Parlement de Paris. || Auec l'extraict d'vn Plaidoyé de l'Vniversité. || [ornamento] || A PARIS, || Chez ABEL L'ANGELIER, au premier pilier || de la grand' ſale du Palais. || [-] || M. D C. V. || Auec Priuilege du Roy. || (p. 65-66)

Exemplar

British Library 1059 c.24

Edições

PAYEN, Jean-François. *Documents inédits ou peu connus sur Montaigne*. v. 1. Paris: Techener, 1847. p. 31-32.

Contexto

Não se conhece a versão manuscrita. O texto, datado de 1 de novembro de 1582, foi publicado pela primeira vez em *La Guyenne* (1605), de Antoine Loisel.

Esta obra é uma reedição ampliada de *Amnestie* (1595)[1] – obra que traria uma seção dedicada a Montaigne. A epístola não apareceu em 1595, apenas em 1605; nesse caso, porém, a data impressa na assinatura remete à dedicatória original.

O célebre jurista Antoine Loisel, advogado do rei – e como tal integrante da câmara itinerante de justiça[2] enviada por este à Bordeaux para resolver as disputas legais na região em seguida ao tratado de pacificação de Fleix –, pronuncia uma *remontrance*[3] sobre a qual Montaigne, então prefeito, manifestará seu agrado. Esse discurso será seguido por outro, igualmente famoso e elogioso, na sessão de encerramento dos trabalhos da câmara (22 de agosto de 1582), louvando a cidade, seus mais importantes cidadãos e eruditos (entre eles Montaigne), e cujo conteúdo é citado aqui, uma vez que o destinatário não o pôde assistir em pessoa (como o fizera na sessão de abertura)(cf. Legros, 2010, p. 732; Jouanna, 2017, p. 241-242; Frame, 1965, p. 62).

TEXTO ORIGINAL DA CARTA 19

[p. 65]
A MONSIEVR DE MONTAIGNE.

MONSIEVR,

Si vous priſtes quelque contentemẽt d'ouyr ce que ie dis à l'ouuerture de noſtre première ſeance, comme vous m'en fiſtes deſlors quelque demonſtrance, i'espère que vous en receurez autant ou plus en liſant ce que ie vous enuoye auec la preſente. D'autant meſmement que vous y trouuerez plus de particularitez de vos ville, & pays de Bordelois. Comme de faict ie ne ſçauroy à qui mieux addreſſer cette cloſture, qu'à celui qui eſtant Maire & l'vn des premiers Magistrats de Bourdeaux, eſt außi l'vn des principaux ornemens non seulement la la[4] Guyenne, mais außi de toute la Fran[p. 66]*ce. Ie vous prie doncques la recepuoir d'auſsi bon cœur que ie vous i'enuoye: Priant Dieu. Monsieur vous tenir en ſa grâce. D'Agen ce I. Nouembre. M. DLXXXII.*

Voſtre tres humble & obeïſſant
seruiteur, Ant. l'Oisel.

TRADUÇÃO DA CARTA 19

Ao *Monsieur* de Montaigne,

Monsieur,

Se tivestes algum contentamento ao ouvir o que eu disse na abertura da nossa primeira sessão,[5] como me fizestes então certa demonstração, espero que recebais tanto ou mais lendo o que vos envio[6] com a presente carta. Tanto mais porque vós encontrareis aí mais particularidades sobre vossa cidade e região bordalesas. Pois de fato, não saberia a quem seria melhor dirigir este encerramento do que àquele que sendo prefeito e um dos primeiros magistrados de Bourdeaux, é ainda um dos principais ornamentos, não só da Guyenne, mas também de toda a França. Peço-vos, então, que o recebais com tão bom coração quanto eu vo-lo envio: rezando a Deus, *Monsieur*, vos guardar em sua graça. De Agen,[7] este 1 de novembro de 1582.

Vosso muito humilde e obediente servidor,
Ant. Loisel.[8]

NOTAS

1 [Loisel, Antoine] AMNESTIE || OV || DE L'OVBLIANCE DES || MAVX FAICTS ET RE- || ceus pendant les troubles & || à l'occaſion d'iceux. || [ornamento] || A PARIS. || Chez ABEL L'ANGELIER, au || premier pilier de la grand' || ſale du Palais. || [-] || M. D. XCV. || Exemplar: BnF 8-LB35-664.

2 Outros membros dessa câmara também eram ou se tornarão próximos a Montaigne, como De Thou, Pithou, Dupuy. Sobre a história da constituição desse tribunal a partir dos acordos do Fleix e sua atuação, ver Desan (2014, p. 420 e ss.).

3 Note-se que essa *remontrance* é de um gênero diferente daqueles que encontramos em outras cartas do epistolário montaigniano (cartas 23 e 27): enquanto aquelas são súplicas ao rei, em geral para que este considere ou reconsidere as consequências de alguma de suas políticas ou ordens, nessa lemos o discurso que o advogado do rei fez em lugar do presidente do parlamento (que seria normalmente o autor desse tipo de discurso) endereçando-se aos seus membros para corrigir ou aperfeiçoar sua conduta – trata-se assim de uma crítica, mitigada por refinada retórica, feita contra a atuação do parlamento de Bordeaux na administração da justiça relativa aos conflitos religiosos (Meniel, 2021, p. 174).

4 Erro de impressão: "*de la*".

5 A primeira sessão (janeiro de 1582) da câmara itinerante de justiça enviada pelo rei a Bordeaux.

6 Esse discurso foi impresso e publicado em diferentes edições (cf. Magnien-Simonin, 2007, p. 697; Méniel, 2021, p. 176).

7 Região histórica francesa (cf. carta 1, nota 15).

8 Cf. também a carta 57.

Carta 20 (21 de maio de 1583) [editada]

Aos jurados de Bordeaux [1]

Fontes

O autógrafo original foi destruído em um incêndio ocorrido nos arquivos da cidade de Bordeaux em 1862. No entanto, uma cópia em fototipia desse autógrafo foi conservada por J.-F. Payen em sua coletânea pessoal de recortes e documentos sobre Montaigne (*Recueil de documents rassemblés par le Dr Payen sur l'écriture de Montaigne, des membres de sa famille et de ses amis, La Boétie, etc., avec portraits et lettres de littérateurs qui se sont occupés de Montaigne*), hoje na BnF (Richelieu) sob a cota: Manuscrits, Atlas NAF 1466,

Toda a grafia (endereçamento e texto) é do punho de Montaigne.

As transcrições (incluindo-se a *editio princeps* e as edições das *Cartas* de Montaigne) ordinariamente datam o texto como de 1582. Legros (2010, p. 670-671), no entanto, nota que o original tem uma rasura que corrige o texto para "1583": "*On lit le plus souvent, mais à tort, '1582' sans tenir compte de la correction, certes maladroite, du 2 en 3 (Payen a relevé d'autres exemples de ce 3 à boucle inférieure réduite). Le millésime '1583' est d'ailleurs confirmé par une lettre de Henri III*".

Fac-símile

https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b53103958k/f177.image

Editio princeps

BRUNET, Gustave. *Bulletin du bibliophile*, juilliet 1839, p. 720-721. Comentários de J.-F. Payen, *Bulletin du bibliophile*, octobre 1839, p. 893-894.

Edições

PAYEN, J.-F. *Documents inédits ou peu connus sur Montaigne*. Paris: Techener, 1847, p. 19-20.

PAYEN, J.-F. *Recherches sur Montaigne*. 1856, p. 54 e ss.

MONTAIGNE, Michel de. *Œuvres complètes*. Albert Thibaudet & Maurice Rat (ed.). Paris: Gallimard, 1962, p. 1372. [Bibliothèque de la Pléiade]

LEGROS, Alain. *Montaigne manuscrit*, 2010, p. 669-671.

Contexto

Em 21 de maio de 1583, Montaigne é ainda prefeito de Bordeaux, exercendo seu segundo mandato consecutivo, e nessa carta o lemos empenhado na administração da cidade desde seu castelo (como frequentemente será o caso não só por sua comodidade, mas também por seu papel de "sentinela" e mediador na região conflagrada em que habita). Agradece aos jurados pelo sucesso de sua administração interina, faz votos de que tudo continue se desenvolvendo bem (especialmente com relação à viagem de um dos jurados, enviado para defender importante causa na metrópole) e se desculpa por sua ausência, recomendando-se às boas graças dos jurados – mostra assim estar atento aos negócios bordaleses, e pronto a intervir pessoalmente se necessário.

TRANSCRIÇÃO DIPLOMÁTICA DO ORIGINAL DA CARTA 20,
POR LEGROS

A messieurs
messieurs les iurats
de la Ville de bourdeaus

Messieurs i'eſpere que le voïage de | mõſ^r de curſol aportera quelq | cõmodite a la ville aïant ẽ mein | vne cauſe ſi iuste et ſi fauorable | Vous aues mis tout lorɔre qui ſe | pouuoit aus affaires qui ſe preſantoint | Les choſes e'tant en ſi bons termes | ie vous ſupplie excuſer ẽcores pour | quelques ~~io~~ tamps mõ abſance que | i'acourcirai ſans ɔoubte autãt que la | presse de mes affaires le pourra permettre | I'eſpere que ce ſera peu cepãɔant vous | me tienɔeres ſ'il vous plait en uo'tre bone | grace & me cõanɔeres ſi l'occaſion | ſe preſante de m'ẽploïer pour le ſeruice publiq | & vo'tre Mons^r de curſol m'a aussi eſcrit | & auerti de ſon voïage Ie me recõãde | bien hũblemãt & ſupplie dieu | Messieurs vous doner lõgue & hureuſe | vie De mõtaigne ce 21 may 1583

Vo'tre heũble frere
& ſeruitur
mõtaiGne

TRADUÇÃO DA CARTA 20

Aos *messieurs*
messieurs jurados
da Cidade de Bordeaux

Messieurs, espero que a viagem do *monsieur* de Cursol[1] traga algum benefício à cidade, tendo em mãos uma causa tão justa e favorável.[2] Pusestes toda a ordem possível nos problemas que se apresentaram. As coisas estando em bons termos, eu vos peço desculpardes ainda por algum tempo a minha ausência, que eu abreviarei sem dúvida assim que o ritmo[3] de meus afazeres puder permitir. Espero que seja por pouco tempo. Enquanto isso, manter-me-eis em vossas boas graças e me requisitareis, se a ocasião se apresentar, minha ação no serviço público. E o *Monsieur* de Cursol também me escreveu e advertiu sobre sua viagem. Eu me recomendo muito humildemente a vós e suplico a Deus, *Messieurs*, que vos dê vida longa e feliz. De Montaigne, neste 21 de maio de 1583.[4]

Vosso humilde irmão
e servidor
Montaigne[5]

NOTAS

1 Jurado de Bordeaux nomeado também na carta 17. Foi muito provavelmente a corte em Paris o destino de sua viagem: veja-se a nota seguinte.

2 "(...) le roi a envoyé deux lettres à Matignon, le 22 mai 1583 (lendemain de l'envoi de la présente lettre) et le 8 août 1583, pour accéder à une demande des Bordelais: il leur accordait une garde de 50 soldats, mais à leurs frais. Entre ces deux dates, donc en 1583, au mois de juillet, le roi a confirmé les privilèges économiques de la cité. C'était sans doute là l'objet de la mission de Guillaume de Cursol ('votre Cursol'), élu à la jurade en août 1581 et membre du Bureau des Finances de la généralité de Guyenne comme président trésorier général de France (...)" (Legros, 2010, p. 670-671).

3 No original, "*la presse*". Legros recomenda "*multitude*" na sua transcrição.

4 Para a datação, ver o detalhamento editorial das fontes deste documento, acima.

5 Montaigne assina "mõtaigne" em diversas cartas (cf. a de 30 de outubro de 1582, endereçada a Matignon). Sobre essa grafia, ver: Payen, J.-F. *Bulletin Du Bibliophile*, Octobre 1839, p. 893-894.

Carta 21 (15 de agosto de 1583)

Ordonnance do prefeito (Montaigne) e dos jurados de Bordeaux

Fonte

Archives municipales de Bordeaux: BB, Cour des Jurats.

Além da ata assinada por Michel de Montaigne, os arquivos da cidade de Bordeaux possuem a minuta não assinada, a partir da qual esta *ordonnance* foi redigida.

Editio princeps

Archives historiques du département de la Gironde, tomo X, Nº CLXXXVI. Paris; Bordeaux: Aubry; Gounouilhou, 1868, p. 399-401. Transcrição de Ernest Gaullieur, arquivista da cidade de Bordeaux.

Contexto

Esta *ordonnance* (no caso aqui, o texto de uma tomada de decisão jurídica a respeito de um tema) se refere a um caso de homicídio acontecido em março de 1581, envolvendo Gailhard Baudet, *sieur* de La Reballerye (ou La Riballerie ou ainda La Rivalère) e alguns cúmplices, contra a pessoa do prefeito de Blaye, Pierre Dubois (que havia sido eleito em 1580). A cidade, ponto comercial importante,

ficava na margem oriental do encontro dos rios Garonne e Dordogne, e estava, em princípio, sob jurisdição do Parlamento de Bordeaux. Na época do assassinato, o prefeito de Bordeaux ainda era o marechal de Biron – Montaigne só ocupará o posto em agosto de 1581. Embora o processo tenha sido primeiramente registrado e encaminhado no Parlamento de Bordeaux, o julgamento e a condenação de La Reballerye e comparsas se deu no Parlamento de Toulouse: o principal acusado foi condenado a uma multa, paga à viúva e seus herdeiros. La Reballerye colocou à venda sua propriedade, que foi efetivamente vendida em 13 de janeiro de 1588 (quase sete anos depois do homicídio), a soma vertida em prol de Marguerite de Dubois (ao que tudo indica, irmã do prefeito).[1]

O documento se insere em um cenário institucional relativamente comum, o da disputa de autoridade entre parlamentos – nesse caso, o de Bordeaux (criado em 1462) e o de Toulouse (criado em 1443).[2] Biron e os jurados de Bordeaux acolheram os procedimentos jurídicos na época do assassinato, antes do processo ser transferido para o Parlamento de Toulouse. Uma vez transferido, Toulouse invoca a prerrogativa de ser ele o foro jurídico do homicídio de Dubois, e todo o contexto da *ordonnance* trata do imbróglio em torno da transferência dos autos da primeira fase da investigação, feita em Bordeaux, à sua nova comarca legítima. Em última análise, a retirada colocava em questão a autoridade judicial tanto da *jurade* quanto do prefeito, e Montaigne, juntamente com os signatários da *ordonnance*, resolveu apelar, sem sucesso, pela manutenção do foro.[3] Diante do insucesso, os magistrados municipais bordelenses ordenam a Destivals, escrivão no processo junto ao Parlamento de Bordeaux, para guardar uma cópia do interrogatório e da reconciliação das testemunhas, assinada por Morilhières Landry, jurados encarregados da investigação em 1581.

O texto original, como muitas vezes acontece em documentos dessa natureza, está escrito em um único parágrafo; acrescentamos algumas cesuras na tradução para tornar o texto mais legível em português.

En jurade, en la maison commune de la ville et citté de Bourdeaulx, le treziesme d'aoust mil cinq cens quattre vingtz troys, y estant assemblés messieurs de Montaigne, Dalesme, de Galopin, de Reynier, De La Peyre, et Claveau, maire et jurats, gouverneurs de ladite ville, s'est présenté Richard Destivals, notaire et greffier des informations d'icelle, lequel a dict et remonstré que de la partie de Gailhard Bodet, sieur de la Riballerie, prisonnier détenu ès prisons de la conciergerie de la cour de parlement de Thoulouze, à la requeste de Marie d'Achard, damoiselle et aultres, pour raison de l'homicide commis à la personne de feu Pierre Dubois, dès le vingt septiesme de juillet dernier, il luy fut faict commandement par Landreau, sergent royal en Guienne, de porter ou faire porter pardevant le greffe de ladite cour de parlement de Thoulouze toute la procédure concernant la décizion du procès entre lesdites parties, evocque en ladite cour de parlement de Thouloze, et ce suyvant l'appointement de M^e^ Pierre de Saint-Pierre, conseiller du Roy en ladite cour et commissaire par elle depputé en ceste partie, donné à Thoulouze, le dix huictiesme juillet, an présent, mil cinq cens quattre vingtz trois, consentement de monsieur Dusault, pour le procureur général du Roy en ceste cour de parlement de Bourdeaulx, et arrest des mesme cour du vingt troisième de juillet audit an, signé: de Pontac, suyvant lequel commandement à luy faict par ledit Landreau , et obeyssant il auroict envoyé et faict porter devers le greffe de ladite cour de parlement de Thouloze le procès faict sur ledict homicide en l'estat qu'il auroict esté jugé par deffaultz par messieurs les susdis maire et jurats de Bourdeaulx, et ce dans ung sac complet, sellon son inventaire; ce non obstant, et que ledit Destivals ayct, comme dict est, obéy, ce jourdhuy et présentement ledit Landreau, sergent royal susdict, luy auroict de rechefz faict commandement, en vertu dudict appointement dudit de Sainct-Pierre, conseiller et commissaire susdict, du second du présent mois, arrest de la cour de parlement de ceste dicte ville sur l'octroy du pareatis du ungiesme du présent mois et

Na *jurade*, na casa comum[4] da vila e cidade de Bordeaux, em treze de agosto de mil quinhentos e oitenta e três, estando ali reunidos os *Messieurs* de Montaigne, Dalesme, de Galopin, de Reynier, De La Peyre e Claveau, prefeito e jurados, governadores da referida cidade, apresentou-se Richard Destivals, notário e escrivão de informações desta [cidade], que disse e protestou que por parte de Gailhard Bodet, *sieur* de la Riballerie, prisioneiro detido nas prisões da *conciergerie* do tribunal do Parlamento de Toulouse, a pedido de Marie d'Achard, *damoiselle*, e outros, pelo homicídio cometido contra a pessoa do finado Pierre Dubois,[5] a partir de vinte e sete de julho passado,[6] foi dada uma ordem, por Landreau, sargento real[7] em Guyenne, para encaminhar ou fazer encaminhar junto ao registro do referido tribunal do Parlamento de Toulouse todo o procedimento relativo à decisão do processo entre as referidas partes, evocado no referido tribunal do Parlamento de Toulouse. Isso após a sentença[8] de *Monsieur* Pierre de Saint-Pierre – conselheiro do rei na dita corte [de Toulouse] e comissário, por ela encarregado, nessa parte – dada em Toulouse, no dia dezoito de julho, do ano presente, mil quinhentos e oitenta e três, [com] consentimento de *Monsieur* Dusault, para o procurador-geral do rei neste tribunal do Parlamento de Bourdeaux, e decisão[9] da mesma corte de vinte e três de julho do referido ano – com a assinatura de De Pontac –, seguindo a ordem dada a ele pelo dito Landreau; e, obedecendo, ele teria enviado e feito chegar junto ao cartório[10] do referido tribunal do Parlamento de Toulouse o processo feito sobre o dito homicídio no estado que teria sido julgado sob incompetência[11] dos *Messieurs* prefeito, acima mencionado, e jurados de Bourdeaux, e isso em um único pacote,[12] de acordo com seu inventário. Apesar disso – e mesmo o dito Destivals obedecendo, como se disse –, hoje e presentemente o dito Landreau, sargento real supracitado, teria, ainda uma vez, dado ordem, em virtude da dita decisão[13] do dito De Saint-Pierre, conselheiro e comissário supracitado, do dia dois do presente mês, decreto da corte do Parlamento desta cidade, sob outorga do *pareatis*[14] do onze do presente

consentement dudit sieur Dusault, de porter par devers le greffe de ladicte cour de parlement de Thouloze l'original et minutte dudit procès faict par lesdictz jadis, maire et juratz, contre ledit La Reballerie et aultres; et par ce que c'est ung estille inoy que les greffiers se demettent et vuident leurs mains des originaulx et minuttes des procédures par eulx reçues, et que ja, comme dict est, il en a envoyé coppie de ladite procédure, et que lesdicts sieurs ont intérest à ce qu'elles demeurent par devers ledit greffe, attendu qu'il y a d'autres parties y nommez, l'a volleu remonstrer ausdictz sieurs à ce qu'il leur plaise y pourveoir comme ilz adviseront, et que icelluy Destivals soict deschargé à l'advenir; attendu aussy qu'il est greffier, fermier du greffe criminel, et que, pour l'advenir, il pourroict en estre inquietté, a representé lesdictes minuttes, sur quoy eue par lesdictz sieurs délibération, et veu lesdictes pièces et exploictz de commandement, mesmes le dernier consentement dudit sieur Dusault, par lequel noméement est porté, qu'il n'enpesche que ledict Destivals porte ou envoyt par devers le greffe de ladite cour de parlement de Thoulouze lesdictes procédures, en retirant par devers soy une grosse desdictes infourmations, qui sont en forme probante, pour y avoir recours quant besoing sera, iceulx sieurs maire et juratz ont déclairé et déclairent ne pouvoir empescher que ledit Destivals n'obeyse; bien ont ordonné et ordonnent que ledit Destivals retiendra devers soy une grousse ou coppie desdites informations et recollemens des témoins nommés, et oys en icelles, le tout bien colla tionné et vériffyé; laquelle grosse ou copie informations M^e^ Pierre Morilhières, advocat en la cour, signera comme les ayant faictes lorsqu'il estoyt jurat, et que M^e^ Arnault Landry, aussy advocat en lacour, soubz qui ont esté faictz lesdits recollemens, signera aussy la grosse ou coppie d'iceulx; et oultre que deux des susdits sieurs juratz signeront aussy lesdites coppies d'informations at recollemens pour estre en forme plus probante et autentique, et dont ledit Destivals demeurera chargé pour y avoir recours, quand et par qui il apartiendra.

Fait comme dessus.

MONTAIGNE, D'ALESME, GALOPIN, PIERRE DE REGNIER, DE LAPEYRE, CLAVEAU.

mês e consentimento do dito *sieur* Dusault, de trazer perante o cartório[15] do referido tribunal do Parlamento de Toulouse o original e a minuta do referido processo, feito pelos anteriormente referidos prefeito e jurados, contra o dito La Reballerie e outros; e porque é um procedimento inesperado[16] que os escrivães se resignem e esvaziem as mãos dos originais e atas dos processos por eles recebidos, e que já, como foi dito, foi enviada cópia do dito processo, e que os referidos senhores[17] tenham interesse em que elas permaneçam no referido cartório, visto que existem outras partes nele nomeadas, quis dizer aos ditos *sieurs* que, por favor, procedam como eles[18] aconselharam, e que Destivals seja [disto] desimcumbido no futuro. Considerando também ele ser escrivão,[19] [e] encarregado do cartório criminal,[20] e que, no futuro, poderia ser importunado por isso, apresentou as referidas minutas, sobre as quais teve deliberação dos senhores,[21] e visto as ditas peças e ordens de cumprimento,[22] incluindo o último aviso do dito *Sieur* Dusault, pelo qual nomeadamente é referido — o que não impede que o dito Destivals traga ou envie ao cartório da dita corte do Parlamento de Toulouse os referidos procedimentos, retirando de si grande parte das referidas informações, que estão em forma probatória, para recorrer a ela quando for necessário —, estes prefeito e jurados declararam e declaram não poder impedir que o dito Destivals não obedeça: assim, ordenamos e ordenamos[23] que o dito Destivals retenha consigo uma *grousse*[24] ou uma cópia das referidas informações e cotejo das testemunhas nomeadas e auditadas, todos devidamente coligidos e verificados. Informações das quais, em *grosse* ou cópia, *Messieur* Pierre Morilhières, advogado na corte, assinará como tendo feito quando era jurado; e *Messieur* Arnault Landry,[25] também advogado na corte, que fez os referidos cotejos, também assinará a *grosse* ou cópia destes;[26] e, além disso, dois dos referidos senhores jurados também assinarão as referidas cópias de informações e cotejos para estarem na forma mais probatória e autêntica, e das quais o dito Destivals ficará responsável por recorrer a elas, quando e para quem for conveniente.

Faça-se como o determinado acima.

MONTAIGNE, D'ALESME, GALOPIN, PIERRE DE REGNIER,
DE LAPEYRE, CLAVEAU.

NOTAS

1 Cf. MORISSE, Gérard. Sur les traces de Florimond de Raemond. *Revue Française d'histoire du livre*, nº 122-125, Nouvelle série, p. 121-146, nota 21, p. 139, 2004.

2 COCULA-VAILLIÈRES, Anne-Marie. Crises et tensions d'un parlement au temps des guerres civiles: le parlement de Bordeaux dans la seconde moitié du XVIe siècle. In: POUMARÈDE, Jacques; THOMAS, Jack (ed.). *Les Parlements de province: pouvoirs, justice et société du XVe au XVIIe siècle*. Toulouse: Presses Universitaires du Midi, 1996, p. 721-731. É importante lembrar que Bordeaux, capital da Aquitânia, era território inglês até o final da Guerra dos Cem Anos (1453), quando toda a região foi definitivamente anexada à França.

3 "Reconduzido para um segundo mandato, Montaigne ordenou a guarda de cópias do interrogatório e das provas das testemunhas, mas perdeu o recurso e teve de cumprir as decisões judiciais tomadas em Toulouse. Ele foi obrigado a pagar multa por ter atrasado o envio do arquivo" (Desan, 2014, p. 441).

4 No original, "*maison commune*". A expressão refere-se ao edifício da prefeitura e dos serviços municipais.

5 O prefeito de Blaye, assassinado em março de 1581.

6 A data refere-se não ao crime, mas à prisão.

7 O *sergent royal* [sargento real] não era um posto militar, mas um oficial de justiça – nesse caso, a serviço da Guyenne – responsável pela execução das sentenças no tribunal.

8 No original, "*appointement*". Nesse caso, a terminologia é processual.

9 No original, "*arrêt*". O termo é aplicado, na cena jurídica, para uma sentença à qual não cabe apelo.

10 No original, "*greffe*". Traduzimos por "cartório" por falta de termo adequado em português, mas se trata do setor do tribunal encarregado de consignar, por escrito, as decisões do tribunal.

11 No original, "*par deffaultz*". Um "*defaut de justice*" é a recusa de um juiz de exercer um ato de sua competência. Nesse caso, o Parlamento de Toulouse invoca a incompetência jurídica de Bordeaux no processo.

12 No original, "*et ce dans ung sac complet*". Quer dizer, todos os documentos requeridos por Toulouse deveriam ser reunidos conjuntamente, em um mesmo dossiê.

13 No original, "*appointement*". "Decisão judicial pela qual o tribunal, sem se pronunciar definitivamente sobre as pretensões das partes, admite, no entanto, o princípio que servirá de base ao seu julgamento, quando estiver de posse de elementos adicionais" (DMF).

14 Um *pareatis* é uma ordem para que se execute uma decisão judicial fora da jurisdição que a proferiu.

15 No original, "*greffe*".

16 No original, "*ung estille inoy*".

17 Montaigne e os jurados de Bordeaux.

18 Montaigne e os jurados.

19 No original, "*greffier*". O encarregado de consignar, por escrito, as decisões do tribunal.

20 Quer dizer, Destival era o responsável por toda a papelada relativa ao caso, junto ao Parlamento de Bordeaux.

21 Novamente, Montaigne e os jurados.

22 No original, "*exploictz de commandement*". Ato decretado por um oficial de justiça no qual se ordena cumprir uma sentença.

23 No original, "*bien ont ordonné et ordonnent*", quer dizer, "ordenamos (antes) e ordenamos (agora)". No caso do verbo "ordenar", as formas são homônimas em português, mas trata-se do mesmo estilo jurídico empregado na frase anterior: "declararam e declaram".

24 Uma *grousse* [var. *grosse*] era a cópia de um documento original escrita em caracteres mais legíveis, muitas vezes em pergaminho, feita para expedição, e com caráter executivo.

25 Do Parlamento de Bordeaux.

26 Pelo contexto, Morilhières e Landry faziam parte da *jurade* na gestão anterior, do prefeito Biron — quando aconteceu o homicídio.

Carta 22 (31 de agosto de 1583)

Remontrance do prefeito e dos jurados de Bordeaux ao rei Henri III

Fontes

Não se conhece nenhuma versão manuscrita. O original, descoberto pelo arquivista bordelês Arnaud Detcheverry em 15 de novembro de 1855 nos arquivos da cidade de Bordeaux, desapareceu, mas uma transcrição foi publicada em janeiro de 1856, no *Courrier de la Gironde*, jornal diário de Bordeaux, pelo historiador e colecionador francês Jules Delpit (1808-1892).

Editio princeps

Delpit, Jules. *Courrier de la Gironde*. Lundi 21 Janvier 1856, p. 1, col. 2-3-4 (Bibliothèque municipale de Bordeaux, grand format, p. 332).

Fac-símile

https://montaigne.univ-tours.fr/lettre-remontrance-henri-iii-31--aout-1583/

Edições

MONTAIGNE, Michel de. *Œuvres complètes*. Albert Thibaudet & Maurice Rat (ed.). Paris: Gallimard, 1962, p. 1373-1378. [Bibliothèque de la Pléiade].

Contexto

Em meio às cartas do epistolário montaigniano que foram, ou enviadas aos reis de França, ou destes recebidas,[1] temos duas *remontrances*: são textos formais – mistos de exortação, conselho, admoestação e súplica – e coletivos, ou seja, assinadas pelo prefeito, como também pelos jurados de Bordeaux, por princípio representando o interesse público. Por isso, há quem acredite que essas missivas não deveriam fazer parte do epistolário montaigniano (por exemplo, La Charité, 2018, p. 2017); mas o fato de conterem elementos relevantes para a biografia de Montaigne, além de seu *status* como prefeito – que o torna uma voz preeminente em meio ao conjunto dos missivistas dessas cartas –, faz-nos acreditar na importância de incluí-las aqui.

A *remontrance* é um instituto jurídico de espírito medieval, embora formalmente registrado apenas no século XIV, e que constitui, mais que um direito, um dever dos agentes e funcionários da coroa, os quais portam frequentemente, não por acaso, o título de "conselheiros do rei": a noção geral é a de que o rei governa com seus súditos e que assim cabe a estes lembrar àquele o bem de todos, criticando as disposições reais que lhe vão de encontro. Nisso permanece a ideia de que as leis fundamentais do reino e seus costumes representam tanto as fontes como os limites inerentes ao poder real, o qual, portanto, só é autenticamente exercido se age em sua defesa: algo que os ventos políticos vindouros tornarão caduco – e as Guerras de Religião muito contribuirão para tanto. Note-se como, pela criação ao longo do tempo de "conselhos" mais restritos, e que são ouvidos acima do *Parlament*, o rei passa a escolher não apenas os conselheiros, mas o que se lhe aconselha, fechando sua autoridade cada vez mais sobre si mesma até a eventual extinção da prática das *remontrances*. Pois, se estas são também peças de cunho jurídico ou documentos que apresentam demandas concretas aos quais o rei deve responder para que seus éditos sejam recebidos pelas instâncias administrativas responsáveis por seu registro e aplicação, como todo ato de justiça origina-se nos atos reais e por estes se define, a decisão final caberá à coroa (em um processo que pode ser mais ou menos longo dependendo da época e da ocasião, mas cujo fecho é o *lit de justice*, cerimônia através da qual o rei faz aceitar seu julgamento).[2]

Ora, ambas as cartas de *remontrance* (22 e 26) evocam diversos conflitos internos a Bordeaux, como marca Legros – conflitos, devemos nós notar, que têm questões econômicas em seu centro: impostos, licenças, circulação de mercadorias, obra de reparos, salários, etc. E se tais questões aparecem obviamente entrelaçadas com as disputas religiosas em curso, o que importa para os missivistas em cada um desses casos é o que poderíamos chamar de interesse coletivo, da forma como este era então percebido: é certo que se trata em geral de mostrar ao rei que a proteção dos mais frágeis e da cidade lhe é também vantajosa, ou como esclarece Legros mais uma vez, que os interesses dos súditos e do rei estão ligados; não obstante, Montaigne e seus jurados procuram, além disso (em diversos pontos, inclusive de outras cartas), mostrar como o melhor estado do reino depende do reconhecimento de que as relações socioeconômicas serão sempre orgânicas, ou seja, dependentes da busca de um equilíbrio funcional entre as disposições e situações das partes envolvidas. Tal como no final do ensaio *Des cannibales* ou em outros pontos da obra montaigniana, percebe-se que é preciso balancear as diversas ambições em conflito para prover a realização dos interesses coletivos nos quais – e a guerra de religiões o mostrou de maneira dramática – os interesses particulares se enraízam e sustentam: só quando os negócios andam suficientemente bem, por assim dizer, para todas as partes envolvidas, é que o todo pode suportar os encargos públicos, como nota a *remontrance* da carta 26. Por exemplo, vemos o prefeito, embora pertencendo ao partido católico, novamente devolvendo à Igreja sua responsabilidade (aqui com relação aos peregrinos, como o fizera pelas crianças abandonadas na carta 17), assim como às instituições em geral. Deve-se realçar, na extensão da segunda carta, a denúncia de que o povo empobrecido pelas guerras civis paga a sobrecarga de impostos – provocada principalmente pela isenção outorgada aos nobres,[3] como marcam as duas *remontrances* – para preservar a paz. E se olharmos para as cartas pessoais posteriores de Montaigne ao já Henri IV, veremos como a primeira – que se assemelha a uma *remontrance*, embora pessoal – mantém a preocupação com os mais frágeis, assinalando a brutalidade da repressão aos ultracatólicos em Paris: essa carta mostra também como o instituto jurídico em questão reflete a mentalidade política em voga, alargando-se em um gênero discursivo característico do *Ancien Régime* francês.

Sire,

Les Maire et jurats Gouverneurs de vostre ville et cité de Bourdeaulx vous remonstrent tres-humblement que ores que cy devant, tant pour eulx que pour les habitants de la seneschaussée de Guiene, les tous vos tres humbles et naturels subiets, ils aient faict entendre bien au long aulx sieurs commissaires deputtes par vostre maieste, au pais et duché de Guienne leurs plainstes et doléances concernant les foulles et surcharges qu'ils ont souffert et souffrent journellement, ausquelles ils s'asseurent que Vostre Maiesté uzant de sa débonnairetté et inclination Royalle et paternelle pourvoiera sy prudament et avec telle equitté que le repos universel de ce royaulme et soulagement des habitants d'icelluy s'en ensuivra. Touteffois de tant que despuis le départ desdts sieurs com-missaires, nouvelles occasions et accidents sont survenus à la grande foulle du peuple et que l'expérience maistresse des chozes a faict cognoistre plus a clair combien les nouveautés en tous estats sont pernicieuses, il plairra a Votre Maieste prendre en bonne part que lesdts Maire et Jurats en adjoustant a leurs dictes premieres remonstrances et doleances vous representent avec toutte humillitte certains articles concernant le bien de vostre service et soullagement de vos subiets, affin que par mesme moien ils recoivent le fruit et allégemens qu'il vous plaira leur impartir de vostre clemence et misericorde a laquelle seulle apres Dieu, ils ont recours.

Et en premier lieu, jacois que par les ordonnances anciennes et modernes de Votre Maiesté conformes a la raizon, toutes impositions doibvent estre faites esgalement sur toutes personnes, le fort portant le foible, et qu'il soit tres raizonnable que ceulx qui ont les moiens plus grands, se ressentent de la charge plus que ceulx qui ne vivent qu'avec le hazard et de la sueur de leur corps, touteffois il seroit advenu, puis quelques années et mesme en la presente, que

Sire,[4]

O prefeito e os jurados, administradores de vossa cidade[5] de Bordeaux, muito humildemente vos fazem observar[6] que, se bem que anteriormente, tanto por eles como pelos habitantes da senescalia de Guyenne[7] (que são todos vossos muito humildes e naturais súditos), tenham feito os senhores comissários[8] designados por Vossa Majestade no país educado de Guyenne ouvir por extenso suas reclamações e queixas sobre as cargas e sobrecargas que suportaram e suportam cotidianamente – às quais eles têm certeza que Vossa Majestade, usando de sua bondade e caráter real e paternal, proverá tão sabiamente e com tal equidade que o repouso universal deste reino e o alívio da população disso se seguirão –, todavia, porque, desde a partida dos referidos senhores comissários, novas ocasiões e circunstâncias sobrevieram com grande ônus para o povo, e que a experiência – senhora das coisas – fez conhecer mais claramente quanto as novidades em todos os Estados são perniciosas, fará Vossa Majestade o favor de receber com benevolência o que os referidos prefeito e jurados vos apresentam com toda humildade, acrescentando às referidas primeiras admoestações[9] e queixas certos artigos relativos ao bem de vosso serviço e ao alívio de vossos súditos, para que, pelo mesmo meio, recebam o fruto e consolações que vos agradar lhes conceder em vossa clemência e misericórdia, à qual depois de Deus somente recorrem.

E, em primeiro lugar, embora pelas ordenações[10] antigas e modernas de Vossa Majestade conformes à razão, todos os impostos devam ser cobrados equitativamente de todas as pessoas, o forte carregando o fraco, e que seja muito razoável que aqueles que têm os maiores meios sintam a carga mais do que aqueles que não vivem senão em risco e do suor de seus corpos, no entanto, teria acontecido, desde alguns anos e até no presente que, dos impostos que teriam sido

les impositions qui auroient esté faictes par votre auctorité, outre le taillon et cents et gaiges des presidiauls tant pour les extinctions de la traicte foraine et subvention, reparation de la tour de Cordoan, paiement de la chambre de justice et frais de l'armée de Portugal, suppressions des esleus, que reste des années precedentes, les plus riches et oppullentes familhes de la dte ville en auroient esté exemptes pour le privillege prétendu par tous les officiers de justice et leurs veufves, officiers de voz finances, de l'élection, vissénéchaulx, lieutenans, officiers de la visse-nechaussee, officiers domestiques de Votre Majesté et des Roy et Royne de Navarre, officiers de la chancellerie, de la monoye, de l'artillerie, mortepaies des chastaux et avitailleurs d'iceulx ; et d'abondant, par arrest de vostre cour du parlement sollennellement prononcé le sixiesme jour d'apvril de la presente anne, tous les enfants des presidens et conseillers de vostre cour auroient esté déclarés nobles et non subjets a aucune imposition, il fauldra quelle soit portée par le moindre et plus pouvre nombre des habitants des villes, ce qui est du tout impossible, sy par Votre Maieste il ni est pourvu de remedes convenables, comme lesdits maire et jurats l'en requierent très humblement.

Plaira aussy à Votre Majesté, considerer que ores que les sommes destinées pour la reparation de la cour de Cordoan quelques soit, la plus grande partie dicelles ayent esté levées et mizes en main de vostre receveur general, ce neantmoins il n'a esté encore aucunement touché à la dicte reparation ny pourveu aux preparatifs d'icelles, comme la necessité le requeroit. Et de tant que l'argent destiné pour cest effect, pourroit estre emploié ailleurs au grand prejudice du public, plaira à Votre Majesté ordonner inhibitions estre faictes aux sieurs trézoriers généraulx et receveurs susdts de ordonner desdter sommes ou icelles emploier ailleurs que a l'effect auquel elles sont destinées: scavoir est, à la dicte reparation pour quelque cause et occasion que ce soit, et que le réglement estably par ces lettres-patentes de Votre Maieste, sur la distribution desdts deniers. Scavoir est qu'elle sera faicte par l'ung des sieurs presidents de la Cour du parlement, ung desdts sieurs trésoriers, et le Maire de ladicte ville ou a son défault ung desdts Jurats, sera gardé et observé selon sa forme et teneur. Et neantmoins, afin que le commerce ne soit retardé et vos droits

criados por vossa autoridade – além do *taillon*,[11] o *cens*[12] e os vencimentos dos juízes presidiais, o custo da extinção das taxas relativas ao tráfico mercantil,[13] o reparo da torre de Cordouan,[14] o pagamento da câmara de justiça e custas do exército em Portugal, a supressão dos eleitos e das taxas remanescentes dos anos anteriores, as mais ricas e opulentas famílias da cidade citada estariam isentas pelo privilégio reivindicado por todos os oficiais de justiça e suas viúvas, oficiais de vossas finanças e da circunscrição eleitoral, vice-senescais, tenentes, oficiais da vice-senescalia, oficiais domésticos de Vossa Majestade e do rei e rainha de Navarra, oficiais da chancelaria, da moeda, da artilharia, guardas dos castelos e fornecedores destes; e, além disso, por sentença de vossa corte do Parlamento solenemente pronunciada em 6 de abril do presente ano, todos os filhos dos presidentes e conselheiros de vossa corte teriam sido declarados nobres e não mais sujeitos a qualquer tributação – toda a carga deva ser suportada pela menor e mais pobre parcela dos habitantes da cidade, o que é de todo impossível, se Vossa Majestade não prover os remédios adequados, como os referidos prefeito e jurados muito humildemente o requerem.

Vossa Majestade fará também o favor de considerar que, mesmo que a maior parte das somas destinadas à reparação da torre de Cordouan (qualquer que seja seu montante) tenham sido levantadas e depositadas em mãos de vosso receptor geral, apesar disso este ainda não tocou de nenhum modo na referida reparação, nem providenciou os preparativos daquela como a necessidade o requeria. E porque o dinheiro destinado a esse fim poderia ser empregado alhures para grande prejuízo do público,[15] fará Vossa Majestade o favor de ordenar que seja interditado aos senhores tesoureiros gerais e receptores acima mencionados dispor dos referidos montantes ou empregá-los de outro modo que não seja a ação à qual são destinados – a saber, a citada reparação – por qualquer causa e ocasião que seja; e que o regulamento estabelecido por essas cartas-patentes de Vossa Majestade sobre a distribuição dos referidos fundos – a saber, que esta será feita por um dos senhores presidentes da corte do Parlamento, um dos referidos senhores tesoureiros e o prefeito da referida cidade, ou, na sua ausência, um dos referidos jurados – será mantido e observado de acordo com sua forma e teor; e, não obstante, a fim de que o comércio não seja atrasado e vossos direitos

diminués pourvoir que au plustost il soit proceddé à la dicte reparation sellon les moyens qu'il vous a pleu y establir.

Par les privilleges octroiés par les rois très chrestiens à la dicte ville et confirmés naguère par Vostre Majesté, la cognoissance et provision des maistrises de tous artizans et pollice concernant lesdts statuts qui sont enregistrés en la dicte ville appartient aux ditcts Maire et jurats lesquels en ont cogneu de tous temps paisiblement et sans contredict, jusques a present. Comme par mesme moien de l'institution des taverniers et cabaretiers jurés et érigés en estat pour vendre du vin en ladicte ville, de façon que c'est ung des principaulx membres du domaine d'ycelle. Ce neanmoins aucuns desirans remettre parmi lesidts artizans tout desordre et confusion et faire perdre a la dicte ville et habitans d'icelle sa liberté de vendre vin qui est leur seul revenu et sans lequel ils ne peuvent supporter les charges ordonnées par Vostre Majesté, auraient treuvé moien d'obtenir des Edits pour rendre venales les dites maistrises, ensemble la liberté de vendre vin, en erigeant de nouveaux estats de taverniers et de cabaretiers, qui est directement contre la teneur desdts privilleges, confirmé naguère par vostre majesté et contre la declaration expresse de vostre maiesté, octroiée en faveur desdts Maire et Jurats pour le regard desdts taverniers, du vingtuniesme décembre 1556, vérifiée en vostre cour de parlement. Ce qui reviendroit a la totale ruyne et subversion desdts habitants, Sy par votre débonnaireté Il n'y est pourveu, et sy lesdts Edits obtenus par circonvention et impression grande, comme il est a présumer, ne sont révoqués et de nul effect, comme lesdts Maire et jurats et habitans vous requierent et supplient tres humblement.

Comme par la justice les Rois regnent et que par icelle, tous estats sont maintenus, Aussy il est requis quelle soit administrée gratuitement et a la moindre foulle du peuple que faire ce peut. Ce que vostre dicte maiesté cognoissant tres bien et désirans retrancher la source du principal mal par son edict très sainct, prohibé toute venallité d'offices de judicature touteffois pour l'injure du temps, la multiplication des officiers seroit demeurée, en quoy le pauvre peuple est grandement travaillé, et mesme en ce que puis ung an en ça les clercs des greffes en la dite ville et Sénéchaussée, auroient esté érigés en tiltre d'office avec

diminuídos, de prover que o mais rapidamente possível se proceda ao referido reparo, segundo os meios que foi de vosso agrado aí estabelecer.

Pelos privilégios outorgados pelos reis mui-cristãos à cidade citada e confirmados recentemente por Vossa Majestade, o reconhecimento e a atribuição das habilitações de todos os artesãos e a regulação concernindo os referidos estatutos que são registrados na referida cidade pertencem aos prefeito e jurados mencionados, os quais desde sempre os reconheceram, pacificamente e sem contradição até agora, como, da mesma forma, no que se refere à instituição dos taberneiros e cabareteiros juramentados e constituídos em corporação para vender vinho na referida cidade, de maneira que é um dos principais componentes do domínio [16]desta; isso não obstante alguns, desejando repor entre os referidos artesãos toda a desordem e confusão, e fazer perder a referida cidade e seus habitantes a liberdade de vender vinho (que é sua única fonte de renda e sem a qual eles não podem suportar os encargos ordenados por Vossa Majestade), haviam encontrado o meios de obter éditos para tornar venais as citadas habilitações junto com a liberdade de vender vinho, erigindo novas corporações de taverneiros e cabareteiros, o que vai diretamente contra o teor dos referidos privilégios, confirmados recentemente por Vossa Majestade, e contra a declaração expressa de Vossa Majestade outorgada em favor dos citados prefeito e jurados em relação aos referidos taverneiros, do 21 de dezembro de 1556, ratificado em vossa corte do Parlamento. O que equivaleria a total ruína e destruição dos habitantes acima mencionados, se por vossa bondade tal não é provido e, se os ditos éditos, obtidos por meio de artimanha e grande pressão, como é de se presumir, não são revogados e declarados sem efeito, como os mencionados prefeito, jurados e habitantes vos requerem e rogam muito humildemente.

Como pela justiça os reis reinam e por esta todos os Estados são mantidos, também é necessário que esta seja administrada gratuitamente e com o menor custo[17] possível para o povo. Sabendo muito bem disso e desejando cortar a fonte do mal principal, Vossa dita Majestade[18] proibiu por seu muito santo édito qualquer venalidade nos ofícios da judicatura, todavia por injúria do tempo, a multiplicação dos oficiais continuou, pelo que o povo pobre é grandemente maltratado, e mesmo porque já faz um ano que aqui os escreventes dos notariados na referida cidade e senescalia foram elevados ao título de oficiais com aumento de

augmentation de Sallaire, et ores que du Commence-ment il n'y eûst apparance de grande altération au bien publiq, toutesfois il a esté cogneu despuis et se veoid journellement que c'est une des grandes foulles et surcharges au pauvre peuple qu'il ait souffert pieça ; d'autant que ce qui ne coustait que ung sol en couste deux, et pour ung greffier qu'il falloyt paier, il en fault paier trois, savoir est: le greffier, le clerc, et le clerc du clerc ; de fasson que les pauvres comme n'ayants le moien de satisfaire a tant de despence sont contraincts le plus souvent quicter la poursuicte de leurs droicts et ce qui debvroit estre emploié a l'entretenement de leurs familhes ou a subvenir aux necessites publiques est par ce moien, desbourcé pour assouvir l'ambition de certains particuliers au doumaige du publiq.

Sur les differents intervenus entre lesdits Maire et jurats et les cappitaines des chataus de Vostre ville tant sur le faict des gardes et rondes que des uzurpations par eulx faictes de certaines places apartenantes a la dicte ville, Monsieur de Matignon mareschal de France auroit renvoié par devers vostre maieste toute la proceddure qui, sur ce, auroit esté faicte, par laquelle la justice de la cause desdts Maire et jurats est clairement justiffiée, et d'aultant que cest affaire est encore indecis et que la surceance porte prejudice au bien de vostre service et droits qu'il vous a pleu de tout temps conserver à la dte ville, plairra à vostre dicte maieste, au plus tost, bailler tel reglement entre les parties que a l'advenir, chascun fasse librement ce qui est de sa charge et fonction, et que toutes chozes soient remises en l'estat premier et ancien ; sans alteration de nostre auctorité souveraine et des droicts et préeminences de vostre ville.

Et de tant que la misere du temps a esté si grande puis le malheur des guerres civilles, que pluszieurs personnes de tous sexes et qualités sont reduicts, à la mendicitté, de façon que on ne veoid par les villes et champs, qu'une multitude effrennée de pouvres, ce qui n'adviendroit sy l'édict faict par feu de bonne memoire le Roy Charles, que Dieu absolve, estoit gardé ; contenant que chasque paroisse seroit tenue nourrir ses pauvres, sans qu'il leur feut loysible de vaguer ailleurs ; A ceste cause pour remedier, a tel désordre et aux maulx qui en surviennent journellement, plairra à Vostre Maieste ordonner que le dict edict, qui est veriffié en voz cours de parlement, sera estroitement gardé et observé, avec injonction à tous séneschaulx et juges des lieux, de tenir la

salário, e se bem que desde o início não houve verdadeiramente grande alteração para o bem público, soube-se, entretanto, desde então, e se vê todos os dias, que é uma das grandes cargas e sobrecargas ao povo pobre, que já a tem sofrido desde há muito, tanto pois que aquilo que só custava um centavo, custa dois, e o que seria preciso pagar por um escrivão, deve-se pagar por três, a saber, o notário, o escrevente e o escrevente do escrevente, de maneira que os pobres, por não ter os meios para cobrir tantas despesas, são forçados o mais frequentemente a abandonar a busca de seus direitos, e o que deveria ser empregado no sustento de suas famílias ou para subvencionar as necessidades públicas é desse modo desembolsado para aplacar a ambição de certos particulares em prejuízo do bem público.

Sobre as disputas acontecidas entre os referidos prefeito e jurados e os capitães dos castelos de vossa cidade, tanto sobre o fato das guardas e rondas, quanto das usurpações por eles realizadas de certos lugares pertencentes à referida cidade,[19] *Monsieur* de Matignon, *maréchal de France*, teria remetido a Vossa Majestade todo o processo que sobre isso teria sido feito, pelo qual a justiça da causa dos referidos prefeito e jurados é claramente justificada; e mais ainda porque este caso ainda está indeciso e a delonga traz prejuízo ao bem de vosso serviço e aos direitos que sempre vos agradou conservar na referida cidade, fará Vossa dita Majestade o favor de – o mais breve possível – dar um tal regramento às partes em disputa que, no futuro, cada um faça livremente o que é de seu cargo e função, e que todas as coisas sejam restauradas à sua condição original e anterior, sem alteração de nossa autoridade soberana e dos direitos e prerrogativas de vossa cidade.

E tanto porque a miséria da época tem sido tão grande desde o infortúnio das guerras civis que muitas pessoas de todos os gêneros e qualidades foram reduzidas à mendicância, de forma que não se vê pelas cidades e campos senão uma multidão desenfreada de pobres, o que não aconteceria, se o édito promulgado pelo finado de boa memória, o rei Charles, que Deus o absolva, fosse respeitado, prescrevendo que cada paróquia seria obrigada a alimentar seus pobres sem que lhes fosse permitido vaguear alhures. Por essa razão, para remediar a tal desordem e os males que cotidianamente daí surgem, agradará a Vossa Majestade ordenar que o referido édito, que é ratificado em vossas cortes parlamentares, seja estritamente mantido e observado, com injunção a todos os senescais e juízes de

main à l'observation d'Icelluy, et que en outre les prieurs et administrateurs des hospitaulx, lesquels sont la pluspart, de fondation royalle Qui sont dediés pour la nourriture des pellerins allant à St-Jacques et aultres devotions, soyent contraincts sur peyne de saisie de leur temporex ; norrir et heberger lesdts pellerins, pour le temps porté par la dte fondation ; sans qu'ils soient contraincts aller mandier par la ville, comme il se faict journellement, au grand scandalle d'un chascun.

Suppliant tres humblement Vostre Maiesté recevoir en bonne part les susdictes remonstrances que lesdts maire et jurats pour le debvoir de leurs charges et offices vous presentent avec toute humillité. N'estant meus d'aultre zelle que du bien de vostre service, et de la commiseration quils doilvent [sic] avoir du pouve [sic] peuple, lequel en attendant le soullahement [sic] de ces maulx de foulles, tant esperé et promis par Vostre Maiesté est en perpetuelles prières, pour vostre prosperité, et accroissement de vostre estat, avec ferme resolution eulx et nous, d'emploier nos biens et ce peu qui nous reste de moiens, pour vostre service et manutention de vostre ville souz vostre obeissance.

Faict à bordeaulx en jurade le dernier de aoust mille cinq cens quatre-vingt- trois.

MONTAIGNE
DALESME GALOPIN PIERRE REGNIER DE LAPEYRE CLAVEAU

cada lugar para que sustentem sua observação com mão firme, e que além disso os priores e administradores dos hospitais,[20] os quais são na sua maior parte de fundação real, e se dedicam à alimentação dos peregrinos que vão a Saint-Jacques e outras devoções, sejam constritos, sob pena de apreensão de seus bens temporais, a alimentar e acomodar os ditos peregrinos pelo tempo determinado pela referida instituição sem que sejam forçados a mendigar pela cidade, como fazem todos os dias para o grande escândalo de todos.

Rogamos muito humildemente a Vossa Majestade receber com bons olhos as supracitadas exortações[21] que os referidos prefeito e jurados, pelo dever de seus cargos e funções, vos apresentam com toda a humildade, não sendo movidos por outro zelo que bem vos servir e pela comiseração que devem ter pelo povo pobre – o qual, aguardando o alívio tão esperado e prometido por Vossa Majestade dessa opressão, está sempre em orações por vossa prosperidade e engrandecimento de vosso estado com firme resolução, eles e nós, de empregar nossos bens e o pouco que nos resta de meios para o vosso serviço e a administração de vossa cidade sob vossa obediência.

Feito a Bordeaux na jurada, no último dia de agosto de 1583.

MONTAIGNE
DALESME GALOPIN PIERRE REGNIER DE LAPEYRE CLAVEAU

NOTAS

1 Cartas 10, 16, 22, 26, 62 e 64.

2 E todo esse processo envolvido no dizer a justiça e provê-la mostra como ainda estamos distantes do fenômeno moderno do absolutismo, embora já estejam aparentes as dinâmicas políticas que eventualmente a este conduzirão. Sobre as *remontrances*, objeto de interesse para a historiografia recente, pode-se consultar: Langer; Mellet (2021); Mellet (2022); Bubenicek; Foronda (2022). Sobre o *lit de justice*: Hanley (1991).

3 Opinião que certamente não era comum entre seus colegas no *Parlement*; trata-se de uma matéria, porém, que um magistrado que trabalhara sobre processos de fraude fiscal devia conhecer bem (Anatole, 1975, p. 16).

4 Esta carta foi entregue pessoalmente por Montaigne a Henri III (Cooper, 2006, p. 321; Darnal, 1620, f. 56v; *Archives historiques de la Gironde*, v. 13, 1871-1872, p. 347-353).

5 Carta 17, nota 8.

6 R*emonstrer* ou *remonstrance* podem ser traduzidos de diversas formas em português segundo o contexto, como veremos. Escolhemos traduzir essa primeira ocorrência seguindo a lição de Legros em sua transcrição modernizada dessa carta.

7 Carta 5, nota 6.

8 Os membros do tribunal itinerante que Henri II enviara à Guyenne em 1582 (Cooper, 2006, 321-322). Cf. cartas 19 e 34, por exemplo.

9 R*emonstrances* no original (cf. nota 6 acima).

10 No *Ancien Régime* francês, as *ordonnances* eram atos oficiais pelos quais o rei editava as normas jurídicas. Temos termos semelhantes com sentido análogo em algumas das línguas românicas renascentistas: por exemplo, as *Ordenações Manuelinas* em Portugal.

11 É o imposto adicional, isto é, somado à *taille*. Instituído por Henri II em 1549 para custear as tropas da guarnição (Zeller, p. 68) e assim impedi-las de saquear o povo, mas às custas deste (Grün, 1855, p. 119).

12 Imposto fundiário.

13 Grün (1855, p. 252).

14 A torre do príncipe negro (Edward de Woodstock) foi por este construída no platô de Cordouan durante a segunda metade do século XIV para guiar o tráfego marítimo no estuário da Gironde (formado pela confluência dos rios Garonne e Dordogne, em seu encontro com o Atlântico). Será então reconstruída entre os anos de 1584 e 1611 pelo

engenheiro Louis de Foix, a mando de Henri III (e graças às ingerências de Matignon e Montaigne), e terminada por Henri IV para continuar sua função como o Farol de Cordouan. Cf. Cocula (2007b). Legros (2010, p. 616): "Le 2 mars 1584, Montaigne, pour la ville, et Gourgues, au nom de Matignon et du roi, signeront le contrat qui confie à l'ingénieur Louis de Foix la reconstruction de la "tour" de Cordouan, au large de l'estuaire (…)". O original encontra-se em Bordeaux, nos *Archives Départementales de la Gironde* (cota 3 J C 100). A *editio princeps* saiu em: De Gourgues; Labat, 1855, p. 530-544. O fac-símile pode ser consultado no site MONLoe: https://montaigne.univ-tours.fr/contrat-pour-la-reconstruction-du-phare-de-cordouan/#more-1623/. Acesso em 10 ago. 2023.

15 No sentido de população em geral e, por extensão, dos interesses públicos.

16 "D*omaine*" refere-se aqui ao controle de certas atividades econômicas como propriedade da cidade. Sobre o esforço do prefeito para regular os estatutos dos *métiers* em Bordeaux, resultando em uma reforma deles por um grande número das corporações profissionais bordalesas, ver Desan (2014, p. 425 e seq.).

17 No original, "*foulle*". Literalmente, "pressão". O sentido não é apenas econômico, mas diz das pressões gerais sobre a população. Cf. Nakam (1993, p. 312).

18 S*ire*, como no início desta carta, continua a ser a denominação mais corrente, mas desde o meio do século XVI o V*otre Majesté* (antes reservado ao imperador) rapidamente se espalha (Zeller, 1987, p. 75-76). A expressão "V*otre dicte Majesté*" é relativamente comum como tratamento.

19 Jacques de Pérusse d'Escars, *baron* de Merville, grande senescal da Guyenne, capitão do Château du Hâ, e Louis de Genouillac, *baron* de Vaillac, capitão do Château Trompette. Trata-se de dois ultracatólicos que, juntamente com seus apoiadores, serão inimigos de Montaigne ainda durante longo tempo (cf. cartas 32, 33, 47, 49 e 50) – por exemplo, opondo-se à sua reeleição como prefeito de Bordeaux (sendo Escars, partidário da Liga, o candidato), e, como a carta diz a seguir, realizando "usurpações" de lugares públicos pelas quais os interesses da cidade (como também pessoais do ensaísta) são prejudicados. Cf. Cooper (2001, p. 106-109; 2006, p. 321); Desan (2014, p. 427 e seq.); Védère (1943); Trinquet (1974).

20 Cf. carta 17.

21 R*emonstrances* (cf. notas 6 e 9, acima). Caberiam aqui também "protestos", por exemplo, mas se levarmos em conta as vezes no texto em que se utiliza a expressão "agradará a Vossa Majestade" com o sentido de indicar direções e razões para agir (que na maior parte das vezes foi traduzido por: "Vossa Majestade fará o favor"), veremos por que "exortações" aqui traduz melhor o termo, levando em conta a lógica estrutural desta carta.

Carta 23 (25 de novembro de 1583)

De Duplessis-Mornay a Montaigne [1]

Fontes

Sorbonne Ms 361, fol. 156-157 (cópia).

Edições

MEMOIRES || DE || MESSIRE PHILIPPES || DE MORNAY, || SEIGNEVR DV PLESSIS MARLI, || Baron de la Foreſt ſur Sevre &c. Conſeiller du Roi en ſes || Conſeils d'Eſtat, & Privé, Capitaine de cent Hommes || d'armes de ſes Ordonnances, Gouverneur, & Lieute-|| nant General pour ſa Majeſté em la Seneſchauſſée, || ville, & chaſteau de Saumur &c. || CONTENANS DIUERS DISCOURS, || Inſtructions, Lettres, & Depeſches par lui dreſſées ou eſcrites || aux Rois, Roines, Princes, Princeſſes, Seigneurs, & pluſieurs || grands perſonnages de la Chreſtienté depuis l'an || CIↃ IↃ LXXII [1572]. juſques a l'an CIↃ IↃ || LXXXIX [1589]; enſemble quelques lettres des || deſſuſdits audit Sieur du Pleßis. || [brasão editorial] || Imprimé l'an CIↃ IↃ CXXIV [1624] || (p. 272-274)

DUPLESSIS-MORNAY, Philippe de. Lettre de M. Duplessis a M. de Montaigne. *In*: FONTENELLE DE VAUDORE, A.-D- de la; AUGUIS, P.-R. (ed.). *Mémoires et correspondance de Duplessis-Mornay*. Tome Second. Paris: Treuttel et Würtz, 1824. Reimp.: Genève: Slaktine Reprints, 1969, p. 385-387.

GRUN, Alphonse. *La vie publique de Montaigne*. Paris: Amyot, 1855, p. 326-328.

FEUILLET DE CONCHES, Félix. *Lettres inédites de Michel de Montaigne et de quelques autres personnages pour servir à l'histoire du XVIe siècle* (Extrait du troisième volume des *Causeries d'un Curieux*, actuellement sous presse). Paris, Plon, 1863, p. 109-111.

DAUSSY, Hugues. Montaigne et Duplessis-Mornay: les mystères d'une correspondance, *Montaigne Studies*, nº 18, 2006, p. 169-182.

Contexto

Philippe de Mornay, dito Duplessis-Mornay, foi um dos mais importantes conselheiros de Henri de Navarre. Cognominado de papa protestante, a um tempo homem de ação e teórico, foi um grande defensor da concórdia religiosa como embaixador, pensador político e teólogo.

As cartas que chegaram até nós pertencem à correspondência em torno da retomada da cidade de Mont-de-Marsan (tomada pelos católicos em setembro de 1580), suas razões e as consequências imediatas relativas à questão geral do domínio das praças-fortes na Guyenne[1] (destacando-se Bazas) – o que inclui principalmente as circunstâncias e negociações em torno da famosa ofensa feita então por Henri III à sua irmã Marguerite de Valois e assim, por extensão, à honra de seu marido, o rei de Navarra, futuro Henri IV (cf. nota 18, abaixo).

Não possuímos as cartas de Montaigne, mas somente seis das cartas de Duplessis-Mornay, redigidas no período de 25 de novembro de 1583 e 25 de janeiro de 1584: como se vê, um curto extrato de tempo (e principalmente para as cinco primeiras cartas que se sucedem em um lapso de pouco mais de um mês) e de documentação (não autorizando por si sós a presumir uma comunicação mais ampla e durável entre os dois homens fora desse enquadramento; cf. nota 19, abaixo).

Tomada em seu conjunto, essa correspondência mostra como Montaigne é solicitado como mediador entre os partidos em disputa: Duplessis-Mornay é nesse, como em muitos outros afazeres, um representante direto da autoridade e vontade do rei de Navarra, e ambos veem o ensaísta como agente importante nas negociações em curso. A intenção básica dessa primeira carta é evitar que a

reconquista de uma cidade cuja posse era garantida ao "invasor" pelo direito anteriormente estabelecido e aceite pelos dois lados em conflito, degenerasse em uma retomada generalizada das hostilidades. Para a prosopografia e o contexto histórico dessas cartas de Duplessis-Mornay a Montaigne, ver Daussy e Gourdin (2001), Cooper (2006), Daussy (2006), e Jouanna, (2017, p. 250 e seq.).

[272]

LETTRE DE M. DV PLESSIS A M. de Montaigne Du 25 novembre 1583[2]

Monſieur, le Roi de Navarre vous à eſcrit comme il eſt entré en ſa ville du Mont de Marſan ; L'inſolence extreme de ſes ſubjets, & les remiſes ſans fin de M. le Mareſchal lui ont fait prendre ceſte voie. Vous ſçavez que toutes nos affections ont quelque borne; il eſtoit mal aiſé que ſa patience n'en euſt, meſmes puiſque leur folie n'en voulloit poinct avoir. Cependant Dieu nous a fait la grace que tout s'eſt paſſé avec fort peu de ſang, & ſans pillage. Et vous puis aſſeurer que, ſans la crainte du contraire, il y a ſix mois que nous pouvions eſtre dedans. I'eſtime que, par gens de conſidération, ceſte action ne ſera mal interpretée. L'intention du Roi, [273] *ſelon ſes Edits & mandemens, eſtoit, que nous y rentriſſions. La ſeule obſtination de ceux de la ville ſupportés, comme les lettres que nous avons en main nous teſmoignent, nous y faiſoit obſtacle. C'eſt comme ſi les Mareſchaulx des logis du Roi nous avoient donné un logis, & que, ſur le refus de l'hoſte, nous fiſſions obeïr la croie. Et j'oſe vous dire plus, que ſans encourir un meſpris publiq, que je redoute trop plus que la haine, nous ne pouvions allonger noſtre patience. A ceux qui en euſſent peu prendre, ou donner 1'alarme, nous avons ſoigneuſement eſcrit de toutes parts, & ne doivent preſumer de ceſte repriſe de poſſeſſion, ordinaire au moindre Gentil-homme de ce Roiaume, rien de publiq, ni extreme. A vous qui n'eſtes, en ceſte tranquillité d'eſprit, ni remuant, ni remué pour peu de choſe, nous eſcrivons a autre fin, non pour vous aſſeurer de noſtre intention, qui vous eſt prou cognuë, & ne vous peult eſtre cachée, ſoit pour noſtre franchiſe, ſoit pour la pointe de voſtre eſprit ; mais pour vous en rendre plege, & teſmoin, ſi beſoin eſt, envers ceux qui jugent mal de nous, faute de nous voir, & par voir pluſtoſt par les yeux d'autrui, que par les*

A M. de Montaigne. Em 25 de novembro de 1583.

Monsieur, o rei de Navarra vos escreveu[6] sobre como ele entrou em sua cidade de Mont-de-Marsan.[7] A extrema insolência dos seus súditos e as delongas sem fim do M. *maréchal*[8] fizeram-no tomar essa via. Vós sabeis que todos as nossas afeições têm algum limite; era difícil que a sua paciência não tivesse, mesmo porque a loucura deles não queria ter nenhum. No entanto, Deus fez-nos a graça de que tudo se passou com muito pouco sangue e sem pilhagem; e podeis ter certeza de que, se não fosse o medo de que acontecesse o contrário, já há seis meses poderíamos estar lá dentro. Acredito que, para as pessoas de consideração, essa ação não será mal interpretada. A intenção do rei, segundo seus éditos e ordens, era que nós aí entrássemos. Apenas a obstinação das pessoas da cidade[9] – auxiliados,[10] como testemunham as cartas que temos em mãos – fazia-nos obstáculo. É como se os *maréchaux* dos alojamentos do rei[11] nos tivessem dado um alojamento e que, na recusa do hospedeiro, fizéssemos obedecer ao giz.[12] E ouso vos dizer mais, que, sem incorrer no desprezo público, o qual temo muito mais do que o ódio, não podíamos prolongar nossa paciência. Para aqueles que teriam podido se alarmar ou dar alarme, escrevemos cuidadosamente de todas as partes,[13] e dessa retomada de possessão[14] – algo de ordinário mesmo para o menor *gentil-homme* deste reino – não devem presumir nada de público, nem de extremo. A vós que não estais, nessa vossa tranquilidade de espírito, nem agitando, nem agitado por pouca coisa, escrevemos com outro fim: não para vos assegurar da nossa intenção, que vos é por demais conhecida e não vos pode ser ocultada, seja pela nossa franqueza, seja pela agudeza do vosso espírito; mas para vos tornar garantidor e testemunha, se necessário, diante daqueles que julgam mal de nós, por falta de nos verem, e por

leurs. Que voulés-vous plus? M. de Caſtelnau 1'a fait, c'eſt voſtre ami, qui plus eſt, non ſuſpect pour la Religion, mais émeu de la ſeule equité de noſtre cauſe ; Si quid peccatum dicunt in forma, compenſetur velim in materia. Ce que certes faiſons, avons fait & ferons, leur monſtrans par effet qu'il nous eſt plus naturel de pardonner leurs fautes qu'il ne leur ſeroit peut-eſtre de les amender. Sur ces entrefaittes nous arrive M. de Bellievre, & vous ſçavés pourquoi. Gravitati ego ſanè ſilentium opponam. C'est la ſœur de mon Roi, la femme [274] *de mon Maistre ; Lun agent en ce fait, & 1'autre patient ; Prudent, qui emploie ſa prudence à ne s'y emploier point. Si on parle d'une ſatisfaction d'injure, ce n'eſt au ſerviteur à eſtimer celle de ſon Maiſtre ; Et qui n'eſt legitime eſtimateur de l'injure, de la ſatisfaction ne le ſera-il poinct. Ie le vous ai dit, & redi encore ; Si j'eſtois deſchargé de ce faix, je ſaulterois, ce me ſemble, ſous le baſt, & entre les coffres que je porte. Mais Dieu à voulu eſſaeir mes reins ſous une charge plus forte, Et je me confie en lui, qu'elle ne m'accablera point. Haec tibi, & tuo judicio. Au reſte, faites eſtat de noſtre amitié, comme d'une tres-ancienne, & toutesfois tousjours recente ; Et de meſme foi je le ferai de la voſtre, que je penſe cognoiſtre en la mienne, mieux qu'en toute autre choſe. Vous en ferés la preuve où, & quand il vous plaira, & me trouverés ſans exception &c.*

< vostre très humble et très obéissant et dévoué serviteur>[3]

<De Mont-de-Marsan, 25 novembre 1583.
Du Plessis>[4]

[Acréscimo do manuscrito Sorbonne Ms 361, fol. 157] [5]

Depuis la présente escrite, nous avons nouvelles qu'il a mis des gens de guerre dans Bazas. C'est sur le premier bruit ou la faict qui n'est coustumièrement le plus véritable, j'espère que sur la suite on les en tirera hors.

ver antes pelos olhos dos outros do que pelos deles próprios.[15] Que quereis mais? O M. de Castelnau[16] fê-lo; é vosso amigo, e o qual, ademais, não é suspeito pela religião, mas movido somente pela justiça da nossa causa: *Se dizem que há algum pecado na forma, gostaria que se compensasse na matéria*. Isso é o que certamente fazemos, fizemos e faremos, mostrando-lhes com efeito que nos é mais natural perdoar suas faltas do que não lhes seria talvez as corrigir. Entretanto, agora nos chega o M. de Bellièvre,[17] e vós sabeis por quê. À [*sua*] *gravidade, eu oporei um silêncio prudente*. É a irmã do meu rei, a esposa do meu senhor;[18] um é agente nesse assunto, o outro, paciente: prudente quem usa de sua prudência para aí não se meter. Se falamos da satisfação de uma injúria, não cabe ao servidor estimar a do seu amo; e quem não é um estimador legítimo do insulto, como poderia ser do desagravo? Eu vos disse, e volto a dizê-lo, que se fosse aliviado desse fardo, saltaria, parece-me, sobre a carga e por entre os baús que carrego. Mas Deus quis experimentar meus rins sob uma carga mais pesada, e me confio a ele para que ela não me esmague. *Isso é* [dito] *a ti e para o teu julgamento*. De resto, faça menção à nossa amizade, como uma amizade muito antiga e, todavia, sempre nova; e da mesma forma farei com a vossa, que penso conhecer pela minha melhor do que por qualquer outra coisa.[19] Vós fareis prova disso onde e quando quiser, e encontrar-me-eis sem exceção [vosso muito humilde e muito obediente e devotado servidor][20]

De Mont-de-Marsan, 25 novembre 1583.
Du Plessis

[Post-scriptum no rodapé da carta, e que consta somente do manuscrito conservado na Sorbonne]

Depois de escrita a presente, tivemos notícias de que ele[21] pôs tropas em Bazas. É o primeiro boato quando normalmente os relatos não são os mais verdadeiros, mas espero que em seguida se os terá claros.

NOTAS

1 Note-se que o problema da posse e gestão dessas praças-fortes transborda no epistolário montaigniano para além das cartas de Duplessis-Mornay (cf. cartas 26 e 27).

2 Nota de Daussy: "En marge, sur le folio 156 du manuscrit 361, de la main de Mornay: 'A Monsieur de Montagne du 25 de novembre au Mont-de-Marsan' ".

3 A carta, provavelmente, fecharia com o endereçamento usual, que incluímos aqui. Daussy (2006, p. 177) assinala que as datas e as fórmulas de conclusão das cartas de Duplessis--Mornay a Montaigne (menos a segunda) foram omitidas pelos secretários que copiaram suas minutas, mas se encontram na edição de Félix-Sébastien Feuillet de Conches (*Causeries d'un curieux*..., t. 3, 1864, p. 100-107) que teria tido em sua coleção privada os originais.

4 Segundo Daussy (2006, p. 179).

5 *Ibid*.

6 Carta perdida. Montaigne, *gentilhomme de la chambre* do rei de Navarra (desde novembro de 1577), desempenha nesse momento a função de prefeito de Bordeaux, cidade à qual cabe em última instância a responsabilidade pela administração do viscondado de Marsan, cuja principal cidade é Mont-de-Marsan.

7 Cidade situada atualmente no departamento de Landes, na região da Nouvelle-Aquitaine, então de grande valor estratégico na disputa entre católicos e protestantes. O rei de Navarra a retoma na noite de 21 a 22 de novembro e a seguir escreve a Montaigne, sendo nisso seguido por um de seus diplomatas mais importantes na carta que lemos.

8 A competência militar de Matignon o permite controlar sítios importantes para o domínio da Guyenne, criando graves problemas para seu governador por direito, o rei de Navarra, e as relações entre os dois homens deterioram-se ao longo do tempo.

9 Mont-de-Marsan era então uma cidade de maioria católica; ver Daussy (2006, p. 170).

10 No original *supportés* (em Daussy e na edição das *Mémoires et correspondance* de 1825, tomo 2, p. 385-387) parece indicar alguma forma de suporte material das ligas ultracatólicas ou mesmo da Coroa aos defensores.

11 Oficiais encarregados de proporcionar alojamentos à corte em viagem (cf. Huguet, 2010: *mareschal des logis*).

12 As residências que deviam ser desocupadas pelos seus moradores para serem utilizadas pelos membros da corte e sua equipagem eram marcadas com giz pelos oficiais mencionados na nota anterior. Essa será uma prática mais ou menos difundida nas cortes europeias

ainda durante bastante tempo e tem valor de uma ordem real: a corte de Dom João o faz no Rio de Janeiro em 1808; e Maquiavel no *Príncipe* se refere à conquista francesa da Itália como se esta tivesse sido tomada por giz.

13 Outras cartas foram enviadas a outros destinatários por Duplessis-Mornay na ocasião, com a finalidade de dar satisfação das motivações e consequências dos atos do rei de Navarra.

14 Daussy (2006, p. 171, nota 6): "La sujétion de la ville de Mont-de-Marsan au roi de Navarre n'est pas la conséquence de sa position de gouverneur de Guyenne, mais elle est due au fait que la vicomté de Marsan compte parmi ses possessions patrimoniales"; e o tratado do Fleix – que confirma compromissos anteriores em torno da frágil pacificação reinante entre católicos e protestantes (e, ver-se-á, efêmera) – previa sua restituição aos huguenotes. Navarra reclama sua posse ao rei em diversas oportunidades, por exemplo, em duas cartas de setembro de 1583 a Matignon (Henri IV, *Recueil des lettres missives* I, p. 577 e 579).

15 Tranquilidade e agudeza de espírito baseada na independência de julgamento: poucos anos depois da primeira publicação dos *Ensaios* (1580), o missivista parece familiarizado com o pensamento de Montaigne e tanto por escrito como – a julgar por essa carta (cf. nota 19, abaixo, e Daussy, 2007, p. 794) – por convivência. Deve-se marcar, de todo modo, que isso não significa mero acordo: Duplessis-Mornay é um teólogo racionalista cujas posições são similares às de Raymond Sebond (cf. Boutcher, 2017, v. 1, p. 153, v. 2, p. 414-416; Duplessis-Mornay, 1581).

16 Segundo Daussy (2006, p. 178, nota 36), Jacques de Castelnau-Tursan; segundo Cooper (2001, p. 110), Michel de Castelnau; segundo Balsamo (2006, p. 236), Jacques de Castille, baron de Castelnau-Chalosse. Ao que parece, Balsamo tem razão: a confusão entre os Castelnau foi e continua frequente, mas Castelneau-Tursan (um dos comandantes da tomada de Mont-de-Marsan) era um huguenote e não poderia corresponder à descrição de não suspeito pela religião e Michel de Castelnau-Mauvissière ainda ocupava o posto de embaixador na Inglaterra (cf. Castelnau, 1621). Sobre a confusão, ver também a *Revue de Gascogne*, t. XXII, 1881, p. 51, 145-146 e 179 e seq. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5726280t/texteBrut. Acesso em 10 ago. 2023.

17 Pomponne de Bellièvre, diplomata, superintendente das finanças, membro do corpo diplomático dirigido por Catherine de Médicis (Desan, 2014, p. 446) e conselheiro próximo de Henri III – será ainda chanceler sob Henry IV – havia sido então encarregado pelo primeiro de negociar o retorno de Marguerite de Valois à Corte de Nérac (Copper, 2001, p. 103). Será frequentemente citado nas cartas seguintes dessa tradução (sobre Bellièvre, ver Poncet, 1998).

18 Marguerite de Valois, irmã de Henri III, mulher do futuro Henri IV: em viagem, 9 de agosto de 1583, seu comboio foi retido e revistado pelos arqueiros de seu irmão, as damas

molestadas, e suas preferidas – Mademoiselle de Béthune e Madame de Duras (cf. carta 13) – detidas (Daussy, 2006, p. 173). A humilhação pública sofrida pela rainha será usada como arma pelo rei de Navarra, demandando sua reparação como artigo na negociação em torno de Mont-de-Marsan e Bazas (cf. carta 26).

19 Essa passagem parece confirmar que de uma correspondência mais ampla apenas sobreviveram algumas peças. No entanto, como marca H. Daussy (2006, p. 169), as cartas que chegaram até nós tratam de um evento determinado (e seus antecedentes e desdobramentos) e não autorizam por si sós a presumir uma comunicação mais ampla e durável entre os dois homens fora desse enquadramento. O que, por outro lado, não exclui uma possível relação de amizade entre os dois homens, dadas as oportunidades de se frequentarem que tiveram (Daussy, 2006. p. 176). A favor dessa possibilidade, perceba-se como nessa correspondência, subentendidos e meias-palavras abundam: se isso pode ser em parte atribuído à necessidade de segredo a respeito das questões abordadas (e essa necessidade chega a ser mencionada por Duplessis), aquilo que está implícito depende de certo conhecimento do caráter e ponto de vista do interlocutor para ser comunicado.

20 Cf. nota 3, acima.

21 Matignon.

Carta 24 (1 de dezembro de 1583)

De Duplessis-Mornay a Montaigne [2]

Fontes

Sorbonne Ms 361, fol. 156-157 (cópia).

Edições

DAUSSY, Hugues. Montaigne et Duplessis-Mornay: les mystères d'une correspondance. In: *Montaigne Studies*, nº 18, 2006, p. 169-182.

Contexto

Para o esclarecimento das circunstâncias e dos personagens envolvidos, ver as notas introdutórias da carta 23, acima. Esta segunda carta de Duplessis-Mornay (publicada pela primeira vez por Hugues Daussy) é de difícil leitura, pois além do conflito em andamento tornar toda comunicação direta arriscada, lidamos com uma correspondência de sequência bastante cerrada no tempo, acompanhando de perto os *affaires* de que trata. Por essas razões, a carta é tecida de subentendidos e alusões obscuras que dificultam a reconstrução dos detalhes dos fatos em questão. Acresce que o latim, ou se encontra corrompido no original,[1] ou parece ter se deturpado na transcrição para a publicação.

TEXTO ORIGINAL DA CARTA 24

Lettre de Mornay à Montaigne, Mont-de-Marsan,
1er décembre 1583

Monsieur, le fait d'Orthez n'est du tout passé comme on le vous dit, mais bien. Il n'a pas esté tué sur la prime chaleur naruvus[2] pulchro alias corpore, mais esmerveillons nous mesmes en ce siècle qu'il n'y a eu pis, veu qu'en un meilleur il n'y eust eu mieux. Bazas est un article de l'edict et vaut la peine. Le roy de Navarre est résolu de le presser. De silentio, faciam. Mihi hac in re silere farmidia est. Mais ceux qui ont noté changement sur nostre retour, ce que je ne cuide pas, debvroient considérer que la partie sur l'oscurité doute de la nouvelle, qui fut mandée plus clairement pendant nostre voiage. J'ay contre ces calomnies une résolution puissante. Nihil conscire sibi ec<ce>. Au reste, impavidum ferient ruina parces brevitati et ego tempori. Vale. Ce jour premier décembre 1583.

Carta de Duplessis-Mornay à Montaigne, Mont-de-Marsan,
1º de dezembro de 1583

Monsieur, o fim de Orthez[3] não aconteceu de modo nenhum da forma como vos foi dito, mas bem. Ele não foi morto no primeiro calor *marca em outro belo corpo*,[4] mas nos maravilhemos até de que neste século não tenha havido pior, uma vez que em um melhor, melhor não teria sido. Bazas é um artigo do édito e vale a pena. O rei de Navarra está decidido a fazer pressão sobre isso. *Sobre o silêncio, farei. Mas o que temo nessas coisas é silenciar*.[5] Mas aqueles que notaram mudança em nossa resposta ao ataque, o que não me importa, deveriam considerar que a aposta sobre a obscuridade duvida da notícia que foi transmitida mais claramente durante a nossa viagem. Tenho uma firme resolução contra essas calúnias. *Nada ter contra si*.[6] De resto — *as ruínas o atingirão impávido*[7] —, *e eu te pouparei por conta da brevidade do tempo*.[8] *Salve*. Em primeiro de dezembro de 1583.

NOTAS

1 O que ainda não pudemos conferir no próprio manuscrito (pois a *editio princeps* consiste no artigo de Daussy).

2 *Naevus, um*? Incompreensível no original. Talvez "*nævus in pulchro alias corpore*".

3 Daussy não o identifica em sua edição.

4 Provavelmente com o sentido de marcar uma confusão de identidades.

5 Não identificamos o autor.

6 Provável referência a Horácio (*Ep.* I, 1, versos 59-61): "[...] '*rex eris*' *aiunt*, '*si recte facies*'. *Hic murus aeneus esto: nil conscire sibi, nulla pallescere culpa*.". "Serás rei, dizem, se agires corretamente. Que este seja teu muro de bronze: nada contra tua consciência, por nenhuma culpa empalidecer". O sentido seria o de nada fazer, ou deixar de fazer, contra a própria consciência.

7 "*Si fractus illabitur orbis, Impavidum ferient ruinae*": "Se o universo, partido, desmorona, as ruínas o atingirão impávido", versos de Horácio (65–8), *Odes*, III, 3, 1, citado também por Montaigne: *Ensaios* II, 3, 353.

8 Expressão usual significando, mais ou menos, "do resto eu te pouparei pelo adiantado da hora".

Carta 25 (9 de dezembro de 1583)

De Duplessis-Mornay a Montaigne [3]

Fontes

Sorbonne Ms 362, fol. 1r-1v (cópia)

MEMOIRES || DE || MESSIRE PHILIPPES || DE MORNAY, || SEIGNEVR DV PLESSIS MARLI, || Baron de la Foreſt ſur Sevre &c. Conſeiller du Roi en ſes || Conſeils d'Eſtat, & Privé, Capitaine de cent Hommes || d'armes de ſes Ordonnances, Gouverneur, & Lieute-|| nant General pour ſa Majeſté em la Seneſchauſſée, || ville, & chaſteau de Saumur &c. || CONTENANS DIUERS DISCOURS, || Inſtructions, Lettres, & Depeſches par lui dreſſées ou eſcrites || aux Rois, Roines, Princes, Princeſſes, Seigneurs, & pluſieurs || grands perſonnages de la Chreſtienté depuis l'an || CIↃ IↃ LXXII [1572]. juſques a l'an CIↃ IↃ || LXXXIX [1589]; enſemble quelques lettres des || deſſuſdits audit Sieur du Pleßis. || [brasão editorial] || Imprimé l'an CIↃ IↃ CXXIV [1624] || (p. 288-289)

DUPLESSIS-MORNAY, Philippe de. Lettre de M. Duplessis a M. de Montaigne. In: FONTENELLE DE VAUDORE, A.-D- de la; AUGUIS, P.-R. (ed.). *Mémoires et correspondance de Duplessis-Mornay*. Tome 2. Paris: Treuttel et Würtz, 1824. Reimp.: Genève: Slaktine Reprints, 1969, p. 382-383.

Edições

GRUN, Alphonse. *La vie publique de Montaigne*. Paris: Amyot, 1855, p. 329-330.

DAUSSY, Hugues. Montaigne et Duplessis-Mornay: les mystères d'une correspondance, *Montaigne Studies*, v. 18, 2006, p. 169-182.

Contexto

A edição das *Mémoires* de Duplessy-Mornay (1624) data a carta, erroneamente, como de 9 de novembro de 1583, mas Daussy corrige esse dado em sua edição.[1] Para um esclarecimento geral das circunstâncias e dos personagens descritos aqui, ver as notas introdutórias da carta 23, acima. Esta carta narra como as conversações com o enviado de Henri III são suspensas pelo futuro Henri IV em função da ocupação indevida pelos católicos de praças-fortes ameaçando sua corte. Depois da atitude conciliadora da primeira carta de Duplessis, lemos aqui, em traços que se reforçarão nas cartas seguintes, o retrato da indignação e impaciência do rei de Navarra, e de sua disposição de reagir (embora sempre controlado por Matignon) em função da escalada do conflito.

[288]
LETTRE DE M. DV PLESSIS A M. de Montagne,
du 9 Novembre [ou Decembre]1583.

Monſieur, Si mes lettres vous plaiſent, les voſtres me profitent; & vous ſçavés de combien le proffit paſſe le plaiſir. M. de Bellievre confera avec M. le Mareschal Potenzac.[2] Soudain apres renfort de garniſon, forme de citadelle, pourſuite par vn Vi-ſeneſchal contre ceux de la Religion de Bazas; qui plus eſt, garniſon à S. Seuer, Dax, Marmande, Condom &c. Ce Prince à jugé qu'on le vouloit mener a ce qu'on pretend, par force ; & que ces deux, bien que par diverſes voyes, tendoient à meſme but. Vous ſçavés la profeſſion qu'il fait de courage ; flectatur fortè facilè, at frangatur numquam. Ainſi, il à prié M. de Bellievre de ſurſeoir la propoſition de ſa principale charge juſques a ce que ces rumeurs d'armes fuſſent accoiſées.[3] Cela fait, il aura les oreilles plus diſpoſées, & peut eſtre par les oreilles, le cœur. Vn feſtin preparé, ſi le feu prend a la cheminée, on le laiſſe pour courir à 1'eau ; Nous eſtions preparés a la reception ; Le feu ſe prend en un coin de ce Roiaume: meſmes ſoubs noſtre foi, nos amis ſont en danger ; Uui trouvera eſtrange qu'on deſire qu'il y ſoit pourveu avant de paſſer outre? Adjouſtés, que ce prince veut avoir le gré tout entier de ce qu'il veut faire, ſans qu'il en ſoit rien imputé à autre conſideration quelconque. On m'a laſché un mot, que les autheurs de ce conſeil ſe pourroient repentir. Le Maiſtre à aſſés d'eſprit pour le prendre de ſoi meſme ; & M. de Bellievre ſeroit marri que tous les conſeils de France lui fuſſent imputés. [289] *Les perſuaſions peuvent beaucoup ſur ma ſimplicité ; les menaces fort peu ſur la reſolution que j'ai priſe: Et vous ſçaurés bien juger pour vos amis en quelle opiniõ on en parlera. Ie ne vous dirai plus qu'un mot. L'affaire pour*

Monsieur, se as minhas cartas lhe agradam, as vossas me aproveitam; e sabeis quanto o proveito supera o prazer. M. de Bellièvre[5] conferencia com M. *Maréchal* em Potenzac.[6] Logo após, reforço da guarnição e a formação de uma cidadela[7] levada à efeito por um vice-senescal contra aqueles da religião em Bazas; além disso, guarnição em Sainct Sever, Dax, Marmande, Condom, etc.[8] Esse Príncipe[9] julgou que queriam conduzi-lo pela força ao que pretendem; e que estes dois,[10] embora por vias diversas, tendiam ao mesmo fim.[11] Sabeis como ele professa a coragem: *dobrar-se-á talvez facilmente, mas nunca se quebrará*. Assim, rogou a M. de Bellievre que adiasse a proposta que constitui seu encargo principal até que se aclamassem esses rumores de armas. Isso feito, ele terá os ouvidos mais dispostos, e pode ser que, pelos ouvidos, o coração. Um banquete preparado, se o fogo pega na chaminé, deixamo-lo para correr à água. Estávamos preparados para o acordo,[12] mas o fogo pega em uma parte deste reino: mesmo sob nossa proteção,[13] os nossos amigos estão em perigo. Quem achará estranho que se deseje que isso seja previsto antes de passar além?[14] Acresce que esse príncipe deseja ter total liberdade para fazer o que lhe agrade, sem que nada seja atribuído a qualquer outra consideração. Confidenciaram-me que os autores desse conselho poderiam se arrepender. O *maître* tem espírito suficiente para o tomar por si mesmo, e M. de Bellièvre ficaria contrariado se todos os conselhos em França lhe fossem imputados. A persuasão pode muito sobre a minha simplicidade, as ameaças muito pouco sobre a resolução que tomei. E sabereis bem julgar por vossos amigos de que ponto de vista se falará sobre isso. Direi apenas mais uma palavra. O caso para

lequel il eſtoit venu, merite ſa gravité, & experiẽce. Mais il ſe tient tant ſur la reputatiõ du Roi, qu'il ſemble avoir peu de ſoin de la noſtre. Et qui vient pour ſatisfaire une injure non tant pretenduë que recognuë, bien qu'il ait affaire avec 1'inferieur, ne doit tant payer d'autorité, que de raiſon. Quò acriora ingeras, eò contumacior evadat humor, qui mitigandus est: quo ſanè niſi mitigato, vulnus convaleſcere nulla ratione potest. Viderint ipſi; Tu etiam atque etiam vale.

Du Mont de Marſan, ce 9. Decembre 1583.

<Vostre très humble et très obéissant à vous faire service.>[4]
Du Plessis

o qual ele veio, merece a sua gravidade e experiência. Mas ele se preocupa tanto com a reputação do rei que parece ter pouca consideração pela nossa; e quem vem satisfazer uma injúria – não pretensa, mas reconhecida –, embora esteja a lidar com o inferior, não deve tanto empregar a autoridade quanto a razão. *Quanto mais acremente o tratas, tanto mais acre se porta o humor que se queria mitigar: e se não se o mitiga, por nenhum meio se pode curar a ferida.Que vejam por si mesmos: tu sempre e sempre vale.*

De Mont de Marsan, em 9 de dezembro de 1583.

O seu mais humilde e obediente servidor.[15]
Du Plessis

NOTAS

1 "Curieusement, alors qu'il est censé avoir eu l'original entre les mains, Feuillet de Conches [Causeries d'un curieux […], p. 103] commet une erreur dans la datation de la lettre, puisqu'il indique '9 novembre' au lieu de '9 décembre'. Cette dernière date, fournie par la copie conservée à la Sorbonne, est la seule plausible puisque la lettre a été rédigée à Mont-de- Marsan, où Duplessis-Mornay n'est entré que le 21 novembre à la suite du roi de Navarre. Dans les éditions de 1624 et 1825, cette lettre est également datée par erreur du 9 novembre l583" (Daussy, 2006, p. 180, n. 44).

2 Daussy: "à Potenzac".

3 Daussy: "En marge, de la main de Mornay: 'Il estoit question de la reception de la Roine Marguerite apres l'affront receu'".

4 Falta o fechamento diplomático da carta na edição de 1624.

5 Carta 23, nota 17.

6 Cidade situada hoje na região administrativa da Nova Aquitânia, no departamento da Gironda.

7 No original, "*forme de citadelle*", isto é, o guarnecimento militar de uma praça-forte por Matignon, logo a seguir de sua conferência com Bellièvre (e daí a sua recusa como interlocutor pelo rei de Navarra).

8 Cidades na Guyenne cuja posição estratégica ou fortificação as tornam lugares de interesse e disputa no conflito em curso.

9 Henri de Navarre.

10 Matignon e Bellièvre.

11 "Por diversos meios chega-se ao mesmo fim": título do primeiro ensaio de Montaigne que enuncia um lugar-comum retórico então muito em voga.

12 No original "*preparés à la reception*" no sentido de "preparados para aceitar a proposição".

13 No original, *soubs notre foy* refere-se à relação de fidelidade que engaja o vassalo ao seu suserano (DMF "foy") e demanda sua proteção.

14 Daussy (2006, p. 180, nota 43) assinala nesse ponto da carta que, na margem do manuscrito, consta da mão de Mornay a seguinte anotação: "Il estoit question de la reception de la Roine Marguerite apres l'affront receu". Cf. carta 23, nota 18.

15 Cf. carta 24, nota 3.

Carta 26 (10 de dezembro de 1583)

Remontrance do prefeito e jurados de Bordeaux a Henri, rei de Navarra [1]

Fontes

O manuscrito original, conservado nos Arquivos da Prefeitura de Bordeaux, desapareceu. Conhece-se a penas a transcrição feita por Champollion-Figeac em 1843, reproduzida aqui; e, mais tarde, por Jean-François Payen (*Documents inédits ou peu connus sur Montaigne*, 1847, p. 44 e seq.), que teve o manuscrito em mãos.

Uma outra cópia, contendo dois parágrafos complementares desconhecidos, que teria sido encontrada por Chales Dosquet (1796-1859), filho de uma família de impressores e à época alto funcionário da *Prefecture* da região da Gironde, foi impressa por Payen em 1856 (*Documents inédits sur Montaigne* nº4; suplemento: *Recherches et documents inédits sur Montaigne*, p. 8 e seq.). Payen não teve acesso direto a essa cópia, hoje também desaparecida, e, em última análise, ela permanece conjectural.[1]

Fac-simile

https://montaigne.univ-tours.fr/lettre-remontrance-roi-de-navarre-10--decembre-1583/

Editio princeps

Champollion-Figeac. *Documents inédits tirés des collections manuscrites de la Bibliothèque Royale*. Paris: Firmin-Didot, 1843, p. 485.

PAYEN, Jean-François. *Documents inédits sur Montaigne*, IV. Suplemento: *Recherches et documents inédits sur Montaigne*, p. 8 e seq.

Edições

Thibaudet & Rat. *Œuvres complètes* de Montaigne. Paris: Gallimard, 1962. [Bibliothèque de la Pléiade], p. 1378-1379. [sem o complemento de Payen]

Contexto

Essa *remontrance*[2] foi reproduzida diversas vezes nos meios de comunicação liberais franceses do século XIX (*Journal des économistes*, *Mémorial Bordelais*, etc.) como uma verdadeira defesa do livre-comércio.[3] Não obstante, as disposições políticas expressas nessa missiva tem um caráter algo socialista (Desan, 2018, Introdução) – e por seu lado, Legros marca como as duas *remontrances* formais do epistolário montaigniano (cartas 22 e 26 nesta tradução) ressaltam que os interesses dos reis e de seus súditos estão ligados. Ora, Montaigne não vem apenas de uma família de origem *marchande*, e cuja ascensão social via carreira judiciária-administrativa se apoiou primeiro na atividade comercial; ele mesmo é produtor e comerciante de vinho. No entanto, são as necessidades mais uma vez coletivas que o preocupam e aos jurados de Bordeaux, pois se veem tal comércio como propriedade individual, também o percebem como uma riqueza que aproveita, e deve aproveitar, a todos na cidade.

É preciso ver a demanda dessa *remontrance* como diretamente relacionada às circunstâncias cronológicas da retomada de Mont-de-Marsan, mas também às circunstâncias político-jurídicas, de vez que se trata da mesma questão da posse e manejo das praças-fortes concedidas aos protestantes em 1571 que constitui o enredo central desde a carta 23, a primeira carta de Duplessis-Mornay (cf., por

exemplo: Jouanna, 2017, p. 251-252; Frame, 1965, p. 232). Como enredo paralelo temos a demanda de reparação à rainha Margot (que ainda será discretamente referido em seu desfecho por Montaigne na carta 35, a quarta carta para Matignon de 12 de julho de 1584). De todo modo, O rei de Navarra não vai receber de bom grado a solicitação desta *remontrance*, como se vê na carta 27, a segunda carta de Montaigne a Matignon (14 de dezembro de 1583), até porque já era sua demanda a realização do pagamento das guarnições das praças-fortes concedidas aos protestantes conforme os tratados de paz então em vigor (veja-se logo após a data dessa *remontrance*, a carta de 17 de dezembro no *Lettres missives de Henri* IV, tome 1 (1843), p. 601-602; e sobre o mesmo problema, e referindo-se a Montaigne, a carta a Meslon de 18 de dezembro de 1583, no mesmo volume, p. 602-603).

Esta missiva permite visualizar os dispositivos criados pela Coroa para contornar as animosidades das Guerras de Religião. Nesse caso específico, a carta trata da manutenção financeira das "cidades de segurança" (isto é, as praças-fortes asseguradas aos protestantes, em trégua mantida sob a intervenção do rei, a partir do Édito de Saint-Germain, 1570) e de seu entorno. O número dessas praças-fortes e sua regulamentação (que, em geral, duravam alguns anos) foram estabelecidos por diferentes éditos, instituídos no desenrolar das Guerras de Religião. Às margens do rio Garonne, a cidade de Mas de Verdun (também chamada de Mas-Grenier), lugar estratégico entre Toulouse e Montauban, era uma dessas praças-fortes, garantida pelo Édito de Beaulieu, assinado por Henri III em 6 de maio de 1576 (na região da Guyenne, o édito abrangia também a cidade de Périgueux).[4] Este último édito deu fim à Quinta Guerra de Religião. Pelo texto da *remontrance*, vê-se que parte do sustento material das estruturas burocráticas e de implementação dos éditos (as reconfigurações de salário da "câmara de justiça de Périgueux", no caso) era de responsabilidade das regiões; os habitantes de Mas de Verdun, sobrecarregados pelas novos encargos, decidiram protestar com bloqueios fluviais, o que afetou gravemente toda a região dependente do rio Garonne — donde a necessidade da *remontrance* ao governador do ducado da Guyenne (nesse caso, Henrique, rei de Navarra), sugerindo corrigir o modelo de sustentação econômica previsto no édito.

C'est ce que messieurs de Montaigne, maire, et De Lurbe, procureur sindic de ville de Bourdeaulx, sont chargés et commis faire remonstrance au Roy de Navarre, lieutenant général du roy au païs et duché de Guienne pour le bien du service de Sa Majesté et soullagement de ses subjectz.

Remonstreront audict seigneur roy de Navarre que les provinces et villes ne peuvent estre maintenues et conservées en leur estre sans la liberté du commerce, laquelle par la communiquation libre des uns avec les aultres, cause que toutes chozes y abondent, et par ce moien le laboureur de la vente de ses fruictz nourrit et entretient sa famille, le marchant trafique des denrées et l'artizan treuve prix de son ouvrage, le tout pour supporter les charges publiques: et d'aultant que le principal commerce des habitans de ceste ville se faict avec les habitans de Toloze et aultres villes qui sont sizes sur la Garonne, tant pour le faict des bledz, vins, pastels, poisson que laynes, et que lesdictz maire et jurats ont esté advertis par ung bruict commun que ceulx du Mas de Verdun sont résolus, soubz prétexte du défault du paiement des garnizons des villes de seureté, octroiées par l'édict de paciffication, d'arester les bapteaux et marchandizes, tant en montant qu'en descendant par ladicte rivière de Garonne, ce qui reviendroit à la totalle ruyne de ce païs, sera ledict seigneur roy de Navarre supplié ne permettre l'arrest desdictz bapteaux et marchandizes estre faict tant audict Mas de Verdun que aultres villes de son gouver-nement ; ains conserver et maintenir la liberté du commerce entre toutes personnes, suyvant les edictz du Roy.

Faict à Bourdeaulx, en jurade le dixiesme décembre mil cinq cents quatre-vingt-trois.

MONTAIGNE DALESME GALOPIN PIERRE REYNIER FANEAU FETAYEYRS DE LURBE[5]

Aqui está a exortação[7] que os *messieurs* de Montaigne, prefeito, e De Lurbe,[8] procurador-síndico[9] da cidade de Bordeaux, são encarregados e delegados a fazer ao rei de Navarra, lugar-tenente geral do rei no país e no ducado da Guyenne,[10] pelo bem do serviço de Sua Majestade e alívio de seus súditos.

Admoestarão[11] ao citado *seigneur* rei de Navarra que as províncias e cidades não podem ser mantidas e conservadas, em seu ser, sem a liberdade de comércio, a qual, através da comunicação livre de uns com os outros, é causa de que todas as coisas aí abundam – e por este meio o lavrador, da venda de suas colheitas, alimenta e mantém sua família, o comerciante negocia mercadorias e o artesão recebe o preço de sua obra, a comunidade pode suportar as despesas públicas. E ainda mais porque o principal comércio dos habitantes desta cidade é feito com habitantes de Toulouse e outras cidades que estão localizadas às margens do Garonne, tanto para o trigo, vinhos, pastéis, peixe, quanto para as lãs, e que os referidos prefeito e jurados foram advertidos por um boato de que aqueles do Mas de Verdun[12] decidiram, sob o pretexto da falta de pagamento das guarnições das cidades de segurança, estabelecidas pelo édito de pacificação, parar barcos e mercadorias, tanto para cima quanto para baixo pelo referido rio Garonne, o que resultaria na ruína total deste país, rogar-se-á ao referido *seigneur* rei de Navarra não permitir o bloqueio dos referidos barcos e mercadorias, tanto no referido Mas de Verdun, quanto nas outras cidades de seu governo,[13] mas conservar e manter a liberdade de comércio entre todas pessoas, seguindo os éditos do rei.

Feito em Bordeaux, na jurada, em 10 de dezembro de 1583.

MONTAIGNE
DALESME GALOPIN PIERRE REYNIER FANEAU FETAYEYRS DE LURBE

[Complemento, editado por Payen][6]

Pareillement d'aultant que le pauvre peuple se ressent tellement des miseres du passe qu'il eft comme reduift au dernier desespoir et que d'ailleurs la treve de six ans destinee pour l'entretenement desdictes villes de seurete eft expiree sera ledit sieur Roi de Navarre suplie d'intervenir devers le Roy nostre souverain seigneur, pour que desormais le pauvre peuple soit decharge du paiement des garnisons des dictes villes de seurete, en quoi principallement les habitants du tiers eftat de la senechaussee de Guienne ont efte fouilles.

Finalement et en consequence de ce que dessus, sera ledit sieur roi de Navarre, supplie intervenir devers le roi noftre seigneur, a ce que les gaiges des sieurs de la chambre de justice haute, a present a Perigueux, ne soient desormais leves sur le pauvre peuple, le quel seul a porte cefte foulle de surcharges pendant deux ans qui eftoient le temps destine pour la formation de ladite chambre, et n'eft possible que les pauvres habitants de ladite ville puissent a l'advenir continuer le paiement desdits gaiges comme ils l'ont fait grandement pour ne voulloir interrompre le cours de l'edict de pacification.

[Complemento, editado por Payen]

Da mesma forma, especialmente porque os pobres sentem tanto as misérias do passado que estão como que reduzidos ao último desespero e, além disso, a trégua de seis anos destinada à manutenção das ditas cidades de segurança tendo expirado, que se rogue ao dito rei de Navarra intervir junto ao rei, nosso *seigneur* soberano, para que doravante os pobres sejam isentos do pagamento das guarnições das referidas cidades de segurança, coisa da qual principalmente os habitantes do terceiro estado[14] da senescalia da Guyenne foram cobrados.[15]

Finalmente, e em consequência do que foi descrito acima, que se rogue ao dito *seigneur* rei de Navarra intervir junto ao rei nosso senhor, para que os soldos dos senhores da câmara alta de justiça, agora em Périgueux, não sejam doravante retirados dos pobres, que sozinhos suportaram esse ônus de sobretaxas por dois anos, que foi o tempo destinado para a formação da dita câmara, não sendo possível que os pobres habitantes da dita cidade continuem no futuro a pagar os referidos ônus, como tanto fizeram, por não querer interromper o curso do édito de pacificação.[16]

NOTAS

1 Cooper (2006, p. 317), por exemplo, duvida de sua autenticidade.

2 Para o sentido de *remontrance*, ver as notas introdutórias da carta 22.

3 No entanto, como assinala Alphonse Grün (1855, p. 263), essa carta não demanda ao rei que se libere o comércio de entraves legais, mas que fisicamente reabra suas rotas.

4 Para a íntegra do texto do édito, ver o site: http://elec.enc.sorbonne.fr. Acesso em: 18 nov. 2022.

5 Os sobrenomes "Faneau" e "Fetayers" aparecem na transcrição de Champollion-Figeac, mas Payen nos informa que se trata de suposições do editor, uma vez que, no original, os nomes estavam ilegíveis. Em sua própria transcrição (1847, p. 44 e seq.) os signatários são "Mõtaigne, Dalesme, Galopin, Pierre Reynier, Delurbe", e, conjecturalmente, "Anneau" e "Lapeyre". Alguns anos depois, Payen revê a transcrição e corrige os nomes para Jean Lapeyre e Jean Claveau: "D'après Darnal (*Omissions*, fol. 103, numéroté par erreur 203, verso), nous avions bien lu le deuxième nom *Lapeyre* (Jean); mais le premier est *Claveau* (Jean). De plus cet auteur fait connaître pourquoi la pièce ne porte que cinq signatures de jurats, quoique ces fonctionnaires fussent au nombre de six: l'un d'eux , *Ramon de la Roque*, sieur de Budos , était probablement malade alors (décembre 1583), puisqu'il mourut en charge, et fut remplacé au mois d'avril suivant par Baude de Moncuq" (1850, p. 26).

6 1856, suplemento: Recherches et documents inédits sur Montaigne, p. 8 e seq.

7 No original, *remontrance* (cf. carta 23, nota 6).

8 Gabriel de Lurbe (1538-1613), egresso da burguesia bordelense, ganhou títulos nobiliárquicos em 1589, aposentou-se e construiu uma bem-sucedida carreira de cronista (cf. carta 17, nota 10).

9 Espécie de jurista de alto escalão vitalício – não confundir com o *procureur-syndic* do período da Revolução Francesa, um posto jurídico-administrativo, que ajudava a controlar o novo sistema territorial de departamentos e distritos.

10 Carta 5, nota 4.

11 No original, "*remonstreront*".

12 "Le Mas-Grenier ou Mas de Verdun, sur la Garonne, à mi-chemin de Toulouse et de Montauban, était l'une des huit places fortes accordées aux protestants par Henri III en 1571" (Legros. Lettres Modernisées, Bibliothèques Virtuelles Humanistes).

13 O rei de Navarra é o governador da Guyenne, como já o início da carta indica ao nomeá-lo pela primeira vez.

14 Isto é, todos os que não são nobres, nem eclesiásticos.

15 O termo utilizado no original "*souillés*" tem um sentido de mácula que se adequa à noção da honra nobre como naturalmente intocada por cobranças ou dívidas, como impostos, pois por princípio voltaria sua vida para o serviço público, isto é, para o Estado.

16 Essa a suprema injúria: o povo soma, aos prejuízos inerentes à sua classe, os custos públicos da guerra, na esperança de ter paz.

Carta 27 (14 de dezembro de 1583)

Ao Marechal Matignon [2]

Fontes

Autógrafo conservado em Mônaco, Archives du Palais Princier: J 130, f° 374 r° (texto), f° 375 v° (endereço). Uma cópia do século XVIII nos mesmos Archives, J 88 fol. 137 v.

Fac-símile

https://montaigne.univ-tours.fr/lettre-matignon-14-decembre-1583/

Editio princeps

LABANDE, L.-H. Correspondance de Montaigne avec le Marechal de Matignon (1582-1588). In: *Revue du Seizième Siècle*, Tome 4, fasc. 1-2, 1916, p. 1-15. Reimpresso in LABANDE, L.-H. *Correspondance de Montaigne avec le Marechal de Matignon* (1582-1588). Paris: Edouard Champion, 1916.

Edições

MONTAIGNE, Michel de. *Œuvres complètes*. Albert Thibaudet & Maurice Rat (ed.). Paris: Gallimard, 1962, p. 1379-1380. [Bibliothèque de la Pléiade]

Legros. Alain. Lettres et missives de Monsieur de Montaigne, n° 4. In: *Montaigne manuscrit*. Paris: Classiques Garnier, 2010, p. 671-673.

Contexto

A carta refere-se ao pagamento das guarnições armadas das praças-fortes sob o domínio dos protestantes, um problema recorrente para o rei de Navarra. Servindo a Henri III (a quem cabe prover o soldo, segundo o direito estabelecido entre as partes em conflito), Montaigne está envolvido em uma negociação para tentar diminuir junto ao primeiro o montante devido. Mas como a própria carta deixa entrever, o futuro Henri IV pretende fazer valer os tratados anteriores entre católicos e protestantes, aproveitando para colocar também a reparação da ofensa à rainha na balança do que a ele é devido.[1]

{Secrétaire}

[A] Monseigneur

Monseigneur ɗe Matignon
marechal ɗe france

[A] Bourɗs

Monsr le maire du XIIIIe decemb 1583

+
Monſeignur i'arriuai ici hier au ſoir
en cete uille aueq m^r^ de Cleruan
qui Curuint a Roquehor come ie diſnois
et fimes le reste du chemin enſamble
Il ſ'estoit deſuoïe estimant trouuer le roy
de nauarre en foix et est passe par
Limoſin et perigeus Ie fis hier la reuerñace
a ce prince Pour la premiere charge nous
n'auons pas enporte Grande eſperãce
demande
touchãt le faict de nostre ~~charge~~ Il ueut
ſe ſeruir de tous moïens pour estre païe
Nous uerrõs auiourd'hui ſi nous en pourrõs
rabatre quelque choſe M^r^ de Lauardin

{Secretário}

A *Monseigneur*,

Monseigneur de Matignon
Maréchal de France

Em Bordeaux

+
Monsieur, cheguei ontem à noite
a esta cidade com Mr. de Clervant,[2]
que veio a Roquefort[3] quando eu almoçava,
e fizemos o resto do caminho juntos.
Ele havia se desviado, estimando encontrar o rei
de Navarra em Foix,[4] e passou por
Limousin[5] e Périgueux.[6] Ontem fiz a reverência
a este príncipe. Nessa primeira investida,
não obtivemos grande esperança
quanto ao assunto de nossa demanda.[7]
Ele quer
se servir de todos os meios para ser pago.
Veremos hoje se podemos
abater alguma coisa. Mr. de Lavardin[8]

ſ'en part auiourð'hui pour aller en ſa maiſon
il m'a dict qu'il vous eſcriroit Nous n'auõs
que Bazas aus oreilles M^r de Birague
partit hier matin ie ſerai ici le moins
que ie pourrai

Moſeignur ie vous baiſe treſheũblemãt les meins
& ſupplie dieu vous tenir en ſa garde Du mõt
de marſã ce 14 deç 1583

Vo'tre treſhebũble
ſeruitur mõtaigne

parte hoje para ir à sua casa.
Ele me disse que vos escreveria. Só temos
Bazas[9] em nossos ouvidos. O Mr. de Birague[10]
partiu ontem de manhã. Permanecerei aqui o mínimo
que puder.

Monseigneur, beijo-vos muito humildemente as mãos
e suplico a Deus vos ter em sua guarda. De Mont-de-Marsan,
em 14 de dezembro de 1583.

Vosso muito humilde servidor
Montaigne

NOTAS

1 Três dias depois dessa carta, Navarra escreve à Matignon negando o pedido dos "Messieurs de la ville de Bordeaux" sobre o soldo, e instando-o a pagar (carta de 17 de dezembro de 1583: em *Lettres missives de Henri IV,* tome 1, 1843, p. 602); e, no dia seguinte, menciona em uma carta ao governador de Montségur que o prefeito de Bordeaux promete o pagamento da guarnição em quinze dias. Sobre as circunstâncias da ofensa à Marguerite de France (ou de Navarre), ver a carta 23, nota 18.

2 Claude-Antoine de Vienne, *seigneur* de Clervant, superintendente de Navarra em companhia de Duplessis-Mornay e Ségur-Pardaillan, voltava da Corte onde estivera atuando em nome do rei de Navarra.

3 Roquefort-sur-Soulzon é hoje uma cidade do departamento de Aveyron no sul da França, a 20km de Mont-de-Marsan e por volta de 100km distante de Bordeaux – deslocamento que serve de exemplo da intensa atividade de Montaigne a cavalo como parte importante de sua atuação política.

4 Comarca que corresponde aproximadamente ao núcleo do antigo condado de Foix.

5 Região histórica situada no centro-oeste da França, cuja capital é Limoges, e que hoje integra a região da Nouvelle-Aquitaine.

6 Périgueux é a mais importante cidade da região histórica do Périgord, situada no centro-oeste da região da Nouvelle-Aquitaine, no departamento da Dordogne.

7 Sobre o pedido, veja-se a *remontrance* ao rei de Navarra na carta 26.

8 Jean de Beaumanoir, *marquis* de Lavardin (Cooper, 2001, p. 112).

9 Cidade situada hoje na região administrativa da Nouvelle-Aquitaine, no departamento da Gironde. Uma praça-forte ocupada então por Matignon (agindo assim contra o tratado de Nérac – 1579 – que havia garantido a sua posse aos huguenotes) em resposta à ocupação pelo futuro Henri IV de Mont-de-Marsan (de onde esta carta é enviada). O principal problema com relação à ocupação de Bazas está em sua proximidade da corte de Navarra em Nérac.

10 Carlo Birague, enviado de Henri III (Cooper, 2001, p. 112). "A Mont-de-Marsan, Lavardin, Clervant, Duplessis-Mornay, Bellièvre, Birague travaillent à la réconciliation d'Henri et de son épouse" (Legros, 2010, p. 672). E tal reconciliação passa, como sabemos, pela questão da posse das praças-fortes e do pagamento das guarnições.

Carta 28 (18 de dezembro de 1583)

De Duplessis-Mornay a Montaigne [4]

Fontes

Sorbonne Ms 362, fol. 9r-9v (cópia)

Editio princeps

SVITE || DES || LETTRES || ET || MEMOIRES || DE MESSIRE || PHILIPPES DE MORNAY, || Seigneur du Pleſſis Marly &c. || Contenans diuers Diſcours, Inſtructions, Lettres & Depeſches || par luy dreſsées ou eſcrites aux Roys, Roines, Princeſſes, Sei-|| gneurs & pluſieurs grands perſonnages de la Chreſtienté. De-|| puis l'An CIↃ IↃ C XVIII [1618], juſques a l'An CIↃ- || IↃ C XXIII [1623]. Enſemble quelques lettres des || deſſus dits au dit Sieur du Pleſſis. || [brasão editorial] || A AMSTERAM || Chez Louys Elzevier || M DC LI ||

SVPPLEMENT || aux deux premiers Tomes || DES || MEMOIRES || DE MESSIRE || PHILIPPES DE MORNAY || Seigneur du Pleſſis Marly &c. || (p. 184)

DUPLESSIS-MORNAY, Philippe de. Lettre de M. Duplessis a M. de Montaigne. In: FONTENELLE DE VAUDORE, A.-D- de la; AUGUIS, P.-R. (ed.). *Mémoires et correspondance de Duplessis-Mornay*. Tome Second. Paris: Treuttel et Würtz, 1824. Reimp.: Genève: Slaktine Reprints, 1969, p. 393-394.

Edições

GRUN, Alphonse. *La vie publique de Montaigne*. Paris: Amyot, 1855, p. 331.

FEUILLET DE CONCHES, Félix. *Lettres inédites de Michel de Montaigne et de quelques autres personnages pour servir à l'histoire du XVIe siècle* (Extrait du troisième volume des *Causeries d'un Curieux*, actuellement sous presse). Paris: Plon, 1863, p. 112-113.

DAUSSY, Hugues. Montaigne et Duplessis-Mornay: les mystères d'une correspondance. In: *Montaigne Studies*, nº 18, 2006, p. 169-182.

Contexto

Na sequência das cartas anteriores nesta correspondência entre Montaigne e Duplessis-Mornay, os mesmos eventos continuam a se desdobrar e, embora os cenários políticos estejam a ponto de se modificar, o líder protestante está ainda a se bater por um equilíbrio nas ações e reações. Note-se como a denúncia da má informação de Henri III por seu embaixador e as ameaças acerca do caráter temerário do rei de Navarra (na sequência da carta anterior), são veladas e atenuadas pela necessidade do acordo – exigência básica para a sobrevivência dos huguenotes nesse momento do confronto com os ultracatólicos próximos à coroa.

[184]

Lettre de M. du Pleſſis à M. de Montagne, du 18 décembre 1583.

Monſieur ; Nous appercevons par les lettres que M. de Believre eſcrit au Roy de Navarre que le Roy a eſté mal informé de ce qui s'eſt paſſé icy. Sur fauſſes preſuppoſitions on ne peut que conclurre faux. Et j'eſpere quand il aura ſçeu la verité tant par lettres de M. de Believre que par les noſtres, qu'il prendra le tout en meilleure part. Ce qui eſt veniel à M. de Ioyeuse ne nous doit point eſtre mortel. Encor noſtre action en toutes circonſtances eſt elle plus ſupportable. Cependant on nous circuit de garniſons pour tirer la choſe en conſequence. On n'a point ainſi procedé contre les autres. Et ceſte inegalité ne peut proceder que de la paſſion de quelques uns. Ce Prince ne penſe qu'a la paix; Et je deſire fort qu'on ne le preſſe point outre meſure. Vous le cognoiſſés. Meſmes lors qu'il doit craindre, il ne le veut pas. Ie penſe que la prudence de M. de Believre moderera toutes choſes. Ces inconveniens appaiſés video caetera proclivia. Et vous en orrés des marques, mais qui doivent eſtre aidées. Ie ſuis & ſeray tousjours Voſtre &c. <très humble et très obéissant à vous faire service>

Du Mont-de-Marsan, &c. <ce 18 décembre 1583>.[1]
Du Plessis

Monsieur, percebemos pelas cartas que M. de Bellièvre[2] escreveu ao rei de Navarra, que o rei foi mal-informado sobre o que se passou aqui. Sobre falsas pressuposições, apenas se pode concluir falsamente. E espero que, quando ele souber a verdade, tanto pelas cartas de M. de Bellièvre, como pelas nossas, tome a coisa toda de forma melhor.[3] O que é venal ao M. de Joyeuse[4] não pode de modo nenhum nos ser fatal; e além do mais nossa ação é de todo modo mais aceitável. No entanto, somos cercados de guarnições como para levar a coisa às vias de fato.[5] Não se procedeu assim contra os outros; e essa desigualdade não pode vir senão da paixão de alguns. Este príncipe pensa apenas na paz; e desejo muito que ele não seja pressionado além dos limites: vós o conheceis. Mesmo quando deve temer, ele não o quer. Penso que a prudência de *Monsieur* de Bellièvre moderará tudo. Esses inconvenientes apaziguados, *prevejo o resto se tornar fácil*; e vós tereis sinais disso, mas que devem ser favorecidos. Eu sou e sempre serei vosso [mais humilde e mais obediente servidor].

De Mont-de-Marsan, em 18 de dezembro de 1583.
Du Plessis

NOTAS

1 Faltam a saudação diplomática e a data da carta na edição de 1651, mas a saudação foi transcrita por Feuillet de Conches (1863, p. 113).

2 Cf. cartas 24, nota 15; 26; 27A; 29; 31.

3 No original "*prendra le tout en meilleure part*", trocadilho que exprime a noção de uma perspectiva pela qual se aprecia melhor a situação geral.

4 Anne, *duc* de Joyeuse, um dos principais e mais famosos favoritos de Henri III, cujas tropas tomaram Aleth (ou Alet: ver a carta 30, a seguinte de Duplessis-Mornay a Montaigne) massacrando os protestantes: veja-se Grün (1855, p. 319) e a carta do rei de Navarra a Matignon de 24 de agosto de 1583 (Henri IV, v. I, p. 576-577). Cf. carta 54, nota 19.

5 Como vimos nas cartas anteriores de Duplessis-Mornay a Montaigne, em seguida à tomada de Mont-de-Marsan, Matignon, liderando a reação católica, toma e arma diversas praças-fortes ameaçando Nérac – capital do governo da Guyenne, onde está a corte de Navarra.

Carta 29 (31 de dezembro de 1583)

De Duplessis-Mornay a Montaigne [5]

Fontes

Sorbonne Ms 362, fol. 15r-15v (cópia)

MEMOIRES || DE || MESSIRE PHILIPPES || DE MORNAY, || SEIGNEVR DV PLESSIS MARLI, || Baron de la Foreſt ſur Sevre &c. Conſeiller du Roi en ſes || Conſeils d'Eſtat, & Privé, Capitaine de cent Hommes || d'armes de ſes Ordonnances, Gouverneur, & Lieute-|| nant General pour ſa Majeſté em la Seneſchauſſée, || ville, & chaſteau de Saumur &c. || CONTENANS DIUERS DISCOURS, || Inſtructions, Lettres, & Depeſches par lui dreſſées ou eſcrites || aux Rois, Roines, Princes, Princeſſes, Seigneurs, & pluſieurs || grands perſonnages de la Chreſtienté depuis l'an || CIↃ IↃ LXXII [1572]. juſques a l'an CIↃ IↃ || LXXXIX [1589]; enſemble quelques lettres des || deſſuſdits audit Sieur du Pleßis. || [brasão editorial] || Imprimé l'an CIↃ IↃ CXXIV [1624] || (p. 293-294)

DUPLESSIS-MORNAY, Philippe de. Lettre de M. Duplessis a M. de Montaigne. In: FONTENELLE DE VAUDORE, A.-D- de la; AUGUIS, P.-R. (ed.). *Mémoires et correspondance de Duplessis-Mornay*. Tome Second. Paris: Treuttel et Würtz, 1824. Reimp.: Genève: Slaktine Reprints, 1969, pp. 401-402.

Edições

GRUN, Alphonse. *La vie publique de Montaigne*. Paris: Amyot, 1855, p. 331-332.

FEUILLET DE CONCHES, Félix. *Lettres inédites de Michel de Montaigne et de quelques autres personnages pour servir à l'histoire du XVIe siècle* (Extrait du troisième volume des *Causeries d'un Curieux*, actuellement sous presse). Paris: Plon, 1863, p. 114-115.

DAUSSY, Hugues. Montaigne et Duplessis-Mornay: les mystères d'une correspondance. In: *Montaigne Studies*, nº 18 (2006), pp. 169-182.

Contexto

Vindo de um crescendo nas últimas cartas, aqui as tensões chegam ao clímax, beirando o conflito aberto, o que as palavras mal disfarçam. Ao rei de Navarra, porém, interessa a paz, pois as relações de força são amplamente desfavoráveis aos protestantes, tanto no plano nacional (se a Liga e a coroa se unirem, o que eventualmente acontecerá), quanto no internacional (embora prometendo apoio, os príncipes alemães e a Inglaterra permanecem distantes, ao contrário de Felipe II de Espanha que trabalha para fomentar a guerra civil francesa). Sobre as cartas de Duplessis-Mornay a Montaigne, ver as notas introdutórias da carta 23, acima.

[293]

LETTRE DE M. DV PLESSIS A M. de Montagne, du dernier jour de l'an 1583.

Monſieur, Nos conſeils dependent en partie des lieux où vous eſtes; car nous ne parons que les coups. Si on nous laiſſe en paix, nous n'aurons poinct de guerre; Gens qui ne peuvent que perdre n'y entrent pas volontiers que pour ſortir d'un plus grand mal; Et nous avons aſſés d'eſprit pour connoiſtre qu'au lieu que les autres la nous faiſant, acquierent des biens & des dignités ; nous, au contraire, hazardons humainement les noſtres. Si on nous aſſault (& je croi que ce n'eſt la volonté du Roi), ce Prince n'eſt pas né pour ceder à un deſeſpoir, & quittera touſjours ſon manteau au vent de Midi, pluſtoſt qu'au Septentrion. Vous ſçaves l'hiſtoire de Plutarque. Nous appercevons que le Roi s'offēse. Ceſt a mon advis, ſur les fauſſes nouvelles qu'on lui à peu eſcrire; Autrement, il n'eſt croiable que la priſe d'Aleth fuſt entenduë de lui avec moins de meſcontentement que celle de cette ville. Vous ſçavés les circonſtances des deux ; Ce qu'il y à d'inegalité, eſt pour nous, & a noſtre advantage. Du voiage de M. de Segur, nous en ſatisfaiſons a ſa Majeſté. Noſtre but n'à eſté que de monſtrer que nos paiſibles deportemens ne procedoient de neceſſité, mais de bonne volonté. Ce Prince à cognu qu'on interpretoit ſa patience a faute de moiens. Il deſire doreſnavāt qu'elle retienne le nom de patience, de moderation & de vertu ; Ie vous eſcri franchemēt a ma façon. Nous ſommes prou advertis des preparatifs qu'on fait ; Si on continuë, au moins ne pourra on [294] *trouver eſtrange que nous mettions la main au devant. Ie ſçai que vous y apportés le bien que vous pouvés. Croyés que, de ma part je n'y obmets rien; Et au reſte je ſuis& ſerai tousjours. &c.*[1]

Du Mont de Marſan ce dernier de l'an 1583.

<Du Plessis>

Monsieur, os nossos desígnios dependem de vossa posição; pois não fazemos senão nos defender dos golpes. Se formos deixados em paz, não teremos guerra; pessoas que só podem perder, aí não entram voluntariamente senão para sair de um mal maior; e temos espírito suficiente para perceber que, ao contrário de outros, os quais, fazendo-nos guerra, adquirem bens e dignidades, nós, pelo contrário, arriscamos nossas pessoas.[2] Se formos agredidos (e creio que essa não é a vontade do rei), este Príncipe não nasceu para ceder ao desespero, e deixará sempre o seu manto ao vento sul, em vez de ao norte. Conheceis a história de Plutarco. Percebemos que o rei está ofendido. É, na minha opinião, por causa das falsas notícias que lhe foram escritas; de outro modo não seria crível que a captura de Aleth[3] fosse por ele sabida com menos descontentamento que a desta cidade.[4] Conheceis as circunstâncias das duas; o que há aí de diferente conta a nosso favor e para nossa vantagem. Sobre a viagem de M. de Ségur,[5] demos satisfação[6] a Sua Majestade. Nosso objetivo era apenas mostrar que nosso comportamento pacífico não provinha da necessidade, mas da boa vontade. Este Príncipe deu-se conta que sua paciência era interpretada como falta de meios. Ele deseja que, de agora em diante, essa retenha o nome de paciência, moderação e virtude. Escrevo-vos francamente à minha própria maneira. Estamos bem avisados dos preparativos que estão sendo feitos; se eles continuarem, pelo menos não se poderá considerar estranho que metamos a mão à frente.[7] Eu sei que vós aí trazeis o bem que podeis.[8] Acreditai que, de minha parte, nisso não omito nada; e de resto serei sempre [vosso servidor mais humilde e obediente].

De Mont-de-Marsan, no último [mês] do ano de 1583.

Du Plessis

NOTAS

1 Daussy inclui no texto a fórmula final "*vostre très humble et très obéissant à vous faire service*", a mesma que aparece na carta de 18 de dezembro (transcrita por Feuillet de Conches, p. 105). Mas a transcrição de Feuillet de Conches da carta de 31 de dezembro não traz o texto.

2 No original, "*hazardons humainement les nostres*" para exprimir a comparação entre os que ganham com a guerra e os que arriscam tudo, inclusive as próprias vidas.

3 Ou Alet, pequena cidade na antiga província do Languedoc tomada então pelos católicos (carta 29, nota 4) – hoje Alet-les-Bains, situada no departamento de Aude, na região da Occitanie.

4 Comparando a tomada de Aleth (e o massacre de huguenotes ocorrido nessa ocasião) com a tomada de Mont-de-Marsan (cf. carta 24), de onde esta carta é escrita

5 O rei de Navarra responde à embaixada de Bellièvre (cf. carta 24, nota 15) de dois modos: envia à Corte nobres protestantes como embaixadores de sua causa, entre eles Duplessis-Mornay, e em julho de 1583, envia Jacques de Ségur-Pardaillan (Daussy, 2006, p. 181, nota 47), *gentilhomme de la chambre*, superintendente da casa e coroa de Navarra, em missão junto aos príncipes protestantes estrangeiros (sobretudo alemães) para buscar garantias de auxílio militar e financeiro em caso de guerra.

6 Vejam-se as instruções de Duplessis em suas *Memórias* (t. II, p. 398) sobre o que se deveria explicar a Henri III para justificar a missão de Ségur (Grün, 1855, p. 332, nota 1).

7 No sentido de se adiantar aos fatos.

8 Duplessis afirma saber que Montaigne está fazendo o possível para melhorar a situação.

Carta 30 (21 de janeiro de 1584)

Ao Marechal Matignon [3]

Fontes

Archives du Palais Princier, em Mônaco. Cota: J 131, f° 256 r° (texto) et v°.

Fac-símiles

https://montaigne.univ-tours.fr/lettre-matignon-21-janvier-1584/

Edições

MONTAIGNE, Michel de. *Œuvres complètes*. Albert Thibaudet & Maurice Rat (ed.). Paris: Gallimard, 1962, p. 1380. [Bibliothèque de la Pléiade]

Legros. Alain. Lettres et missives de Monsieur de Montaigne, n° 5. In: *Montaigne manuscrit*. Paris: Classiques Garnier, 2010, p. 673-674.

Contexto

Próxima ao castelo de Montaigne, a cidade de Sainte-Foy foi uma das praças-fortes protestantes mais importantes, guarnecida e reforçada pelo próprio rei de Navarra – e certamente era a esse e a sua corte que Montaigne contava então aí encontrar quando menciona na carta a possibilidade de encontro com uma "grande companhia", prometendo um futuro relato a Matignon. Como resultado

dos entendimentos entre Navarra e Bellièvre, a situação começa a se tranquilizar, e Montaigne confirma a inclinação para a paz no lado protestante (veja-se a carta anterior de Duplessis-Mornay, carta 31); todavia, o fato de estar em sua casa nesse momento pode ter como razão a vigilância, tanto dos huguenotes, quanto dos católicos do Périgord (Cooper, 2001, p. 113).

{Montaigne}

[A] monſeignur

[mon] ſeignur de matignõ
[mar]eſchal ðe france

{Montaigne}

Monſeignur ceus de ce cartier qui
estoint alles uers le roy de nauarre
ſont de retour deſpuis deus iours
Ie ne les ai pouint ueus mais ils
n'ont raporte que l'inclination a la
paix ſuiuant ce que ie vous ai
eſcrit et n'auõs rien de nouueau
ſauf vn'assãblee generale et
extraorðinere qui ſe faict Lunði
a ſ. foi de pluſieurs ministres
Si une grande compaignie de diuerſe
ſorte de ians & de ſexes ſe rant
demein ceans come ie l'atans ie
vous ferai part de ce que i'y
apranderai et vous baiſe treſhũblemãt
les meins ſuppliant dieu

{Montaigne}

A *Monseigneur*,

Monseigneur de Matignon
Maréchal de France

{Montaigne}

Monseigneur, aqueles desta região que
se tinham ido até o rei de Navarra
retornaram há dois dias.
Eu não os vi, mas eles
não relataram senão a inclinação para a
paz, segundo o que vos
escrevi, e não temos nada de novo,
exceto uma assembleia geral e
extraordinária, que acontece segunda-feira
em Sainte-Foy,[1] de vários ministros.[2]
Se amanhã uma grande companhia de diversos
tipos de pessoas e gêneros
vier aqui, como espero,
eu vos participarei do que aí
souber; e vos beijo muito humildemente
as mãos, suplicando a Deus,

Monſeignur vous ꝺoner longue &
hureuſe vie De mõtaigne ce 21
Ianu. 1584
c'est un article de lettre que
mr de meaible uient de receuoir au fleix

Vo'tre treſheũble
ſeruitur mõtaigne

Monseigneur, para dar-vos uma vida longa e
feliz. De Montaigne, em 21
de janeiro de 1584.
É um artigo de carta[3] que o
Mr. de Maible[4] acaba de receber em Fleix.[5]

Seu muito humilde servidor,
Montaigne

NOTAS

1 Sainte-Foy-la-Grande, cidade situada hoje no departamento da Gironde, na região da Nova Aquitânia. Na época, uma praça-forte importante que constituía um bastião protestante.

2 No original "*ministres*" que significa alguém designado para uma tarefa ou um lugar-tenente em geral (Huguet).

3 Não sabemos o que continha esse extrato de carta anexado à carta que lemos.

4 Até onde sabemos, ainda não foi identificado com certeza.

5 Le Fleix é uma cidade próxima ao castelo de Montaigne, situada no departamento da Dordogne, na região da Nova Aquitânia. Em sua vizinhança situa-se o castelo do marquês de Trans (cf. carta 10 de Charles IX a Montaigne de 18 de outubro de 1571, nota 1) onde foi assinado, em 26 de novembro de 1580, o tratado de paz que encerrou a sétima guerra de religião (cf. carta 16, nota 4).

Carta 31 (25 de janeiro de 1584)

De Duplessis-Mornay a Montaigne [6]

Fontes

Sorbonne Ms 362, fol. 18v-19r (cópia)

MEMOIRES || DE || MESSIRE PHILIPPES || DE MORNAY, || SEIGNEVR DV PLESSIS MARLI, || Baron de la Foreſt ſur Sevre &c. Conſeiller du Roi en ſes || Conſeils d'Eſtat, & Privé, Capitaine de cent Hommes || d'armes de ſes Ordonnances, Gouverneur, & Lieute-|| nant General pour ſa Majeſté em la Seneſchauſſée, || ville, & chaſteau de Saumur &c. || CONTENANS DIUERS DISCOURS, || Inſtructions, Lettres, & Depeſches par lui dreſſées ou eſcrites || aux Rois, Roines, Princes, Princeſſes, Seigneurs, & pluſieurs || grands perſonnages de la Chreſtienté depuis l'an || CIↃ IↃ LXXII [1572]. juſques a l'an CIↃ IↃ || LXXXIX [1589]; enſemble quelques lettres des || deſſuſdits audit Sieur du Pleßis. || [brasão editorial] || Imprimé l'an CIↃ IↃ CXXIV [1624] || (p. 297-298)

DUPLESSIS-MORNAY, Philippe de. Lettre de M. Duplessis a M. de Montaigne. In: FONTENELLE DE VAUDORE, A.-D- de la; AUGUIS, P.-R. (ed.). *Mémoires et correspondance de Duplessis-Mornay*. Tome Second. Paris: Treuttel et Würtz, 1824. Reimp.: Genève: Slaktine Reprints, 1969, p. 518-519.

Edições

GRUN, Alphonse. *La vie publique de Montaigne*. Paris: Amyot, 1855, p. 333-334.

FEUILLET DE CONCHES, Félix. *Lettres inédites de Michel de Montaigne et de quelques autres personnages pour servir à l'histoire du XVIe siècle* (Extrait du troisième volume des *Causeries d'un Curieux*, actuellement sous presse). Paris: Plon, 1863, p. 116-118.

DAUSSY, Hugues. Montaigne et Duplessis-Mornay: les mystères d'une correspondance. In: *Montaigne Studies*, nº 18, 2006, p. 169-182.

Contexto

As questões acerca do manejo das cidades fortificadas e do retorno da rainha de Navarra, que ocupam a correspondência entre Duplessis-Mornay e Montaigne desde a primeira carta, estão já aqui, senão resolvidas, encaminhadas para um desfecho parcialmente favorável ao rei de Navarra (Daussy, 2006, p. 174; Cooper, 2001, p. 113): resultado natural de uma distensão que se faz sentir a partir do início de 1584, o acordo que será firmado em 13 de abril permite a Navarra guardar a posse de Mont-de-Marsan, retira as guarnições católicas de Agen e Condom, e diminui aquela de Bazas (Jouanna, 2017, p. 252). Enfim, sabemos que as relações entre o ensaísta e o papa protestante seguirão[1] (sobre as cartas deste a Montaigne, ver as notas introdutórias da carta 23).

[297]

LETTRE DE M. DV PLESSIS A M. de Montagne en l'an 1584[2]

Monſieur, Nous avons ouï Monsieur de Bellievre. A dire vray, il n'a proposé aultre satisfaction, à l'indignité faicte à la royne de Navarre que l'authorité, & liberté[3] *qu'a un Roi a 1'endroit de ſes ſubjects. Raiſon, comme vous ſçavés, qui tient plus du vinaigre, que de 1'huile ; & mal propre a une plaie ſi ſensible, & en partie ſi nerveuſe: &, je ne ſçais ſi j'oſe dire, peu convenable a la grandeur de nos Princes François, qui ont tousjours attrempé leur ſouveraine puiſſance, d'une equité gracieuſe ; & n'ont jamais diſpoſé de l'honneur de leurs moindres ſubjets, que de gré a gré. Toutesfois le Roi de Navarre à voulu mõſtrer qu'il aimoit mieux rendre le Roi* [298] *ſatisfait, que de 1'eſtre en ſoi meſmes. Et pour cet effet, s'eſt reſolu de ploier ſon honneur ſoubs le reſpect de ſes commandemens. Se reſolvant d'aller voir & recevoir la Roine ſa femme, en ſa maiſon de Nerac: Seulement, qu'on levaſt les garniſons qu'on avoit miſes aux environs, tant afin que cette reception n'euſt aucune apparence de force, que pour la ſeureté de leur ſejour. Vous ſçavés s'il eſt civil de la recevoir en maiſon empruntée, on incivil de demander la liberté en la ſienne. M. de Believre toutesfois en à fait difficulté treſgrande; & de ce pas à eſté deſpeſché ce jourd'huy M. de Clervant vers la Roine de Navarre, & de là tirera vers leurs Majeſtés, leſquelles, à mon aduis, ſe repreſentants le fait paſſé, & le conſiderans en la perſonne du Roi de Navarre, ne le voudront eſconduire en ſi petit acceſſoire ; puis qu'en choſe de telle importance, il à cedé le principal. Iugés en quelle pene ces gens nous mettent. Nous avions reduit tout a meilleur point que preſque il n'eſtoit a eſperer, & maintenant ils marchandent ſur un rien, & nous font perdre credit, ſi noſtre*

Monsieur, já ouvimos *Monsieur* de Bellièvre.[4] Para dizer a verdade, ele não ofereceu outra satisfação pela indignidade feita à rainha de Navarra senão a autoridade e liberdade que um rei possui em relação aos seus súditos. Razão, como sabeis, que tem mais de vinagre do que de azeite, e mal apropriada a uma ferida tão sensível, e em parte tão inflamada, e, não sei se me atrevo a dizer, pouco adequada à grandeza dos nossos príncipes franceses, que sempre temperaram o seu poder soberano com graciosa equidade, e nunca dispuseram da honra, mesmo dos seus menores súditos, a não ser por consentimento mútuo. Contudo, o rei de Navarra quis mostrar que preferia satisfazer o rei que a si mesmo. E, para este fim, resolveu dobrar a sua honra sob o respeito das suas ordens, resolvendo-se ir ver e receber a rainha, sua esposa, na sua casa em Nérac: pediu apenas que se retirassem as guarnições que tinham sido colocadas nas proximidades, tanto para que essa recepção não parecesse ser de algum modo forçada, como para a segurança da sua estadia. Vós sabeis se é civil recebê-la em uma casa emprestada, ou incivil demandar liberdade em sua própria casa. M. de Bellièvre todavia criou aí uma enorme dificuldade; e, a seguir, M. de Clervant[5] foi hoje enviado à rainha de Navarra, e de lá seguirá até Suas Majestades, as quais, na minha opinião, refletindo sobre o que se passou, e considerando-o em relação à pessoa do rei de Navarra, não lhe quererão recusar resolver tão pequeno embaraço, uma vez que em coisa de tal importância, ele cedeu o principal.[6] Julgai em que dificuldade essas pessoas nos colocam. Tínhamos reduzido tudo a um ponto melhor do que se poderia esperar, e agora estão a regatear por um nada – e nos fariam perder crédito, se não fosse

ſincerité n'eſtoit bien connuë envers noſtre Maiſtre. Ie remets le tout a Dieu, Monsieur, lequel je prie. &c. [vous donner en toute prospérité longue vie. Vostre très humble et très obéissant serviteur]

Du Plessis

bem conhecida nossa sinceridade para com nosso *Maître*.[7] Entrego tudo a Deus, *Monsieur*, a quem eu rezo [para lhe dar toda a prosperidade em uma longa vida. Vosso muito humilde e muito obediente servidor].

Du Plessis

NOTAS

1 Por exemplo, Montaigne solicita a Duplesis-Mornay interceder em favor de um de seus irmãos para que este obtivesse o título de *gentilhomme ordinaire de la chambre* do rei de Navarre (cf. Desan, 2014, 449); em outra ocasião, Duplessis-Mornay é solicitado a servir de intermediário à demanda de Navarra para que Montaigne dê sua opinião sobre um projeto de reforma legal a se realizar em Béarn (cf. Bonnefon, 1893, p. 358, nota 1; Jouanna, 2017, p. 252; Anatole, 1975, p. 16; Nakam, 1993, p. 312-313).

2 Na edição de 1863 (*Lettres inédites…*, p. 116), Feuillet de Conches diz que a carta foi escrita em 4 de janeiro (ainda que a datação na assinatura da missiva seja de 14 de janeiro). No entanto, nas *Causeries* (1864), corrige ambas as datas para 25 de janeiro, no que é seguido por Daussy (2006).

3 Edição de 1624: A dire vrai, il n'a propoſé autre ſatisfaction, que l'indignité faitte à la Roine de Navarre, & l'authorité, & liberté || Este passo foi corrigido por Feuillet de Conches, que teve a cópia da carta manuscrita em mãos: "Les Mémoires de Du Plessis-Mornay ont donné une mauvaise version de cette phrase; […] Le texte est ici rétabli d'après l'original" (Causeries, p. 107), e é esta correção que mantivemos na carta.

4 Cf. carta 23, nota 17.

5 Cf. carta 27, notas 2 e 10.

6 O balé diplomático acerca da retirada ou manutenção das guarnições, com o retorno da rainha como questão paralela, ainda durará certo tempo até se firmar o novo acordo (cf. Grün, 1855, p. 332-336).

7 O rei de Navarra.

Carta 32 (4 de fevereiro de 1584)

De Henri III ao prefeito e aos jurados de Bordeaux

Fontes

Segundo Grün, a carta-patente e o *avis* do Conselho de Estado, modificando o resultado das eleições municipais de Bordeaux de 1 de agosto de 1583, datam do mesmo dia (4 de fevereiro de 1584) e estavam conservadas nos archives de la ville de Bordeaux. Ambos os documentos foram diretamente comunicados a Grün, a seu pedido, pelo arquivista bordelês Arnaud Detcheverry. Não tivemos acesso aos originais.

Editio princeps

GRUN, Alphonse. *La vie publique de Montaigne*. Paris: Amyot, 1855, p. 256-258.

Contexto

Nas eleições de 1 de agosto de 1583, Montaigne foi reconduzido a um segundo mandato ao posto de prefeito de Bordeaux – concorrendo contra Merville, governador do castelo de Ha.[1] A escolha do prefeito era decidida por seis membros da *jurade* (dois nobres, dois togados e dois burgueses) de Bordeaux. O pleito de agosto elegeu também três novos jurados – Ramond de la Roque, *sieur* de Budoz (morto dez meses depois, será substituído por Baude de Moncucq[2]); Jean de la Peyre; e Jean Claveau – que substituiriam três do mandato anterior: os outros

três substitutos já haviam sido eleitos em 1582.[3] Na primeira eleição a prefeito, em agosto de 1581, Montaigne já estava em sua viagem à Itália e não anunciou seu nome formalmente para o cargo, mas sua candidatura à revelia ganhou força política por suas afinidades com Henri de Navarra e o rei Henri III. À época, seu adversário, Armand de Gontaut-Biron (que até então acumulava o posto de prefeito de Bordeaux com o de *lieutenant* da Guyenne), pôde concorrer como candidato à prefeitura, mas não contava com a simpatia de nenhum dos dois Henriques e foi derrotado por Montaigne.

A disputa de 1583 teve caráter diferente, Montaigne estava em exercício, os três novos membros da *jurade* eram favoráveis à reeleição e articularam sua permanência no cargo, com o apoio de Matignon, em nome do equilíbrio de forças contra os *ligueurs* na região – ainda que uma coalizão de parlamentares, incluindo parentes de Montaigne, articulassem pela eleição de Merville.[4] O resultado desfavorável levou Merville, alegando manobras políticas de bastidores, a contestar as eleições e a prestar uma queixa formal junto ao Conselho de Estado de Henri III.[5] A contestação tinha embasamento: apesar de não ser inédita, a reeleição para prefeito, como afirmava o *avis* (a advertência formal) do Conselho de Estado, contrariava uma *ordonnance* de Henri II promulgada em 1550, que limitava o dispositivo de recondução ao cargo ao aval do rei. Sete meses depois, embora a reeleição de Montaigne tenha sido confirmada, o Conselho de Estado anulou a eleição dos três novos jurados e publicou um *avis*, que foi seguido de uma carta-patente do rei (ambas datadas de 4 de fevereiro de 1584), comunicando a decisão.[6] É esse material (um extrato do *avis* e a carta-patente do rei) que traduzimos abaixo.

Avis do Conselho de Estado (extrato)

Sur la requeste que Sa Mageste a renvoye dans son conseil d'estat laquelle ceulx de la noblesse et plus saine partie des naturels bourgeois et citoyens de la ville de Bourdeaulx luy ont presenté, tendant a ce que l'eslection faicte le premier jour d'aoust de la personne du sieur de Montaigne pour estre continue maire de ladicte ville les deux annees prochaines apres l'avoir este les deux precedentes, et que l'eslection aussy faicte le mesme jour, des personnes des sieurs de Budos, de Laspeyre et Claveau pour estre nouveaulx jurats de ladite ville seront l'une et l'autre declairee nulles et abuzives et comme telles cassees et annullees et ce faict estre procede a nouvelle eslection d'autres maire et jurats de ladite ville. Semble aux sieurs dudict conseil qu'il doibt estre remys à Sa Mageste d'ordonner sur ce contenu en ladite requeste sellon son bon plaisir et vollonté, bien estimant pour aulcunes bonnes considerations qu'il sera bon que l'eslection dudit Montaigne pour ceste fois demeure confirmee et luy continue en ladite charge de Maire, les deux ans qui luy sont prorogez sans ce tirer a consequence defendant aux habitans de Bourdeaux de plus user de semblables prorogations en l'eslection dudict maire oultre et par dessus les deux ans qui sont a ce prefixes par 1'ordonnance du feu roy Henry en l'an mil cinq cent cinquante sy non que par expresse concession de Sa Magesté il leur fust permis en user ainsy, et quant aux sieurs Budos Laspeyre et Claveau qu'ils doibvent estre assignes audit conseil pour eulx oys et verification sommairement faicte des faicts propozés contre leur ellection, estre par Sa Mageste ordonné ce que de raison, enjoignant aux dits habitants de garder aux susdictes ellections la forme des estatutz de ladicte ville, sans reschercher par praticques et moyens indeubs

Avis do Conselho de Estado

Sobre o pedido que Sua Majestade enviou a seu Conselho de Estado, que lhe apresentaram os da nobreza e a parte mais sã dos burgueses e dos cidadãos naturais da cidade de Bordeaux, referente à eleição realizada no primeiro dia de agosto (da pessoa do *sieur* de Montaigne continuar sendo prefeito da referida cidade pelos próximos dois anos, depois de tê-lo sido nos dois anteriores), e à eleição, também feita no mesmo dia, das pessoas dos *sieurs* de Budos, de Laspeyre e Claveau como novos jurados da referida cidade, serão uma e outra declaradas nulas e abusivas e, como tais, cassadas e anuladas e esse fato será encaminhado para uma nova eleição de outros prefeito e jurados da referida cidade. Que fique claro[7] aos senhores do referido conselho que deve ser confiado a Sua Majestade ordenar sobre o conteúdo do referido pedido segundo o seu desejo e vontade, embora considerando, sob algumas boas razões, que será bom que a eleição do dito Montaigne, desta vez, seja confirmada e ele continue no referido cargo de prefeito os dois anos que lhe são prorrogados sem tirar disso consequência,[8] proibindo aos habitantes de Bordeaux de usar prorrogações semelhantes na eleição do referido prefeito além e ao longo dos dois anos que são prefixados pela ordenança do falecido rei Henrique no ano de mil quinhentos e cinquenta – exceto se por concessão expressa de Sua Majestade eles forem autorizados a fazê-lo. E quanto aos senhores Budos, Laspeyre e Claveau, que devam ser encaminhados ao referido conselho[9] para uma oitiva e para verificação sumariamente feita dos fatos propostos contra a sua eleição, para fazer valer, por Sua Majestade, o que for justo, impondo aos referidos habitantes a guardarem para as referidas eleições a forma dos estatutos da dita cidade, sem procurar por práticas e meios indevidos

les voix ou soufraiges des elizans, et que dores en avant ceulx de la noblesse de ladicte ville y soient appelles pour y avoir voix et baillés leurs soufraiges et y estre admis et estre elleuz aux dictes charges comme les autres habitants, et leur y estre deffendu sellon leur rang et qualité, la regnier, sur peyne s'ils ne sont duhement appelles, que lesdictes ellections seront declairees nulles et en marge et dessous, le Roy entend que ledict advis soit suyvy et d'abondant qu'il soit deffendu aux susdicts Budos, Lapeyre et Claveau de s'imiscer en ladicte charge de jurats que au prealable ils n'ayent este oys et que Sa Magesté n'en ayt ordonné. Faict audict Conseil d'Estat tenu Sainct Germain en Laye le quatriesme jour de febvrier mil cinq cent quatre vingts et quatre.

GUIBERT.

CARTA-PATENTE DE HENRI III

HENRY par la grace de Dieu roy de France et de Pologne au Seneschal de Guyenne ou son conseil à Bourdeaulx salut. Nous vous mandons et ordonnons que l'arrest dont extraict est cy attaché soubz le contre sel de nostre chancellier aujourd'huy donné en nostre Conseil d'Estat vous ayés afaire mestre à pleine et entiere execution sellon sa forme et teneur usant a ces fins des moyens et contrainctes accoustumees en tel cas nonobstant opposition ou appellations quelconques pour lesquelles et sans preiudice d'icelles ne voulons estre differe, mandons en oultre à nos huissiers ou sergent premier, sur ce requis, assigner iour certain et comportant aulxsieurs de Budos, de Lapeyre et Claveau denommés au susdict arrest à comparoir en nostre Conseil d'Estat pour eulx oys et verification sommairement faicte des faicts proposés contre leur ellection, estre par nous ordonné ce que de raison leur faysant cependant tres-expresses deffenses de s'imiscer en ladicte charge de jurats que au prealable ils n'ayent esté oys, et aux habitants de ladicte ville de Bourdeaulx de cy apres proceder à telles prolongations, ains garder aux subsdictes ellections la forme des estatuts

os votos ou os sufrágios dos eleitores. E que, doravante, aqueles da nobreza da dita cidade sejam aí chamados para terem votos, darem os seus sufrágios, serem aceitos e serem eleitos para os referidos cargos como os demais habitantes. E lhes fica proibido,[10] segundo o seu grau e qualidade, negar, sob pena de não serem dignamente convocados, que as ditas eleições sejam declaradas nulas, e de um ponto a outro,[11] o rei quer que o dito *avis* seja seguido, e além disso, que seja proibido aos referidos Budos, Lapeyre e Claveau interferir no referido cargo de jurados até que tenham sido ouvidos, e que Sua Majestade não o tenha ordenado. Feito no referido Conselho de Estado realizado em Saint Germain en Laye no dia quatro de fevereiro de mil quinhentos e oitenta e quatro.

GUIBERT[12]

CARTA-PATENTE DE HENRI III

HENRY pela graça de Deus rei da França e Polônia ao Senescal de Guyenne ou seu conselho em Bourdeaulx, saudações. Nós vos informamos e ordenamos que a decisão[13] – cujo extrato segue em anexo, sob o contrasselo do nosso chanceler –, proferida hoje em nosso Conselho de Estado, vós a façais cumprir em plena e inteira execução segundo a sua forma e teor utilizando para esse efeito os meios e forças habituais em tal caso, não obstante a oposição ou quaisquer apelações para as quais, e sem prejuízo daquelas, se queiram contestar. Informamos também aos nossos *huissier* ou primeiro sargento[14] a esse respeito, para que designem dia certo e conveniente aos senhores de Budos, de Lapeyre e Claveau, citados na dita decisão, a comparecerem perante o nosso Conselho de Estado para uma oitiva e verificação sumariamente feita sobre os fatos apresentados contra sua eleição para fazer valer, por Sua Majestade, o que for justo, fazendo-lhes, no entanto, proibições muito expressas de interferir no referido cargo de jurados até que tenham sido ouvidos, e [proibindo] aos habitantes da dita cidade de Bordeaux de adotarem tais prolongamentos – mas antes conservar, nas ditas eleições, a forma

de ladicte ville sans reschercher plus par praticques et moyens indeulz les voix et soufraiges des ellecteurs et que doresenavant ceulx de la noblesse y soient appellés pour y avoir voix et bailler leurs soufraiges et estre admis et elleuz aux dictes charges comme les autres habitants de ladicte ville et leur estre deffendu sellon leur rang et qualité la regnier, sur peyne s'ilz ne sont duhement appellés que lesdictes ellections seront declairees nulles, et qu'il sera par nostre dict huissier ou sergent signifié à toutes les personnes et communaultés qu'il appartiendra et dont sera requis sans qu'il soit tenu demander aulcune permission placet ni pareatis car tel est nostre playsir. Donné a Sainct Germain en Laye, le quatriesme jour de febvrier, l'an de grace mil cinq cent quatre vingt quatre et de nostre regne le dixiesme. Signé par le Roy en son conseil, Guibert et sellées du grand sel de cire jaulne a simple queue.

dos estatutos da referida cidade, sem procurar mais práticas e meios indevidos às vozes e sufrágios dos eleitores. E que, doravante, aqueles da nobreza da dita cidade sejam aí chamados para ter voz, dar os seus sufrágios, serem aceitos e eleitos para os referidos cargos como os demais habitantes da dita cidade. E lhes fica proibido,[15] segundo o seu grau e qualidade, negar, sob pena de não serem dignamente convocados, que as ditas eleições sejam declaradas nulas, e que será dado a conhecer, por nosso *huissier* ou sargento, a todas as pessoas e comunidades o que for necessário e o que for solicitado, sem que seja necessário pedir permissão, consentimento ou *pareatis*,[16] porque tal é o nosso desejo. Dado em Saint Germain en Laye, no dia quatro de fevereiro do ano da graça de mil quinhentos e oitenta e quatro, e décimo [ano] do nosso reinado. Assinado pelo rei em seu conselho, [por] Guibert[17] e selado com o grande selo de cera amarela de cauda simples.[18]

NOTAS

1 Para o contexto, ver Trinquet, 1974.

2 Grun, 1855, p. 275.

3 Jouanna, 2017, p. 247. Segundo a *Chronique bordelaise*, entre 1582 e julho de 1583, a *jurade* era composta por *messieurs* Guillaume de Cursol, de Turmet, Fort, Geoffroy d'Alesme, Jean Galopin e Pierre Reynier. Cf. Lurbe & Darnal, 1619, p. 56r.

4 "Il est peu probable que Montaigne ait milité pour se faire réélire. Mais Matignon tenait à sa présence à la tête du corps municipal, indispensable pour mettre en échec les ultracatholiques bordelais qui, ralliés comme tous ceux de l'ensemble du royaume sous la bannière des Guises, se montraient de plus en plus actifs. L'enjeu était important: si la faction guisarde plaçait l'un des siens à la mairie, elle pouvait faire basculer la ville entière dans son camp. Aussi soutint-elle un candidat fermement acquis à la cause de l'éradication de l'hérésie: ce fut le capitaine de la forteresse du Hâ, Jacques de Pérusse des Cars, seigneur de Merville, grand sénéchal de Guyenne depuis avril 1567 à la suite de son frère François" (Jouanna, 2017, p. 248). Cf. carta 22, nota 19.

5 O Conselho de Estado era uma instituição diretamente ligada ao rei, formada por um *corpus* de funcionários, juristas e conselheiros não venais, similar a uma Suprema Corte (tanto para questões jurídicas e penais como para questões econômicas), mas sob autoridade do rei.

6 No entanto, os três jurados foram confirmados um pouco depois, por uma carta, do dia 3 de maio, de um dos secretários de Estado de Henri III, Nicolas de Villeroy. Cf. Jouanna, 2017, p. 249.

7 No original, "*semble*".

8 Quer dizer, sem que isso se repita.

9 Ao Conselho de Estado

10 Aos três jurados.

11 No original, "*en marge et dessous*". A expressão parece dar uma ideia de totalidade do texto promulgado.

12 Provavelmente, Louis Guibert, *seigneur* de Bussy, à época secretário de finanças e do Conselho de Estado de Henri III.

13 No original, "*arrêt*". O termo é aplicado, na cena jurídica, para uma sentença à qual não cabe apelo.

14 *Huissier* e *sergent* eram oficiais de justiça, encarregados de dar apoio aos magistrados e de realizar tarefas jurídicas.

15 Aos três jurados.

16 Um *pareatis* é uma ordem para que se execute uma decisão judicial fora da jurisdição que a proferiu.

17 Provavelmente, Louis Guibert, *seigneur* de Bussy, à época secretário de finanças e do Conselho de Estado de Henri III.

18 Os selos em cera, verde ou amarela, eram utilizados pela alta nobreza e pelas instituições eclesiásticas para marcar os atos públicos particularmente importantes. A "cauda" era um pequeno furo na cera, por onde passava uma fita (simples ou dupla) de pergaminho, couro, seda, cânhamo, etc., usada para fixar o selo no documento.

Carta 33 (5 de março de 1584)

Do prefeito e jurados de Bordeaux a Henri III

Fontes

Archives Nationales, collection de Harlay, 339/7, fól. 151r. Para o original, utilizamos a transcrição de Grün.

Editio princeps

GRUN, Alphonse. *La vie publique de Montaigne*. Paris: Amyot, 1855, p. 258-260.

Contexto

Esta carta faz parte do *imbroglio* da reeleição de Montaigne à prefeitura de Bordeaux, em 1 de agosto de 1583.[1] Uma vez que o Conselho de Estado, a pedido do candidato derrotado, Merville, divulgou seu *avis* e o rei emitiu sua carta-patente (em 4 de fevereiro de 1584), confirmando Montaigne no posto, mas anulando a eleição dos três jurados que haviam sido escolhidos na mesma eleição (os senhores de Budoz, Jean de la Peyre e Jean Claveau), a *jurade* se organiza e escreve a Henri III contestando a decisão do conselho. Tratava-se de uma derrota, mesmo com a reeleição de Montaigne, e que afetava o funcionamento da instituição. Com seu *staff* reduzido de seis para três membros, Montaigne e os parlamentares alegam os custos pessoais e os volume de trabalho decorrentes da decisão – sem

contar a humilhação pública pela reprimenda real. A carta, assinada por Pichon, secretário da prefeitura de Bordeaux, em nome dos jurados, resultou em um parecer favorável: cerca de um mês depois, os três jurados foram confirmados no cargo por uma carta, do dia 3 de maio, de um dos secretários de Estado de Henri III, Nicolas de Villeroy.[2]

Sire,

Ayants aucuns de ceste vostre ville pour des passions particulieres appelé de l'election et contination de maire em la personne du sieur de Montaigne, et election de trois nouveaulx iurats faite au mois d'aoust dernier, et fait poursuite de leur appel en vostre cour de parlement, ils auroient en se departant de leur premiere poursuite sans nous faire assigner, presenté requeste a Vostre Maiesté tendant à nouvelles fins, plaine de plusieurs faulx faicts, et à nostre defaut obtenu arrest de vostre conseil d'Estat par lequel entre autres choses lesdicts nouveaulx iurats auroient esté interdicts de l'exercice de leurs charges iusques à ce qu'ils eussent esté ouys en vostre dit conseil;

Sire,

Si nous eussions eu cet heur que d'estre entendus en nos raisons nous eussions esperé faire paroistre à Vostre Maiesté que toutes les formes contenues par nos statuts et privilleges ont esté soigneusement et religieusement gardees en ladite election, et qu'il fust fait le choix de vingt quatre preudhommes, bourgeois notables et non suspects, lesquels par ensamble auroient faict due eslection des dicts iurats, personnes de bien et d'honneur, comme nous aurions cognu par experiance de leurs deportements en leurs charges. L'interdiction leur a depuis esté signifiee, sans pourtant les assigner en vostre conseil, en maniere que de six iurats il ne nous en reste plus que trois en service qui en demeurent d'aultant surchargés, et le service publicq retardé, chose qui requiert prompte provision et reglement que nous supplions tres humblement Vostre Maiesté vouloir ordonner pour la conservation de nostre honneur en ladite election, et des droicts et privilleges de ladicte ville, esquels nous avons esté maintenus par les rois vos devanciers que Dieu absolve, et par Vostre Maieste iusques à presant, et ne permettre qu'à l'avenir telles

Sire,

Tendo alguns desta vossa cidade, por paixões particulares, apelado da eleição e continuação do prefeito, na pessoa do *sieur* de Montaigne, e da eleição de três novos jurados feita em agosto passado, e feito prosseguimento de seu apelo em vossa Corte do Parlamento, teriam, ao afastarem-se do seu primeiro processo sem nos terem intimado,[3] apresentado requerimento a Vossa Majestade, buscando novos fins, cobertos de vários fatos falsos, e, em nossa ausência,[4] obtido decisão[5] do vosso Conselho de Estado – pelo qual, entre outras coisas, os ditos novos jurados foram impedidos do exercício de seus cargos até que tenham sido ouvidos em vosso referido Conselho.

Sire,

Se tivéssemos tido a sorte de sermos ouvidos em nossos argumentos,[6] teríamos esperado mostrar a Vossa Majestade que todas as formas contidas em nossos estatutos e privilégios foram cuidadosa e religiosamente guardadas na referida eleição, e que foi feita a escolha de vinte e quatro eminentes,[7] burgueses notáveis e não suspeitos, que juntos teriam feito a devida eleição dos ditos jurados, pessoas de bem e honra, como saberíamos pela experiência de suas condutas em seus cargos. A proibição já lhes foi notificada,[8] sem no entanto os atribuir em vosso conselho, de modo que de seis jurados não nos restam senão três em serviço, que continuam a esse respeito sobrecarregados, e o serviço público atrasado, coisa que requer pronta ação e solução, que muito humildemente suplicamos a Vossa Majestade querer ordenar para a preservação de nossa honra na referida eleição, e dos direitos e privilégios da referida cidade – dos quais fomos mantidos pelos reis, vossos predecessores, que Deus os tenha, e por Vossa Majestade até agora –, e não permitir que, no futuro, tais divisões sejam toleradas, as quais não podem

divisions soient tollerees, lesquelles ne peuvent engendrer que desordre, confusion et mespris de nos charges, ains que les reglements pourtes par les arrests de vostre cour de parlement, donnés en semblables matieres et confirmés par Vostre Maieste soient effectués nous eussions envoié près Vostre Maiesté le procureur et syndic de vostre dicte ville pour vous faire entendre nos plainctes et doleances sur ce fait et autres plus amplement, n'eust esté que monsieur le mareschal de Matignon a iugé selon sa prudence n'estre expediant que pour le presant aucung de nous abandonnast le service de vostre ville.

Sire,

II y a une instance pendant en vostre conseil d'Estat entre les iuges presidiaux de ceste dicte ville et nous, touchant nos preceances. Nous supplions tres humblement Vostre Maiesté de faire surseoir la poursuite de ladicte instance pour cinq à six mois, et iusques à ce que les affaires nous permettront envoier ung de nous pres Vostre Maiesté pour luy representer que le droict que nous pretendons en cela n'est autre que celuy qui nous a esté attribué par les edicts des roys vos predecesseurs et par vous confirmé et auquel nous avons esté maintenus par les arrests de vostre dicte cour de parlement donnés toutes parties ouyes, et sur l'asseurance que nous avons que nos tres-humbles requestes qui ne tendent qu'au bien de vostre service et plus seure manutention de ceste vostre dicte ville sous vostre obeyssance nous seront accordees par vostre debonnaireté plus que paternelle.

Sire,

Nous supplierons tres-humblement le Createur donner perpetuel accroissement aux prosperités et felicités de Vostre Maiesté.

Bourdeaux, ce 5 mars 1584.

Vos tres humbles, tres obeyssans et tres devotieux subiects les maires et iurats de vostre ville de Bourdeaux.

DE PlCHON

senão gerar desordem, confusão e desprezo por nossos cargos. Assim, para que as regulamentações feitas pelas decisões de vossa Corte do Parlamento, dadas em matérias semelhantes e confirmadas por Vossa Majestade, sejam efetuadas, teríamos enviado, junto a Vossa Majestade, o porcurador e síndico de vossa dita cidade para vos fazer ouvir nossas queixas e pedidos sobre este fato e outros mais gerais, não fosse o marechal de Matignon julgar, de acordo com sua prudência, não ser conveniente que, no presente, algum de nós abandonasse o serviço de vossa cidade.

Sire,

Há uma ação pendente em vosso Conselho de Estado entre os juízes presidentes desta dita cidade e nós, envolvendo nossas presenças.[9] Nós suplicamos muito humildemente a Vossa Majestade que suspenda o andamento da dita ação por cinco ou seis meses, e até que os afazeres nos permitam enviar um de nós junto a Vossa Majestade. Para que ele mostre que o direito que reivindicamos nisso não é outro senão aquele que nos foi atribuído pelos éditos dos reis vossos predecessores, e por vós confirmado, e ao qual fomos mantidos pelas decisões de vossa dita Corte do Parlamento, todas as partes ouvidas, e sobre a certeza que temos de que nossos muito humildes pedidos, que não tendem senão para o bem de vosso serviço e a mais segura manutenção desta vossa dita cidade, sob vossa obediência nos serão concedidos por sua bondade mais do que paternal.

Sire,

Nós suplicaremos muito humildemente ao Criador dar perpétuo crescimento às prosperidades e felicidade de Vossa Majestade.

Bordeaux, neste 5 de março de 1584.

Vossos muito humildes, muito obedientes e muito devotados súditos, o prefeito e os jurados de vossa cidade de Bordeaux.

DE PICHON[10]

NOTAS

1 Para o contexto, ver Trinquet, 1974. Cf. carta 32.

2 Cf. Jouanna, 2017, p. 249.

3 No original, "*sans nous faire assigner*". A expressão parece dizer que os envolvidos não receberam o processo por escrito.

4 No original, "*à notre defaut*". Indica-se que os envolvidos não tiveram a chance de se defender por conta de ausência perante a justiça.

5 No original, "*arret*".

6 No original, "*raisons*".

7 No original, "*preudhommes*".

8 No original, "*signifié*".

9 No original, "*preceances*". Interpretamos o termo pelo contexto.

10 Muito provavelmente, Richard Pichon, secretário da prefeitura de Bordeaux.

Carta 34 (23 de abril de 1584)

A *Monsieur* Dupuy

Fontes

Paris, BnF (Richelieu), Fonds Dupuy 712, fol. 1bis – 1ter. Mms, p. 674, nº 6.

O catálogo da BnF descreve o material como "Recueil de Lettres, émanant pour la plupart de savants français de la fin du XVIe siècle et adressées à divers membres de la famille Dupuy (1572-1634)".

Fac-simile

https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b100338873/f2.imagehttps://montaigne.univ-tours.fr/lettre-dupuy-23-avril-1584/

Editio princeps

VILLEMAIN, Abel-François. Michel de Montaigne. In: *Galerie française. Ou, collection de portraits des hommes et des femmes qui ont illustré la France dans les XVIe XVIIe et XVIIIe siècles*.[1] Tome 1. Paris: Didot, 1821, p. 135-138.

A carta completa (com assinatura de Montaigne), autografada (fac-similada à mão, como todos os outros documentos primários da edição), aparece em folha não paginada suplementar ao artigo, mas sem qualquer informação editorial sobre destinatário, conteúdo ou data da epístola, nem sobre a origem do

manuscrito. Não se trata propriamente, portanto, de uma *editio princeps*, mas foi a primeira vez que a carta veio a público de modo impresso.

Edições

MONTAIGNE, Michel de. *Œuvres complètes*. Albert Thibaudet & Maurice Rat (ed.). Paris: Gallimard, 1962, p. 1380-1381. [Bibliothèque de la Pléiade]

Legros. Alain. *Montaigne manuscrit*. Paris: Classiques Garnier, 2010, Lettres et missives de Monsieur de Montaigne, nº 6, p. 674-675.

Contexto

O jurista, historiador, bibliotecário Claude Dupuy (1545-1595), famoso humanista, amigo e colaborador de diversos eruditos importantes (alguns próximos a Montaigne: por exemplo, Turnèbe, Dorat, Lambin, Cujas, De Thou, Muret), foi um dos conselheiros-magistrados compondo o tribunal de justiça itinerante enviado por Henri III à Guyenne (cf. carta 19). Montaigne solicita aqui a sua simpatia para com um homem processado pela justiça,[2] o qual fora educado em sua casa,[3] procurando testemunhar e argumentar em favor de sua inocência com base em sua conduta, vínculos familiares e sua ligação pessoal de amizade com este – e prestando-se à obrigação de um favor extremo, contraída com o corrente pedido de consideração.

{Secrétaire}

A Monsieur
Monſieur ∂u Puy Conſeillier ∂u Roy
en ſa co˜ de parl˜ de Paris

A Xaintes

{Montaigne}

†[4]
Monſieur laction du s^r de ueires priſounier qui
m'est treſbien conue merite qu'a ſon iugemant
uous aportes uostre douceur naturelle ſi en
cauſe du monde uous la pouues iustemant aporter
Il a faict choſe non ſulemāt excuſable ſelon
les loix militeres de ce ſiecle mais neceſſere
& come nous uiuōs louable Et l'a faict ſans
doubte fort presse et enuis Le reste du cours
de ſa uie n'a rien de reprochable Ie uous ſupplie
monſieur y ēploïer uostre attantion uous trouuerres
lair de ce faict tel que ie uous le repreſante qui
est pourſuiui par vne uoïe plus malitieuſe que n'est
lacte meſmes Si cela y peut aussi ſeruir ie vous
ueus dire que c'est vn home nourri en ma maiſō
apparāte de pluſieurs honestes familles & ſurtout

{Secretário}

Ao *Monsieur*,
Monsieur Dupuy, conselheiro do rei
em sua corte do Parlamento de Paris

Em Saintes

{Montaigne}

†
Monsieur, a ação do *sr.* de Veires,[6] prisioneiro, que
conheço[7] muito bem, merece que em seu julgamento
vós mostreis vossa natural gentileza, pois não há
causa no mundo em que vós a podeis mais justamente mostrar.
Ele fez algo não somente desculpável de acordo com
as leis militares deste século, mas necessária
e, segundo nossos costumes,[8] louvável.[9] E sem
dúvida o fez bastante constrangido e contrariado. O restante do curso
de sua vida nada tem de reprovável. Eu vos rogo,
Monsieur, de a isso dedicar vossa atenção: achareis o
aspecto desse fato, tal como vos apresento,
sendo processado[10] por uma via mais maldosa do que o
próprio ato. Se isto aí também puder ajudar, quero vos
dizer que ele é um homem educado em minha casa,
aparentado a diversas famílias honestas e, acima de tudo,

qui a touſiours ueſcu honorablemãt et innoçãmãt
qui m'eſt fort ami En le ſauuant uous me
charges d'une extreme obligatiõ ie vous
ſupplie treſhũblemat l'auoir pour recõande
& apres uous auoir baiſe les meins prie dieu
vous doner

Moſieur logue & hureuſe vie Du castera
ce 23 d'auril[s]

Vo'tre affectione
ſeruitur mõtaigne

que sempre viveu honrada e inocentemente,
e que é muito meu amigo. Ao salvá-lo, vós me
impondes uma extrema obrigação. Eu vos
suplico muito humildemente de o ter por recomendado
e após vos beijar as mãos, oro a Deus
para que vos conceda,

Monsieur, vida longa e feliz. De Castéra,[11]
em 23 de abril.

Vosso zeloso servidor,
Montaigne

NOTAS

1 A *Galerie française* editada por Didot é a retomada de um projeto editorial com o mesmo título, do início dos anos 1770: Galerie française, ou Portraits des hommes et femmes célèbres qui on paru en France [...] avec un abrégé de leur vie par un Société de gens de Lettres. Paris: Herissant le Fils, 1770-1771. O objetivo era fornecer gravuras (em *taille-douce*) de celebridades do mundo das letras e das artes acompanhadas de uma breve bibliografia. Nessa edição original, não aparece uma seção para Montaigne.

2 Por um ato que não é relatado na carta, e do qual não temos conhecimento por outras fontes até agora.

3 Como "*page*": *Ensaios* III, 5, 883-884 (cf. Legros, 2010, p. 676). Jouanna (2017, p. 127) chama a atenção para mais duas outras menções desse tipo de educando presente na casa de Montaigne: a primeira refere-se a um jovem pajem morto em uma emboscada durante um episódio das guerras civis (*Ensaios* II, 5, 366); a outra, a uma mulher nobre educada por sua esposa (*Efemérides de Beuther*, 4 de abril).

4 O sinal da cruz antecede o texto de diversas cartas autógrafas de Montaigne até 12 de fevereiro de 1585.

5 O ano não consta no manuscrito, mas o tribunal itinerante instituído por Henri III na Guyenne, no qual Dupuy era juiz, estava em Saintes em abril de 1584.

6 Legros considera muito provável que este tenha sido um dos filhos de Ogier de Gourgues, *baron* de Vayres ou Veyres (cf. carta 18, nota 7).

7 Montaigne conhece obviamente o homem em favor do qual procura interceder, mas aqui é a ação que ele está afirmando conhecer (*connue*), ou seja, ele sabe exatamente o que houve e por isso afirmará a seguir que a forma ou o rito legal pelo qual o caso está sendo tratado não é adequado.

8 No original, "comme nous vivons", isto é, "segundo nossa maneira de viver". Escolhemos o termo "costume" para referir a tradução à importância dos costumes como fonte do direito na época.

9 Levada em conta em descrição do fato, a hipótese mais comum é de algum feito de armas, como um duelo. Legros (2010, p. 676) aduz a isso um comentário que mostra como o pensador está também presente nas cartas montaignianas: "Mais c'est le philosophe qui transparaît lorsqu'il est demandé au collègue parisien en mission à Saintes de juger cette cause en tenant compte des mœurs de l'époque, qui font estimer 'louable' une action qu'en d'autres temps on estimerait blâmable, autrement dit de relativiser son jugement".

10 O missivista parece estar se referindo à via processual escolhida, o que presume que o fato foi qualificado mais gravemente do que deveria.

11 "Il existe en Gascogne plusieurs localités du nom de Castera, [...]; mais il est probable que le lieu où a été écrite cette lettre est le Castera, paroisse Saint-Germain-d'Esteuil [...]. Cette seigneurie, fort ancienne, appartenu, par suite de son mariage avec Jacquette d'Arsac, à Thomas de Montaigne, seigneur d'Arsac, de Lilhan et de Loyrac, frère de Michel de Montaigne" (Payen, 1847, p. 24).

Carta 35 (12 de julho de 1584)

Ao Marechal Matignon [4]

Fontes

O texto foi conservado entre os papéis de Matignon, hoje nos *Archives du Palais Princier* (Mônaco). Cota: J 131, f° 297 r° (texte) et v° (adresse). mms, p. 676, nº 7. O texto da carta tem a letra cursiva de Montaigne; o endereçamento tem outra cursiva, provavelmente seu secretário.

Cópia do século XVIII nos mesmos Archives: cota J 90, fol. 106v

Fac-símile

https://montaigne.univ-tours.fr/lettre-matignon-12-juillet-1584/

Editio princeps

LABANDE, L.-H. Correspondance de Montaigne avec le marechal de Matignon (1582-1588). In: *Revue du Seizième siècle*, Tome 4, Fasc. 1/2 (1916), p. 1-15. Reimpr. In: LABANDE, L.-H. *Correspondance de Montaigne avec le Marechal de Matignon* (1582-1588). Paris: Edouard Champion, 1916.

Edições

MONTAIGNE, Michel de. *Œuvres complètes*. Albert Thibaudet & Maurice Rat (ed.). Paris: Gallimard, 1962, p. 1381-1382. [Bibliothèque de la Pléiade]

LEGROS, Alain. *Montaigne manuscrit*. Paris: Classiques Garnier, 2010, Lettres et missives de Monsieur de Montaigne, nº 7, p. 676-678.

Contexto

Montaigne relata o recebimento da carta com a ordem recebida de Matignon de retornar até ele, para indiretamente se desculpar por continuar a diferi-la. Satisfação que é ainda mais necessária, dada uma circunstância tão grave quanto é a morte a um mês do único irmão que restava ao rei sem descendência que continuava a ser Henri III, e assim a nova situação de Navarra como herdeiro da coroa – e por extensão, o impacto sobre a condição política do próprio ensaísta (Legros, 2010, 678; Jouanna, 2017, 253 e seq.; Desan, 2014, p. 443). Este, entretanto, mostra que continua a ter ambas as mãos em plena obra a serviço da coroa francesa, passando informações importantes, e sem deixar, por esse modo mesmo, de indicar muito sutilmente sua visão das coisas.

{Secrétaire}

A Monseigneur

Monſeigneur ∂e Matignon
mareſchal ∂e france a Bourds

Mons^r de Montaigne du XII^e Juillet 1584

{Montaigne}

†
Monſeignur ie uiens tout preſantemãt de
receuoir la uostre du 6 et uous mercie treſhũblemãt
de quoi par le comãdemãt que uous me faictes de
m'en retourner uers uous uous montres quelque ſigne
de n'auoir pas mon assistace pour deſagreable C'est
le plus grand bien que i'atande de cete miene charge
publique et eſpere au premier iour vous aler trouuer
Tout ce que ie uous puis dire cepan∂ant c'est que
mess^rs ∂u plessy de quitry et leur grande famille ſont
partis deſpuis hier matin de ſ. foi Les dames & trein
qu'ils meinẽt alõgerõt leur retour uers le roy de nauarre
Vous aues ſceu qu'a leur ẽtreueue des beins d'encausse
mõſ^r deſpernõ ſe reſolut d'aler a Banieres & uoir
ſ. m. a Pau le dixieme du preſant ou ils ont ^a cõferer

{Secretário}

A *Monseigneur*

Monseigneur de Matignon
Maréchal de France em Bordeaux

{Montaigne}

†
Monseigneur, acabo de receber a
vossa carta do dia 6 e muito humildemente vos agradeço
porque, pela ordem que me dais
para retornar até vós, mostrais algum sinal de
não ter a minha assistência por desagradável.[1] É o
maior bem que espero deste meu cargo
público e espero ir vos encontrar no primeiro dia.
Tudo o que posso dizer por enquanto é que
messieurs Du Plessis,[2] de Quitry[3] e sua grande família
deixaram Sainte-Foy[4] ontem de manhã. As damas e a comitiva
que conduzem prolongarão seu retorno ao rei de Navarra.
Soubestes que em vosso encontro nos banhos de Encausse,[5]
monsieur de Épernon[6] decidiu ir a Bagnères[7] para ver
Sua Majestade em Pau,[8] no dia 10 deste mês – onde poderão conversar

aueq plus de priuaute Ie croi que le roy de nauarre
le uerra ẽcores au retour de Banieres audict lieu de
Pau & ne ſçai ſi cepanɔãt il pourra faire une
courſe a Nerac Il est tout ampeſche a digerer la
requeste que ceus ɔu bas païs lui fõt de prãdre la
place de mõſieur pour la protection de leurs affaires aus
quels affaires ils treuuẽt tout plein de bones eſperances
Ie ne fois nul ɔoubte qu'a ſon tour la roine de Nauarre
n'aïe ſa part des ces uiſitatiõs Atanɔãt de vous
baiſer les meins bien tost ie ne vous dirai ſinõ
que ie ſupplie dieu

Monſieur uous doner longue & hureuſe vie
De mõtaigne ce 12 Iuil

Vo'tre treſhũble
ſeruitur mõtaigne

com mais privacidade.[9] Creio que o rei de Navarra
voltará a vê-lo no regresso de Bagnères à dita localidade de
Pau e não sei se no intervalo ele poderá fazer uma
incursão a Nérac. Ele está completamente ocupado em estudar o
pedido que os dos Países Baixos lhe fazem para tomar o
lugar de Monsieur[10] para a proteção de seus negócios,
negócios em que encontram muitas boas esperanças.
Não tenho dúvidas de que por sua vez a rainha de Navarra
não tenha sua parte nessas inspeções.[11] Esperando para
beijar vossas mãos em breve, não vos direi mais nada, exceto
que suplico a Deus,

Monsieur, vos conceder vida longa e feliz.
De Montaigne, em 12 de julho.

Vosso muito humilde servidor,
Montaigne.

NOTAS

1 Há aqui certamente uma fina ironia que serve como desculpa cavalheiresca pela reticência em simplesmente obedecer de forma imediata.

2 Cf. notas introdutórias da carta 24.

3 Jean de Chaumont, *seigneur* de Quitry, outro conselheiro de Navarra.

4 Cf. carta 32, nota 1. Essa "grande família" é provavelmente a corte de Navarra que visitará Montaigne a seguir (cf. carta 36).

5 Encausse-les-Thermes é hoje uma cidade situada no departamento da Haute-Garonne, na região da Occitanie.

6 Jean-Louis de Nogaret de La Valette, então um dos mais importantes favoritos de Henri III, ao lado de Anne de Joyeuse, concentrou grande poder em suas mãos, tendo sido elevado à condição de duque e *pair de France* em 1582. Casado em 1587 com Marguerite de Foix-Candale iria ainda se manter durante longo tempo em evidência no cenário político francês. Sua missão é convencer o rei a abjurar a fé católica agora que este se tornou o herdeiro do trono (Cooper, 2001, p. 114-115; Legros, 2010, p. 678).

7 Bagnères-de-Bigorre é hoje uma cidade no departamento dos Hautes-Pyrénées, na região da Occitanie.

8 Atualmente a capital do departamento dos Pyrénées-Atlantiques, na região da Nouvelle-Aquitaine. Então capital do Béarn e residência de Henri de Navarra nesse momento.

9 Certamente a respeito da conversão de Navarra ao catolicismo exigida pelos católicos para que este pudesse ocupar o trono.

10 O título "*Monsieur*" designa aqui o mais velho dentre os irmãos do rei: no caso, François de France, Duc de Alençon, morto de tuberculose em junho de 1584, e a quem a denominação se personalizou como seu apelido: não por acaso o édito de Beaulieu será conhecido como a "Paz de *Monsieur*" precisamente em função do papel central por este aí desempenhado (e pelo qual receberá o título de duque também d'Anjou). Os Países Baixos tendo se colocado sob sua tutela em 1580 (o que fará dele duque também de Brabant), após romper com a Espanha, têm agora com sua morte perigosamente vago o lugar de seu protetor regente e é natural que se inclinem para o lado do rei de Navarra. Cf. Legros (2010, p. 678).

11 No original "*visitations*", aqui com o sentido de participação no exame da requisição feita ao rei de Navarra. Afirmando assim a concórdia, enfim, entre os consortes reais, o missivista nos deixa no ar sobre a participação da rainha Margot na situação política – embora esta seja certa.

Carta 36 (19 de agosto de 1584)

Ao Marechal Matignon [5]

Fontes

Pièce originale conservée à Monaco, Archives du Palais Princier: J 131, f° 132 r° (texto) et v° (endereço).

Fac-símile

https://montaigne.univ-tours.fr/lettre-matignon-19-aout-1584/

Edições

MONTAIGNE, Michel de. *Œuvres complètes*. Albert Thibaudet & Maurice Rat (ed.). Paris: Gallimard, 1962, p. 1382 [Bibliothèque de la Pléiade].

LEGROS. Alain. *Montaigne manuscrit*. Paris: Classiques Garnier, 2010, Lettres et missives de Monsieur de Montaigne, n° 8, p. 679-680.

Contexto

Montaigne escreve a Matignon para dar notícia de si: a mudança de ares proporcionada pela viagem de Bordeaux à sua casa melhorou sua saúde. Não por acaso, pois a peste polui o ar da cidade (Cooper, 2001, p. 115). E a seguir, pela primeira vez, marca Legros (2010, p. 680), vê-se o ensaísta estigmatizar os

protestantes em suas cartas – porém, devemos notar, acusando-os de uma falta também reconhecida como comum aos católicos (notadamente na "Apologia de Raymond Sebond"): a distância entre o discurso e a ação, indicando que certas profissões de fé são apenas aparentes.

{Montaigne}

A monseignur

monſeignur de
matignon mareſchal
de france

{Montaigne}

†
Monſeignur ie ne vois icy rien digne
de vous toutefſois ſous le titre des
faueurs que uous me faictes & des la priuaute que uous me dones pres
de vous i'oſe vous faire ceteci
ſulemāt pour vous auertir de ma
sante qui ſ'est vn peu amandee au
changemant de lair Ie me ranɔis
ici d'une trette qui est bien longue
Ie trouuai pres de ceans que des
ians de bien de la reformatiõ de
ſ. foi auoīt tue vn poure tailleur
de cinquãte ou ſoixãte coups de
ciſeaus ſans autre titre que de lui
pranɔre uint ſous & vn mãteau qui
en uaut ɔeus fois autãt Ie vous baiſe

{Montaigne}

A *Monseigneur*

Monseigneur de
Matignon *Maréchal*
de France.

{Montaigne}

†
Monseigneur, não vejo nada aqui digno
de vós. Porém, em nome dos
favores que me fazeis e da privacidade que me concedeis junto
a vós, atrevo-me a escrever esta carta
apenas para vos informar sobre minha
saúde, que melhorou um pouco com
a mudança de ares. Cheguei aqui
de uma só e bem longa tirada.
Soube perto daqui que
pessoas de bem da reforma[1]
de Sainte-Foy[2] haviam matado um pobre alfaiate
com cinquenta ou sessenta tesouradas
sem nenhum outro motivo senão
tirar-lhe vinte soldos e um casaco que
valia pouco mais que o dobro. Eu vos beijo

treſhũblemãt les meins & ſupplie
dieu vous doner

Monſeignur treſhuruſe & longue vie
De motaigne ce 19 aout 1584

Vo'tre treſhũble
ſeruitur mõtaigne

humildemente as mãos e suplico
a Deus de vos conceder,

Monseigneur, muito feliz e longa vida.
De Montaigne, em 19 de agosto de 1584.

Seu muito humilde servidor,
Montaigne.

NOTAS

1 O termo *reformation* (o termo *réforme* ainda não existe; cf. Azar Filho, 2022, p. 149) é utilizado nos *Ensaios* para designar uma noção geral de reparação e correção cujas acepções podem variar bastante, mas, como aqui, em geral empregada para marcar sua suposta usurpação ideológica – do ponto de vista moral, político ou religioso – pelos "religionnaires".

2 Cf. carta 30, nota 1.

Carta 37 (10 de dezembro de 1584)

Aos jurados da cidade de Bordeaux [2]

Fontes

Bordeaux (Archives municipales, cota BB 185, 33). Parte do autógrafo foi destruído no incêndio de 1862.

Descoberto por Arnaud Detcheverry (por volta de 1850). A reconstituição de Alain Legros para os trechos danificados aparece entre <…>

Fac-símile

https://montaigne.univ-tours.fr/lettre-jurats-bordeaux-10-decembre-1584/

Editio princeps

DOSQUET, Charles; LAMOTHE, Leonce de. *Compte-rendu des travaux de la Commission des monuments historiques et des bâtiments civils du département de la Gironde pendant l'année* 1854-55 (XVIe année). Paris: Libraire Archeologique Didron, 1855, p. 56.

Edições

MONTAIGNE, Michel de. *Œuvres complètes*. Albert Thibaudet & Maurice Rat (ed.). Paris: Gallimard, 1962, p. 1382-1383. [Bibliothèque de la Pléiade]

Legros. Alain. *Montaigne manuscrit*. Paris: Classiques Garnier, 2010, Lettres et missives de Monsieur de Montaigne, nº 9, p. 680-681.

Contexto

Montaigne escreve aos jurados para justificar sua ausência de Bordeaux e remeter-lhes outras cartas que contêm as informações necessárias para a decisão que deve ser por eles tomada. Estas, porém, não chegaram até nós e não sabemos exatamente do que tratavam. O certo é que a preocupação com a comunidade protestante de Sainte-Foy, ou com a corte de Navarra, está bem presente desde a carta 31 – o que agora tende a se intensificar ainda mais com a eminência de sua chegada ao castelo de Montaigne – e por razões óbvias continuará a ser um tema bastante frequente nas cartas a Matignon (Cooper, 2001, p. 116 e seq.)

TEXTO ORIGINAL DA CARTA 37[1]

[recto][2]

{Secretário}

<M>eſſieurs Iay receu voſtre l˜re et <verray de vous>
<a>ller trouuer le pluſtoſt que Ie pourray. <Toute ceſte>
cour de ſainctefoy eſt ſur mes bras & ſe <ſont>
aſſignes a me venir voir cela faict Ie ſeray <en plus>
de liberté Ie vous enuoye les l˜res ∂e monſieu<r>
de vallees Curquoy vous vous pourrez reſoudre
ma preſence ny apporteroit rien que de l<ambarras>
et Incertitu∂e ∂e mon choix et oppinion en c<eſte choſe>
sur ce Ie me recomman∂e humblem^t^ a v~re bon<ne grace>
et ſuplie Dieu vous Donner

Meſſieurs longue & heureuſe vie <De Montaigne>
ce X Decembre 1584

{Montaigne}

Vo'tre heuble fr<ere>
et ſeruitur
mō<taigne>[3]

[verso][4]

{Secretário}

A Messieurs
Messieurs les Iuratz
∂e Bour∂eaux

[recto]
{Secretário}

Aos *Messieurs*
Messieurs jurados de Bordeaux.

Messieurs, recebi vossa carta e tratarei de ir vos encontrar assim que puder. Toda esta corte de Sainte-Foy está em meus braços,[5] e se determinaram a vir me ver.[6] Feito isso, terei mais liberdade. Envio-lhe as cartas de *monsieur* de Vallées,[7] sobre o que vós podereis vos decidir.[8] Minha presença não traria nada além do embaraço e incerteza de meu discernimento e opinião neste assunto.[9] Com isso, humildemente me recomendo à vossa boa graça e suplico a Deus de vos dar, senhores, vida longa e feliz.

De Montaigne, em 10 de dezembro de 1584.

{Montaigne}

Vosso humilde irmão
e servidor,
Montaigne.

[verso
{Secretário}

Aos *Messieurs*
Messieurs jurados
de Bordeaux

NOTAS

1 Transcrição diplomática, por Legros

2 O texto da carta é da mão de um secretário.

3 A saudação consta no final da folha *recto* e a única parte da carta do punho de Montaigne.

4 O verso da folha, com os destinatários, é da mesma mão do restante da carta.

5 Trata-se da corte de Navarra (Sainte-Foy, carta 32, nota 1) que está sob os cuidados de Montaigne, o qual prepara sua recepção em suas terras.

6 No sentido de "agendaram uma data próxima para vir me ver". Em 19 de dezembro, segundo as *Efemérides de Beuther*, Navarra se hospeda e permanece por dois dias em Montaigne com seu séquito (o que ele fará novamente em 23 de outubro de 1587). As florestas de Montaigne servem à caça do rei durante dois dias. A contabilidade real também registra o momento. Cf. *Lettres missives de Henri* IV, Tome 2, 1843, p. 582.

7 Sem identificação segura por ora.

8 Essa carta (ou cartas) não chegou até nós e assim não se sabe de que tratava e qual seria a matéria a resolver. "Les lettres ont souvent ce rôle, de faire suivre une autre lettre ou d'accrediter ce que le porteur dira de vive voix" (Legros, 2013, nº 37).

9 Como nota Legros (2010, p. 681), além da disposição por parte de Montaigne de delegar autoridade aos jurados, pode-se perceber aqui sua célebre "*cicatrice*" (*Ensaios* II, 17, VS 653-654): seu traço de irresolução que o aparenta a Hamlet – não obstante, é preciso notar que ele diz "nessa coisa", ou seja, aqui o cético pode estar apenas confessando sua ignorância e inabilidade em certo assunto.

Carta 38 (18 de janeiro de 1585)

Ao Marechal Matignon [6]

Fontes

Monaco, Archives du Palais Princier: J 132, fol. 55r-55v (texto), fol. 56v (destinatário).

O original fora substituído por uma cópia falsificada por Feuillet de Conches (fol. 57r e ss.) e, finalmente, restituído ao Fundo Matignon (em Mônaco) após sua morte (em 1887).

Fac-símile

https://montaigne.univ-tours.fr/lettre-matignon-18-janvier-1585/

Editio princeps

FEUILLET DE CONCHES, Félix-Sébastien. *Lettres inédites de Michel de Montaigne et de quelques autres personnages du XVIe siècle*. Paris: Henri Plon, 1863, p. 226-227.

Edições

MONTAIGNE, Michel de. *Œuvres complètes*. Albert Thibaudet & Maurice Rat (ed.). Paris: Gallimard, 1962, p. 1383-1384. [Bibliothèque de la Pléiade]

Legros. Alain. *Montaigne manuscrit*. Paris: Classiques Garnier, 2010, Lettres et missives de Monsieur de Montaigne, p. 681-684.

Contexto

Para aproveitar a boa disposição do *vicomte* de Turenne – Henri de La Tour d'Auvergne (1555-1623)[1] – reportada por Bissouse, Montaigne decide escrever-lhe e informa aqui detadalhadamente a Matignon sobre o conteúdo de sua carta (ponto por ponto, como em um relatório formal), e seguem anexadas a esta carta sua resposta (que o missivista acredita gerará complicações) "et une lettre où 'le Prince' (prince du sang) se déclare favorable à une rencontre avec Matignon" (Legros: 2010, p. 683) – esse o encontro que o remetente procura organizar.

{Secrétaire}

A Monſeigneur,

Monseigneur, ∂e matignon mareſchal
∂e France /

{Montaigne}

†
Monſeignur ſur pluſieurs contes que mr
de Bissouſe m'a faict de la part de monsr de
Turenne du iugemant qu'il faict de uous
et de la fiance que ce prince prant de mes
auis encore que ie ne me fonde guieres en
parolles de court il m'a pris enuie ſur le diſner
d'eſcrire a monsr de Turenne Que ie lui diſois
adieu par lettre Que i'auois receu celle du roy
de nauarre qui me ſambloit pran∂re un bon
cõſeil de ſe fier en laffection que uous luy offries
de lui faire ſeruice Que i'auois eſcrit a ma∂ame
de guissen de ſe ſeruir du tamps pour la cõmodite
de ſon nauire a quoi ie m'enploïerois enuers
uous et que ie lui auois done cõſeil de
n'engager a ſes passions l'interest & la fortune
de ce prince et puis qu'elle pouuoit tant ſur lui

{Secrétário}

Ao *Monseigneur*

Monseigneur de Matignon
maréchal de France

{Montaigne}

†
Monseigneur, por vários relatos, que o *mr.*
de Bissouse[2] me fez, da parte do *monsr.* de
Turenne,[3] sobre o julgamento que faz de vós
e da confiança que este príncipe[4] tem em meus
pontos de vista, ainda que eu me fie muito pouco em
discursos cortesãos,[5] tive vontade, durante o almoço,
de escrever ao *Monsr.* de Turenne: disse que lhe dizia
adeus por carta; que recebera a carta do rei
de Navarra, o qual me parecia tomar uma boa
decisão em se fiar na afeição que vós lhe oferecestes
de lhe prestar serviço; que havia escrito a *madame*
de Guisse[6] para não ter pressa, e assim realizar comodamente
sua empresa,[7] para o que me empenharia diante
de vós; e que a aconselhei a
não submeter às suas paixões o interesse e a fortuna
deste príncipe; e, uma vez que ela podia tanto sobre ele,

de regarder plus a ſon utilite qu'a ſes humeurs
particulieres Que uous parlies d'aler a Baione
ou a lauanture offrirois ie de uous ſuiure ſi
i'estimois que mon assistãce uous peut tant ſoit peu
ſeruir Que ſi uous y allies le roy de nauarre
uous ſachant ſi pres fairoit bien de uous

[f. 55v°]
conuier a ~~la~~ uoir ſes beaus iarɔins de Pau
Voila iustemant la ſubstance de ma lettre
ſans autre harangue Ie vous en enuoïe
la reſponce qu'on m'a raportee des ce ſoir
et ſi ie ne me trompe de ce comãcemãt
il naitera bientost du barbouillage
et me ſãble que cette lettre a deſia quelque
air de meſcontantemant ou de creinte
Quoi qu'il die ie les tiens ou ils uont pour
plus de deus mois et la ſe trouuerra une
autre ſorte de ton Ie vous ſupplie
me renuoier ceteci aueq les autres deus
Ce portur n'a affaire qu'a uostre deſpeſche
ſur quoi ie vous baiſe treſhũblemãt
les meins & ſupplie dieu uous doner

Monſeignur longue & hureuſe
uie De mõtaigne ce 18 Ianu. 1585

Vostre treſhũble
ſeruitur mõtaigne

que olhasse mais para a utilidade dele do que aos seus humores
particulares; que vós falastes em ir a Bayonne[8]
onde, se pudesse, oferecer-me-ia para vos seguir se
pensasse que minha assistência vos pudesse pelo menos um pouco
servir; e que, se vós aí fôsseis, o rei de Navarra,
sabendo-vos tão perto, faria bem em vos

convidar a ver seus belos jardins[9] de Pau.
Eis aí exatamente a substância de minha carta,
sem mais arengas. Eu vos envio
a resposta que me foi comunicada esta noite
e, se não me engano, deste início
logo surgirão complicações,
e me parece que esta carta tem já algum
ar de descontentamento ou medo.
Seja lá o que ele[10] diga, eu os tenho aonde vão por
mais de dois meses, e aí se encontrará uma
outra sorte de tom. Eu vos peço que
me reenvieis esta carta de volta com as outras duas.
Este portador tem como única tarefa vosso despacho.[11]
No que, eu vos beijo muito humildemente
as mãos e suplico a Deus vos conceder,

Monseigneur, vida longa e feliz.
De Montaigne, em 18 de janeiro de 1585.

Vosso muito humilde servidor,
Montaigne.

NOTAS

1 Veja-se a carta de Turenne a Montaigne adiante (carta 52).

2 Raymond de Bissouse, governador de Puymirol, secretário das finanças de Henri de Navarre. Pouco antes desta carta, como Montaigne registra em suas *Efemérides* (Beuther, nota 32. Cf. Montaigne, *Oeuvres completes*, 1962, p. 1411), Bissouse e Turenne (cf. nota seguinte) haviam acompanhado a corte de Navarra na estadia em seu castelo (cf. carta 37).

3 Nascido no castelo de Joze (na região do Auvergne), era neto do condestável Anne de Montmorency. Órfão de pai e mãe desde os dois anos de idade, foi criado na corte parisiense a partir dos seis. Primeiramente católico, amigo de Henri de Navarra desde a juventude, converteu-se ao protestantismo em 1576, aos vinte um anos de idade, alinhando-se publicamente ao futuro Henri IV; foi nomeado *lieutenant* do Alto-Languedoc, *premier gentilhomme* de Henri de Navarra (1581); em 1591, ao se casar com Charlotte de La Marck, tornou-se *duc* de Bouillon e príncipe de Sedan (principado independente, aliado à França, que existiu na região das Ardennes entre 1549 e 1642); e, em 1592, recebeu o título de *maréchal de France*. Cf. Marchand (2020).

4 O rei de Navarra.

5 No original "*je ne me fonde guère en paroles de cour*", que poderia ser traduzido também como "quase nunca me baseio em falas cortesãs".

6 Ou Guiche: destinatária da carta-prefácio ao capítulo 29 do primeiro livro dos *Ensaios*: carta 11.

7 No original, "*navio*" refere-se à empresa de reconciliação entre o rei de Navarra e sua esposa Marguerite de Valois, grande preocupação dos conselheiros aí envolvidos – entre estes Montaigne, que pede a Corisande para deixar seus interesses de lado, em função daqueles do rei e do reino, e favorecer a paz entre os consortes reais. E conexa à tal tarefa está outra na qual muitos igualmente se empenham e que deve estar em causa nas manobras recomendadas à amante do rei de Navarra: convencê-lo a se converter ao catolicismo.

8 Hoje cidade no departamento dos Pyrénées-Atlantiques, na região da Nouvelle-Aquitaine, então residência de Diane d'Andoins. A partir dessa viagem com Matignon à Bayonne, Montaigne procura organizar um encontro deste com Navarra (já previsto inclusive; cf. *Lettres missives de Henri* IV, *Tome* 1, 1843, p. 696-697 – e uma destas cartas segue com a presente: Legros, 2010, p. 683), sugerindo-o a Turenne que, porém, em sua resposta (enviada também em conjunto com a presente) torna, ao que parece, as coisas mais complicadas que o esperado, como deixa ver a sequência da missiva.

9 Este discurso metafórico tem por função evitar toda indiscrição a respeito de uma negociação tão importante quanto o encontro de Matignon e Navarra (na residência deste último em Pau) preparando o acordo entre os dois Henris. A carta é tecida de alusões veladas e subentendidos (como amiúde acontece na correspondência entre Montaigne e Matignon, em função do conflito em curso).

10 Turenne.

11 Note-se o cuidado com documentos que não podem cair em mãos erradas e devem ser devolvidos imediatamente ao remetente.

Carta 39 (26 de janeiro de 1585)

Ao Marechal Matignon [7]

Fontes

Monaco, Archives du Palais Princier: J 132, f° 103 r° (texte) et v° (adresse).

O original fora substituído por uma cópia falsificada por Feuillet de Conches (f. 105) e, finalmente, restituído ao Fundo Matignon (em Mônaco) após sua morte (em 1887).

Fac-símile

https://montaigne.univ-tours.fr/lettre-matignon-26-janvier-1585/

Editio princeps

FEUILLET DE CONCHES, Félix-Sébastien. *Lettres inédites de Michel de Montaigne et de quelques autres personnages du* XVI*e siècle*. Paris: Henri Plon, 1863, p. 238-239.

Edições

MONTAIGNE, Michel de. *Œuvres complètes*. Albert Thibaudet & Maurice Rat (ed.). Paris: Gallimard, 1962, p. 1384. [Bibliothèque de la Pléiade]

Legros. Alain. *Montaigne manuscrit*. Paris: Classiques Garnier, 2010, Lettres et missives de Monsieur de Montaigne, nº 11, p. 684-687.

Contexto

Trata-se aqui para Montaigne de confirmar e esclarecer informações – em um cenário em geral agora mais tranquilo – do que propriamente trazer novas urgentes a Matignon: a carta descreve a situação em Sainte-Foy, planeja a ida de ambos a Bayonne (e de lá provavelmente à corte de Navarra), alude a negócios relativos à administração de Bordeaux, e sobretudo tranquiliza o marechal[I] sobre a reconciliação entre o rei e a rainha de Navarra. Vemos Henri III aproximar-se de Navarra contra a Liga, mas essa aproximação é repleta de desconfianças, disputas ocasionais, e temporária: logo a coroa não terá espaço para governar senão compondo com os católicos radicais contra os huguenotes.

{Secrétaire}

A Monſeigneur,

Monſeigneur, ∂e matignon –
mareſchal ∂e france /

Mr le maire de bordeaux du XXVIIe janu˜.

{Montaigne}

†
MonſeiGnur ie n'ai rien apris deſpuis
encore que i'aïe ueu asses de ians de
ce trein ceans I'estime que tout a
uuide ſi non que m^r du ferrier y ſoit
demure pour les gages S'il uous plait
de uoir une lettre que le s^r du plessis
m'eſcriuit deſpuis uous y trouuerres que
la reconciliation y fut bien entiere et
pleine de bone intellijance et ie croi
que le maistre lui en ara communique
plus priueemant qu'aus autres ſachãt qu'il
est de ce gout come est aussi mr de Cleruan
qui uous a ueu deſpuis Si ie dois uous
faire compaignie a Baione ie deſire que

{Secrétário}

Ao *Monseigneur*

Monseigneur de Matignon
maréchal de France

{Montaigne}

†
Monseigneur, não soube de nada desde então,
embora tenha visto bastante gente
desse séquito[2] aqui. Acho que todos se
foram, exceto o *mr.* Du Ferrier[3] que lá
permaneceu por conta do estado crítico de sua saúde.[4] Se fizerdes o favor
de ver uma carta que o *sr.* Du Plessis
me escreveu[5] após, vereis que
a reconciliação[6] foi bem completa e
plena de bom entendimento, e eu acredito
que o *maître*[7] lhe terá comunicado de forma
mais privada que aos outros, sabendo que isso
lhe agradaria,[8] como também ao *mr.* de Clervant,[9]
que vos viu depois. Se devo vos
fazer companhia em Bayonne,[10] desejo que

uous meintenes uostre deliberation de
retarder dans le careſme affin que ie
puisse prandre les eaus tout d'un trein
Au demurant iai apris qu'il n'est rien qui
deſgoute tant le mari que de uoir qu'on
ſ'entant aueq la fame I'ai eu nouuelles
que les iurats ſon arriues a bon port et
uous baiſe treſhũblemãt les meins
ſuppliant dieu vous doner

Monſeignur lõgue & hureuſe vie
De mõtaigne ce 26 Ianu 1585

Vostre treſhũble
ſeruitur mõtaigne

Monſeignur uous me faictes grande faueur de vous agreer de l'affection
que ie montre a uostre ſeruice et vous pouues assurer de n'en auoir pas
acquis en Guiene de plus nettemant & ſinceremant uostre mais c'est peu d'acquet
Quand uous deuries faire place ce ne doit pas estre en tamps qu'on ſe puisse uanter de
→ uous l'auoir ostee

mantenhais vossa deliberação de se
atrasar na Quaresma para que eu
possa tomar as águas[11] a seguir.
De resto, dei-me conta que não há nada que
desgoste tanto o marido quanto ver que alguém
se entende com a esposa.[12] Recebi notícias
de que os jurados chegaram a bom porto[13] e
vos beijo com muita humildade as mãos,
suplicando a Deus de vos conceder,

Monseigneur, vida longa e feliz.
De Montaigne, em 26 de janeiro de 1585.

Vosso muito humilde servidor,
Montaigne.

Monseigneur, vós me fazeis um grande favor em vos agradar com a afeição que mostro a vosso serviço e vós podeis estar certo de nada ter adquirido na Guyenne[14] de mais clara e sinceramente vosso, mesmo se é pouco o lucro.

Quando vós deveis ceder o lugar, não deve ser enquanto[15] se possam gabar de vos tê-lo tirado.[16]

NOTAS

1 Legros, 2010, p. 686: "Cette lettre répond à une lettre de Matignon qui demandait manifestement à Montaigne s'il avait des nouvelles fraîches au sujet de la 'réconciliation' des époux".

2 A corte do rei de Navarra.

3 Arnaud Du Ferrier (1508-1585): diplomata, jurista e memorialista francês. Montaigne o visitara em sua viagem a Roma, quando ocupava o posto de embaixador de Henri III em Veneza (*Journal de Voyage*, ed. Desan, 2014, p. 366), em parte como resultado de suas opiniões protestantes, as quais, exilando-o daquela corte, logo fariam que o futuro Henri IV o convidasse para a sua. Os dois homens, o prefeito e o embaixador, eram bastante próximos, e Du Ferrier continuará frequentando as cartas seguintes (cf. Desan, 2014, p. 363, n. 170; Legros, 2010, p. 686; Cooper, 2001, p. 118; Grün, 1855, p. 338; Jouanna, 2017, p. 261). Legros, 2013, carta 15: "C'est sans doute de lui qu'il est question dans le chapitre 'Des prières', là ou l'auteur se défend d'être, comme lui, nicodémite (catholique de profession et protestant de cœur)".

4 Legros, 2010, p. 686: " 'demeurer pour gages', c'est être pris ou perdu: il mourra en octobre de cette même année".

5 Carta anexa de Duplessis-Mournay (cf. carta 31).

6 Entre o rei de Navarra e Marguerite de Valois, sua esposa.

7 Navarra.

8 Pois também é partidário da reconciliação entre os esposos e entre as igrejas.

9 Carta 27, notas 2 e 10. Conselheiro do rei de Navarra, Clervant fazia parte de seu séquito em sua recente visita a Montaigne (Beuther, nota 32. Cf. Montaigne, *Oeuvres complètes*, 1962, p. 1411).

10 Carta 38, nota 8.

11 Seguindo seu hábito (cf. *Journal de Voyage*), Montaigne vai aos banhos nas águas termais de Dax provavelmente (cf. carta 40, nota 11).

12 Referindo-se ao casal real, Henri e Marguerite.

13 Isto é, houve um desenlace feliz em alguma empresa ou situação problemática.

14 Carta 5, nota 6.

15 No original, "*en tamps*" pode ser traduzido também por "em um tempo".

16 Cooper (2001, p. 119) afirma que se trata aqui para Montaigne de "proteger a reputação de Matignon contra seus poderosos inimigos da Liga".

Carta 40 (2 de fevereiro de 1585)

Ao Marechal Matignon [8]

Fontes

Monaco, Archives du Palais Princier: J 132, f° 141 r° (texto) et v° (destinatário).

Fac-símile

https://montaigne.univ-tours.fr/lettre-matignon-fevrier-1585/

Editio princeps

Feuillet de Conches, Félix-Sébastien. *Lettres inédites de Michel de Montaigne et de quelques autres personnages du* XVI*e siècle*. Paris: Henri Plon, 1863, p. 241-242.

Edições

MONTAIGNE, Michel de. *Œuvres complètes*. Albert Thibaudet & Maurice Rat (ed.). Paris: Gallimard, 1962, p. 1385. [Bibliothèque de la Pléiade]

LEGROS, Alain. *Montaigne manuscrit*. Paris: Classiques Garnier, 2010, Lettres et missives de Monsieur de Montaigne, nº 12, p. 687-688.

Contexto

Esta carta começa remetendo expressamente à precedente: este grupo de cartas que se sucedem bem rapidamente entre janeiro e fevereiro de 1585 giram em torno de acontecimentos próximos e assim amiúde podem ser referidas uma à outra.[1] Do Fleix, Montaigne é informado que dois dos mais próximos conselheiros do rei de Navarra permanecem em Sainte-Foy, mas que o monarca ele mesmo de lá saiu levando tudo que pôde para o Béarn, pois deve demorar a aí retornar. Além disso, o que há de novo são as informações vindas de importante personagem na corte de Navarra, o qual narra a impressão positiva do rei sobre uma visita sua à região. Nada se move, diz Montaigne para exprimir o repouso, infelizmente efêmero, que a região experimenta então.

{Secrétaire}

A Monſeigneur,

Monſeigneur, ∂e Matignon –
Mareſchal ∂e france /

{Montaigne}

†
Monſeignur l'home par qui ie vous
eſcriui dernieremãt et enuoiai vne lettre
de m^r^ du Plessis n'est encores reuenu
*Deſpuis on me mande du fleix que mess^rs^*
du ferrier & la marſeliere ſõt encores a
ſ. foi & que le roy de nauarre uient
d'enuoïer querir quelque reste de trein
et dequipage de chasse qu'il auoit icy
et que ſa demure ſera plus longue en
Bearn qu'il ne panſoit. Suiuant
*quelques nouuelles instructions de m^r^*
de Roquelaure & fauorables il ſ'en
reua uers Baïone et daqs pour leur
mõtrer que le roy a pris en treſbone
part l'entree qu'il y a faicte Voila
ce qu'on me mande Le reste ∂u païs

{Secretário}

Ao *Monseigneur*,

Monseigneur de Matignon
Maréchal de France

{Montaigne}

†
Monseigneur, o homem por quem eu recentemente vos
enviei uma carta que escrevi e outra
do *mr* Du Plessis[2] ainda não voltou.
Desde então, foi-me informado de Fleix[3] que os *mess*[rs]
Du Ferrier[4] e La Marselière[5] ainda estão em
Sainte-Foy[6] e que o rei de Navarra acaba
de mandar buscar o que restou do séquito
e da equipagem de caça que ele tinha aqui,
e que sua estadia no Béarn[7] será mais longa
do que ele pensava. Segundo
algumas novas informações do *mr*
de Roquelaure,[8] e favoráveis, ele[9]
retorna em direção a Bayonne[10] e Dax[11] para lhes
mostrar que o rei tomou de forma bastante positiva
a visita[12] que ele aí fez. Aí está
o que me informaram. O resto da região

demure en repos & n'y a rien qui bouge
Sur quoi ie vous baiſe treſhūblemāt
les meins & ſupplie dieu vous doner

Monſeignur longue & hureuſe uie
De mōtaigne ce 2 feur. 1585

Vostre treſhūble
ſeruitur mōtaigne

permanece em repouso e nada aí se move.
Em que vos beijo muito humildemente
as mãos e suplico a Deus conceder-vos,

Monseigneur, vida longa e feliz.
De Montaigne, [em] 2 de fevereiro de 1585.

Seu muito humilde servidor,
Montaigne.

NOTAS

1 Todas essas cartas enviadas do castelo de Montaigne: depois de tudo o que se escreveu sobre a falsa *retraite* montaigniana, é interessante notar o quanto seu autor se mantém distante de Bordeaux e de Matignon quando pode. Mas, certamente, estamos na estação mais fria, quando viajar é sempre mais difícil e arriscado, além da constante necessidade de manter os deslocamentos em sua região sob vigilância, para o que sua moradia é muito bem localizada.

2 Carta 24. A presente carta (carta 40) remete expressamente aqui à precedente (carta 39, nota 5).

3 Cartas 30, nota 4; 16, nota 4.

4 Carta 39, nota 3.

5 Hurosius Berziau, *seigneur* de La Marselière, secretário de estado de Navarra (cf. Cooper, 2001, p. 118-119; Legros, 2010, p. 688), e que aparece como informante de Montaigne nas cartas seguintes.

6 Carta 30.

7 O Béarn é um antigo principado e depois uma província que hoje faz parte do departamento dos Pyrénées-Atlantiques na região da Nouvelle Aquitaine (Pau é sua capital ou prefeitura). No século XV, os príncipes bearneses passam a governar Navarra (reino medieval fundado em 824) e Henri IV reúne sua coroa com a francesa em 1589.

8 Antoine de Roquelaure, seigneur de Roquelaure, Gaudoux, Sainte-Christie, Mirepoix, Montbert, baron de Lavardens e de Biran: "[...]: jeune mentor du petit Henri de Navarre, il était de ses intimes. Il devait être plus tard lieutenant de Guyenne, maire de Bordeaux, maréchal de France. Présent au mariage d'Henri en 1572 et l'un des organisateurs de son évasion, il allait participer à toutes les batailles du nouveau roi, œuvrer pour sa conversion au catholicisme et se trouver dans son carrosse lors de son assassinat" (Legros, 2010, p. 688).

9 O rei de Navarra.

10 Lembre-se o projeto de viagem a Bayonne de Matignon e Montaigne, visando a um encontro entre o primeiro e Navarra – ambos governadores da região (cf. carta 37, nota 6).

11 Cidade hoje situada no departamento de Landes, na região da Nova Aquitânia. Famosa por seus banhos termais, provável ter sido a ela que Montaigne se referiu na carta anterior quando escreveu que queria "*prendre les eaux*".

12 No original "*entrée*" refere-se à chegada cerimoniosa de um rei a uma das cidades de seu reino (ato solene e festivo mencionado, por exemplo, no ensaio "Dos canibais": *Ensaios* I, 31, VS 213-214). Sobre a participação de Henri IV nesse gênero de rito político medieval e renascentista, veja-se Wagner, 2010. Cf. carta 52, nota 5.

Carta 41 (8 de fevereiro de 1585)

Aos jurados de Bordeaux [3]

Fontes

Bordeaux, Archives municipales: BB 185, 33, fol. 1r-1v.

Parte do manuscrito original foi danificado no incêndio dos Arquivos de Bordeaux em 1862. Reconstituição entre < >.

Fac-símile

https://montaigne.univ-tours.fr/lettre-jurats-bordeaux-fevrier-1585/

Editio princeps

Champollion-Figeac, Aimé-Louis. *Documents inédits tirés des collections manuscrites de la Bibliothèque Royale*. Tome 2. Paris: Firmin-Didot, 1843, p. 486.

Edições

MONTAIGNE, Michel de. *Œuvres complètes*. Albert Thibaudet & Maurice Rat (ed.). Paris: Gallimard, 1962, p. 1385-1386. [Bibliothèque de la Pléiade]

Legros. Alain. *Montaigne manuscrit*. Paris: Classiques Garnier, 2010, Lettres et missives de Monsieur de Montaigne, nº 17, p. 688-689.

Contexto

Montaigne trata nesta carta de felicitar os jurados pela boa execução de tarefas delegadas a certos deputados (isto é, encarregados de executá-las) que confirmam seu sucesso. De suas terras ou em viagem, o prefeito não descuida da administração de Bordeaux, como vemos em várias outras cartas.

{Secrétaire}

A Messieurs,
Meſſieurs les Iuratz —
∂e la ville de Bourdx —

{Secrétaire}

Messieurs, Iay prins ma bonne part ∂u contentem<ent>
que vous meſcriuies auoir des bonnes expe∂i˜ons quy vous
ont este rapportees par Messieurs, voz ∂eputes, et prens
a bon~~ne~~ augure que vous ayes heureuſement achemyne
ce commencement d'année eſperant m'en conioyr auecques
vous a la premiere commo∂ite. Ie me recommen∂e bien
humblement a voſtre bonne grace et prie ∂ieu, vous
∂onner,

Meſſieurs, heureuze et lonGue vye ∂e Monta<igne>
ce viije feburier 1585 ſ

{Montaigne}

Vostre hūb<le>
frere & ſerui<tur>
mōt<aigne>

{Secrétário}

Aos *Messieurs*
Messieurs jurados
da cidade de Bordeaux

{Secretário}

Messieurs, recebi como minha uma boa parte da satisfação
que vós me escrevestes ter tido com as bem-sucedidas diligências[1] que vos
foram relatadas pelos *Messieurs* vossos deputados, e tomo como
bom augúrio que tenhais afortunadamente encaminhado
este início de ano, esperando me juntar a
vós em tempo oportuno.[2] Eu me recomendo bem
humildemente à vossa boa graça e oro a Deus de vos
dar,

Messieurs, vida feliz e longa
De Montaigne, em 8 de fevereiro de 1585.

{Montaigne}

Seu humilde
irmão e servidor,
Montaigne.

NOTAS

1 Trata-se de tarefas já realizadas a contento, servindo a carta apenas para referendar e encaminhar o trabalho da prefeitura desde o castelo. Esta "*heureuse expédition*" é mencionada novamente na carta seguinte (cf. carta 42, nota 18).

2 No original "*à la première commodité*" possui tanto o sentido de "na primeira oportunidade", como também de "quando for conveniente": a tradução "em tempo oportuno" tenta dar conta de ambos.

Carta 42 (9 de fevereiro de 1585)

Ao Marechal Matignon [9]

Fontes

Monaco, Archives du Palais Princier: J 132, f° 166r° et v° (texto), f° 167 r° (*post-scriptum*) et v° (endereço).

Fac-símile

https://montaigne.univ-tours.fr/lettre-matignon-9-fevrier-1585/

Editio princeps

FEUILLET DE CONCHES, Félix-Sébastien. *Lettres inédites de Michel de Montaigne et de quelques autres personnages du XVIe siècle*. Paris: Henri Plon, 1863, p. 243-246.

Edições

MONTAIGNE, Michel de. *Œuvres complètes*. Albert Thibaudet & Maurice Rat (ed.). Paris: Gallimard, 1962, p. 1386-1387. [Bibliothèque de la Pléiade]

Legros. Alain. *Montaigne manuscrit*. Paris: Classiques Garnier, 2010, Lettres et missives de Monsieur de Montaigne, nº 14, p. 689-693.

Contexto

Nesta carta é evidente como a situação política rapidamente se torna mais tensa: o período menos conflituoso que se iniciara nas primeiras semanas de 1584 parece agora passado. O texto que – como é comum na correspondência com Matignon – trata sobretudo de informar, toca em disputas desenrolando-se em várias situações, envolvendo pessoas de diferentes classes sociais e por motivações diversas. Interessante como também temos aqui a descrição de uma vária dinâmica epistolar: novidades em cartas que se cruzam ou se esperam, em cartas anexadas ou mesmo sem resposta – e notícias que não se podem dar através destas, mas que de alguma forma destas dependem. Note-se como Montaigne transita facilmente entre as diversas facções e partidos, e controla, de suas terras, sítios e eventos distantes: o avançar na solidão e o desfazer-se dos afazeres públicos, como ele diz, faz-se por meio de uma sábia economia dos vínculos.

{Secrétaire}

A Monſeigneur,

Monſeigneur, ∂e Matignon
Mareſchal ∂e France /

[perpendicular ao destinatário] M^r de Montaigne montagne

{Montaigne}

†
Monſeignur i'espere que la pierre qui uous
pressoit dernieremãt que uous m'eſcriuites
ce ſera eſcoulee a bon marche come un'autre
que ie uuidai en meſme tamps Si les iurats
arriuarent le iour qu'on les atan∂oit a bourdeaus
et qu'ils ſoint uenus en poste ils pourront
uous auoir apporte des nouuelles freſches de la court
On faict ici courir le bruit que ferran a este
pris a trois lieues de nerac alant a la court et
ramene a Pau Aussi que les huguenots ont
failli a ſurprandre Taillebourg & Tallemont en
meſme tamps et quelques autres dessein pour
daqs & baione Mardi une trope de bohemes qui
roule ici au tour il y a long tamps aiant achete la
faueur & ſecours d'un iantillhome ∂u païs nome

{Secretário}

A Monseigneur

Monseigneur de Matignon
Maréchal de France.

{Montaigne}

†
Monseigneur, espero que a pedra[1] que vos
afligia da última vez que me escrevestes
tenha escoado sem grande dificuldade,[2] como uma outra [pedra renal]
que evacuei ao mesmo tempo. Se os jurados
chegaram no dia em que se os esperava em Bordeaux
e retomaram logo suas funções,[3] talvez
vos tenham trazido notícias recentes da corte.
Corre um rumor aqui que Ferrand[4] foi pego a
três léguas de Nérac a caminho da corte, e
reconduzido a Pau.[5] Além disso, que os huguenotes
quase surpreenderam Taillebourg[6] e Talmont[7] ao
mesmo tempo e alguns outros visaram
Dax[8] e Bayonne.[9] Terça-feira, uma tropa de boêmios,[10] que
ronda aqui em torno há muito tempo, tendo comprado o
favor e o auxílio de um *gentilhomme* local chamado

le borgne la ſiguinie pour les eider ∂'auoir raiſon
de quelques bohemes qui ſont en un'autre trope
dela leau en la terre de genſac qui est au roy
de nauarre Le dict la ſiguinie aïant assãble
uint ou trate de ſes amis ſous colur d'aler a
la chasse aueq des harquebuſes pour les canars
aueq deus ou trois des dicts bohemes du coste
deça alarent charger ceus de dela et en
tuarẽt un La iustice de genſac auertie arma
le peuple et uin∂rẽt faire une charge aus
assaillans et en ont prins quatre un iantillhome

[f. 166v]
et trois autres / en tuarent un & en blessarẽt
trois ou quatre autres Le reste ſe retira deça
leau & de ceus de genſac il y en a deus ou trois
blesses a mort Leſcarmouche dura longtams
et bien chaude La choſe est ſubiete a compoſition
car de lun et de lautre parti il y a beaucoup
de faute Si le s^r^ de la rocque qui est fort
de mes amis ſe doit battre par necesſite
a Cabanac ∂u puch ie ſouhete & lui cõſeille que
ce ſoit louin de uous Sur quoi ie vous
baiſe treſhũblemãt les meins & ſupplie
dieu uous doner

Monſeignur longue & hureuſe uie
De mõtaigne ce 9 feur. 1585

Vostre treſhũble
ſeruitur mõtaigne

"Le Borgne La Siguinie"[11] para os ajudar a prevalecer[12]
sobre alguns boêmios que são de outra trupe
da outra margem do rio,[13] na terra de Gensac,[14] que pertence ao rei
de Navarra, o dito La Siguinie tendo reunido
vinte ou trinta dos seus amigos, sob o disfarce[15] de ir
caçar com arcabuzes para patos,
com dois ou três dos referidos boêmios do lado de cá,
foram atacar os do lado de lá e
mataram um deles. O poder público[16] de Gensac, advertido, arma
o povo, e vieram atacar os
assaltantes, aprisionaram quatro deles (um *gentilhomme*

e outros três), mataram um e feriram
outros três ou quatro. O resto se retira para cá
do rio, e daqueles de Gensac há dois ou três
feridos mortalmente. A escaramuça durou muito tempo,
e bem quente. A coisa está sujeita a acordo,
pois ambos os lados são bastante
culpados. Se o *sieur* de La Rocque,[17] que é um dos
meus grandes amigos, for forçado a lutar
em Cabanac du Puch,[18] desejo – e a ele aconselho – que
seja longe de vós. Sobre o quê,
muito humildemente vos beijo as mãos e suplico
a Deus que vos conceda,

Monseigneur, vida longa e feliz.
De Montaigne, em 9 de fevereiro de 1585.

Vosso muito humilde servidor,
Montaigne

[f. 167r]

Monſeignur ma lettre ſe fermoit quãd
i'ai receu la uostre du 6 & celle de m^r de Villeroy
qu'il uous a pleu m'enuoier / par un home que
le cors de la uille m'a enuoie pour m'auertir de
l'heureuſe expedition de leurs deputes Le s^r de
la mote me mãde auoir a me dire choſes qui
ne ſe peuuẽt eſcrire & que ie lui mande ſ'il
est beſouin qu'il me uieigne trouuer ici Sur
quoi ie ne fois pouint de reſponce mais quand
au comandemant qu'il uous plait me faire de
uous aller trouuer ie uous ſupplie treſhũblemãt
croire qu'il n'est rien que ie face plus uolantiers
et ne me reietterai iamais ſi auant en la ſolitude
ny ne me deffairai tant des affaires publiques
qu'il ne me reste une ſinguliere deuotion a
vostre ſeruice et affection de me trouuer ou uous
ſeres Pour cete heure i'ai les botes aus iambes
pour aller au fleix ou le bon home preſidant ferrier
et le s^r de la marſeliere ſe doiuẽt trouuer demein
aueq dessein de uenir ici Le apreſdemein ou
mardi I'eſpere uous aler baiſer les meins
un iour de la ſemmeine procheine ou uous auertir
ſ'il y a iuste occurrãce qui m'en enpeſche Ie n'ai
receu aucunes nouuelles de Bearn mais poiferre
qui a este a bourdeaus m'a eſcrit a ce qu'on me
mande & doné la lettre a vn home de qui ie
ne l'ai pouint encores receue I'em ſuis marri

Monseigneur, fechava-se a minha carta quando
recebi a vossa do dia 6 e aquela do *Monsieur* de Villeroy,[19]
que fizestes o favor de me enviar, por um homem que
o corpo administrativo da cidade me enviou para me advertir da
feliz atuação de seus deputados.[20] O *sieur* de
La Motte[21] me informa[22] ter coisas para me dizer que
não podem ser escritas e eu lhe respondi que
venha me encontrar aqui, se houver necessidade. Sobre
o que não tive qualquer resposta, mas quanto
à ordem que apraz a vós me dar para
ir ter convosco, rogo-vos muito humildemente
acreditar que não há nada que eu faça com mais boa vontade,
e nunca me lançarei jamais tão profundamente na solidão,
nem me livrarei tanto dos assuntos públicos,
que não me reste uma singular devoção a
vosso serviço e afeição para me encontrar onde
estiverdes.[23] Por esta hora, tenho as botas nas pernas
para ir a Fleix,[24] onde o bom presidente Ferrier[25]
e o *sieur* de La Marselière[26] devem se encontrar amanhã
com a intenção de vir aqui depois de amanhã ou
terça-feira. Espero ir vos beijar as mãos
num dia da próxima semana ou avisar-vos,
se houver alguma circunstância[27] que me impeça. Não
recebi notícias do Béarn,[28] mas Poiferré,[29]
que esteve em Bordeaux, escreveu-me, segundo me
informaram, e entregou a carta a um homem de quem ainda
não a recebi. Estou bastante contrariado com isso.

NOTAS

1 Cálculo renal.

2 No original, "*à bon marché*", isto é, sem grande custo.

3 No original, "*ils soint venus en poste*", literalmente "vieram ao seu posto [de trabalho]".

4 Este rumor será confirmado na próxima carta: "Ferrand was a mail whom Margaret of Valois placed as a secretary with her husband and who was arrested while carrying letters from Margaret and others to Catherine de' Medici and others at the court of France" (Frame, 2003, p. 1318, nota 76; cf. Bonnefon, 1893, p. 377-380). E, como também se verá na carta seguinte, partiu do próprio rei de Navarra a ordem para prender o mensageiro.

5 Carta 35, nota 8.

6 Cidade hoje localizada no departamento de Charente-Maritime, na região administrativa da Nouvelle-Aquitaine.

7 Talmont-sur-Gironde, cidade vizinha àquela referida na nota anterior.

8 Carta 40, nota 11.

9 Carta 38, nota 8.

10 Nós, no Brasil, diríamos hoje mais comumente "ciganos" (para identificar o conjunto de minorias étnicas dos *romani* a partir de um exônimo, porém, por estas recusado em favor do endônimo "*rom*").

11 O "caolho" (*borgne*) La Siguinie ainda não foi identificado. Legros nota (2010, p. 692) o prazer montaigniano em narrar esse episódio que poderia fazer parte das páginas dos *Ensaios*.

12 No original, "*d'avoir raison*", isto é, vencer uma disputa.

13 Dordogne: a importância desse rio como limite ou *locus* pode ser constatada em diversos pontos da correspondência montaigniana (por exemplo, cartas 22 e 44).

14 Cidade localizada hoje no departamento da Gironda, na região administrativa da Nova Aquitânia, e bem próxima a Montaigne.

15 No original, "*sous couleur*".

16 No original, "*La justice*", ou seja, as autoridades que administram o lugar (e cuja função básica é fazer justiça).

17 Conselheiro e ministro de Navarra, há pouco hospedado por Montaigne quando da estadia do séquito de Navarra em seu castelo (Beuther, nota 32, cf. Montaigne, *Oeuvres complètes*, 1962, p. 1411). Cf. carta 50.

18 "Presumably the chateau of Saint-Germain du Puch near Libourne, about fifteen miles east-northeast of Bordeaux, belonging to the Cabanac du Puch family" (Frame, 2003, p. 1319, nota 80).

19 Nicholas de Neuville, diplomata e secretário de estado, sempre desempenhando as principais funções administrativas, sob Charles IX, Henry III, Henry IV e Louis XIII. Católico aderente à Liga até a conversão de Henri IV, foi negociador da Paz de Bergerac (que encerrou a sexta Guerra de Religião) e do Tratado de Fleix (que encerrou a sétima; cf. nota 16 abaixo); e, segundo as *Éphémérides de Beuther* (p. 201 [10 de julho de 1588], Legros, 2010, anotações 34 e 35, p. 94-97), auxiliará Montaigne a sair da Bastille (cf. carta 48, nota 5).

20 A missão dos jurados concernia à repressão das fraudes envolvendo os vinhos de Bordeaux (Cooper, 2001, p. 120, nota 138; Trinquet, 1956). Cf. a carta anterior, carta 41, nota 1.

21 Baude, *seigneur* de Moncuq e de La Mothe, então jurado de Bordeaux.

22 No original, "*mande*", aqui e logo abaixo na mesma frase, tem o sentido literal de "envia", "manda".

23 A desculpa elegante para não encontrar Matignon que se lê aqui parece a da carta 35. Não há razão, porém, para se recusar a boa-fé – mesmo se retórica – da atitude montaigniana. "*Une phrase de cette lettre rappelle les mots de l'inscription murale du 'cabinet', qu'elle accrédite à sa façon, une quinzaine d'années plus tard, expliquant en même temps plus d'une page des Essais: '[je] ne me rejetterai jamais si avant en la solitude ni ne me déferai tant des affaires publiques qu'il ne me reste une singulière dévotion à votre servisse'*" (Legros, 2010, p. 693).

24 Carta 30, nota 4.

25 Carta 39, nota 3.

26 Carta 40, nota 5.

27 Seguindo a lição de Legros: no original, "*juste occurrence*".

28 Carta 40, nota 7.

29 Cyprien de Poiferré, *seigneur* de Varène, o qual transmitiu a Montaigne os 29 sonetos de La Boétie (cf. carta 11).

Carta 43 (12 de fevereiro de 1585)

Ao Marechal Matignon [10]

Fontes

Monaco, Archives du Palais Princier: J 136, f° 34 r° et v° (texto), f° 35 v° (endereço).

Fac-símile

https://montaigne.univ-tours.fr/lettre-matignon-12-fevrier-1585

Editio princeps

FEUILLET DE CONCHES, Félix-Sébastien. *Lettres inédites de Michel de Montaigne et de quelques autres personnages du XVIe siècle*. Paris: Henri Plon, 1863, p. 247-248.

Edições

MONTAIGNE, Michel de. *Œuvres complètes*. Albert Thibaudet & Maurice Rat (ed.). Paris: Gallimard, 1962, p. 1388-1389. [Bibliothèque de la Pléiade]

Legros. Alain. *Montaigne manuscrit*. Paris: Classiques Garnier, 2010, Lettres et missives de Monsieur de Montaigne, nº 15, p. 693-696.

Contexto

A partir da presença de La Marsilière e outros conselheiros de Navarra no Fleix, Montaigne relata as circunstâncias em torno da captura do correio da rainha por seu consorte e sua repercussão, pois é esse evento, ao que parece, que retém aí esses nobres, e talvez outros, próximos ao rei de Navarra (que logo serão hospedados pelo missivista em seu castelo). Novamente *affaires* políticos misturados aos conjugais: entre relações políticas e de parentesco (naturais ou contraídas) não apenas a interação, mas a sobreposição, constitui então a regra. No caso, Montaigne parece apoiar o lado "feminino" da questão, diminuindo comicamente o escândalo a respeito dos eventos cujo relato se iniciou na verdade na carta anterior, de forma incerta ainda então. As ligações perigosas de mulheres eminentes são reveladas em meio aos seus correios amorosos – risos abafados. Temos aqui uma carta cheia de suposições e subentendidos, mas na verdade cautelosa, onde o verbo "dizer" no impessoal (com o sentido em geral de rumor) é o mais frequente.

{Secrétaire}

A Monſeigneur,

Monſeigneur, ∂e Matignon
Mareſchal ∂e France /

{Montaigne}

Monſeignur ie uiens d'arriuer du
fleix La marſeliere ſ'y est trouue et
d'autres de ce conſeil Ils disent que
deſpuis l'accidant de ferran et pour cet
effaict frontenac est uenu a Nerac au
quel la reine de nauarre dict que ſi
ell'eut estime le roy ſon mari ſi curieus
qu'elle eut faict passer par ſes meins
toutes ſes deſpeſches et que ce qui
ſ'est trouue dans la lettre qu'elle
eſcrit a la reine ſa mere qu'elle parle
de s'en retourner en france que c'est
come en demãdant auis et en deliberãt
Mais non pas come y estant reſolue
et qu'elle le met en doubte pour le
peu de conte qu'on faict d'elle ſi
apparãmãt que chacun le uoit & conoit

{Secretário}

A Monseigneur

Monseigneur de Matignon
Maréchal de France

{Montaigne}

Monseigneur, acabo de chegar de
Fleix.[1] La Marselière[2] aí se encontrava e
outros deste conselho,[3] dizem que,
desde o incidente de Ferrand[4] — e por isso
Frontenac[5] veio a Nérac[6] — a
quem a rainha de Navarra disse que, se
ela tivesse suposto o rei, seu marido, tão preocupado,
teria passado pelas suas mãos
todas as suas remessas (e que o que
foi encontrado na carta que ela
escreveu à rainha sua mãe, quando ela fala
em voltar para França,[7] é
como se estivesse pedindo uma opinião e deliberando sobre esta,
mas não como já estando a tanto decidida),
mas que ela duvida que assim seja,
pela pouca conta que tão manifestamente se faz dela,[8]
o que todos bem veem e sabem.

asses Et frontenac dict que ce que
le roy de nauarre en a faict n'a este
que pour la deſſiance qu'on lui auoit
done que ferran portoit des memoires
qui touchoint ſon estat et affaires publiques

[f. 34v]
Ils disent que le principal effaict est
que pluſieurs lettres des filles de cete
court a leurs amis de france ie dis les
lettres qui ſe ſont ſauuees car ils diſet
que quanꝺ ferran fut pris il eut
moien de ieter quelques papiers au
feu qui furẽt conſomes auãt qu'on
les peut retirer ces lettres qui restẽt
appretẽt fort a rire I'ai ueu en
repassãt mr ferrier malade a ſ. foi
qui ſe reſout de ~~my~~ me uenir uoir un
iour de cete ſemmeines dautres y ſerõt
des ce ſoir Ie ne m'atan pas qu'il y
uieigne et me ſãble atanꝺu ſon eage
l'auoir laisse en mauues estat
toutefſois ie l'atanderai & ſi uous
ne me cõandes le cõtreres ꝺiffererai a cete
cauſe mõ voïage uers uous ſur le cõancemãt
de lautre ſemeine vous baiſant ſur ce treſhũblemãt les meins
et ſuppliant dieu

MonſeiGnur vous doner lõgue et
hureuſe uie de mõtaigne ce 12 feur
Vo'tre treſhũble
ſeruitur motaigne

E Frontenac diz que o que
o rei de Navarra fez não foi senão
pela desconfiança que lhe tinha sido insuflada
de que Ferrand trazia registros[9]
que afetavam o seu Estado e os negócios públicos.

Dizem que o efeito principal é
que várias cartas das moças desta
corte aos seus amigos em França são as que restam
(digo, as cartas que se salvaram, pois dizem
que, quando Ferrand foi apanhado,
teve como atirar alguns papéis ao
fogo, que foram consumidos antes que se
os pudesse retirar[10]) e estas cartas
prestam-se bem ao riso.[11] Na volta,
visitei o senhor Ferrier,[12] doente em Sainte-Foy,[13]
o qual se resolveu a vir me ver
um dia desta semana. Outros estarão lá
já esta noite. Não espero que ele
venha, e parece-me, tendo em vista sua idade,
que quando o deixei não estava em boas condições.
Contudo, esperarei por ele, e se vós
não me ordenardes o contrário, adiarei por isso
a minha viagem até vós para o início
da outra semana.[14] Vos beijando então muito humildemente as mãos
e suplicando a Deus,

Monseigneur, de vos conceder vida longa e feliz.
De Montaigne, em 12 de fevereiro.
Vosso muito humilde
servidor, Montaigne.

le dict ferrã
auoit mille
eſcus ſur lui
dict on car
toute cete
information n'est guiere certeine

O dito Ferrand
tinha mil
escudos com ele –
é o que se diz,
pois toda essa
informação não é muito certa.

NOTAS

1 Carta 30, nota 5.

2 Carta 40, nota 5.

3 Conselho do rei de Navarra.

4 Carta 42, nota 4.

5 Antoine de Buade, *seigneur* de Frontenac, um dos colaboradores e amigos mais próximos do rei de Navarra (que de seu simples escudeiro chegará a ser o *premier maitre d'hôtel* de Henri IV e receberá deste a ordem do *Saint Esprit*, então a mais elevada do reino), e que pertencia ao seu séquito quando de sua visita a Montaigne no fim de 1584 (*Efemérides de Beuther*, nota 27, cf. Montaigne, *Oeuvres complètes*, 1962, p. 1409; cf. Eccles, 2003). No contexto da carta, esse vem a Nérac (certamente enviado pelo rei de Navarra) para se entender com a rainha sobre o incidente.

6 Corte de Navarra.

7 Note-se a referência à França, em oposição à Gasconha, como se fosse um outro país (cf. cartas 9, nota 8 e 3, nota 4).

8 Provável referência ao rei, seu esposo: a carta mostra, como nota Legros (2013, carta 19), que a reconciliação entre os consortes reais "*n'est pas d'actualité*": a rainha irônica e publicamente se queixa do desinteresse do marido.

9 No original "*mémoires*" no sentido amplo, tanto de relações, como de relatórios.

10 Podemos especular sobre o provável conteúdo conspiratório dessas cartas (por exemplo: Bonnefon, 1893, p. 378-379); contudo, até momento, não se sabe com certeza o que continham.

11 No original, "*apprêtent fort à rire*" poderia ser traduzido simplesmente por "são muito engraçadas".

12 Carta 39, nota 3; cf. cartas 40, 42 e 44.

13 Carta 30, nota 1.

14 Nova desculpa (a ser somada às das cartas anteriores) para diferir um encontro com Matignon. Mas a razão apresentada é certamente válida: aguardar para acolher Ferrier com os "outros" – provavelmente também protestantes – para junto a estes obter novas informações.

Carta 44 (13 de fevereiro de 1585)

Ao Marechal Matignon [11]

Fontes

Monaco, Archives du Palais Princier: J 132, f° 174 r° (texte) et v° (adresse).

Fac-símile

https://montaigne.univ-tours.fr/lettre-matignon-13-fevrier-1585

Editio princeps

FEUILLET DE CONCHES, Félix-Sébastien. *Lettres inédites de Michel de Montaigne et de quelques autres personnages du XVIe siècle*. Paris: Henri Plon, 1863, p. 249-250.

Edições

MONTAIGNE, Michel de. *Œuvres complètes*. Albert Thibaudet & Maurice Rat (ed.). Paris: Gallimard, 1962, p. 1389. [Bibliothèque de la Pléiade]

Legros. Alain. *Montaigne manuscrit*. Paris: Classiques Garnier, 2010, Lettres et missives de Monsieur de Montaigne, nº 16, p. 696-698.

Contexto

Novamente, uma missiva que se refere a uma intensa atividade epistolar (ela mesma datada já do dia seguinte à última carta de Montaigne a Matignon): uma carta de Du Ferrier sobre a movimentação do rei de Navarra; outra carta sobre uma possível tropa de cavaleiros no Bazadais, a qual será talvez posteriormente endereçada a Matignon por Montaigne em função do relato de seu enviado; menção às informações na carta anexa do *marquis* de Trans sobre os rumores que correm na região; e recepção tardia da carta de Poiferré (aguardada desde a carta 41), a qual chega apenas para informar que não poderá informar. Enfim, um *post scriptum* sobre o desfecho da situação dos "*bohèmes*", após o conflito descrito na carta 41.

{Secretário}

A Monſeigneur,
Monſeigneur, ∂e Matignon
Mareſchal ∂e France

{Montaigne}

Monſeignur m^r^ du ferrier me uient
d'eſcrire que le roy de nauarre ſe doit
ran∂re a montauban Ils ſont ici autour
en alarme de quelque trope de ians de
cheual qu'ils diſent estre logee de lautre
coste de la riuiere en baſadois Si i'en sçai
nouuelles auāt que ceteci ſoit cloſe ie uous
en auertirai & y ai ēuoie cete nuit Ce peut
estre la compaignie du roy de nauarre qui
ſ'assāble pour faire mōtre de quoi i'ai ceans
des ian∂armes qui ſ'y uot ran∂re Vous uerres
les bruits qui courēt en ces cartiers par ce
que ~~illisible~~ mōſ^r^ le marquis de Trans
m'eſcrit I'ai ueu la lettre de poiferre il
ny a rien ſinon quil auoit a parler a moi
de la part des dames choſe qu'il estoit
beſouin que ie ſceusse mais qu'il ne pouuoit
leſcrire ny retarder ſon partemant ſur quoi

{Secretário}

A Monseigneur
Monseigneur de Matignon
maréchal de France

{Montaigne}

Monseigneur, *mr.* Du Ferrier[1] acaba
de me escrever que o rei de Navarra deve
ir a Montauban.[2] Estão aqui em redor
alarmados com certa tropa de
cavaleiros que dizem estar alojados do outro
lado do rio, em Bazadais.[3] Se tiver
novas informações antes de fechar esta carta,
eu vos advertirei – enviei alguém lá esta noite. Pode
ser a companhia do rei de Navarra que
se reúne para uma revista das tropas: é o que tenho ouvido
aqui dos militares[4] que para lá se dirigem. Vereis os
rumores que correm nestas terras pelo
que me escreveu o *monsr. marquis* de Trans.[5]
Vi a carta de Poiferré:[6]
não há nada lá, exceto que ele tinha de falar comigo,
da parte das senhoras, sobre algo
que eu precisava saber, mas que ele não o podia
escrever, nem atrasar sua partida. Pelo que,

eſperant bien tost auoir cet heur de uous
baiſer les meins ie ſupplie dieu uous
doner

Monſeignur longue et hureuſe uie De
mõtaigne ce 13 feur. 1585

Vostre treſhũble
ſeruitur mõtaigne

Moſieur i'obliois a uous dire que les priſoniers qui estoint a genſac de quoi ie vous ai
eſcrit ſont en liberte ſauf le procurur de la terre de mõrauel qui a este pris par
copaignie & rãcõtre n'aïant aucune participation a tout cela & ſ'estãt trouue ſur les lieus
pour quelꝙ execution de iustice

na esperança de ter em breve a felicidade de vos
beijar as mãos, suplico a Deus que vos
dê,

Monseigneur, vida longa e feliz.
De Montaigne, em 13 de fevereiro de 1585.

Vosso muito humilde servidor,
Montaigne.

Monsieur, esqueci de vos dizer que os prisioneiros que estavam em Gensac,[7] sobre os quais vos
escrevi, estão em liberdade, exceto o procurador da terra de Montravel[8] – que foi pego porque, por acaso, estava na
companhia dos outros,[9] não tendo tido, porém, nenhuma participação em tudo isso, encontrando-se no local
para alguma execução de justiça.

NOTAS

1 Carta 39, nota 3.

2 Capital do departamento de Tarn-et-Garonne, na região da Occitânia.

3 Antigo bispado situado nos arredores de Bordeaux e cuja capital é Bazas (cf. carta 24), cidade hoje no departamento da Gironda, na região da Nova Aquitânia.

4 "[...] "'gendarmes', cavaliers armés au service du roi et regroupés dans des compagnies d'ordonnance mises à la disposition des villes" (Legros, 2010, p. 698).

5 Referindo-se a uma carta anexa do marquês (sobre este, veja-se, por exemplo, a carta 10).

6 Sobre Poiferré, consultar a carta 11; a respeito da carta por este enviada, ver a carta 42.

7 Carta 41.

8 Antiga cidade hoje identificada à Montcaret, cidade no departamento da Dordonha, na região da Nouvelle Aquitaine. Lemos aqui "[...] *l'épilogue tragi-comique de l'histoire des bohémiens. Montravel est la terre voisine de celle de Montaigne, qui en connaît assurément l'infortuné procureur*" (Legros, 2013, carta 20).

9 No original "pris par compagnie et reencontre".

Carta 45 (sem data. 17 de Fevereiro de 1585?)

Ao Marechal Matignon [12]

Fontes

Monaco, Archives du Palais Princier: J 136, f° 246 r°

Cópia de Feuillet de Conches nos mesmos Archives, J 247r.

Fac-símile

https://montaigne.univ-tours.fr/lettre-matignon-sans-date-fevrier-1585

Editio princeps

Feuillet de Conches, Félix-Sébastien. *Lettres inédites de Michel de Montaigne et de quelques autres personnages du* XVI*e siècle*. Paris: Henri Plon, 1863, p. 250-251.

Edições

MONTAIGNE, Michel de. *Œuvres complètes*. Albert Thibaudet & Maurice Rat (ed.). Paris: Gallimard, 1962, p. 1390. [Bibliothèque de la Pléiade]

Legros. Alain. *Montaigne manuscrit*. Paris: Classiques Garnier, 2010, Lettres et missives de Monsieur de Montaigne, nº 17, p. 696-700.

Contexto

A inundação a que Montaigne se refere nesta carta não aparece entre as cheias do Garonne listadas por Champion (*Les inondations en France depuis le VIe siècle jusqu'à nos jours*, 1864). Apesar dos transtornos, parece ter sido apenas um evento sazonal, sem maiores consequências e sem vítimas. Pelo que está descrito no texto, a carta foi escrita após Montaigne ter recebido notícias de Pau (a capital do reino de Navarra) da movimentação de Henri a partir do dia 11: pela reconstituição do calendário de 1585 (que já era o caledário gregoriano, adotado na França em outubro de 1582), 11 de fevereiro foi uma segunda-feira, Montaigne diz ter recebido as duas últimas cartas de Matignon "na manhã deste domingo", então, é possível que ela tenha sido escrita neste mesmo domingo (17 de fevereiro), sendo, portanto, a última carta que possuímos da correspondência a Matignon nesse mês (a imediatamente anterior, que traduzimos acima, é do dia 13). O fato de Montaigne não ter comunicado na carta do dia 13 a movimentação que Henri de Navarra começara a fazer de Boucau de Bayonne a Saintonge, pode-se dever ao fato de ele só ter tomado ciência da circulação do rei a partir do dia 14.

Pelo contexto, tudo indica que Montaigne e Matignon estivessem cada qual em margens opostas do Garonne no momento da cheia. Montaigne, do lado oriental, impedido de passar para a margem oposta (Bordeaux fica na margem ocidental do rio), propunha a Matignon que ele poderia descer até Faubernet e Le Tourne, passando o rio neste último local ou, caso Matignon se deslocasse no mesmo momento que ele, na altura de Pondesac (na margem ocidental). Além disso, Montaigne estava sem sua equipagem: seus cavalos (talvez junto com seus criados) foram emprestados a Joseph d'Eymar,[1] talvez por conta de alguma dificuldade também causada pela cheia do rio, e precisa aguardar seu retorno para seguir viagem. Diante da situação, Montaigne pede a Matignon alterar a data e o local do encontro solicitado por este. Se puder esperar mais um pouco, ele subirá até Bastide (que fica em frente a Bordeaux, mas na outra margem do Garonne).

A Madame de Grammont que aparece, doente, na última linha do texto é a mesma da dedicatória publicada como introdução aos *Vingt et neuf sonnets d'Estienne de La Boétie* (*Ensaios* I, 29) (que traduzimos acima).

{Secrétaire}

A Monſeigneur.
Monſeigneur ∂e Matignon mareſchal∂e France

{Montaigne}

+
Monſeignur ie uiens tout preſantemant ce
dimanche matin de receuoir uos deus lettres
ſuiuant les quelles ie monterois a meſme heure
a cheual ſans ce que le preſidant eimar qui
partit hier de ceans ~~l'a~~ les miens lesquels
i'atans a ce ſoir aueq eſperance de partir demein
pour uous aler trouuer et ne pouuant faire
a cet'heure a cauſe des eaus deſbordees par
tout / ce chemin d'ici a bour∂eaus en une iournee
ie m'en irai coucher a Faubrenet pres du port
du Tourne pour uous trancher chemin ſi uous
~~estes~~ partes cepandant & me pourrai randre
mardi matin a poden ſac pour y entan∂re ce qu'il
uous plairra me comander Si par ce porteur uous
ne me changes d'assignation ie uous irai trouuer
mardi a bourdeaus ſans passer leau qu'a la bastide
Les nouuelles que i'ai receu de Pau de lunſieſme
c'est que le roy de nauarre ſ'en aloit quelques
iours apres au Boucau de Baione de la a Nerac

A Monseigneur
Monseigneur de Matignon, *maréchal de France*

Monseigneur, acabo de receber,
neste domingo de manhã, vossas duas cartas,
seguindo as quais eu estaria montado à cavalo agora,
mas o presidente Eimar,[2] que
partiu daqui ontem, tem os meus,[3] os quais espero que
os me restitua hoje à noite com esperança de partir amanhã
para vos encontrar, pois não podendo fazer
a esta hora, por causa das águas que transbordam por
toda a parte, o caminho daqui para Bordeaux em um dia,
irei dormir em Faubrenet,[4] perto do porto
do Tourne,[5] para vos encontrar no caminho; se, porém,
partirdes ao mesmo tempo, eu poderei ir
a Podensac[6] na terça-feira de manhã para ouvir o que
gostaríeis de me ordenar. Se por este portador[7] vós
não mudardes a minha missão, irei vos encontrar
na terça-feira em Bordeaux sem passar a água[8] antes de Bastide.[9]
As notícias que recebi de Pau do dia onze
é que o rei de Navarra iria alguns
dias mais tarde para o Boucau de Bayonne,[10] de lá para Nérac,[11]

de nerac a Bragerac & puis en Seintõge Maɔame
de gramont estoit encore bien mal Sur quoi ie uous
baiſe treſhumblemant les meins & ſupplie dieu
vous doner

Monſeignur treſhureuſe & longue uie

Vostre treſhũble ſeruitur
mõtaigne

de Nérac para Bergerac[12] e depois para Saintonge.[13] *Madame* de Grammont[14] estava ainda bem mal. No que eu muito humildemente vos beijo as mãos e imploro a Deus que vos dê,

Monseigneur, vida muito longa e feliz.

Vosso muito humilde servidor,
Montaigne.

NOTAS

1 Jurista, então presidente do Parlamento de Bordeaux, e que fora prefeito da mesma cidade entre 1575 e 1577.

2 Joseph d'Eymar (cf. nota 1).

3 Aparentemente, Montaigne emprestara seus cavalos (e, segundo Legros, seus serviçais: 2010, p. 699) ao presidente Eymar.

4 Atual Faubernet, pequena comunidade 30 km a sudeste de Bordeaux, na parte oriental do Garonne.

5 Atual Le Tourne, 5 km a oeste de Faubernet, às margens do Garonne (lado oriental).

6 Cidade no departamento da Gironda, na região administrativa da Nouvelle-Aquitaine, na margem ocidental do Garonne.

7 Trata-se do portador da carta.

8 Quer dizer, atravessar o Garonne inundado.

9 Cidade que ficava na margem oposta do Garonne face à Bordeaux e hoje é parte desta.

10 Cidade situada na área urbana de Bayonne, no departamento dos Pyrénées-Atlantiques, na região da Nouvelle-Aquitaine.

11 Corte de Navarra.

12 Cidade situada no departamento da Dordogne, na região da Nouvelle-Aquitaine.

13 Antiga província francesa (integrante da província romana da Aquitaine e hoje localizada na região da Nouvelle-Aquitaine) cujos limites variaram bastante com o tempo (Saintes tendo sido sua primeira capital).

14 Carta 11.

Carta 46 (3 de abril de 1585)

De Henri de Navarra ao prefeito e aos jurados de Bordeaux [1]

Fontes

A edição de Berger de Xivrey das cartas de Henri de Navarra indica que o original estaria nos Arquivos municipais de Bordeaux. Sua edição, no entanto, utilizou uma cópia feita pelo secretário-geral da cidade. É a transcrição utilizada por Berger de Xivrey que oferecemos aqui.

Edições

[Henri IV]. *Recueil des lettres missives de Henri IV*. Publié par M. Berger de Xivrey. Tome II (1585-1589). Paris: Imprimerie Royale, 1843, p. 29

GRUN, Alphonse. *La vie publique de Montaigne*. Paris: Amyot, 1855, p. 270-271.

Contexto

Vimos na última carta que Montaigne preparava-se para deixar seu castelo para, enfim, ir se encontrar com Matignon. E já era tempo, pois neste início de abril de 1585, o cenário do conflito religioso começa novamente a se ensombrar: o *duc* de Guise (cf. carta 48, nota 15) e seus partidários fomentam revoltas e levantes, e o rei de Navarra, movido pelos novos eventos ocasionados pela retomada

da situação geral de confronto, e alarmado acerca de certas atividades vizinhas hostis de cuja execução eminente teve conhecimento, dirige-se aqui ao corpo administrativo de Bordeaux para preveni-los e colocar sua vida e meios à disposição da defesa do Estado francês.

A MESS^RS LES MAIRE ET JURATZ DE LA VILLE DE BOURDEAULX.

Mess^rs, Je vous ay desjà adverty par le s^r de Lezignan des advis que j'avoys de toutes partz de ces nouveaulx evenements et des commandements que j'avoys du Roy. Maintenant nous voyons le mal continuer, et les autheurs sur le poinct d'executer plusieurs entreprinses, desquelles j'ay mandé les particularitez a mon cousin, mons^r le marechal de Matignon, et commande au s^r de Lambert, present porteur, vous dire de ma part. J'attens nouvelles de Sa Majesté et ce qui luy plaira estre faict, dont je vous donneray incontinent advis; vous asseurant que j'apporteray la vye et les moyens que Dieu m'a donnez pour le bien de son Estat et de son service. Ce pendant je vous prie veiller à vostre conservation, et me tenir adverty de ce que jugerez en estre digne, mesme de ce qui vous touche en general et en particulier, pour m'y employer avec aultant d'affection que vous sçaurez desirer, ainsy que vous dira ce dict et porteur: sur lequel nous remettant, prions Dieu vous avoyr, Mess^rs, en sa saincte et digne garde.

Escript à Lectoure, le iij^e iour d'avril 1585.

Vostre bien bon amy,

Henry.

TRADUÇÃO DA CARTA 46

A *Messieurs* prefeito e jurados da cidade de Bordeaux.

Messieurs, já tinha vos prevenido, pelo *sieur* de Lezignan[1], das advertências que tive, de todas as partes, acerca dos novos eventos e das ordens que tive do Rei. Agora vemos o mal continuar, e os autores a ponto de executar várias ações – das quais enviei[2] os detalhes a meu primo, *monsieur* Marechal de Matignon[3], e ordenei ao *sieur* de Lambert[4], portador da presente, de vos comunicá-las de minha parte. Espero notícias de Sua Majestade e sobre o que lhe agradará ser feito, e vos comunicarei imediatamente: assegurando-vos que darei a vida e os meios que Deus me concedeu para o bem de seu Estado e de seu serviço. Dito isso, eu vos peço para velar por vossa segurança, e me deixar a par do que jugardes ser importante, tanto no que vos concerne em geral quanto em particular, para que eu possa me empregar nisso com o máximo de disposição desejada, como o dirá o dito portador. Sobre o qual, remetendo-nos, rezamos a Deus, *Messieurs*, de vos ter em sua santa e digna guarda.

Escrito em Lectoure, 3 de abril de 1585

Vosso muito bom amigo,

Henri.

NOTAS

1 O *sieur* de Lezignan era um dos conselheiros de Estado de Henri de Navarra. Segundo Duplessis-Mornay, ele faria parte dos encarregados dos "*affaires de la relligion*". Ver Duplessis-Mornay (1824), p. 254.

2 No original, "*desquelles j'ay mandé*". O verbo tem os dois sentidos (solicitar e transmitir), mas aqui, pelo contexto, Henri de Navarra envia os detalhes do que ele soube para Matignon e para a *jurade*.

3 Esses detalhes serão, na verdade, transmitidos de viva-voz pelo *sieur* de Combes, portador da carta de Henri a Matignon datada do dia 6 de abril.

4 O *sieur* de Lambert, portador da carta, era um dos secretários de Henri de Navarra. Ele aparece diversas vezes intermediando a correspondência de Henri e Matignon e seguiu Henri de Navarra após sua ascensão ao trono francês. Cf. Gebelin, 1912, p. 37 (n. 12), 38, 138 (n. 7), 157 (n. 3), 166 (n. 3).

Carta 47 (22 de abril de 1583)

De Montaigne e jurados de Bordeaux a Henri III

Fonte

Archives municipales de Bordeaux: BB, Correspondance des Jurats.

Editio princeps

Archives historiques du département de la Gironde, Tome X, Nº CLXXXVII. Paris; Bordeaux: Aubry; Gounouilhou, 1868, p. 401. Transcrição de Ernest Gaullieur, arquivista da cidade de Bordeaux.

Edições

BONNEFON, Paul. *Montaigne, l'homme et l'oeuvre*. Bordeaux: Gounouilhou & Paris: Rouam, 1893, p. 387.

Contexto

A situação ameaçadora – que levou o rei de Navarra a tomar da pena na carta anterior – permanece pesando sobre Bordeaux. Seus desdobramentos refletem-se nesta e nas cartas seguintes. A presente é enviada por Montaigne e pela *jurade* de Bordeaux a Henri III na sequência imediata da tomada do castelo de Trompette e a prisão de seu capitão (o ultracatólico Louis de Genouillac, barão de Vaillac)

por Matignon: ação preventiva que diminuiu significativamente a possibilidade de levantes e revoltas subsequentes na cidade (Callières, 1661, p. 157; Bonnefon, 1893, p. 381-389; Grün, 1855, p. 269-274). Essa operação militar e suas consequências serão frequentemente o objeto das cartas seguintes. Trata-se, basicamente, de uma afirmação de obediência à coroa da parte dos bordelenses diante das ameaças crescentes dos *ligueurs*.

Nous avons très grand et notable occasion de louer et remercier Dieu de ce que, par vostre lettre du 10 du présent, il a pleu à Vostre Majesté nous faire entendre le gré et contentement qu'elle a de nostre résolution de persévérer en vostre obéissance, parce qu'à la vérité recognoissons que vous estes nostre Roy, souverain seigneur et maistre, nous ne faisons pas seulement estat certain et indubitablé d'uné fermé et constanté perseverancé en la fidélité et obeissancé que nous vous debvons par la volunté et commandement de Dieu, de conjoindré nostre salut, conservacion et intérest particulier avec le vostre, et de rejecter ainsy toutes consideracions, rumeurs, remhuemens, mauvais avis et conseilz de ceulx qui voudroient entreprendré quelque chosé revenant à l'altération du bien de vostre service. Mais aussy nous sommes tenduz, délibérés et résolus de garder et observer fidèlement et avec toute sincerité, sollicitude et vigilancé tout ce que nous pourrons scavoir et apprendré estre de vostre intention et nous renger et conformer entièrement et de tous poinctz à icelluy par l'employ de nostre sang, de nos viès, et de tous les moyens que Dieu nous aura suscités, et dont le fect et execution fera preuvé et demonstration certainé.

Nous sommes certains que Vostre Majesté sera informée amplement par M. le mareschal de Matignon de l'estat de ceste ville, mesmes de ce qui c'est passé naguères pour le faict de vostre Chateau-Trompete, auquel nous avons assisté de tout nostre pouvoir et rendu l'obeissance que nous debvons à vostre dite Majesté et service, comme nous ferons tousjours, de pareille volunté et devotion, que nous supplions le Créateur, Sire, continuer en Vostre Majesté ses sainctes graces et vertus, et vous conserver, en très bone santé et prospérité, bonne, heureuse et longué vié.

De vostre ville de Bordeaux, le XXIIe d'apvril 1585.

TRADUÇÃO DA CARTA 47

Temos muito grande e notável ocasião de louvar e agradecer a Deus que, por vossa carta do dia 10 do presente, aprouve a Vossa Majestade de nos fazer ouvir o prazer e a satisfação que tem com nossa resolução de perseverar em sua obediência, porque, na verdade, reconhecemos que sois nosso rei, soberano senhor e mestre, não fazemos apenas uma declaração certa e indubitável de uma firme e constante perseverança na fidelidade e obediência que vos devemos por vontade e mandamento de Deus, em juntar nossa salvação, conservação e interesse particular com o vosso, e rejeitar assim todas as considerações, rumores, mudanças,[1] más opiniões e maus conselhos daqueles que gostariam de empreender qualquer coisa que viesse a alterar o bem de vosso serviço.[2] Mas também estamos firmes, deliberados e resolvidos a guardar e observar fielmente, e com toda sinceridade, solicitude e vigilância, tudo o que pudermos saber e aprender ser de vossa intenção, e dispor e conformar inteiramente a ele, e de todos os pontos,[3] pelo emprego de nosso sangue, de nossas vidas e de todos os meios que Deus nos tiver suscitado, e cujo fato e execução dará prova e demonstração certa.

Estamos certos de que Vossa Majestade será amplamente informado por M. *maréchal* de Matignon da situação desta cidade, até mesmo do fato que aconteceu recentemente com seu *Chateau-Trompete*, ao qual demos assistência com todas as nossas forças, prestando a obediência que devemos a Vossa dita Majestade e serviço, como sempre o faremos, de igual vontade e devoção; e rogamos ao Criador, *Sire*, continuar em Vossa Majestade as suas santas graças e virtudes, e vos conservar em ótima saúde e prosperidade, e em boa, feliz e longa vida.

De vossa cidade de Bordeaux, 22 de abril de 1585.

NOTAS

1 No original, "*remhuemens*". Tecnicamente, o termo se aplica, no domínio jurídico, aos deveres devidos ao senhor (no caso, à coroa) a cada mudança de governo.

2 No original, "*service*", o dever do vassalo diante de seu senhor. Poderíamos traduzir menos literalmente: "[...] alterar o fato de estar a vosso serviço".

3 Quer dizer, de todos os pontos de vista.

Carta 48 (30 de abril de 1585)

De Henri de Navarra ao prefeito e os jurados de Bordeaux [2]

Fontes

A edição de Berger de Xivrey das cartas de Henri de Navarra indica que o original estaria nos Arquivos municipais de Bordeaux. Sua edição, no entanto, utilizou uma cópia feita pelo secretário-geral da cidade. É a transcrição utilizada por Berger de Xivrey que oferecemos aqui.

Editio princeps

[Henri IV]. *Recueil des lettres missives de Henri IV*. Publié par M. Berger de Xivrey. Tome II (1585-1589). Paris: Imprimerie Royale, 1843, p. 50.

Edição

GRUN, Alphonse. *La vie publique de Montaigne*. Paris: Amyot, 1855, p. 275-276.

Contexto

Não podendo ir pessoalmente a Bordeaux, por conta da situação de confronto com os *ligueurs* (em movimentação dentro e fora da cidade, como veremos

a seguir) logo após a tomada do castelo Trompette, o rei de Navarra faz questão de manifestar sua aprovação dessa ação e da administração geral da situação pelos jurados e prefeito (e estendendo tal aprovação assim também veladamente a Matignon), afirmando aqui sua afeição, mas sem deixar de enviar seu conselheiro La Marsilière em seu lugar.

A MESS^RS LES MAIRE ET JURATZ DE LA VILLE DE BOURDEAUX.

Mess^rs, Par tant d'occurences et d'occasions qui se présentent, je desirerois vous faire plus souvent entendre de mes nouvelles, et vous tesmoigner le désir et affection que j'ay à vostre bien, repos et conservation. Ce que ne pouvant faire en presence, et envoyant monsr de la Marsilliere devers mon cousin mons^r le mareschal de Matignon, je luy ay recommandé vous voir aussy de ma part et vous représenter mes intentions, avec quelques particularitez, convenables aux officiers que je présente. Je vous prie, Mess^rs, le vouloir bien ouïr et croire, et à Dieu qu'il vous ayt en sa saincte et digne garde.

De Bergerac, ce dernier avril 1585.

Vostre bien bon amy,
HENRY.

TRADUÇÃO DA CARTA 48

Aos *Messieurs* prefeito e jurados da cidade de Bordeaux

Messieurs, diante dos muitos acontecimentos e ocasiões que se apresentam, gostaria de dar-vos notícias minhas com mais frequência, e testemunhar-vos o desejo e a afeição que tenho pelo vosso bem, paz e preservação. O que, não podendo fazer em pessoa, e enviando *monsieur* de la Marsillière[1] a meu primo, o *monsieur le maréchal* de Matignon, recomendei-lhe que os visse também em meu nome e vos expusesse minhas intenções, com alguns detalhes, adequados aos oficiais que apresento.[2] Eu vou peço, *Messieurs*, para ouvirdes e nele vos fiardes, e a Deus que vos tenha em sua santa e digna guarda.

De Bergerac, neste último dia de abril de 1585.[3]

Vosso muito bom amigo,
Henri.

NOTAS

1 Carta 40, nota 5.

2 O que será transmitido está dentro dos limites protocolares que é cabido a eles enquanto funcionários do rei.

3 Dia 30 de abril de 1585.

Carta 49 (22 de maio de 1585)

Ao Marechal Matignon [13]

Fontes

Londres, British Library, Mss. Egerton, v. 23, Plutarch, f° 167, pièce 240 (endereço). Carta descoberta por Henri de Viel-Castell.

Fac-símile

https://montaigne.univ-tours.fr/lettre-matignon-22-mai-1585/ PAYEN, Jean-François. *Nouveaux documents ou peu connus sur Michel Montaigne* 2. Paris: Jannet, 1850, p. 10-12.

Editio princeps

GRUN, Alphonse. *La vie publique de Montaigne*. Paris: Amyot, 1855, p. 280-284.

Edições

FEUILLET DE CONCHES, Félix-Sébastien. *Lettres inédites de Michel de Montaigne et de quelques autres personnages du XVIe siècle*. Paris: Henri Plon, 1863, p. 252-256.

MONTAIGNE, Michel de. *Œuvres complètes*. Albert Thibaudet & Maurice Rat (ed.). Paris: Gallimard, 1962, p. 1390-1392. [Bibliothèque de la Pléiade]

Legros. Alain. *Montaigne manuscrit*. Paris: Classiques Garnier, 2010, Lettres et missives de Monsieur de Montaigne, nº 18, p. 700-705.

Contexto

Longa carta escrita de Bordeaux, em um estilo quase "telegráfico", repleta de informações (embora em parte incertas e permeadas de boatos) que se sucedem rapidamente, refletindo a atividade intensa e a atitude pressurosa de Montaigne em função da ausência de Matignon, retido no Agenais em meio a uma situação complicada. Por conta da ausência do Marechal, Ogier de Gourgues e Montaigne receberam a incumbência de defender militarmente Bordeaux contra as tropas de Henri de Navarre, sediadas em Bergerac e Sainte-Foy (a 90 e a 62 km, respectivamente, a leste de Bordeaux), mas, sobretudo, dos *ligueurs* que, rezam as notícias, descem do norte, de Nantes e do Auvergne, juntando forças sob o comando, entre outros, do duque de Mercœur, do duque de Mayenne, do duque de Elbeuf – além do contingente naval fundeado próximo à confluência do Dordogne com o Garonne, chefiado pelo filho do destinatário da carta 5 da presente tradução. Essa atividade crescente da Liga na região foi agravada pela ocupação do castelo de Trompette em seguida à prisão de seu capitão, inimigo pessoal do prefeito (cartas 22, nota 19; 46; 49, notas 2 e 7), o que faz deste e da cidade alvos para os ultracatólicos.

Note-se: em meio à profissão de fidelidade montaigniana à Matignon, a manifestação de sua preferência pessoal – em uma espécie de conselho velado ao marechal – pela "*voie plus douce*", mesmo notando adiante o risco para sua vida; e a bela frase (na forma modernisada por Legros): "*Je ferai ce que je pourrai pour sentir nouvelles de toutes parts, et pour cet effet je visiterai et verrai le goût de toute sorte d'hommes*".

{Montaigne}

[f. 1r]

Monſeignur i'ai receu ce matin vostre lettre
que i'ai cõmuniquee a mons^r de gourgues
et auons diſne enſamble ches monsr de bourɔeaus
Quanɔ a l'inconueniant ɔu tranſport de
lariant contenu en uostre memoire uous
uoies cõbien c'est choſe malaiſee a pouruoir
tant y a que nous y arons leuil de plus
pres que nous pourrons Ie fis toute
dilijance pour trouuer l'home de quoi uous
nous parlates Il n'a pouint este ici & m'a
monsr de bourɔeaus motre une lettre par la
quelle il mande ne pouuoir uenir trouuer
le dict sr de bourɔeaus come il deliberoit aiant
este auerti que uous uous deffies de lui La
lettre est de auanthier Si ie l'eusse trouue
i'eusse a lauanture ſuiui la uoie plus douce
estant incertein de uostre reſolution mais
ie uous ſupplie pourtant ne faire nul ɔoubte
que ie refuſe rien a quoi uous ſeres reſolu
et que ie n'ay ny chois ny distinction d'affaire
ny de perſone ou il ira de uostre comademant
Ie ſouhete que uous aies en guiene beaucoup
de uolantes autant uostres qu'est la miene

TRADUÇÃO DA CARTA 49

{Montaigne}

Monseigneur, recebi esta manhã vossa carta,
que comuniquei ao *monsieur* de Gourgues,[1]
e almoçamos juntos na casa do *monsieur* de Bordeaux.[2]
Quanto à inconveniência do transporte do
dinheiro mencionado em vosso lembrete,
podeis ver quanto é coisa difícil de prover;
tanto assim que o acompanharemos do mais
perto que pudermos. Fiz todas
as diligências para encontrar o homem do qual vós
nos falastes. Ele certamente não esteve aqui,
e o *monsieur* de Bordeaux mostrou-me uma carta
na qual ele declara não poder vir ter com
o mencionado *sieur* de Bordeaux, como tinha a intenção,
por ter sido advertido de que vós desconfiais dele. A
carta é de anteontem. Se o tivesse encontrado,
teria talvez seguido a via mais gentil,
estando incerto da vossa decisão, mas
vos suplico, porém, que não tenhais nenhuma dúvida
de que não me recuso a nada do que resolveres,
e de que não tenho, nem preferência, nem distinção de afazer
ou de pessoa, quando for questão de vosso comando.
Desejo que tenhais na Guyenne[3] muitas pessoas
cujas vontades sejam tão vossas como a minha.

[f. 1v]

On faict bruit que les galeres de nantes
ſ'en uienent uers brouage. Mõſ^r^ le mareſchal
de Biron n'est encores deſloge. Ceus qui
auoint charge d'auertir monsr d'Vſa diſent
ne l'auoir peu trouuer & croi qu'il ne ſoit plus
icy ſ'il y a este Nous ſomes apres nos
portes & gardes & y regardõs un peu
plus attantifuemant en uostre abſance
La quelle ie creins non ſulemant pour
la cõſeruation de cete uille mais aussi
pour la cõſeruation de uous meſmes
conoissãt que les enemis du ſeruice du roy
ſantent asses combien uous y estes necessere
et cõbien tout ſe porteroit mal ſans uous
Ie creins que les affaires uous ſurpranderõt
de tant de costes au cartier ou uous estes
que vous ſeres lõgtamps a prouuoir par
tout & y ares beaucoup et longues
difficultes S'il ſuruient aucune nouuelle
occaſion et inportante ie vous deſpecherai
ſoudein home expres et deues estimer
que rien ne bouge ſi uous n'aues de
mes nouuelles Vous ſuppliant aussi

[f. 2r]

de cõſiderer que telle ſorte de mouuemants ont
acostume d'estre ſi inpourueus que ſ'ils deuoint
auenir on me tiendera a la gorge ſans me
dire gare Ie ferai ce que ie pourrai pour
ſantir nouuelles de toutes pars & pour cet
effaict uiſiterai et uerrai le gout de toute ſorte

Corre o boato que as galeras de Nantes[4]
se dirigem para Brouage.[5] *Monsieur maréchal*
de Biron[6] ainda não se deslocou daqui. Aqueles que
estavam encarregados de avisar o *monsieur* d'Uza[7] dizem
que não o puderam encontrar, e creio que ele não esteja mais
aqui, se é que esteve. Estamos cuidando de nossos
portões e guardas, e lhes observamos um pouco
mais atentamente em vossa ausência[8] —
em função da qual temo não só pela
segurança desta cidade, mas também
por vossa segurança,
sabendo que os inimigos do serviço do rei[9]
percebem bem quão necessário aqui vós sois
e quão mal tudo se conduziria sem vós.
Receio que os negócios vos surpreenderão
de tantas formas na região em que vos encontrais,
que ficareis muito tempo a tudo prover,
e tereis aí muitas e longas
dificuldades.[10] Se acontecer algum novo
e importante alerta, imediatamente vos enviarei
um homem para vos informar, e vós deveis estimar
que nada mudou se não tiverdes
notícias minhas. Rogo-vos também

considerar que tal sorte de movimentos tem
o costume de ser tão imprevisíveis que, caso ocorram,
me agarrarão pela garganta
sem aviso prévio. Farei o que puder para
obter notícias de todos os lados, e para isso
visitarei e verei a opinião[11] de toda espécie

d'homes Iuſques a cete heure rien ne bouge
M^r du Londel m'a ueu ce matin et auons
regarde a quelques aiancemans pour ſa place
ou i'irai demein matin Deſpuis ce comãcemant de
lettre i'ai apris aus chartreus qu'il est passe pres
de cete uille deus iantilſhomes qui ſe diſent a
mõſieur de Guiſe qui uienent d'Agen ſans auoir
peu sçauoir qu'elle route ils ont tire On atant
a Agen que uous y ailles Le sr de mauueſin
uint iusques a canteloup & de la ſ'en retourna
aiant apris quelques nouuelles Ie cherche
un capiteine rous a qui maſparraute eſcrit
pour le retirer a lui aueq tout plein de promesses
La nouuelles des deus galeres de nantes prestes
a deſcendre en Brouage est certeine aueq deus
compaignies de ians de pieə Monſieur de mercure
est ənans la uille de nantes Le s^r de la courbe a

[f. 2v]
dict a m^r le preſidant neſmonə que mõſieur
d'elbeuf est andeça d'angiers et a loge ches
ſon pere tirant uers le bas poitou aueq
quatre mill'homes de pieə & quatre ou cinq
çans cheuaus aiant receuilli les forces de
monsr de Brissac & d'autres et que mõſieur
de mercure ſe doit iouinəre a lui Le bruit
court aussi que mõſieur du meine uient
prandre ce qu'on leur a assamble en auuergne
et que par le pais de forest il ſe randera
en rouergue et a nous c'est a dire uers le
roy de nauarre cõtre le quel tout cela uient
moſieur de Lanſac est a Bourg & a deus

de homens. Até o momento, nada se move.
Monsieur du Londel[12] viu-me esta manhã e
cuidamos de alguns arranjos para o seu lugar,
aonde irei amanhã de manhã. Após o início desta
carta,[13] soube, nos Chartreux,[14] que dois cavalheiros passaram
perto desta cidade, dizendo que pertenciam ao
monsieur de Guise[15] e que vinham de Agen,[16] sem se
poder saber que estrada tomaram. Espera-se
em Agen vossa vinda.[17] O *sieur* de Mauvezin[18]
veio até Chanteloup[19] e de lá regressou,
tendo tomado conhecimento de algumas novidades. Procuro um
certo capitão Roux[20] a quem Masparaute[21] escreveu
cheio de promessas para o atrair a ele.
A notícia das duas galeras de Nantes prontas
a descer para Brouage[22] com duas
companhias de infantaria é certa. *Monsieur* de Mercoeur[23]
está na cidade de Nantes. O *sieur* de La Courbe[24]

disse ao *monsieur* presidente Nesmond[25] que *monsieur*
de Elbeuf[26] está deste lado de Angers[27] e se hospedou
na casa de seu pai, dirigindo-se ao Bas-Poitou[28] com
quatro mil soldados a pé e quatrocentos ou quinhentos
cavalos,[29] tendo reunido as forças do
monsieur de Brissac[30] e de outros, e que o *monsieur*
de Mercoeur deve se juntar a ele.
Corre também o rumor que o *monsieur* do Maine[31] vem para
levar as tropas que foram reunidas para eles em Auvergne,[32]
e que pela região da floresta irá
para Rouergue[33] e até nós, isto é, em direção do
rei de Navarra, contra o qual vem tudo isto.
Monsieur de Lansac[34] está em Bourg[35] e tem dois

nauires armes qui le ſuiuent Sa charge
est pour la marine Ie vous dis ce que
i'aprans & meſle les nouuelles des bruits
de uille que ie ne treuue g uraiſamblables
aueq des uerites affin que uous ſaches tout
uous ſuppliant tréhũblemans uous en
reuenir incõtinant que les affaires le permete
teront et uous assurer que nous n'eſpargnerõs
cepanɔãt ny nostre ſouin ny ſ'il est beſouin
nostre uie pour cõſeruer toutes choſes en
lobeissance ɔu roy

Mõſeignur ie vous baiſe treſhũblemãt les mein
et ſupplie dieu vous tenir en ſa garde ɔe
bourɔeaus ce mecredi la nuit 22 de mai

Vostre treſhũble
ſeruitur mõtaigne

Ie n'ai ueu perſone du roy de nauarre
on dict que m^r de Biron la ueu

navios armados que o seguem: ele está encarregado
da marinha. Digo-vos o que
sei e misturo as notícias dos rumores
da cidade, que não acho verossímeis,
com verdades, para que saibais tudo,
rogando-vos muito humildemente que
regresseis incontinente assim que os negócios o permitirem,
e de vos assegurar que, enquanto isso, não pouparemos,
nem nossos cuidados, nem, se for necessário,
nossas vidas, para conservar todas as coisas em
obediência ao rei.

Monseigneur, muito humildemente vos beijo as mãos
e suplico a Deus vos manter sob sua guarda.
Em Bordeaux, nesta quarta-feira, na noite de 22 de maio.

Vosso muito humilde servidor,
Montaigne.

Não vi ninguém do rei de Navarra.
Diz-se que *monsieur* de Biron o viu.

NOTAS

1 Carta 18, nota 7.

2 Provavelmente Antoine Prevost de Sansac, arcebispo de Bordeaux, fiel ao rei: Frame (2003, p. 1323, nota 96) marca como a carta seguinte a Matignon, escrita apenas cinco dias após esta, alude à presença então constante de Montaigne no palácio do arcebispo. Mas a grafia *Bordeaus* no original manteria tal identificação como apenas conjetural (cf. Grün, 1855, p. 280, nota 2; Frigo, 2010, p. 153) – ainda que tal grafia coincida com aquela designando o local do remetimento desta carta em seu fecho.

3 Carta 5, nota 6.

4 Capital do departamento da Loire-Atlantique e da região do Pays de la Loire.

5 Antiga cidade (hoje denominada Marennes-Hiers-Brouage) situada no departamento da Charente-Maritime, na região da Nouvelle-Aquitaine. Bastião protestante, era então um porto importante para o aprovisionamento de Bordeaux, neste momento alvo das mencionadas galeras da cidade de Nantes, controlada pelo partido católico (cf. Frame, 2003, p. 1324, nota 97; Grün, 1855, p. 280, nota 3).

6 Armand de Gontaut, *seigneur* de Biron, *maréchal de France* desde 1577, foi o prefeito de Bordeaux anterior a Montaigne (cf. cartas 16, notas 3 e 4, e 49). Católico, foi substituído por Matignon como lugar-tenente geral na Guyenne quando se tornaram necessárias prudência e habilidade redobradas para construir o acordo com os protestantes.

7 Provavelmente Louis de Lur, *vicomte* de Uza (cf. Grün, 1855, p. 281, nota 3; Frame, 2003, p. 1324, nota 99).

8 Matignon partira para Agen seguindo ordens do rei (cf. a carta de Henry III reproduzida por Grün, 1855, p. 276-277) e deixando Montaigne exposto a grande risco, tendo que administrar uma situação bastante complicada, como a carta deixa perceber.

9 Montaigne e Matignon devem sempre manobrar seus *affaires* entre os protestantes e a Liga, mas é esta sobretudo a maior fonte de preocupação agora.

10 Grün marca (1855, p. 281, nota 3) que, efetivamente, Matignon deve garantir a segurança de muitas cidades, mas este se move com tanta rapidez que sua expedição será de curta duração.

11 No original, "le goût": interessante a linguagem sempre sensual montaigniana.

12 Le Londel ou Du Londel Auctoville, um dos capitães de Matignon e seu homem de confiança (cf. Grün, 1855, p. 281, nota 4). Segundo Frame, foi quem, em abril de 1585 assistiu

Matignon na tomada do castelo Trompette em Bordeaux (provavelmente o "lugar" ao qual se refere Montaigne aqui, mencionado novamente na carta seguinte) e na prisão do barão de Vaillac que o comandava (cf. carta 22, nota 19; Grün, 1855, p. 273-274, Frame, 2003, p. 1325, nota 100.

13 Note-se que as informações são registradas em um intervalo extenso de tempo, e vemos o conhecimento das novidades desenvolver-se ao longo da carta em um relato que tenta dar conta de sua progressão.

14 Les Chartrons ou Les Chartreux, bairro de Bordeaux.

15 No original "*deux gentilshommes que se disent à monsieur de Guise*". Trata-se de Henri I de Lorraine, terceiro Duque de Guise (1550-1588). Desde o Massacre de São Bartolomeu (1572), e sobretudo a partir da fundação da Liga Católica (1576) até seu assassinato (juntamente com seu irmão, Louis de Guise) a mando de Henri III durante os Estados Gerais de Blois em 23 de dezembro de 1588, Henri de Guise será o líder dos católicos franceses nas Guerras de Religião – aliados ao papa Sisto V e a Felipe II de Espanha. A relação de Montaigne com todas as partes envolvidas no conflito é, como acontece com outros nobres da época, complexa. Henri de Guise era arqui-inimigo do mundo protestante e ferrenho opositor das pretensões de Henri de Navarra (amigo de Montaigne) ao trono francês; mas foi por intermédio de Guise que Montaigne conseguiu ser libertado após passar uma noite aprisionado na Bastilha por ordens de outro *ligueur* (cf. *Éphémérides de Beuther*, p. 201 [10 de julho de 1588], Legros, 2010, anotações 34 e 35, p. 94-97). Em outra anotação das mesmas *Éphémérides* (p. 374 [23 de dezembro de 1588], Legros, 2010, anotação 36, p. 98), Montaigne o classifica como "um dos primeiros homens de sua época". Cf. carta 61, nota 2, para a transcrição e tradução integrais desta nota, e carta 41, nota 19. Para o contexto da Liga Católica, ver Holt (1995); Constant (1996); Knecht (2000). Para Henri de Guise, ver Constant (1984) e, sobretudo, Carroll (2009).

16 Carta 1, nota 15.

17 Montaigne adverte Matignon que já se sabe de sua vinda a Agen. Henri III ordenara que este aí fosse para lidar com a situação de revolta dos partidários da Liga, agravada pelo envolvimento de sua irmã, Marguerite (carta citada na nota 8, acima) que, com a ajuda destes, tenta suscitar a guerra simultaneamente contra seu marido e seu irmão (cf. Grün, 1855, 282, nota 1; 336, nota 3; Bonnefon, 1893, p. 379; Frame, 2003, p. 1325, nota 102).

18 Michel de Castillon, capitão de Navarra.

19 Cidade hoje no departamento de Calvados, na região da Normandie.

20 Militar católico que lutou contra a Liga ao lado do rei de Navarra, e se tornou amigo de Montaigne (tendo se casado em seu castelo em 1589). Cf. Frame (2003, p. 1325, nota 104); Jouanna (2017, p. 340); Trinquet (1969).

21 Pierre de Masparault ou Masparaulte, membro do conselho privado de Henri III e *maître des requêtes*.

22 Cf. nota 5, acima

23 Philippe-Emmanuel de Lorraine, duque de Mercœur (ou Mercure) e de Penthièvre, marquês de Nomeny, barão d'Ancenis, governador da Bretanha, será o último líder da Liga a se juntar a Henri IV.

24 Personagem ainda não identificado.

25 Franfois de Nesmond, membro do conselho privado de Henri III, presidente do Parlamento de Bordeaux.

26 Charles I, duque de Elbeuf (ou Elboeuf), primo do duque de Guise, um dos comandantes das forças da Liga; segundo Beuther (na mesma nota 34/35 citada acima) foi quem ordenou a prisão de Montaigne na Bastilha.

27 Capital hoje localizada no departamento de Maine-et-Loire, na região do Pays de la Loire.

28 Antiga província que constitui atualmente o departamento da Vendée, na região do Pays de la Loire.

29 Literalmente, "cavalos", mas referindo-se, claro, à cavalaria.

30 Charles II de Cossé, duque de Brissac, então partidário da Liga, mas que ainda será marechal sob Henri IV.

31 Charles II de Lorraine, duque de Mayenne, irmão mais novo do duque Henri de Guise, também chefe militar da Liga, e que se tornará seu principal líder após a morte deste. Segundo Grün (1855, p. 283, nota 5), deveria comandar a armada principal do rei contra Navarra, mas a reunião desta será diferida por Henri III que teme a dominação da Liga.

32 Região cultural e histórica situada no maciço central francês.

33 Antiga província francesa correspondendo aproximadamente ao atual departamento do Aveyron.

34 Guy de Lansac, partidário da Liga: não confundir com seu pai, a quem se endereça a carta 5.

35 Cidade portuária hoje situada no departamento da Gironde, na região da Nouvelle-Aquitaine.

Carta 50 (27 de maio de 1585)

Ao Marechal Matignon [14]

Fontes

Mônaco, Archives du Palais Princier: J 132, f° 454 r° et v° et f° 455 v° (endereço).

Fac-símile

https://montaigne.univ-tours.fr/lettre-matignon-27-mai-1585

Editio princeps

FEUILLET DE CONCHES, Félix-Sébastien. *Lettres inédites de Michel de Montaigne et de quelques autres personnages du XVIe siècle*. Paris: Henri Plon, 1863, p. 272-274.

Edições

MONTAIGNE, Michel de. *Œuvres complètes*. Albert Thibaudet & Maurice Rat (ed.). Paris: Gallimard, 1962, p. 1392-1393. [Bibliothèque de la Pléiade]

Legros. Alain. *Montaigne manuscrit*. Paris: Classiques Garnier, 2010, Lettres et missives de Monsieur de Montaigne, nº 19, p. 705-708.

Contexto

Carta a Matignon sobre a crescente tensão que reina em Bordeaux e onde se pode constatar, mais uma vez, a vigilância de seu prefeito, velando dia e noite pela segurança de seus cidadãos. Novamente uma carta que traz outras cartas, mas as informações e ações aqui reportadas se referem unicamente à defesa da cidade: pois, desta encarregado juntamente com Gourgues, tudo que Montaigne espera é poder devolvê-la à Matignon no estado em que este a deixou – e esse comentário do missivista é por si só bastante revelador da sua percepção da iminência das ameaças, causa de sua insistente urgência pelo retorno do marechal e suas tropas (cuja falta o obriga a recorrer a terceiros). Simultaneamente à sua comunicação com o marechal, o ensaísta serve de pombo-correio entre este e Navarra; e movendo-se no interior e exterior da cidade, do arcebispado ao castelo vizinho, de tudo cuidando, ainda põe o Parlamento em guarda contra rumores e homens perigosos que no momento lá se encontravam (e em primeiro lugar contra Vaillac – o ex-comandante do castelo Trompette – o qual, mesmo destituído de suas funções, continua a ser uma fonte de alarmes e preocupações).

{Montaigne}

A mõſeignur

mõſeignur le
mareſchal ∂e matignõ

{Montaigne}

A Monſeignur ie uous ai eſcrit bien
amplemant ces iours passes Ie
uous enuoie deus lettres que i'ai receu
pour uous par vn home de m^r ∂e rouillac
Le uoiſinage de m^r de vaillac nous
ramplit ∂'alarmes & nest iour qu'on
ne m'en done cinquãte bien pressantes
Nous uous ſupplions treſhũblemãt de
uous en uenir incontinant que vos
affaires le pourrõt permettre I'ai
passe toutes les nuits ~~deſpu~~ ou par
la uille en armes ou hors la uille
ſur le port & auãt uostre auertissemãt
y auois deſia veille vne nuit ~~poſ~~ur
la nouuelle ∂'un bateau charge
d'homes armes qui deuoit passer
Nous n'auons rien ueu & auãtarſoir

{Montaigne}

Ao *monseigneur*

monseigneur maréchal de Matignon

{Montaigne}

Monseigneur, tenho vos escrito bem
extensamente nestes últimos dias. Estou
vos enviando duas cartas que recebi
para vós de um homem de *monsieur* de Rouillac.[1]
A proximidade do *monsieur* de Vaillac[2]
enche-nos de alarmes e não há um dia em que
não me sejam dados cinquenta [alarmes] bem urgentes.
Rogamos-vos muito humildemente que
venha tão incontinente quanto vossos
afazeres o puderem permitir.
Passei todas as noites ou pela
cidade em armas, ou fora da cidade
no porto, e antes do vosso aviso
já aí velara uma noite,
por conta da notícia de um navio carregado
de homens armados que devia passar.
Não vimos nada e anteontem à noite

y fuſmes iusques apres minuit ou
m^r de gourgues ſe trouua mais
rien ne uint Ie me ſeruis du capiteine
Seintes aiant beſouin de nos ſoldats
Lui et massip ramplirẽt les trois pataches

[f. 454v]
pour la garde du dedans de la uille
Ieſpere que uous la trouuerres en lestat
que uous nous la laissates I'enuoie
ce matin deus iurats auertir la cour
de parlemãt de tant de bruits qui
courẽt & des homes euidãmant ſuſpets
que nous ſçauõs y estre Sur quoi
eſperãt que uous ſoies ici demein au
plus tarð ie vous baiſe treſhũblemãt
les meins & ſupplie dieu uous doner

Mõſeignur logue et hureuse uie De
bourdeaus ce 27 de mai 1585

Vo'tre treſhũble
ſeruitur mõtaigne

{Post-scriptum}

Il n'a este iour que ie naie este au
chateau trõpete Vous trouuerres
la plateforme faicte Ie vois
larcheueſche tous les iours aussi

aí estivemos até depois da meia-noite, com
monsieur de Gourgues,[3] mas nada veio.
Precisando dos nossos soldados,
eu me servi do capitão Saintes.[4]
Ele e Massip[5] ocuparam as três embarcações[6]

para a guarda do interior da cidade.
Espero que vós a encontreis no estado
em que vós nos a deixastes. Esta manhã
vou enviar dois jurados para avisar a corte
do parlamento de tantos rumores que
correm e dos homens obviamente suspeitos
que sabemos aí estar. No quê,
esperando que estejais aqui o mais
tardar amanhã, beijo-vos muito humildemente
as mãos e suplico a Deus que vos conceda,

Monseigneur, vida longa e feliz.
De Bordeaux, em 27 de maio de 1585

Vosso muito humilde servidor,
Montaigne.

{Post-scriptum}

Não houve dia em que eu não tenha estado no
castelo Trompette.[7] Encontrareis
a plataforma instalada.
Também vejo o arcebispado[8] todos os dias.

NOTAS

1 Muito embora sem identificação segura, viu-se aqui um personagem na verdade denominado "Raillac", um dos partidários de Navarra (Feuillet de Conches, 1863, p. 272, nota 2; Frame, 2003, p. 1327, nota 115; Legros, 2010, p. 707) – o que mostraria como Montaigne continua a servir de intermediário entre Matignon e o futuro Henri IV.

2 Louis Ricard Gourdon de Genouillac, barão de Vaillac, ultracatólico cuja expulsão do castelo Trompette por Matignon agrada tanto ao rei de Navarra como a Henri III (cartas de ambos a Matignon respectivamente de 24 de abril e de 3 de maio de 1585 referidas por Grün, 1855, p. 274-277; cf. cartas 48 e 22, nota 19). Detrator de Montaigne e ferrenho opositor à sua reeleição à prefeitura de Bordeaux em 1583 (Desan, 2014, p. 417), Vaillac, após sua destituição do comando do castelo, fora posto em liberdade por Matignon para que pudesse se justificar junto ao rei. No entanto, em vez de ir ao encontro de Henri III – mesmo tendo recebido do marechal quinhentos escudos para a viagem – permaneceu na região causando problemas (Bonnefon, 1893, p. 395, nota 2; Frame, 2003, p. 1327, nota 116).

3 Carta 18, nota 7.

4 Chefe militar próximo a Matignon (comandante de Cahors, então destacado para Bordeaux), e seu informante de confiança (Feuillet de Conches, 1863, p. 273, nota 2).

5 Provavelmente um dos conselheiros do Parlamento de Bordeaux (Frame, 2003, p. 1327, nota 119).

6 Legros, 2010, p. 707: "[…] "'*pataches*', petits vaisseaux de guerre ou de douane prêts à intervenir en cas de débarquement ennemi par l'estuaire et le port".

7 Agora nas mãos do capitão Londel (carta 48, nota 12) e por isso elemento importante da defesa da cidade.

8 Referindo-se ao palácio do arcebispo. Em conluio com Vaillac, Escars e Jean de Villeneuve (então segundo presidente do parlamento), este foi um dos grandes adversários da reeleição de Montaigne – e certamente se tratava de alguém com quem o prefeito tinha que negociar com cuidado, ainda mais em um tempo de graves ameaças por parte da Liga.

Carta 51 (30 de maio de 1585?)

Do Visconde de Turenne a Montaigne

Fontes

O autógrafo original foi perdido. Texto registrado pelo abade Joseph Prunis (por volta de 1772) nas notas manuscritas para o seu prefácio ao *Journal de voyage* – projeto que não chegou a ser publicado. Cf. Correspondance Prunis-Leydet. BnF Dep. manuscrits, Provinces françaises, Perigord 106, fol. 23r. (Préface, p. 7).

Fac-símile

https://archivesetmanuscrits.bnf.fr/ark:/12148/cc975860

Edições

PAYEN, Jean-François. *Nouveaux documents inédits ou peu connus sur Montaigne*. Paris: Jannet, 1850, p. 49-50.

GRUN, Alphonse. *La vie publique de Montaigne*. Paris: Amyot, 1855, p. 342.

PRUNIS, Joseph. Preface de Joseph Prunis a son projet d'édition (1772). In: MONTAIGNE, Michel de. *Journal de Voyage*. François Rigolot (ed.). Paris: PUF, 1992, p. 304.

Contexto

Prunis, que teria tido o autógrafo em mãos em 1770, não fornece maiores explicações sobre a descoberta da carta, nem sobre as características físicas do documento – ainda que, pelo que tudo indique, trate-se do material que estava no mesmo baú em que ele descobriu o autógrafo do *Journal de Voyage*. Payen datou a carta de 1587 (escrita antes de 20 de outubro).[1] No entanto, muito embora sua autenticidade e seu endereçamento não sejam postos em dúvida, Grün, contestou-lhe, com boas razões, a datação e o contexto, situando sua produção não em 1587, mas bem antes, no final do mandato de Montaigne na prefeitura de Bordeaux, em 1585, já nos eventos em torno do início da Oitava Guerra de Religião. Comentadores contemporâneos, como Cooper, consideram consolidada a datação de 1585.

A comparação da carta de Turenne com uma de Henri de Navarra a Matignon, em 30 de maio de 1585, é decisiva para correlacionar os acontecimentos e os textos.[2] Uma outra carta, de La Marsillière,[3] assinala a presença de Montaigne em Libourne no início de junho – o que reforça, em princípio, que Montaigne tenha seguido a sugestão de Turenne de esperar por Matignon e Henri de Navarra em Libourne nesse momento.[4]

Aparentemente, o encontro não aconteceu. Em uma carta a um de seus superintendentes, Jacques de Ségur, *baron* de Pardaillan, datada do dia 10 de junho, Henri de Navarra afirma ter ficado quatro dias nas imediações de Libourne, mas Matignon declinou do convite, alegando "cólicas".[5] O encontro finalmente acontecerá no dia 12 de junho – segundo carta de Henri de Navarra a um de seus conselheiros, André de Meslon, governador de Monsegur, datada do dia 13 de junho.[6]

Quanto ao "outro marechal", Grün crê tratar-se não de Anne de Joyeuse, mas de Charles de Gontaut, *duc* de Biron (cf. cartas 16 e 49), *maréchal de France*, que estava na Guyenne em fins de maio de 1585.[7]

[…] Mr. [lui ecrivoit M. de Turenne],
je vous dirai comme nous partons pour
aller voir m. le prince. Au retour le roi de navarre se
resout de voir le maréchal de Matignon. je vous prie y
tenir la main, car on sait bien ici qu'à votre perſuaſion
et ſelon que vous pousserez, que cela ſe pourra faire pour
le bien du service du roi, pour le bien du service pour le
roi[8]*, pour le repos de ce gouvernement, et au contentement*
de tous les gens de bien. nous avons vû l'autre marechal:
mais que je vous voye, je vous en dirai des particularités.
je vous prie de croire, que j'affectionne infiniment votre
amitié, auſſi vous pouvez vous ſervir de moi, comme de
votre humble et aſſuré ami à vous obeir. . . Turenne.

Monsieur,
vou dizer-vos que estamos de partida para
ir ver o Príncipe.[9] No seu regresso, o rei de Navarra se
resolveu a ver o marechal de Matignon; peço-vos que
ajude nisso, pois é bem conhecido aqui que, por vossa persuasão
e de acordo com os vossos desejos, isso pode ser feito para
o bom do serviço do rei, [para o bom do serviço pelo
rei,[10]] para a serenidade do governo e para a satisfação
de toda a gente de bem.[11] Vimos o outro marechal;[12]
mas assim que eu vos vir, dir-lhe-ei os pormenores.
Peço-vos que acrediteis que tenho infinita afeição por vossa
amizade, por isso podeis vos servir de mim como
vosso humilde e amigo certo em vos obedecer… Turenne.[13]

NOTAS

1 Segundo Payen, Henri de Navarra teria ido visitar Henri I de Bourbon, Príncipe de Condé, em Saint-Jean-d'Angely (onde este último faleceu). Entre meados de 1586 e outubro de 1587, ele estaria nos arredores de La Rochelle (75 km a sudeste de Saint-Jean-d'Angely) e teria saído de lá para a visita. O "outro marechal" que Turenne teria visto seria Anne de Joyeuse (morto na batalha de Coutras, em 20 de outubro de 1587). Assim, Henri de Navarra teria saído de La Rochelle a Coutras (a 180 km ao sul), mas teria passado antes por Bordeaux (60 km a sudeste de Coutras) onde teria encontrado Montaigne juntamente com Matignon.

2 Grün acha improvável que Henri de Navarra, no caminho de La Rochelle a Coutras, tenha se deslocado até Bordeaux – nesse momento (1587), uma cidade *ligueuse* – para encontrar Matignon. Argumenta também, entre outras coisas, que, desde a guerra da Liga, Matignon não servira mais de intermediário entre Henri III e Henri de Navarra – a correspondência entre esses dois personagens havia cessado e só foi retomada depois da batalha de Coutras. E Montaigne, que já não tinha mais ligação institucional com Bordeaux, provavelmente não seria invocado para auxiliar nessa triangulação (em si mesmo, porém, esse não seria um critério muito decisivo). Por outro lado, analisando a correspondência de Henri de Navarra, Grün aponta para diversas convergências entre uma carta enviada a Matignon em 30 de maio de 1585 e o texto de Turenne. Nesse caso, as cidades em questão passam a ser: para Condé, em vez de Saint-Jean-d'Angely, Montguyon; para Matignon e Montaigne, em vez de Bordeaux, Libourne. No início de junho, fugindo da peste e refugiado em Libourne, Montaigne ainda era prefeito de Bordeaux e, para Grün, faria todo sentido Turenne pedir sua intercessão, com Matignon, o rei de Navarra e Montaigne encontrando-se na cidade (Libourne) designada pela carta de 30 de maio.

3 Hurozius Berziau, *seigneur* de la Marsillière (ou Marcillière), secretário de Henri de Navarra.

4 "Navarre cherchait à rencontrer Matignon à Libourne, mais ce dernier envoya Montaigne à sa place, ainsi qu'il ressort d'une lettre du conseiller La Marsillière, qui signale la présence à Libourne le 3 juin de 'monsieur le mayre', et de deux lettres du Béarnais à Matignon, emportées sans doute par Montaigne" (Cooper, 2006, p. 318-319).

5 "Nous avons esté, monsieur le prince et moy, trois ou quatre iours ensemble avec monsr de Rohan, monsr le comte de La Rochefoucault et bonne compagnie a Montguyon et à Coutras, en espérance de voir le mareschal de Matignon, qui avoit promis de se trouver à Libourne, dont il s'est excusé sur la cholique; de sorte que nous n'avons peu conférer

avec luy des choses qui concernent le service du roy, comme il estoit bien nécessaire. Ce sera pour une aultre fois" (*Recueil des lettres missives de Henri* IV, Tome 2, 1843, p. 74-75).

6 "Mons^{r} Meslon, Hyer mons^{r} de Matignon m'accorda, à nostre entrevue le payement d'ung moys pour les garnisons des places de seureté, avecque promesse que dans six jours ensuivans il y seroit satisfaict." (*Recueil des lettres missives de Henri* IV, Tome 2, 1843, p. 76).

7 "L'autre maréchal, dont M. de Turenne disait nous l'avons vu, c'est le maréchal de Biron. II était en Guyenne. Dans le courant de mai, le roi de Navarre lui avait écrit ces lignes que j'ai déjà citées, mais qui doivent être reproduites ici: 'Mon cousin, ie suis marry que les remuëmens m'ostent le plaisir que i'avois esperé de vous voir. Cela mesme nous eust esté un moyen de nous esclaircir l'un l'aultre de plusieurs choses qui importent au service du Roy et bien de cest Estat. Je vous prie d'adviser si en quelque façon, sans interest de vostre santé, il se pourra recouvrer'." (*Recueil des lettres missives de Henri* IV, Tome 2, 1843, p. 59-60). Il est probable que le maréchal n'aura pas résisté à cette invitation réitérée. Dans le post-scriptum de sa lettre [a Matignon] du 22 mai [1585], [...] Montaigne dit: 'Ie n'ay veu personne du roy de Navarre ; on dit que mons^{r} de Biron l'a veu'" (Grün, 1855, p. 345).

8 Aparentemente, erro de transcrição de Prunis.

9 Provavelmente Henri I de Bourbon, príncipe de Condé, primo do rei de Navarra (Payen, 1850, p. 49, nota 1).

10 No original, parece ter havido um erro de transcrição de Prunis, que repetiu as mesmas palavras do trecho anterior.

11 Pelo contexto da época, "a satisfação das gentes de bem" envolveria, provavelmente, questões relativas ao início dos conflitos da Oitava Guerra de Religião, que culminarão, em 7 de julho, na imposição do Édito de Nemours.

12 Segundo Grün, tratar-se-ia do *maréchal* de Biron, que estava na Guyenne em fins de maio de 1585.

13 Cf. carta 38, nota 3.

Carta 52 (13 de junho de 1585)

Do Marechal Matignon a Montaigne

Fontes

Archives Municipales de Bordeaux, cota: AA 19 (Lettres des maréchaux de France).

Editio princeps

Archives historiques du Département de la Gironde. Tome 10, nº CLXXXVIII. Paris; Bordeaux: Aubr; Gounouilhou, 1868, p. 402. Transcrição de Ernest Gaullieur, arquivista da cidade de Bordeaux.

Edições

COOPER, Richard. La correspondance politique de Montaigne. *In*: DESAN, Philippe (ed.). *Montaigne politique*. Paris: Champion, 2006, p. 305-328 (texto na p. 319).

Contexto

Matignon está em Marmande (cerca de 70 km ao sul de Libourne e 90 km de Bordeaux) e escreve depois do encontro com Henri de Navarra, dia 12 de junho – encontro que havia sido encomendado por Navarra no dia 30 de maio.[1]

A carta foi enviada a Bordeaux, supondo-se que Montaigne estivesse ausente – ele, que ainda era o prefeito, já estaria talvez em trânsito por conta da peste que assolou Bordeaux de junho a dezembro, e talvez já nos arredores de Libourne, onde se estabeleceria provisoriamente no segundo semestre de 1585 (conseguindo o atestado de "burguês" da cidade, o que lhe permitiria escoar sua produção de vinho).[2] Estabelecido em Libourne ou não, ele efetivamente esteve por lá no início de junho, justamente por conta do encontro pedido no dia 30 de maio.[3]

Como muitas vezes acontecia, o portador de uma carta poderia levar também, de viva-voz, instruções importantes, que, por diversas razões, não eram escritas (normalmente, esse suplemento oral era indicado no texto). Aqui, então, a carta, além do gesto de *politesse*, é o atestado de que o portador tem algo a dizer oralmente em nome do remetente, operação esta certificada no próprio escrito.

[recto]

{Secrétaire}

Monsieur de Montaigne,

je vous prie croire ce porteur de ce qu'il vous dira de ma part. Sur lequel me remettant, je vous feray plus longue lettre que mes affectionnees recommandations à vos bonnes graces, priant Dieu qu'il vous donne, monsieur de Montaigne, bonne et longue vie.

{Matignon}

Vostre entierement ami et très parfaict
Matignon

{Secretário}

A Marmande, du XIIIe juin 1585

[verso]

A Monsieur, Monsieur de Montaigne, chevalier de l'ordre du Roy et maire de la ville de Bordeaulx, et, en son absence, à Monsieur de la Mothe,[4] *jurat de ladite ville.*

[recto]
{Secretário}

Monsieur de Montaigne,

eu vos rogo crer no que este portador vos dirá de minha parte. Sobre o quê, reportando-me a ele, não vos farei mais longa carta, senão por minha afetuosa recomendação a vossas boas graças, orando a Deus para que ele vos conceda, monsieur de Montaigne, boa e longa vida.

{Matignon}

Inteira e muito perfeitamente vosso amigo,
Matignon.

{Secretário}

De Marmande,[5] em 13 de junho de 1585

[verso]

A *Monsieur*, *Monsieur* de Montaigne, cavaleiro da ordem do rei e prefeito da cidade de Bordeaux, e, em sua ausência, a *Monsieur* de la Mothe, jurado da referida cidade.

NOTAS

1 Para o contexto, ver a carta de Turenne a Montaigne nessa mesma data (carta 50).

2 Para a "burguesia" de Montaigne em Libourne, ver Jouanna (2017, cap. 5).

3 "Navarre cherchait à rencontrer Matignon à Libourne, mais ce dernier envoya Montaigne à sa place, ainsi qu'il ressort d'une lettre du conseiller La Marsillière, qui signale la présence à Libourne le 3 juin de 'monsieur le mayre', et de deux lettres du Béarnais à Matignon, emportées sans doute par Montaigne" (Cooper, 2006, p. 318-319).

4 Baude de Moncuq.

5 Cidade situada hoje no departamento Lot-et-Garonne, na região administrativa da Nova Aquitânia.

Carta 53 (30 de julho de 1585)

Aos jurados de Bordeaux [4]

Fontes

O manuscrito original foi destruído no incêndio dos Archives Municipales de Bordeaux, em 1862. O texto foi descoberto por Arnauld Detcheverry e preservado na transcrição (grafia e pontuação modernas) feita por ele em sua *Histoire des israélites de Bordeaux* em 1850. Segundo Jean-François Payen, a subscrição e a assinatura seriam autógrafas.

Editio princeps

Detcheverry, Arnaud. *Histoire des israélites de Bordeaux*. Bordeaux: Balarac Jeune, 1850, p. 51.

Edições

PAYEN, Jean-François. *Nouveaux documents ou peu connus sur Michel Montaigne* 2. Paris: Jannet, 1850, p. 21.

MONTAIGNE, Michel de. *Œuvres complètes*. Albert Thibaudet & Maurice Rat (ed.). Paris: Gallimard, 1962, p. 1394. [Bibliothèque de la Pléiade]

Legros. Alain. *Montaigne manuscrit*. Paris: Classiques Garnier, 2010, Lettres et missives de Monsieur de Montaigne, nº 20, p. 708-709.

Contexto

Montaigne está em Libourne, às margens do rio Dordogne, e nesta carta, escrita no último dia de seu mandato como prefeito de Bordeaux, anuncia que, por causa da epidemia de peste (que, na região, fez cerca de vinte mil vítimas entre junho e dezembro de 1585[1]), não retornará à cidade e, portanto, não presidirá a sessão que vai eleger o próximo prefeito – seu superior imediato, o *lieutenant* do rei na Guyenne, Marechal Matignon, que assim passará a acumular os dois postos. Foi o próprio Matignon, diz Montaigne, quem lhe deu a notícia da cerimônia. A primeira parte da carta, portanto, é uma notificação aos membros da *jurade* sobre essa tomada de decisão: poderia chegar até o castelo de Feuillas, perto de Cenon, na margem oeste do rio Garonne, a poucos quilômetros do centro de Bordeaux, para receber um emissário a mando de seus companheiros na prefeitura. O encontro com esse emissário é incontornável porque, pelo que diz a última parte da carta, Montaigne teria recebido de Matignon (talvez pessoalmente) uma "*créance*" (soma em dinheiro ou uma ordem de pagamento) para a guarnição ("*compagnie*") aquartelada em Bordeaux. Assim, no dia seguinte, ele estará, efetivamente, em Feuillas, e enviará uma outra carta à *jurade* (ver a carta de 31 de julho de 1585).

Nenhum indício de que Montaigne, que fora praticamente intimado a tomar posse como prefeito por ordem do rei em 1581, tivesse agora algum tipo de desconforto para entregar o posto: tratava-se de uma cerimônia puramente protocolar, e, dado o contexto da epidemia, parece que a decisão de não ir até Bordeaux tinha a ver, de fato, com sua segurança e a de seus familiares (Legros, 2010, p. 709). Muito provavelmente, é desse período o relato feito em "Da fisionomia" (*Ensaios* III, 12), quando Montaigne, sem indicar uma data precisa, fala de vagar durante seis meses com sua família pelo sul da França fugindo da peste.[2] Na segunda metade de 1585, no entanto, ele conseguirá um estatuto de "burguês" de Libourne, a fim de conseguir escoar sua produção de vinho.[3]

Seja como for, as razões para Montaigne estar em Libourne nesse momento são também políticas, como apontam alguns comentadores. Henri de Navarra publicara sua *Déclaration contre les calomnies publiées es protestations de ceux de la Ligue* em 17 de junho de 1585 (Baranova, 2017). E o Édito de Nemours (Le Person,

1998), imposto a Henri III pelos Guise, revogando os éditos precedentes em favor dos protestantes, e impedindo Henri de Navarre e o príncipe de Condé de concorrerem ao trono francês, havia sido firmado em 7 de julho do mesmo ano (ratificado em 18 de julho), levando o reino à Oitava Guerra de Religião (que durará até 1598, com o Édito de Nantes). É possível, portanto, que Montaigne, ainda prefeito, permanecesse em Libourne a mando de Matignon para negociações com Henri de Navarra.[4]

{Secrétaire}

Messieurs, jay trouve icy par rencontre de vos nouvelles par la part que monsieur le mareschal men a faict. Je n'espargneray ny vie ne aultre chose pour votre service, et vous laisseray à juger sy celuy que je vous puis faire par ma présence à la prochaine élection vaut que je me hazarde daller en la ville veu le mauvais estat en quoy elle est notamment pour des gens quy viennent dun sy bon air comme je fais. Je maprocherai mercredy le plus près de vous que je pourray, est à Feuillas se le mal ny est arrive, auquel lieu comme jescris a monsieur de la Motte je serai tres ayse davoir cest honneur de voir quelquun dentre vous pour recevoir vos commandemens, et me décharger de la creance que monsieur le mareschal me donnera pour la compagnie, me recommandant sur ce bien humblement a vos bonnes graces, et priant Dieu vous donner,

Messieurs, longue et heureuse vie. De Libourne ce 30 juillet 1585.

{Montaigne}

Votre hũble servitur et frere,
Mõtaigne.[5]

{Secretário}

Messieurs, recebi aqui por acaso notícias vossas das quais o *maréchal* me fez parte. Não pouparei nem a vida nem outra coisa pelo seu serviço, e vos deixarei julgar se o que vos posso prestar pela minha presença na próxima eleição[6] vale que me arrisque a ir até a cidade, visto o mau estado em que ela está, notadamente para as pessoas que, como eu, vêm de um ar tão bom. Eu de vós me aproximarei na quarta-feira[7] o mais que puder, isto é, até Feuillas,[8] se o mal não tiver lá chegado,[9] e nesse lugar, como escrevi ao *monsieur* de La Motte,[10] ficaria muito contente de ter esta honra de ver alguém dentre vós para receber vossos comandos e me desencarregar dos créditos que *monsieur maréchal*[11] me confiou para a guarnição, me recomendando sobre isso muito humildemente a vossas boas graças e orando para Deus vos conceder,

Messieurs, uma vida longa e feliz. De Libourne, em 30 de julho de 1585.

{Montaigne}

Vosso humilde servidor e irmão,
Montaigne.

NOTAS

1 "'La peste augmente de telle façon en ceste ville qu'il n'y a personne qui aye moyen de vivre ailleurs qui ne l'ayt abandonné', écrivait le maréchal de Matignon à Henri III le 30 juin 1585" (Archives historiques de la Gironde, Bordeaux, 1873, I 14, nº 197, p. 290). Cf. Coste (1998, p. 457); Bonnet (1984); Stephane Barry; Fauré (2021).

2 "Au-dehors et au-dedans de ma maison, je fus assailli par une peste violente entre toutes [...]" (VS 1047 e seq. = CA, III, 396 e seq.). Montaigne nota a progressiva banalização da morte, e de longe vê as vinhas, carregadas de uvas, fonte da economia da região, melancolicamente sem colheita.

3 Para o contexto da "burguesia" de Montaigne em Libourne, ver Jouanna (2017, cap. 5).

4 "Il est fort possible, comme le pense Cooper (2006, p. 124-129), qu'il soit resté hors de la ville après avoir, sur les ordres de Matignon, rencontré Navarre à Sainte-Foy ou à Libourne au moment où les armées huguenotes s'apprêtaient, à leur tour, à entrer dans Bordeaux" (Legros, 2010, p. 709).

5 Para as indicações sobre a parte alógrafa (secretário) e autógrafa (Montaigne) da carta em Payen (1850, p. 20, n. 1).

6 O "sem disputa" não seria totalmente verdadeiro, dado o contexto da tentativa de reeleição de Biron. Mas se somado ao "em vossa distante ausência", tudo parece indicar que é pela vontade do rei, independentemente das querelas ou da vontade das partes, que a escolha foi feita. Porém, se o processo de eleição foi no geral tranquilo, já não será absolutamente o caso, quando de sua reeleição.

7 La lettre est écrite un mardi; ce mercredi était probablement le lendemain (Payen, 1850, p. 21, n. 2).

8 "*Feuillas*" é lido como "*Feuillasse*", por Payen: "village non mentionné dans les dictionnaires géographiques, mais indiqué par Cassini et par Belleyme; il est à moitié de la distance qui sépare Bordeaux de Libourne, à l'embranchement de la route de cette dernière ville avec celle de Bordeaux à Bergerac" (Payen, 1850, p. 21, nota 3). Mesmo trecho citado por Grün (1855, p. 292). No entanto, as toponímias que aparecem na Carte de la Guyenne, de Pierre de Belleyme e, sobretudo no Mapa de Cassini (*Feuilhan*, *Feuilla*, *Feuillade*, *La Feuillade*, *Les Feuillades*, *Feuillens*, *Feuilleuse*, *La Feuillie*, *La Feuillie*, *Feuillères*, *La Feuillée*, *Feule*) não batem com um vilarejo "a meio caminho de Bordeaux e Libourne". A hipótese mais provável é que se trate do castelo da família Feuillas, em Floirac, subúrbio de Bordeaux, na margem oriental do Garonne – reconstruído por Lamolère Sybirol na primeira metade do século XVIII, o castelo hoje é um hotel sob o nome de Château la Chèze.

9 Montaigne prontifica-se a se aproximar da cidade o mais possível, isto é, até onde a doença ainda não tivesse chegado. Séculos de reprovação dessa atitude se seguiram, cuja injustiça talvez agora possamos julgar melhor, tendo em vista a pandemia Covid-19 e a importância sanitária – para a coletividade – da quarentena e dos meios de se evitar o contágio. De todo modo, deve-se considerar, primeiro, que esta carta torna clara a disposição do missivista em ir até a cidade, se por alguma razão sua presença fosse julgada imprescindível; e, enfim, que se tratava somente de uma formalidade, sendo o sucessor de Montaigne não apenas já conhecido, mas um homem com o qual este trabalhava em estreita colaboração, como temos visto nas cartas anteriores. Acrescem dois fatos que seria importante notar: 1. quando o missivista fala de ares bons ou ruins nesta carta, toca em uma causa da peste recorrente nos manuais médicos da época. Ora, Bordeaux era uma cidade, como tantas outras então, com graves problemas sanitários e o contágio que aí em geral se temia era diretamente relacionado aos famosos ares empestados da cidade (consultar, por exemplo, Lavaud, 2002); 2. com relação ao tratamento médico preventivo da peste na época, a instrução geralmente repisada (porque herdada da Antiguidade: o célebre "*cito*, *longe*, *tarde*" de Galeno) consistia principalmente em se retirar do lugar empestado. Mas, como exemplo típico, veja-se por exemplo, o médico bordelês Guilaume Briet, que mesmo reconhecendo em sua obra sobre a peste que esse procedimento é ademais de necessário, obrigatório, não deixa, porém, na mesma página, de culpar aqueles que ocupam cargos públicos e assim procedem (1599, p. 44).

10 Jurado de Bordeaux (cartas 41, nota 21; 49, nota 4; 26, nota 5).

11 Legros (2010, p. 709) interpreta "*créances*" no sentido monetário, como "créditos", soma de dinheiro.

Carta 54 (31 de julho de 1585)

Aos jurados de Bordeaux [5]

Fontes

Bordeaux, Archives Municipales. BB 185, 33. Parte do manuscrito original foi danificado no incêndio dos Arquivos de Bordeaux em 1862. Reconstituição de Legros entre <...>.

Fac-símile

https://montaigne.univ-tours.fr/lettre-jurats-bordeaux-31-juillet-1585

Editio princeps

DOSQUET, Charles ; LAMOTHE, Leonce de. *Compte-rendu des travaux de la Commission des monuments historiques et des bâtiments civils du département de la Gironde pendant l'année* 1854-55 (XVIe année). Paris: Libraire Archeologique Didron, 1855, p. 56.

Edições

MONTAIGNE, Michel de. *Œuvres complètes*. Albert Thibaudet & Maurice Rat (ed.). Paris: Gallimard, 1962, p. 1394. [Bibliothèque de la Pléiade]

LEGROS. Alain. *Montaigne manuscrit*. Paris: Classiques Garnier, 2010, Lettres et missives de Monsieur de Montaigne, nº 21, p. 710-711.

Contexto

Esta carta é ainda uma resposta ao comunicado da *jurade* a respeito da eleição de Matignon como prefeito de Bordeaux. Assim, ela complementa a do dia anterior (30 de julho), também relativa ao mesmo tema, mas Montaigne (que agora está em Feuillas, a menos de 10 km de Bordeaux, como prometido na véspera) não esperou receber a resposta a esta última para repassar à *jurade* as instruções dadas por Matignon. Em Feuillas, ele provavelmente também trazia consigo a soma enviada por Matignon para a guarnição da cidade, comentada anteriormente (mas a nova carta não faz nenhuma referência ao dinheiro). Apesar da peste, Matignon tomará posse pessoalmente – e com pompas, pois a referência ao "tambor" que viria de Bourg (40 km ao norte de Bordeaux, nas margens do rio Dordogne), aos "capitães" e ao "maior número possível de marinheiros e barqueiros" parece ser não uma referência à defesa da cidade, mas a um cerimonial marítimo-fluvial para a chegada de Matignon a Bordeaux.[1] Se, de fato, esse aparato refere-se ao cerimonial da posse, seria uma verdadeira *entrée*, um ritual normalmente associado aos reis franceses desde os merovíngios. Até lá, completa Montaigne, nenhuma nova decisão administrativa poderá ser tomada pela *jurade*.

A referência a não molestar nem mulheres nem crianças, no contexto dos conflitos religiosos, contrariamente aos "outros" que procedem assim, pode ter sido motivada por alguma questão no primeiro comunicado da *jurade*, mas, como não temos essa carta primitiva, não conhecemos exatamente o contexto – apenas é afirmado que, nesse caso, a posição de Montaigne é a mesma de Matignon.

[verso]
{Secrétaire}

A Messieurs

Messieurs les Juratz
de la ville et citte ∂e —
bour∂s

A
Bour∂s

[invertido, na mesma face da folha]

Messieurs

Messieurs les Juratz —
de la ville ∂e Bourdeauxl —

[recto]
{Secrétaire}

Messieurs Ie Com˜nique a m^r^ le ma<reschal>
la lre que m'aues enuoye et Ce que ce <porteur>
me
ma ∂ict auoir charge ∂e vous de ~~vous~~ fe<re>
Entan∂re / & ma donne charge vous prier de luy enuoy<er>

[verso]
{Secretário}

Aos *Messieurs*,

Messieurs jurados
da cidade e município de
Bordeaux

Em
Bordeaux

[invertido, na mesma face da folha]

Messieurs,

Messieurs jurados
da cidade de Bordeaux

[recto]
{Secretário}

Messieurs, comuniquei ao *mr*. *maréchal*[2]
a carta que me enviastes e o que este portador

me disse ter sido encarregado por vós de me
dizer, e ele me deu a incumbência de vos solicitar lhe enviar

le tambour quy a este a bourg de voſtre part
Il ma ∂ict auſſy quil vous prie fer^e Incontinan<t>
paſſer a luy les cappnes st aulaye et mathelin
et fe^re amas ∂u plus grand nombre de maliniers
et matelotz quil ſe pourra trouuer Quand au
mauuais exemple et Inuzité ∂e pran∂re ∂es femme<s>
et ∂es enffans priſonniers. Ie ne suis aulcunement —
∂auis que nous l'imitons a lexemple ∂aultruy. Ce —
que ie aussy ∂ict a mon∂ict sieur le mareschal —
quy ma charge vous eſcripre ſur ce faict ne rien —
bouger que nayes plus amples nouuelles... Surquoy ie —
me recoman∂e bien humblement a voz bonnes Graces —
et supplie ∂ieu vous ∂onner

Messieurs longue et heureuze vie ∂e feuilhas
xxxj˜
ce ~~vīgt~~ Julhet 1585

{Montaigne}

Vo°tre hūb<le>
frere & ſe<ruitur>
mō<taigne>

o tambor que esteve em Bourg[3] de vossa parte.
Ele também me disse que vos solicita fazer
passar a ele imediatamente os *capitaines* Saint-Aulaye e Mathelin,
e reunir o maior número possível de marinheiros
e barqueiros que puder encontrar.[4] Quanto a este
mau exemplo, e inusitado, de reter prisioneiras mulheres
e crianças, sou de opinião que de nenhum modo
nós o imitemos a exemplo de outro.[5]
O que eu também disse ao meu citado senhor marechal,
que me encarregou de vos escrever sobre o procedimento de nada
mover até que vós tenhais mais notícias.[6] Diante disso, eu
me recomendo bem humildemente às vossas boas graças
e rogo a Deus que vos conceda,

Messieurs, vida longa e feliz. De Feuillas,
em 31 de julho de 1585.

{Montaigne}

Vosso humilde
irmão e servidor,
Montaigne.

NOTAS

1 Legros (2010, p. 711).

2 Matignon: esta carta é uma resposta à resposta dos jurados à carta anterior.

3 Carta 35, nota 30.

4 O tambor, os capitães e os marinheiros serão parte da "entrada" do marechal na cidade, gênero de cerimônia medieval bastante comum e importante no Renascimento (cf. carta 39, nota 12). Consulte-se sobre o tema geral, por exemplo, Blanchard (2003).

5 Não temos informação sobre o ocorrido fora o que lemos na carta. Vale a pena registrar como mais uma vez, como ocorre com frequência em suas cartas "administrativas", Montaigne se coloca em defesa dos mais fracos, no caso, mulheres e crianças.

6 Note-se o acordo entre Matignon e Montaigne, e o zelo apressado deste em tudo preparar para a transmissão do cargo: suficiente para perceber que o fato deste só ter se aproximado até os subúrbios de Bordeaux nada teve de imprevisto ou escandaloso para os envolvidos. A instrução é para nada mexer (ou que nada seja feito em termos de atos administrativos em geral) até a investidura, já em curso, do novo poder.

Carta 55 (12 de junho de 1587)

Ao Marechal Matignon [15]

Fontes

Mônaco, Archives du Palais Princier: J 136, fol. 96r (texte) e fol. 97 v (endereço)

Carta totalmente autógrafa, do punho de Montaigne.

Fac-símile

https://montaigne.univ-tours.fr/lettre-matignon-12-juin-1587

Editio princeps

Feuillet de Conches, Félix-Sébastien. *Lettres inédites de Michel de Montaigne et de quelques autres personnages du XVIe siècle*. Paris: Henri Plon, 1863, p. 274-276.

Edições

MONTAIGNE, Michel de. *Œuvres complètes*. Albert Thibaudet & Maurice Rat (ed.). Paris: Gallimard, 1962, p. 1395. [Bibliothèque de la Pléiade]

Legros. Alain. *Montaigne manuscrit*. Paris: Classiques Garnier, 2010, Lettres et missives de Monsieur de Montaigne, nº 22, p. 711-713.

Contexto

O contexto das Guerras de Religião tornava ainda mais complexa a circulação de pessoas no território francês, uma vez que, frequentemente, era-se obrigado a passar alternadamente por terras huguenotes e católicas. Assim, esta carta é, na verdade, um pedido de salvo-conduto. Por ocasião do casamento, em 28 de agosto de 1587, de Isaac de Taillefer, *seigneur* de Mauriac, filho de *Mademoiselle* de Mauriac, com Isabeau Bouchard d'Aubeterre, a carta apelava a Matignon, então prefeito de Bordeaux, a fim de conseguir um documento assegurando o ir-e-vir para a irmã do noivo, *Madame* de Brigneux (Anne de Taillefer, casada com o *seigneur* de Brigneux, governador de Lectoure sob Navarra).[1] Os Mauriac eram protestantes (e parentes de Montaigne por conta de sua esposa, Françoise de La Chassaigne), e suas terras distavam cerca 140 quilômetros de Lectoure; nessas condições, um documento desse tipo, concedido por uma autoridade católica a uma comitiva protestante, era, de fato, essencial.[2] A carta faz referência a uma outra missiva, que lhe faria par, do senescal do Périgord, David d'Aubeterre, católico e irmão da noiva. O texto é um exemplo das relações complexas entre católicos e protestantes no meio das Guerras de Religião francesas, bem mais porosas do que se poderia imaginar a partir de um certo maniqueísmo historiográfico.

{Montaigne}

A monſeignur
monſeignur de
Matignon mareſchal
de france

{Montaigne}

Monſeignur maɔ̃amoiſelle de Mauriac
est apres a faire le mariage du s^r de Mauriac
ſon fils aueq l'une des ſeurs de mons^r d'aubeterre
Les choſes ſont ſi auancees a ce qu'on me māde
qu'il n'y reste que l'assistāce de maɔ̃^elle de Brigneus
ſa fille aiſnee qui est a Leitore aueq ſon mari
Elle uous ſupplie treſhūblemāt ottroier vn
passeport a ſa dicte fille & ſon petit trein pour
uenir a Mauriac et come estant ſon parant &
aiant cet honur ϵ> d'estre conu de vous ell'a
uolu que ie vous ẽ fisse la requeste et m'a
enuoie vne lettre qu'elle dict estre de mons^r
d'aubetterre ie croi a ces meſmes fins / ie vous
la fois treſhũble & treſaffectionee ſi c'est choſe
qui ne uous apporte deſpleſir et inportunite
Si non au moins cetecy ſeruira a me ramāteuoir
en uoſtre ſouuenance dou me pourroit auoir

{Montaigne}

A *Monseigneur*
Monseigneur de
Matignon
Maréchal de France

{Montaigne}

Monseigneur, *mademoiselle* de Mauriac[3]
prepara o casamento do *sieur* de Mauriac,
seu filho, com uma das irmãs do *monsieur* d'Aubeterre.[4]
As coisas estão tão avançadas, segundo me informam,
que não falta senão a presença de *mademoiselle* de Brigneux,[5]
sua filha mais velha, que está em Lectoure[6] com o seu marido.
Ela vos roga muito humildemente conceder um
passaporte à sua citada filha e ao seu pequeno séquito para
virem a Mauriac,[7] e como sendo seu parente e
tendo a honra de vos ser conhecido, quis ela
que eu vos fizesse a solicitação e
enviou-me uma carta que diz ser do *monsieur*
d'Aubeterre, creio que com o mesmo propósito. Eu a
afianço[8] de maneira muito humilde e muito afetuosa, se não for algo
que vos cause desagrado e aborrecimento.
Senão, pelo menos, esta carta servirá para me reavivar
em vossa lembrança, de onde eu poderia ter sido

deſloge et mon peu de merite et le long tamps
qu'il y a que ie n'eus l'honur de uous uoir Ie ſuis
Monſeignur

Vo'tre treſhūble
ſeruitur mōtaigne

De mōtaigne ce 12 Iuin

desalojado pelo pouco de mérito e o muito tempo
em que não tive a honra de vos ver. Eu sou,[9]
Monseigneur,

Vosso muito humilde
servidor, Montaigne.

De Montaigne, em 12 de junho.

NOTAS

1 Não há incongruência aqui, pois *Mademoiselle* refere-se à esposa de um nobre que não é cavaleiro (por exemplo, a carta 8, de Montaigne à sua mulher, a nomeia *mademoiselle*). Nesse caso, Jeanne de Segur, a mãe, nobre protestante casada com Antoine de Taillefer, *seigneur* de Mauriac, que não era cavaleiro, era ainda *Mademoiselle* de Mauriac. Enquanto sua filha, Anne de Taillefer, casada com o senhor de Brigneux, cavaleiro da câmara real de Henri de Navarra, tinha o epíteto de *Madame* de Brigneux. Cf. carta 1, nota 17.

2 A carta de Montaigne a Matignon em 16 de fevereiro de 1588, aliás, é um bom exemplo da insegurança das rotas.

3 Jeanne de Segur, nobre protestante casada com Antoine de Taillefer, *seigneur* de Mauriac, aparentada aos La Chassaigne (família da mulher de Montaigne).

4 David Bouchard d'Aubeterre, *vicomte* d'Aubeterre, cuja carta a Matignon acompanha a de Montaigne.

5 Anne de Taillefer, casada com o *seigneur* de Brigneux.

6 Cidade no departamento de Gers, na região de Occitanie.

7 Terra e castelo no departamento da Dordogne, na região da Nouvelle-Aquitaine.

8 No original, "*Je vous la fais*" (com relação à carta que acaba de ser referida), significando "Eu a certifico", segundo a lição de Legros (2013, carta 26).

9 O fechamento retórico da carta reflete que não há mais inferioridade hierárquica de Montaigne em relação a Matignon (que nesta época era prefeito de Bordeaux): "Ce n'est plus la lettre du maire au lieutenant du roi: la souscription convenue des lettres précédentes assumait par la mention du baiser de main une infériorité hiérarchique liée à la qualité des fonctions. La remarque vaut aussi pour la lettre suivante" (Legros, website MONLoe. Disponível em: https://montaigne.univ-tours.fr/lettre-matignon-12-juin-15877 ago. 2023. Acesso em: 28 nov. 2023).

Carta 56 (16 de fevereiro de 1588)

Ao Marechal Matignon [16]

Fontes

Paris, BNF, Manuscrits, NAF 1068, nº 1r (texto) 1v (endereço)

Carta totalmente autógrafa, do punho de Montaigne.

Fac-símile

https://montaigne.univ-tours.fr/lettre-matignon-16-fevrier-1588
https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b52505637q/f15.item.r=NAF%201068

Editio princeps

Feuillet de Conches, Félix-Sébastien. *Lettres inédites de Michel de Montaigne et de quelques autres personnages du XVIe siècle*. Paris: Henri Plon, 1863, p. 276-281.

Edições

MONTAIGNE, Michel de. *Œuvres complètes*. Albert Thibaudet & Maurice Rat (ed.). Paris: Gallimard, 1962, p. 1395-1396. [Bibliothèque de la Pléiade]

Legros. Alain. *Montaigne manuscrit*. Paris: Classiques Garnier, 2010, Lettres et missives de Monsieur de Montaigne, nº 23, p. 713-716

Contexto

A carta é um breve relato do ataque sofrido pela comitiva diplomática (que contava com a presença de Montaigne) nos arredores de Villebois,[1] em uma viagem desde Bordeaux à Normandia, via Paris, para um encontro entre Henri III e Henri I de Guise. Os viajantes ficaram na mão dos sequestradores e tiveram seus pertences, roupas e dinheiro, roubados. Apesar dos percalços, estavam agora em Orléans (cerca de 300 km ao norte de Villebois) e aguardavam o momento para prosseguir viagem até a Paris (120 km ao norte de Orléans).

Os meliantes foram considerados "*liguers*" (simpatizantes da Liga Católica) até pouco tempo atrás, por conta da má-leitura do manuscrito original, que atribuiria a ação a um "*liguou*" – quando, na verdade, o texto falaria antes em "*lignou*", e, neste caso, sendo um nome próprio, conectaria o caso a um ataque do Capitão Lignou, notório bandoleiro huguenote que estaria a serviço do príncipe de Condé (Henri I de Bourbon, primo de Henri de Navarra).[2] A atribuição do assalto aos huguenotes (e não aos membros da Liga) é reforçada em uma carta enviada de Paris pelo advogado Mondragon ao diplomata e homem de letras René de Lucinge, a essa época a serviço do Ducado de Savoia, no mesmo dia 16 de fevereiro.[3] É por se tratar de um huguenote que os protestos da comitiva foram dirigidos, como diz a carta, diretamente a Condé, pois, se Lignou estava a seu serviço,[4] e a viagem era diplomática e em nome de Henri de Navarra, provavelmente com salvo-condutos emitidos de sua parte, tratava-se de uma ação completamente sem sentido – o caso foi, então, tratado por Condé, que não se encontrou com a comitiva, mas conseguiu liberar os viajantes.[5] Apesar disso, nem os pertences nem o dinheiro tinham sido, até então, recuperados.[6]

Na segunda parte da carta, Montaigne previne também que aguardavam o retorno de Odet de Thorigny, que seguiu para Montrésor (a meio caminho de Villebois e Orléans) para as exéquias dos irmãos Joyeuse, mortos na batalha de Coutras (20 de outubro de 1587) pelas tropas de Henri de Navarra. Os Joyeuse eram descendentes da nobreza de Montrésor. Um dos irmãos, Anne de Joyeuse, era o *mignon* favorito de Henri III, elevado ao posto de Marechal e colocado no comando militar da Normandia pelo rei. Odet de Thorigny era parente dos Joyeuse,

e seguia do sul para a Normandia, aparentemente, para resolver questões familiares.[7] O objetivo final da comitiva seria chegar à Normadia, local do encontro entre Henri III e Henri I de Guise:[8] mas, com o acerto de Guise ir até Paris, Montaigne confirma que a viagem seguirá apenas até esta cidade.

No que diz respeito a Montaigne, o objetivo dessa viagem não está claro. A correspondência de embaixadores estrangeiros na mesma época (Edward Stafford, pela Inglaterra, e Bernardino de Mendoza, pela Espanha), sugerem que Montaigne tinha como objetivo específico na viagem não apenas participar do encontro com Guise, mas receber instruções do rei relativas a Diane d'Andouins (*madame* de Grammont e condessa de Guiche[9]), por essa época amante de Henri de Navarra.[10]

Em "Da fisionomia" (*Ensaios* III, 12), Montaigne fala de um outro roubo com sequestro sofrido por ele – mas, dado que ele diz que "mal saíra de casa" quando aconteceu o ataque e nenhuma referência é feita à comitiva, é pouco provável que se trate do mesmo caso.[11]

Apesar desta ser a última carta que possuímos da correspondência entre Montaigne e Matignon, tudo indica que a relação entre os dois tenha continuado até a morte de Montaigne – coisa que a carta de Montaigne a Henri IV, em 2 de setembro de 1590, que traduzimos mais adiante, continuará dando testemunho.

[recto]
{Montaigne}

Monſeignur uous ares ſceu nostre bagage
pris a la forest de Villebois a nostre veue
deſpuis apres beaucoup de barbouillage
et de longur la prinſe iugee iniuste
par mõſieur le prince Nous n'oſions cepanɔãt
passer outre pour l'incertitude de la ſurete
de nos perſones de quoi nous deuions estre
eſclercis ſur nos passepors Le lignou[12] *a*
faict cete prinſe qui prit mr de barraut
et est de la rochefocaut La tampeste
est tũbee ſur moi qui auois mon ariãt
en ma boite Ie nen ai rien recouuert
et la plus part de mes papiers & hardes
leur ſõt demurees Nous ne uiſmes pas mõſieu
le prince Il ſ'est perdu cinquãte tãt deſcus
pour mõſieur le cõte de Thorigny vn'euiere
dariant & quelques hardes de peu Il a
' en poste
destourne ſon chemin ' pour aller uoir les
dames eſplorees a mõtreſor ou ſõt les cors
des deus freres & de la grand mere & nous
reprint hier en cette uille dou nous partõs
preſãtemãt. Le uoiage de normãdie est

[recto]
{Montaigne}

Monseigneur, deveis ter sabido que nossa bagagem
foi capturada à nossa vista nas proximidades da floresta de Villebois.[13]
Depois disso, após muita confusão
e demora, a captura foi julgada injusta
pelo *monsieur* príncipe.[14] Não ousamos, entretanto, ir adiante
por conta da incerteza de nossa segurança
pessoal, a qual deveríamos ter
assegurada pelos nossos passaportes. O Lignou[15]
fez esta captura, o mesmo que prendeu o *mr.* de Barrault,[16]
e ele é de La Rochefoucauld.[17] A tempestade
caiu sobre mim, que tinha meu dinheiro
em meu cofre. Nada recuperei deste
e a maioria dos meus papéis e roupas
ficaram com eles. Nós não vimos o *monsieur*
príncipe. O *comte* de Thorigny[18] perdeu também
cinquenta escudos, uma jarra de prata
e algumas poucas roupas.

Ele desviou seu caminho a toda pressa para ver as
dames de luto em Montrésor, onde estão os corpos
dos dois irmãos[19] e da avó, e ontem nos
reencontrou nesta cidade[20] de onde partimos
agora. A viagem para Normandia foi

remis Le roy a deſpeſche messieurs de Bellieure

[verso]

et de la guiche vers mõſieur de guiſe
pour le ſemondre de uenir a la court
Nous y ſerons Iudi

D'oleans ce 16 feur.
au matin

Vo'tre treſhũble
ſuitur mõtaign

adiada. O rei[21] enviou os *messieurs* de Bellièvre[22]

[verso]

e de La Guiche[23] ao *monsieur* de Guise[24]
para convocá-lo[25] a vir à corte.
Estaremos lá na quinta-feira.

De Orléans, em 16 de fevereiro
de manhã.

Vosso muito humilde servidor,
Montaigne.

NOTAS

1 Atual Villebois-Lavalette, departamento de Charente-Maritime, cerca de 120km a nordeste de Bordeaux.

2 O apelido (*lignou* remeteria a "floresta") teria sido dado por conta de seu *modus operandi*, escamoteado nos bosques que cercavam as rotas entre as cidades da região. Seja como for, as façanhas do "Capitão Lignou" circularam em forma de *canards* (folhetins de *ephemera*) impressos por essa época: LES || INHVMANITEZ || ET SACRILEGES DV || CAPITAINE LIGNOV EN-|| uers les Religieux de la Chartreuſe || du Liget, place en Thouraine par || luy prise: || Auec l'emprisonnement de Chicot || par ledict Lignou. || Suyuant la coppie d'une Miſſive enuoyee || de Tours à vn Religieux de Paris. || A PARIS, || De l'Imprimerie de Denis Binet. || M. D. LXXXIX. || (ex. BnF 8-LB34-719). Pelo texto do *canard*, "Capitão Lignou" seria o apelido de "*um certo Matois*" (p. 8).

3 "Les uguenotz ont volé en poitou le bagage du Conte de Torigny, filz du maréschal de Matignon, et faict prisoniers quelques gentilhommes de ceux qui accompagnoient le cors de feu Mr de Joieuse qu'on apporte en ceste ville pour lui donner la superbe et sumptueuse sépulture que le Roy lui faict dresser [Os huguenotes roubaram em Poitou a bagagem do Conde de Torigny, filho do Marechal de Matignon, e fizeram prisioneiros alguns senhores dos que acompanhavam o corpo do finado Monsieur de Joyeuse, trazido a esta cidade para lhe dar a soberba e suntuosa sepultura que o rei lhe construiu]" (Lucinge, 2006, p. 88; Legros, 2010, p. 715).

4 O *canard* de 1589 (cf. nota 1, acima), no entanto, diz que ele agia "*por conta própria*", e assim entende Desan (2014, p. 480).

5 Segundo as *Efemérides de Beuther*, Condé, juntamente com Henri de Navarra, foi hóspede de Montaigne em 19 de dezembro de 1584.

6 Cooper (2006, p. 320) nota que ninguém do entorno de Odet de Thorigny (seja ele, seu pai ou mesmo o banqueiro de Matignon) faz qualquer alusão a essa soma perdida ou ao incidente, o que colocaria em dúvida a narrativa de Montaigne na carta. Cf. também Frame (1960).

7 Pela carta de Mondragon a René de Lucinge (ver as notas introdutórias à carta, acima), o assalto teria sido antes desse desvio de Thorigny – o que é confirmado, de certa maneira, pelo texto de Montaigne –, mas Mondragon deixaria entender que os restos mortais seguiram, ao menos em parte do percurso, na mesma comitiva em que ia Montaigne. Entretanto, os corpos dos Joyeuse estavam em Bourg-la-Reine em 4 de março de 1588, no caminho para Paris – onde, após as exéquias, foram sepultados. O desvio de Thorigny

teria sido, assim, apenas para ver os corpos sendo velados no castelo da família, em Montrésor. Os restos mortais dos Joyeuse foram finalmente transferidos para Montrésor em 1596. Cf. Vaissière (1926, p. 242 e seq.).

8 Este será assassinado, juntamente com seu irmão, Louis de Guise, a mando de Henri III, em Blois, em 13 de dezembro de 1588. Esse fato, embora posterior, demonstra a dificuldade de se acertar um encontro pessoal entre os líderes em conflito – sempre, e com razão, desconfiados uns dos outros.

9 A mesma da dedicatória aos *Vingt et neuf sonnets d'Estienne de La Boétie* (*Ensaios* I, 29).

10 Segundo Mendoza, em carta escrita de Paris ao rei Filipe II de Espanha em 28 de fevereiro de 1588: "Monsr de Montaña [Montaigne] que scrivo a V. Md. en una de la de 25 estiman por hombre de entendimiento, aunque algo desbaratado me dicen governa a la Condesa de la Guisa [i.e., Guiche], que es dama muy hermosa, y esta con la hermana [Catarina de Bourbon, irmã de Henri de Navarra] del de Bearne [Henri de Navarra] por ser dama de su hermano con quien dicen que trata el de Bearne y por esto juzgan el tratar alguna comisión y querer el Rey [Henri III] valer se del Montaña [Montaigne] para que haga officios con la dicha Condesa de la Guisa [Guiche] persuada al de Bearne [Henri de Navarra] venga en lo que el Rey [Henri III] desea. [...]" (*apud* Frame, 1960, p. 172-173). Cf. Cooper (2006, p. 320).

11 A passagem em VS 1061 e seq. (= CA III 417 e seq.). Por outro lado, nenhuma adição posterior a 1588 em "Da fisionomia" (Ensaios III, 12) faz referência ao ataque descrito nesta carta, seja no Exemplar de Bordeaux seja na edição de Gournay 1595. Cf. Legros (2010, p. 715).

12 Diversos intérpretes transliteraram o texto como "*liguou*", aproximando-o assim de "*ligueur*", dando a entender que se tratava de um ataque de agentes da Liga. Legros (2010, p. 715), no entanto, transcreve diplomaticamente o termo não com "u" e "u", mas com "n" e "u" na última sílaba (estabelecendo a forma como "*lignou*") – lição que o cotejamento com o fac-símile deixa, de fato, bastante clara.

13 Em sua rota para Paris, Montaigne devia passar pelo que ainda hoje é um complexo florestal situado nos arredores da atual cidade de Villebois-Lavalette, no departamento da Charente, na região da Nouvelle-Aquitaine.

14 Henri I de Bourbon, príncipe de Condé, primo e rival do rei de Navarra (apesar de combater ao seu lado), chefe do partido protestante e provavelmente seu mais importante general naquele momento. Sabendo da qualidade de negociador de Montaigne entre Henri III e o futuro Henri IV (e tendo sido hospedado por aquele quando da visita da corte de Navarra em 19 de dezembro de 1584: *Éphémérides de Beuther*), Condé intervém para liberar finalmente os cavaleiros, mas é difícil negar seu pouco caso implicitamente denunciado na carta: nada foi devolvido àqueles e nem mesmo sua presença o príncipe

julgou necessária. Sua morte poucos dias depois desta carta ocorre de forma tão inesperada que levantará uma suspeita geral sobre seu possível envenenamento (carta de Henri IV de 10 de março de 1588, citada por Aumale, t. 2, 1889, p. 179-180) levando à prisão por sete anos de sua mulher, grávida de seu filho (cf. Béguin, 1999).

15 Verdadeiro pirata de terra firme. Para alguns, lutando pela causa huguenote (e não um partidário da Liga, como frequentemente foi identificado) e a serviço do príncipe de Condé; para outros, apenas um bandido agindo nas estradas francesas para seu próprio ganho (Desan, 2014, p. 480). O uso do verbo *prendre* refere-se indiscriminadamente a bens e pessoas, logo, além do roubo de dinheiro e objetos de valor, a comitiva teria sido sequestrada, de fato.

16 Provavelmente Francis de Jobert, *seigneur* de Barrault, senescal de Bazas (Frame, 2003, p. 1331, nota 134).

17 Trata-se, não de *Monsieur* de La Rochefoucauld, mas simplesmente de "La Rochefoucauld", a cidade que fica nos arredores de Villebois: "Une autre erreur de Payen, toujours reproduite sans autre examen (ainsi Cooper, p. 320, note 98) a sans doute contribué à la confusion: sur l'original comme sur le fac-similé, on lit bien '*est de la rochefocaut*', non pas '*et mr. de la rochefocaut*'. Autrement dit, ce Lignou est natif de ce vieux bourg, situé précisément au nord de la forêt de Villebois, au nord-est d'Angoulême." (Legros, 2010, p. 716).

18 Odet de Matignon, único filho do marechal.

19 Os irmãos Joyeuse. Anne de Joyeuse, Baron d'Arques, *vicomte* e após *duc* de Joyeuse, *grand-amiral de France*, cavaleiro da ordem do Saint-Esprit, chefe do exército católico, foi derrotado e morto, junto com seu irmão, Claude de Joyeuse, *seigneur* de Saint-Sauveur, e por volta de mais 2 mil católicos, pelo futuro Henri IV em Coutras. Três dias depois dessa vitória, o rei de Navarra será novamente hospedado por Montaigne, então um agente importante nas negociações entre os dois Henris. Montrésor é hoje uma cidade no departamento de Indre-et-Loire, na região Centre-Val de Loire; a senhoras enlutadas são a mãe e a esposa de Anne (Odet era aparentado à família deste, segundo Frame, 2003, p. 1331, nota 137). Cf. as notas introdutórias a esta carta, acima, e a carta 28, nota 4.

20 Orléans.

21 Henri III.

22 Carta 23, nota 17.

23 Philibert de La Guiche, *Grand maître de l'Artillerie* e *bailli* de Mâcon, católico moderado próximo a Henri III.

24 Carta 49, nota 15, e também cartas 46, 53 e 61, por exemplo.

25 No original, "*semondre*". O termo tem um caráter de obrigação, como diz Legros: "[…] l'invitation faite par Henri III a Henri de Guise ('*semondre*', à distinguer de '*semoncer*', c'est inviter avec insistance, mais aussi, pour un suzerain à l'égard d'un vassal, le convoquer)". Cf. website MONLoe. Disponível em: https://montaigne.univ-tours.fr/lettre-matignon-16-fevrier-1588. Acesso em: 21 ago. 2023.

Carta 57 (15 de abril de 1588)

De Lipsius a Montaigne [1]

Fontes

Não há versão original manuscrita.

Edições

IVSTI LIPSI || EPISTOLARVM || CENTVRIA || SECVNDA: || Nunc primùm edita. || [brasão editorial] || LONDINI, || Impenſis Georg. Biſhop. || CIↃ. IↃ. XC. [1590] || (Epístola XLV, p. 37-38)

Exemplar

British Library, cota: 10905.bbb.16

IVSTI LIPSI || V. C. || OPERA OMNIA, || POSTREMVM AB IPSO AVCTA || ET RECENSITA: || NVN PRIMVM || COPIOSO RERVM INDICE || ILLVSTRATA. || Tomus Secundus. || [brasão editorial] || ANTVERPIAE, || EX OFFICINA PLANTINIANA || BALTHASARIS MORETI. || M. DC. XXXVII. || Cum Priuilegiis Caesareo & Principum Belgarum. || (Epístola XLI, p. 86-87)Exemplar: Universidad Complutense de Madrid, cota: FLL 22.217

LIPSIUS, Justus. E*pistolae*, *pars* III (1588-1590). Sylvette Sué, Hugo Peeters (ed.). Bruxelles: Académie Royale, 1987, nº 626, p. 95.

MILLET, Olivier. *La Première réception des* Essais *de Montaigne* (1580-1640). Paris: Champion, 1995, p. 57-59.

Contexto

Das cartas trocadas entre Montaigne e Justus Lipsius (1547-1606), chegaram até nós apenas três (todas de Lipsius, nenhuma de Montaigne), datadas do período 1588-1589. Os manuscritos autógrafos, bem como as possíveis cópias, foram perdidos.[1] As epístolas reunidas de Lipsius foram publicadas em "centúrias" (coletâneas de cem cartas) a partir de 1586. As cartas a Montaigne aparecem nessas coletâneas a partir de 1590, com a publicação da segunda centúria (logo, quando Montaigne ainda estava vivo). Os privilégios de publicação dessa segunda antologia são partilhados por diversos impressores (Raphelengius, Plantin, Bishop). Foram reimpressas no ano seguinte (Raphelengius, Plantin, Wechel & Fischer) e, partir daí, em novas reimpressões e miscelânias, incluindo a publicação em Antuérpia das *Obras completas*, por Plantin e Moretus, já no século XVII.

Havia alguns meses já que Lipsius enviara uma carta a Montaigne (hoje perdida), em resposta a uma missiva deste último. Não tendo qualquer sinal de retorno por escrito, entende que Montaigne não a recebeu. Escreve então uma segunda carta (15 de abril de 1588), retomando alguns termos da primeira, e é esta segunda carta que foi impressa em 1590. Lipsius, que contava já com seus quarenta anos e era quatorze anos mais novo que Montaigne, escrevia-lhe, assim, um pouco antes da publicação da segunda grande edição dos *Ensaios* (cujo prefácio é datado de 12 de junho de 1588). E a se crer que o ensaísta não tenha feito circular cópias manuscritas da sua nova edição[2] (que tomará a forma final com a publicação do Livro III e centenas de acréscimos aos livros I e II), a admiração de Lipsius pelo "Tales francês" (assim o denominara em uma carta escrita a Theodorus Leeuwius em 1583[3]), e aqui nesta carta ao "oitavo" dos sete sábios, parece ser ainda pelo Montaigne "estoico" ou "cético" dos *Gostos*[4] – e não o idiossincrático Montaigne de 1588.

[p.37]
EPIST. XLV. Burdigalam.
MICHAELI MONTANO.

Scripsi ad te ante menſes. &, vt tempora haec ſunt, ſuſpicor non vanè, parum rectè eas litteras, certè parum feliciter, datas. Nam nec ab eo cui tuas Lutetiam curaueram, reſponsi quidquam accepi. Itaque itero ſcriptionem. non quia tuâ magni interſit, ſed quia meâ, ſcire te & accepiſſe me humaniſſimas tuas litteras, & eo quidem animo quo à tali viro merebantur. Non blandiamur inter [p.38] *nos. ego te talem cenſeo, qualem publicè deſcripſi vno verbo. Inter ſeptem illos te referam, aut ſi quid ſapientius illis ſeptem. Nam externa & polita iſta doctrinarum, ſermonis & linguarum ad faſtum & faſtidium vſque ſcientiam (audi intimum meum ſenſum) ſperno ego valdè, niſi cum prudentiâ quadam & recti iudicij normâ coniuncta dirigantur ad vſum vitae. Ea duo postrema*[5] *in te eſſe vidi, & illa non deeſſe.*[6] *Nos in Politicis aliquid meditabamur, deſumptum ex veterum agro: & iam pars non ſcripta ſolùm, ſed tradita typis. tamen differo, & ſuſtineo me temporum horum adſpectu. Ego enim, vt pericula quę obueniunt, non timeo aut vito; ita non temerè ea prouoco aut arceſſo. Scio autem quàm facilè vel in optimis conſiliis peccetur, aeuo quod impetu non conſilio fertur. Intereà in Senecam Tragicum aliquid Criticum dedi: quem ſcriptorem, vel ob nomen, ſcio & te amare. Nunc edo Curas meas secundas (ita appello) in Tacitum. Quid faciam ? aliquâ fallendum hoc otium eſt, ſi non ſalubri, certè non inutili occupatione. Tu vir magne ecquid agas, & inprimis ecquid valeas in Regni veſtri morbo, fac me tui amantem ſcitiorem. Lugd. Bat. XVII. Kal. Maias, ∞. IↃ. LXXXIIX.*[7]

Há meses te escrevi e, do modo como andam as coisas,[8] não sem razão suspeito não ter sido a carta bem entregue, ou certamente sem sucesso. Pois nem mesmo recebi alguma resposta daquele ao qual cuidara as tuas a Paris. E por isso reitero o escrito. Não porque a ti seja de grande interesse, mas porque me interessa que saibas ter eu recebido tua amabilíssima carta, e com a animação que merecia por ser vinda de um homem tal. Não nos bajulemos entre nós. Eu tal te julgo qual publicamente descrevi com uma só palavra.[9] Entre aqueles sete te incluiria ou, se houver, entre mais sábios que aqueles sete.[10] Pois essas doutrinas externas e refinadas do estilo e do conhecimento das línguas que leva a ciência à arrogância e ao enfado (ouça meu senso íntimo) muito eu as desprezo, a não ser que, unidas a uma sabedoria prática e certa regra de reto julgamento, sejam dirigidas a um uso benéfico na vida.[11] Estas duas vi que em definitivo possuis, e sem faltar aquelas. Nós meditávamos algo sobre a política,[12] colhido da lavra das antigos; e em parte já não apenas escrita, mas levada à impressão. Porém, difiro e me detenho, dado o aspecto dos tempos. Eu, com efeito, tal como não temo nem evito os perigos que se apresentam, assim também não os provoco ou atraio temerariamente. Sei, no entanto, quão facilmente se erra, e mesmo com os melhores desígnios, em uma época que se conduz pelo impulso e não pela reflexão. Entretempo, dediquei ao Sêneca tragediógrafo certo trabalho crítico: escritor o qual sei, mesmo se por causa do nome apenas,[13] tu também amas. Agora edito minhas segundas Curas[14] (assim chamo) de Tácito.[15] Que fazer? É preciso de alguma forma evitar esse ócio com uma ocupação, senão salutar, pelo menos útil. Tu, grande homem, de tudo o que fizeres, e em primeiro lugar de como te portas[16] em meio à doença de vosso reino, faz-me, a mim que te amo, mais informado. Leiden, 15 de abril de 1588.

NOTAS

1 Cf. Landtsheer (2007, p. 63). Sobre a correspondência e as relações Montaigne-Lipsius, vale consultar as informações e referências bibliográficas em Boutcher (2017, v. 1, p. 223-229); Hoffman (2015, p. 51-56); Desan (2014, p. 529-530); Magnien (2004); Boase (1971, p. 18 e seq.).

2 Quando ambos estavam no castelo de Blois, por conta da convocação por Henri III dos Estados Gerais (entre 16 de outubro de 1588 e 16 de janeiro de 1589), Etienne Pasquier critica Montaigne por não ter feito circular os *Ensaios* em manuscrito, antes de publicá-los, a fim de lhe eliminar os gasconismos. Embora na época dos Estados Gerais a edição de 1588 já estivesse disponível, os exemplos usados por Pasquier são todos retirados do que já estava impresso na primeira edição (de 1580) dos *Ensaios*. Cf. Pasquier, Etienne. *Lettres*, Tome 2, XVIII, I, Sonnius & Petis-Pas, 1619 *apud* Millet, 1995, p. 143.

3 "*Thalete illo Gallico*" (*Cent. misc.* I 43). Cf. Lipsius (1978, p. 433). A expressão encontra paralelo na alcunha "*Socrate della Francia*", dada a Montaigne pelo Papa Gregório XIII (cf. D'Ancona (ed.), *Journal du voyage de Michel de Montaigne*. Città di Castello, 1889, p. 321).

4 "[…] *ta indigetavi Michaëlis Montani librum Gallicum Gustuum titulo: probum, sapientem, et valde ad meum gustum*" (É assim que fiz referência ao livro francês de Michel de Montaigne, intitulado *Gosto*. Livro probo, sábio, e muito a meu gosto) (Lipsius, 1978, p. 433). O título latino "*Gustus*" para traduzir "*Essais*" é criticado por Antoine de Laval (1550-1632), geógrafo do rei, nas notas manuscritas de seu exemplar pessoal dos *Ensaios* (trabalhando sobre uma edição L'Angelier 1595): "Deste termo [*Ensaios*], eu recuso o argumento de Lipsius e seu círculo, que, não entendendo nossa língua, traduziram mal o título dos *Ensaios* por *Gustus* em latim, que [nesse caso,] eles tomaram de *pregustare* – que é o ensaio [a prova] que faz o fidalgo servindo diante do rei, e isso realmente se chama 'ensaio' [isto é, provar uma comida, etc.]. Mas os ensaios desse livro significam outra coisa que *gostar*. […] É um termo que marca a modéstia do autor que zomba dos grandes fazedores de livros" (cf. Millet, 1995, p. 129-130).

5 Correção (1987): *Ea duo postremum*.

6 O trecho de *Non blandiamur…* até *… et illa non deesse* foi publicado, sem tradução, na edição dos *Essais*, por Villey-Saulnier (VS 1316).

7 XVII. Kal. Maias, ∞. IↃ. LXXXIIX = 15 de abril de 1588.

8 Referindo-se ao efeito sobre a regularidade dos correios da conjuntura política perturbada, tanto do Países Baixos, como da França, naquele momento (cf. Magnien, 2004, p. 108, nota 17).

9 Lipsius havia cognominado Montaigne de "Tales francês" em carta de 25 de maio de 1583 (e que fora publicada em 1586) a Théodore van Leeuwen; veja-se a introdução acima.

10 A lista dos Sete Sábios da Grécia varia com as fontes antigas. Tales, Pítaco, Bias e Sólon são unanimemente referidos, e a estes se acrescentam, dependendo do caso, políticos, como Cleobulo, Periandro, Pisístrato, Míson; militares, como Aristodemo; poetas, como Epicarmo; mitógrafos, como Acusilau; sacerdotes, como Epimênides; filósofos, como Quilon, Pitágoras, Anacarses, Ferecides, Anaxágoras, etc. Como se pode observar, a lista dos Sete Sábios é elástica e poderia ser facilmente esticada, do ponto de vista ideológico, para incluir Montaigne (como incluiu a muitos outros ao longo da história). Além disso, ecoando o testemunho de Cícero (*De re publica* I, 12), os Sete não eram "teóricos", mas homens da "vida prática": "*Eos vero septem, quos Graeci sapientis nominaverunt, omnis paene video in media re publica esse versatos*" (Na verdade, vejo que aqueles sete, a quem os gregos chamavam sábios, quase todos foram versados nos afazeres do estado), uma espécie de virtude que, notadamente pelas cartas, parece poder ser aplicada à *persona* de Montaigne. Mas a referência é importante sobretudo porque, na economia cultural que define os Sete Sábios, além do aspecto político, há um elemento gnômico, sentencial, uma sabedoria de máximas e frases curtas, que reflete bastante o modelo da primeira recepção dos *Ensaios* – ao menos até o aparecimento da edição de 1588. "Florimond de Raemond, escrevendo em 1594, mencionou 'sua filosofia corajosa e quase estoica'. [...] Claude Expilly chamou-o de um 'grande pensador estoico' (Burke, 2006, p. 95). E mesmo Etienne Pasquier, que desconfia do Livro III, e aponta as ambiguidades da *vanitas* e da *philautia* nos *Ensaios*, denomina Montaigne como "*Seneque en nostre langue*" e afirma que seu "*Livro é um verdadeiro sementário* [*seminaire*] de belas e notáveis sentenças" (Pasquier, *Lettres*, Tome 2, XVIII, I; Sonnius; Petis-Pas, 1619 *apud* Millet, 1995, p. 143-149). Aparentemente, é ao Montaigne desta recepção que parece se referir a frase de Lipsius.

11 Poderíamos traduzir "*ad usum vitae*" mais livremente por "a serviço da vida" ou ainda "ao que é útil no cotidiano". Bem evidente aqui o acordo com os *Ensaios*: já se levantou a hipótese de que Lipsius teria passado por uma conversão à filosofia, talvez por influência do ensaísta. Note-se ainda o eco com os *Ensaios* (I, 40, 252), precisamente onde seu autor diz que poderia ter escrito por cartas e louva Sêneca, elogiando o fundo em detrimento da forma, tanto no discurso, quanto na maneira de agir em geral.

12 A composição e publicação desta obra (*Politicorum sive civilis doctrinae libri sex*, Leyde, 1589) continuará a ser tema das cartas seguintes a Montaigne, que a utilizou na composição dos *Ensaios* (assim como outras obras de Lipsius), como demonstraram Villey, Boase, Magnien e outros – ainda que apenas como repositório de sentenças, e nunca se referindo explicitamente a esta obra. Ademais dos eventuais acordos ou desacordos filosóficos entre o pensador francês e o flamenco, há uma diferença de método geral que se torna mais clara em relação às *Políticas* – uma discordância acerca da forma como estas são tomadas dos

antigos, ou como os "lugares-comuns" são aí compreendidos e empregados – e que virá à baila na carta seguinte de Lipsius a Montaigne (30 de agosto de 1588). Note-se que, se preferimos manter o plural do título original desta obra de Lipsius, foi em respeito à própria forma também múltipla do método dos *loci communes*, expressamente aí adotado (cf. carta 59, nota 9).

13 No Renascimento, o Sêneca dramaturgo era comumente visto como uma pessoa distinta do filósofo das *Cartas a Lucílio*.

14 Ou "meu segundo tratamento", como traduz Olivier Millet, ao lembrar que se trata de uma confissão sobre a melancolia feita a alguém que também buscava desta se guardar (1995, p. 59, nota 1). Preferimos traduzir literalmente, para reforçar o sentido ambivalente de cuidado médico e seu resultado da palavra latina (que o termo português também permite), muito embora a palavra comporte ainda os sentidos de trabalho escolar, obra literária, além dos cuidados que Lipsius tem com o autor que está editando.

15 Montaigne, embora leitor e imitador de Tácito, não se refere expressamente a esta obra, e é difícil saber se a utilizou ou não (cf. Magnien, 1996, p. 436, p. 451-452). De todo modo, embora deixe de citar diretamente Lipsius neste caso, como em outros, ele não se furtará a fazer seu elogio na "Apologia a Raymond Sebond", chamando-o "*le plus sçavant homme qui nous reste*" (o mais sábio homem que nos resta) (*Ensaios* II, 12, VS 578).

16 No original "*ecquid valeas*". A expressão responde ao contexto de noções e termos médico-terapêuticos empregados neste e nos períodos imediatamente anteriores, tema que retornará na próxima carta de Lipsius (carta 59). Não por acaso, a única passagem dos *Ensaios* em que Lipsius é nomeado (indicada na nota anterior) marcará a importância da saúde na obra intelectual.

Carta 58 (não datada. Verão 1588)

A Antoine Loisel

Fontes

Exemplar privado, pertencente a John O'Brien. Dedicatória autógrafa no verso da folha de guarda de um exemplar dos *Ensaios* de 1588. Um decalque no *Recueil* Payen.

Fac-símile

https://montaigne.univ-tours.fr/envoi-essais-antoine-loisel/

PAYEN, Jean-François. *Recueil de documents rassemblés par le Dr. Payen sur l'écriture de Montaigne, des membres de sa famille et de ses amis*. BNF (Richelieu), ms NAF 1466 (item 93).

Edições

MONTAIGNE, Michel de. *Œuvres complètes*. Albert Thibaudet; Maurice Rat (ed.). Paris: Gallimard, 1962, p. 1396-1397. [Bibliothèque de la Pléiade]

LEGROS. Alain. *Montaigne manuscrit*. Paris: Classiques Garnier, 2010, Dedicaces de Montaigne auteur, nº 2, p. 736.

Contexto

Pequena dedicatória autógrafa ao exemplar pessoal de Antoine Loisel dos *Ensaios* de 1588. O texto, portanto, foi escrito após 12 de junho de 1588. Por essa época, Loisel, jurista já célebre, advogado de Henri III, integrante da câmara itinerante de justiça enviada a Bordeaux para arbitrar na pacificação de Fleix, ainda não havia publicado sua obra principal, *Amnestie* (1595). Com Montaigne, este homem de notória erudição e saber jurídico entretém uma relação de respeito e admiração mútuos, trocando cumprimentos e elogios públicos, além de dedicatórias em seus livros (a dedicatória de Loisel a Montaigne em uma seção da *Amnestie*, por exemplo); é ao que se refere a expressão montaigniana "belos presentes que me deu de vossos trabalhos", aos quais se deve retorno (cf. Cooper, 2006, p. 322; Desan, 2014, p. 421- 422, notas 78 e 79; Frame, 1965, p. 229; carta 19).

A dedicatória a Loisel começa sob a modéstia tipicamente retórica da *captatio benevolentia* (expressa na expressão "*c'est mal se revancher des beaux presants*"). A mesma modéstia retórica parece conduzir a interpretação dos *Ensaios*, entregues como um presente, como algo sem muita importância, relegado aos momentos livres: não para ser lido e estudado, mas folheado nas "horas de lazer". Juntamente com o termo "*guerredon* (*contrapartida*)", o texto aponta também para o sistema de regulação nobiliárquica tipicamente medieval de compensações entre dom e retribuição (Legros, 2010, p. 736). A dedicatória parece mostrar assim uma relação entre aristocratas, em que o livro é também parte de um passatempo (*otium*) literário e não necessariamente da pura construção erudita do saber.

C'est mal ſe reuancher des beaus
preſant~~t~~>s que vous m'aues faicts
de vos labeurs mais tant y
a que c'est me reuancher le mieus
que ie puis Monsieur prenez
pour dieu la peine den feuilleter
quelque choſe quelque heure de
vostre loiſir pour m'en dire uostre
auis car ie c~~o~~>reins d'aller en empirant

pour mons^r^ Loyſel

TRADUÇÃO DA CARTA 58

É um fraco retorno pelos belos
presentes que me deu
de vossos trabalhos, mas ainda assim
é me desonerar[1] o melhor
que posso. *Monsieur*, tomai,
por Deus, a pena de folhear
algo em algum momento de
vosso lazer para me dizer vossa
opinião, pois temo seguir piorando.[2]

Para o *monsr.* Loisel.

NOTAS

1 O verbo "*revancher*", que aparece duas vezes na dedicatória, aparece apenas três vezes nos *Ensaios* (em I, 6; em I, 23; e em II, 27). É usado por Montaigne uma vez nas anotações autógrafas marginais ao seu exemplar pessoal dos *Annales et croniques de France, depuis la destruction de Troye…, corrigées et complétées par Denis Sauvage* de Nicolas Gilles (Paris, Guillaume le Noir, 1562, Tome 2, exemplar BNF Rés. Fol-Z Don-96 (1)). O termo aparece na margem do fol. 7v: "+ De'fi de la perſone || d'eɔoarɔ .3. a cele || de philippe de Valois. || Le roë ſ'an *reuãchera* || tantot f. 15. p. 1 (Desafio da pessoa de Eduardo III a Philippe de Valois. O rei *responderá ao desafio* em breve)". No desafio entre Eduardo III da Inglaterra e Philippe de Valois, "*revanche*" pertence à esfera privada, um negócio entre nobres e iguais, não entre nações. A outra ocorrência é da mesma época da dedicatória a Loisel, na dedicatória de *Mademoiselle* Le Paulmier (não datada, mas provavelmente também de 1588): carta 61. Em ambas as dedicatórias, o uso do verbo "*revancher*" corrobora a observação acima referida de Legros acerca da lógica nobiliárquica medieval do dom que as ambienta.

2 Montaigne reúne nesta frase a tradicional altivez da classe nobre – para a qual o saber deve ser apenas um passatempo –, com sua característica *nonchallance*, em um *tour* de estilo em que um traço alivia e realça o outro, fazendo com que a desvalorização de sua obra e a lisonja no desculpar o pouco interesse alheio adquiram um tom elegante e supreendentemente mordaz e irônico. Note-se que o último período ambiguamente se refere também à decadência da idade ou à doença que Montaigne sofrera então, tendo sido cuidado por Le Paulmier (carta 61).

Carta 59 (30 de agosto de 1588)

De Lipsius a Montaigne [2]

Fontes

Não há versão original manuscrita.

Edições

IVSTI LIPSI || EPISTOLARVM || CENTVRIA || SECVNDA: || Nunc primùm edita. || [brasão editorial] || LONDINI, || Impenſis Georg. Biſhop. || CIↃ. IↃ. XC. [1590] || (Epístola LIX, p. 51)

Exemplar

British Library, cota: 10905.bbb.16

IVSTI LIPSI || V. C. || OPERA OMNIA, || POSTREMVM AB IPSO AVCTA || ET RECENSITA: || NVN PRIMVM || COPIOSO RERVM INDICE || ILLVSTRATA. || Tomus Secundus. || [brasão editorial] || ANTVERPIAE, || EX OFFICINA PLANTINIANA || BALTHASARIS MORETI. || M. DC. XXXVII. || Cum Priuilegiis Caesareo & Principum Belgarum. || (Epístola LV, p. 93)

Exemplar

Universidad Complutense de Madrid, cota: FLL 22.217

LIPSIUS, Justus. *Epistolae, Pars* III (1588-1590). Sylvette Sué, Hugo Peeters (ed.). Bruxelles: Académie Royale, 1987, n° 644, p. 119-120. [= ILE III 644]

MILLET, Olivier. *La Première réception des* Essais *de Montaigne* (1580-1640). Paris: Champion, 1995, p. 59-61.

Contexto

A segunda das três cartas que conhecemos de Lipsius a Montaigne traz novamente o mesmo problema: essa também foi escrita na ausência de resposta de Montaigne a uma missiva anterior. Tendo recebido uma carta de Montaigne (lida "com prazer e alegria"[1]), Lipsius escrevera-lhe uma resposta – que, ao que tudo indica, não teria chegado ao seu destino. Desse modo, curiosamente, como na carta de 15 de abril de 1588, esta segunda carta é também a reiteração de uma correspondência perdida – o resultado formando um universo de quatro cartas, aparentemente sobre os mesmos problemas, dos quais conhecemos, efetivamente, apenas duas (as duas outras perdidas).

O tom aqui continua reverencial, mas Lipsius afirmará um tema caro aos *Ensaios*: "*Há muito te conheço sem conhecer: pela mente e pelos escritos, não de corpo*" – tema que acentuará na terceira carta.[2] É curioso ver aí, nessa admiração expressa pela metonímia entre autor e obra, um modelo muito recorrente de "intimidade" (o *leitor* Lipsius se reconhecendo parafrasticamente no *autor* dos *Ensaios*), modelo que atravessará os séculos da recepção de Montaigne.[3] Esse tipo de intimidade, aliás, parece ser suficiente: apesar dos convites para ir visitá-lo em seu castelo, Lipsius alegará problemas de saúde para não ir a Montaigne – já na terceira carta, o motivo será as Guerras de Religião – e os dois jamais se encontrarão. Lipsius sugere também que Montaigne amplie seus conselhos para orientação geral[4] – o que reforça ainda a percepção de um Montaigne sapiencial, tópica expressa na primeira carta, mas que já não aparece na terceira e última, de 17 de setembro de 1589.

Iam ſemel ad te ſcripsi, Vir nobiliſſime: nec ſatis certum habeo, an litterae ad te perlatae. Interuallum locorum grande eſt: & addo, quòd nihil hodie tam receptum, quàm fallere fidem. Iteraui igitur. & ſcire te hoc volui, cum gaudio me litteras tuas accepiſſe, & legiſſe tum[5] voluptate. Diu eſt cùm te noui, nec noui: à mente & ſcriptis, non à corpore. & admiratus ſum (nihil hîc vanum) rectitudinem judicij tui, eò magis fortaſſe quòd in pleriſque ſimillimum id meo. Nam fateor: in Europâ non inuêni, qui in talibus ſenſu mecum magis conſentiente.[6] Vtinam plura tibi ſcribere mens, aut otium! quamquam iſtud fortaſſe, non illa: quia auerſum te ab omni gloriâ video, etiam verâ. Non debebas. & habere in oculis ſi non aeternitatem temporum,[7] at miſeriam hominum: qui talibus monitorum auxiliis omnino ducendi, fulciendi. Me valetudo prohibet ab iis, quae vellem. tamen, vt languidi, conor et ſerpo; & neſcio quid in Politicis breui dabo, meo textu, non tamen filo. Videbis inter primos:[8] utinam & probes! De Galliâ tuâ & te videndo, quòd inuitas & offers: gratum eſt. ſed qui poſſum? valetudo me ligat: & ſi non illa, etiam turbae. quas non effugiam, vt video, niſi in plenâ illâ libertate. Salue, vir nobiliſſime ab eo, cui tu ſemper carus & magnus. Lugduni Bat. III. Kalend. Septemb.

Já te escrevi uma vez, homem nobilíssimo, mas não tenho muita certeza se a carta te foi entregue. A distância dos lugares é grande; e acrescento que nada hoje é mais comum que faltar com a palavra. Então recomecei. E quis com isso te fazer saber ter recebido tua carta com alegria e a ter lido com prazer. Há muito te conheço, sem conhecer: pela mente e pelos escritos, não de corpo. E fiquei admirado (nada de vão aqui) com a retidão de teu julgamento, e tanto mais talvez porque em muitas coisas muito similar ao meu. Pois confesso: na Europa não encontrei quem comigo mais concordasse no perceber tais coisas. Tomara tenhas o plano – ou o ócio! – para muito escrever. Todavia, talvez este, mas não aquele, porque te vejo avesso a toda glória, mesmo a verdadeira. Não devias. Mas [deverias] ter em vista, senão a eternidade dos tempos, ao menos a miséria dos homens, os quais em tudo devem ser conduzidos e sustentados por auxílios de conselheiros tais. A saúde proíbe-me de fazer as coisas que gostaria. Porém, como os doentes, esforço-me e me arrasto; e não sei bem o que sobre a política em breve produzirei de tecido[9] meu, embora não o fio.[10] Serás dos primeiros a ver, e tomara que também a aprovar! Sobre ir ver tua França e a ti, a que me convidas e propões, sou grato. Mas como posso? A saúde me prende; e se não fosse ela, porém aquelas perturbações,[11] às quais não escaparei, segundo vejo, a não ser naquela[12] plena liberdade. Saudações, homem nobilíssimo, daquele ao qual tu sempre serás caro e grande.

Leiden, 30 de agosto.[13]

NOTAS

1 Talvez a resposta de Montaigne à carta de Lipsius datada de 15 de abril de 1588.

2 "*ut certe e scriptis novi: in quibus non fallax tui imago*" (como certamente o conheci pelos teus escritos, os quais são tua imagem não enganosa).

3 "*eo magis fortasse quod in plerisque simillimum id meo*" (e tanto mais talvez porque em muitas coisas muito similar ao meu).

4 "*qui talibus monitorum auxiliis omnino ducendi, fulciendi*" (os quais por tais auxílios de conselheiros em tudo devem ser conduzidos e sustentados).

5 Millet; ILE III, 644: *cum*.

6 Millet; ILE III, 644: *consentiret*.

7 Millet: quia aversum ab omni gloria video, etiam vera – non debebas – et habere in oculis si non aeternitatem temporum ||

8 Millet: *primas*.

9 Interessante notar que Montaigne utiliza nos *Ensaios* (I, 26, VS 148) a mesma noção de "tecido", aqui empregada por Lipsius, para elogiar seu livro: "[…] como Lipsius, neste douto e laborioso tecido de suas *Políticas*" – "[…] *comme Lipsius en ce docte et laborieux tissu de ses* Politiques". A comparação está presente também nas *Políticas* elas mesmas e aponta para a importância aí do método dos lugares-comuns (Moss, 1996), algo que se encontra também na base da concepção do estilo ensaístico. Porém, um olhar sobre essas obras basta para diferenciá-las do ponto de vista metodológico: Lipsius conserva explicitamente a formatação dos lugares comuns, enquanto Montaigne tenta ultrapassá-la desde o primeiro ensaio (cf., por exemplo: Hoffman, 2015, p. 54; Schiffman, 1984; Azar Filho, 2005). Como nota Magnien (1996, p. 452), o elogio de Montaigne a Lipsius nos *Ensaios*, chamando-o "*sçavant*", pode ser ambíguo, podendo apontar para o fato do autor flamenco ser apenas um recolhedor de sentenças. Algo do qual se guarda o ensaísta na mesma passagem citada acima: "*Je ne dis les autres, sinon pour d'autant plus me dire*". Para as relações entre o discurso epistolar e os *loci communes*, ver Fumaroli (2015). Cf. carta 57, nota 12.

10 Esta é a imagem que aparece no início (no seu *Ad lectorem*) e no final das *Políticas* de Lipsius (onde abre também o livro, com numeração de páginas à parte, contendo suas "notas": *Politicorum notae*) para explicar o emprego aí dos lugares-comuns. Abelhas que colhem polén de diversas flores para fazer o mel, e aranhas que produzem o fio com que tecem suas teias, etc., servem então amiúde como metáforas para figurar a escrita em uma época na qual constantemente se tratava de retomar a ciência dos antigos para construir a partir

desta – e empregando, também nisso, conceitos muito frequentes nas páginas dos autores antigos.

11 Certamente se referindo às Guerras de Religião francesas, como fizera na primeira carta. No original, "*turbae*" é um termo que tem o sentido ambíguo de "multidões" e "turbações" (na acepção de "agitações"), e assim de multidão em desordem ou de desordem causada por uma multidão. O termo será usado novamente na terceira carta com o mesmo sentido.

12 Referindo-se ao outro mundo(cf. Magnien, 2004, p. 107, nota 15).

13 Magnien (2004, p. 107, nota 16) prefere o ano de 1587 (contra a edição original) como aquele em que essa carta foi escrita, e sua argumentação parece coerente, principalmente dado o fato de que Lipsius refere-se aqui às *Políticas* como um trabalho ainda em curso e não publicado.

Carta 60 (17 de setembro de 1589)

De Lipsius a Montaigne [3]

Fontes

Não há versão original manuscrita. A carta está datada apenas com dia e mês, mas o contexto indica se tratar do ano de 1589.

Edições

IVSTI LIPSI || EPISTOLARVM || CENTVRIA || SECVNDA: || Nunc primùm edita. || [brasão editorial] || LONDINI, || Impenſis Georg. Biſhop. || CIↃ. IↃ. XC. [1590] || (Epístola XCVI, p. 79-80)Exemplar: British Library, cota: 10905.bbb.16

IVSTI LIPSI || V. C. || OPERA OMNIA, || POSTREMVM AB IPSO AVCTA || ET RECENSITA: || NVN PRIMVM || COPIOSO RERVM INDICE || ILLVSTRATA. || Tomus Secundus. || [brasão editorial] || ANTVERPIAE, || EX OFFICINA PLANTINIANA || BALTHASARIS MORETI. || M. DC. XXXVII. || Cum Priuilegiis Caesareo & Principum Belgarum. || (Epístola XCII, p. 106)

Exemplares

Universidad Complutense de Madrid, cota: FLL 22.217

LIPSIUS, Justus. E*pistolae*, *pars* III (1588-1590). Sylvette Sué, Hugo Peeters (ed.). Brussel, Académie Royale, 1987, nº 711, p. 201.

MILLET, Olivier. *La Première réception des* Essais *de Montaigne* (1580-1640). Paris, H. Champion, 1995, p. 63-64.

Contexto

Nesta terceira e última carta a Montaigne, Lipsius reitera uma questão da carta anterior (30 de agosto de 1588): um ano atrás, ele lamentava não poder, por motivos de saúde e pela situação política da França, atender ao convite do ensaísta para visitá-lo em seu castelo. E novamente aqui, como desde a primeira carta, tal situação continua a preocupá-lo. Lipsius comunica-lhe, porém, a resolução de uma pendência, marcada também desde a sua primeira carta e relacionada precisamente ao tenso clima político da época: o lançamento dos seis livros da sua *Politicorum sive ciuilis doctrinae* – ou, como ele se refere no texto, da sua *Politica* – que, segundo sua primeira missiva (15 de abril de 1588), permanecera ainda travada no editor (ela saiu sob a curadoria de Franciscus Raphelengius, genro de Plantin, o editor de Lipsius, em 1589[1]). É possível que esta carta acompanhasse, efetivamente, um exemplar do livro, presenteado a Montaigne.

Tal como na carta de 15 de abril, é também a recepção de um Montaigne estoico, um *quietus* Montaigne, em repouso diante das turbulências das Guerras de Religião, a valorizada aqui – ideal que Lipsius retira não do conhecimento direto, pois nunca chegará a conhecer Montaigne pessoalmente, mas puramente intelectual (dado que seus escritos, os de Montaigne, "são sua imagem" direta). Nesse caso, se na carta de 15 de abril parecia prevalecer a recepção do Montaigne sapiencial,[2] agora essa percepção é perfeitamente rearticulada (coisa que já se anunciava na carta de 30 de agosto de 1588) no âmbito da pintura de si montaignista. Assim, se Lipsius continuava admirando Montaigne em setembro de 1589, o campo retórico foi alargado para acomodar não apenas o sapiencial e gnômico autor dos *Ensaios* de 1580, mas também o estilo pessoal dos *Ensaios* de 1588 (esse estilo que valoriza a metonímia entre autor e obra).

[p. 79]

Vir Nobiliſſime, per epiſtolam rarò te alloquor, ſępiſſimè anima & affectu. Vtinã res veſtrę aut noſtrę quietiores! nunquam ego deum videam, niſi te viderem. Nam litterarium hoc colloquium, nugae: meri amores & mera ſuauitas, os aliquod amicũ intueri & amplecti. Sed vt ille ait,

Νῦν δ᾽ ἐτέρως ἐβόλοντο θεοί.[3] –

Politica noſtra tandem edidi diu preſſa, & neſcio an vel nunc emiſſa aue ſatis fauſtâ. Æuum ego & haec praeiudicia [p. 80] *an ignoro? ſed tamen temperaſſe me videbis, & nihil niſi communibus praeceptis ſcripiſiſſe: excipio paucula de Religione. In quâ conſilium noſtrum nec improbum nec imprudens fortaſſe apud probos. O tui ſimilis mihi lector sit! & tu iudicium tuum liberè, & vt vir es, ſcribe. Turbae apud vos magnae: ſi ingenium tuum noui (vt certè è ſcriptis noui: in quibus non fallax tui imago.) quieſcis. Quod vt tuto & diu poſſis, aeternum Deum rogo. XV. Kal. Octobr.*

TRADUÇÃO DA CARTA 60

Homem nobilíssimo, raramente me dirijo a ti por carta, mas muito frequentemente em espírito e sentimento. Tomara tornem-se a vossa situação ou a nossa mais tranquilas! Jamais verei deus, se não te vir.[4] Pois este colóquio epistolar, ninharias! Genuína afeição e puro prazer são o ver e beijar um rosto amigo. Mas, como disse aquele,

"Agora os deuses querem diferente".[5]

Nossa *Politica*, longamente retida, finalmente publiquei, e mesmo agora não sei se emitidas em época muito propícia. Acaso não conheço a época e seus preconceitos? Verás,[6] porém, ter-me moderado, e nada ter escrito a não ser em acordo com os preceitos comuns; exceto, muito pouco sobre a Religião.[7] Pelo que talvez minha concepção não deixe de ser recebida como honesta e prudente pelos virtuosos. Ah, se eu tivesse um leitor como tu! E tu, escreve-me teu juízo livremente, como homem franco que és de fato. As perturbações em vosso país são grandes: mas se conheço teu caráter (como certamente o conheci pelos teus escritos, nos quais se encontra tua imagem fiel[8]) permaneces tranquilo.[9] Que possas estar em segurança e por muito tempo, rogo ao Deus eterno. Em 17 de setembro.[10]

NOTAS

1 Para as relações de Christophe Plantin e Raphelengius, ver Degeorge (1886).

2 Cf. as notas editoriais da carta de 15 de abril de 1588, quando ainda não havia saído a terceira grande edição dos *Ensaios*.

3 Homero, *Odisseia*, I, v. 234.

4 Uma das características da língua latina em comparação com as línguas latinas modernas – e que o francês de Montaigne experimenta emular, e o latim de Lipsius, potencializar – consiste em dizer muito em poucas palavras. Essa frase, por exemplo, tanto pode ser lida no sentido de que este faz votos de não morrer (ou ver Deus) antes de conhecer aquele pessoalmente, como de colocar o destinatário desta carta ele mesmo como o deus a ser realmente visto um dia. Tentamos manter essa ambivalência na tradução.

5 Homero, *Odisseia*, I, v. 234. Fala de Telêmaco à deusa Atena, metamorfoseada de estrangeiro, na *Odisseia*: "[230]: A ela respondeu por sua vez o prudente Telêmaco: | 'Estrangeiro, porque me perguntas estas coisas e questionas, | esteve esta casa outrora para ser rica e irrepreensível, | enquanto entre seu povo permanecia aquele homem. | [234] . **Agora decidiram de outro modo os deuses desfavoráveis**, | que o fizeram o mais invisível de todos os homens" (Trad. Frederico Lourenço).

6 É bastante provável, levando-se em conta o texto e a publicação desta carta em meio a outras de agradecimento relativas ao recebimento da *Politica* (Magnien, p. 428, nota 3), que a presente missiva tenha sido uma espécie de dedicatória acompanhando o envio do livro por Lipsius a Montaigne.

7 Capítulos 2 ao 4 do livro I, IV da *Politica*. O que justamente vai arrastá-lo a polêmicas que o forçarão a responder em outros escritos: veja-se o *De una religione* (1591) que passará a acompanhar as edições da *Politica*.

8 Magnien (2004, p. 111, nota 33) lê nesta frase uma lembrança do "*Au lecteur*" (carta 14) que abre os *Ensaios*.

9 "The Senecan resonances in Montaigne's early editions may have been what led Lipsius(!) to approach the essayist from afar as a kindred spirit, as we discover in a few fascinating letters from the late 1580s. 'O for me to have a reader like you!' (O tui similis mihi lector sit!), wishes Lipsius, and he affirms that he knows Montaigne's ingenium from his writings, 'in which,' he says, 'your image is not deceiving' (in quibus non fallax tui imago, Ep. 92). In this final phrase we see Lipsius projecting a willed imago onto Montaigne in the same way that he would later do to Seneca in his 1605 edition of Seneca's Opera.

One cost of the willed identification, however, is to miss the significant differences that Montaigne demonstrates between Seneca and himself" (Ker, 2012, p. 318).

10 Quinze dias antes das calendas de outubro (já no calendário juliano, isto é, com setembro contando trinta dias). O missivista não informa o ano, mas sabemos pela carta que é aquele da publicação da *Politica* (1589).

Carta 61 [não datada] (julho de 1588?)

A *Mademoiselle* de Paumier

Fontes

Leiden, Universiteitsbibliotheek, cota: ms. PAP Ia (legs de G. Van Papenbroeck).

Trata-se da dedicatória ao exemplar dos *Ensaios* de 1588 enviada a Mademoiselle de Paulmier. O texto que chegou até nós é uma folha solta, que provavelmente fora encartada no exemplar. A grafia é autógrafa.

Fac-símile

https://montaigne.univ-tours.fr/envoi-essais-mademoiselle-le-paulmier

Editio princeps

LES || ESSAIS || DE MICHEL || SEIGNEUR || DE MONTAIGNE || DONNEZ SUR LES PLUS ANCIENNES ET LES PLUS CORRECTES || Editions: Augmentez de pluſieurs Lettres de l'Auteur ; & où les Paſſages Grecs, || Latins & Italiens, ſont traduits plus fidélement, & citez plus exactement || que dans aucune des precedentes. || Avec des NOTES, & de nouvelles TABLES DES MATIERES || beaucoup plus utiles que celles qui avoient paru juſqu'ici. || Par PIERRE COSTE. || NOUVELLE EDITION, || plus ample & plus correcte que la derniere de Londres. || TOME TROISIEME. || [ornamento] || A PARIS, || PAR LA SOCIETÉ. || [-] || M. DCC. XXV. || AVEC PRIVILEGE DU ROI. || (p. 405)

MONTAIGNE, Michel de. *Œuvres complètes*. Albert Thibaudet & Maurice Rat (ed.). Paris: Gallimard, 1962, p. 1396. [Bibliothèque de la Pléiade]

LEGROS. Alain. *Montaigne manuscrit*. Paris: Classiques Garnier, 2010, Dedicaces de Montaigne auteur, nº 2, p. 735-736.

Contexto

Diferentemente da dedicatória dos *Ensaios* feita a Antoine Loisel (carta 57), aqui o texto não chegou até nós autografado nas páginas do próprio volume, mas em uma folha avulsa manuscrita.

O início do segundo semestre de 1588 parece ter sido particularmente difícil para a saúde de Montaigne.[1] Discute-se ainda hoje se essa doença seria a "gota", que é mencionada nas *Efemérides de Beuther* (10 de julho de 1588), mesmo dia de sua breve prisão na Bastilha[2] (cartas 41, nota 19; 46, nota 15); mas a julgar pela carta de Brach (que nesse dia não poderia ter estado próximo ao seu amigo) mencionando um grande perigo para a vida de Montaigne, trata-se provavelmente de outro problema de saúde, bem mais grave, do qual a gota seria talvez apenas um prolongamento.[3] Seja como for, Montaigne, que em diversos momentos nos *Ensaios* (como na carta a Madame Duras, em II, 37) declarara suas fortes desconfianças em relação à medicina, teve de recorrer aos serviços de um profissional, Julien Paulmier (ou Le Paumier, 1520-1588), ex-aluno de Fernel em Paris, protestante e médico de Charles IX, de Henri III e do duque de Anjou.[4]

A dedicatória não é endereçada ao marido, mas à esposa, Marguerite de Chaumont. Como Julien Le Paulmier morreu em dezembro de 1588 e o texto não faz menção ao seu desaparecimento, é provável que a dedicatória tenha sido escrita após a primeira metade de julho, mas antes de dezembro, desse ano.

Maɔamoiſelle mes amis ſçauẽt
que des l'heure que ie vous eu veue
ie vous destinai vn de mes liures
car ie ſantis que vous leur auies
faict beaucoup d'honur mais la
courtoiſie de mõſ^r^ Paumier m'oſtes
le moien de vous le doner m'aïant
obligé deſpuis a beaucoup plus que
ne vaut mon liure Vous l'accepterez
ſ'il vous plait com'estant uostre
auant que ie le deusse & me fairez
cette grace de leimer ou pour l'amour
de luy ou pour lamour de moi et ie
garderai entiere la debte que i'ai
enuers mons^r^ Paumier pour m'en
reuãcher ſi ie puis dailleurs par quelque ſeruice

pour maɔamoiſelle Paumier

Mademoiselle,[5] os meus amigos sabem
que assim que a vi,
eu vos destinei um dos meus livros,
porque senti que vós lhes havíeis
feito muita honra, mas a
cortesia de *monsieur* Paulmier privou-me
dos meios de os dar, tendo desde
então me obrigado a muito mais do que
não vale o meu livro. Vós os aceitareis,
por favor, como sendo vosso
antes que eu vos desse, e me fareis
esta graça de o amar, seja pelo amor
por ele ou por mim, e eu
guardarei integralmente a dívida que tenho
com o *monsieur* Paulmier para pagá-la,
se puder, de outra forma, por algum outro serviço.

Para *mademoiselle*[6] Paulmier.

NOTAS

1 Na carta enviada a Lipsius, em 4 de fevereiro de 1593, comunicando a morte de Montaigne, Pierre de Brach relembra o "desespero" dos médicos "há alguns anos", quando ambos estavam "em Paris", donde se deduz que se trata desse período (julho de 1588) e que a perspectiva parecia de fato bastante ruim.

2 [*Ephemerides*, p. 201]: 1588 entre trois et quatre apres midi || estant logè aus fausbours ſ.germein a Paris || et malade d'un eſpece de goutte qui lors || premieremat m'auoit ſeſi il y auoit iustemant || trois iours ie fus pris priſonier par les capitenes || et peuple de Paris c'estoit au temps que le Roy || en estoit mis hors par monſieur de guiſe fus || menè en la bastille et me fut ſignifiè que c'estoit || a la ſollicitation du duc d'Elbeuf ~~lequel~~ et par || droit de repreſailles ~~et~~ au lieu d'un ſien parãt || iantillhome de normandie que le Roy tenoit || priſonier a Roan La roine mere du roy auertie || par m^r^ pinarð ſecretere d'estat de mon enpri=|| ſonemãt obtint de moſieur de guiJe qui estoit || lors de fortune aueq elle et du preuost des || marchans uers le quel elle enuoia (mõſieur de || uilleroy ſecretere d'estat ſ'en ſouignant aussi || bien fort en ma faueur) que ſur les huit heures || du ſoir du meſme iour un maistre d'hostel de ~~ma~~ ſa ~~dicte~~ || ~~dame~~agestè me uint faire mettre ẽ libertè || moienãt les reſcrits du dict seignur duc et || ddict preuost aðressãs au clerc capitene || pour lors de la Bastille (1588, entre as três e as quatro da tarde – estando alojado no Faubourg Saint-Germain em Paris, e doente com uma espécie de gota que se apoderou de mim pela primeira vez há exatos três dias – fui feito prisioneiro pelos capitães e pelo povo de Paris. Foi nessa época que o rei foi posto para fora [de Paris] por *Monsieur* de Guise. Fui levado para a Bastilha e me foi informado que foi a pedido do duque de Elbeuf e por direito de represálias em contraparte a um parente dele, um cavalheiro da Normandia, que o rei manteve prisioneiro em Rouen. A rainha, mãe do rei, informada por *Monsieur* Pinard, secretário de Estado, de minha prisão, obteve de *Monsieur* de Guise, com ela na época, e do preboste dos mercadores – a quem ela enviou *Monsieur* de Villeroy, Secretário de Estado, cuidando disso em meu favor – que às oito horas da noite do mesmo dia um *maître de hotel* de Sua Majestade me pusesse em liberdade, levando [ordens] escritas do dito senhor duque e do dito preboste endereçadas a [Le] Clerc, que era então capitão da Bastilha).

3 Cf. Baladié (1987, p. 991 e seq.).

4 Le Paulmier era próximo de Matignon, e foi este quem o introduziu na corte. Cf. Le Paumier (1894).

5 Marguerite de Chaumont, esposa de Julien Paulmier ou Le Paulmier (ambos protestantes).

6 Sobre como o tratamento *mademoiselle* / *madame* refere-se à escala social, ver carta 1, nota 17.

Carta 62 (18 de janeiro de 1590)

A Henri IV (a Henri de Navarra) [1]

Fontes

Paris, BNF (Richelieu), Fonds Dupuy 63, fol. 77r-77v e fol. 78r (para o texto), e fol. 78v (endereço).

O documento foi descoberto por Achille Jubinal e publicado em 1850. No autógrafo original, é possível perceber uma mudança na grafia da letra "g" de Montaigne (que até então era grafada sem cauda), que passa para uma forma mais "moderna" (com cauda).

Fac-símile

https://montaigne.univ-tours.fr/lettre-henri-iv-18-janvier-1590

https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b53069062j/f165.image

Editio princeps

JUBINAL, Achille. *Une lettre inédite de Montaigne*. Paris: Didron, 1850, p. 42-44.

Edições

FEUILLET DE CONCHES, Félix-Sébastien. *Lettres inédites de Michel de Montaigne et de quelques autres personnages du XVIe siècle*. Paris: Henri Plon, 1863, p. 283-287.

Thibaudet & Rat. *Œuvres complètes* de Montaigne. Paris: Gallimard, 1962. [Bibliothèque de la Pléiade], p. 1378; 1397; 1398.

LEGROS. Alain. *Montaigne manuscrit*. Paris: Classiques Garnier, 2010, Lettres et missives de Monsieur de Montaigne, nº 24, p. 716.

Contexto

Como seria de se esperar em uma carta escrita ao rei, o original é totalmente autógrafo – exceto pelo endereço, escrito por um secretário. No texto, Montaigne deixa entender que estaria respondendo a uma carta de Henri IV escrita em 30 de novembro, e recebida, segundo ele, com muito atraso – ela mesma uma contrapartida de cartas anteriores enviadas por Montaigne, o que, talvez, pudesse incluir a correspondência enviada a Henri ainda como rei de Navarra. Seja como for, carta ou cartas, esse material se perdeu e não temos nenhuma correspondência enviada por Henri de Navarra (ou Henri IV) a Montaigne.

Embora só tenha sido coroado em 27 de fevereiro de 1594, Henri de Navarra tornou-se rei da França, em agosto de 1589, seis meses antes da data inscrita no texto editado aqui. Os cinco anos entre a ascensão ao poder e a coroação correspondem aos anos decisivos das Guerras de Religião e, no curso dos acontecimentos, Henri, que começou o reinado como protestante, converteu-se ao catolicismo (em 23 de julho de 1593) a fim de superar em definitivo as resistências políticas a seu governo. Montaigne, enquanto amigo deste último e *chevalier et gentillhome de la chambre* de Henri III, possuía atributos importantes para escrever uma carta em que dá conselhos, um tanto quanto livres, ao novo rei.[1] A liberdade aqui se expressa sobretudo em fazer lembrar a um rei os serviços prestados anteriormente e, na referência ao "franco zelo e a maravilhosa prudência do senhor marechal de Matignon", que Henri IV não é um chefe militar solitário, mas apoiado pelo engenho e pela dedicação de outros.

Mas é sobretudo o caráter exaltatório e otimista, indicando uma nova era, que dita o tom do texto. Esse caráter é pautado (na forma admoestatória da rememoração e do conselho) por dois *topoi* clássicos: o da *clemência/magnificência* real

(na invocação da figura de César como amigo conquistador, amigo dos inimigos[2]); e, sobretudo, ao lembrar a Henri IV, não sem certa ironia,[3] da sua função como agente da *concórdia* universal – ou, como diz o texto, como agente da "tranquilidade comum", fruto social que Montaigne espera colher já no próximo verão.

Ambas as tópicas, porém, são apresentadas sob reservas. A espetacular batalha de Dieppe, assinalada no texto, não foi uma conquista apenas do rei, mas também de seus comandados e aliados (como Matignon): e Montaigne não deixa de assinalar que a vitória militar, apenas "pelas armas e pelas força", não é suficiente para a conquista da concórdia, uma vez que o tratamento aos "súditos amotinados em plena vitória" não esteve à altura da "proteção paterna e verdadeiramente real" que o rei deveria dispor aos vencidos. Assim, clemência e magnificência são as armas ("*leurres* [iscas]", terminologia não da pesca, mas da falconaria[4]) para atrair os homens "para o partido justo e legítimo".[5]

Outra metáfora importante, e talvez também sujeita a interpretações irônicas, é a das inclinações dos "*peuples*", que se "movem como ondas". Lida na chave do maquiavelismo, o "povo" é uma matéria a ser moldada pelo príncipe e, se se move "a favor" dele, segue adiante, "por seu próprio movimento" até o fim. No entanto, a mesma ideia se presta também, mais veladamente, a indicar o caráter provisório e instável das massas no contexto das vitórias entre os partidos em luta, pois, toda a sequência do argumento da carta demonstra que esse movimento favorável precisa ser alimentado pelo trabalho da concórdia e da clemência – sob pena de tumultos e motins.

O final da carta aponta para o futuro, para Paris, a capital dos franceses reunidos, mas que só será definitivamente conquistada a partir da conversão de Henri IV ao catolicismo. Apesar da frase otimista com que fecha o texto, Montaigne não verá esse momento, pois morrerá em 13 de setembro de 1592.

{Secrétaire}

Au Roy

m^r de Montagne
XVIII^e Janvier 1590
[fol. 77r]

{Montaigne}

Sire
c'est estre audeſſus du pois et de la foule de uos
grans & importans affaires que de uous ſçauoir
prester & deſmettre aus petits a leur tour
ſuiuant le deuoir de uostre authoritè royalle
qui uous expoſe a toute heure a toute ſorte et
degrè d'homes & d'occupations toutesſfois ce que
uostre maiesté a deigné conſiderer mes lettres et y
comander reſponce i'eime mieus le deuoir a la
benignitè qu'a la uigur de ſon ame. I'ay de tout
temps regardé en uosus cette meſme fortune ou uous
estes et uous peut ſouuenir que lors meſme qu'il
m'en faloit confeſſer a mon cure ie ne laiſſois de
uoir aucunemant de bon euil uos ſuccez a preſant
aueq plus de raiſon et de libertè ie les embrasse
de pleine affection Ils uous ſeruent la par effaict
mais ils ne uous ſeruent pas moins icy par reputation

{Secretário}

Ao Rei,

Monsieur de Montaigne,
18 de janeiro de 1590

{Montaigne}

Sire,
É estar acima da gravidade e da multidão de vossos
grandes e importantes afazeres saber como vos
emprestar e abaixar aos pequenos na vez deles,
seguindo o dever de vossa autoridade real
que vos expõe o tempo todo a toda espécie e
escala de homens e ocupações. Todavia, que
Vossa Majestade tenha se dignado a considerar minhas cartas e
ordenar uma resposta a elas, prefiro devê-lo à
benignidade que ao vigor de sua alma.[7] Sempre
observei em vós esta mesma fortuna[8] em que
estais e podeis vos lembrar que, mesmo quando
tinha que me confessar ao meu pároco, não deixava de
considerar de algum modo vossos sucessos com bons olhos.[9]
Agora, com mais razão e liberdade, abraço-os
com plena afeição. Eles lá vos servem por efeito,
mas não o servem menos aqui pela reputação:

le retentiſſemant porte autant que le coup Nous ne
ſaurions tirer de la iustice de uostre cauſe des
argumans ſi fors a meintenir ou reduire uos ſubietz
come nous feſons des nouuelles de la proſperitè de
uos entrepriſes et puis aſſurer uostre maieſte que
les changgemans[6] nouueaus qu'elle uoit pardeça a
ſon aduantage ſon heureuſe iſſue de Diepe y a bien
a point ſecondé le franc zelle & merueilleuſe
prudance de monſieur le mareſchal de Matignon

[fol. 77v]
duquel ie me fois accroire que uous ne receues pas
iournellemant tant de bons & ſeignalez ſeruices
ſans uous ſouuenir de mes aſſurances & eſperances
I'atans de ce prochein este non tant les fruits a me
nourrir come ceus de nostre commune tranquillitè et
qu'il paſſera ſur uos affaires aueq meſme tenur de bon
heur faiſant euanouir come les precedantes tant
de grandes promesses de quoi uos aduerſeres nourriſsent
la uolanté de leurs homes. Les inclinations des peuples
ſe manient a ondees ſi la pente est une fois prinſe a
uostre faueur elle ſ'emportera de ſon propre branle
iusques au bout I'eusse bien deſire que le guein
particulier des ſoldats de uostre armee et le beſouin
de les contanter ne uous eut deſrobe nomeemant
en cette uille principale la belle recomandation
d'auoir tretè uos ſubietz mutins etn pleine uictoire
aueq plus de ſolagemant que ne font leurs protecturs
& qu'a la differance d'un credit passagier et
uſurpé uous eussies montré qu'ils estoint uostres
par une protection paternelle et uraiemant royalle
A conduire tels affaires que ceus que uous aues

a repercussão importa tanto quanto o golpe.[10]
Não poderíamos derivar da justiça de vossa causa
argumentos tão fortes para manter ou reduzir seus súditos,
como fazemos das notícias da prosperidade de
vossas empresas, e posso assegurar a Vossa Majestade que
as novas mudanças que ela vê desde então,
têm sua vantagem, a sua feliz saída de Dieppe;[11]
aí apoiou bem o franco zelo e a maravilhosa
prudência do *monsieur le marechal* de Matignon,

de quem quero crer que não recebeis
diariamente tantos bons e notáveis serviços
sem vos lembrar de minha confiança e esperanças.
Espero deste próximo verão, não tanto os frutos que me
alimentem, quanto os da nossa tranquilidade comum, e
que ele passe por vossos negócios trazendo o mesmo sucesso,[12]
fazendo com que se desvaneçam, como as precedentes, tantas
grandes promessas com as quais vossos adversários alimentam
a vontade de seus homens. As inclinações do povo
se movem em ondas:[13] se o pendor for uma vez tomado a
vosso favor, será levado por seu próprio movimento[14]
até o fim. Eu bem teria desejado que o ganho
particular dos soldados de vosso exército e a necessidade
de os contentar não vos tivesse privado, notadamente
nesta cidade capital,[15] da bela recomendação
de ter tratado seus súditos amotinados em plena vitória
com mais alívio do que não fazem seus protetores,
e que, ao contrário de um crédito passageiro e
usurpado, vós tivésseis mostrado que eles eram vossos
por uma proteção paterna e verdadeiramente real.
Ao conduzir tais assuntos como os que tendes

en main il ſe faut ſeruir de uoies non communes
Si ~~es~~'est il tousiours ueu qu'ou les conquestes par leur
grandur et difficulté ne ſe pouuoint bonemant
parfaire par armes et par force elles ont esté
parfaictes par clemance & magnificence excellans
leurres a attirer les homes ſpecialemant uers le
iuste et legitime parti S'il y eſchoit rigur ~~et~~

[fol. 78r]
et chastiemant il doit estre remis apres la poſseſsion
de la maistriſe. Vn grand conquerur du temp pasſé
ſe uante d'auoir done autant d'occaſion a ſes enemis
ſubiuguez de l'eimer qu'a ſes amis Et icy nous
ſentons deſia quelqu'effaict de bon prognostique
de l'impression que reçoiuent uos uilles deſuoiees
par la comparaiſon de leur rude tretemant a
celluy des uilles qui ſont ſous uostre obeïssance.
Deſirant a uostre maiesté une felicité plus preſante
et moins haſardeuſe & qu'elle ſoit plus tost cherie
que creinte de ſes peuples et tenant ſon bien
necesſeremant atahé au leur ie me reiouis que
ce meſme auancemant qu'elle faict uers la uictoire
l'auance aussi uers des conditions de paix plus faciles
Sire uostre lettre du dernier de nouambre n'est
uenue a moi qu'asture et audela ∂u terme qu'il uous
plaiſoit me preſcrire de uostre ſeiour a Tours. Ie reçois
a grace ſinguliere qu'ell'aie deigné me faire ſentir
qu'elle pranderoit a gre de me uoir / perſone ſi inutille
mais ſiene plus par affection encore que par deuoir.
Ell'a treſlouablemant rangé ſes formes externes a la
hautur de ſa nouuelle fortune mais la debonairete
& facilité de ſes humeurs internes elle faict autant

em mãos, é preciso se servir de vias incomuns.[16]
Se sempre se viu que onde as conquistas, por seu
tamanho e dificuldade, não se podiam realizar
simplesmente pelas armas e pela força, elas foram
realizadas pela clemência e pela magnificência, excelentes
iscas[17] para atrair os homens, especialmente para o partido
justo e legítimo. Se é o caso de haver rigor

e punição, estes devem ser adiados para depois da posse
do domínio. Um grande conquistador do passado[18]
vangloria-se de ter dado a seus inimigos
subjugados tantas oportunidades de amá-lo quanto a seus amigos.[19]
E aqui já sentimos algum efeito de bom prognóstico
da impressão que recebem as vossas cidades rebeladas[20]
pela comparação de seu tratamento duro
com o das cidades que estão sob a vossa obediência.
Desejando a Vossa Majestade uma felicidade mais presente
e menos arriscada, e que seja mais acalentada
do que temida por seus povos, e mantendo seu bem
necessariamente ligado ao deles, eu me regozijo que
esse mesmo avanço que faz para a vitória
também a avance rumo a condições mais fáceis de paz.
Sire, sua carta do último dia de novembro não me
chegou senão agora, além do prazo em que seria de vosso
agrado me advertir de vossa estadia em Tours. Recebo
como uma graça singular que ela tenha se dignado a me fazer sentir
que se agradaria em me ver — eu, pessoa tão inútil,
mas sua, mais por afeição ainda do que por dever.
Ela muito louvavelmente ordenou suas formas externas à
altura de sua nova fortuna, mas a bondade
e facilidade de seus humores internos, ela age de modo

louablemant de ne les changer Il luy a pleu auoir reſpet non ſulemant a mon eage mais a mon deſir auſsi de m'apeler en lieu ou elle fut un peu en repos de ſes laborieuſes agitations Sera ce pas bientost a Paris Sire et y ara il moiens n'y ſante que ie n'estande pour m'y randre

De montaigne le 18 de Ianu.

Vo'tre treſhũble &
treſobeissat ſeruitur et
ſubiet mõtaigne

igualmente louvável ao não os mudar. Agradou-lhe
respeitar não só a minha idade, mas também o meu desejo
de me chamar a um lugar onde ela descansasse um pouco das suas
agitações laboriosas. E não será isso em breve em
Paris, *Sire*? E haverá meios ou saúde que eu
não empenhe para chegar lá? [21]

De Montaigne, 18 de janeiro

Vosso muito humilde e
muito obediente servidor
e súdito, Montaigne.

NOTAS

1 Legros (2010, p. 716).

2 Na carta, Montaigne escreve: "Um grande conquistador do passado vangloria-se de ter dado a seus inimigos subjugados tantas oportunidades de amá-lo quanto a seus amigos", atitude ética que é tópica usada anteriormente nos *Ensaios*: "[A] La voye qu'y tint Julius Caesar, je trouve que c'est la plus belle qu'on puisse prendre. Premierement il essaya, par clemence et douceur, à se faire aymer de ses ennemis mesmes, se contentant, aux conjurations qui luy estoient descouvertes, de déclarer simplement qu'il en estoit adverty: cela faict, il print une tres-noble resolution d'attendre, sans effroy et sans solicitude, ce qui luy en pourroit advenir, s'abandonnant et se remettant à la garde des dieux et de la fortune; car certainement c'est l'estat où il estoit quand il fut tué" (O caminho que Júlio César escolheu, acho que é o mais belo que se possa tomar. Primeiramente, ele tentou, pela clemência e brandura, fazer-se amado por seus próprios inimigos, limitando-se, nas conjurações que lhe eram reveladas, a declarar simplesmente que estava avisado; feito isso, tomou a nobre resolução de aguardar sem medo e sem preocupação o que lhe pudesse advir, entregando-se e confiando-se à guarda dos deuses e da fortuna; pois por certo era esse o estado em que estava quando foi morto) (*Ensaios* I, 2, VS 131 = CA I, 196).

3 "Sempre observei em vós essa mesma fortuna em que estais e vós ~~podeis~~ / deveis vos lembrar que, mesmo quando tinha que me confessar ao meu pároco, não deixava de considerar de alguma forma vossos sucessos com bons olhos". Uma vez que, em janeiro de 1590, Henri IV ainda era protestante, a confissão otimista ao pároco católico a respeito dos sucessos do rei protestante aponta, de maneira curiosa, a complexa função do novo rei na concórdia entre os dois partidos.

4 Legros (2010, p. 721).

5 Algumas passagens de Sêneca encontram eco na argumentação geral: "[XX, 2] [...] a sobriedade dos castigos corrige melhor os costumes nacionais [...] [XX, 3] O príncipe estabelece os bons costumes da nação e lhe dilui os males, se é paciente em relação a eles, não como se os aprovasse, mas como quem chega a castigar constrangido e com grande tormento. [...] [XXII, 1] Obedece-se melhor ao que comanda com mais tolerância" (Sêneca, 2013, p. 72-73).

6 No autógrafo original, Montaigne rasura a grafia do "**g**" (sem cauda), que utilizava como forma padrão até aqui, substituindo daí por diante pelo "g" (com cauda).

7 No original, "*uigur de son ame*". No francês médio, "*viguer*" também tem o sentido de "potência" e "força" do francês moderno. A sequência parece dizer que é apenas pela

benevolência da alma, contrastada com a sua condição superior à qual a mesma alma está conectada, que o rei se dignou a responder, por carta, a Montaigne: logo, não é porque Montaigne seria, ele mesmo, importante. Benevolência e vigor são atributos necessários ao rei.

8 No original, o termo "*fortune*" (significando aqui, mais literalmente, "disposição" ou "condição") aponta para o fato de que, em acordo com a fortuna, o caráter de Henri IV mostrou-se constante, respondendo às vicissitudes sempre de forma variadamente adequada, tal como Montaigne afirmando apesar do risco – e precisamente por isso – suas escolhas. Note-se como a rasura na frase parece mostrar uma hesitação entre "*vous*" e "*sous*": somos também nossa fortuna. Sobre o tema, consulte-se as referências indicadas na carta 1, nota 31.

9 O sacramento da confissão não era aceito por protestantes como Henri de Navarra, mas este se converterá ao catolicismo em 25 de julho de 1593 para finalmente ser coroado rei da França – o que acrescenta, talvez, uma dimensão ironicamente profética ao trecho.

10 Perspectiva maquiavélica sobre a importância política das aparências e do propagar de determinada crença favorável ao "príncipe", título cuja impessoalidade se determina principalmente por sua exterioridade performática – inclusive, e sobretudo, diante da opinião pública. Note-se a denúncia, logo abaixo, da contrapropaganda realizada pelos adversários que "alimentam a vontade de seus homens" com "grandes promessas".

11 Montaigne refere-se aqui à Batalha de Arques (15 a 29 de setembro de 1589), na Normandia, travada entre Henri IV, baseado em Dieppe, e Charles II de Lorraine, *duc* de Mayenne (irmão mais novo de Henri de Guise e comandante das tropas da Liga desde o assassinato de seus irmãos em dezembro de 1588), que tentava tomar o burgo de Arques (cerca de 7 km ao sul de Dieppe). A batalha, primeiro confronto bélico de Henri IV já rei da França, foi vencida por este, que contava com um efetivo de 8 mil soldados (apoiado por Elisabeth I da Inglaterra), contra 30 mil soldados da Liga (parte deles financiados por Felipe II da Espanha). Cf. Miquel (1986, p. 366 e seq.).

12 No original, "*avec même teneur de bonheur*", literalmente, "com o mesmo movimento contínuo de felicidade".

13 Novamente, uma metáfora maquiaveliana: o povo como matéria a ser moldada segundo as circunstâncias (cf. as notas introdutórias a essa carta).

14 No original, "*branle*" é um termo cuja escolha está longe de ser casual: basta um olhar aos dicionários do francês médio para notar que este não significa "movimento" de forma neutra ou geral, mas se refere a uma gama de movimentos determinada cuja característica central consiste em serem movimentos oscilatórios, amiúde ritmados, e que, portanto, se regem por certa regularidade. É um termo que Montaigne empregou em textos decisivos sobre o movimento universal ou da alma e também sobre o encontro desses movimentos:

é suficiente citar o célebre "*Tout ne branle-il pas vostre branle?*" (*Ensaios* I, 20, 95). No caso desta carta, trata-se de indicar o movimento natural da onda do favor popular. Mas, nessa mesma carta, esse mesmo termo pode se referir também à isca (nota 16, abaixo) com que se atrai o povo para o "*juste et legitime parti*", e assim se o molda.

15 Paris: ao contrário de Bordeaux, a cidade havia se revoltado em favor da Liga, partido ultracatólico chefiado pela família Guise. Montaigne reprova a crueldade, como sempre fez (*Ensaios* II, 11 e 27, por exemplo), e mais uma vez se posiciona em defesa dos mais fracos ante o poder.

16 Tema fundamental dos *Ensaios*, como do *Príncipe* de Maquiavel, a capacidade de agir de forma inovadora, principalmente quando exigida por novas circunstâncias, constitui uma habilidade política decisiva.

17 Legros lembra (2010, p. 721) que "*leurre*" designa "*cette lanière de cuir rouge qu'on agite en l'air pour faire revenir le faucon sur le poing*". Ora, este agitar da isca na falconaria é designado precisamente pelo termo "*branle*" empregado acima (cf. *Dictionnaire du Moyen Français*. Disponível em: http://zeus.atilf.fr/dmf/. Acesso em 22 ago. 2023.)

18 Júlio César.

19 A mesma imagem é utilizada no ensaio "Diversas ocorrências da mesma atitude" (*Ensaios* I, 24).

20 No original, "*dévoyées*", isto é, "desviadas" ou "mal orientadas".

21 Montaigne alude ao triunfo próximo de Henri IV, em Paris, onde o espera encontrar. Porém, o ensaísta não assistirá à entrada do rei na capital, que só ocorrerá em 1594. Note-se por toda a carta a habilidade retórica em aliar política e filosofia moral para sugerir os modos de agir mais eficazes de garantir o domínio real: ele encarna assim o conselheiro e negociador (cf. *Ensaios* III, 1, 791-792) que a crítica contemporânea percebe como objetivo central de sua carreira, e espera por esses serviços ser chamado a um lugar para repousar ("um pouco") de seus trabalhos, isto é, na capital (da qual ele assume a defesa nessa carta), ao lado do rei (aliás, onde sempre esteve, como afirma aqui). Essa carta já foi citada também como exemplo de *decentia*, traço constitutivo do *sermo*, ou estilo de conversação característico da retórica epistolográfica (La Charité, 2018, p. 226).

Carta 63 (10 de março [ou maio] de 1590)

Bilhete de Montaigne em anexo a um título ao portador (anônimo)

Fontes

Original vendido em um leilão em Paris em janeiro de 1854 e hoje perdido (possivelmente parte de alguma coleção privada). Um decalque (aproximado) do original feito pelo leiloeiro Auguste Laverdet, recolhido por Jean-François Payen e conservado em Paris, BNF (Richelieu), cota: mss Atlas NAF 1466, nº 170.

Fac-símile

https://montaigne.univ-tours.fr/billet-titre-au-porteur-1590/

http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b53103958k/f145.image

Edições

MONTAIGNE, Michel de. *Œuvres complètes*. Albert Thibaudet; Maurice Rat (ed.). Paris: Gallimard, 1962, p. 1399. [Bibliothèque de la Pléiade]

LEGROS. Alain. *Montaigne manuscrit*. Paris: Classiques Garnier, 2010, Dedicaces de Montaigne auteur, nº 2, p. 721-723.

Contexto

É difícil determinar, pela cópia que sobrou, um decalque feito pelo leiloeiro que vendeu o material em 1854, a natureza exata do documento (e sua autenticidade). Trata-se possivelmente de uma ordem de pagamento, de salário, ou mesmo algum tipo de pecúlio, concedida ao portador (e, ao que parece, para prever ou corrigir algum erro). Com a expressão "*longos anos de bons e leais serviços*", é possível que se refira a alguém da casa de Montaigne, talvez em final de carreira, e "*Monsieur* d'Estienne" seria então o intermediário ou o responsável pela gestão do pagamento.

Monsieur ie vous fai cet eſcrip veu
laage aultrem[t] que beſoing le comande
vous asseurant ie scay recognoistre honestes
de vostre dire mieulx que ie uous le fest
preſentemãt. Or en lestat instans de
uoste eſpargne i'ai prins attention de
ne faillir a lencontre de ce quaues
montres de ſoing & d'attache que ie
ſcais uous debuoir de longues annees
pour bons & loyaux ſervices meſme
ie uous le ueus ſi bien prouuer que Voicy
le tiltre ∂ont Monſieur Estienne
pouruoiera a lacquittement Toutefois que
ſe preſenteres a luy. Voila ce que ie
ſupplie m'estre accorde cõme tesmoignage
de vostre bonne amitiè & choſe fort de
mon goust dont Ie tiens le caut pour
recours ſur ce ie prie Dieu uous
donner longue et heureuſe vie X de ma [mars? mai?]
1590
mõtaigne

Monsieur, vos escrevo isto tendo em conta
a sua idade, sem que o comande a necessidade,
assegurando-vos que sei reconhecer a cortesia[1]
de vosso dizer melhor do que o faço
atualmente. Ora, nessa situação ameaçadora para
vossas poupanças, tomei atenção de fato em
não falhar ao encontro do que tendes
mostrado de cuidado e afeto que
sei vos dever desde longos anos
por bons e leais serviços. E mesmo,
eu vos quero tal tão bem provar, que aqui está
o título ao qual *Monsieur* Estienne[2]
proverá quitação. Mas apenas
se o apresentares a ele. É isso que
rogo me ser concedido como testemunho
de vossa boa amizade e algo muito de
meu agrado, e do qual tenho o custo[3] como
investimento. Sobre isso, rezo a Deus de vos
dar vida longa e feliz. Em 10 de ma…
de 1590.
Montaigne.

NOTAS

1 *Honestes* no original refere-se em geral a coisas ou atos imbuídos da conveniência, dignidade ou decoro que constituem a identidade ideológica de classe da nobreza, ou das elites governantes, desde há muito.

2 Não foi identificado até o momento: talvez um contador ou alguma espécie de administrador. Legros (2013, carta 31) ressalta que, se fosse um notário, o tratamento dado seria o de "*mâitre*" e não de "*Monsieur*".

3 Legros (2010, p. 723): "La formule juridique finale pose problème ("*caut*" est un adjectif). Peut-être doit-on comprendre que l'auteur du billet s'estime quitte vis-à-vis du destinataire et que les mots n'ont pas été bien retraces".

Carta 64 (2 de setembro de 1590)

A Henri IV (a Henri de Navarra) [2]

Fontes

Paris, BnF (Richelieu), Fonds Dupuy 61, fol. 155r (texto), fol. 156v (endereço).

O material foi descoberto em 1846 por Antonin Macé no espólio Dupuy. À época, Macé fora encarregado por Narcise de Salvandy, ministro da Instrução Pública do rei Louis-Philippe I, a recolher material para uma antologia de cartas inéditas de personagens franceses célebres dos séculos XVI-XVII.

Fac-símile

https://montaigne.univ-tours.fr/lettre-henri-iv-2-septembre-1590

https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b103164206/f319.image

Editio princeps

MACÉ, Antonin. Lettre inédite de Montaigne. In: *Journal général de l'instruction publique*. v. 15 nº 89 (4 nov. 1846), p. 763-764.

Edições

PAYEN, Jean-François. Lettre inédite de Montaigne. In: *Bulletin du bibliophile*, VII[e] série (1845-1846), p. 1003-1009.

JUBINAL, Achille. *Une lettre inédite de Montaigne, accompagné de quelques recherches à son sujet*. Paris: Didron, 1850, p. 21.

FEUILLET DE CONCHES, Félix-Sébastien. *Lettres inédites de Michel de Montaigne et de quelques autres personnages du XVIe siècle*. Paris: Plon, 1863, p. 303-304.

THIBAUDET & RAT. *Œuvres complètes de Montaigne*. Paris: Gallimard, 1962. [Bibliothèque de la Pléiade], p. 1378-1397-1398.

LEGROS. Alain. *Montaigne manuscrit*. Paris: Classiques Garnier, 2010, Lettres et missives de Monsieur de Montaigne, nº 26, p. 723-725.

Contexto

Embora escrita ao rei Henri IV, a carta não é autógrafa mas alógrafa – o que é bastante singular. Cartas desse tipo não eram escritas pelas mãos de secretários, sobretudo, como é o caso, se se tratar de uma confissão de obediência incondicional ao rei. Por conta disso, o fato de ser alógrafia talvez tenha a ver com a febre terçã que é relatada logo no início do texto, que impediria Montaigne de escrever (Legros, 2010, p. 723).

Trata-se de uma resposta à carta de Henri IV do dia 20 de julho (carta perdida), da qual podemos deduzir o contexto pelas afirmações de Montaigne, que se dirige a Henri de Navarra abertamente na condição de seu súdito e, tal como fez com os "predecessores" do rei, jamais colocará preço pelos seus serviços: "sou tão rico quando desejo", frase retórica, mas que indica, talvez, certo grau de orgulho pela sua independência financeira e de compreensão do lugar ocupado na lógica política de sua época. O texto mostra que Montaigne permanecia em conexão com Matignon.

Tal como na carta anterior, a última frase aponta novamente para Paris – essa insistência talvez reforce a ideia de que Montaigne pretendesse, aparentemente, e apesar de sua saúde, manter algum tipo de relação política direta com o novo reinado.

{Secrétaire}

Au Roy

Monsr de mõtaigne second ſepbre 1590

{Secrétaire}

Sire

celle quil a pleu a vostre majeste mescrire du vintiesme de juillet ne ma este rendue que ce matin et ma trouue engage en vne fiebure tierce tresviolente populaire en ce pais deſpuis le mois paſſe Sire je prens a tresgrand honneur de receuoir vos commandemens et nay poinct failly deſcrire a monſieur le mareſchal de matignon trois fois bien expressement la deliberation et obligation enquoy jeſtois pour laler trouuer et juſques a luy merquer la route que je prendrois pour laler joindre en ſeurete ſil le trouuoit bon A quoy nayant heu aucune reſponce jeſtime quil a conſidere pour moy la longueur et hazard des chemins Sire voſtre majeſte me fera ſil luy plaiſt ceſte grace de croyre que je ne plaindray jamais ma bource aus occasions auſquelles je ne voudrois eſpargner ma vie Je nay jamais receu bien quelconque de la liberalite des Rois non plus que demandé ny merité et nay receu nul payement des pas que ~~jy ay~~ 'ay employes a leur seruice deſquels voſtre majeste, ~~en~~ a heu en partie cognoissance ce que jay faict pour ses predesseseurs je

TRADUÇÃO DA CARTA 64

{Secretário}

Ao Rei,

Monseigneur de Montaigne, 2 de setembro de 1590

{Secretário}

Sire[1],

Esta carta que Vossa Majestade fizestes o favor de me escrever, em 20 de julho, não me foi entregue senão esta manhã e me encontrou padecendo de uma febre terçã muito violenta, muito disseminada nesta região desde o mês passado. *Sire*, considero uma enorme honra receber seus comandos e não deixei de escrever ao senhor *maréchal* de Matignon três vezes bem expressamente a deliberação e a obrigação na qual estava para ir encontrá-lo, e até marcar a rota que eu tomaria para juntar-me a ele com toda segurança, se ele achasse apropriado. Para o qual não tendo resposta, estimo que ele considerou por mim a extensão e o risco dos caminhos. *Sire*, Vossa Majestade me fará, por favor, esta graça de acreditar que não lamentarei jamais minha bolsa em ocasiões as quais não gostaria de poupar minha vida.[2]
Nunca recebi nenhum bem da liberalidade dos reis, não mais do que não pedi nem mereci, e não recebi nenhum pagamento das ações que empreguei em seu serviço, dos quais Vossa Majestade teve em parte conhecimento. O que fiz por seus predecessores,

le feray encores beaucoup plus volontiers pour elle. Je suis Sire auſſy riche que je me souhaite Quand jauray eſpuise ma bource aupres de vostre majeſte, A Paris je prendray la hardiesse de le luy dire et lors ſy elle meſtime digne de me tenir plus long temps a sa suitte elle en aura meilleur marche que du moindre de ses officiers

Sire
Je suplie dieu pour voſtre prosperite et sante

{Secrétaire}

De montaigne ce second
de septembre

{Montaigne}

Vo'tre treſhũble &
treſobeïssat ſeruitur
et ſubiet mõtaigne

farei com muito mais boa vontade por ela.[3] Eu sou, *Sire*,
tão rico quanto desejo. Quando eu tiver esgotado minha bolsa
junto a Vossa Majestade em Paris, tomarei a ousadia de lhe
dizer então que, se ela me considerar digno de me ter mais longamente
em seu séquito, ela lhe será mais barata do que o menor
de seus oficiais.[4]

Sire,
suplico a Deus por vossa prosperidade e saúde.

{Secretário}

De Montaigne, em 2
de setembro.

{Montaigne}

Vosso muito humilde e
muito obediente servidor
e súdito, Montaigne.

NOTAS

1 Mesmo escrevendo ao rei, Montaigne, provavelmente forçado pela doença, recorre a um secretário para a redação desta carta.

2 Ao que parece, o rei teria oferecido algum pagamento a Montaigne, talvez por este falhar em responder às suas demandas para ir encontrar Matignon. Mas o que importa é a atitude de recusa nobremente orgulhosa do missivista, pela qual um pagamento na verdade mais elevado é exigido do soberano.

3 "Por ela", quer dizer, "pelo serviço de Vossa Majestade".

4 *Ethos* nobre, como diz Legros. Em resumo, diz Montaigne: minha liberdade não está à venda, pois não tem preço; eu a ofereto por afeição, não a vós – servi de forma igualmente devotada a outros reis – mas à França, ou antes, ao meu dever.

APÊNDICE I

Cidadania romana

A carta 15 da nossa edição ("Aos conservadores de Roma") faz parte do processo de requisição da cidadania romana que foi formalizado durante a visita de Montaigne à Itália, no início de 1581. Do material que sobreviveu a respeito desse processo, incluindo-se a própria Bula (recentemente redescoberta e conservada no Archivio Storico Capitolino, de Roma), temos o seguinte material:

- **A Bula Capitolina** (o documento de outorga propriamente dito, instituído pelo Senado romano);
- Um trecho do ensaio "**Da vaidade"** (*Ensaios* III, 9), onde se encontra uma transcrição da Bula;
- A **cópia Leydet** da Bula (em 1771);
- As menções à Bula e ao processo feitas em março de 1581 no **Journal de voyage** (quando Montaigne estava em Roma, com sua comitiva);
- Cópia manuscrita Leydet do *Journal* (1771);
- A *editio princeps* do *Journal*, por Querlon (1774);
- Um **atestado emitido pelo Capitólio romano em 1689** que confirma os dados da Bula, trazendo algumas informações que não constam na transcrição de Montaigne;
- A **tradução autenticada** do Atestado de 1689, datada de **1692**;
- E uma breve referência à cidadania romana do "Sócrates da França" em outra Bula, dessa vez papal, promulgada por Gregório XIII.[1]

Nesta edição, traduzimos apenas:

1. O trecho do ensaio D*a vaidade* com a transcrição integral da Bula Capitolina;
2. A transcrição de Leydet da Bula Capitolina;
3. Os trechos no *Journal de voyage* relativos à cidadania (nas versões Leydet e Querlon);
4. E a tradução autenticada de 1692.

A concessão da cidadania romana a estrangeiros é uma questão política muito antiga, que deita raízes no *modus operandi* da expansão territorial da Roma republicana e imperial – e que, sob circunstâncias diferentes, atravessou os séculos seguintes, até a Roma papal medieval e renascentista. Na Antiguidade Tardia, após a reforma de Caracala, que concedeu cidadania romana a todos os habitantes do Império, o termo latino *cives* tornou-se genérico: circunscrevia o lugar político e social de qualquer cidadão livre de qualquer espaço urbano sob o domínio romano. No entanto, no caso dos *cives romani* propriamente ditos, subentendiam-se nessa titulação as especificidades e os privilégios suplementares inerentes aos habitantes de Roma: *romanae spatium est urbis et orbis idem*, como dirá Ovídio.[2] No século XVI, a nomenclatura usada era a mesma dos tempos antigos e medievais, e a cidadania romana concedida sob diversas modalidades.

Até meados dos anos 1520, outorgavam-se anualmente alguns poucos pedidos. No entanto, a partir de 1527, por conta do saque das tropas de mercenários a serviço de Carlos V e o consequente esvaziamento da *urbs*, Roma ampliou seu modelo de concessão para uma média de vinte e cinco títulos por ano – incluindo as de caráter puramente honorário, a cidadãos não diretamente relacionados com a vida quotidiana da cidade.[3] Foi nesse contexto que se deu a outorga da cidadania a Montaigne.

No período considerado aqui, a cidadania era concedida pelos Conservadores (o conselho administrativo laico da cidade) e baseava-se em três categorias principais: os *incolae* (aqueles que habitavam a cidade), os *cives ex origine* (os cidadãos

não nativos, mas que tinham família de origem romana) e os *cives ex privilegio* (estrangeiros de cidadania concedida). Estes obtinham o privilégio de cidadania dos Conservadores a partir de uma proposição encaminhada previamente por quatro deputados municipais e sob acordo prévio do Conselho Secreto da cidade. As condições básicas exigidas eram as de possuir bens e de residir um terço do ano em Roma.[4]

Uma outra possibilidade era a concessão *honoris gratia* dada pelos Conservadores, a partir de um pedido formal (*supplica*), sob a justificativa de excepcionalidade social do postulante ou de sua contribuição à história ou à cultura de Roma. É neste modelo de pedido que se encaixava a *supplica* de Montaigne, sobretudo porque ele não poderia respeitar a cláusula de residência parcial na cidade.[5] Um caso conhecido deste último tipo foi o do pintor e impressor holandês Hubert Goltzius (1526-1583). Por conta do sucesso da publicação da sua história dos imperadores romanos (os *Fastos*, publicado por ele em 1566, obra baseada na numismática), Goltzius foi agraciado com a cidadania romana em 1567. Nove anos mais tarde, ele publicou, em uma de suas obras (*Graecia sive historiae urbium et populorum graeciae*, 1576), a bula que lhe outorgou a cidadania romana.[6] É possível que o modo como a adquiriu (a partir de uma façanha intelectual) tenha influenciado Montaigne a montar seu próprio dossiê, oferecendo os *Ensaios* como moeda de troca junto aos Conservadores.[7]

Desde 8 de fevereiro de 1574, o processo de cidadania romana sofreu algumas modificações e só poderia ser finalizado em uma cerimônia com a presença física do requerente diante dos representantes do Senado.[8] Nem os *Ensaios* nem o *Journal de voyage* fazem qualquer menção a essa cerimônia, mas, em 1581, Montaigne estava pessoalmente em Roma.[9] No *Journal* afirma-se que a indicação não teve influência ou conhecimento do mundo político-diplomático francês; por outro lado, o processo teria tido a intercessão direta de Alessandro Masotti, amigo pessoal de Montaigne e mordomo do papa Gregório XIII.

Para alguns, Roma, embora seja uma cidade cosmopolita, não é uma cidade integrada, como a Paris da Belle Époque, e sim compósita (*unitas multiplex*), como Nova York. A convivência existe, mas qualquer estrangeiro permanece estrangeiro porque se encaixa em um feudo, falando sua língua e organizando sua rede

social particular.[10] Para outros, seguindo o que aparentemente era o parecer do próprio Montaigne, é o contrário, uma cidade que é pública, universal, e aparece por inteira, mesmo ao estrangeiro mais insignificante.[11]

Dois aspectos importantes em todo esse processo. Por um lado, a transformação dos *Ensaios* como *commodity*: a primeira edição, de 1580, valendo como moeda de troca para o pedido de outorga (concedido em 1581). De outro, a absorção, dentro da economia citacional (a latina, sobretudo) dos *Ensaios*, logo, como parte da voz narrativa do exercício ensaístico, da concessão dessa *bourgeoisie* romana: neste último caso, operada na segunda edição, em 1588, com a publicação da Bula em um capítulo chamado ironicamente de "Da vaidade".

NOTAS

1 "Dans un manuscrit du Vatican, nº 9693, il est fait mention de ce droit de cité accordé à Montaigne, 'Socrate della Francia'. Notre philosophe dut se présenter ensuite au conseil communal pour 'rendre grâces en public au Peuple Romain". (Montaigne. *Journal de voyage*. D'Ancona, ed., 1909, p. 268).

2 Nos *Fastos*, Ovídio expressa a ideia de Roma como império universal, permitindo a sinergia entre os vocábulos *urbis* e *orbis*: *Gentibus est aliis tellus data limite certo*: | *Romanae spatium est Orbis et Urbis idem*. [Aos povos, foi dado um território específico: | no espaço de Roma, o mundo e a cidade são a mesma coisa]. Para o contexto antigo, ver: Sherwin-White, A. N. *The roman citizenship*. Oxford: Claredon Press, 1980.

3 As tropas cercaram e pilharam a cidade em 6 de maio de 1527. Estima-se que a população encolheu de 55 mil para 10 mil habitantes (as cifras oscilam entre 6 mil e 12 mil mortos). Cf. Hook, Judith. *The sack of Rome*: 1527. New York: Palgrave Macmillan, 2004.

4 Para o contexto, ver: Armogathe, Jean-Robert. Montaigne, Ciuis romanus, documents inédits de l'Archivio storico capitolino. In: *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*. v. 158, nº 1 (2014), p. 61-66.

5 A candidatura de Montaigne à cidadania romana é a única de origem francesa entre 1577 e 1585. Cf. Desan, Philippe. *Montaigne. Une biographie politique*, p. 374.

6 Trata-se de uma obra em quatro volumes e a Bula aparece logo após o prefácio (fol. C4^{v}) do primeiro volume, *Sicilia et Magna Graecia* – as reedições póstumas não trazem o texto da Bula, mas ela foi republicada em outra obra de Goltzius (*Thesaurus rei antiquariae huberrimus*, 1579), dessa vez no final da obra (fol. b3^{r}). Golztius fez figurar, no frontispício de *Graecia sive historiae*..., o paratexto: "*Huberto Goltzio Herbipolita Venloniano ciui romano auctore et sculptore*".

7 Cf. Desan, Philippe. *Montaigne, a life*, p. 382.

8 "ad effectum obedientiae et gratiae referendae" (Gregorovius, Ferdinando. *Alcuni cenni storici sulla cittadinanza romana*. Roma: Coi Tipi del Saviucci, 1877, p. 35).

9 Note-se, porém, que o trecho do *Journal* em que se fala de Masotti e do pedido de cidadania não está em registro direto (nem no dia 13 de março nem no dia 5 de abril), mas em uma espécie de recapitulativo da estadia romana, um pouco antes de deixar a cidade.

10 Cf. FOSI, Irene. Roma patria comune? Foreigners in early modern Rome. In: Burke, Jill & Bury, Michael (ed.). *Art and indentity in Early Modern Rome*. Aldershot: Ashgate, 2008, p. 28-43.

11 "*Pendant ce temps, dans le Journal, Montaigne fait à nouveau allusion aux libertés accordées aux étrangers de Rome et les compare avec celles de Venise. Son ton a changé de manière assez remarquable. Il affirme que, en dépit de tout l''art' et des 'soins' qu'il a pu déployer, il n'a connu Rome qu'à travers le visage public qu'elle présente au plus 'chétif étranger'. Et c'est précisément ce qui a changé son regard sur Rome, dans un sens positif. La ville est la plus universelle dans ce sens qu'elle est commune à tout le monde, c'est un endroit où le mérite a par définition plus d'importance que les origines. L'étrangeté et les différences de nationalités ne sont pas prises en compte car la ville est un patchwork d'étrangers; tout le monde se sent chez soi, comme Montaigne en a lui-même fait l'expérience. En même temps, la juridiction du prince de la ville, le pape, s'impose aux étrangers chez eux tout comme à Rome*" (Boutcher, 2016, p. 298).

Ensaios III, 9

"Da vaidade"

Fonte

ESSAIS || DE || MICHEL SEIGNEVR || DE MONTAIGNE. || Cinquiesme edition, augmen= || tée d'un troisiesme li= || ure: et de six cens || additions aux || deux premiers. || A PARIS, || Chez ABEL L'ANGELIER || au premier pillier de la grand || Salle du Palais. || Auec Priuilege du Roy. || 1588 ||

Exemplar

Exemplar de Bordeaux (Bordeaux, Bibliothèque Mériadeck, cota: Réserve S 1238 C)

A Bula Capitolina original encontra-se no Archivio Storico Capitolino, cred. VI, v. 115, f. 189r-189v. Registro di Privilegi di Cittadini Romani Creati.

O texto original e oficial (em latim) dessa "*autêntica bula*" que outorgou a cidadania romana a Montaigne, dado como perdido, foi redescoberto apenas em 2009. Segundo o ensaio "Da vaidade", publicado a partir da edição de L'Angelier, de 1588, Montaigne tinha em mãos não o original, mas uma cópia exata desse decreto, em latim, "*pomposa em selos e letras douradas*" – mas esta se perdeu. O *Journal de voyage* (ver abaixo), por sua vez, informa que essa cópia teria chegado às mãos de Montaigne no dia 5 de abril de 1581, algumas semanas depois de sua promulgação (datada de "M.D.LXXXI.III. Idus Martij", isto é, 13 de março de

1581). A cópia de Montaigne foi publicada no corpo do "Da vaidade". A pedido de um descendente de Montaigne, uma cópia francesa da atestação de cidadania (emitida pelo Capitólio em que foi feita no final do século XVII (ver seção 3).

Pierre Villey (*Les sources et l'évolution*…), com boas razões, data o início da composição do "Da vaidade" (*Ensaios*, III, 9) em 1586. Como todo o material do Livro III, o texto da bula foi publicado apenas em L'Angelier 1588. É provavelmente uma transcrição da cópia pessoal, "*pompeuse en seaux et lettres dorées*", que Montaigne teria recebido do documento, chegado às suas mãos, segundo o *Journal de voyage*, em 5 de abril de 1581 – é provável que, por falta de referência a ele nesta parte dos *Ensaios*, Montaigne não tenha tido acesso direto ao original – hoje conservado no Archivio Storico Capitolino, de Roma.

O Exemplar de Bordeaux acrescenta apenas duas pequenas correções (eliminação de duas vírgulas, o que não chega a alterar o sentido das frases) ao texto latino transcrito da bula e publicado em 1588. O texto não foi substancialmente alterado (a não ser por conta de pequenos detalhes de abreviação e pontuação, flutuações comuns entre os impressores da época) em qualquer outra edição subsequente dos *Ensaios*. Donde se conclui que, uma vez transcrita, a bula que aparece no "Da vaidade" em 1588 foi considerada pela posteridade editorial dos *Ensaios* (logo, pelos contemporâneos de Montaigne e pela posteridade dos seus leitores), até a redescoberta dos documentos originais do Archivio Storico Capitolino, a palavra final do seu processo de requisição da cidadania romana.[1]

[p. 441v, f. XXXXx i]
[…]

Parmy ſes faueurs vaines, ie n'en ay poinct qui plaiſe tant à cette niaiſe humeur, qui ſ'en paiſt chez moy, qu'vne bulle authentique de bourgeoiſie Romaine, qui me fut octroyée dernierement que i'y eſtois: pompeuse en seaux et lettres dorées; & octroyee auec toute gratieuſe liberalité. Et, par ce qu'elles ſe donnent en diuers ſtile plus ou moins fauorable; & qu'auant que i'en euſſe veu, i'eusse esté bien aiſe, qu'on m'en euſt montré vn formulaire, ie veux, pour ſatisfaire à quelqu'vn, ſ'il ſ'en trouue malade de pareille curiosité à la mienne, la tranſcrire icy en ſa forme:

[p. 442r, f. XXXXx ij]
Quod Horatius Maximus Martius Cecius Alexander Mutus almae urbis conservatores de Jll^mo viro Michaele Montano equite ſancti Michaelis, & à Cubiculo Regis Chriſtianiſſimi Romana Ciuitate donando ad Senatum retulerunt. S.P.Q.R. de ea re ita fieri cenſuit.

CVM veteri more & inſtituto cupide illi ſemper ſtudioséque ſuſcepti ſint qui virtute ac nobilitate praeſtantes, magno Reip. noſtrae vſui atque ornamento fuiſſent vel eſſe aliquando poſſent. Nos maiorum noſtrorum exemplo atque auctoritate permoti, praeclaram hanc Conſuetudinem nobis imitandam ac ſeruandam fore cenſemus. Quamobrem cum Ill^mus Michael Montanus Eques ſancti Michaelis & à Cubiculo Regis Chriſtianiſſimi Romani nominis ſtudioſiſſimus & familiae laude atque ſplendore & propriis virtutum meritis digniſſimus ſit qui ſummo Senatus Populíque Romani Iudicio ac ſtudio in

[...]

Entre seus favores vãos,[2] não tenho um que agrade tanto a este humor idiota que se alimenta em mim quanto uma bula autêntica de burguesia[3] romana, que me foi outorgada recentemente quando lá estive, pomposa em selos e letras douradas, outorgada com toda graciosa liberalidade.[4] E porque elas[5] se dão em estilo diverso, mais ou menos favorável,[6] e antes que a tivesse visto teria ficado contente que me tivessem mostrado dela um formulário, quero, para satisfazer alguém, caso se encontre doente de curiosidade semelhante à minha, transcrevê-la aqui em sua forma:[7]

{Trecho em latim no original}

Dado o que Orazio Massimi, Marzo Cecio, Alessandro Mutti, conservadores da Alma Urbs,[8] reportaram ao Senado sobre a cidadania romana [a ser] concedida ao ilustríssimo varão Michel de Montaigne, cavaleiro de São Miguel e da Câmara do Cristianíssimo Rei. O Senado e o povo romano[9] decidiram.

Diante do velho costume e prática de que sejam sempre recebidos com avidez e seriedade entre nós aqueles que, eminentes em valor e nobreza, prestaram grande serviço e honra a nossa república, ou poderiam fazê-lo um dia, nós, movidos pelo exemplo e autoridade de nossos ancestrais, consideramos que esse excelente costume deve ser imitado e observado. Portanto, que o Ilustríssimo Michel de Montaigne, Cavaleiro de São Miguel e da Câmara do Cristianíssimo Rei, diligentíssimo ao nome romano, dado o louvor e o esplendor de sua família,[10] bem como pelos méritos de suas próprias virtudes, é digníssimo de ser, pelo supremo

Romanam Ciuitatem adſciſcatur placere Senatui P.Q.R. Ill^mum Michaelem Mōtanum rebus omnibus ornatiſſimum atque huic inclyto populo chariſſimum ipſum poſteróſque in Romanam Ciuitatem adſcribi ornaríque omnibus & praemiis & honoribus quibus illi fruuntur qui Ciues Patritiique Romani nati aut iure optimo facti ſunt. In quo cenſere Senatum P.Q.R. ſe non tam illi Ius Ciuitatis largiri quam debitum tribuere neque magis beneficium dare quam ab ipſo accipere qui hoc Ciuitatis munere accipiendo ſingulari Ciuitatem ipſam ornamēto atque honore affecerit. Quam quidem S. C. auctoritatem iidem Conſeruatores per Senatus P.Q.R. ſcribas in acta referri atque in Capitolij curia ſeruari priuilegiúmque huiuſmodi fieri ſolitóque vrbis ſigillo communiri curarunt. Anno ab vrbe condita CXↃ CCCXXXI poſt Christum natum M.D.LXXXI.III. Idus Martij.

Horatius fuſcus ſacri S.P.Q.R. ſcriba
Vincē Martholus ſacri S.P.Q.R. ſcriba.

[p. 443v, f. XXXXx iij]

N'eſtant bourgeois d'aucune ville, ie suis bien aiſe de l'eſtre de la plus noble qui fut et qui ſera onques. [...]

julgamento e diligência do Senado e do Povo de Roma, admitido à cidadania romana, o Senado e o Povo de Roma decidiram que o ilustre Michel de Montaigne, adornado com todas as qualidades e muito estimado por este nobre povo, seja inscrito, ele e sua posteridade, como cidadão Romano, e investido com todas as vantagens e honras desfrutadas por aqueles que nasceram como Cidadãos e Patrícios de Roma, ou que foram feitos tais pelos melhores direitos. Nisto, o Senado e o Povo de Roma consideram que não conferem tanto os direitos de cidadania a ele como um presente, mas os pagam como uma dívida, e não o beneficiam mais do que recebem dele, pois, ao aceitar esta cidadania, ele dá um singular ornamento e honra à própria cidade. Este Senatus-Consultus, os Conservadores fizeram transcrever pelos secretários do Senado e do Povo Romano e depositaram nos arquivos do Capitólio, e fizeram este ato redigido e selado com o selo comum da cidade. Ano 2331 da fundação de Roma, ano 1581 do nascimento de Cristo, dia 13 de março.[11]

Orazio Fosco, secretário do sagrado Senado e Povo Romano.
Vincente Martoli, secretário do sagrado Senado e Povo Romano.

Não sendo burguês[12] de cidade alguma, estou bem contente de sê-lo da mais nobre que já existiu e existirá.[13] [...]

NOTAS

1 A palavra final sobre a concessão da cidadania, portanto, sempre foi a do próprio Montaigne.

2 No original "*faveurs vaines*", pode muito bem referir à tópica bíblica da *vanitas*: os "favores da *vanitas* (vaidade)". Parece haver uma ironia no emprego do termo *vain* na outorga da cidadania romana – tanto aqui quanto no uso da mesma palavra no *Journal de Voyage*. Cf. a nota 40 deste apêndice.

3 No original, *bourgeoisie*. Há talvez certa ironia no emprego desse termo, em lugar da tradução por *citoyen*, como seria esperado no francês médio. Considerando-se apenas a bula capitolina (em latim), os termos da outorga da cidadania giram em torno dos mesmos sintagmas *cives*/*civitate* que definiam a circunscrição político-social do cidadão livre romano desde a República. No século XVI, *cives* tinha como tradução natural "*citoyen*" – e não "*bourgeois*", "*bourgeoisie*", etc. A disparidade é evidente: ao ler a Bula, em latim, encontramos um "*cives* romano"; aqui, no comentário em vernáculo, temos não um *citoyen* e sim um *bourgeois* romano. Ao se referir à Bula, Montaigne põe todo o peso da sua conquista no caráter "romano" da outorga, mas é o substantivo "*bourgeois*" que define, em seu texto, o estatuto social do que ele acabou de conquistar.

4 Se tomada ao pé da letra, a expressão levaria a crer que a cidadania romana teria sido outorgada por vontade espontânea de Roma, como uma homenagem a Montaigne – o que, evidentemente, não foi o caso (cf. Boutcher. *La citoyenneté*..., p. 301). No entanto, talvez deva-se relativizar a "graciosa liberalidade" enquanto uma pista falsa ou um diversionismo para o processo da cidadania, uma vez que o texto da bula publicado em "Da vaidade" deixa claro aos leitores dos *Ensaios* que houve um pedido formal diante de um comitê, que analisou o caso e só então concedeu a atestação.

5 As outorgas de cidadania.

6 Aqui parece haver ou uma referência aos diferentes modos de outorga de cidania ou, o que nos parece mais provável, uma ironia ao estilo do latim, escolar, desse tipo de documento oficial – o que contrasta com sua aparência material, "pomposa em selos e letras douradas".

7 Ao que parece, Montaigne soube da possibilidade de pedido de cidadania romana, na modalidade que lhe foi concedida, através da publicação de uma bula similar, no livro do pintor e impressor holandês Hubert Goltzius (*Sicilia et Magna Graecia*, 1576). Por conta disso, traduzimos o mais literalmente possível todo esse trecho, mas sob esta interpretação: "eu teria ficado contente se, antes de fazer o pedido de cidadania, me tivessem

mostrado a maneira de formulá-lo; assim, gostaria, para aquele que estiver, como eu estive, morrendo de curiosidade para saber o conteúdo da minha outorga, de transcrevê-la aqui na íntegra".

8 Quer dizer, a "cidade nutriz". Preferimos não traduzir por "Roma", porque, literalmente (*alma*, feminino de *almus*, isto é, nutriz, bondosa, benfazeja), a cidade está sendo referida por um de seus pseudônimos. Sobre os "conservadores", ver a introdução a este apêndice.

9 S.P.Q.R. (*Senatus Populosque Romanum*) era o acrônimo para designar, desde a antiga república, o governo de Roma.

10 O termo "família" aqui refere-se aos méritos da linhagem aristocrática dos Montaigne – e não, como poderíamos considerar o termo "família" no português atual, valorizando essencialmente virtudes éticas (paternais, maternais ou filiais).

11 Literalmente, "III dos idos de março". Dependendo do mês, *idus* pode significar dia 13 (em janeiro, fevereiro, abril, junho, agosto, setembro, novembro e dezembro) ou dia 15 (em março, maio, julho e outubro). Entretanto, o numeral "III" preposto ao termo modifica seu valor (devendo ser lido como "*tertio idus martii*"); nesse caso, a data numérica significa, na realidade, o terceiro dia anterior ao valor absoluto de 15 de março, contado de frente para trás: quer dizer, 13.

12 Costhek Abilio: *cidadão* || Benedetti: *cidadão*" ||

Dada as possíveis ironias do contexto, é importante marcar aqui a tradução do termo em português como "burguês" e não como "cidadão".

13 Os nobres provincianos franceses, como Montaigne, não poderiam derrogar de sua posição, acumulando conjuntamente o estatuto de burgueses *de uma cidade* – sobretudo, enquanto *parvenus*, "novos aristocratas", se isso fosse relativo à sua cidade de origem, como os Eyquem, ancestrais diretos de Montaigne, em relação a Bordeaux. Encarados de maneira geral, os fidalgos eram súditos do rei, e "cidadãos" apenas de suas próprias terras, embora reconhecessem seu débito linguístico e cultural com sua região de origem (eram também gascões, picardos, etc.). Por meio da bula, entretanto, Montaigne tornara-se, como seus ancestrais, novamente "burguês" de uma *urbs*, e é a ironia entre burguesia e nobreza que parece estar em jogo quando escolhe o termo *bourgeois* em detrimento de *citoyen*: "*não sendo* burguês *de nenhuma outra cidade*" e "*fico contente de sê-lo da mais* nobre *cidade*". Posteriormente, porém, em 1585, durante a epidemia de peste em Bordeaux, Montaigne vai se refugiar em Libourne e, a fim de poder escoar sua produção vinícola, conseguirá o título de "*bourgeois*" da cidade. Nesse caso, Montaigne só poderia ser de fato "burguês" de Libourne se o termo fosse entendido a partir de certas condições: nestas, um *gentilhomme* poderia, apesar de seu estatuto, ser, ao menos juridicamente, um *bourgeois*, desde que não participasse efetivamente, enquanto "burguês", da vida ordinária da cidade: "*Dans certains textes, les 'bourgeois', ce sont tous les habitants d'une ville, tous les citadins,*

par opposition aux ruraux; ou bien tout le tiers état d'une ville, par opposition aux gentilshommes et aux ecclésiastiques. C'est parfois un titre juridique, qui désigne celui qui a son domicile dans une ville formant corps et communauté, participe à ses charges financières, sert dans sa milice, et a été agréé comme bourgeois par le corps de ville. L'intéressé est 'bourgeois de tel endroit', 'bourgeois de Paris', 'bourgeois de Bordeaux'. En ce sens, un gentilhomme peut être un bourgeois, 'bourgeois de Bordeaux', par exemple. Mais un très humble artisan, un simple savetier, peut être aussi un 'bourgeois' d'une ville déterminée. Dans certaines villes, pour être bourgeois de cette ville, il faut en outre remplir des conditions de fortune, de revenu et d'habitat. Il peut arriver qu'en fait les marchands et les principaux maîtres de métier soient considérés comme les seuls 'bourgeois'. Le 'bourgeois' peut être spécialement celui qui vit noblement, de ses rentes, sans exercer métier, ni marchandise, avec participation aux honneurs, aux privilèges de la cité, droit de siéger aux assemblées des villes et possibilité de devenir magistrat municipal. Maints chroniqueurs des villes emploient le mot dans ce sens particulier et restrictif." (Mousnier, Roland. *Les institutions de la France sous la monarchie absolue* (1598-1789). Tome 1, Société et État. Paris: PUF, 1974, p. 188). Para o contexto da "burguesia" de Montaigne em Libourne, ver Jouanna (2017, cap. 5).

Cópia Leydet da Bula Capitolina

Fonte

BnF, ms Périgord 106 (fol. 68v)

Esse códice manuscrito (datado de 1771, com 187 fólios) é uma coletânea de diversos textos, a maior parte deles constituindo a correspondência entre o historiador, cônego e político Joseph Prunis (1741-1816) e o historiador e cônego Guillaume-Vivien Leydet (1736-1776).

O fólio 68v contém uma cópia da bula de outorga da cidadania romana a Montaigne, que é o material transcrito aqui.[1] No original, o texto está de cabeça para baixo em relação ao restante do códice e em relação ao cabeçalho da página, no canto superior direito: "Michel de || Montaigne || [-] || 1580-1581 ||"

TEXTO ORIGINAL DA CÓPIA LEYDET DA BULA CAPITOLINA[2]

Lettres de cyitoyen roma<in> pour michel de Montaigne

quod horatius maximus, martius cœlius, alexander mutus almæ urbis Conservatores de illustrissimo viro michaele montagna equite s^ti micha elis et a cubiculo regis chr^mi romana civitate donando ad senatum retulerunt S.P.Q.R. de ea re fieri censuit

cum veteri more et instituto cupide illis semper studioseque suscepti sint, qui virtute ac nobilitate præstantes magno reipublicæ nostræ usui atque ornamento fuissent vel esse aliquando possent nos majorum nostrorum exemplo atque auctoritate permoti praeclaram hanc consuetudinem nobis imitandam ac servandam fore censemus, quam ob rem illustrissimus Michael montagna eques s^ti mich. et a cubiculo regis chr^mi Romani nominis studiosissimus et familia laude atque splendore et propriis virtutum meritis dignissimus sit, qui summo senatus populique Rom. judicio ac studio in Romanam civitatem adsciscatur, placere senatui p.q.R. illustriss^um mich. montagna rebus omnibus ornatissimum atque huic inclyito populo carissimum ipsum posterosque in Rom. civitatem adscribi ornarique omnibus et premiis et honoribus quibus illi fruuntur qui cives patriciique Rom. nati aut jure optimo facti sunt in quo sincerè senatus p.q.R. se non tàm illi jus civitatis largiri quam debitum tribuere nequemagis beneficium dare quàm ab ipso accipere qui hoc civitatis munere accipiendo singulari civitatem ipsum ornamento atque honore affecerit quam quidem S.C. auctoritatem iidem conservatores per senatus p.q.R. scribas in acta referri, atque in capitolii curia servari privilegio hujusmodi fieri solitoque urbis sigillo communiri curaverunt anno ab urbe condità CXↃ XCCC XXXI post christum natum M. D. LXXXI.

CXↃ CCC XXXI III. IDVS marti.
horatius justus sacro s.p.q.R. scriba
vinc˜ martholus sacri s.p.q.R. scriba

[O texto tem pequenas variações na ortografia e na pontuação, que não interferem na tradução do material editado nos *Ensaios*, tornando desnecessário repeti-la aqui.]

NOTAS

1 Os fólios 50r-72v contêm uma cópia incompleta dos diários da viagem de Montaigne à Suíça, à Alemanha e a Roma (setembro de 1580 a novembro de 1581), editado acima. No fólio 70v, encontra-se uma árvore genealógica dos Montaigne.

2 Transcrição diplomática, por Legros.

Diário de viagem

Manuscrito Leydet e edição de Querlon

Entre 22 de junho de 1580 e 30 de novembro de 1581, Montaigne, em uma pequena comitiva, saindo de seu castelo nas cercanias de Bordeaux, empreendeu uma longa viagem em direção à Itália, via Paris, Alemanha e Suíça, descendo os Alpes até chegar a Roma, onde permaneceu várias semanas (de 30 de novembro de 1580 a 19 de abril de 1581, com diversas breves saídas para os arredores). Durante essa viagem, ele foi eleito, por seus pares da *jurade*, prefeito de Bordeaux e, recebendo a notícia (setembro de 1581, quando estava em Lucca, cerca de 350 km a noroeste de Roma), teve de retornar à França para assumir seu posto.Essa viagem foi sendo paulatinamente registrada em um caderno de notas, um códice manuscrito, que ficou perdido no castelo de Montaigne durante dois séculos. Esse códice (um in-fólio de 278 páginas, 112 delas redigidas por um secretário anônimo, outras 166 redigidas pelo próprio Montaigne, em francês e em italiano) foi descoberto por um eclesiástico da C*hancelade* do Périgord, o abade Joseph Prunis (1741-1816), em um cofre do castelo de Montaigne, em 1770. Do códice autógrafo foram feitas ao menos duas cópias. Uma, incompleta, denominada *Extrait des voyages de Montagne*, foi realizada por Guillaume-Vivien Leydet (1736-1776), também eclesiástico na C*hancelade*, em junho de 1771, e ficou em estado manuscrito. Uma outra cópia, ao que parece completa, foi destinada a ser base da edição impressa, trabalho que começou a ser feito pelo próprio Prunis. Problemas de ordem ideológica, porém, fizeram a curadoria editorial mudar de mãos e a *editio princeps*, daquilo que passou a ser conhecido como *Journal de voyage*, saiu em três volumes, editada por Meunier de Querlon em 1774 (por essa época, bibliotecário na

Bibliothèque Royale). O códice original, encontrado por Prunis, foi doado pelos descendentes de Montaigne à Bibliothèque Royale, mas desapareceu pouco depois de ter sido incorporado ao acervo. Segundo Querlon, o manuscrito perdido estava bem conservado, faltando apenas "*duas páginas do primeiro fólio*", provavelmente arrancada bem antes de sua redescoberta por Prunis.

Os trechos relativos ao processo de cidadania tanto nos *Extrait des voyages* quanto do *Journal de voyage* são ligeiramente diferentes, e optamos por editá-los em separado. Além disso, Leydet fez algumas anotações complementares ao manuscrito que acrescentamos à transcrição diplomática.

Extrato das viagens de Montaigne

Cópia Leydet, ff. 61r-61v

Fonte

BnF, ms Périgord 106

É da cópia incompleta de Leydet (em que constam cerca de 1/3 do relato integral da viagem efetivamente impresso por Querlon) que traduzimos o trecho abaixo. O manuscrito está conservado na BnF-Richelieu.

O códice Leydet (datado de 1771, com 187 fólios) é, na verdade, uma coletânea de diversos textos manuscritos, a maior parte deles constituindo a correspondência entre Prunis e Leydet. O *Extrait des voyages de Montagne* (sic) ocupa apenas os fólios 50^{r}-72^{v}, o trecho em pauta aqui, por sua vez, nos fólios 61^{r} (nesta página, apenas a palavra "je" na última linha) e 61^{v}. Já o fólio 68^{v} contém uma cópia da bula de outorga da cidadania romana a Montaigne (também editada em nosso dossiê, mais abaixo). No fólio 70^{v}, encontra-se uma árvore genealógica dos Montaigne.

Fac-símile

Gallica

Edição

https://montaigne.univ-tours.fr/journal-voyage/

Contexto

Ver a nota introdutória da carta 10, acima. Como o texto é essencialmente o mesmo em Leydet e Querlon, as notas de comentário aparecem na tradução de Querlon (mais abaixo), que é a mais completa.

[f. 61r][1]

[...] qui nous demande l'aumone en notre langue. je | [f. 61v] *<trecho superior do fólio totalmente danificado>*[2] | *françois. <autho>rité d<u> <trecho danificado>* | *philippo maſotti*[3] *ſon maggior domo qui m'avoit priſ en <trecho danificado>* | *amitié et ſ'y pena fort. et m'en fut deſpeschè lettres 3. id.* | *mart. 1581. qui me furent rendues le 5 d'avril très autantiques,* | *en la meſme forme et faveur de paroles que les avoit eues le* | *ſeigneur jacomo buocompagno ditct pero fiſ, (ou Sero) fiſ du pape*[4] | *cest un titre vein,*[5]*, tant y a que j ay recû beaucoup de plaſir de* | *l'avoir obtenu.*[6]

[...]

[…] eu | [f. 61v] <trecho superior do fólio totalmente danificado> | francês. <A autori>dade d<…> | Filipo Masotti, seu mordomo, que me tomou em <…> | amizade, e muito fortemente se empenhou. E me foram enviadas cartas 13 de | março de 1581, que me foram entregues dia 5 de abril, muito autênticas, | na mesma forma e favor das palavras que tiveram o | senhor Giacomo Buoncompagno, Duque de Sero, filho do Papa. É um título vão: tanto que tive muito prazer em tê-lo obtido.

NOTAS

1 Leydet anotou à margem esquerda do fólio 60ʳ, como resumo de toda a página: "*occupation de Montaigne à Rome*".

2 Anotação na margem esquerda do fólio 60ᵛ, começando na altura de "françois": "*mein différente de celle de montaigne, mais ſans doute ſous la dictée et a la suite de ſon ecriture qui reprend peu de lignes après*" (mão diferente daquela de Montaigne, mas sem dúvida ditada por ele e depois de sua escrita que retoma algumas linhas depois).

3 Nas notas de sua edição do *Journal de voyage*, Alessandro d'Ancona diz tratar-se não de "Philippo" mas de Alessandro Musotti, bolonhês, tesoureiro do Papa (1572), bispo de Imola, prefeito do Palácio Apostólico (1579), depois núncio apostólico em Veneza. Cf. L'*Italia alla fine del secolo* XVI. *Giornale del viaggio di Michele de Montaigne in Italia nel* 1580 *e* 1581. Città di Castello: S. Lapi, 1895, p. 319-321.

4 Na edição do *Journal de voyage*, editada por Querlon em 1774 (emissão β), lê-se, no trecho correspondente: "*le Seigneur Jacomo Buon-Compagnon, Duc de Sero, fils du Pape*". É difícil saber, neste caso, se Leydet foi impreciso na transcrição ou se Querlon interferiu no texto original.

5 A tópica do "título vão" será usada, justamente, no ensaio "Da vaidade", onde a bula de outorga aparece transcrita integralmente (ver abaixo).

6 Leydet anotou à margem esquerda: "Cest ainſi que Petrarque quun autre homme de lettres | par amour pour l'antiquitè ambitiona detre couronné poete, et detre recu cytoyen Rom. voyez la vie de petrarque par m. de la bastie tom [tome] XV des mem. des B. Lettres. p. 793-794./". Embora a anotação esteja na altura do parágrafo seguinte (relativo ao dia 3 de abril, já tratando da saída de Montaigne de Roma), ela é claramente um comentário ao parágrafo editado aqui. Quanto à referência bibliográfica, trata-se das enquetes biográficas sobre Petrarca publicadas, a partir de 1740, por Joseph de Bimard, Baron de La Bastie Montsaléon (1703-1742), junto à Academie des inscriptions et Belles Lettres. (O trecho cita mais propriamente a "Vie de Pétrarque, tirée des ses écrits & de ceux des auteurs contemporains". In: Mémoires de littérature tirés des registres de l'Académie royale des inscriptions et Belles Lettres, tomo 15, 1743, p. 746-79). A cerimônia de coroação de Petrarca como poeta laureado no Capitólio romano está nas p. 793-794. Os textos foram reunidos postumamente por Jacques-François-Paul-Aldonce de Sade em *Mémoires pour la vie de François Pétrarque: tirés de ses oeuvres et des auteurs contemporains, avec des notes ou dissertations, & les pieces justificatives*. 3 v. Amsterdam: Arskée & Merkus, 1764. Nesse caso, a cerimônia aparece no Livro III (v. 2, p. 2-3).

Edição Querlon

Fonte

Journal || du voyage || de || Michel de Montaigne || en Italie, || Par la Suiſſe & Allemagne em 1580 || & 1581. || *Avec des Notes par M. de Querlon*. || TOME SECOND. || [ornamento] || A ROME; || Et ſe *trouve à Paris*, || Chez LE JAY, Libraire, rue Saint-|| Jacques, au Grand-Corneille. || [-] || M. DCC. LXXIV. || (p. 200-202)

Exemplar (emissão β)

Getty Research Institute, cota: Special 93-B 1844 v. 2

Referências

Michel de Montaigne. *Journal de voyage*. Fausta Garavini (ed.). Paris: Gallimard, 1983.

Michel de Montaigne. *Journal de voyage de Michel de Montaigne*. François Rigolot (ed.). Paris: Presses Universitaires de France, 1992.

Michel de Montaigne. *Journal de voyage. Partie en italien*. Edição de Élisabeth Schneickert e Lucien Vendrame. Paris: Classiques Garnier, 2012.

A primeira edição Querlon (1774) foi publicada em *quatro* emissões, com formatos diferentes:[1]

- α, em 1 volume in-4º (completa, com texto francês e italiano)
- β, em 3 volumes in-12º (completa, corrigida em relação à emissão α, texto mais próximo
- de Leydet; **vulgata**)[2]
- γ, em 2 volumes in-12º (completa)[3]
- δ, em 2 volumes in-12º (sem o texto italiano)

Além das diferenças na paginação e na diagramação, há flutuações na pontuação e na ortografia entre as emissões – mas o texto é, fundamentalmente, o mesmo.

Para compor sua edição, Querlon, à época bibliotecário na Bibliothèque Royale (BnF), trabalhou sobre uma cópia manuscrita (aparentemente completa) do códice original manuscrito encontrado por Prunis em 1770. Tal como o códice original, essa cópia também se encontra, hoje, perdida. A edição de Querlon é, pois, o único testemunho integral do *Journal de voyage*, incluindo o material em italiano.[4]

Querlon constituiu uma pequena equipe: a parte italiana do *Journal* (do punho do próprio Montaigne) foi decifrada e transcrita por um erudito piemontês então em Paris, Giuseppe Bartoli, antiquário do rei da Sardenha e pesquisador estrangeiro na Académie Royale des Inscriptions et Belles-Lettres – uma das cinco instituições que desde meados do século XVII, junto com a Académie Française, formam o Institut de France. Outro associado de Querlon foi François-Louis Jamet, também bibliotecário na Bibliothèque Royale, que ficou responsável pelas notas explicativas (língua, geografia e história) ao texto.[5]

[v. 2, p. 200]

[...] Je recherchai pourtant, & amploiai tous mes cinq ſans de nature pour obtenir le titre de Citoyen Romein, ne fut-ce que pour l'antien honur, & religieuſe memoire de ſon authorité. J'y trouvai de la difficulté ; toutefois, je la ſurmontai, n'y ayant amploïé nulle faveur, voire ny la ſciance ſulemant d'aucun François. L'authorité du Pape y fut amploïée, par le moïen de Philippo Musotti, ſon Maggior-do-[p. 201]*mo, qui m'avoit pris e*[6] *ſinguliere amitié, & s'y pena fort; & m'en fut depeché lettres 3°. Id. Martii 1581, qui me furent ran*[p. 201]*dues le 5 d'Avril très-autantiques, en la meſme forme & faveur de paroles que les avoit eues le Seigneur Jacomo Buon-Compagnon, Duc de* [p. 202] *Sero, fils du Pape. C'est un titre vein; tant-y-a que j'ai receu beaucoup de pleſir de l'avoir obtenu.*

TRADUÇÃO (EMISSÃO B)

[...] por esse motivo, busquei e empreguei todos os meus cinco sentidos naturais para obter o título de cidadão romano, não foi senão pela antiga honraria e religiosa memória de sua autoridade. Encontrei dificuldade. Entretanto, eu a suplantei não tendo empregado nenhum favor, nem mesmo a ciência,[7] de qualquer francês. A autoridade do papa me foi empregada por meio de Filipo Musotti,[8] seu mordomo, que me tomou em singular amizade, e muito fortemente se empenhou. E me foram enviadas cartas em 13 de março de 1581, que me foram entregues dia 5 de abril, muito autênticas,[9] na mesma forma e favor das palavras que tiveram o senhor Giacomo Buoncompagni, Duque de Sero, filho do papa. É um título vão:[10] tanto que tive muito prazer em tê-lo obtido.

NOTAS

1 Seguimos aqui as indicações bibliográficas de François Rigolot (*Journal de voyage de Michel de Montaigne*, p. 335). Modificamos, porém, sua nomenclatura (A, B, C e D tornaram-se aqui α, β, γ e δ) para não causar confusão com os estratos [A], [B] e [C] das edições críticas dos *Ensaios*.

2 Na emissão β, o texto italiano veio em separata no terceiro volume (com a tradução francesa em face), editado e anotado por Giuseppe Bartoli. Cf. Michel de Montaigne. *Journal de voyage*. *Partie en italien*. Edição de Élisabeth Schneickert e Lucien Vendrame. Paris: Classiques Garnier, 2012.

3 A emissão γ traz o texto italiano, com a tradução francesa em face, no v. 2.

4 Exceção feita à emissão δ, que não contém o texto italiano.

5 RIGOLOT, *Journal*, p. V-VI. Os três volumes da edição Querlon do *Journal de voyage* pertencentes a Jamet, com diversas notas e observações, estão conservados na BnF (Rés. Z. Payen. 386-387).

6 Quer dizer, en [provável erro de impressão].

7 No original *sciance*. Quer dizer, sem que nenhum francês tivesse conhecimento do pedido.

8 Nas notas de sua edição do *Journal de voyage*, Alessandro d'Ancona diz tratar-se não de "Philippo" mas de Alessandro Musotti, bolonhês, tesoureiro do papa (1572), bispo de Imola, prefeito do Palácio Apostólico (1579), depois núncio apostólico em Veneza. Cf. *L'Italia alla fine del secolo* XVI. *Giornale del viaggio di Michele de Montaigne in Italia nel* 1580 *e* 1581. Città di Castello: S. Lapi, 1895, pp. 319-321, o que é aceito pelos comentadores. Cf. Rigolot, *Journal de voyage*, p. 127, n. 93.

9 No sentido de serem chanceladas oficialmente.

10 No original "*vain*". Parece haver uma ironia no emprego do termo. Embora seu sentido usual seja o que se aplicaria à tradução do latim *vanitas* (logo, o "vão" de "vaidade", "futilidade, "frivolidade", etc.), ele também significa "vazio de forças", "cansado", "abatido" e, figuradamente, "difícil", no sentido de ser "cansativo para ser obtido". Este último sentido pareceria mais afim à lógica da frase e aos esforços de Montaigne para obter a outorga. Por outro lado, ao mantermos "vão", indicamos que o sentido seria o de que, *justamente* por ser frívolo, Montaigne gostou de recebê-lo.

Tradução autenticada de 1692

Fonte

Bibliothèque de l'Arsenal, Ancien Fonds, ms français 2152 (= 179 J. F). https://archivesetmanuscrits.bnf.fr/ark:/12148/cc828830

Editio princeps

Jean-François Payen, Recherches sur Montaigne, IV, p. 61 e ss.

O material editado aqui não é a tradução da Bula Capitolina, mas uma tradução autenticada da atestação conferida pelo Capitólio romano a respeito da concessão de cidadania dada a Montaigne. Datado, nos arquivos do Capitólio, de 14 de maio de 1689, o atestado foi elaborado sobre o original latino emitido pelo Senado romano em 13 de março de 1581 e que efetivamente permanece até hoje no Archivio Storico Capitolino. Trata-se, portanto, de um documento independente, que reconfirma a veracidade da cidadania e, para tanto, teve a bula de 1581 como base. A tradução francesa desse atestado foi "autenticada" (reconhecida como boa e autêntica) e assinada por Matthias Vander Spict, em Bruxelas, quase três anos depois, em 16 de janeiro de 1692.

As razões pontuais desta tradução seiscentista são desconhecidas. A primeira menção ao manuscrito aparece em Gustav Haenel, no *Catalogi librorum*

manuscriptorum.[1] Payen (*Recherches sur Montaigne*, IV, p. 61) entende, dadas algumas características do texto, que a cópia foi realizada a mando de algum parente distante de Montaigne por algum motivo de ordem prática – talvez algo relacionado à Roma, uma vez que, pelo texto da Bula, informação amplamente reforçada no texto francês, a cidadania romana concedida a Montaigne era extensível à sua descendência.

TEXTO ORIGINAL DA TRADUÇÃO AUTENTICADA DE 1692[2]

Translat autenticq de certaines lettres patentes du sacré Sénat et peuple Romain octroyées au très illustre homme seigneur Michel de Montagne, chevalier de St Michel et gentilhomme de la chambre du roy très chrestien,

Par lesquel est déclaré que le devant dit seigneur at esté créé citoyen, noble et patricien romain, ensemble avecq touts ses enfans, descendants et successeurs en infiny, etc., etc., comme plus amplement cy dedans es dits lettres est contenu.

Nous, Seigneurs Antonius Columna, Joseph de Comitibus, Rubert Ursinos, Conservateurs de la Chambre de la Chef-Ville,

A touts et chascuns qui ces nostres lettres verront et liront faisons foy et attestons comme dans les livres de l'illustre peuple romain, gardé dans l'hostel du Capitole et reposants soubs le greffier du sacré sénat (auxquels anciennement estoient et encore à présent sont annotées et enregistrées les décretz que le sacré sénat est accoustumé de donner aussy bien que les noms et surnoms de ceux qui estants très affectionnés au nom romnin et très dignes à cause de la réputation et splendeur de leur famille par les mérites de leur propie vertu et excellents en vertu et noblesse, on sçavoit et sçait avoir rendu, ou estre capable de rendre un jour des grands services et servir d'ornement à nostre république par le haut jugement et bonne affection du sénat et peuple romain à l'exemple et appuyé par l'autorité de ces ancêtres par une coustume digne d'estre imitée, et observée, estoient, et le temps présent sont, crées citoyens romains reçues en la ville de Rome et donnés et honorés des droits et privilèges de la même ville). On trouve que le xiij^e^ jour du mois de mars de l'an de la fondation de la ville ij^m^ iij^e^ trent et un, de la nativité de Nostre Seigneur xv^e^ quatre-vingt et un, entre les devants dits citoyens romains

Tradução autenticada[3] de certas cartas patentes do Sagrado Senado e Povo Romano concedidas ao muito ilustre senhor Michel de Montaigne, cavaleiro de São Miguel e gentil-homem da câmara do muito cristão rei.[4]

Pelas quais se declara que o mencionado senhor foi criado cidadão, nobre e patrício romano, juntamente com todos os seus filhos, descendentes e sucessores em perpétuo etc., etc., conforme está mais amplamente contido nas referidas cartas.

Nós, senhores Antonius Columna, Joseph de Comitibus, Rubert Ursinos, Conservadores da Câmara da Cidade-Chefe,[5]

a todos e a cada um que lerem estas nossas cartas, certificamos e atestamos que, nos livros do ilustre Povo Romano, guardados no Palácio do Capitólio e arquivados sob a guarda do escrivão do Sagrado Senado (nos quais antigamente e ainda no presente são anotados e registrados os decretos que o Sagrado Senado costuma expedir, bem como os nomes e sobrenomes daqueles que, sendo extremamente afeiçoados ao nome romano e muito dignos devido à reputação e esplendor de sua família, por mérito de sua própria virtude e excelência em nobreza e virtude, sabidamente prestaram ou poderiam um dia prestar grandes serviços e ornamentar nossa República), encontra-se registrado que, no dia 13 do mês de março do ano 2331 da fundação da Cidade,[6] e 1581 do nascimento de Nosso Senhor, entre os referidos cidadãos romanos

excellents en vertu et noblesse en semblable manière at esté admis, associé, annoté et reçeu par la munificence de la ville comme citoyen romain, le très-illustre homme seigneur Michel de Montagne, chevalier de Saint-Michel et gentilhõe de la chambre du roi très-chrétien, très-affectionné au nom romain, très-digne par la réputation et splendeur de sa famille, par les mérites de ses propres vertuz et très-cher à cest illustre peuple, etc., ensemble avecq touts ses enfants, nepveux, descendants et successeurs en perpétuité de manière que lui et tous ses devant dits successeurs en infiny, sont et doivent estre ornés et donnés de tous privilèges, grâces, immunitez, rémunération, honneurs et prérogatives accoustumés dont usent, jouissent et lesquels ont ou possèdent tous ceux qui sont nés ou crées de très bon droit citoyens, nobles et patriciens romains, comme il appert plus amplement ès dits livres auxquels, etc. En foy et tesmoignage desquelles choses avons fait depescher ces présentes, nos lettres testimoniales, les séller du séel accoustumé de la ville et signer par le greffier du sacré sénat et peuple romain, du Capitole, lan de la fondation de la ville ij^m iiij^e quarant et un et de la rédemption du monde xvi^e quatre vingt et noeuf, le vij^e jour du mois de may et estoient les dittes lettres soubsignées Sanctis Randaninus, sacri senatus populique romani scriba et séellées du séel de la ditte chef-ville de Rome y imprimé en hostie vermeille couvert de papier.

Au dos estoient escrites cõe s'ensuit:

Au nom de Notre Seigneur, amen. Par ce présent instrument publicq de reconnoissance, demain apparoisse partout à un chascun évidemment et soit notoire que l'an de la nativité salutaire du mesme Ntre seigneur Jésus-Christ xvi^e quatre-vingt et noeuf, l'indiction xij, le xiiij jour du mois de may et du pontificat du très sainct Père en Dieu et Notre seigneur seign^r Innocent par la providence divine, pape onziesme, l'an xiij^e, en présence de moy, etc., et des témoings, etc., présent et personnellement comparant, le cy derrière soubsigné très illustre seign^r Sanctis Randaninus, grefiier du sacré sénat et peuple romain, à moy, etc., bien cognu, at sans con- strainte, etc., et en toutte meilleure manière, etc., par serment ayant touché, etc., recognu comme il recognoit, etc., sa main, lettres, caractère, soubscription , cy derrière soubscrits avecq le seel respectivement

excelentes em virtude e nobreza, foi admitido, associado, anotado e recebido, por liberalidade da cidade, como cidadão romano, o muito ilustre senhor Michel de Montaigne, cavaleiro de São Miguel e gentil-homem da Câmara do muito cristão rei, muito afeiçoado ao nome romano, muito digno pela reputação e esplendor de sua família, pelo mérito de suas próprias virtudes e muito caro a este ilustre povo etc., juntamente com todos os seus filhos, sobrinhos, descendentes e sucessores em perpétuo, de modo que ele e todos os seus mencionados sucessores, para sempre, são e devem ser ornados e dotados de todos os privilégios, graças, imunidades, remunerações, honras e prerrogativas habituais, gozadas por todos aqueles que nasceram ou foram criados, por pleno direito, cidadãos, nobres e patrícios romanos, conforme consta mais amplamente nos referidos livros. Em fé e testemunho dessas coisas, mandamos expedir estas presentes cartas testemunhais, seladas com o selo habitual da Cidade e assinadas pelo escrivão do Sagrado Senado e Povo Romano, no Capitólio, no ano da fundação da cidade 2341 e 1589 da redenção do mundo, no dia 7 do mês de maio. Essas cartas estavam assinadas por Sanctis Randaninus, escrivão do Sagrado Senado e Povo Romano, e seladas com o selo da referida Cidade-Chefe de Roma, impresso em cera vermelha e coberto de papel.[7]

No verso estava escrito como segue:[8]

Em nome de Nosso Senhor, amém. Por este presente instrumento público de reconhecimento, que doravante seja evidente e notório para todos que, no ano da natividade salutar de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1689, na 12ª indicção,[9] no 14º dia do mês de maio, e no 13º ano do pontificado do muito Santo Padre em Deus e Nosso Senhor, o senhor Inocêncio XI, em presença de mim etc., e das testemunhas etc. comparecendo pessoalmente o muito ilustre senhor Sanctis Randaninus, escrivão do Sagrado Senado e Povo Romano, a mim bem conhecido, declarou sem coação etc., e de todas as melhores formas possíveis etc., que, tendo jurado, reconheceu e reconhece etc., como sua mão, letras, caracteres e assinatura, bem como o selo respectivamente apostas,

en forme et at par semblable serment affirmé touttes et chascunes choses contenues dans les cy derrière escrites lettres testimoniales avoir esté et estre vrayes et ainsy, etc., non-seulement, etc., mais en toutte, etc., sur quelles choses devant dittes at esté requis de moy notaire publicq soubsigné que je metteray en forme ce présent instrument publicq de recognoissance de main comme je l'ay mise en forme et baillé à ce ayant esté requis et prié. Fait à Rome dans l'hostel du Capitole, en présence, etc., des sieurs Antoine Maria Franceschetto, fils de feu Jean-Baptiste, et Ambroise Ursino, fils de Jean- Francois Ambedeux. Romains, comme tesmoings à touttes et chascunes choses devant dittes appellez et spécialement requiz, etc.

Embas estoient escrit et soubsigné cõe s'en suit:

Pour le s^r^ Jean Maria Antonetto Sabino, notaire publicq, des causes de l'hostel du Capitole ay je Bartholomé Antonettus admis en son office de notaire par l'autorité apostolique soubsigné et publié ce présent instrument a ce ayant esté requis en foy, etc., et estoient cachetté en la marge du cachet du susdit s^r^ Jean Maria Antonettus, notaire publicq des causes de l'hostel du Capitole y imprimé.

Plus bas estoit escrit comme s'en suit:

Nous, à présent conservateurs de la chambre de la chef-ville, à tous faisons foy et attestons que le susdit sieur Jean Maria Antonettus, aux choses devant dittes requis at esté et est notaire publicq, authentique, leal et digne de foy, et que le susdit s^r^ Bartholomé Antonettus qui pour luy s'at soubsigné et publié l'instrument cy devant mis et le respectif cy derrière soubsigné sieur Santis Randaninus sont tels qu'ils se qualifient et qu'à leurs escrits publicqs aussy bien que privés et à ceux semblables at tous jours esté donné et se donne encore entière et indubitable foy, etc., en foy desquelles choses, etc. Donné à Rome de nostre hostel du Capitole ce quatorziesme jour du mois de may de l'an xvi^e^ quatre-vingt et noeuf.

estavam conforme a forma, e por semelhante juramento afirmou que todas e cada uma das coisas contidas nas referidas cartas testemunhais eram e são verdadeiras e assim etc., não apenas etc., mas em tudo etc. Sobre essas coisas mencionadas, fui solicitado, como notário público abaixo assinado, a redigir este presente instrumento público de reconhecimento, o que fiz e entreguei conforme solicitado e pedido. Feito em Roma, no palácio do Capitólio, na presença etc., dos senhores Antoine Maria Franceschetto, filho do falecido Jean-Baptiste, e Ambroise Ursino, filho de Jean-François, ambos romanos, como testemunhas especialmente convocadas e requisitadas.

Na parte inferior estava escrito e assinado como segue:

Pelo senhor Jean Maria Antonetto Sabino, notário público das causas do palácio do Capitólio, eu, Bartholomé Antonettus, admitido em seu ofício de notário pela autoridade apostólica, assinei e publiquei este presente instrumento conforme solicitado, em fé etc., e foi selado na margem com o selo do referido senhor Jean Maria Antonettus, notário público das causas do palácio do Capitólio.

Mais abaixo estava escrito como segue:

Nós, atuais Conservadores da Câmara da Cidade-Chefe, a todos fazemos fé e atestamos que o mencionado senhor Jean Maria Antonettus, conforme solicitado, foi e é notário público autêntico, leal e digno de fé, e que o mencionado senhor Bartholomé Antonettus, que assinou e publicou o instrumento acima, e o referido senhor Santis Randaninus, que subscreveu, são tais como se qualificam, e que a seus escritos públicos e privados, assim como a documentos semelhantes, sempre foi e ainda é dada plena e indubitável fé etc.

Em fé dessas coisas etc. Feito em Roma, no nosso palácio do Capitólio, no dia 14 do mês de maio do ano 1589.

Embas estoit escrit pour le s^r^ secrétaire. S^r^ S^r^ le notaire du collège de l'hostel du Capitole soubsigné æmilius Zettus ejusdx curiae N., etc., et seellé en la marge du seil de la sus ditte chef-ville de Rome y imprimé en hostie vermeille couvert de papier.

—

Ceste copie translatée de son originel couché en langue latine, escrit en parchemin, daté, signé, seellé et cacheté comme dessus est trouvée avecq icelluy accorder en substance et selon le sens par moy Matthias Vander Spict, notaire et tabellion publicq, admis par le souverain conseil de sa Majesté Catholique ordonné en son pays et duché de Brabant, résident à Bruxelles, ce dix-huictième jour du mois de januier de l'an xvi^e^ nonant et deux

Quod attestor.
M. Vander Spict, nota.

Nous bourgemaistres eschevins et conseil de la ville de Bruxelles, certifions et attestons par cestes à tous ceux qu'il appartiendrat, que M^re^ Mathias Vander Spict ayant translaté, autenticqué et signé l'instrument cy devant escrit est notaire publicq leal et fidel et qu'aux escrits par luy ainsy signés l'on donne entière foy et créance tant en jugement que dehors. En foy do quoy avons fait signer ceste par un de nos secrétaires et seeller du seel de la d^e^ ville. Fait le dix noeufiesme jour du mois de janvier de l'an xvi^e^ nonant et deux.

[Signature masquée par le timbre de la Bibliothèque.]

Na parte inferior estava escrito pelo senhor secretário:

Senhor Notário do Colégio do Palácio do Capitólio, assinado por Emilio Zettus, notário do Conselho Administrativo da mesma jurisdição[10] etc., e selado na margem com o selo da referida Cidade-Chefe de Roma, impresso em cera vermelha e coberto de papel.[11]

Esta cópia, traduzida de seu original redigido em língua latina, escrita em pergaminho, datada, assinada, selada e carimbada conforme mencionado, foi encontrada, conforme seu original em substância e significado, por mim, Matthias Vander Spict,[12] notário e tabelião público, admitido pelo soberano conselho de Sua Majestade Católica no ducado de Brabante, residente em Bruxelas, no dia 18 do mês de janeiro do ano de 1592.

Quod attestor. M. Vander Spict, *nota*.[13]

Nós, burgomestres, escabinos e conselho da cidade de Bruxelas, certificamos e atestamos por meio deste documento, a todos os interessados, que o senhor Mathias Vander Spict, tendo traduzido, autenticado e assinado o instrumento acima mencionado, é notário público leal e fiel, e que aos escritos por ele assinados se dá plena fé e credibilidade, tanto em juízo quanto fora dele.

Em fé do que, fizemos assinar este documento por um de nossos secretários e selá-lo com o selo da cidade. Feito no dia 19 do mês de janeiro do ano 1592.

[Assinatura coberta pelo carimbo da Biblioteca]

NOTAS

1 Haenel, Gustav. *Catalogi librorum manuscriptorum*. Leipzig, 1830, col. 339 (* 179).

2 Transcrição de J.-F. Payen.

3 Diríamos, em nosso sistema jurídico, "tradução juramentada".

4 Neste caso, do rei da França. O epíteto, como se sabe, aparece, com variações, nos frontispícios dos *Ensaios*.

5 A "cidade-chefe" de Roma, termo que aparecerá novamente no texto, refere-se à instância de administração municipal de Roma, sob o domínio papal. Em outras palavras, o epíteto *chef-ville de Rome* refere-se à própria cidade de Roma como centro administrativo e político dos Estados Papais, e, no contexto do documento, está ligado à administração municipal romana, representada pelos conservadores do Capitólio.

6 Neste caso, essa data, como mais abaixo a data de 2341, refere-se à contagem dos anos desde a fundação tradicionalmente aceita da cidade de Roma, por Rômulo (irmão de Remo), em 753 a.C.

7 Trata-se do selo, em cera, que guarnecia o documento. A "cobertura de papel", provavelmente, seria apenas um guarnição final de papel extra sobre o selo, que ajudaria a preservar sua integridade.

8 O conteúdo que segue imediatamente aqui foi produzido em Roma e refere-se ao momento de reconhecimento da bula original – material conferido e autenticada em vista do que estava nos arquivos do Capitólio, em 1689. A outra data, 1692, referida abaixo, é a datação da cópia autenticada desta revisão de 1689, feita em Bruxelas.

9 A expressão "*l'indiction xij*" no original francês refere-se ao método de contagem de tempo (em ciclos de 15 anos), usado na administração do Império Romano e posteriormente na Idade Média. A *indictio*, enquanto ciclo fiscal de 15 anos, foi introduzida pelo imperador Constantino I em 312 d.C., inicialmente para fins de tributação. Com o tempo, passou a ser usada também para datar documentos oficiais e eclesiásticos – correndo em paralelo aos calendários juliano e gregoriano.

10 Na transcrição de Payen, "Æmilius Zettus ejusdx curiae N". Em princípio, "*ejusdx*" seria a abreviação de *eiusdem iurisdictionis* ("da mesma jurisdição"); "*curiae*", neste caso, genitivo de *curia*, referindo-se à cúria, ou seja, o tribunal ou conselho administrativo da cidade de Roma; "N." parece ser apenas a abreviação de *notarius* ("notário") – ou talvez, embora menos provável pelo contexto, de *nobilis* ("nobre"), caso Aemilius tivesse um título de distinção.

11 A cera vermelha era usada para selar documentos oficiais. No caso, "coberta de papel" provavelmente significa o uso de um folha final de papel sobre o selo, para ajudar a preservar sua integridade.

12 Segundo a base de dados Agathe (do Arquivo Nacional da Bélgica), um Matthias Vander Spict aparece como notário entre 1606 e 1639, e um outro já no século XVIII (entre 1726 e 1738) – o que indica tratar-se de uma família de longa tradição no tabelionato.

13 "*Quod attestor*" é a expressão jurídica latina equivalente ao nosso "atesto e dou fé". "Nota", neste caso, seria a abreviação de "notário".

APÊNDICE II

“Sobre esse assunto de cartas”

Ensaios I, 40 (Considerações sobre Cícero)
Gournay-L’Angelier 1595 = Capítulo XXXIX

Fontes

Trata-se de um trecho do ensaio “Considerações sobre Cícero”, porém na versão revista de 1588. Todo o material traduzido aqui não foi publicado na edição Millanges, 1580, mas apenas na edição revista e aumentada de L’Angelier, 1588. As seções foram novamente revistas e aumentadas no Exemplar de Bordeaux, que é o texto que usamos por base. Fizemos o contexto crítico com a edição póstuma de Gournay-L’Angelier, 1595. Até 1588, o capítulo era o quadragésimo do Livro I, mas, a partir de 1595, tornou-se o capítulo trigésimo nono.

Editio princeps

ESSAIS || DE || MICHEL SEIGNEVR || DE MONTAIGNE. || Cinquiesme edition, augmen=|| tée d’un troiſieſme li=|| ure et de ſix cens || additions aux || deux premiers. || A PARIS, || Chez ABEL L’ANGELIER || au premier pillier de la grand || Salle du Palais. || Auec Priuilege du Roy. || [-] || 1588 ||

[**1588**] [p. 105r] *[...] Sur ce ſubiect de lettres, ie veux dire ce mot, q̃ c'eſt vn ouurage, auquel mes amys tiẽnent, que ie puis quelq̃ chose.* [**EB**] *Et eusse prins plus uolontiers ceste forme a publier mes uerues, que ceste que i'a prins ſi i'eusse eu a qui parler. Il me faloit comme ie l'ai eu autreſſois, vn certei<n> commerce <-----> et ſortable et ueritable: qui m'attiras, qui me ſoustint qui me et ſousle ſouslevat. Car de negotier au uent come d'autres, ie n<e> ſaurois que de ſonges ny forger des uains noms a entretenir en choſe serieu<se,> enemi iure de toute falſification. J'eusse eſte plus attentif et plus seur, aiant un'adresse forte et amie que, ie ne ſuis, regardant les diuers viſages d'un peuple. Et ſuis deceu ſ'il ne m'eus mieux ſuccédé. J'ay:~~i'ai~~*[1] [**1588**] *naturellement vn stile comique et priué: mais*[2] *c'eſt d'vne forme mienne, inepte aux negotiations publiques, comme en toutes façons eſt mon langage: trop ſerré, deſordonné, couppé, & difficile: & ne m'entens pas en lettres cerimonieuſes,*[3] *qui n'ont autre ſubſtance que d'vne belle enfileure de paroles courtoises: ie n'ay ny la faculté,*[4] *ny le gouſt de ces longues offres d'affection & de ſervice: ie n'en crois pas tant*[5]*,* [p. 105v] *& me deſplaist d'en dire guiere, outre ce que i'en crois: c'eſt*[6] *bien loing de l'vsage present: car il ne fut iamais ſi abiecte & ſeruile proſtitution de preſentations: la vie,*[7] *l'ame, deuotion, adoration, ſerf, eſclave, tous ces mots y courẽt ſi vulgairemẽt que quand ils veulent faire ſentir vne plus expreſſe volonté & plus respectueuse,*[8] *ils n'ont plus de maniere pour l'exprimer. Ie hay à mort de ſentir au flateur, qui faict que ie me iette*[9] *naturellement à vn parler sec, & qui tire, à qui ne me cognoit d'ailleurs, vn peu vers le dedaigneux: ceux que i'ayme me mettent en peine ſ'il faut que ie le leur die,*[10] [**EB**] *J'honore le plus ceus que i'honore le moinſ; et ou mon ame marche d'vne grande allegresse i'oublie les pas de la contenance.* [**1588**] *& m'offre maigrement & fierement à ceux à qui ie suis.*[11] [**EB**] *Et me preſente moins a qui ie me ſuis le plus done* [**1588**]*: il me ſemble*[12] *qu'ils le doiuent lire en mon cœur, & que l'expreſſion de mes paroles, fait tort à ma conception.*

[1588] [p. 105r] [...] Sobre esse assunto de cartas, quero dizer uma palavra: esse é um trabalho do qual meus amigos sustentam que posso alguma coisa. [EB] E *tomaria mais frequentemente essa forma de publicar minha verve*,[22] *se tivesse tido a quem falar. Seria preciso, como eu tive outrora*,[23] *um certo comércio*[24] *que me atraísse, que me sustentasse e me elevasse. Pois negociar ao vento*,[25] *como outros, eu não saberia senão em sonhos; nem forjar nomes vãos*[26] *para tratar de coisa séria, inimigo jurado de toda falsificação*.[27] *Teria sido mais atento e mais certo tendo um endereço*[28] *forte e amigo que, eu não o faço, olhando as diversas faces de um povo*.[29] E *estou decepcionado, uma vez que isso não mais me aconteceu*.[30] Tenho [1588] naturalmente um estilo cômico e privado.[31] Mas é de uma forma minha, inapta às negociações públicas, como, de todo modo, é a minha linguagem: serrada demais, desordenada, entrecortada e dificil. E não me ocupo com cartas cerimoniosas, que não têm outra substância que a de uma bela fileira de palavras cortesãs. Não tenho nem a faculdade nem o gosto por essas longas ofertas de afeição e de serviço: não creio nelas [p. 105v] e me incomoda falar delas algo além daquilo que creio. Isso está bem longe do uso presente, pois jamais houve tão abjeta e servil prostituição de apresentações:[32] a vida, a alma, devoção, adoração, servo, escravo, todas essas palavras aí acorrem tão vulgarmente que, quando quiserem fazer sentir uma vontade mais expressa e mais respeitosa,[33] não terão mais maneira para exprimi-la. Odeio mortalmente cheirar a bajulador, o que faz que me lance naturalmente a um falar seco,[34] e que pende, para quem não me conhece alhures, um pouco para o desdenhoso. [EB] *Honro mais aqueles a quem honro menos; e onde minha alma caminha com grande alegria esqueço os passos da continência*.[35] [1588] E me ofereço modestamente e energicamente àqueles a quem pertenço.[36] [EB] E *me apresento menos a quem sou mais dado* [1588]; parece-me que eles devem lê-lo em meu coração, e que a expressão de minhas palavras faz mal à minha concepção.[37] [EB] *Para dar boas-vindas*,

[**EB**] *A bienuiegner, a <p>randre congé, a remercier, a ſaluer, a preſanter mon <se>ruice, ie ne conoiſſe <pe>rſone ſi ſoltemant <ſt>erile de langage <q>ue moi et tels <c>omplimens uerbeus <de>s nos crenin loix ceremonieuſes de <n>ostre ciuilite, ie ne <co>nois perſone ſi sotement sterile <d>e langage que moi. Et n'ai i'amais este <e>mploie a faire des <le>stres de fauur et <r>ecommendation <----------> que celuy, pour qui c'eſtait n'aye trouuees ſeches et <-----> laches.* [**1588**] *Ce ſont grands imprimeurs de lettres, que les Italiẽs: i'en ay, ce croiſ-ie, cẽt diuers volumes: celles de Hannibal Caro, me ſemblent les meilleures.*[13] *Si tout le papier que i'ay autres fois barbouillé pour les dames, eſtoit en nature, lors que ma main eſtoit veritablement emportée par ma paſſion, il ſ'en trouueroit à l'aduenture quelque page digne d'eſtre cõmuniquée à la ieuneſſe oyſiue, embabouinée de cette fureur. I'eſcris mes lettres touſiours en poſte, & ſi precipiteuſement, que quoy que ie peigne inſupportablemẽt mal, i'ayme mieux eſcrire de ma main, que d'y en employer vn'autre, car ie*[14] *n'en trouue poinct qui me puiſſe ſuyure, & ne les tranſcris jamais: i'ay accouſtumé*[15] *les grands, qui me connoiſſent, à y ſupporter des litures & des traſſeures, & vn papier ſans plieure & ſans marge: celles*[16] *qui me coustent le plus sont celles qui valent le moins. Depuis*[17] *que ie les traine, c'eſt ſigne que ie n'y ſuis pas. Ie commence volontiers ſans proiect, le premier traict produict le ſecond. Les lettres de ce temps, ſont plus en bordures & prefaces, qu'en matiere: comme*[18] *i'ayme mieux compoſer deux lettres, que d'en clorre & plier vne, & reſigne touſiours* [p. 106r] *cette commission à quelque autre*[19]*: de meſme quand la matiere eſt acheuée, ie donrois volontiers à quelqu'vn la charge d'y adiouster ces longues harengues, offres, & prieres, que nous logeons ſur la fin, & deſire que quelque nouuel vſage nous en descharge: comme*[20] *auſſi de les inſcrire d'vne legende de qualitez & tiltres, pour auſquels ne broncher, i'ay maintesfois laiſſé d'eſcrire & notamment à gens de iustice & de finance. Tant*[21] *d'innouations d'offices, vne ſi difficile diſpenſation & ordonnance de diuers noms d'honneur, leſquels eſtant ſi cherement acheptez, ne peuuent eſtre eſchangez, ou oubliez ſans offense. Ie trouue pareillement de mauuaiſe grace, d'en charger le front & inſcription des liures, que nous faiſons imprimer.*

para me despedir, para agradecer, para saudar, para oferecer meu serviço e outros cumprimentos verbais das leis cerimoniosas de nossa civilidade,[38] *não conheço ninguém tão tolamente estéril de linguagem quanto eu*. E *nunca fui empregado a fazer cartas de favor e de recomendação sem que aquele, para a qual* [elas foram feitas], *não as tenha achado secas e frouxas*. [**1588**] São grande impressores[39] de cartas, os italianos. Tenho delas, creio, cem diferentes volumes: as de Aníbal Caro me parecem as melhores.[40] Se todo o papel que, outrora, rabisquei para as mulheres tivesse sobrevivido – quando minha mão era totalmente arrebatada pela minha paixão –, talvez se encontrasse aí alguma página digna de ser comunicada à juventude ociosa, abestalhada[41] por esse furor. Escrevo minhas cartas sempre a galope,[42] e precipitosamente, e ainda que eu desenhe [as letras] insuportavelmente mal, prefiro escrever com minha mão a aí empregar um outro,[43] pois não encontro quem me possa seguir[44] e nunca as transcrevo.[45] Acostumei os grandes que me conhecem a suportar-lhes as rasuras e os garranchos, e um papel sem dobra e sem margem.[46] As [cartas] que mais me custam são as que valem menos. No que eu as retardo,[47] é sinal de que não estou mais nelas. Começo, geralmente, sem projeto, a primeira linha produz a segunda. As cartas desta época fazem mais em molduras e prefácios que em matéria. Como prefiro compor duas cartas a fechar e dobrar uma,[48] sempre confio essa missão a algum outro. O mesmo quando a matéria está acabada:[49] darei a alguém, em geral, a tarefa de aí acrescentar as longas arengas, ofertas e votos que colocamos no final.[50] E desejo que algum novo uso[51] nos desimcumba disso, como também de inscrever [nas cartas] uma enumeração de qualidades e títulos[52] – por conta dos quais, para não baixar a cabeça,[53] muitas vezes deixei de escrever, sobretudo para pessoas da justiça e das finanças. Tantas inovações de ofícios, uma tão difícil distribuição e hierarquia de diferentes títulos honoríficos, os quais, sendo tão custosamente adquiridos, não podem ser trocados, ou esquecidos, sem ofensa.[54] Considero, da mesma forma, de mau gosto carregar com eles o frontispício e o título dos livros que mandamos imprimir.[55]

NOTAS

1 [**1595**]: Et euſſe prins plus volontiers cette forme à publier mes verues, ſi i'eusse eu à qui parler. Il me falloit, cõme ie l'ay eu autrefois, vn certain commerce, qui m'attiraſt, qui me ſouſtinſt & ſouſleuast. Car de negocier au vent, cõme d'autres, ie ne ſçauroy, que de ſonge: ny forger des vains noms à entretenir, en choſe ſerieuſe: ennemy iuré de toute **eſpece de** falſificatiõ. I'eusse eſté plus attentif, & plus ſeur, ayant vne addreſſe forte et amie, que ~~ie ne suis,~~ regardant les diuers viſages d'vn peuple: & ſuis deçeu, s'il ne m'euſt mieux ſuccedé. || = [**EA**] || = [**1598**]

2 [**EB**]: [...] comique & priué ; Mais [...] ||

3 [**EB**]: [...] langage: Trop ſerré, deſordonné, couppé, ~~& difficile~~ *particulier*: & Et ne m'entens pas en lettres cer~~i~~emonieuſes [...] ||

4 [**EB**]: [...] courtoises: Je n'ay ny la faculté [...] ||

5 [**EB**]: [...] ſervice: Je n'en crois pas tant [...] ||

6 [**EB**]: [...] crois: C'eſt [...] ||

7 [**EB**]: [...] preſentations: La vie [...] ||

8 [**EB**]: [...] & plus ~~respectueuſe ſerieuse~~ *reſpectueuse* [...] ||

9 [**EB**]: [...] flateur, Qui faict, que ie me iette [...] ||

10 [**EB**]: [...] naturellement à vn parler sec~~, &~~ *rond et crud* qui tire ~~,~~ à qui ne me cognoit d'ailleurs, vn peu vers le dedaigneux: ~~ceux que i'ayme me mettent en peine ſ'il faut que ie le leur die,~~: ||
Na ómico esquerda do EB, fora da mancha do texto e à altura da linha 8 do impresso, lê-se ómicoés: ~~rond et crud~~, ||

11 [**EB**]: Et m'offre maigrement ~~& fierement~~ *et fierement*, à ceux à qui ie ſuis. ||

12 [**EB**]: [...] ; Il me semble [...] ||

13 [**EB**]: Ce ſont grands imprimeurs de lettres, que les Italiẽs: J'en ay, ce croiſ-ie, cẽt diuers volumes: Celles de ~~Ha~~Annibale Caro, me ſemblent les meilleures. ||

14 [**EB**]: [...] vn autre, Car [...] ||

15 [**EB**]: [...] iamais: J'ay accostumé [...] ||

16 [**EB**]: [...] ſans marge. Celles [...] ||

17 [**EB**]: [...] moins: depuis [...] ||

18 [**EB**]: [...] matiere. Comme [...] ||

19 [EB]: [...] cette ~~charge~~ *commiſſion* à quelque autre: [...] ||

20 [EB]: [...] deſcharge. Comme [...] ||

21 [EB]: [...] de finance: ~~Tant~~ Tãt [...] ||

22 No original, o termo está no plural: "*mes uerues*" [minhas verves].

23 Provável referência à amizade com La Boétie.

24 No sentido de comunicação com outrem.

25 Sem destinatário real.

26 Diríamos hoje, "nomes fictícios".

27 [1595] acrescenta: "*ennemy iuré de toute eſpece de falſificatiõ*" [inimigo jurado de toda espécie de falsificação].

28 No sentido de destinatário da carta.

29 Quer dizer, o rosto indiferenciado da multidão.

30 Costhek Abílio: "E ou muito me engano ou me teria saído melhor." || Simões: "e fico desapontado por não ter me saído melhor." ||

As traduções apontam para um dos sentidos correntes de "*deçevoir*" no francês médio, equivalente à "*tromper*" [enganar]: logo, entendem o texto como se Montaigne não pudesse realizar uma tarefa por ter-se "enganado" ou "desapontado". Essa é a interpretação de muitos editores franceses recentes (por exemplo, André Tournon e Jean Céard). Entretanto, parece-nos que aqui Montaigne se refere não exatamente a si próprio, mas à situação de não ter mais uma "forte amizade" como a que o ligava a La Boétie – justamente o tipo de relação que lhe permitiria escrever cartas melhores. Assim, "*s'il ne m'eus mieux succédé*" é entendido aqui como *algo triste que lhe sucedeu*, e não a *impossibilidade de realizar uma tarefa*.

31 Thibaudet: *comique et privé* = "*naturel et familier*" || Céard: *comique* = "[...]" || Balsamo: *comique* = "*familier*" || Costhek Abílio: "Tenho por natureza um estilo familiar e privado" || Simões: "Tenho por natureza um estilo familiar e privado" ||

Optamos por deixar "cômico e privado". Com a ressalva de que "cômico" não apareça aqui apenas no sentido de "engraçado", mas também no de ser "leve", "simples", "familiar", "pedestre". Tratando-se, portanto, de estilo, o termo "cômico" parece se opor aqui ao estilo "trágico" (que é elevado, aristocrático, e talvez mesmo empolado, etc.). Como se vê, as traduções em português tenderam a relevar a expressão "estilo cômico e privado", que está literalmente formulada no trecho, em prol do "estilo familiar e privado", mas nos pareceu desmedido retirar o sentido mais direto de cômico da metacrítica do texto.

32 A proliferação de cargos no século XVI é acompanhada de fórmulas decorosas de apresentação, encômios, loas – assim como a banalização das expressões de devotamento e adoração ("seu fiel servo", etc.).

33 Quando querem fazer sentir *nos textos* uma vontade mais expressa e mais respeitosa.

34 [**1595**]: falar seco, direto e cru ||

35 Costhek Abílio: "e onde minha alma caminha com grande alegria esqueço os procedimentos convencionais" || Simões: "e onde minha alma caminha com grande alegria, esqueço o modelo da conveniência" ||

O texto opõe estilisticamente o "caminhar da alma" com "os passos da continência", coisa que cuidamos por deixar explícita na tradução.

36 Nesse caso, devemos considerar o "a quem pertenço" da frase não apenas como relações afetivas mas também como as relações aristocráticas e familiares do Antigo Regime francês.

37 Isto é, faz mal à concepção que os outros têm de mim.

38 A "*civilité*" é o termo por excelência da condição de fidalgo, incorporando as regras de comportamento na corte e suas atitudes em geral.

39 O termo "impressores" em lugar de "editores" condiz melhor com o sistema de produção de livros no século XVI, diferente do sistema editorial nosso contemporâneo. Na época de Montaigne, o "editor" é, na verdade, o impressor-livreiro da obra (alguém que se ocupa dela também manualmente) e não alguém, como em nosso caso, que faz apenas sua curadoria intelectual.

40 O humanista italiano Aníbal Caro (1507-1566) obteve, ainda em vida, renome como poeta, tradutor e dramaturgo. Suas cartas, que descrevem o universo humanista da corte dos Farnese, foram reunidas e publicadas postumamente, em 1575 (reedições em 1581 e 1588, sempre em dois volumes).

41 No original, "*embabouiner*", com o sentido de levar alguém a fazer bobagem, é derivado de *babouin* [babuíno], donde a escolha aqui por "abestalhar".

42 No original, "*en poste*". O sentido é de "fazer de modo corrido" (Céard: "*à la hâte*"; Balsamo: "*à bride abattue*"), mas como *poste* também sugere o serviço postal a cavalo do século XVI, optamos por "galope".

43 Quer dizer, ditá-la a um secretário. Vê-se, no entanto, que esse procedimento é relativamente comum na sua correspondência administrativa, como vimos nesta antologia.

44 No sentido de acompanhar a linha de raciocínio.

45 Quer dizer, nunca as passo a limpo.

46 A disposição das manchas de texto de algumas cartas autógrafas de Montaigne, escritas em caráter administrativo, parece confirmar esse procedimento: a escrita não é enquadrada a partir de uma margem estabelecida ante os limites da página; a assinatura está de ponta-cabeça em relação ao sentido do texto, etc.

47 No que perco tempo demais com elas.

48 Em sentido literal aqui: dobrar e selar as cartas para o envio.

49 O assunto está encerrado.

50 No estilo típico de composição de uma carta no século XVI, devem aparecer, ao final do texto, geralmente de maneira bastante protocolar, os votos de saúde, as fórmulas de despedida ajustadas ao decoro e à hierarquia, etc.

51 No sentido de "prática" ou "modo de fazer".

52 A enumeração dos cargos, títulos e ordens dos destinatários, exigida pelo decoro.

53 No original, *broncher* tem o sentido de baixar os olhos ou a cabeça em sinal de vergonha.

54 Os cargos e os ofícios (como, por exemplo, os dos membros do *Parlements*) eram vendidos. A família de Montaigne pode ser incluída na lógica de proliferação venal de cargos e denominações, uma constante no reinados dos últimos Valois.

55 Note-se que, apesar dessa ressalva (trata-se aqui de um texto publicado a partir da edição de 1588), as três edições anteriores dos *Ensaios* traziam no frontispício "*chevalier*", "*gentilhomme*", "*maire*" e "*gouverneur*", cargos e ordens de Montaigne que ornam os paratextos na evolução das reedições, somente retirados em L'Angelier (1588). O que dá a essa frase final do ensaio, portanto, um caráter contraditório e fortemente autoirônico.

Referências

AUMALE, Henri d'Orléans. *Histoire des princes de Condé, pendant les XVIe et XVIIe siècles*. Paris: Calmann Lévy, 1885-1896.

BASCHI, Charles de. "Itinéraire des rois de France, depuis et compris Louis VII jusqu'à Louis XIV inclusivement". In: *Pièces fugitives pour servir à l'histoire de France*, tomo I, primeira parte. Paris: Chaubert; Hérissant, 1759.

BOUDOU, Bénédicte; KECSKEMETI, Judit. *La France des humanistes - Robert et Charles Estienne:* des imprimeurs pédagogues. Turnhout: Brepols, 2010.

BOSREDON, Philippe de. *Inventaire sommaire de la collection Périgord à la Bibliothèque Nationale*. Périgueux: Imprimerie de la Dordogne, 1890.

BUBENICEK, Michelle; FORONDA, François (dir.). *Doléances:* la plainte politique, voie de régulation des rapports gouvernés-gouvernants (XIIIe-XVIIIe siècle). Paris: École des Chartes, 2022.

CHAMPION, Maurice. *Les inondations en France depuis le VIe siècle jusqu'à nos jours*. Paris: Dunod, 1864.

COSTE, Laurent, *Les jurats de Bordeaux de 1550 à 1789*. Bordeaux: HISME-SAHCC-CGSO, 2008.

DE DOMINICIS, Claudio. *Membri del Senato della Roma Pontificia*. Senatori, Conservatori, Caporioni e loro Priori e Lista d'oro delle famiglie dirigenti, secc. X-XIX. Roma: Fondazione Marco Besso, 2009.

DEMAIZIÈRE, Colette. *La grammaire française au XVIe siècle* – Les grammairiens picards. Paris: Classiques Garnier, 2023 [2008].

DESGRAVES, Louis. *Inventaire des fonds Montaigne conservés à Bordeaux*. Paris: Classiques Garnier, 2022 [1995].

DOSQUET, Charles ; LAMOTHE, Leonce de. *Compte-rendu des travaux de la Commission des monuments historiques et des bâtiments civils du département de la Gironde pendant l'année 1854-55* (XVIe année). Paris: Libraire Archeologique Didron, 1855.

FURNO, Martine; MOUREN, Raphaëlle (dir.). *Auteur, traducteur, collaborateur, imprimeur… qui écrit ?* Paris: Classiques Garnier, 2012.

HUGUET, Edmond. *Dictionnaire de la langue française du seizième siècle* (7 v.). Genève: Slatkine, 2010 [1925-1967].

GEBELIN, François. *Le gouvernement du Maréchal de Matignon em Guyenne pendant les premières années du règne de Henri IV* (1589-1594). Bordeaux: Mounastre-Picamilii, 1912.

GODEFROY, Frédéric. *Dictionnaire de l'ancienne langue française et de tous ses dialectes du IXème au XVème siècle*. Paris: F. Vieweg, 1881.

GODEFROY, Theodore; GODEFROY, Denys. *Le ceremonial françois*. Paris: Sebastien et Gabriel Cramoisy, 1649.

GOUGENHEIM, Georges. *Grammaire de la langue française du seizième siècle*. Paris: Picard, 1994 [1974].

JOUANNA, Arlette. *La France du XVIe siècle 1483-1598*. Paris: PUF, 2009 [1996].

KECSKEMETI, Judit. *Fédéric Morel II. Editeur, traducteur et imprimeur*. Brepols: Turnhout, 2014.

LANGER, Ullrich; MELLET, Paul-Alexis (dir.). *Les remontrances* (Europe, XVIe-XVIIIe siècle). Textes et commentaires. Paris, Garnier: 2021.

LEGROS, Alain. *Montaigne manuscrit*. Paris: Garnier, 2010.

MIQUEL, Pierre. *Les Guerres de Religion*. Paris: Fayard, 1986.

PISTILLI, Barbara; SGATTONI, Marco. *La biblioteca di Montaigne*. Pisa: Edizione della Normale, 2014.

ZELLER, Gaston. *Les institutions de la France au XVIe siècle*. Paris: PUF, 1987 [1948].

PRIMÁRIAS

Archives historiques de la Gironde.

Archives Départementales de la Gironde.

BAÏF, Jan Antoine de. *Euvres en rime*. Edição de Marty-Laveaux. Paris: Alphonse Lemerre, 1883.

BARDYN, Christophe; SIX, Marilise (ed.). *Étienne de La Boétie*. Poésies complètes. Paris: Classiques Garnier, 2018.

CALLIÈRES, Jacques de. *Histoire du maréchal de Matignon*, gouverneur et lieutenant général pour le roy en Guyenne avec tout ce qui s'est passé de plus mémorable depuis la mort de François I[er] jusqu'à la fin des guerres civiles. Paris: Augustin Courbe, 1661.

CASTELNAU, Michel de. *Les mémoires de messire Michel de Castelnau, seigneur de* [...] auxquelles sont traitées les choses plus remarquables qu'il a vues et négotiées en France, Angleterre, Russe, soubs les rois François II et Charles IX, tant en temps de paix qu'en temps de guerre. Paris: Samuel Thiboust, 1621.

CHAMPOLLION-FIGEAC, Aimé-Louis. *Documents inédits tirés des collections manuscrites de la Bibliothèque Royale*. Paris: Firmin-Didot, 1843.

DARNAL, Jean. *Supplement des chroniques de la noble ville et cité de Bourdeaus*. Bordeaux: J. de Millanges et C. Mongiroud, 1620.

DAUSSY, Hugues. Montaigne et Duplessis-Mornay: les mystères d'une correspondance. *In: Montaigne Studies*, 2006, v. XVIII, p. 169-182.

DE GOURGUES, Alexis; LABAT, Gustave. Réflexions sur la vie et le caractère de Montaigne, publiées à l'occasion d'un manuscrit d'éphémérides de sa famille. *In: Recueil des actes de l'Académie impériale des Sciences, Belles-Lettres et Arts de Bordeaux*, ano XVII, 1855, p. 530-544.

DELPIT, Jules. *Courrier de la Gironde*. 21 jan. 1856, p. 1, col. 2-3-4 (Bibliothèque municipale de Bordeaux, grand format, p. 332).

DETCHEVERRY, Arnaud. *Histoire des israélites de Bordeaux*. Bordeaux: Balarac Jeune, 1850.

DUPLESSIS-MORNAY, Philippe. *Mémoires et correspondance*, 3 tomos. Genève: Slatkine, 1969 [1824-1825].

DUPLESSIS-MORNAY, Philippe de. *Mémoires et correspondance de Duplessis-Mornay*. Tomo segundo. Ecrits politiques et correspondance (1571-1584). Paris: Treuttel et Würtz, 1824.

DUPLESSIS-MORNAY, Philippe de. *De la verité de la religion chrestienne contre les athées*, epicuriens, payens, juifs, mahumedistes, et autres infideles. Antwerp: C. Plantin, 1581.

ESTIENNE, Henri. *Apologie pour Hérodote*, 2 v., P. Ristelhuber (ed.). Paris: Isidore Lisieux, 1879.

FEUILLET DE CONCHES, Félix-Sébastien. *Causeries d'un curieux*. Variétés d'histoire et d'art tirées d'un cabinet d'autographes et de dessins. Paris: Plon, 3 tomos, 1862-1864.

FEUILLET DE CONCHES, Félix-Sébastien. *Lettres inédites de Michel de Montaigne et quelques autres personnages pour servir à l'histoire du XVIe siècle*. Paris: Plon, 1863.

BRIET, Guillaume, *Explication de deux questions politiques touchant la peste*, l'une si elle est contagieuse, l'autre, si le devoir du chrétien permet de se retirer du lieu où elle est et comme on s'y doit comporter, par M. Guillaume Briet, docteur médecin ordinaire de la ville. Bordeaux: Simon Millanges, 1599.

GAUFRETEAU, Jean de. *Chronique bordelaise*, 2 v. Bordeaux: Société des Bibliophiles de Guyenne, 1876-1878.

HENRI IV. *Recueil des lettres missives de Henri IV*. Edição de Jules Berger de Xivrey. Paris: Imprimerie Royale, 1843-1858, 7 v.

MESMES, Henri de. Contre La Boétie. In: GONTARBERT, Nadia (ed.). *La Boétie*. De la servitude volontaire ou contr'un. Paris: Gallimard, 1993, p. 191-211.

GAULLIEUR, Ernest. *Histoire du Collège de Guyenne*. Paris: Sandoz et Fischbacher, 1874.

HOMERO. *Odisseia*. Trad. de Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

JUBINAL, Achille. *Une lettre inédite de Montaigne*, accompagné de quelques recherches à son sujet. Paris: Didron, 1850.

LA BOÉTIE, Estienne de. *Œuvres Complètes de Estienne de la Boétie*. Paul Bonnefon (ed.), G. Bordeaux: Gounouilhou; J. Rouam: Paris, 1892.

L'HOSPITAL, Michel de. *Œuvres Complètes*. Précédées d'un essai sur sa vie et ses ouvrages par P.J.S. Dufey. Genebra: Slatkine Reprints, 1968 [1824-1826].

L'HOSPITAL, Michel de. *Poésies complètes du Chancelier Michel de L'Hospital*. Première traduction annotée et précédée d'un nouvel essai sur l'esprit de L'Hospital par Louis Bandy de Nalèche. Paris: Librairie de L. Hachette, 1857.

LIPSIUS, Justus. *Epistolae*, 1ª parte (1564-1583). A. Gerlo, M. A. Nauwelaerts e H. D. L. Vervliet (ed.). Bruxelas: Académie Royale, 1978.

LIPSIUS, Justus. *Epistolae*. 3ª parte (1588-1590). Sylvette Sué e Hugo Peeters (ed.). Bruxelas: Académie Royale, 1987.

LIPSIUS, Justus. *Politicorum siue ciuilis doctrinae libri sex*. Qui ad principatum maximè spectant. Additae Notae auctiores, tum & De vna religione liber. Omnia postremò auctor recensuit. Antuérpia ex officina Plantiniana, *apud* uiduam, & Ioannem Moretum, 1596.

LOISEL, Antoine. *Amnestie ou de l'oubliance des maux faicts et receus pendant les troubles et à l'occasion d'iceux*. Paris: Abel Langelier, 1595.

LUCINGE, René de. *Lettres de 1588*. James Supple (ed.). Genebra: Droz, 2006.

LURBE, Gabriel de. *De viris illustribus Aquitaniae*. Bordeaux: Simon Milanges, 1594.

LURBE, Gabriel de; DARNAL, Jean. *Chronique bourdeloise composée cy-devant en latin par Gabriel de Lurbe*. Depuis continuée et augmentée par Jean Darnal... jusqu'en l'année présente. Bordeaux: Millanges, 1619.

MACE, Antonin. Lettre inédite de Montaigne, *Journal général de l'instruction publique*, v. 15, nº 89 (4 nov. 1846), p. 763-764.

MACHIAVELLI, Niccolo. *Tutte le opere*. Mario Martelli (ed.). Florença: Sansoni, 1971.

MACHIAVELLI, Niccolo. *O príncipe*. Ed. bilíngue. São Paulo: Editora 34, 2019.

MONTAIGNE, Michel de. *Œuvres complètes*. Albert Thibaudet e Maurice Rat (ed.). Paris: Gallimard, 1962 [Bibliothèque de la Pléiade].

MONTAIGNE, Michel de. *Lettere*, con testo originale e traduzione a fronte. Alberto Frigo (ed.). Milão: Mondadori, 2010.

MONTAIGNE, Michel de. *Lettres de Montaigne*. Edição de Alain Legros segundo três modos. Bibliothèques Virtuelles Humanistes, 2013. Disponível em: www.bvh.univ-tours.fr. Acesso em: 25 ago. 2023.

MONTAIGNE, Michel de. *Journal de voyage en Italie* (1774). Texto estabelecido e apresentado por Philippe Desan. Paris: Société des Textes Français Modernes; Classiques Garnier, 2014.

MONTAIGNE, Michel de. *Journal de voyage de Michel de Montaigne*. Edição apresentada, estabelecida e anotada por François Rigolot. Paris: PUF, 1992.

MONTAIGNE, Michel de. *Journal de voyage*. Partie en italien. Elisabeth Schneikert & Lucien Vendrame (ed.). Paris: Classiques Garnier, 2012.

MONTAIGNE, Michel de. *Journal du voyage de Michel de Montaigne en Italie*, par la Suisse et l'Allemagne, en 1580 et 1581. Alessandro D'Ancona (ed.). Città di Castello: S. Lapi, 1889.

MONTAIGNE, Michel de. *The complete works*. Tradução de Donald M. Frame. Toronto; Nova York: Everyman's Library, 2003 [1943].

OLIVIER, Millet. *La première réception des* Essais *de Montaigne* (1580-1640). Paris: Classiques Garnier, 1995.

PAYEN, Jean-François. Recherches sur Michel de Montaigne. Correspondance relative à sa mort. *Bulletin du Bibliophile et du Bibliothécaire*. Paris, 1862, p. 1291-1311.

PAYEN, Jean-François. *Documents inédits ou peu connus sur Montaigne*. Paris: J. Techener, 1847.

PAYEN, Jean-François. *Nouveaux documents inédits ou peu connus sur Montaigne*. Paris: P. Jannet, 1850.

PAYEN, Jean-François. *Nouveaux documents ou peu connus sur Michel Montaigne* 2. Paris: Jannet, 1850.

PAYEN, Jean-François. *Documents inédits sur Montaigne*. Paris: Jannet, 1855.

PAYEN, Jean-François. *Recherches sur Montaigne* - documents inédits. Paris: J. Techener, 1856.

PAYEN, Jean-François. Lettre inédite de Montaigne. *Bulletin du Bibliophile*, VII[a] série (1845-1846), p. 1003-1009.

RONSARD, Pierre de. *Œuvres complètes*. P. Blanchemain (ed.). Paris: Jannet, 1857.

SEBOND, Raymond. *Théologie naturelle / Theologia naturalis*. Edition crítica bilíngue. Trad. Michel de Montaigne. Alberto Frigo (ed.). Paris: Classiques Garnier, 2022.

SÊNECA. *Tratado sobre a clemência*. Trad. Ingeborg Braren. Petrópolis: Vozes, 2013.

SECUNDÁRIA

ALMQUIST, Katherine. Montaigne judging with Henri de Mesmes (May-June 1565). *Montaigne Studies*, v. XVI, 2004, p. 37-40.

ANATOLE, Christian. De Montaigne et de la justice. *Littératures* 22, 1975, p. 13-29.

ARAÚJO, Sergio Xavier Gomes de. A vivência de si nos *Ensaios* de Montaigne e o culto humanista da glória. *Conhecimento & Diversidade*, n.1. Niterói: jan./jun. 2009, p. 98 – 109.

ARMOGATHE, Jean-Robert. Montaigne, ciuis romanus, documents inédits de l'Archivio Storico Capitolino. In: *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*. v. 158, nº 1 (2014), p. 61-66. Revisto e reimpresso in: DESAN, Philippe (org.). *Montaigne à l'étranger*. Paris: Classiques Garnier, 2016, p. 305-313.

AZAR FILHO, Celso Martins. La notion de réformation chez Montaigne. In: FERRARI, Emiliano; GONTIER, Thierry; PANICHI, Nicola (org.). *Montaigne, penser en temps de Guerres de Religion*. Paris: Garnier, 2022, p. 149-164.

AZAR FILHO, Celso Martins. Les cannibales et la loi naturelle. In: ARNOULD, Jean-Claude; FAYE, Emmanuel (org.). *Rouen 1562*. Montaigne et les cannibales. Publications numériques du CÉRÉdI, Actes de colloques et journées d'étude, n° 8, 2013. Disponível em: http://ceredi.labos.univ-rouen.fr/public/?les-cannibales-et-la-loi-naturelle.html. Acesso em: 25 ago. 2023.

AZAR FILHO, Celso Martins. Le premier chapitre des *Essais*. *Bulletin de la Société Internationale des Amis de Montaigne*, v. 37-38. Paris, 2005, p. 15-30.

BALSAMO, Jean. Um gentilhomme et ses patrons: remarques sur la biographie politique de Montaigne. In: DESAN, P. (dir.), 2006, p. 223-242.

BALSAMO, Jean. Montaigne, le «sieur de Poiferré» et la comtesse de Guiche: documents nouveaux. *Montaigne Studies*, v. XVI, nº 1-2, 2004a, p. 75-79.

BALSAMO, Jean. Montaigne, Cyprien de Poyferré et les sonnets de La Boétie. In: TETEL, Marcel (org.). *Étienne de la Boétie*. Sage révolutionnaire et poète périgourdin. Paris: Classiques Garnier, 2004b, p. 365-384.

BALSAMO, Jean. *La parole de Montaigne*. Torino: Rosenberg & Sellier, 2019.

BARANOVA, Tatiana. Préparer la guerre dans l'incertitude: le cas de la *Déclaration du roy de Navarre contre les calomnies publiées es protestation de ceux de la Ligue* (1585). *Les Dossiers du Grihl*, v. 11, nº 1, 2017.

BARRY, Stéphane; FAURÉ, Marie. *Préservez-nous du mal!*: les Bordelais face à la peste: XIVe-XVIIIe siècles. Saint Macaire: Memoring, 2021.

BEGUIN, Katia. *Les princes de Condé* – rebelles et mécènes dans la France du Grand Siècle. Seyssel: Champ Vallon, 1999.

BLUM, Claude (ed.). *Montaigne*: apologie de Raimond Sebond – de la Théologia à la théologie. Paris: Honoré Champion, 1990.

BLUM, Claude. De la "Lettre sur la mort de La Boétie" aux *Essais*: allongeait ou répetition ?. *Revue d'Histoire littéraire de la France*, nº 5, 1988, p. 934-943.

BOASE, Alan M. *The fortunes of Montaigne*: A history of the *Essays* in France, 1580-1669. Nova York: Octagon, 1970.

BONNEFON, Paul. Une œuvre inconnue de La Boétie: les "Mémoires sur l'Édit de janvier 1562". *Revue d'Histoire Littéraire de la France*, 24e Année, nº 1, 1917, p. 1-33.

BONNEFON, Paul. *Montaigne et ses amis*. La Boétie. Charron. Mlle. de Gournay. Paris: Armand Colin, 1898.

BONNEFON, Paul. *Montaigne* – l'homme et l'œuvre. Bordeaux; Paris: G. Gounouilhou; J. Rouam & Cie, 1893.

BONNET, Pierre. Montaigne et la peste de Bordeaux. In: BLUM, Claude; MOREAU, François (ed.). *Etudes montaignistes en hommage à Pierre Michel*. Genebra: Slaktine, 1984. p. 59-67.

BOUTCHER, Warren. *The school of Montaigne in Early Modern Europe*, 2 v. Oxford: Oxford University Press, 2017.

BOUTCHER, Warren. La citoyenneté romaine de Montaigne: la supplica des archives dans son contexte. In: DESAN, Philippe (ed.). *Montaigne à l'étranger*. Paris: Classiques Garnier, 2016, p. 293-304.

BURKE, Peter. *Montaigne*. Trad. de Jaimir Conte. São Paulo: Loyola, 2006.

CAVALLINI, Concetta. Le manuscrit original des *Voyages* de Montaigne deux siècles et demi après sa découverte. In: DESAN, Philippe (org.). Montaigne et la philosophie politique. *Montaigne Studies*. An Interdisciplinary Forum, n° 28, p. 201-212, 2016.

CARROLL, Stuart. *Martyrs and murderers. The Guise family and the making of Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

CHARAVAY, Etienne. *Faux autographes*. Affaire Vrain-Lucas. Paris: Charavay; Dentu & Lemerre, 1870.

CLAUSSEN, Emma. *Politics and "politiques" in sixteenth-century France*: a conceptual history. Nova York: University of Cambridge Press, 2021.

COCULA, Anne-Marie. De la présence à l'absence: Marguerite de La Boétie dans l'œuvre de Montaigne. In: *Montaigne Studies* 8, p. 35-46, 1996.

COCULA, Anne-Marie. *Étienne de La Boétie et le destin du* Discours de la servitude volontaire. Paris: Classiques Garnier, 2018.

COCULA, Anne-Marie. Jurade de Bordeaux. In: DESAN, Philippe, 2007a, p. 632-633.

COCULA, Anne-Marie. Phare de Corduan. In: DESAN, Philippe, 2007b, p. 907-908.

COLE, John R. Montaigne's dead babies. *Montaigne Studies*, v. XII, p. 166-184, 2000.

CONSTANT, Jean-Marie. *La Ligue*. Paris: Fayard, 1996.

CONSTANT, Jean-Marie. *Les Guise*. Paris: Hachette, 1984.

COOPER, Richard. La correspondance politique de Montaigne. In: DESAN, Philippe. *Montaigne politique*. Paris: Honoré Champion, 2006, p. 305-328.

COOPER, Richard. Montaigne dans l'entourage du maréchal de Matignon. *Montaigne Studies*, v. XIII, p. 99-140, 2001.

COSTE, Laurent. Bordeaux et la peste dans la première moitié du XVIIe siècle. *Annales du Midi. Revue archéologique, historique et philologique de la France méridionale*, tomo 110, nº 224, 1998.

D'ANGELO, Paolo. *Ars est celare artem*. Da Aristotele a Duchamp. Roma: Quodlibet, 2014.

DAUSSY, Hugues. Mornay, Philippe de, seigneur du Plessis-Marly, dit Duplessis-Mornay. In: DESAN, 2007, p. 793-794.

DAUSSY, Hugues; GOURDIN, Pierre. Livres et papiers de Philippe Duplessis-Mornay: le destin de la «petite bibliothèque» et du chartrier de La Forêt-sur-Sèvre. *Bulletin de la Société de l'Histoire du Protestantisme Français* (1903-2015), v. 147, p. 629-653, out.-nov.-dez. 2001.

DAUSSY, Hugues; FERRER, Véronique (dir.). *Servir Dieu, le Roi et l'État*. Philippe Duplessis-Mornay (1549-1623). Paris: Honoré Champion, 2006.

DEGEORGE, Léon. *La Maison Plantin à Anvers*. Paris: Firmin-Didot, 1886.

DEMONET, Marie-Luce. *Michel de Montaigne*. Les Essais, Paris: PUF, 2002.

DEMONET, Marie-Luce. Le Politique «nécessaire» de Montaigne. In: DESAN, Philippe. *Montaigne politique*. Paris: Classiques Garnier 2006, p. 17-37.

DESAN, Philippe (dir.). *Montaigne politique*. Paris: Classiques Garnier, 2006.

DESAN, Philippe. *Montaigne* – une biographie politique. Paris: Odile Jacob, 2014.

DESAN, Philippe. *The Oxford Handbook of Montaigne*. Oxford: Oxford University Press, 2016.

DESAN, Philippe. *Dictionnaire de Michel de Montaigne*. Paris: Honoré Champion, 2007.

DESAN, Philippe. *Dictionnaire Montaigne*. Paris: Classiques Garnier, 2018.

DESAN, Philippe. *Montaigne dans tous ses états*. Fasano: Schena, 2001.

DESAN, Philippe. *Les commerces de Montaigne*: le discours économique des Essais. Paris: Nizet, 1992.

DESAN, Philippe. *Montaigne*: penser le social. Paris: Odile Jacob, 2018.

DESAN, Philippe. La place de La Boétie dans *Les Essais* ou l'espace problématique du chapitre 29. In: Zoé Samaras (org.). *Montaigne*: espace, voyage, écriture. Paris: Classiques Garnier, 1995, p. 181-189.

DOTOLI, Giovane. Montaigne et la politique de la langue. In: Desan, Philippe (dir.). *Montaigne politique*. Paris: Classiques Garnier, 2006, p. 391-411.

DRAPEAU, Samuel. L'hôpital-prieuré Saint-Jacques de Bordeaux. *Bulletin Monumental*, 2015, 173-1, p. 39-49.

ECCLES, William J. *Frontenac* – the courtier governor. Lincoln; Londres: University of Nebraska Press, 2003 [1959].

FATTORI, Marta; BIANCHI, Massimo (ed.). *Phantasia-imaginatio*. Rome: Edizioni dell'Ateneo, 1988.

FRAME, Donald M. *Montaigne*: a biography. Nova York: Harcourt; Brace & World, 1965.

FRAME, Donald M. New light on Montaigne's trip to Paris in 1588. *The Romanic Review*, v. 51, nº 3, p. 161-181, 1960.

FRIGO, Alberto, Signori, ho ricevuto la vostra lettera...: la corrispondenza di Montaigne tra politica e scrittura. In: MONTAIGNE, Michel de. *Lettere*. Alberto Frigo (ed.). Milão: Mondadori, 2010.

FUMAROLI, Marc. Genèse de l'épistolographie classique – rhétorique humaniste de la lettre, de Pétrarque à Juste Lipse. In: FUMAROLI, Marc. *La République des Lettres*. Paris: Gallimard, 2015 [artigo de 1978], p. 338-361.

GERBER, Douglas E. *Pindar's Olympian One*: a commentary. Toronto: University of Toronto Press, 1982.

GRAY, Floyd. *Montaigne bilingue*. Le Latin des Essais. Paris: Honoré Champion, 1991 (Garnier, reimpressão online de 2006).

GRÜN, Alphonse. *La vie publique de Michel de Montaigne*. Paris: Librairie d'Amyot, 1855.

GUERRIER, Olivier. Fantasmes – Fantasie. In: DESAN, Philippe (ed.), 2007, p. 722-726.

HANLEY, Sarah. *Le lit de justice des rois de France*. Paris: Aubier, 1991.

HOFFMAN, George P. Was Montaigne a good friend?. In: SEIFERT, Lewis C.; WILKIN, Rebecca M. (ed.). *Men and women making friends in Early Modern France*. Farnham: Ashgate, 2015, p. 31-60.

HOFFMAN, George P. *Montaigne's Career*. Oxford: Clarendon Press, 1998.

HOFFMAN, George P. "Portrayal from Life, or to Life? The Essais's Living Effigy", *French Forum*, vol. 25, nº 2, 2000, p. 145-163.

HOFFMAN, George P. Le roi «débonnaire»: Duplessis-Mornay, Montaigne et l'image de Henri de Navarre en 1583-1584. In: DESAN, Philippe. *Montaigne politique*. Paris: Classiques Garnier, 2006, p. 289-304.

HOLT, Mack. *The French Wars of Religion, 1562-1629*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

HUCHON, Mireille. Monstrances montaignistes pour reliques boétiennes. In: BALSAMO, Jean; GRAVES, Amy (dir.). *Global Montaigne*. Mélanges en l'honneur de Philippe Desan. Paris: Classiques Garnier, 2020, p. 103-116.

JEHASSE, Jean. *La renaissance de la critique*. L'essor de l'humanisme érudit de 1560 à 1614. Paris: Classiques Garnier, 2007 [2002].

JOUANNA, Arlette. *Montaigne*. Paris: Gallimard, 2017.

JOUANNA, Arlette. *La Saint-Barthélemy* – Les mystères d'un crime d'État, 24 août 1572. Paris: Gallimard, 2007.

JULIA, Dominique. Bordeaux, collège de la Madeleine, collège de plein exercice. Supprimé en 1772. In: COMPÈRE, Marie-Madeleine; JULIA, Dominique (ed.). *Les collèges français, 16e-18e siècles*. Répertoire 1. France du Midi. Paris: Institut National de Recherche Pédagogique, 1984, p. 148-156.

KER, James. *The Deaths of Seneca*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

KNECHT, Robert. *The French Civil Wars, 1562-1598*. Londres: Routledge, 2000.

LABANDE, Léon-Honoré. Correspondance de Montaigne avec le marechal de Matignon (1582-1588). *Revue du Seizième siècle*, t. 4, fasc. 1/2, p. 1-15, 1916.

LA CHARITE, Claude. Typologie des lettres de Montaigne d'après l'*Epistolica Institutio* (1591) de Juste Lipse. *Nouveau Bulletin de la Société Internationale des Amis de Montaigne*, v. 1, nº 67, p. 211-227, 2018.

LAFONT, Robert. Montaigne et l'ethnotype gascon. *Bulletin de la Société des Amis de Montaigne*, série IV, nº 15, p. 12-16, 1968.

LANDTSHEER, J. G. de. Michel de Montaigne, Marie de Gournay and Justus Lipsius. Some overlooked particulars preserved at Leiden University Library. In: SMITH, P. J.; ENENKEL, K. A. E. (ed.). *Montaigne and the Low Countries* (1580-1700). Leiden; Boston: Brill, 2007.

LAVAUD, Sandrine. La palu de Bordeaux aux XVe et XVIe siècles. *Annales du Midi. Revue archéologique, historique et philologique de la France méridionale*, t. 114, n° 237, p. 25-44, 2002.

LEGROS, Alain. Jésuites ou Jésuates? Montaigne entre science et ignorance. *Montaigne Studies*, v. XV, p. 131-146, 2003.

LEGROS, Alain. Montaigne politique malgré lui. Réticences et aveux. In: DESAN, Philippe (dir.). *Montaigne politique*. Paris: Classiques Garnier, 2006. p. 113-126.

LEGROS, Alain. "Les "Massacres à Bourdeaux, cause possible de l'éviction tardive de la "Servitude volontaire" des *Essais* de Montaigne. *Bulletin de la Société Internationale des Amis de Montaigne*. 2022 – 2, n° 75, v. 2, p. 37-47, 2022.

LE PAUMIER, Claude Stéphen. *Julien Le Paulmier*, docteur régent de la Faculté de médecine de Paris, médecin du roi Henri III et de François, duc d'Anjou. Paris: Mémoires de la Société de l'Histoire de Paris et de l'Île-de-France, t. XXI, 1894.

LE PERSON, Xavier. "Les larmes du roi": sur l'enregistrement de l'Édit de Nemours le 18 juillet 1585. *Histoire, Économie et Société*, v. 17, nº 3, p. 353-376, 1998.

LOSADA GOYA, José Manuel. Les mots bizarre, bizarrerie, bizarro, bizarria, et leur valeur heuristique dans la critique française et espagnole du XVIIe siècle. In: PICCIOLA, Liliane (ed.). *Baroque ou bizarre? Avatars de la bizarrerie aux xvie et xviie siècles*: France, Espagne, Italie. Paris: Presses Univ. de Paris Ouest, 2016, p. 59-73.

LYONS, John D. *Before Imagination* – embodied thought from Montaigne to Rousseau. Stanford: Stanford University Press, 2005.

MAGNIEN, Michel. Trois lettres de Lipse à Montaigne (1587 [?] - 1589), *Montaigne Studies*, v. 16, p. 103-111, 2004.

MAGNIEN, Michel. Montaigne & Juste Lipse: une double méprise? In: MOUCHEL, Christian (dir.). *Juste Lipse en son temps* (1547-1606). Paris: Honoré Champion, 1996, p. 423-452.

MAGNIEN, Michel. Montaigne encomiaste: les lettres-préfaces à la *Mesnagerie de Xénophon* et aux *Vers François* de La Boétie. In: DESAN, Philippe; KNOP, Déborah; PERONA, Blandine. *Montaigne:* une rhétorique naturalisée?. Paris: Honoré Champion, 2019, p. 23-44.

MAGNIEN-SIMONIN, Catherine. *Loisel, Antoine*. In: DESAN, Philippe (dir.), 2007, p. 696-697.

MAGNIEN-SIMONIN, Catherine. Nostre theologie crestienne est de mesme opinion: Jean-Pierre de Mesmes, son épithalame christianisé de Henri de Mesmes et de Jeanne Hennequin (13 juin 1552), com comentários, e uma ode de Du Bellay. In: LECOINTE, Jean *et al*. (dir.). *Devis d'amitié mélanges en l'honneur de Nicole Cazauran*. Paris: Classiques Garnier, 2007 [2002].

MARCHAND, Romain. *Henri de La Tour* (1555-1623): affirmation politique, service du roi et revolte. Paris: Classiques Garnier, 2020.

MCKINLEY, Mary. Montaigne on Women. In: DESAN, Philippe (dir.), 2016, p. 582-599.

MENIEL, Bruno. Une remontrance d'Antoine Loisel. De l'œil des rois et de la justice (1582). In: LANGER, Ullrich; MELLET, Paul-Alexis (dir.). *Les remontrances* (Europe, XVI -XVIII siècle). Textes et commentaires. Paris: Classiques Garnier, 2021, p. 149-178.

MELLET, Paul-Alexis. *Les remontrances*: discours de paix et de justice en temps de guerre Une autre histoire des guerres de religion (France, v. 1557-v. 1603). Paris: Cahiers d'Humanisme et Renaissance, Droz, 2022.

MILLET, Olivier. La génération des guerres de religion et son catholicisme moderne. À propos de la lettre de Montaigne sur la mort de La Boétie. In: FERRARI, Emiliano; GONTIER, Thierry; PANICHI, Nicola (dir.). *Montaigne*, penser en temps de guerres de Religion. Paris: Classiques Garnier, 2022, p. 283-299.

MONFERRANT, Jean-Charles. Le dictionnaire " tout à part [s]oi de Montaigne": Quelques remarques sur les mots des métiers et les mots paysans dans les Essais. In: CÉARD, Jean; GIACONE, Franco (dir.). *La langue de Rabelais et la langue de Montaigne*. Paris: Droz, 2009.

MOSS, Ann. Vision fragmentée et unitaire: les *Politiques* et les recueils de lieux communs. In: MOUCHEL, Christian (dir.). *Juste Lipse en son temps* (1547-1606), 1996, p. 471-478.

NAKAM, Géralde. *Estienne de La Boétie, mémoire sur la pacification des troubles*. *Bulletin de l'Association d'Étude sur l'Humanisme, la Réforme et la Renaissance*, n° 20, 1985, p. 62-66.

NAKAM, Géralde. *Montaigne et son temps*. Les évènements et les *Essais*. Paris: Gallimard, 1993.

NAKAM, Géralde. *Montaigne – La manière et la matière*. Paris: Klincksieck, 1991.

NAKAM, Géralde. Montaigne manièriste. *Revue d'Histoire Littéraire de la France*, nº 6, p. 933-957, nov.-dez. 1995.

O'BRIEN, John. De l'Oeconomicus à La Mesnagerie: La Boétie et Xénophon. In: TETEL, Marcel. *Étienne de La Boétie sage révolutionnaire et poète périgourdin*. Paris: Honoré Champion, 2004, p. 45-62.

OLIVEIRA, Sheila Elias de. Cidade, ville, cité: três percursos lexicográficos. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, nº 23/24, p. 37-55, 2009.

Pérouse, Gabriel. "La Lettre sur la mort de La Boétie et la première conception des Essais", *Acta Universitatis Lozdínensis* 8, 1982, p. 102-123.

PONCET, Olivier. *Pomponne de Bellièvre* (1529-1607). Un homme d'État au temps des Guerres de Religion. Paris: École des Chartes, 1998.

RAT, Maurice. Introduction. In: MONTAIGNE, M. De. *Journal de voyage en Italie par la Suisse et l'Allemagne en 1580 et 1581*. Paris: Garnier Frères, 1955.

REES, Agnès. Poétiques de la "vive représentation" de Marco Girolamo Vida (1527) à Jacques Peletier du Mans (1555). *Italique*, XII, p. 93-122, 2009.

RICCI, Maria Teresa. La grâce et la sprezzatura chez Baldassar Castiglione. *Bibliothèque d'Humanisme et Renaissance*, t. 65, nº 2, p. 233-248, 2003.

ROMERO, Sérgio. A tradução da *Olímpica* I de Píndaro: de José Bonifácio a considerações sobre a performance ritual. In: *Cadernos De Literatura Em Tradução*, 15, p. 25-44, 2015.

SADOUILLET-PERRIN, Alberte. Joseph Prunis, une vocation ambiguë. In: *Bulletin de la Société Historique et Archéologique du Périgord*, tomo 109, 2ª edição, p. 119-150, 1982.

SCHIFFMAN, Zachary S. Montaigne and the rise of skepticism in Early Modern Europe: a reappraisal. *Journal of the History of Ideas*, v. XLV, nº 4, 1984.

SIMONIN, Michel. Françoise (De La Chassaigne) et son Michel: du ménage chez Montaigne. In: LECERCLE, François; PERRIER, Simone (dir.). *La poétique des passions à la Renaissance. Mélanges offerts à Françoise Charpentier*, 2001, p. 155-170.

SIMONIN, Michel. L'*Encre et la lumière*: quarante-sept articles (1976-2000), Genève: Droz, 2004.

SIMONIN, Michel. La disgrace d'Amadis. In: M. Simonin, 2004b, p. 189-234.

SIMONIN, Michel. Montaigne et les Feuillants. *Revue d'Histoire Littéraire de la France*, 970 ano, n. 4, 1997, p. 523-549.

SIMONIN, Michel. Rhetorica ad lectorem: Lecture de l'avertissement des Essais. *Montaigne Studies*, v. I, 1989, p. 61-72.

SMITH, Pauline. *The anti-courtier trend in sixteenth century French literature*. Genebra: Droz, 1966.

STAROBINSKI, Jean. *Montaigne en mouvement*. Paris: Gallimard, 1982.

STAROBINSKI, Jean. *Montaigne em movimento*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

TRINQUET, Roger. Lettre sur la mort de La Boétie ou Lancelot de Carle inspirateur de Montaigne. In: Jean Pommier (dir.). *Mélanges d'histoire littéraire*: XVIe-XVIIe siècle offerts à Raymond Lebègue par ses collègues, ses élèves et ses amis. Paris: A.-G. Nizet, 1969.

TRINQUET, Roger. Un voisin et ami de Montaigne, le capitaine Roux. *Bibliothèque d'Humanisme et Renaissance*, v. XVI-1, p. 96-107, 1954.

TRINQUET, Roger. Montaigne et le marechal de Matignon. *Bulletin de la Société des Amis de Montaigne*, p. 223-245, abr.-set. 1975.

TRINQUET, Roger. Quand Montaigne défendait les privilèges des vins de Bordeaux. *Revue Historique de Bordeaux*, v. 5, nº 4, p. 263-266, 1956.

TRINQUET, Roger. La réélection de Montaigne à la mairie de Bordeaux en 1583. *Bulletin de la Société des Amis de Montaigne*, nº 10-11, p. 17-35, 1974.

TRINQUET, Roger. En Marge des Essais: La vraie figure de Madame d'Estissac ou les pièges de l'homonymie. *Bibliothèque d'Humanisme et Renaissance*, v. 18, nº 1, p. 23-36, 1956.

VAISSIERE, Pierre de. *Messieurs de Joyeuse* (1560-1615). Paris: Albin Michel, 1926.

VEDERE, Xavier. Deux ennemis de Montaigne, le sénéchal Merville et le capitaine Vaillac. *Revue Historique de Bordeaux*, v. 36, p. 88-97, 1943.

VOET, Leon. T*he golden compasses*: the history of the house of Plantin-Moretus. Amsterdam: Vangendt & Co; Londres: Routledge & Kegan Paul; Nova York: Abner Schram, 1969-1972 (2 v.).

WANEGFFELEN, Thierry (dir.). D*e Michel de l'Hospital à l'Edit de Nantes*. Politique et religion face aux églises. Clermont-Ferrand: Presses Universitaires de Clermont-Ferrand, 2002.

WAGNER, Marie-France. L*es entrées royales et solennelles du règne d'Henri IV dans les villes françaises*, 2 v. Paris: Classiques Garnier, 2010.

Index

Remetentes e destinatários das cartas mais as pessoas nestas nomeadas: as entradas seguem a forma como os nomes são grafados no texto das cartas, e em parênteses identificamos as pessoas referidas (quando esse detalhamento é possível e necessário para a compreensão das cartas ou o esclarecimento do seu contexto histórico):

Arsac, *mademoiselle* d' (Jacquette d'Arsac): 50, 51

Arsac, *monsieur* d' (Gaston d'Arsac): 50, 51

Aymon: 190, 191

Beauregard, *monsieur* de (Thomas de Beauregard): 50, 51, 52, 53

Bellièvre, *monsieur* de (Pomponne de Bellièvre): 290, 291, 302, 303, 329, 338, 348, 349, 563

Belot, *monsieur* de (Jean de Belot): 22, 54, 55, 67, 68, 70, 71

Birague, *monsieur* de (Carlo Birague): 322, 323,

Biron, *maréchal* de (Armand de Gontaut): 216, 260, 354, 502, 503, 506, 507, 520

Bissouse, *monsieur* de (Raymond de Bissouse): 406, 408, 409,

Bordeaux, *monsieur* de (Antoine Prevost de Sansac): 500, 501

Brigneux, *mademoiselle* de (Anne de Taillefer): 550, 552, 553

Brissac, *monsieur* de (Charles II de Cossé): 504, 505

Budos: 356, 358, 357, 359

Bouillhonnas, *monsieur* de (Étienne de La Boétie): 36, 37

Bussy, *seigneur* de (Louis Guibert): 362, 363

Castelnau: 290, 291

Celso: 186, 187

Charles IX: 134, 147, 278, 279

Claveau, Jean: 262, 264, 263, 265, 280, 281, 353, 356, 358, 357, 359, 365

Clervant, *monsieur* de (Claude-Antoine de Vienne): 320, 321, 348, 349, 418, 419

Cursol, Guillaume de: 224, 226, 227, 234, 235, 256, 257, ,

d'Achard, Marie: 262, 263

d'Alesme (Dalesme), Geoffroy: 262, 263, 264, 265, 280, 281, 310, 311

d'Aubeterre, *monsieur* (David Bouchard d'Aubeterre): 550, 552, 553

d'Escars, François de Peyrusse: 36, 37

d'Eymar, Joseph: 472, 474, 475

d'Uza, *monsieur* (Louis de Lur): 502, 503

De Pontac: 262, 263

Desaigues (escrivão): 224, 226, 227, 236, 237

Destivals, Richard (escrivão): 224, 234, 235, 260, 262, 263, 264, 265

Du Ferrier, *monsieur* (Arnaud Du Ferrier): 418, 419, 428, 429, 464, 466, 467

Dubois, Pierre: 259, 260, 262, 263

Dupérier, Pierre: 224, 226, 227

Duplessis-Mornay, Philippe: 285, 287, 296, 295, 297, 299, 308, 325, 331, 345

Dupuy, Claude: 373, 374, 376, 377

Duras, *madame* de (Marguerite d'Aure de Gramont): 181, 182, 184, 600

Dusault, Charles: 262, 263, 264, 265

Elbeuf, *monsieur* de (Charles I, *duc* de Elbeuf ou Elboeuf): 498, 504, 505

Épernon, *monsieur* de (Jean-Louis de Nogaret de La Valette): 386, 387

Estienne, *monsieur*: 86, 87, 115, 136, 137, 158, 159, 620, 622, 623

Estissac, *madame* de (Louise de La Béraudière): 167, 170, 171

Estissac, *monsieur* de (Charles d'Estissac): 168, 172, 173

Ferrand: 444, 445, 456, 457, 458, 459, 460, 461

Foix, Paul de (*comte* de Carmaing): 21, 133, 134, 135, 136, 137, 158, 159

Fort, Mathurin: 224, 226, 227, 234, 235

Frontenac, *seigneur* de (Antoine de Buade): 456, 457

Gallopin (Galopin), Jean (de): 262, 263, 264, 265, 280, 281, 310, 311

Gonzague, François de (général des Cordeliers de Gonzague): 245, 246

Gourgues, *monsieur* de (Ogier de Gourgues): 244, 245, 498, 500, 501, 512, 516, 517

Grammont, *madame* de (Diane d' Andoins, Corisande): 135, 155, 156, 159, 158, 472, 476, 477, 559

Guise, *monsieur* de (Henri I de Lorraine): 504, 505, 535, 558, 559, 562, 563

Henri III: 27, 134, 148, 215, 253, 269, 286, 300, 309, 318, 326, 353, 354, 358, 359, 365, 366, 374, 384, 416, 485, 535, 558, 559, 578, 600, 606,

Joyeuse, *monsieur* de (Anne de Joyeuse): 328, 329, 520, 558

L'Hospital, *monsieur* de (Michel de L'Hospital): 21, 111, 112, 114, 115

La Boétie, Étienne de: 18, 19, 23, 24, 25, 31, 33, 34, 35, 37, 53, 68, 83, 86, 87, 91, 93, 94, 95, 101, 104, 105, 111, 114, 115, 123, 126, 127, 134, 135, 136, 137, 156, 157, 182, 202, 203

La Boétie, *mademoiselle* (Marguerite de La Boétie; Marguerite de Carle): 57, 59, 156

La Courbe, *sieur* de: 504, 505

La Guiche, *monsieur* de (Philibert de La Guiche): 562, 563

La Marselière, *monsieur* de (Hurosius Berziau; *sieur* de la Marsilière): 428, 429, 448, 449, 454, 456, 457, 492

La Motte, *sieur* de (Baude de Moncuq): 449, 536, 537

La Rocque, *sieur* de: 446, 447

La Siguinie (Le Borgne): 446, 447

Lambert, *sieur* de: 482, 483

Landreau, *sergent royal*: 262, 263

Landry, Arnault: 264, 265

Lansac, Guy de: 504, 505,

Lansac, *seigneur* de (Louis de Saint-Gelais Lansac): 21, 91, 92, 93, 94, 95

Lapeyre, Jean de: 264, 265, 280, 281, 358, 359

Lavardin, *monsieur* de (Jean de Beaumanoir): 320, 321

Le Fèbre, Noël: 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233

Lestonnac, Richard de: 60

Lezignan, *sieur* de: 482, 483

Lignou: 558, 560, 561

Lipsius, Justus: 25, 569, 570, 583, 591, 592

Loisel, Antoine: 247, 248, 250, 251, 578, 580, 581, 600

Londel, *monsieur du* (Le Londel ou Du Londel Auctoville): 504, 505

Lurbe, Gabriel de: 224, 226, 227, 234, 235, 310, 311

Maible, *monsieur* de: 342, 343

Maine, *monsieur* do (Charles II de Lorraine, *duc* de Mayen): 498, 504, 505

Martin, *maîstre*: 228, 229

Masparaute (Pierre de Masparault ou Masparaulte): 504, 505

Massip: 516, 517

Mathelin, *capitaine:* 546, 547

Matignon, *maréchal* de (Jacques II de Goyon de Matignon): 24, 68, 157, 241, 242, 244, 245, 278, 279, 300, 309, 317, 320, 321, 337, 341, 354, 370, 371, 383, 384, 386, 387, 391, 394, 395, 400, 405, 406, 408, 409, 415, 416, 418, 419, 425, 428, 429, 441, 442, 444, 445, 453, 456, 457, 463, 464, 466, 467, 471, 472, 474, 475, 486, 488, 489, 492, 494, 495, 497, 498, 511, 512, 515, 520, 522, 523, 527, 530, 531, 534, 535, 542, 549, 550, 552, 553, 557, 559, 606, 607, 610, 611, 626, 628, 629

Mauriac, *mademoiselle* de (Jeanne de Segur): 334, 335, 550, 552, 553

Mauriac, *sieur* de (Antoine de Taillefer): 550

Mauvezin, *sieur* de (Michel de Castillon): 504, 505

Mercoeur, *monsieur* de (Philippe-Emmanuel de Lorraine): 504, 505

Mesmes, *monsieur* de (Henri de Mesmes): 21, 46, 101, 102, 104, 105

Moisés: 54, 55

Montaigne, *mademoiselle* de (Françoise de La Chassaigne): 23, 124, 126, 127, 550

Montaigne, Pierre de (pai): 32, 34, 35

Morilhières, Pierre: 264, 265

Navarre, Henri de (Henri IV): 27, 271, 286, 300, 309, 318, 456, 457, 479, 498, 535, 559, 605, 606, 607, 625, 626

Navarre, Marguerite de: 274, 275, 346, 348, 349

Navarre, *monsieur le Prince de* (rei de Navarra; Henri IV): 19, 22, 24, 27, 71, 148, 156, 157, 216, 242, 274, 275, 286, 288, 289, 296, 297, 300, 307, 309, 310, 311, 312, 313, 318, 321, 326, 328, 329, 332, 337, 340, 341, 354, 384, 386, 387, 388, 389, 400, 409, 410, 411, 426, 428, 429, 447, 454, 464, 458, 466, 467, 474, 475, 485, 491, 492, 504, 505, 506, 507, 512, 520, 522, 523, 527, 534, 535, 558, 559, 606, 626

Nesmond, *monsieur president* (Franfois de Nesmond): 504, 505

Orthez: 296, 297

Paumier, *mademoiselle* (Marguerite de Chaumont): 599 600, 602, 603

Paumier, *monsieur* (Julien Paulmier ou Le Paumier): 600, 602, 603

Péricles: 188, 189

Pichon, Richard: 366, 370, 371

Plínio, o Velho: 186, 187

Plutarco: 25, 101, 106, 107, 123, 124, 126, 127, 334, 335

Poiferré, Cyprien de: 157, 448, 449, 464, 466, 467

Quitry, *seigneur* de (Jean de Chaumont): 386, 387

Régnier (Reynier), Pierre de: 264, 265, 280, 281 262, 263, 310, 311

Riballerie, *sieur* de la (Bodet Gailhard): 259, 262, 263

Roissy, *madame* de (Jeanne Hennequin): 104, 105, 106, 107

Roquelaure, *monsieur* de (Antoine de Roquelaure): 428, 429

Rouelle, Martin: 224, 236, 237

Rouillac, *monsieur* de: 514, 515

Roux: 504, 505

Saint-Aulaye, *capitaine*: 546, 547

Saintes, *capitaine*: 516, 517

Saint-Pierre, Pierre de: 262, 263

Saint-Quentin, *mademoiselle* de (Anne Le Bigot): 48, 49

Sebond, Raymond (Ramon Sibiuda): 19, 24, 75, 76, 78, 79, 93, 392

Seigneuret: 224, 236, 237

Sêneca: 572, 573

Tácito: 184, 185, 572, 573

Themer: 226, 227

Thorigny, *comte* de (Odet de Matignon): 558, 560, 561

Tibério: 184, 185

Treilhe, François: 224, 226, 227, 234, 235,

Turenne, *monsieur* de (Henri de La Tour d'Auvergne): 406, 408, 409, 519, 520, 522, 523

Turmet, Jean: 224, 227, 226, 234, 235

Vaillac, *monsieur* de (Louis Ricard Gourdon de Genouillac): 485, 512, 514, 515

Vallées, *monsieur* de: 402, 403,

Veires, *sieur* de: 376, 377

Villeroy, *monsieur* de (Nicholas de Neuville): 366, 448, 449

Xenofonte: 94, 95

Este volume, com texto crítico anotado e comentado, é a primeira coletânea em língua portuguesa de todas as cartas conhecidas escritas por Montaigne e dirigidas a ele (seja como pessoa física, seja como prefeito de Bordeaux ou membro do Parlamento da mesma cidade). Em ordem cronológica, o material oferece um Montaigne além dos *Ensaios*, administrador, intermediador, figura pública no intrincado tabuleiro político das Guerras de Religião, ao mesmo tempo em que ajuda a destrinchar o quadro histórico e a dinâmica temporal e religiosa do reino da França na segunda metade do século XVI.